



Mãe, filha, esposa, irmã

Um estudo iconográfico
acerca da condição da
mulher no Antigo Egito
durante a XIX dinastia
(1307-1196 a.C.).
O caso de Deir el-Medína.

Haydée Oliveira
Niterói/RJ - 2005



Haydée Oliveira

Mãe, filha, esposa, irmã.

Um estudo iconográfico acerca da
condição da mulher no antigo Egito
durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.).
O caso de Deir el-Medina.

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Doutor.

Orientador:
Professor Ciro Flamarion Santana
Cardoso

Niterói – 2005

Versão para o Inglês do Resumo – Ana Elisa de Oliveira
Tradução do Inglês das várias citações – Haydée Oliveira

Revisão primária dos capítulos 3, 4 e 5 – Lubélia G. Dantas
Revisão Final de todo o texto inclusive das traduções – Prof. Ciro Flamarion Cardoso

As imprecisões e erros contidos neste trabalho são de inteira responsabilidade da autora.

© 2005 Haydée Oliveira

Nenhuma parte desta tese poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização da autora. A única versão online autorizada está no site <http://www.fanreal.com/tese>.

Ficha Catalográfica

O48

Oliveira, Haydée

Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C.). O caso de Deir el-Medina/ Haydée Maria Luz Pereira de Oliveira. – Niterói, 2005.

xix, 344 f.: il.

Orientador: Professor Ciro Flamarion Santana Cardoso
Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, 2005.
Bibliografia: f. 286 – 294.

1. Egito Antigo – História – Décima nona dinastia, ca. 1307-1196 a. C.
2. Mulheres – História. 3. Arte. I. Cardoso, Ciro Flamarion Santana. II. Universidade Federal Fluminense. III. Título.

CDD 932.014

*A minha mãe que me ensinou a sonhar,
a Tetê que me ajuda a realizar cada um dos meus sonhos.*



Agradecimentos

Agradecimentos são sempre muito difíceis de escrever. Por um lado soam absolutamente insuficientes, por outro, parece que colocamos num mesmo patamar aqueles que nos prestaram um pequeno favor, aqueles que nos suportaram mal-humorados, ansiosos e desorientados durante anos, e aqueles que contribuíram com partes essenciais à realização da pesquisa e do trabalho final.

Não quero aqui realmente escalonar os valores dos agradecimentos. Cada uma das pessoas citadas nestas páginas contribuiu seja na pesquisa propriamente dita, seja em termos pessoais, de uma forma tal que não tenho como não fazer público meus agradecimentos e, por assim dizer, deixar gravadas nestas páginas o quanto cada uma dessas contribuições veio no exato momento dar precisamente o que eu necessitava. No entanto, algumas dessas contribuições não vão ser detalhadas por questões que são óbvias apenas aos interessados. Desta forma, fica aqui também meus sinceros pedidos de desculpas por não ser possível gritar aos quatro cantos do mundo o quanto eu gostaria de agradecer.

Em primeiro lugar, e como não poderia deixar de ser, tenho que agradecer ao Professor *Ciro Flamarion Cardoso* que, como de hábito, se excedeu em seu papel de orientador sendo sempre exatamente o que eu precisava. Chamou-me à realidade quando me perdi em sonhos, foi amigo quando eu ansiava apenas por compreensão e fez muito mais do que qualquer outro orientador de que eu tenha notícia teria feito. É a ele principalmente que devo agradecer por ter mantido o desejo de ir até o fim.

Algumas coisas que as pessoas fazem por nós são muito difíceis de agradecer adequadamente. "Obrigados" são sempre insuficientes, e não dão nem

de longe a amplitude desejada ao que realmente gostaríamos de dizer. Embora a insuficiência das palavras seja patente, espero estar sendo clara em minhas ações. Guilherme e Lúcia Pereira das Neves me ajudaram de várias maneiras em momentos bastante difíceis. Eu não precisei pedir nenhuma ajuda, ela simplesmente apareceu diante de mim, sem que eu tivesse que dizer absolutamente nada. Minha gratidão nunca será suficiente.

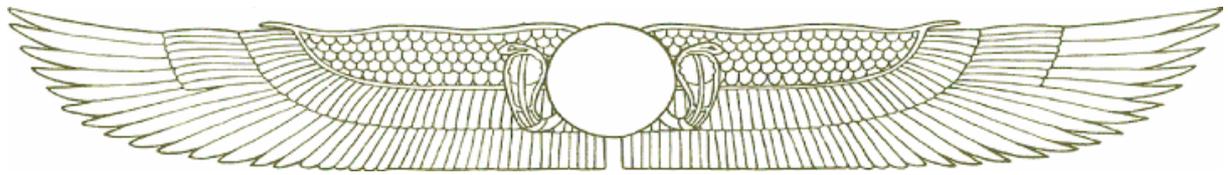
Agradeço à CAPES pela Bolsa Sanduíche. Não há como negar que, sem esta ajuda, ainda que insuficiente, eu não teria tido acesso às minhas fontes primárias. E agradeço a todos aqueles que me ajudaram financeiramente de uma maneira decisiva, e que foram os verdadeiros responsáveis por meu acesso ao material de pesquisa no exterior.

Durante minha estada nos Estados Unidos deparei-me com diversas pessoas que me ajudaram com simpatia e firmeza num momento que, apesar de produtivo, foi para mim extremamente difícil.

Agradeço então à professora Lynn Meskell que prontamente aceitou me orientar, e me deu importantes indicações em nossos encontros, embora não tenham sido tão regulares quanto gostaríamos. Ao pessoal do *Brooklyn Museum of Arts*, que me recebeu todos os dias com muita simpatia, especialmente os Curadores da *Wilbour Library of Egyptology*, James Viskochil e Mary Gow, que tiveram uma enorme paciência com meu "inglês de pé quebrado".

Meus agradecimentos à Columbia University que não só se responsabilizou por mim enquanto professora visitante diante da imigração americana, como também deu um suporte essencial oferecendo o uso de suas instalações durante todo o período. Agradeço também aos funcionários das bibliotecas Avery, Fine Arts e Butler, que tiveram uma enorme paciência com meu desconhecimento das bibliotecas americanas.

Não posso deixar de agradecer a Barbara Rotschild, que finalmente me fez ver a luz em inglês, a Ana Elisa Oliveira, que se dispôs a fazer vários telefonemas nos Estados Unidos no momento da bolsa sanduíche para me ajudar a conseguir uma hospedagem que a bolsa da CAPES pudesse cobrir, a Lubélia Gualda Dantas, que me ajudou com a revisão da parte final da tese, a Rachel Soihet, que me deu indicações importantes sobre os assuntos referentes à História das Mulheres e finalmente a Therezinha Gomes da Luz, minha tia, que me agüentou mais do que qualquer outra pessoa em todo esse período.

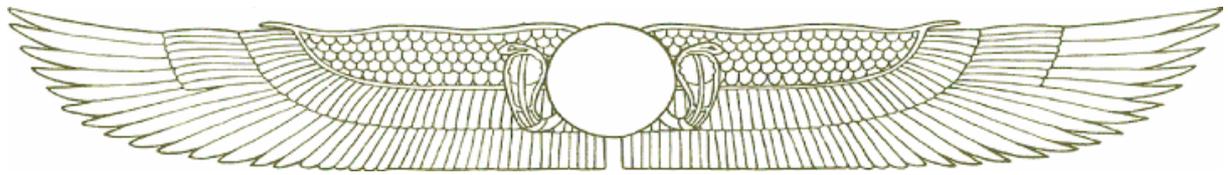


Resumo

Esta pesquisa trata, dentro dos limites impostos pelas fontes, de uma reconstituição da imagem das mulheres egípcias da XIX dinastia através da visão masculina usando para isso essencialmente fontes iconográficas. As mulheres que elegemos estudar fazem parte do grupo familiar dos artesãos, construtores e decoradores das tumbas do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas, reunidos na região conhecida hoje em dia como Deir el-Medina. Tais artesãos, além das tumbas de reis e demais membros da família real, construíam tumbas para si mesmos e suas famílias. E são estas últimas que formam o *corpus* principal de fontes com que tentamos resgatar a imagem feminina.

A situação das mulheres na sociedade egípcia chama a atenção por sua diferença em relação a outras civilizações antigas e muitas vezes em relação também a algumas contemporâneas, já que, sob certos pontos de vista, principalmente nas questões legais e econômicas, as mulheres pareciam ter os mesmos direitos e deveres dos homens, pois poderiam possuir propriedades em pleno direito e legar seus bens como lhes aprouvesse, pelo menos no que indicam as fontes primárias. Isto fez com que alguns estudiosos chegassem a declarar haver uma "igualdade de gêneros" no antigo Egito.

A idéia aqui é mostrar através das imagens representadas nas tumbas que, embora as mulheres egípcias tivessem um lugar "privilegiado" em relação a outras civilizações, elas nunca chegaram realmente a usufruir de igualdade, mantendo sempre uma posição subalterna em relação aos homens.



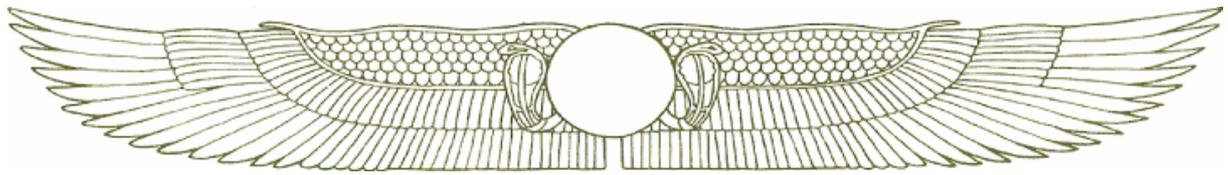
Abstract

Within the limits set by the available sources, this research attempts to reconstruct, from a male point of view, the image and position Egyptian women had in the XIX dynasty. For that purpose, this study uses primarily iconographic sources.

The women we select to study are part of a group connected to craftsmen, constructors, and ornamenters of tombs of the "Valley of the Kings" and the "Valley of the Queens". They were gathered in the region known today as Deir El-Medina. These craftsmen built the tombs of kings and their royal family, as well as tombs for themselves and their families. The latter form the main sources we use in an attempt to retrieve women's image and position during that period.

Women's situation in Egyptian society also calls attention to its difference in relation to other ancient civilizations, and in relation to a few modern civilizations. Various studies, based on primary sources, have indicated that women seemed to have had the same legal and economic rights and duties as men. They could possess property in full right and bequeath their assets as they wished. This is, at least, what some primary sources have indicated. Some scholars believed women had "equality of rights" in ancient Egypt.

I propose to demonstrate, using the images present in the tombs that, even though the Egyptian women had a "privileged" position compared to that of other ancient civilizations, they had never actually been able to attain equality, remaining in a subordinate position in relation to men.

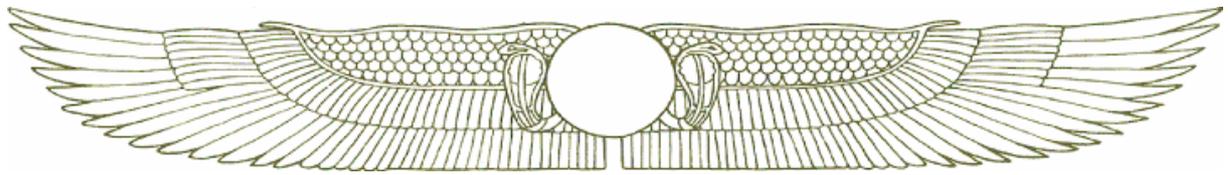


Sumário

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	8
Sumário	9
Figuras	12
Tabelas	18
Gráficos	19
Introdução	20
1. Apresentação Geral do trabalho: Tema e Objetivos	22
2. Observações sobre cortes, datas e objetivos.....	25
3. Apresentação das partes do trabalho e seus conteúdos	26
4. Considerações gerais sobre a metodologia utilizada e apresentação das hipóteses de trabalho	27
4.1. Metodologia	27
4.2. Hipóteses	29
5. Fontes primárias utilizadas	30
5.1. Fontes Escritas	30
5.2. Fontes iconográficas:	30
Capítulo I – Imagens em contexto: a XIX dinastia	31
1. A arte egípcia e sua compreensão.....	36
1.1. Artista ou artesão?	41
1.2. Entendendo a Arte Egípcia	42
2. A religião funerária	54
2.1. A morte e como entender o ser vivente	57
2.2. As diferentes concepções do além	59
2.3. Os ritos e os textos guias para os mortos	60
Capítulo II – Deir el-Medina	69
1. A vida cotidiana em Deir el-Medina	72
1.1. As casas.....	75
1.2. A alimentação	80
1.3. As vestimentas e enfeites	84
1.4. Animais Domésticos	87
1.5. Festividades e Divertimentos	87
1.6. A contagem do tempo.....	88

1.7. Os abrigos temporários.....	89
2. Os moradores de Deir el-Medina e suas complicadas teias familiares	90
3. Os trabalhadores do “Lugar da Verdade”: os homens da equipe e suas diversas funções.....	93
3.1. A organização do trabalho.....	94
3.2. Remuneração	97
3.3. Os instrumentos de trabalho.....	99
3.4. Os trabalhos nas tumbas.....	99
3.5. Outros tipos de trabalho: Suprimento das necessidades básicas	100
3.6. O trabalho das mulheres	105
4. As indústrias de equipamentos funerários	108
4.1. O Livro dos Mortos:	108
4.2. Shabtis	109
4.3. Estátuas Funerárias.....	109
4.3. Estelas Funerárias	110
4.5. Os Objetos Funerários	110
4.6. Os cones Funerários.....	111
4.7. Os Vasos Canopos.....	111
5. As Tumbas.....	112
5.1. As temáticas	118
Capítulo III – Enquanto as mulheres observam. Os problemas da desigualdade e da invisibilidade das mulheres na sociedade egípcia.	120
1. Pequenos comentários acerca da bibliografia sobre as mulheres egípcias	124
2. As peculiaridades do período	137
3. A mulher invisível	140
3.1. A questão da alfabetização das mulheres.....	140
3.2. A mulher na vida pública.....	143
4. A mulher visível.....	144
4.1. Deusas e Rainhas	145
4.2. A dona de casa: a família, os cuidados da casa.....	148
4.3. Os trabalhos das mulheres fora do contexto familiar.....	152
4.4. Casamento, Divórcio, Adultério	156
4.5. Fertilidade, gravidez e parto.....	161
4.6. Direitos Legais e Econômicos.....	166
4.7. A função ritual das mulheres na religião funerária: elas tinham alguma?....	171
3.8. Imagens de mulheres na Arte	172
Capítulo IV – Apresentação dos conteúdos imagéticos das tumbas estudadas.....	174
1. A escolha das cenas	175
2. Apresentação dos resultados por tumba.....	180
TT 001: Sennedjem, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II	180
TT 002: Kha’bekhnet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II	183
TT 003: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II.....	186
TT 005: Nefer’abet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II	188
TT 006: Neferhotep & Nebnefer, Capatazes no Lugar da Verdade, Horemhreb - Ramsés II	190
TT 210: Ra’weben, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia	194
TT 211: Paneb, Servidor no Lugar da Verdade, Seti II – Siptah.....	195
TT 214: Khawi, Supervisor no Lugar da Verdade, Ramsés II.....	197
TT 215: Amenemopet, Escriba real no Lugar da Verdade, Ramsés II - Seti II	198
TT 216: Neferhotep, Capataz, Ramsés II - Seti II	200
TT 217: Ipuy (Amenemope), Escultor no Lugar da Verdade, Ramsés II	202
TT 218: Amennakht, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II	206
TT 219: Nebenma’et, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II	208
TT 250: Ra’mose, Escriba no Lugar da Verdade, Ramsés II	211
TT 292: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Seti I - Ramsés II	213
TT 323: Pashedu, Delineador de esboços de Amon, Seti I	215
TT 335: Nekhtamun, Sacerdote-wa’b de Amenófis I, XIX Dinastia.....	216
TT 336: Neferronpet, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia.....	220
TT 339: Huy & Pashedu, Servidores no Lugar da Verdade, Ramsés II.....	222
TT 356: Amenemwia, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia	224
TT 357: Dhutihirnakhtuf, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia	225
TT 360: Kaha (Qaha) , Capataz no Lugar da Verdade, Ramsés II	226

3. Conclusão.....	229
Capítulo V – Apresentação dos conteúdos imagéticos por eixos temáticos.....	230
1. Como foram feitas as classificações das cenas por temas e eixos temáticos.....	232
2. Apresentação dos resultados por eixos temáticos e temas.....	232
1º Eixo Temático: Os donos da tumba Tema: Casal e Parentes	233
2º Eixo Temático: Religião (Stricto Sensu) Tema: Adoração	236
2º Eixo Temático: Religião (Stricto Sensu) Tema: Rituais Funerários	239
2º Eixo Temático: Religião (Stricto Sensu) Tema: Oferendas aos deuses	242
3º Eixo Temático: Descrições de Imentet Tema: Água.....	244
3º Eixo Temático: Descrições de Imentet Tema: Trabalho.....	247
3º Eixo Temático: Descrições de Imentet Tema: Oferendas Funerárias.....	250
4º Eixo Temático: Vida Cotidiana Tema: Banquete.....	252
4º Eixo Temático: Vida Cotidiana Tema: Vida Cotidiana	254
3. Conclusões acerca da iconografia	257
4. As mulheres vistas através dos textos sapienciais, dos poemas de amor e de algumas cartas de cunho pessoal.....	260
4.1. As mulheres na literatura sapiencial.....	261
4.2. Literatura de ficção.....	267
4.3. Alguns poemas de amor	268
4.4. Cartas de cunho pessoal	270
5. As imagens possíveis das mulheres	277
Conclusão	280
Fontes Primárias	283
1. Iconográficas	283
2. Escritas.....	285
Bibliografia	286
1. As mulheres e família no Egito antigo.....	286
2. Arte Egípcia e Iconografia	288
3. Crença, Ritos e Religião Funerária no Egito Antigo	289
4. Deir el-Medina.....	289
5. Contexto: a XIX dinastia	290
6. Sobre Egito em Geral.....	290
7. Instrumentais (Dicionários, gramáticas, listagens etc).....	293
8. História das Mulheres e História de Gênero	294
Anexos	295
I. Tumbas da XIX dinastia em Deir el-Medina	295
Proprietários de Tumba em Deir el-Medina Usados nesta pesquisa.....	297
II. Lista inicial de tumbas levantadas por localidade.....	334
III. Algumas imagens citadas no texto	338
IV. Apresentação de materiais contidos no CD.....	342
1. Conteúdo do CD	342
2. Como usar o CD	343
3. Passo-a-passo de instalação de programas suplementares.....	343
V. O CD	344



Figuras

Figura 1: Esquema da distribuição social no antigo Egito	24
Figura 2: Busto de ancestral aprox. 1200 a.C. British Museum. Londres.	38
Figura 3: Estela de Ramo'se, XIX dinastia Museo Archeologico di Firenze, inventário nº 2522.....	38
Figura 4: Estela da cantora de Amon Tekha'e, XIX dinastia Museo Archeologico di Firenze, inventário nº 2591.....	38
Figura 5: O deus Khnum dando forma ao corpo físico e a sua duplicata, o ka. The State Hermitage (online) http://www.hermitagemuseum.org/iedu_En/ae/external/zoom/aez32111.html	58
Figura 6: Parede 11 da Tumba 219 de Nebenmaat em Deir el-Medina. Mostra várias cenas de enterro: o transporte do corpo e procissão funerária, cadeira com buquê e oferendas, carpideiras, e ritual da abertura da boca diante da tumba e dos braços de Nut na montanha segurando o disco solar. MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.....	61
Figura 7: Mapa da Área Tebana no período raméssida. BIERBRIER, Morris L. The Tomb-Builders of the Pharaohs. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000. pág. 16....	71
Figura 8: Reconstituição de Deir el-Medina – MARUCCI, Liege Maria de Souza et alii, Egitomania: O fascinante mundo do Antigo Egito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2001. pp 850-851 – vol. IV.	74
Figura 9: Esquema da aldeia e das tumbas em Deir el-Medina. BIERBRIER, Morris L. The Tomb-Builders of the Pharaohs. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.	74
Figura 10: Vista recente do sítio de Deir el-Medina. Primeiro plano a vila, ao fundo o cemitério.© Institute of Egyptology, Waseda Univeristy, http://www.waseda.ac.jp/projects/egypt/sites/DeM/004-E.html	75
Figura 11: Plano e corte de uma casa de trabalhador típica em Deir el-Medina. ROBINS, Gay, Women in Ancient Egypt. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pág.89.	76
Figura 12: Estrutura que poderia ter sido um leito. LESKO, Leonard H. (ed.) Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina. Ithaca & London: Cornell University, 1994.	77
Figura 13: Planos dos vários formatos encontrados nas casas. LESKO, Leonard H. (ed.) Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina. Ithaca & London: Cornell University, 1994.....	77

Figura 14: Reconstituição do interior de uma casa egípcia da vila de Deir el-Medína. Primeiro Exemplo. © Gabriele, Ricerca sull'Egitto http://members.xoom.virgilio.it/GabryLeo/	77
Figura 15: Reconstituição do interior de uma casa egípcia da vila de Deir el-Medina. Segundo Exemplo. Microsoft Ancient Lands, 1994.....	77
Figura 16: Reconstituição de uma casa da vila de Deir el-Medina, terceiro exemplo. CASELLI, Giovana. As primeiras Civilizações, São Paulo: Melhoramentos, 1986.	78
Figura 17: O Uso de Telhados - Reconstituição de casas egípcias. UNSTEAD, R. J. (coord.), Uma cidade Egípcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp22-23	78
Figura 18: Deir el-Medina – Reconstituição. ©VVAA(varios autores) Atlas del Antiguo Egipto, Madrid 2001. A imagem foi obtida inicialmente através do site: Amigos de la Egiptología http://www.egiptologia.com (Barcelona, España). Agradecimentos especiais à Pilar Peres Gonzalez que prontamente enviou uma cópia com melhor definição.....	79
Figura 19: Reconstituição segundo Bruyère da vestimenta das mulheres durante o Reino Novo. MONICA, Madaleine Della, La classe ouvrière sous les pharaons... Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp. 45.	84
Figura 20: Calendário Egípcio anual feito de acordo com: MONICA, Madaleine Della, La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp 59-60.....	88
Figura 21: Acampamentos temporários no Vale dos Reis. Foto de R. J. Demarée. BIERBRIER, Morris L. The Tomb-Builders of the Pharaohs. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000. imagem nº33.	89
Figura 22: Algumas famílias em Deir el-Medina. A arvore em questão foi montada de acordo com as informações disponíveis em: DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.	91
Figura 23: Cópia da representação do trabalho dos barbeiros. Tumba de Userhat TT056, escriba real da XVIII dinastia. MONICA, Madaleine Della, La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp.	104
Figura 24: Os trabalhos de fiação e tecelagem. Os exemplos pertencem a tumba de Khnemhotep da XII dinastia. CASELLI, Giovana. As primeiras Civilizações, São Paulo: Melhoramentos, 1986.	107
Figura 25: Vasos Canopos da XXI-XXII dinastia - 1070-712 a.C. – Calcário, Altura 48.3 cm – Detroit Institute of Arts – http://www.dia.org/collections/ancient/egypt/70.619-.622.html	112
Figura 26: Mapa das localidades de cemitérios dos construtores de tumba de Deir el-Medina. PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institute. 1970.	112
Figura 27: Mapa das tumbas em Deir el-Medina. PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institute. 1970.	113
Figura 28: Esquema básico antigo de uma tumba egípcia do Reino Novo segundo uma vinheta do Papiro Neb Ked. BRUYÈRE, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926.....	114
Figura 29: Esquema básico moderno de uma tumba egípcia do Reino Novo em Deir el-Medina. BIERBRIER, Morris L. The Tomb-Builders of the Pharaohs. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.....	114
Figura 30: Tumba nº5. VANDIER, Jacques. Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935.	115

Figura 31: Tumba nº1. BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959.	115
Figura 32: Decoração completa da Câmara funerária da tumba nº1. SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.....	115
Figura 33: Fotografia atual da tumba nº1. SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	115
Figura 34: Um esquema básico em três dimensões. MARUCCI, Liege Maria de Souza et alii, Egitomania: O fascinante mundo do Antigo Egito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2001. pp 639 – vol. III.....	116
Figura 35: Reconstituição da tumba de Semnedjem TT001 no Cemitério de Deir el-Medina segundo Bruyère. BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. (Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88.) PL. IV.	116
Figura 36: Reconstituição, segundo Bruyère do cemitério de Deir el-Medine. BRUYÈRE, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL. XXXII.	117
Figura 37: Corte transparente dos poços número 1095, 1060 e 214b segundo Bruyère. BRUYÈRE, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. Figura nº 25.	117
Figura 38: Esquema do provável escalonamento hierárquico feminino.	138
Figura 39: Cena de um barco sendo descarregado nas margens do rio Nilo e mulheres negociando os grão por pão, peixe e vegetais. Tumba nº 217 do cemitério de Deir el-Medina. DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927.....	152
Figura 40: Detalhe da anterior. Canto superior esquerdo.	152
Figura 41: Oficina de fiação e tecelagem. Tumba nº2 em El Bersheh, Reino Médio. LESKO, Barbara S. The Remarkable Women of Ancient Egypt, Scribe Publications, Providence, 1987. pp 18.	153
Figura 42: Os trabalhos de coleta e prensagem de lírios. Tumba de Pa-ir-kap, Heliópolis, XIII Dinastia. LESKO, Barbara S. The Remarkable Women of Ancient Egypt, Scribe Publications, Providence, 1987. pp. 17.....	154
Figura 43: Deus Bés – http://www.duke.edu/~jls26/egyMain.html	161
Figura 44: As várias formas de Hathor – http://www.kenseamedia.com/november/hathor.htm	161
Figura 45: Deusa Taweret – ROBINS, Gay, Women in Ancient Egypt. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996.....	161
Figura 46: Figurinhas de fertilidade. (a) Reino Médio – Ägyptisches Museum, Berlin inv. nº 9583. (b) XVIII dinastia – Santuário de Hathor, Farás, Núbia. British Museum, 51236. (c) Reino Novo – Tebas, British Museum EA 2371.	162
Figura 47: Vaso em alabastro na forma de uma mulher grávida. Este vaso específico pertence a XVIII dinastia. British Museum AE 30459.	163
Figura 48: Hieróglifo usado como determinativo nas palavras relativas ao nascimento.....	164
Figura 49: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XXVIII].	233
Figura 50: TT001 Sennedjem - BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. [PL. XIV, Fig. 1].....	233
Figura 51: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire	

Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXXIV].....	233
Figura 52: TT001 Sennedjem - BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. [PL XI].	233
Figura 53: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXXVI].	233
Figura 54: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	236
Figura 55: TT335 Nekhtamun - BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI.	236
Figura 56: TT002 Khabekhnet - BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. [PL II, fig. B]. [CENA n° 17]	236
Figura 57: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XX].	236
Figura 58: TT003 Pashedu - ZIVIE, Alan-Pierre. La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. [PL. 21]	236
Figura 59: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XXIV].	239
Figura 60: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].....	239
Figura 61: TT250 Ra'mose - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. [PL VI].	239
Figura 62: TT002 Khabekhnet - BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.	242
Figura 63: TT002 Khabekhnet - BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.	242
Figura 64: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI	242
Figura 65: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXIV].	242
Figura 66: TT211 Paneb - BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI [PL XXIII].	242
Figura 67: TT003 Pashedu - KIHN, Danielle & Jack; BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.	244
Figura 68: TT218 Amennakht - VANDIER, Jacques. Egypt. Paintings from tombs and Temples. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientificand Cultural Organizarion. [PL. V].	244
Figura 69: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire	

Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXX].....	244
Figura 70: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXX].....	244
Figura 71: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	247
Figura 72: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	247
Figura 73: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	247
Figura 74: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XXII].	247
Figura 75: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].....	247
Figura 76: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].....	247
Figura 77: TT005 Nefer'abet - VANDIER, Jacques. Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX. [PL V Fig. 2].....	250
Figura 78: TT219 Nebenma'et - BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.....	250
Figura 79: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].....	250
Figura 80: TT335 Nekhtamun - BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.....	250
Figura 81: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.....	250
Figura 82: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.....	252
Figura 83: TT336 Neferronpet - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. [Pág. 89 Fig. 59].....	252
Figura 84: TT210 Ra'weben - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. [Pág. 23 Fig. 16].	254
Figura 85: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].....	254
Figura 86: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.& BENDERITTER, Thierry (org.). http://www.osiris.net &	

LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.....	254
Figura 87: TT335 Nekhtamun - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. [Pág. 122 Fig. 84].	254
Figura 88: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.	254
Figura 89: Cena nº 7.....	338
Figura 90: Cena nº 15.....	338
Figura 91: Cena nº 28.....	339
Figura 92: Cena nº28 detalhe.....	339
Figura 93: Cena nº 29.....	339
Figura 94: Cena nº 32.....	339
Figura 95: Cena nº 55.....	339
Figura 96: Cena nº 69.....	340
Figura 97: Cena nº 110.....	340
Figura 98: Cena nº 111.....	340
Figura 99: Cena nº 114.....	341
Figura 100: Cena nº 128.....	341
Figura 101: Cena nº 129.....	341
Figura 102: Tela inicial do CD em anexo neste volume.	343



Tabelas

Tabela 1: Os Faraós do período. Atlas of Ancient Egypt, 1984, Baines&Málek	32
Tabela 2: Os vários elementos que compõem os seres vivos.....	58
Tabela 3: Calendário de algumas das Festas egípcias de acordo com: MONICA, Madaleine Della, La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp 157-161.....	88
Tabela 4: Cronologia dos Capatazes do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp. 279-280.....	94
Tabela 5: Cronologia dos Assistentes do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp.281-282.....	95
Tabela 6: Cronologia dos Escribas do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp. 283-284.....	95
Tabela 7: Rainhas de destaque nas dinastias XVIII e XIX – Descrições das Rainhas feitas a partir de ROBINS, Gay. Women in Ancient Egypt.....	139
Tabela 8: Resumo Geral e Quadro de referência para o total de imagens de mulheres nas tumbas estudadas.....	177
Tabela 9: Totais de cenas trabalhadas, significativas no universo geral das tumbas	178
Tabela 10: Resumo geral das cenas, temas, e eixos temáticos trabalhados com a contagem de homens e mulheres presentes.	256
Tabela 11: Tipos de ações realizadas pelas mulheres	259
Tabela 12: Instruções de Ani: Trechos que se referem as mulheres.	265
Tabela 13: Cartas escritas por homens e enviadas a mulheres FONTE: WENTE, Edward F. (ed.) Letters from Ancient Egypt. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.	271
Tabela 14: Cartas enviadas por mulheres. FONTE: WENTE, Edward F. (ed.) Letters from Ancient Egypt. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.	274



Gráficos

Gráfico 1: Total de cenas por Tumbas.....	177
Gráfico 2: Total de cenas trabalhadas no universo geral das tumbas.....	178
Gráfico 3: Total de homens e mulheres nas tumbas trabalhadas.....	179
Gráfico 4: Distribuição das cenas nos eixos temáticos	231
Gráfico 5: Distribuição das cenas nos temas	231
Gráfico 6: Divisão sexual das cenas do tema "Casal e Parentes".....	234
Gráfico 7: Divisão sexual das cenas do tema "Adoração".....	237
Gráfico 8: Divisão sexual das cenas do tema "Rituais Funerários".....	240
Gráfico 9: Divisão sexual das cenas do tema "Oferendas aos deuses".	243
Gráfico 10: Divisão sexual das cenas do tema "Água".....	245
Gráfico 11: Divisão sexual das cenas do tema "Trabalho".....	248
Gráfico 12: Divisão sexual das cenas do tema "Oferendas Funerárias".....	251
Gráfico 13: Divisão sexual das cenas do tema "Banquete".....	253
Gráfico 14: Divisão sexual das cenas do tema "Vida Cotidiana".....	255
Gráfico 15: Distribuição geral de homens e mulheres nos eixos temáticos.....	257
Gráfico 16: Funções femininas mais usuais	258
Gráfico 17: Ações femininas mais usuais	258
Gráfico 18: Tipos de ações realizadas pelas mulheres.....	259



Introdução

A História, para ser construída, precisa de fontes, precisa de algum tipo de base sobre a qual se possam formar as diversas possibilidades acerca do que pode ter ou não acontecido em determinado período.

Não se tem realmente idéia de como as mulheres egípcias se sentiam, ou quais seriam suas preocupações mais corriqueiras. Pode-se sempre supor, através de um esforço de imaginação, usando para isso a literatura sapiencial, ou a literatura dita de lazer com seus poemas de amor e seus contos, ou mesmo um numero significativo de cartas de cunho pessoal.

O caso é que excetuando as cartas de cunho pessoal, que foram escritas ou ditadas a um escriba por mulheres, a maioria destas fontes foi produzida por homens e, embora haja alguma dúvida sobre os poemas de amor, a respeito dos quais muitos estudiosos aventam a possibilidade de terem sido escritos por mulheres, não temos realmente certeza de atingir o que seria o ponto de vista feminino do cotidiano no Egito Antigo.

Temos então acesso de forma limitada ao olhar feminino e é exatamente esta a voz quase silenciosa que não nos permite muitas vezes ir além de vagas suposições sobre o que terá sido a vida real de uma mulher no antigo Egito. É certo que tais mulheres pareciam usufruir de respeito e benefícios não encontrados em outras civilizações. Mas o que temos das mulheres é quase nada em relação ao que temos dos homens. E só isso já deveria nos dizer alguma coisa. Deveria nos dizer, por exemplo, que mesmo que as condições fossem um pouco melhores para as mulheres, pelo menos na área jurídica, a conclusão mais óbvia a nosso ver seria

que as mulheres tinham sua importância reconhecida enquanto peça imprescindível numa família.

Era comum aos homens – pelo menos aqueles que possuíam os meios para construir ou mandar construir sua própria tumba – deixarem nas paredes uma espécie de biografia. Era obviamente uma biografia formal e provavelmente com algumas partes não tão reais, mas de qualquer modo era um tipo de registro pessoal. Das mulheres não temos nada parecido. Nenhuma biografia, formal ou não, que pudesse iluminar um pouco mais o que conseguimos resgatar, algo que pudesse nos dizer como teria sido a vida dessas mulheres de seu próprio ponto de vista.

Uma das passagens que acho mais esclarecedoras a propósito dos estudos sobre o antigo Egito é:

"Pesquisar sobre o antigo Egito é como tentar reparar uma tapeçaria com grandes buracos, da qual a maior parte do desenho foi perdida. Daquilo que sobrou, alguma idéia do padrão pode ser recuperada, mas nos lugares onde muito foi perdido para ser recuperado, não é bom apenas colocar juntos os fios remanescentes para cobrir o buraco como se nada tivesse sido perdido. Alguém pode usar a imaginação e preencher com um novo desenho o risco é ir muito além do original."¹

Da história egípcia que conhecemos, o que majoritariamente sabemos nos foi deixado por homens. Afora as cartas de cunho pessoal que foram escritas ou ditadas por mulheres a escribas, poderiam haver alguma outra fonte escrita que tenha sido deixada por uma mulher? Sim, é possível, mas não há muitos vestígios, nenhum registro que nos permita afirmar tal coisa. Que as mulheres, algumas mulheres, principalmente aquelas das famílias de escribas, aprendessem a ler e escrever é algo que nos parece bastante provável e possível, mas sem nenhuma confirmação. A única coisa que podemos realmente dizer é que quase não temos fontes escritas que comprovadamente tenham sido deixadas por mulheres.

O que propomos aqui é usar o olhar masculino para reconstruir a imagem da mulher egípcia da XIX dinastia. O resultado não será nada além disso: uma reconstrução da imagem da mulher mediante alguns indícios, segundo a visão masculina. Pois, se não temos quase nenhuma fonte indubitavelmente produzida por mulheres em praticamente toda a história do Egito Faraônico, o que nos resta a fazer, o que fica a nosso alcance, é tentar reconstruir um pouco de sua vida cotidiana lendo suas cartas e vendo como elas foram retratadas por seus pais, maridos, irmãos e filhos.

As egípcias nos deixaram apenas seu silêncio e sua imagem congelada nas várias cenas deixadas por seus pares nas tumbas espalhadas por todo o Egito. Terá

¹ ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*, 1996. p. 16

alguma dessas tumbas sido pintada por uma mulher? Será que algumas dessas mulheres assumiu um cargo diferente daquele de mãe, filha, esposa, irmã? É possível ver mulheres em algumas poucas cenas onde são mostradas em trabalhos árduos, como os agrícolas, em rituais junto a seus maridos ou filhos; mesmo em algumas cenas de mercado é possível identificá-las.

Mas o que exatamente podemos deduzir daí? Que existiam mulheres no antigo Egito? E que elas formavam mais ou menos a metade da população? E que casavam e tinham filhos? Esta é a parte em que não precisamos realmente de nenhum tipo de registro para deduzir: a própria vida e seu desenvolvimento cotidiano, a que todos têm acesso, nos dão uma boa indicação do básico a procurar. Mas, e tudo aquilo que nos faz seres peculiares de nosso próprio tempo?

Como conseguir algum indício para reconstruir o cotidiano de uma população?

A idéia deste trabalho não é exatamente reconstituir o cotidiano de toda uma população, e não temos também a falsa idéia de conseguir dar um “retrato fiel das mulheres egípcias”. O que pretendemos aqui, dentro de todos os limites impostos pelo tempo, pela falta de recursos, pela falta de conhecimento e tantas outras faltas, é apenas apresentar uma possibilidade de desenho para colocarmos naquela tapeçaria. Terá muito de nossas próprias idéias esse traçado, mas será apenas uma possibilidade e nada mais do que isso.

1. Apresentação Geral do trabalho: Tema e Objetivos

O presente estudo se insere nas discussões a propósito da participação das mulheres na história do antigo Egito, especificamente na sociedade da XIX dinastia.

Foi mais ou menos em meados do século XX que o movimento feminista, um movimento que vinha lutar pelos direitos de igualdade entre homens e mulheres desafiou a situação estabelecida de irrefutável domínio masculino. Tal movimento foi possível provavelmente “...*mediante um valor crescente atribuído ao indivíduo como entidade separada, em vez de como parte da máquina social com um lugar e uma função prescritos.*”² As idéias decorrentes deste movimento acabaram por se infiltrar em todos os campos de ação e de conhecimento, passando a ser relativamente freqüente, entre outras coisas, uma avaliação de quem seria o

² *Idem, ibidem.* p. 19

“sujeito” na história e a tentativa de resgate dos papéis desempenhados pelas mulheres em várias épocas do passado.

A sociedade egípcia logo chamou a atenção, pois dentre todas as civilizações da Antiguidade, ela é a única onde podemos verificar que a condição feminina, embora não fosse igual à masculina, era tal que a mulher desfrutava de diversos direitos e um nível de respeito que não encontramos em nenhuma outra das sociedades antigas, ou mesmo em algumas das mais recentes.

Por que essa avaliação do sujeito na história e o resgate da condição da mulher seriam necessários? Acredito que, por um lado, está a própria necessidade feminina de conhecer o passado para melhor enfrentar as questões presentes. Isto seria essencial porque muito do que nos interessa agora não havia sido perguntado até então. E, por outro lado, a Egíptologia desde seu início deu uma importância restrita à participação das mulheres na sociedade egípcia. Tal fato está ligado em primeiro lugar aos interesses da própria disciplina, que se concentrava principalmente na História política, na qual sabemos que a mulher tinha uma participação quase nula e, em segundo lugar, porque, naquele momento (séc. XIX), a disciplina era dominada por homens que sequer se davam conta da ausência feminina na história política do antigo Egito ou, ao menos, consideravam desconcertante essa ausência, já que em sua própria sociedade não havia uma participação feminina na esfera pública.

Ainda que não consigamos retrair com exatidão qual seria a real situação das mulheres egípcias antigas, acreditamos ser possível resgatar, ainda que em linhas gerais, os padrões ideais de comportamento feminino esperados pela sociedade.

A sociedade egípcia, segundo o que se sabe, era repleta de regras que estabeleciam papéis bastante precisos para seus habitantes. É claro que, em três mil anos de história, essas regras devem ter sofrido alterações, mas ainda assim elas existiram. Embora a situação das mulheres fosse bem melhor do que em outras partes, elas também, assim como os homens, deviam se submeter aos padrões determinados pela sociedade. Tais padrões estabeleciam funções bem delimitadas e não obedecer significava se colocar à parte da sociedade.

Tudo na sociedade egípcia apontava para esses padrões. Toda a mitologia religiosa, as artes com suas rigorosas regras de decoro, a literatura em cada uma de suas manifestações, foram criadas de acordo com eles. Podemos então afirmar que todos os egípcios, fossem eles homens ou mulheres, rei ou camponês, estavam submetidos a essas regras. Devemos, no entanto, lembrar que a sociedade egípcia

era indiscutivelmente dominada pelos homens e tais regras ou padrões de comportamento a que nos referimos, relativas ao comportamento ideal masculino ou feminino, foram feitas pelos homens.

A sociedade egípcia era altamente hierarquizada, ocupando o faraó o topo da pirâmide, seguido pela família real. Ele ocupava não só uma posição altamente privilegiada no mundo humano, mas também, por conta de sua associação com os deuses, fazia parte do mundo divino, servindo mesmo de ligação entre as duas realidades.

No patamar abaixo estava a elite burocrática letrada formada de escribas e a camada seguinte era ocupada pelos artistas, artesãos e profissionais menores que poderiam eventualmente saber ler e escrever. A última camada era formada pelos camponeses iletrados, que teriam composto a maioria absoluta da população.

Todas as fontes de que dispomos, com raríssimas exceções, pertencem às camadas sociais superiores e o que se pode dizer a respeito da vida dos camponeses é basicamente a respeito de assuntos relativos a corvêia real, aos trabalhos agrícolas, a juramentos relativos a limites de campos, a ritos agrários, mas muito pouco sobre assuntos de cunho mais pessoal.

No desenho a seguir vemos graficamente os contingentes por camada social de forma esquemática.

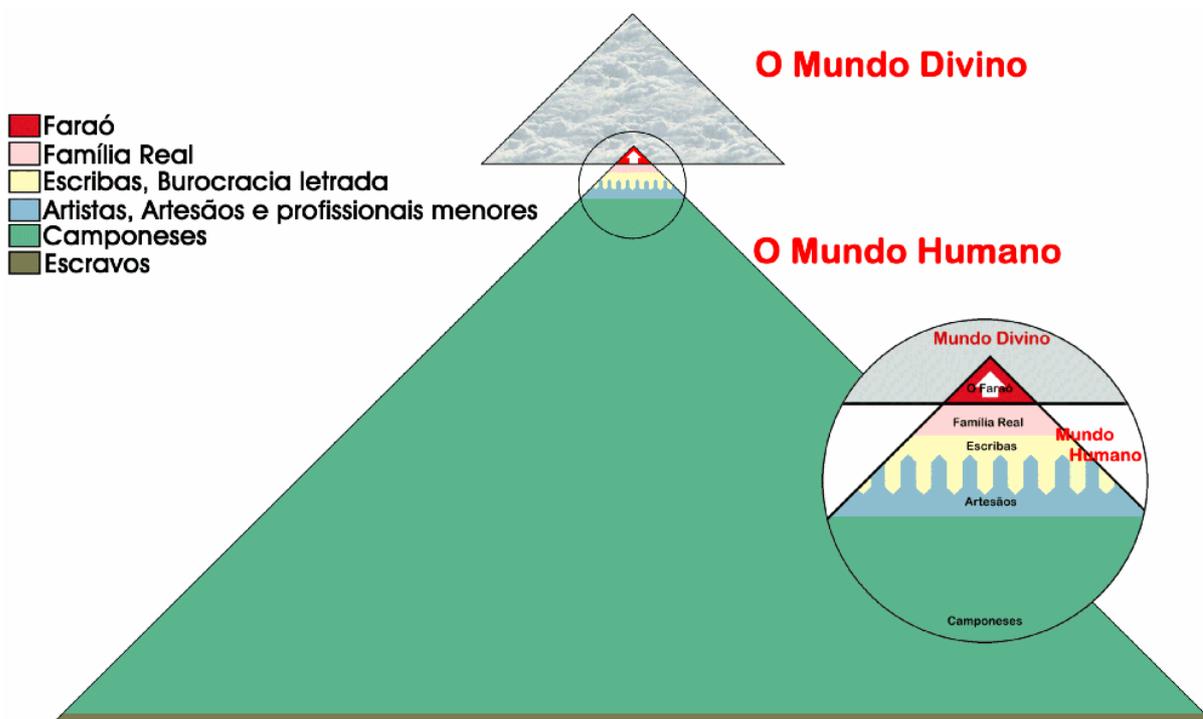


Figura 1: Esquema da distribuição social no antigo Egito

A posição social de uma mulher no Reino Novo era a mesma da de sua família de nascimento e normalmente ela se casava com um homem de mesma posição. O título de uma mulher casada era o de “dona de casa”, mas podemos

encontrar alguns outros entre as mulheres da elite, baseados em suas ocupações no culto enquanto cantoras e em alguns rituais, e em sua posição na corte.

Ao atingir a idade adulta, a função mais importante das mulheres egípcias era sem dúvida gerar crianças para a continuação da família. Elas não podiam ocupar cargos na administração pública mas podiam possuir propriedades e também realizar transações comerciais e, diante da lei, tinham direitos iguais aos dos homens, podendo instaurar processos, servir de testemunha, etc.; mas até que ponto essas leis eram ou não cabalmente cumpridas, não temos muitas bases para afirmar.

Diferentemente de outras sociedades da mesma época, a mulher, em especial a mãe, era honrada pela sociedade e celebrada na arte, e podemos contar com um grande número de representações femininas, o que confirma essa importância.³

O objeto de estudo desta pesquisa então é a imagem ideal feminina percebida pela visão masculina, já que, por sua própria natureza, as fontes representacionais canônicas, escritas⁴ e arqueológicas que iremos utilizar só nos dão acesso à mulher ideal⁵, ou seja, aos padrões de comportamento femininos esperados pela sociedade masculina.

2. Observações sobre cortes, datas e objetivos

O presente estudo se insere nas discussões a propósito da participação das mulheres na história do antigo Egito, especificamente na sociedade da XIX dinastia.

O estabelecimento claro acerca de quais mulheres estaremos pesquisando é de fundamental importância, já que nenhuma pesquisa sobre tais assuntos poderá ignorar os limites impostos pelas próprias fontes primárias: limites de produção e limites daquilo que foi recuperado até agora.

O grupo que escolhemos para estudar, a comunidade de artesãos, construtores de tumbas de Deir el-Medina, nos oferece uma gama bastante rica de fontes primárias. Não só temos uma boa coleção de imagens das tumbas de alguns dos artesãos, como também existem fontes escritas que nos permitirão a

³ *Idem, Reflections of Women in the New Kingdom: Ancient Egyptian Art from The British Museum*, 1995. p. 4.

⁴ Saindo da literatura *stricto sensu*, há fontes escritas que permitem ir além, por exemplo, as de Deir el-Medina.

⁵ Na literatura, incluindo aqui a sapiencial, há também descrições das mulheres não adequadas aos padrões.

confirmação de algumas idéias e o enriquecimento da visão que queremos construir. Optamos pela XIX dinastia, por já existirem estudos mais numerosos da XVIII, e consideramos sempre mais produtivo visitar os campos ainda não muito explorados.

As mulheres dessa comunidade não são em absoluto “mulheres do povo”; os artesãos e demais funcionários de Deir el-Medina têm um *status* bem diferente do que compreendemos por esta expressão. Elas fariam parte de uma camada intermediária da população e mesmo que não possam ser consideradas como uma espécie de “nobreza”, tal posição permite, por exemplo, a construção de suas próprias tumbas nas horas vagas pelos homens da família.

Desta forma, nossos cortes são bem simples de serem compreendidos. O presente estudo concentra-se, menos quando dito o contrário, nas mulheres da comunidade de Deir el-Medina durante a XIX dinastia.

Os objetivos principais que guiaram nossos interesses durante toda a pesquisa foram:

- a) Estabelecer, através principalmente de fontes representacionais, a imagem ideal das mulheres na sociedade da XIX dinastia.
- b) Discutir a relação entre a condição ideal e real das mulheres, dentro dos limites impostos pelas fontes primárias.
- c) Contribuir, dentro dos limites estabelecidos neste projeto, para o aprofundamento da história das mulheres no contexto dos estudos egiptológicos.

3. Apresentação das partes do trabalho e seus conteúdos

O cerne deste trabalho, está dividido em cinco capítulos. Não foi possível, por problemas diversos, inserir todas as imagens no corpo da tese, ou em anexo, como pensamos de início, mas foram incluídas no CD que acompanha este volume todas as imagens trabalhadas, como também aquelas usadas como ilustração no corpo do texto.

Procuramos fazer uma divisão que permitisse uma compreensão mais organizada das idéias.

No capítulo I estão as informações essenciais para a compreensão do período, da arte e da religião funerária, que compõem o pano de fundo, em relação ao qual o texto desta pesquisa se desenha.

No capítulo II concentram-se as informações pertinentes a Deir el-Medina e sua população. É preciso levar em consideração que, embora seja dada maior

ênfase à XIX dinastia, em se tratando de antigo Egito isso nem sempre é possível, pois na maioria das vezes não se têm fontes primárias com o nível necessário de sistematização para a reconstrução de uma época específica.

No capítulo III estão reunidas todas as informações conhecidas sobre as mulheres no antigo Egito. Também procuramos colocar as informações relativas apenas a XIX dinastia, mas nossa intenção nesse capítulo foi dar uma visão geral das mulheres vivendo no dia-a-dia e isso nem sempre é possível por total falta de fontes específicas do período. No entanto, é importante lembrar que boa parte das informações sobre a vida cotidiana vem da comunidade de Deir el-Medina e de outras semelhantes. A existência de Deir el-Medina tem seu início durante a XVII, XVIII dinastias, mas seu apogeu é sem dúvida a XIX e o início da XX dinastia. Isto de certa forma ameniza um pouco a falta de precisão em relação a algumas informações que estaremos apresentando nesta parte. Mas a intenção será, sempre que possível, apresentar informações específicas sobre a XIX dinastia.

No capítulo IV e V estarão concentrando os resultados de nossas observações das imagens das diversas tumbas que estamos usando seguido na da exposição dos resultados finais e do cotejamento com as fontes escritas.

A Conclusão, Fontes, Bibliografia e anexos fecham o texto.

Os anexos que acompanham este trabalho apresentam uma descrição detalhada de cada uma das tumbas, listagens que consideramos que poderiam ser úteis. Também achamos conveniente incluir uma descrição dos conteúdos do CD , bem como de um *passo-a-passo* para sua utilização.

4. Considerações gerais sobre a metodologia utilizada e apresentação das hipóteses de trabalho

4.1. Metodologia

Foi utilizado fundamentalmente um tipo de fonte primária representacional: a decoração das tumbas (pinturas e relevos). Eventualmente, algumas estelas foram incluídas por fazerem parte do inventário geral das tumbas presentes neste trabalho.

A metodologia usada para esta pesquisa comportou três momentos: a coleta e organização das imagens, sua compreensão, e sua análise. Eis aqui em linhas gerais como organizamos a metodologia.

1ª FASE: COLETA E ORGANIZAÇÃO – O ARQUIVO DE IMAGENS

A primeira fase da pesquisa foi a organização de um arquivo de imagens, incluindo aqui as fontes representacionais: pinturas e relevos encontrados nas tumbas.

A coleta foi realizada durante a Bolsa Sanduíche financiada pela CAPES, no período de Março – Junho de 2002. Durante este tempo foi feito o mais cuidadoso levantamento de tumbas que o tempo e as disponibilidades financeiras permitiram. Visitas à Wilbour Library, no Museu do Brooklin, e às Bibliotecas da Columbia (Avery, Fine Arts e Butler) University, ambas na cidade de Nova Iorque nos permitiram listar 196 tumbas e reunir um acervo de cerca de 5000 mil fotografias.

Depois do retorno ao Brasil, fizemos uma triagem levando em consideração que o tempo disponível não nos permitiria trabalhar com todo o material; então selecionamos apenas um dos vários cemitérios e, dentro dele, aquelas tumbas de que conseguíamos as imagens.

O arquivo de imagem foi então organizado para esse grupo de 22 tumbas selecionadas e conta com os seguinte módulos: Contexto Imagético, Imagens e Detalhes das Imagens⁶ como mostrado abaixo.

Contexto	É o módulo responsável pela identificação da procedência das fontes.
Imagético:	Teremos uma entrada para cada uma das tumbas, com seus respectivos proprietários (além das informações de identificação e datação, a planta da tumba e as descrições conseguidas através da bibliografia disponível e, quando possível, a disposição das figuras na tumba).
Imagens:	É o módulo responsável pela identificação e descrição das imagens individualmente. Além das informações de praxe, de referência e procedência, o módulo contém também as informações relativas aos tipos e subtipos a que pertencem, posição das personagens, identificação das personagens envolvidas, quando for possível, com auxílio das inscrições, e a atividade desempenhadas pelas personagens, quando for o caso.
Detalhes das Imagens:	Ligado aos dois módulos anteriores, o presente módulo é o responsável pelo detalhamento da figura, ou seja, basicamente os dados relativos à decodificação da imagem e também ao comportamento dos indicadores.

⁶ O programa usado para a construção do Banco de dados em questão foi o MS Access, que por sua característica de banco de dados relacional permitiu uma maior integração de suas partes.

2ª FASE: DECODIFICAÇÃO DA IMAGEM

A segunda fase exigiu de nossa parte um entendimento maior sobre arte egípcia para que pudéssemos dar conta do que estávamos vendo nas imagens e para isto foram usadas as idéias de alguns autores, tais como Claire Lallouete, Marcelle Baud, Richard H. Wilkinson, entre outros, que serão explicitadas na segunda parte do primeiro capítulo.

3ª FASE: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Na terceira e última fase da metodologia, de posse das fontes já devidamente reunidas e decodificadas de acordo com as idéias propostas pelos autores citados no item anterior, foi organizada uma grade classificatória, na qual, a partir de indícios, isto é, indicadores por nós levantados, tentamos, segundo as hipóteses, reconstruir, ou talvez seja melhor dizer construir a imagem social ideal das mulheres na visão masculina.⁷

4.2. Hipóteses

Em relação às fontes primárias estudadas nesta pesquisa, podemos afirmar que:

1. As representações das mulheres durante a XIX dinastia, especialmente aquelas encontradas no contexto funerário – relevos e pinturas – apresentavam um caráter bastante seletivo, tanto socialmente, já que apenas mulheres da elite e algumas vezes aquelas das famílias dos artesãos privilegiados eram representadas, quanto tematicamente, pois as regras de decoro da época baniram de seu repertório uma grande quantidade de atividades anteriormente representadas onde as mulheres apareciam desempenhando uma série de tarefas.
2. Dessa forma, vamos encontrar as mulheres egípcias nessa época representadas em dois contextos diferentes: no contexto doméstico enquanto *nebet-per* (dona de casa), ou filha, ou irmã; e, mais raramente, no contexto ritual funerário junto a seu marido, pai ou irmão, enquanto este cumpre suas obrigações rituais.

⁷ Veja o esquema desta grade no Capítulo IV.

5. Fontes primárias utilizadas

5.1. Fontes Escritas

No relativo às fontes escritas, que foram utilizadas em menor escala no sentido de confirmar ou elucidar aquilo que deduzimos das fontes representacionais, devemos atentar a que as únicas mulheres consideradas são aquelas pertencentes ao grupo de artesãos de Deir el-Medina, que podemos dizer que participavam da elite dos letrados. Há muita controvérsia a propósito de existirem ou não mulheres que soubessem ler ou escrever, e é bastante provável que houvesse algumas, mas de qualquer forma não há nenhum texto que tenha sido confirmado como realizado por uma mulher; dessa forma, salvo poucas exceções como cartas, ficaremos limitados pela idéia masculina das mulheres.

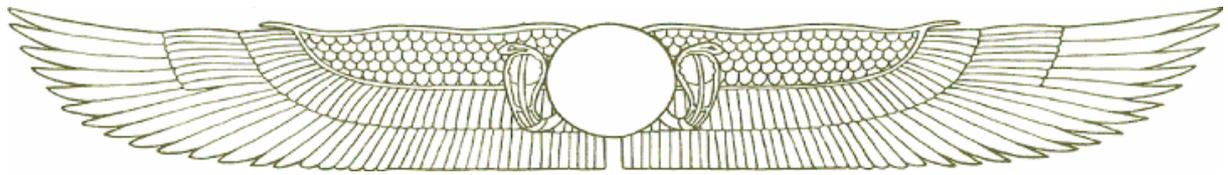
As fontes escritas que utilizamos são os textos sapienciais, cartas pessoais e a literatura lírica, característica do Reino Novo. Diferentemente dos padrões masculinos, os femininos não foram deixados nas autobiografias que ocupavam grandes porções das paredes nas tumbas privadas. Ora, salvo esse tipo de escritos, não temos nenhuma outra espécie de escritos pessoais, pois "*os egípcios não parecem ter-se preocupado em se perpetuarem como eles realmente eram, mas como eles se adequaram aos ideais da sociedade*".⁸

5.2. Fontes iconográficas:

As principais fontes utilizadas nesta pesquisa, as ditas representacionais – decoração nas tumbas (relevos e pinturas) – são restritas à elite e, como qualquer outro estudo sobre a sociedade egípcia, este é basicamente um estudo sobre as mulheres pertencentes à elite dos artesãos e escribas.

Tais fontes provêm das tumbas dos artesãos especializados residentes em Deir el-Medina durante a XIX dinastia do Reino Novo.

⁸ ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*, 1996. p. 14



Capítulo I – Imagens em contexto: a XIX dinastia

Embora não seja nossa intenção fazer um estudo detalhado acerca do período no relativo à arte e às crenças funerárias egípcias, será necessária uma rápida passagem por estes assuntos se quisermos compreender melhor a iconografia em questão e o lugar de sua produção. Iremos entrar em tais assuntos, detalhando apenas o estritamente necessário para o desenvolvimento das idéias aqui desenvolvidas para responder perguntas como: o que é a iconografia em estudo? Como foi feita? Quando, por que e por quem foi produzida?

O Reino Novo representa o auge da civilização faraônica em vários sentidos. Em primeiro lugar note-se que tal período é mais bem conhecido do que os outros da história faraônica e, ao que tudo indica, sem dúvida o mais refinado e rico, com uma clara tendência expansionista que ampliou os recursos disponíveis.

É, ainda, um período de avanços tecnológicos. Diversas novidades, implementadas durante o II Período Intermediário fazem com que o Egito alcance o resto do Oriente no que diz respeito à fabricação e uso do bronze, o que traz uma marcada melhoria não só aos instrumentos artesanais, como também às armas. Não foi uma equiparação definitiva, mas durou meio milênio.

Das dinastias que compõem o período (XVIII, XIX e XX), interessa-nos aqui a XIX. Dos faraós que a formam, o mais famoso deles é sem dúvida Ramsés II, com suas grandes construções e com um reinado muito longo.

A XIX dinastia destacou-se principalmente pela recuperação da preeminência egípcia, retomando de forma integral o culto a Amon, que havia sido deixado de lado no reinado de Akhenaton. Pode-se dizer que ela se destaca, acima de tudo,

pela retomada progressiva dos territórios na Síria-Palestina, que haviam sido quase que totalmente perdidos por Akhenaton durante o final da dinastia anterior, e só muito parcialmente retomados a seguir.

Faraós do período	
Reis	Datas a.C.
Ramsés I (<i>Menpehtire</i>)	1307-1306
Seti I (<i>Menmaatre</i>)	1306-1290
Ramsés II (<i>Usermaatre-setepenre</i>)	1290-1224
Merneptah (<i>Baenre-hotepnirmaat</i>)	1224-1214
Seti II (<i>Userkheprure-setepenre</i>)	1214-1204
Amenemesse (<i>Menmire</i>)	(usurpador durante o reinado de Seti II)
Siptah (<i>Akhenre-setepenre</i>)	1204-1198
Twosre (<i>Sitremeritamum</i>)	1198-1196

Tabela 1: Os Faraós do período. *Atlas of Ancient Egypt*, 1984, Baines&Málek

A XIX dinastia se inicia com o reinado de Ramsés I⁹, sucessor escolhido de Horemheb, o faraó anterior e o último da XVIII dinastia. Como Horemheb não tinha herdeiros, acabou por designar, desde cedo, um de seus companheiros de armas, Paramessu. Horemheb fez dele seu vizir, sucessor e co-regente além de manter suas outras funções militares, dentre elas o de comandante da importante fortaleza de Sile, localizada entre o Delta egípcio e a Síria Palestina.

Na altura da morte de Horemheb, Ramsés I, que era apenas pouco mais jovem que o finado faraó, já era um velho; por isto, a partir de sua subida ao trono, também designa seu filho, Seti, como herdeiro, e a sucessão, depois de um curtíssimo reinado de Ramsés I (em torno de um ano), deu-se sem incidentes. Seti foi também vizir e Comandante de Sile, mas, além de seus títulos militares, também ostentava alguns sacerdotais, que o ligavam a alguns deuses cultuados no Delta, inclusive o de Alto Sacerdote do deus Seth.¹⁰

Seti I, o primeiro de uma linhagem de guerreiros que concentraram todos os esforços no restabelecimento do prestígio do Egito no exterior, logo que subiu ao trono teve de fazer frente à coalizão de cidades-Estado sírias. Conseguiu desbaratar a coalizão, devolvendo ao Egito o controle sobre a Palestina. Após repelir um ataque líbio, penetrou novamente na Síria setentrional, onde, pela

⁹ Para muitos se inicia com Horemheb. Mas não há realmente nenhuma razão para colocar Horemheb na XIX a não ser pelo que pude notar até agora, opção pessoal e o fato que os próprios reis raméssidas o consideravam como iniciador da dinastia. Como a bibliografia utilizada usa a opção de que Ramsés I inicia a XIX dinastia é esta opção que oferecemos também.

¹⁰ **DIJK**, Jacobus Van. "The Amarna Period and the Later New Kingdom (c.1352-1069 BC)" in: SHAW, Ian (ed) *The Oxford History of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2002. p 294.

primeira vez, sob a dinastia, as tropas egípcias entraram em conflito aberto com os hititas. Conseguiram subjugar Kadesh, mas foram obrigadas a se retirar e os hititas mantiveram sua influência na Síria setentrional. A guerra prosseguiu com seu sucessor, Ramsés II.¹¹ Os baixos relevos dos templos de Seti I e de Ramsés II em Karnak expõem os principais acontecimentos referentes às campanhas de Seti I, a primeira das quais coincide com o ano de subida do rei ao trono.

Seti I foi um dos grandes construtores do Egito, mas, por conta da curta duração de seu reinado, muitas das construções iniciadas por ele foram finalizadas por seu sucessor, Ramsés II. Os relevos do templo de Abidos, tal como as pinturas de seu túmulo, testemunham a qualidade da arte em sua época. Ele foi um dos maiores responsáveis por várias das restaurações de templos tradicionais, mandando regravar os nomes e as representações de Amon onde estas haviam sido destruídas por conta das mudanças ocorridas no período de Akhenaton. Novos templos foram construídos por todo o país, principalmente nos grandes centros religiosos de Tebas, Abidos, Mênfis e Heliópolis; os antigos foram restaurados e ampliados, como por exemplo o templo de Seth em Avaris, cidade ao norte da qual, em seu reinado, teve início a construção da nova residência do Delta, usada pelos reis raméssidas. Em Karnak, continuou a construção da Grande Sala Hipostila iniciada por Horemheb.¹²

Durante o reinado de Ramsés II, as necessidades da política e do comércio asiáticos levaram a que se fixasse a residência real no Delta, na cidade de Pi-Ramsés, cuja localização, foi a localidade da atual Khátana-Kantir, de onde era originária a nova família reinante. O primeiro núcleo da cidade foi a residência real de Seti I. Tebas se manteve como capital religiosa e administrativa. Na nova capital se estabeleceu uma base militar adequada às manobras de grandes corpos de infantaria e carros de guerra e, no quinto ano de seu reinado, Ramsés II parte à frente de quatro exércitos contra uma poderosa coalizão de povos asiáticos reunidos pelo rei hitita Muwatallis, dando continuidade às tentativas de seu pai de recuperar as possessões egípcias na Síria setentrional. Na célebre batalha ocorrida perto de Kadesh, à margem do rio Oronte, a vanguarda das forças de Ramsés caiu numa armadilha inimiga e um de seus exércitos foi derrotado pelos carros hititas; o próprio rei teria sido obrigado a combater, segundo os relevos em seus monumentos, mas conseguiu reagrupar suas forças e transformar o que poderia ter sido uma derrota numa "vitória" duvidosa. Afinal, os hititas continuaram controlando a região de Kadesh. Ramsés II se vangloriava por ter ganho por si

¹¹ YOYOTTE, Jean, "Egito Faraônico: Sociedade, economia e cultura", MOKHTAR, G. (ed.), *A África Antiga*, São Paulo/ Paris: Ática/ UNESCO, 1983 (História Geral da África, vol 2). pp.93-95; LÉVÊQUE, Pierre, *As Primeiras Civilizações I. os impérios do bronze*, Lisboa, Edições 70, 1990. pp 211-216.

¹² DIJK, Jacobus Van., *Op. cit.* p 295.

mesmo a batalha, ajudado por Amon nas paredes de Abu Simbel e em outros templos egípcios, mas o mesmo fez o rei dos hititas em seu país, com maior fundamentação geopolítica.

Representações e relatos minuciosos dessa batalha, assim como de algumas campanhas mais gloriosas na Palestina e na Síria, ocorridas antes e depois desse conflito, foram gravados nas paredes dos templos de Ramsés II, esculpidos na rocha em Abu Simbel e em el-Derr, na baixa Núbia, em seus templos de Abidos e Karnak, no pilar que ele anexou ao templo de Luxor e também em seu templo funerário.¹³

As hostilidades entre os dois impérios prosseguiram por vários anos. Na verdade, só depois do vigésimo primeiro ano de seu reinado é que Ramsés II concluiu a paz, assinando um tratado como o rei hitita Hattusilis. Hititas e egípcios viram-se ameaçados pela rápida ascensão do reino assírio, que se apoderara do território do antigo Mitani em sua maior parte. A partir daí as duas potências mantiveram relações cordiais, e Ramsés II desposou a filha mais velha de Hattusilis, numa cerimônia anunciada em todos os lugares como símbolo de “paz e fraternidade”. Em consequência desse acordo, a influência egípcia estendeu-se ao longo da costa até Rás Shamra (Ugarit), cidade da Síria setentrional. Embora os hititas ainda conservassem seu poder no interior, perdiam influência no Vale do Orontes. Com a morte de Hattusilis, um novo perigo surgiu: a migração dos Povos do Mar. Esta migração em massa propagou-se dos Bálcãs e da região do mar Negro por todo o mundo mediterrânico oriental e não tardou a destruir totalmente o reino hitita.¹⁴ Ramsés II também combateu na Núbia e teve de enfrentar o ataque dos povos em movimento pelo mar.

Em seu longo reinado, Ramsés empreendeu um grandioso programa de construção. Adicionou um grande pátio de colunas e pilones ao templo de Amon em Lúxor, construiu um templo para Osíris em Abidos, menor que o construído por seu pai mas igualmente bonito, e, durante o resto de seu tempo de governo, pouco a pouco preencheu o país com seus templos e estátuas, muitos dos quais usurpados de seus predecessores. Há realmente muitos poucos locais no Egito onde não se encontre seu cartucho nos monumentos. Dentre as várias estátuas de divindades e reis usurpadas por Ramsés, aquelas construídas por Amenófis III e as dos reis da XII dinastia parecem ter sido as favoritas do rei. A XII dinastia, pode-se dizer,

¹³ YOYOTTE, Jean, *Op. cit.* pp. 71-75; LÉVÊQUE, Pierre, *Op. cit.* pp 211-216.

¹⁴ YOYOTTE, Jean, *ibidem.* pp.93-95; LÉVÊQUE, Pierre, *ibidem.* pp 211-216.

serviu como um modelo para o Egito que começou a tomar forma depois da ruptura do período de Amarna.¹⁵

Ramsés II é, com certeza, o faraó com o reinado mais longo do Reino Novo tendo sobrevivido a vários de seus filhos. Ao morrer já muito idoso, foi sucedido por seu décimo terceiro filho, Merneptah que ascendeu ao ao trono com uma idade já avançada. O reinado deste faraó foi marcado pela tentativa de invasão do Delta ocidental pelos líbios associados aos chamados “povos do mar”, miscelânea de tribos, algumas das quais de língua indo-européia.¹⁶ Merneptah enfrentou-os numa grande batalha, no quinto ano de seu reinado, infligindo-lhes esmagadora derrota. Nas estelas de Merneptah registraram-se suas atividades militares na região sírio-palestina e enumeram-se as cidades e Estados conquistados, incluindo Canaã, Ascalon, Gezer, Yenoan e Israel – este último mencionado pela primeira vez nos documentos egípcios ou em quaisquer outros. Merneptah é muitas vezes considerado o faraó do Êxodo, embora, nas fontes faraônicas, nada venha a corroborar especificamente a narrativa bíblica.

O reinado de Merneptah inicia o processo de decadência da XIX dinastia. Depois de sua morte houve problemas com a sucessão. Seti II, quase certamente era o filho mais velho de Merneptah, mas durante seu reinado, um rei rival, Amenmesse, reinou por alguns anos, pelo menos no sul do país. Há uma certa controvérsia sobre quando, exatamente, isto teria acontecido, e foi sugerido que ele chegou a depor o faraó por algum tempo (durante os anos 3 a 5 do reinado de Seti II). De qualquer forma, Seti II conseguiu enfrentar o problema apagando e usurpando todos os cartuchos e textos que se referiam a seu rival, qualificado de inimigo.¹⁷

Quando Seti II faleceu, depois de um reinado de seis anos, seu filho único, Siptah, o sucedeu. Este, no entanto, não era filho da esposa principal de Seti II, Towsre, e sim de uma concubina síria chamada Sutaija. O novo rei era bastante jovem e sofria de uma atrofia na perna causada, segundo se crê, por poliomielite. Sua madrasta, Twosre, manteve o título de “Grande esposa real” e agiu como regente. Mas ela não parece ter sido o único poder por trás do trono. Um poderoso oficial chamado Bay, descrito como o “Chanceler de toda a terra”, um sírio de nascimento, parece ter sido o verdadeiro poder no país por esta época. Ele é representado e descrito diversas vezes junto com Siptah e Twosre nas inscrições e, em algumas delas, ele é aquele que “estabeleceu o rei no trono de seu pai”, uma frase normalmente reservada aos deuses.

¹⁵ DIJK, Jacobus Van. *Op. cit.* p 299.

¹⁶ CARDOSO, Ciro. *O Egito Antigo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982. pp. 71-75.

¹⁷ DIJK, Jacobus Van. *Op. cit.* p 303.

Depois da morte de Siptah, Twosre, provavelmente com o suporte de Bay, reinou sozinha por dois anos. Depois de Hatshepsut e Nefertiti, ela foi a terceira rainha do Reino Novo a reinar como um faraó, mas nem de longe chegou perto da fama e do poderio alcançados por suas predecessoras: chegou ao poder num momento de crise e não a conseguiu debelar. Com sua morte chegou ao fim a XIX dinastia.¹⁸ A ordem após este período final conturbado, como o demonstram os reinados de curta duração, foi restaurada somente sob Sethnakht, que é o primeiro rei da XX dinastia.

1. A arte egípcia e sua compreensão

“Os antigos egípcios não tinham, como nós, uma noção da arte como atividade que se auto justifica: arquitetos, escultores ou pintores viam-se como funcionários ou como artesãos que produziam objetos funcionais para uso religioso, funerário ou de outro tipo”.¹⁹

A arte egípcia manifestava-se em várias formas diferentes: arquitetura, pintura, escultura, artes menores; embora hoje em dia reconheçamos seu caráter funcional, ela não deixa de se apresentar aos nossos olhos como o que decidimos chamar arte e que vemos nas exposições, museus ou livros sobre o assunto.

Tal arte girava quase que exclusivamente em torno dos deuses, do rei e daqueles abastados que poderiam pagar por ela. *“Sendo o faraó o construtor principal e o maior consumidor de objetos de arte, por concentrar a riqueza e a mão de obra especializada e não especializada necessária, as épocas de apogeu artístico coincidem com os auge do poderio faraônico.”²⁰*

Se pensarmos em toda a história do Egito Antigo, e em toda a arte produzida nesse longo tempo, verificamos algumas idéias interessantes. Se não levarmos em conta a arquitetura, principalmente no que diz respeito a templos e tumbas, pois estes mudaram muito até sua fixação sob o Reino Novo, podemos verificar que

“(..) desde o Reino Antigo estavam fixados padrões ou cânones artísticos que variavam sem perda de suas características fundamentais, pelo que se constata, apesar de inevitáveis alterações do gosto, do grau de refinamento e de inúmeros detalhes ao longo dos séculos, uma grande unidade de estilo, tornando reconhecível à primeira vista como egípcia uma obra de arte de qualquer época. A única quebra realmente radical desses cânones se deu durante a heresia religiosa de Akhenaton e os anos imediatamente subsequentes, época chamada ‘amarniana’, caracterizada por forte tendência ao naturalismo ou mesmo à caricatura e à decoração profusa.”²¹

¹⁸ *Idem, ibidem.* pp 303-304.

¹⁹ **CARDOSO**, Ciro F. *Op. cit.* p.98.

²⁰ *Idem, ibidem.* p.99.

²¹ *Idem, ibidem.* p.99.

Em relação à arquitetura, tem-se a impressão de construções realmente grandiosas que parecem ser a marca registrada do período raméssida. Muito desta fama é devida a Ramsés II, lembrado sempre como o construtor de obras em proporções gigantescas.

Os arquitetos e escultores de seu reinado, se basearam em uma tendência anterior, muito utilizada durante o reinado de Amenófis III, ampliando um pouco suas proporções originais. O reinado de Ramsés II nos mostra um Egito economicamente forte, o que pode explicar ter sido o Estado capaz de reunir os recursos suficientes para fazer face a tais empreendimentos.²²

O longo reinado deste faraó permitiu que ele pudesse completar longos projetos e em muitos locais ele foi o último rei a construir numa escala maciça. Todos os reis da XIX dinastia, pelo menos a maior parte deles, deixou sua contribuição nas enormes construções, mas aquelas iniciadas, completadas ou usurpadas por Ramsés II realmente parecem ter deixado sua marca por todo o país. Templos foram erigidos, reformados e completados; em muitos, Ramsés deixou a história de seus feitos ou, pelo menos, da sua versão dos eventos.

O número de estátuas feitas principalmente por Ramsés II neste período não tem comparação com qualquer outro período da história egípcia. Além das novas esculturas, outras, de reis anteriores, foram reformadas fazendo-se por vezes, pequenas modificações nas feições e alterando as inscrições. Esta prática pode ter contribuído para a confusão de diferentes feições atribuídas ao um mesmo rei, mas tal fato também pode ter sido causado pela existência de pequenas diferenças nos estilos.²³

Uma das coisas que nos chama atenção é o controle demonstrado pelos escultores em relação às corretas proporções em estátuas gigantescas, e um alto grau de sofisticação pode ser notado nos ajustes e compensações feitas nas estátuas para resolver o problema das distorções quando vistas do chão. Um bom exemplo disso é o da estátua de Ramsés II no templo de Mênfis cuja cabeça é levemente inclinada para a frente, para que uma pessoa possa ver todo o rosto se estiver de pé diante dela.

Além de estátuas de reis e deuses, o período raméssida também nos oferece um número significativo de estátuas de particulares, de qualidade variável. Há também um outro tipo de estátuas feitas nesse período que não mostra intencionalmente o corpo inteiro, o que não deixa de ser uma contradição a uma das regras básicas das imagens egípcias, tais estátuas, os chamados bustos dos

²² MALEK, Jaromir. *Egyptian Art*. London: Phaidon, 1999. pp. 307-325.

²³ *Idem, ibidem*. pp. 328.

ancestrais, encontradas nas casas de particulares, mostram apenas parte do corpo humano. Tais imagens de ancestrais serviriam basicamente para interceder junto aos deuses.



Figura 2: Busto de ancestral aprox. 1200 a.C. British Museum. Londres.



Figura 3: Estela de Ramo'se, XIX dinastia Museo Archeologico di Firenze, inventário nº 2522.



Figura 4: Estela da cantora de Amon Tekha'e, XIX dinastia Museo Archeologico di Firenze, inventário nº 2591

Uma outra manifestação da arte privada ligada à religião, eram as estelas feitas em pedra em geral, com o topo arredondado, colocadas nas áreas públicas dos grandes templos ou em pequenas capelas, como ex-votos, ou nas capelas das tumbas. Em termos de qualidade, variam bastante, podendo mesmo, apesar de um desenho sofisticado, parecerem um pouco toscas. Mostram, habitualmente, a pessoa a quem é dedicada, algumas vezes acompanhada por algum membro da família, adorando deuses.

No tocante às estelas funerárias, as da XIX e da XX dinastia variam em tamanho, forma e complexidade de composição. Muitas continuam a tradição da

dinastia anterior (a XVIII) da cena em seu topo mostrar o morto em adoração a divindades funerárias e, no registro inferior, o falecido sentado, muitas vezes com sua família, diante de uma mesa repleta de oferendas. Algumas estelas, no entanto, dispensam o registro inferior e mantêm apenas a imagem do morto adorando as divindade fazendo talvez um paralelo a grande importância dada partir deste período dos temas divinos ou do submundo na decoração das tumbas não reais. Outros motivos funerários, tais como ritos diante da tumba e a deusa-arvore são por vezes incluídos.²⁴

A solução raméssida para a manutenção do decoro²⁵ nas estelas em relação ao tamanho dos deuses em comparação ao tamanho dos humanos foi manter suas aparências animais, mas colocá-los em pedestais, ou mostrar as figuras humanas de joelhos. A estela possuía basicamente a mesma função de uma estátua num templo: assegurava a presença da pessoa ao lado das divindades e seria uma espécie de lembrete eterno dos desejos de seus proprietários.

Apesar da mudança de capital para a cidade de Pi-Ramsés, o centro religioso principal se manteve em Tebas, bem como foi mantido a construção de tumbas reais no Vale dos Reis e das tumbas dos familiares dos reis no Vale das Rainhas. O plano das tumbas raméssidas teve seu *design* e estrutura simplificadas e a decoração começa a cobrir a maior parte das paredes, como na tumba de Seti I, que mostra o baixo-relevo pintado bastante característico de seu reino. Foi ampliado também o elenco de cenas, mostrando o rei em companhia dos deuses e várias representações de ritos funerários, como a Abertura da Boca, um ritual executado nas estátuas reais (pelo menos de início) que depois de realizado permitia que a estátua se transformasse numa espécie de moradia para o *ka* do falecido rei. Foram incluídos também textos e imagens do conjunto chamado “livros do submundo” formado pelo “Livro dos Mortos”, “Livro dos Portões” e pelo “Livro das Cavernas”; como também foram incluídos nas tumbas a Litania do deus sol Rá e outros. Eles apresentam uma espécie de compêndio das idéias sobre a vida do rei no além onde Rá e Osíris desempenham papéis muito importantes.²⁶

Como nenhuma destas tumbas sobreviveu intacta, muito do que sabemos hoje é um amálgama de informações provenientes do conjunto de tumbas do período.

²⁴ **ROBINS**, Gay. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000. p.186.

²⁵ Chama-se de regras de decoro, o conjunto de permissões e proibições que em cada época guiava os artesãos no que poderia ou não ser representado. Por exemplo; em quase toda a história do Egito faraônico, não era de “bom tom” representar os deuses em tamanho menor do que as figuras humanas e mesmo quando um deles assumia sua forma animal e este fosse menor, utilizava-se o artifício de colocá-lo em algum tipo de plataforma para deixá-lo pelo menos na mesma altura.

²⁶ **MALEK**, Jaromir. *Op. cit.* pp. 329-330.

A importância da necrópole de Tebas para os enterros, incluindo os indivíduos que pudessem arcar com as despesas, também foi mantida durante o período raméssida, seguindo o exemplo da dinastia precedente, desta forma, tumbas escavadas na rocha de altos sacerdotes e funcionários, ligadas ao templo de Amon continuaram a ser construídas como de costume. A sua decoração também sofreu alteração, deixando de lado as cenas da vida cotidiana e voltando-se cada vez mais para os temas e textos religiosos.

Um outro grupo de tumbas, estas pertencentes às esposas e crianças reais, também continuaram a ocupar seu espaço em outro vale do oeste de Tebas, conhecido como Vale das Rainhas. Tais tumbas podem ser descritas como elaboradas câmaras funerárias sem capelas. Seu estilo e a qualidade de suas pinturas as faz bem próximas das tumbas dos reis.

Um outro grupo de tumbas, as que mais interessam a esta pesquisa, deve também ser mencionado. Quando as tumbas reais começaram a ser feitas na margem oeste do Nilo, uma comunidade de trabalhadores e artistas encarregados desta tarefa, incluindo pedreiros, desenhistas, escultores e pintores, foi estabelecida nas proximidades. A preparação das tumbas reais se iniciava cedo no reino de cada faraó, e havia muitas vantagens em se ter reunida em caráter permanente uma força de trabalho especializada. O povoado em que estes homens e suas famílias moravam era Deir el-Medina (nome atual em árabe do lugar). Estes homens eram a elite dos artesãos e artistas. Embora os nomes dos artistas nunca fossem mencionados nas tumbas reais, e não houvesse nenhuma assinatura nas cenas pintadas, as genealogias do vilarejo são tão bem conhecidas que muitas das autorias puderam ser reconstituídas com um grau de credibilidade bastante grande. Por conta de suas habilidades, e a despeito de sua posição social não tão alta (eles não eram funcionários ou sacerdotes), tais trabalhadores foram capazes de construir para si mesmos modestas tumbas subterrâneas escavadas na rocha nas proximidades de seu povoado, cada uma marcada no lado exterior com uma pirâmide de tijolos. A decoração pintada, muitas vezes encontrada não só na capela, onde era mais usual, mas também na câmara funerária, não contém propriamente novidades em termos de decoração, mas certamente existem algumas, como veremos no próximo capítulo, muito bonitas e com um sofisticado uso de cores. As temáticas mais comuns durante o período raméssida, agora que não havia mas a proibição de usar imagens de deuses, reis e rituais funerários em tumbas de particulares eram exatamente estas, principalmente cenas e textos do Livro dos Mortos.²⁷

²⁷ *Idem, ibidem.* p. 333.

Jaromir Malek nos chama a atenção para a diferença de estilos encontrada entre tumbas privadas de Tebas:

A espontaneidade das cenas nas tumbas de Deir el-Medina contrasta fortemente com as representações mais formalmente executadas em outras tumbas privadas do período raméssida na margem oeste de Tebas. Tal diferença é explicada pelo fato de que os trabalhadores que realizaram os trabalhos nestas últimas pertenciam a um atelier funerário diferente, provavelmente associados com templos e seus procedimentos foram controlados de uma forma muito mais rígida. Os artistas de Deir el-Medina eram treinados de um jeito diferente porque estes trabalhavam em tumbas reais e muito de seu trabalho em suas próprias tumbas fossem "um bico" extra e dessa forma menos formal e muito menos regulado.²⁸

Os trabalhadores de Deir el-Medina também produziram desenhos em ostracas e papiros e muitos outros tipo de materiais.

1.1. Artista ou artesão?

"A definição dos três elementos sociais principais envolvidos no que chamamos de arte – o artista, o público e os gêneros reconhecido de arte com suas regras específicas – é um fato construído histórico-socialmente, e não um dado universal. Só quando os três elementos estão presentes em forma concomitante se pode falar da arte como subsetor específico e reconhecido do social, como ocorre hoje em dia. Mas historicamente, pode-se dar-se a situação em que um ou dois desses elementos sejam objeto de uma clara construção social, sem que o mesmo aconteça, porém, com todos os três."²⁹

No caso do antigo Egito, no que diz respeito às artes plásticas, podemos ver com certeza dois destes três elementos, já que é possível verificar a existência real de uma arte oficial, pelo menos, com regras bem estabelecidas, ainda que sofressem eventuais modificações de tempos em tempos, e de um público ao qual tal arte era destinada (a família real e a elite), mas não temos como reconhecer a existência de "artistas" tal como os compreendemos atualmente.

"Isto é, não se estabeleceu socialmente a distinção entre artista e artesão, entre "belas artes" por um lado e "artes e ofícios por outro. Pintores e escultores eram considerados como trabalhadores em diferentes ramos artesanais, exatamente como o eram os carpinteiros, marceneiros, oleiros ou metalurgistas (...) Isto não surpreende, já que a separação taxativa dos artistas em categorias à parte, vinculada à tradição do humanismo ocidental, é fenômeno bastante recente."³⁰

Os responsáveis pelas pinturas, esculturas e demais trabalhos de arte, embora possam ser considerados por nós como artistas, aos olhos dos próprios egípcios, aos serem citados em contos ou outros tipo de escritos poderia até ter seus talentos reconhecidos, mas não passavam de trabalhadores comuns,

²⁸ *Idem, ibidem.* p. 333.

²⁹ **CARDOSO**, Ciro F. A arte egípcia: um estudo de suas características fundamentais. Texto não publicado gentilmente cedido pelo autor, 2004. p.4

³⁰ *Idem, ibidem.* p.5

executando um trabalho comum. São artesãos especializados, mestres em seu ofício, mas nada além disto.

Eventualmente os artesãos poderiam assinar seus trabalhos, mas era bastante raro, como dissemos anteriormente, e devemos no entanto nos

"perguntar se de fato, ao fazê-lo, estar-se-iam afirmando individualmente no sentido que nós entendemos na atualidade: é bem mais provável que estivessem reivindicando uma participação na obra comum, chefiada pelo faraó, de preservação da ordem universal (personificada pela deusa Maat, filha de Rá) contra as ameaças das forças caóticas..."³¹

Um artesão-artista poderia até mesmo ocupar altas posições sociais, mas teriam galgado tal posição por seu alto grau de especialização ou por conta da realização de trabalhos de excelência que, ao chamar a atenção de seus contratantes, os faraós, geraram uma recompensa em algum cargo sacerdotal ou oficial.

De maneira geral, os artesãos ocupavam uma situação média na escala social, mas mesmo assim, ao verificarmos a situação dos trabalhadores de Deir el-Medina, que tinham licença para construir suas próprias tumbas e estabelecer seus cultos funerários, percebemos que tais trabalhadores, apesar de sua situação social, usufruíam de benefícios que muito poucos podiam usufruir.

1.2. Entendendo a Arte Egípcia

Para compreender a arte egípcia, a arte canônica, oficial, pelo menos naquilo que nos interessa, devemos levar em consideração que ela:

"... era produzida com uma finalidade específica de cumprir determinadas funções seja no culto doméstico, divino ou funerário. Além do mais, se acreditava que as representações pictoriais possuíam um poder especial, já que criar uma imagem, era de uma certa maneira, trazê-la à vida. Desta maneira, a arte egípcia formal tendia a observar um conjunto de convenções estilísticas, para dessa forma manter a ordem e o controle no mundo representado. Para deuses, reis, e membros da elite, a idealização artística da forma humana – evitando representação de doenças, deformidades ou idade mais avançada – ajudava a atingir este propósito.

"Os homens e mulheres da elite não eram retratados como indivíduos únicos com características distintas na arte egípcia formal, mas eram representados de acordo com ideais específicos. As imagens de mulheres eram caracterizadas por uma eterna beleza juvenil. A maioria das mulheres devem ter passado a maior parte de sua idade adulta gerando crianças, ainda assim eram mostradas na arte com cinturas finas e todos os sinais de gravidez ou idade eram evitados."³²

A maior parte das fontes iconográficas que utilizamos estavam ligadas ao contexto funerário, o qual por sua vez se relacionava com a possibilidade de uma

³¹ *Idem, ibidem.* p.6.

³² **ROBINS**, Gay, *Reflections of Women in the New Kingdom: Ancient Egyptian Art from The British Museum*, 1995. p. 5.

vida após a morte, seja como uma lembrança de sua vida passada³³ ou como uma expectativa de uma vida futura diferente e delas dependia a possibilidade de sobrevivência ou lembrança eterna. A arte, então, era cercada de regras para que a criatividade de artista não pusesse isso em risco, embora seja possível detectar, segundo alguns autores, uma “liberdade limitada” por parte do artista, já que a própria ação de decidir quais cenas entrariam no conjunto em detrimentos de outras já indicava uma certa proporção de liberdade na escolha se tal escolha fosse do executante, não do cliente.

Acreditamos que a primeira grande distinção possa ser estabelecida entre arte oficial ou canônica, a que nos interessa aqui no momento, e arte popular, muito mal conhecida, já que dificilmente usava materiais duráveis como pedra – deixando-nos por tal razão só raríssimos exemplos.

A arte canônica ou oficial sobreviveu por todo o período de existência daquilo que chamamos de antigo Egito, desde a unificação do Egito dos faraós, por volta de 3100 a. C., até o século IV d. C., sob o Império Romano. E mesmo tendo sofrido alterações durante todo este período, manteve-se estável o suficiente para que qualquer obra produzida sob suas regras fosse reconhecida como egípcia.

"Os princípios de tal sistema são tais que as figuras e objetos podem ser definidos como se fossem diagramas daquilo que representam. Como se pretendia que fosse de compreensão imediata e sem ambigüidade, aspirava-se a que comunicasse uma verdade objetiva, na independência do espaço (tal como percebido na visão) e do tempo. As coisas eram mostradas sem as distorções da perspectiva, numa arte mais conceitual do que baseada na percepção sensorial.

(...)

*O resultado de sua aplicação [tratando aqui dos princípios do sistema canônico] é que as figuras e objetos produzidos em seu interior podem ser definidos como se fossem esquemas conceituais daquilo que representam. Mostrava-se das coisas, ao se tratar de representações em duas dimensões, os aspectos considerados convencionalmente como mais característicos ou mais satisfatórios.*³⁴

2.2.1. O CASO DA ESCRITA

É importante que fique claro que a escrita, no caso do Egito Antigo, é parte integrante da informação divulgada pelas representações iconográficas. Mais do que uma informação “mais fácil de ser compreendida para os que não sabiam ler” (a maioria absoluta da população), as imagens eram parte integrante da própria idéia desenvolvida no texto e vice-versa. Ou seja, se algo já está dito através da imagem, é possível prescindir da palavra em si, já que a palavra se encontra bem clara no desenho em questão.

³³ GROENEWEGEN-FRANKFORT, H. A. *Arrest and Movement, Space and time in the Art of the Ancient Near East*, 1987., pp. 10, 28, 36

³⁴ CARDOSO, Ciro F. op.cit. pp.11/12.

O sistema da escrita egípcia:

"(...) associa três tipos de signos: 1) fonogramas (de uma, duas ou três consoantes); 2) logogramas (signos que designam uma palavra completa); 3) determinativos (signos que não se lêem foneticamente mas delimitam a categoria a que dada a palavra pertence. Enquanto no período grego-romano da História do Egito os hieróglifos chegaram aos espantoso número de seis mil, no período faraônico tais signos eram pouco mais de mil, sendo uns setecentos os mais usuais.

*(...) O fato de sua base ter-se configurado como um conjunto de imagens ou desenhos, bem como o de desenvolver-se muito cedo uma iconografia canônica ou oficial sob estreito controle, fizeram com que no Egito existisse uma **unidade originária radical** entre imagens e escrita.(...)³⁵*

Seja no caso em que os pronomes sufixos .i (eu, meu) fossem substituídos pelas imagens presentes na cena, seja no caso de se escrever inteligivelmente através dos gestos das personagens numa cena ou numa estátua, seja em outros vários casos possíveis, escrita e imagem são, nos estudos da iconografia egípcia, totalmente inseparáveis.

*"Esta 'unidade da escrita e da arte' no antigo Egito ... não é típica do sistema egípcio de códigos semioticamente integrados; mas sim, de um sistema egípcio específico, conhecido como **canônico**. Ele é assim chamado precisamente por se caracterizar por um rígido padrão normativo que estabelecia regras escritas – que variaram relativamente pouco ao longo de mais de três milênio – para a realização, nos monumentos, tanto das figuras quanto das inscrições.³⁶*

Uma das conseqüências dessa união entre escrita e arte, é que muitas das imagens, nas representações, podem ser verdadeiramente lidas como se fossem palavras escritas.

2.2.2. O PÚBLICO

A arte e a escrita canônicas eram destinadas à minoria letrada, a única realmente capaz de compreender sua mensagem imediata. É possível que sua mensagem se estendesse um pouco às camadas iletradas mediante representações públicas de dramas sagrados, talvez até mesmo por meio de leituras em voz alta, que não temos realmente como confirmar.

O caso é que o domínio por poucos do conhecimento desses códigos era sem dúvida alguma um forte meio de controle social por parte dos grupos dominantes que eram afinal aqueles que possuíam as riquezas suficientes para o financiamento dos empreendimentos artísticos e principalmente os únicos que podiam pagar os materiais duráveis o suficiente que os fez permanecer até nossos dias.

³⁵ *Idem, ibidem.* pp.12/13.

³⁶ *Idem, ibidem.* p.13.

*"O sistema canônico de figuras e textos não era o único tecnicamente possível para os antigos egípcios. Resultava de uma **decisão social**, de uma **escolha**. Em outras palavras, tal sistema era uma **instituição social**"³⁷*

2.2.3. AS REGRAS:

A primeira coisa que se deve levar em consideração é aquilo que se podia ou não representar e como poderia ser representado. A tal proibição /permissão dá-se o nome de regras de decoro. Elas por sua vez também sofriam modificações ao longo do tempo.

Estas regras da arte oficial ou canônica e as normas de decoro, sofreram pequenas variações no tempo, e poderiam ter gerado um resultado bastante monótono, mas os artistas criaram alguns pequenos procedimentos de composição que, ao quebrar a simetria ou ao representar motivos caricaturais ou exóticos, ajudavam a atenuar qualquer possibilidade de insipidez.

Acredito que a segunda informação que devemos também levar em consideração é o fato da arte canônica evitar o uso da perspectiva: "*uma representação das coisas que tentasse reproduzir a aparência visível delas quando contempladas de um único ponto de vista*"³⁸. Não é que os egípcios antigos não conhecessem o efeito da perspectiva, seria mais um caso de escolha consciente. Representar o todo, escolher o que deve ou não ser representado, não se guiando apenas pela via enganadora da visão, era com certeza desenhar figuras que representassem objetos ou seres como alguns dos egípcios (aqueles que detinham o controle) achavam que tais objetos e seres eram.

Os planos de sombra e luz, ilusões enganadoras da realidade, também eram deixados de fora.

"Deve ficar claro que os antigos egípcios não ignoravam como obter o efeito de perspectiva ou profundidade, mas sim escolheram não o usar. A prova disto é que durante o período conhecido como Reforma de Amarna, ao longo de cerca de vinte anos do século XIV a.C., durante o reinado do faraó Akhenaton, um reformador religioso e também da arte, ao afrouxarem-se (sem que desaparecessem) as regras da arte oficial ou canônica, imediatamente surgiram experiências limitadas com a perspectiva, ou mais exatamente com a representação da profundidade."³⁹

Um outro ponto a ser levado em consideração tem a ver com o movimento aparente ou não das imagens de seres animados. Segundo H. A. Groenewegen-Frankfort "a opção pela representação fora das regras da perspectiva torna as figuras humanas e animais não funcionais". Em outras palavras, pela

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 14.

³⁸ *Idem, ibidem*. p.15.

³⁹ *Idem, ibidem*. p.15.

impossibilidade de representar o movimento, este devia ser substituído pelo gesto mais representativo do mesmo.

Traçaremos algumas das regras básicas da arte egípcia segundo o que descrevem Marcelle Baud e Claire Lalouette⁴⁰.

Os desenhistas egípcios obedeceram a três regras fundamentais, que sofreram apenas pequenas exceções.

1ª REGRA:

“A totalidade das características de um motivo é expressa, a característica principal sendo dada em suas proporções verdadeiras e sob o aspecto mais fácil de ser entendido”

O modelo é mostrado ao mesmo tempo de frente, de perfil e de três quartos, tirando de cada um desses ângulos os traços essenciais e os associando em uma síntese que se pretende reveladora da totalidade do ser ou do objeto.

A figura humana é representada tradicionalmente com o rosto de perfil (pois o perfil é o ângulo mais característico do rosto), o olho é desenhado de frente (o olho é muito importante e não pode ser mutilado), o torso é mostrado de frente em toda a sua largura (sugerindo a força), mas a bacia é figurada de três quartos e os membros apresentados de perfil, sendo que as pernas estão sempre afastadas para sublinhar sua dualidade. Na representação das mulheres o seio é mostrado de perfil sobre um torso de frente.

Tais opções faziam, é claro, a figura humana parecer bem estranha, segundo nossos padrões, mas não se pode negar que são imagens bastante elegantes a despeito de sua aparente impossibilidade anatômica. E não se pode negar que tudo o que era importante estava mostrado em sua forma mais representativa.

Quanto às características físicas permanentes (enfermidades: anãos, cegos, obesos, corcundas, coxos) e adquiridas pela idade ou pelo trabalho, só se mostravam quando necessário para o entendimento da cena e, de maneira geral, seguia-se o modelo normal o máximo possível e apresentava-se de uma personagem sua aparência mais jovem e mais estética. Quando era extremamente necessário, aquelas características eram representadas de uma maneira bem amenizada.

Não se verá jamais o jogo dos músculos numa cena de esforço: preferia-se mostrar apenas um gesto representativo do movimento. Quando um elemento da cena é inútil para explicar o motivo ou a ação em curso, ele é suprimido.

⁴⁰ As Regras: **BAUD**, Marcelle, *Le Caractère du dessin en Egypte Ancienne*, 1978, p. 29/57 e **LALOUETTE**, Claire, *L'art égyptien*, 1981, pp. 87/95

Esta associação de pontos de vista pode agir também no espaço, combinando a vista em plano (aérea) e a vista em elevação (frente, face), e é válida também para a notação do tempo: o desenhista, do mesmo modo que se coloca em diferentes lugares do espaço para melhor cercar a realidade de um ser ou objeto, se coloca também em diferentes momentos do tempo para poder mostrar o encadeamento dos fatos, dando assim uma imagem racional das diferentes etapas de uma operação. As cenas são representadas numa série de instantâneos sucessivos, criando uma espécie de filme sobre a pedra, uma visão integral de cada ser animado no mundo.

2ª REGRA:

“Os elementos da cena são representados em relação a um espectador móvel; o artista que se desloca convida por assim dizer o espectador a participar da ação”

O desenhista egípcio suprimiu todo filtro que impedia a compreensão da cena, e para isso muitas soluções são possíveis. Ele escolheu, entre diferentes procedimentos, os seguintes:

Os cortes:

Quando um objeto oculta um conteúdo pode-se praticar no primeiro um corte revelador, permitindo muitas vezes a quem observa a cena ver o que aqueles que dela participam não conseguiriam vislumbrar.

A divisão em registros horizontais:

São três as possibilidades de interpretação para a divisão em registros.

A) Para representar uma cena que comporta muitos planos o artista egípcio dividia sua visão em registros horizontais e paralelos. O registro do alto é o que estaria mais afastado do desenhista.

B) As ações sucessivas no tempo podem também ser representadas repartidas verticalmente (especialmente as cenas agrícolas, desde a lavoura até a colheita). O registro mais baixo na parede normalmente conteria os episódios mais recentes ou aqueles que concluíam o ciclo. Este arranjo, embora operando mais pelo eixo temporal do que pelo espacial, é até certo ponto comparável a uma noção de perspectiva, pois, para indicar que estas representações têm espaço comum, desenha-se sob os pés dos seres uma linha contínua de alguma espessura.

C) Algumas vezes estas linhas são simples e cômodas divisões da superfície a decorar.

Supressão de máscaras/ Afastamento lateral:

Quando muitas personagens se escalonam sobre muitos planos em profundidade e a primeira esconde as outras, o desenhista faz deslizar uma sobre as outras as figuras. Desta forma serão representadas lado a lado no mesmo plano. Se alguns objetos estão empilhados e eles se escondem, para torná-los todos visíveis, o artista eleva-os um em relação ao outro. Para fazer seu espectador participar da ação o desenhista tenta mostrar ao mesmo tempo duas coisas irreconciliáveis para nós: o exterior e o interior de um motivo. Podem-se distinguir três casos:

- o “objeto” é decorado no interior;
- o “objeto” contém outros objetos;
- o “objeto” contido transborda do “objeto” que o contém.

A solução para os três casos é a mesma, confundindo-as: colocar acima o que está dentro. Quando um elemento é indispensável à compreensão da cena ele deve ser visível a despeito de tudo. O trabalho de reconstituição do objeto ou da cena é confiado ao espectador, que é convidado a se deslocar para ver ao mesmo tempo ou sucessivamente todos os elementos do motivo como o artista se deslocou para desenhá-lo.

3ª REGRA: “As proporções utilizadas exprimem a idéia principal da cena”

A variação de tamanho ajuda a mostrar a importância e o valor dos motivos representados. Poderíamos imaginar as personagens retratadas em grande escala como as maiúsculas, que, como a pontuação, são artifícios de nossa escrita alfabética. É possível distinguir dois casos dessa variação:

- as proporções são inexatas, cada elemento sendo representado por ele mesmo;
- as proporções são exatas umas em relação às outras.

Quanto mais uma cena é familiar, mais suas proporções tendem a se aproximar das proporções normais.

Deuses, faraós, alto funcionários ou sacerdotes serão sempre representados em maior tamanho do que seus subalternos. A figura feminina é freqüentemente um pouco menor do que a masculina, mas se em algumas cenas esse tamanho varia muito, as mulheres de pé pintadas quase como uma miniatura delas mesmas como costumavam ser representadas as crianças, como adultos em miniatura, em outras, a figura feminina é apenas um pouco menor, o que poderia representar somente a idéia da estrutura mais frágil das mulheres segundo as interpretações dos próprios egípcios.

Os animais eram sempre menores do que as figuras humanas, mesmo quando isso não correspondesse à realidade. O tamanho era realmente uma forma de dar a idéia de importância de uma cena, motivo ou das figuras humanas, e isso fica bem claro nas representações.

2.2.4. As TÉCNICAS⁴¹:

Baixo-relevo

Numa parede cuidadosamente alisada o desenhista reproduzia, com tinta vermelha e pincel, o quadro que ele havia primeiramente composto sobre papiro; depois, os escultores, manejando os cinzéis (de pedra ou de cobre), cortavam a pedra ao longo das silhuetas. O trabalho podia ser feito seguindo duas técnicas:

- no verdadeiro baixo-relevo, o escultor escavava o fundo do quadro, de maneira que as figuras sobressaíssem em relevo, o modelado de cada um sendo sugerido pelas ligeiras nuances do plano;
- no relevo vazado, o escultor escavava as silhuetas seguindo uma profundidade variada e depois esculpia os detalhes nos campos assim escavados.

A escolha entre estas duas técnicas não era uma questão de gosto, mas seguia uma regra: as paredes exteriores de um monumento eram freqüentemente esculpidas em relevos vazados, porque as silhuetas escavadas se destacavam melhor na intensa luminosidade do Egito; ao contrário, a maior parte das vezes os verdadeiros baixo-relevos ornavam as paredes internas dos monumentos.

Pintura

As cores eram aplicadas na parede coberta por uma espécie de argamassa que servia de suporte, formada de barro e argila misturada com palha picada para lhe dar consistência, e sendo tudo isto recoberto de um revestimento de estuque ou gesso, até que uma superfície lisa fosse obtida.

O material do pintor era simples: pincéis de caniço (*junctus maritimus*) com a extremidade mascada, para traçar as linhas e os contornos, pincéis mais grossos para espalhar as tintas, godês para água, conchas ou cacos para preparar as tintas. As cores eram misturadas com água, à qual se juntava um adesivo: gelatina, goma de acácia. Conservadas em "pães" friáveis, eram poucas e simples: o branco (à base de cal), o azul (azurita), o verde (malaquita) - cor do renascimento vegetal e da imortalidade -, o preto (fuligem), o ocre vermelho (óxido de ferro natural) ou amarelo (o mesmo, hidratado). Algumas cores eram

⁴¹ As técnicas: LALOUETTE, Claire, *L'art égyptien*, 1981, pp.95/99

obtidas por meio de misturas: o cinza (preto e branco), o castanho (vermelho e negro), o rosa (branco misturado ou sobreposto ao ocre vermelho).

Tanto a pintura como o baixo-relevo partiam do desenho. As figuras assim fixadas eram destacadas pintando-se o fundo (que segundo a época podia ser branco, cinza-azul, amarelo), depois se pintavam as "carnes", as roupas, as jóias, os penteados. E, se a silhueta tivesse perdido a nitidez, era reforçada a linha do contorno em vermelho ou castanho. Depois de pintadas, as paredes podiam ser protegidas por uma espécie de verniz à base de resina. No caso das tumbas de Deir el-Medina vamos encontrar vários casos onde as tumbas são pintadas com apenas uma ou duas cores; é o que Bruyère⁴² chama de decoração monocromática, mas embora a variedade de cores seja menor as técnicas usadas são as mesmas.

Foram também pertinentes para a presente pesquisa as idéias expostas por Richard H. Wilkinson em seus livros *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, (1992) e *Symbol & Magic in Egyptian Art*, (1994), principalmente neste último, a respeito da compreensão da arte egípcia através dos aspectos simbólicos, encontrados em praticamente todos os exemplos.

O que Wilkinson mostra é que na compreensão da arte egípcia está em jogo uma série de interpretações simbólicas que facilitariam muito o entendimento, não só para nós, como também para os próprios egípcios, da mensagem contida nos trabalhos de arte. Segundo ele:

"Através de símbolos, os egípcios procuravam representar muitas de suas crenças religiosas e idéias sobre a natureza do cosmo. Objetos simbólicos e pinturas eram usados de maneira a fazer tanto o transcendental quanto o invisível, imediatos e compreensíveis. Algumas vezes este simbolismo referia-se à criação e à origem da vida na terra, outras vezes ao mistério de sua propagação e continuidade. Símbolos eram também usados para proteção, para manter os egípcios a salvo de influências malignas nesta vida, e mesmo na vida no além - visto que muito da arte egípcia está ligada ao tema da vida depois da morte.(...)"

"Muitos dos trabalhos de arte egípcia foram feitos para serem 'lidos' simbolicamente e prover uma mensagem latente, a qual era essencialmente parte da composição. Cores, materiais, números, e especialmente as formas dos hieróglifos egípcios escritos eram todos parte dessa linguagem simbólica que, se for aprendida, pode abrir a arte egípcia a uma compreensão além da que é percebida por olhos destreinados."⁴³

Para tal compreensão, o autor destaca alguns dos mais importantes e freqüentes aspectos simbólicos encontrados, indo desde a forma básica ou a forma de um objeto até seu tamanho, o material do qual é feito, sua cor, número, e

⁴² BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. (Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI)

⁴³ WILKINSON, Richard H., *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, London/ NY, Thames&Hudson, 1992. pp. 8-9

simbolismo do hieróglifo, as ações e os gestos executados pelas figuras numa composição.⁴⁴

Forma: A forma pode referir-se ao todo da representação ou a suas partes. O simbolismo da forma pode ser expresso em dois níveis de associação. Na associação primária ou direta, a forma de um objeto associado com uma divindade específica nos sugere aquele deus ou deusa – ou por extensão, um conceito ligado àquela divindade. Na associação secundária ou indireta, a forma de um objeto sugere outra forma diferente, que tem sua própria significação simbólica.⁴⁵

Tamanho: Na escultura egípcia e nos trabalhos bidimensionais, diferenças de escala raramente refletem a realidade visual. O tamanho do objeto é com mais frequência um resultado do princípio da importância relativa, e escala hierárquica – mostrando reis e deuses maiores do que os demais.⁴⁶

Localidade: Pode se aplicar igualmente à disposição dos elementos individuais dentro das menores composições em um amuleto e aos edifícios e seus esquemas decorativos nos complexos arquitetônicos. Sua natureza simbólica envolve dois aspectos separados: *posição absoluta* - a localização real de um objeto ou estrutura; *disposição relativa* - a disposição das coisas ou elementos individuais dentro desses objetos ou estruturas.⁴⁷

Material: Para os antigos egípcios a percepção dos atributos físicos inerentes aos materiais era consideravelmente aumentada por suas associações mitológicas e supostas propriedades mágicas. Dos vários materiais que eram conhecidos e tinham um significado simbólico, os mais duráveis - metais e pedras - eram talvez os mais importantes, contudo certas madeiras traziam sua própria conotação simbólica específica, como também o incenso e mesmo um número de substâncias mais simples como cera, argila, e água.⁴⁸

Cor: As cores usadas na arte egípcia fazem com frequência uma afirmação simbólica, identificando e definindo a natureza essencial daquilo que é retratado, de modo que complementam e expandem a informação básica comunicada pelo artista na linha e na forma.⁴⁹

Número: Assim como os jogos de palavras verbais e “visuais” pareciam refletir um aspecto importante da realidade, as relações entre os números

⁴⁴ *Idem, Symbol & Magic in Egyptian Art*, London/New York, Thames&Hudson, 1994. p. 9

⁴⁵ *Idem, ibidem*, pp. 16-37

⁴⁶ *Idem, ibidem*, pp. 38-59

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 60.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 82

⁴⁹ *Idem, ibidem*, pp. 104-106

abstratos encontrados nos mitos e na natureza também eram vistas como padrões significativos retratando o planejamento divino e a harmonia cósmica. A significância dos números na arte egípcia deve ser vista como uma outra dimensão do simbolismo, tal como cor, tamanho ou forma. Mas também é necessário perceber que um número pode não ter realmente nenhuma significação específica no contexto no qual aparece. O artista pode escolher representar grupos de deuses ou animais, por exemplo, em números que tenham significados por si mesmos (2, o número da dualidade e unidade; 3, o número da pluralidade; e 4, o número da totalidade e da perfeição), mas não, necessariamente, adicionar ou dizer nada sobre um contexto particular.⁵⁰

Hieróglifo: Todos os hieróglifos egípcios são feitos de figuras, e muito da arte egípcia é por seu turno fortemente influenciada, ou muitas vezes feita de palavras hieroglíficas e signos escritos. Os elementos "ideográficos" individuais das imagens egípcias têm de ser "lidos" como os signos de uma inscrição, quer eles sejam mostrados abertamente, ou em outros casos mais sutilmente, visto que o uso dos signos hieroglíficos na arte egípcia é encontrado em dois níveis distintos.

No *nível primário de associação*, os signos são usados clara e essencialmente em suas formas escritas normais. Um exemplo clássico disto pode ser visto numa estátua de Ramsés II, onde ela não só fisicamente representa o rei, mas também soletra seu nome – Ra-mes-su.

No *nível secundário de associação*, objetos, pessoas, ou mesmo gestos podem representar, a fim de sugerir, a forma de signos hieroglíficos e desta forma soletrar uma mensagem simbólica.

Um outro aspecto do uso das formas hieroglíficas é a personificação. Tal expediente é usado para identificar uma hipóstase (ficção ou abstração considerada como real) – a personificação de idéias ou coisas não humanas – ou para enriquecer de alguma forma o valor simbólico de um objeto. Existem dois tipos de personificação: *Personificação formal* - figuras humanas que são feitas para personificar um objeto, um lugar, ou idéia, tal como "fogo", "o rio Nilo", ou "o Oeste". *Personificação simbólica* – inversamente, nos mostra objetos não humanos ou simbólicos, como um signo hieróglifo ao qual são dados atributos humanos. Ambos os tipos de personificação permitem que o artista egípcio incorpore o uso de hieróglifos

⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp. 126-135

nos contextos representacionais e realcem os aspectos simbólicos de uma dada composição.⁵¹

Ação: As ações simbólicas poderiam ser: *reais*, ligadas a atividades estabelecidas desde o início da história egípcia e que eram continuamente representadas simbolicamente; *míticas*, não tinham ligação com a realidade, mas eram de fundo mitológico; *iconográficas*, puramente propagandísticas e envolvendo ajustes na realidade.⁵²

Gesto: O uso simbólico dos gestos está entre os mais importantes aspectos do simbolismo inerente à arte egípcia. Mas é também um dos aspectos mais complexos e dos que precisam ser cuidadosamente estudados. Embora a fronteira entre a representação das ações simbólicas e gestos simbólicos possa parecer tênue à primeira vista, podemos definir gestos como movimentos individuais especificamente prescritos, posturas, ou poses que podem ser usadas como parte de uma atividade maior ou que possam funcionar independentemente. Embora uma grande quantidade de diferentes gestos possam ser isolados, o autor cita nove como os mais importantes e mais encontrados: dominação, submissão, proteção, louvor, invocação, oferenda, lamentação e regozijo.⁵³

O dito acima acerca dos aspectos simbólicos é bastante mais detalhado nos já citados livros de Wilkinson; nossa intenção era dar apenas uma idéia do que são estes aspectos. Wilkinson afirma que, embora nem todos estes aspectos sejam encontrados em cada uma das pinturas ou esculturas egípcias, uma boa quantidade de dimensões simbólicas pode estar presente.⁵⁴

Tanto quanto se sabe, os antigos egípcios não tinham uma palavra que correspondesse exatamente ao nosso uso abstrato da palavra arte. Eles com certeza tinham palavras para tipos individuais de monumentos os quais, hoje em dia, vemos como exemplos diferentes da arte egípcia – estátuas, estelas, tumbas, etc. Tentamos de uma maneira bastante rápida dar uma noção geral daquilo que seria importante para a compreensão do que estamos prestes a dizer, mas é importante que se ressalte que tais palavras não esgotam em absoluto o presente assunto.

⁵¹ *Idem, Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, London/ NY, Thames&Hudson, 1992. pp. 10-11

⁵² *Idem, Symbol & Magic in Egyptian Art*, London/New York, Thames&Hudson, 1994, p. 170

⁵³ *Idem, ibidem*, pp. 192-195.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 11.

2. A religião funerária

Todas as nossas fontes primárias iconográficas provêm do contexto funerário, e além disso, no período específico desta pesquisa, a maioria absoluta delas também trata de motivos funerários.

É claro que se pode dizer sempre que todas as pinturas ou baixo relevos das tumbas tratam sempre de motivos funerários, já que em pelo menos duas das várias interpretações a respeito, toda a iconografia encontrada nas tumbas trataria ou de uma lembrança da vida passada ou uma expectativa de futuro, e em ambas poderíamos dizer que os motivos sempre seriam funerários.

Por conta disso, não há como não abrir um espaço para falarmos sobre a religião egípcia, especificamente da religião funerária, narrando sempre que possível todos aqueles ritos dos quais iremos falar mais adiante.

"Nós sempre falamos sobre a morte como um dos grandes ritos de passagem da existência humana. Mesmo que acreditemos que a vida continua além da morte, ou acaba naquele momento, ou mesmo que admitamos que nós não sabemos, a morte é uma porta através da qual nós vamos todos passar. Cada civilização, antiga ou moderna, tem se confrontado com esta questão. A atitude de uma sociedade é um dos fatores que nos permite tanto definir sua cultura como compreender seu povo enquanto indivíduos, mesmo que suas reações a morte possam diferir das nossas."

"Entre os povos do mundo antigo, os egípcios ocuparam uma posição única no que diz respeito a sua atitude em relação à morte e à possibilidade de ressurreição, visto que tanto do que sobreviveu veio do contexto funerário. Os egiptólogos são afortunados por terem a sua disposição uma rica coleção de materiais que iluminam os processos mentais, os conceitos teológicos e as atitudes dos antigos egípcios. Apesar disso, nós ainda estamos a alguma distancia de um entendimento completo de seus sistemas e crenças."⁵⁵

Os egípcios, tal como os membros de outras sociedades antigas, viam sua terra natal como o centro do universo. O bem estar de sua terra estaria assegurado enquanto a ordem do cosmo fosse mantida através da atuação da vontade dos deuses. Então era preciso mantê-los satisfeitos com ritos e festividades.

Se as condições para perpetuar a vida na terra podia ser determinada, por que a vida após a morte deveria ser inatingível? E por que não seria esta nova vida uma existência eterna que guardasse apenas os melhores elementos da vida terrena e, pelo contrário, fosse completamente livre de qualquer tipo de infelicidade? Poderíamos dizer então que, por conta de seu grande amor pela vida, e provavelmente um grande pavor pela morte, os egípcios acabaram por elaborar uma forte crença em uma vida após a morte.

Alguns estudiosos chegam a nos chamar a atenção para o fato de que os egípcios parecem ter devotado mais recursos materiais e temporais na preparação

⁵⁵ TAYLOR, John H. Death and the afterlife in Ancient Egypt. London: The British Museum Press, 2001. p.7

para a vida após a morte e deixado muito de lado a criação de um ambiente mais propício para os vivos. Embora tal afirmação pareça exagerada não podemos esquecer que as casas dos vivos, mesmo os palácios dos reis, em sua maioria, eram construídos principalmente de materiais pouco duráveis (tijolos de lama, juncos e madeira), enquanto as tumbas para os mortos por sua vez eram quase todas construídas com pedras. Isto reflete o contraste aparente entre o caráter transitório da vida terrena e a eternidade da vida após a morte. A tumba era também conhecida como a “casa da eternidade”.⁵⁶

Na visão de mundo dos antigos egípcios, a existência do Egito e de seus habitantes, dependia na realização natural dos ciclos. O nascer e o pôr do Sol, as fases da Lua, o movimento das estrelas, a enchente anual do rio Nilo, o crescimento e a morte das plantas eram percebidos como manifestações das potentes forças criadoras e como signos que reasseguravam que a ordem ideal das coisas continuassem indefinidamente. A vida humana era vista como parte desse grande esquema de criação e individualmente como uma série de mudanças que se iniciavam no nascimento, passavam pela adolescência e pela vida adulta até chegar a uma idade avançada e à morte, que por sua vez era vista apenas como a derradeira mudança, que levava o indivíduo para um outro tipo, ou nível de existência.⁵⁷

A religião teve sempre grande importância na civilização egípcia. A funerária, em particular, desempenhou um papel muito importante. A religião propriamente dita tem um caráter mais local, tendo cada nomo o seu deus principal e seus deuses secundários, enquanto a religião funerária é universal: para todo o Egito, os deuses dos mortos e os ritos funerários são os mesmos.

As grandes cidades como Heliópolis, Hermópolis, Mênfis, Tebas etc., tiveram cada uma delas o seu sistema divino que explicava a criação do mundo pelo aparecimento sucessivo de casais divinos que simbolizavam as grandes forças da natureza. Esta seria uma religião culta, elaborada pelo clero dos grandes templos. Ao lado dela, a religião popular, mal conhecida, parece estar mais ligada ao culto de animais sagrados, cuja origem remonta ao período pré-dinástico. A religião é por toda parte rica em sincretismo, e é bastante natural a assimilação de deuses entre províncias.

A religião funerária, que nos interessa aqui, apresenta ao mesmo tempo um aspecto subterrâneo, um aspecto estelar e um aspecto solar, este último ligado ao rei e a alguns mortais comuns, que passavam a eternidade em companhia do deus-

⁵⁶ *Idem, ibidem.* pp.10/12.

⁵⁷ *Idem, ibidem.* p.12.

sol a bordo da barca celeste. No final do reino Antigo, estes três aspectos tendem a fundir-se num único sistema, que aos modernos parece cheio de contradições. No entanto, uma condição é essencial para que o morto possa sobreviver no alémtúmulo. É-lhe necessário um suporte material no qual a alma, ou outros elementos da personalidade do defunto, possam vir a integrar-se. O melhor suporte é o corpo, daí o aparecimento do ritos de mumificação, destinados a tornar o corpo eterno: se, porém, apesar de todas a proteções isto falhar, eram colocadas estátuas para o substituir.

A religião funerária era profundamente penetrada de magia em todos os seus aspectos. A princípio patrimônio do rei em caráter exclusivo, foi progressivamente aberta a camadas cada vez mais extensas da população – aquelas que, pelo menos, pudessem cobrir as despesas elevadas da mumificação, da construção e do equipamento da tumba, além da manutenção do culto funerário.⁵⁸

As práticas de inumação variaram no tempo. O túmulo primitivo, simples fossa oval, foi substituído pelas câmaras funerárias cada vez mais numerosas, desde o fim do Pré-dinástico. A sepultura complica-se ainda sob as primeiras dinastias do Reino Antigo, até desembocar nos complexos das grandes pirâmides e estabelecer-se durante o Reino Médio e Novo como as tumbas escavadas na rocha. Ao lado do rei, os particulares possuem também as suas “Moradas de eternidade”: as mastabas, e as tumbas⁵⁹.

Neste sentido, a iconografia funerária pode ser entendida como um conjunto de representações realizadas num contexto de práticas religiosas, que podem ser interpretadas como textos que traduzem modos de ser e agir dotados de historicidade.

Não se pode deixar de mencionar também que a religião funerária tem uma forte ligação com a magia e os signos e símbolos a ela ligados estão na base da compreensão das imagens que utilizamos já que estas estão completamente dentro do contexto funerário.

"Por definição, símbolos representam alguma coisa diferente do que eles realmente descrevem, e no Egito Antigo esse significado mais profundo estava invariavelmente ligado à verdadeira natureza da própria existência. O conceito egípcio de magia estava também baseado na idéia da natureza implícita das coisas – a crença numa força sobrenatural universal que era prerrogativa dos deuses mas disponível aos homens através de meios simpáticos. Assim os egípcios acreditavam que ao descrever ou representar uma situação - quer a destruição ou impedimento do mal, ou o encorajamento do bem - seria obtido o resultado desejado. A esse respeito o propósito da magia egípcia não difere essencialmente

⁵⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion S. *O Egito Antigo*, 1987, p. 92

⁵⁹ *Idem*, *Antiguidade oriental: política e religião*, 1990, pp. 44/46 e LÉVÊQUE, Pierre, *As Primeiras Civilizações I. os impérios do bronze*, 1990, pp. 136/138

*daquele da própria religião, com ambas compartilhando um objetivo comum àquilo que os antropólogos chamaram de "transformação de condição" – a modificação da realidade existente para uma situação mais desejável. E é contra esse pano de fundo que o simbolismo pictórico da arte egípcia deve ser entendido.*⁶⁰

2.1. A morte e como entender o ser vivente

"Na mais antiga literatura funerária do Egito (e do mundo) que se conservou, aquela que chamamos de Textos das pirâmides e data do III milênio a. C., num encantamento em que o rei é equiparado a uma divindade engendrada pelo deus criador Atum antes de qualquer outro ato de criação, diz-se a respeito que tal teria acontecido 'antes que existisse o céu, antes que existisse a terra, antes que existissem os homens, antes que os deuses tivesse nascido, antes que existisse a morte': a finalidade do encantamento é exatamente indicar que, tendo sido gerado antes da existência da morte, 'o rei escapa ao seu dia de morte' (Textos das Pirâmides, parágrafos 1466-1467). Deve-se compreender, então, que para os egípcios – pelo menos para os teólogos da época – a morte é uma parte do universo ordenado que derivou dos atos de criação: ao criar os seres vivos, o demiurgo criou também a morte, inexistente no caos primordial."⁶¹

A idéia da aparente fixação do egípcio com a morte é um assunto que pode-se dizer que praticamente faz parte do conhecimento popular. No entanto, a morte na concepção egípcia é infinitamente mais complexa do que pode a princípio parecer. A construção de uma tumba, que durante o Antigo reinado era uma ação reservada ao faraó, representante dos deuses na Terra, e a alguns poucos a quem o faraó concedia o especial favor. É bom lembrarmos que o rito funerário era bem mais do que a construção e provisão de uma tumba e o posterior enterro. O rito funerário também incluía toda a manutenção de cerimônias de oferendas a serem executadas por um sacerdote durante o tempo que fosse possível.

Durante o Reino Novo, a prática funerária, já bem mais difundida entre aqueles que poderiam arcar com as despesas, dividiam os egípcios em dois grupos visíveis: "aqueles que iriam usufruir uma vida após a morte", e "aqueles que com certeza pereceriam sem deixar nenhum vestígio de sua existência pregressa".

Os egípcios acreditavam que o mundo eram habitado por diferentes tipo de criaturas. Os textos religiosos classificariam todos os seres ativos em: deus, deusa, espírito *akh*, morto *mut* e pessoa viva.

Em primeiro lugar precisamos compreender como o egípcio pensava o ser vivo que, além do corpo físico, é a reunião dos vários elementos listados a seguir⁶²:

⁶⁰ WILKINSON, Richard, *Symbol & Magic in Egyptian Art*, London/New York, Thames&Hudson, 1994. p. 7.

⁶¹ CARDOSO, Ciro F. S., *Deuses, Múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.103.

⁶² *Idem, ibidem*. pp. 103, 104.

𓀀	ka	– a força vital, o “princípio do sustento”.
𓂏 ou 𓂐	ba	– o princípio de mobilidade ⁶³ .
𓂏	shu(y)t	– a sombra. Designa também uma parte da pessoa capaz de conter e transferir poder.
𓂏	ren	– o nome
𓂏	ib	– o coração (intelecto)

Tabela 2: Os vários elementos que compõem os seres vivos.

Khnum, o deus com cabeça de carneiro⁶⁴ que também poderia ser representado como um carneiro, dá forma num torno de oleiro ao corpo do ser vivo e também à sua duplicata, o *ka*. O *ka* representa a força vital, o princípio de sustento, aquele que garante a continuidade do ser.

A morte rompe os laços entre os diferentes elementos da personalidade, embora estes continuem existindo, agora separados.

O morto enterrado segundo os ritos da religião funerária assumia o *status* de um *akh* (em egípcio 𓂏): este se constituiria pela reunião do *ba* e do *ka* após a morte (bem como, supõe-se, dos demais elementos da personalidade), configurando a modalidade na qual o morto transfigurado, redivivo, existiria eternamente. O corpo, ou uma estátua (que poderia substituí-lo), deveria estar presente na tumba para suporte do *ba* e do *ka*, e, é claro, seria necessário manter na tumba formas de suprir as necessidades do falecido em termos de bebida, alimentação, vestimentas, diversão e tudo o que fosse necessário para mantê-lo pela eternidade.

Se depois da morte não fossem executados os rituais necessários, o morto seria apenas um *mut*, um morto sem existência posterior.

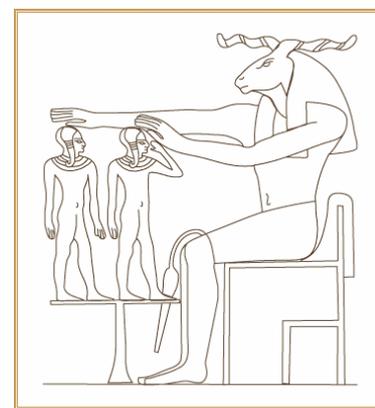


Figura 5: O deus Khnum dando forma ao corpo físico e a sua duplicata, o *ka*. The State Hermitage (online) http://www.hermitagemuseum.org/iedu_En/ae/external/zoom/aez32111.html

⁶³ A partir de fins do III^o milênio a.C. tal elemento deixou de ser exclusivo da realeza passando a ser também parte dos elementos dos homens comuns.

⁶⁴ O carneiro tal como o touro simboliza a virilidade e a fertilidade.

2.2. As diferentes concepções do além

“– Ó Atum, como pode ser que eu tenha viajado para um deserto que não tem água, nem ar, e que é profundo e impossível de revistar?
 “– Vive nele em contentamento!
 “– Mas aqui não se faz amor!
 “Eu dei o estado de *akh* em lugar de água, ar e amor carnal, contentamento em lugar de pão e cerveja – assim fala Atum –. Não te lamentes, pois não deixarei que sofras a falta de algo.”⁶⁵

Ao contrário do que se possa pensar ao verificarmos a aparente fixação do egípcio antigo à sua morte e às mortes de outros e sua dedicação a tais acontecimentos através da construção e montagem de sua “casa da eternidade” e posterior equipagem e a quantidade de tempo que ele gastava preparando todos os detalhes para este momento, poderíamos imaginar que para tal população a morte seria bem-vinda, ou mesmo vista como benéfica. Mas não é exatamente isto que verificamos. Ao que tudo indica:

“Os egípcios manifestavam, diante da morte, um terror pânico. Evitavam mencioná-la, e aos mortos, como tais. Assim, o verbo ‘morrer’ podia ser substituído por outro que significa ‘atracar’; os mortos eram com frequência objeto de alusão metafórica, chamados de ‘os vivos’, ‘os fatigados’, ‘os inertes’, ‘os ocidentais’ (já que as necrópoles estavam situadas habitualmente na margem ocidental do Nilo, em terreno desértico). A morte é designada em numerosos documentos como ‘um ladrão’ (em especial ao tratar-se do falecimento de crianças), descrita por vezes em termos extremamente negativos que, amiúde, deixam entrever dúvidas acerca da eficácia do ritual funerário: assim, por exemplo, quando em certas passagens se diz que o morto está ao lado da água ou da cerveja mas tem sede porque, inerte, não a pode alcançar. Desde o Primeiro Período Intermediário, na parte final do III milênio a. C., textos que se conservaram mostram uma atitude cética diante da religião funerária corrente: a de que se deve gozar esta vida, já que a outra é incerta (mesmo porque uma tumba construída como todo o cuidado pode ser destruída e saqueada, e as oferendas funerárias, interrompidas); cerca de um milênio mais tarde, também surgiu a idéia de que a verdadeira imortalidade é a do autor de textos lidos e copiados pela posteridade – ou seja, do escriba que deixou um nome através de seus textos (para um egípcio, o próprio fato de seu nome continuar sendo pronunciado serviria como uma garantia contra a aniquilação do ser, posto que, de certo modo, o nome é aquilo que representa).”⁶⁶

Existem fundamentalmente três grandes concepções sobre o além que acabaram por se acomodar e algumas vezes se amalgamaram em graus variados mesmo quando uma visão difere completamente de outra. Os egípcios não parecem ter sentido tal divergência e conviviam bastante bem, ao que tudo indica com tais visões e não achavam que deviam escolher entre elas. São elas:

- 1) a ressurreição da múmia na própria tumba, sua “casa da eternidade”;
- 2) um destino celeste, estelar ou solar;
- 3) a vida no mundo subterrâneo de Osíris.

⁶⁵ Livro dos Mortos, encantamento 175. FAULKNER, R. O., The Ancient Egyptian Book of the Dead. London: British Museum Publication, 1989. p. 175. Usando aqui a tradução para português do Prof. Ciro Cardoso em: CARDOSO, Ciro F. S., Deuses, Múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p 108.

⁶⁶ CARDOSO, Ciro F. S., *ibidem*. p 106.

Dependendo do período da história egípcia este sincretismo de concepções poderia tomar formas diferentes, e as três concepções aparecem, por vezes lado a lado e poderiam se opor sem maiores problemas.⁶⁷

O *ka* usando como suporte a múmia ou uma estátua, se por algum motivo a primeira não estiver disponível, recebe as oferendas de alimentos, bebida e vestimentas a intervalos regulares, ou realiza ele mesmo as cerimônias de oferenda em seu próprio benefício.

A partir do momento que admitiu-se ao lado do *ka*, “o princípio de sustento”, o *ba*, “o princípio de movimento”, primeiramente para os reis e em seguida para toda a população, foi possível amadurecer outra concepção que complementava a primeira:

"a de que o morto seria capaz de sair da tumba, buscando a luz durante o dia, voltando para o sepulcro à noite. (...) Se o morto transfigurado, feito um ser 'brilhante', ou akh dispõe de seu ba e portanto de sua mobilidade, da faculdade de efetuar as transições entre as diferentes dimensões – visíveis e invisíveis – do cosmo, torna-se perfeitamente possível imaginá-lo em qualquer das situações possíveis: ora na tumba, seu ba visto como um pássaro de cabeça humana pairando sobre a múmia, ora como estrela circumpolar no céu, ou ainda como navegante na barca solar no séqüito de Rá, por último como habitante do 'paraíso'agrário' subterrâneo governado por Osiris."⁶⁸

2.3. Os ritos e os textos guias para os mortos⁶⁹

A transição entre a vida terrena e a vida após a morte era um processo complexo que envolvia incerteza e muito perigo. A maior preocupação era com certeza a necessidade de assegurar oferendas ou meio de subsistência ao falecido por toda a eternidade, mas a tal preocupação seguia-se de imediato aquela sobre os perigos que levariam um morto despreparado a cair nas muitas armadilhas do caminho a ser percorrido. Os ritos realizados durante todo o processo logo após a morte e também aqueles executados diariamente desde então e os textos guias auxiliavam o morto durante sua passagem para a próxima vida e equipavam-no com os conhecimentos específicos de que ele iria precisar para se proteger e sustentar no futuro.

3.3.1. O EMBALSAMAMENTO

O processo mais completo de embalsamamento durava em média 70 dias, mas há casos em que tenha durado mais do que isso. Todas as suas etapas eram acompanhadas de leituras de textos rituais por sacerdotes. Os mumificadores de

⁶⁷ *Idem, ibidem.* p.109.

⁶⁸ *Idem, ibidem.* pp.110-111.

⁶⁹ TAYLOR, John H. *Death and the afterlife in Ancient Egypt.* London: The British Museum Press, 2001. pp.186-213.

mais alta hierarquia, até a XXI dinastia eram sacerdotes do deus Anúbis, que na mitologia funerária era especialmente ligado à proteção das múmias e ao processo do embalsamamento. No I milênio a.C. o *status* dos embalsamadores piorou muito e eles passaram a ser vistos de uma forma bem negativa e agourenta.

O processo de embalsamamento variou bastante conforme o período, mas listaremos aqui os passos básicos do processo completo:

1. *"Remoção de muitos dos órgãos internos (preservados separadamente; no Reino Novo, postos em jarros cujas tampas representavam os quatro filhos de Hórus, deuses protetores);*
2. *Cobertura, com um sal de sódio, o natrão, que ocorre naturalmente nos oásis egípcios e tem propriedades desidratantes e antissépticas, do corpo já esvasiado (e às vezes também, recheio provisório deste com pacotes de natrão), durante cerca de quarenta dias;*
3. *uma vez terminado o ressecamento pelo natrão, tratamento da pele para devolver-lhe mediante certas substâncias alguma elasticidade;*
4. *preenchimento das cavidades do corpo, resultantes da remoção de órgãos, após lavagem com vinho de palmeira (segundo Heródoto), com recheios que variaram segundo a época (sendo que em alguns períodos, as vísceras embrulhadas eram repostas dentro do cadáver);*
5. *envolvimento do corpo (começando com cuidadosa moldagem dos dedos das mãos e dos pés, e dos órgãos genitais) com tiras de linho, entre as quais se punham amuletos especificados pela literatura funerária, atividade que consumia cerca de 15 dias;*
6. *a partir de fins do III milênio a.C., teve início o hábito de cobrir a cabeça da múmia com uma máscara que reproduzisse os traços que tivera em vida, muitas vezes confeccionada de tecido endurecido com gesso e posteriormente pintada e dourada, mais tarde, no caso dos reis, feita de ouro ou prata com incrustações de lápis-lazúli e outros materiais preciosos.*"⁷⁰

3.3.2. OS RITOS FUNERÁRIOS



Figura 6: Parede 11 da Tumba 219 de Nebemmaat em Deir el-Medina. Mostra várias cenas de enterro: o transporte do corpo e procissão funerária, cadeira com buquê e oferendas, carpideiras, e ritual da abertura da boca diante da tumba e dos braços de Nut na montanha segurando o disco solar. MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXXI.

O período de luto propriamente começaria imediatamente após a morte e os ritos funerários teriam início tão logo o processo de mumificação tivesse terminado. Ao final desse período, os parentes do morto iam buscar o corpo na oficina dos embalsamadores.

⁷⁰ CARDOSO, Ciro F. S., op. cit, 1999. p.118.

Os textos egípcios não nos dão muitas informações sobre o que acontece com o *ka*, o *ba* e os demais elementos de uma pessoa durante o período de mumificação; é de se supor que eles imaginassem que durante este tempo o morto em questão ficaria num estado de animação suspensa até o processo estar completo e ele ser reanimado pelos ritos do dia do enterro.

O dia do enterro⁷¹

A iconografia do Reino Novo é bastante rica nas representações dos ritos de enterro. Deve-se ressaltar, no entanto, que algumas vezes a interpretação de tais cenas fica um tanto comprometida pelo entremeamento de cenas ocorridas em outros momentos (como o transporte do corpo para os embalsamadores) e também de várias cenas de caráter simbólico, como parece ser o caso daquelas relativas à peregrinação a Abidos. De maneira geral, no entanto, as cenas são rapidamente identificáveis.

Não há a representação de todas as etapas de um enterro. Não existe, por exemplo, a arrumação do corpo já mumificado dentro do sarcófago, mas é possível ver as cenas de transporte do corpo até a tumba, algumas vezes apenas carregado, por servos, outras, colocado numa espécie de plataforma em forma de capela e este conjunto em cima de uma carreta com uma base com um formato de barco. Tal carreta, adornada com flores e plantas, era puxada por bois ou por familiares ou amigos do sexo masculino.

Independentemente de como se movimentava, o corpo na carreta, era seguido de uma procissão de parentes de ambos os sexos, sendo que as mulheres em sua maioria são quase sempre mostradas como carpideiras, facilmente reconhecíveis por sua aparência: cabelos despenteados, seios expostos, bocas abertas e posturas contorcidas. A viúva, pelo contrário, é representada freqüentemente, pelo menos durante o Reino Novo, de joelhos ao lado da múmia. Homens por vezes também eram representados como lamentadores, mas suas imagens eram bem menos dramáticas.

A procissão também poderia incluir os embalsamadores e vários sacerdotes chefiados pelo sacerdote leitor levando um pergaminho do qual lia encantamentos. Também poderia haver servidores trazendo os equipamentos funerários, que eventualmente incluiria móveis, vestimentas, calçados, vasos canopos (que guardavam as vísceras retiradas do corpo), estátuas, shabtis (pequenas estatuetas usadas para representarem o morto na corvéia real) e também oferendas de bebidas e alimentos.

⁷¹ TAYLOR, *Op. cit.* pp.187-190.

Quanto mais recursos materiais houvesse disponível, mais espetacular seria tal procissão.

Como os enterros eram normalmente no lado oeste, muitas vezes era necessário atravessar o rio Nilo, mas no caso dos moradores de Deir el-Medina, tal ação não seria realmente necessária, já que os cemitérios, ficavam na mesma margem. No caso de precisarem fazer a travessia, o sarcófago era colocado num barco com os vasos canopos e depois da travessia a múmia passava pelo ritual de purificação antes de prosseguir seu trajeto até a tumba, onde mais rituais seriam realizados para proceder à transfiguração do morto. Bailarinos (os *muu*) esperavam o cortejo junto à tumba, e executavam sua dança tão logo este chegasse.

A abertura da boca⁷²

O mais importante dos rituais realizados na tumba era, sem dúvida alguma, o ritual de “Abertura da Boca”, cujo propósito era o de reanimar a múmia. Tal ritual inicialmente servia apenas para animar as estátuas e dotá-las da capacidade de acolherem o *ka* vivente para receber as oferendas, mas já no Reino Antigo o ritual foi adaptado para ser executado também nas múmias com o propósito de restaurar no falecido o uso de sua boca, seus olhos, seus ouvidos e nariz habilitando-o a ver, ouvir e receber o alimento para sustentar o *ka*.

Descrições do ritual durante o Reino Novo mostram a múmia colocada de pé numa área de areia limpa na entrada da tumba. O ritual em si, conhecido como abertura da boca, era formado de vários atos de purificação e oferenda executados ao mesmo tempo que textos eram lidos pelo sacerdote. O mais importante desses atos era aquele que teria sido adaptado do ritual das estátuas, que consistia num sacerdote tocar a boca da máscara da múmia com um cinzel, com uma enxó e outros instrumentos, incluindo um objeto bifurcado chamado de *pesesh-kef*. Ao que tudo indica, uma das partes deste ritual envolvia o uso de uma perna de um bezerro recém-sacrificado.

Todo o ritual era dirigido por um sacerdote, de preferência o filho mais velho do morto, chamado sacerdote-*sem*, que agia como um intermediário entre o morto e o mundo dos mortos. A partir do Reino Novo, o deus Anúbis se desincumbia deste papel ou pelo menos participava da ação de alguma forma.

O ritual da abertura da boca era considerado tão importante para os egípcios que chegavam incluir na tumba, todos os materiais para que o ritual fosse executado pelo próprio morto se assim fosse necessário.

⁷² *Idem, ibidem*, pp.190-192.

Depois deste ritual procedia-se à leitura da lista de oferendas destinadas regularmente ao defunto na capela da tumba.

O ritual de oferenda

Depois de finalizado todo o ritual de abertura da boca, tínhamos então o primeiro dos rituais de oferendas, que seria executado logo a seguir. O ritual de oferenda, como o anterior, era composto de vários rituais individuais de purificação, libação, queima de incenso e apresentação de comida e bebida.

"Após a instalação da múmia, fechada em seu sarcófago, na infra-estrutura da tumba, acompanhada da mobília funerária – bloqueando-se o poço ou a escada de acesso –, tinha lugar uma refeição ou banquete funerário, constando centralmente de carne, aves e vinho; terminada a comida, pratos e taças eram quebrados e enterrados perto da entrada da tumba. Todo o material usado no embalsamamento era também enterrado nas imediações, por conter fragmentos do cadáver. Outras partes do morto não guardadas nos vasos canópicos eram inumadas numa espécie de trouxa encimada por uma efígie do rosto do morto: o tekenu."⁷³

3.3.3. O CULTO FUNERÁRIO

Depois de todo o procedimento da mumificação e do dia do enterro, o ritual não estava propriamente finalizado. O que estava finalizado era apenas levar o morto até sua "casa da eternidade". Mas depois disso, a manutenção do morto no além dependia da manutenção de um culto funerário. Isto iria assegurar que oferendas seriam feitas, segundo um calendário pré-estabelecido, na capela da tumba.

O planejamento para a morte envolvia muito mais do que apenas a mumificação e o enterro. O que nos interessa aqui é que os rituais posteriores também poderiam ser representados na iconografia da tumba, pois se a imagem da ação executada substituiria magicamente a ação real, seria uma boa idéia deixar tais cenas pintadas nas paredes das tumbas caso o ritual em si parasse de ser executado por qualquer razão.

O culto funerário, além das oferendas de comida e bebida, envolvia também a realização de rituais de purificação, leitura em voz alta de textos e o pronunciamento do nome do morto em voz alta. Tais procedimentos poderiam ser executados por um dos filhos do falecido, de preferência o mais velho – o que provavelmente nos remete ao mito de Hórus executando os rituais funerários a seu pai Osíris. No caso da impossibilidade do executante ser um filho, este poderia ser um irmão ou um outro parente do sexo masculino ou então um sacerdote contratado para este fim.

⁷³ CARDOSO, Ciro F. S., Deuses, Múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.123.

A manutenção de um culto como este pressupunha o estabelecimento, ainda em vida, dos meios que permitiriam não só o provimento das oferendas como também o pagamento dos oficiantes. Isto normalmente era feito através da separação do produto de uma parcela das terras do “futuro morto”.

Se as despesas relativas ao embalsamamento, à construção de uma tumba e ao pagamento da confecção dos demais aparatos necessários para o funeral (sarcófago, máscara mortuária, estatuetas, shabtis, amuletos, etc.) já eram proibitivos para a maioria absoluta da população, arcar com as despesa de um culto funerário que deveria ser mantido “pela eternidade” seria praticamente impossível para muitos. Uma opção seria a colocação de estátuas que representassem o morto nos templos locais, dessa forma eles participariam das oferendas diárias feitas aos deuses.

É claro que no caso dos reis tais cultos seriam bem mais elaborados, enquanto que as cerimônias dos cultos destinados aos mortos não pertencentes à família real seriam com certeza bem mais simples e envolveriam bem menos pessoal. Mas os atos, simples ou elaborados, seriam basicamente os mesmos.

A parte pública da tumbas, a capela, continuaria sendo visitada pelos familiares e pelo público em geral.

“Uma vez por ano, em Tebas, realizava-se a ‘festa do vale’, que incluía uma refeição efetuada na tumba pela família do defunto. Como os mortos participavam da dimensão divina – cada múmia era, após a abertura da boca, ‘um Osíris’–, achavam os egípcios que podiam interceder pelos vivos: assim, ao atravessar situações especialmente difíceis, os parentes podiam fazer petições aos mortos na forma de cartas depositadas na tumba.”⁷⁴

Afora este tipo de funeral, existia também aquele paraticado pela maioria da população, bem menos elaborado e infinitamente mais “barato”. O problema é que tais enterros deixaram bem poucos vestígios, o que nos impede de conhecermos melhor tais procedimentos.⁷⁵

3.3.4. ENTERROS E CULTOS FEMININOS

Não há nenhuma menção especial para enterros de mulheres. O processo de mumificação era o mesmo, os ritos funerários eram provavelmente adaptações dos ritos executados para os homens e o culto funerário era partilhado com os membros masculinos da família, pai ou marido. Não há, pelo que saibamos, nesta época registros de tumbas exclusivamente femininas fora da família real, e as mulheres compartilhavam as tumbas do marido ou do pai.

⁷⁴ *Idem, ibidem.* p.126.

⁷⁵ *Idem, ibidem.* p.127.

3.3.5. TEXTOS FUNERÁRIOS

São vários os textos de caráter funerário existentes no antigo Egito. O propósito essencial de tais textos é dar ao morto uma espécie de guia e ao mesmo tempo um conjunto de importantes informações de como se livrar de armadilhas e conseguir passar com segurança por todo o processo que transfigurava o morto ao estado de *akh*. A colocação desse conjunto de informações ou encantamentos variou de acordo como o período, nas paredes das capelas das tumbas, nos sarcófagos, em papiros, estelas e nas ataduras nas quais a múmia era envolta.

Não havia um número certo de encantamentos e a quantidade deste poderia variar bastante. A coleção mais antiga foi encontrada no interior das paredes das pirâmides na necrópole menfita entre o final da V e o final da VIII dinastia, a este grupo de escritos convencionou-se chamar de Textos das Pirâmides. Tais textos eram de uso essencialmente real, mas algumas seções poderiam ser usadas em enterro não reais.

Algumas partes dos Textos das Pirâmides são hinos endereçados a vários deuses, ou recitações para assegurar a ressurreição do rei e proteção contra influências malignas. Outras partes tratam da cerimônia da abertura da boca, e de ritos de oferendas. Este conjunto de textos reflete a crença numa vida depois da morte astral, entre as estrelas circumpolares, que antecede as idéias daqueles que acreditam numa vida num além solar, em companhia do deus sol.

O Reino Médio foi um momento no qual as crenças e práticas funerárias foram democratizadas e a vida após a morte garantida a todos aqueles que pudessem pagar. Por isto começaram a ser incluídos muitos outros encantamentos que davam conta dessa nova situação e nova clientela, e os escritos passaram a ser feitos na superfície de madeira dos ataúdes embora pudessem ser encontrados nas paredes de algumas tumbas, nas máscaras de algumas múmias ou mesmo em papiros, a esta nova compilação, em sua maioria escrita em hierático, a escrita cursiva dos egípcios, os egiptólogos deram o nome de Textos dos Sarcófagos.

Os Textos dos Sarcófagos diferiam muito de seus predecessores. O deus-sol não mais era o deus único, Osíris é o rei que abençoa os mortos que têm a esperança de viver eternamente, é o deus ao qual o morto precisa se assimilar, tornando-se ele próprio um Osíris. Um outro conceito novo é a crença da vida após a morte ser no que se chama de "Campo dos Juncos" onde tarefas agrícolas os esperam. Foi nesse momento que se iniciaram as fórmulas que trariam as *shabtis* à vida, para que pudessem substituir seus donos nos trabalhos agrícolas.

Durante o Reino Novo, surgiu uma nova compilação de textos, "Encantamentos para sair para a luz do dia", que se convencionou chamar de

“Livro dos Mortos”. Não existia uma versão única deste livro. Existia um conjunto de encantamentos, dos quais se costumava copiar alguns num papiro e colocá-lo junto com o morto. Existiam cópias prontas, com os encantamentos mais usuais, onde se deixava o espaço apenas para preencher o nome do morto, ou, se fosse o caso, de uma pessoa de posse, poderia pagar a cópia e escolher quais encantamentos estariam presentes.

O *Livro dos Mortos* fornecia instruções e acesso ao poder mágico de assistir o falecido em sua passagem para a vida no além e em sua existência lá. Na sua maior parte, os encantamentos eram “pessoais”. Diferentemente de seus predecessores, o *Livro dos Mortos* era ricamente ilustrado com vinhetas. Sua versão completa contém cerca de duzentos textos separados.

Além destes já citados, que se ocupavam do destino do morto em sua vida no além, existiam ainda outros tipos de textos que descreviam a jornada noturna e rejuvenescimento do deus Sol, os maiores deles, o *Livro dos Portões* e o *Livro das Cavernas*. Ao conjunto dessas obras dá-se o nome de *Livros do submundo*.

Todos estes livros, exceto os dois primeiros (Livro das Pirâmides, e o dos Sarcófagos), são abundantemente usados nas representações de nossa fontes, e apenas por conta disso, achamos ser de interesse mencionar tais assuntos, ainda que de forma superficial.

3.3.6. OBJETOS MÁGICOS

Os egípcios acreditavam que objetos e imagens poderiam ter e transmitir poderes mágicos. Por conta disto cobriam as paredes das capelas de suas tumbas com imagens e também se asseguravam de serem colocados junto consigo no momento de sua morte vários objetos que poderiam ajudá-los em sua vida no além.

Várias das características mágicas desses objetos são citadas no Livro dos Mortos. Jóias, que poderiam ser aquelas que o morto usava em vida, ou então feitas especificamente para os enterros, eram dos itens que parecem sempre ter estado presente. Amuletos de formas e cores diferentes também eram dispostos tanto no momento do enfaixamento das múmias, como também poderiam apenas ser colocados por cima do corpo. Vários outros objetos, tais como *shabtis*⁷⁶,

⁷⁶ Pequenas estatuetas mumiformes que respondiam pelo proprietário da tumba quando estes eram chamados para os trabalhos agrícolas da corvéia real.

estatuetas de fertilidade⁷⁷, estátuas que poderiam ser usadas pelo *ka*, caso houvesse qualquer tipo de problema com a múmia.

Todos esse objetos, e móveis, vestimentas, calçados, armas, faziam parte habitual do que era colocado na tumba e selado com o morto em sua câmara mortuária. O morto poderia inclusive ser acompanhado por seu animal favorito, também mumificado, em sua vida no além.

⁷⁷ Estatuetas de mulheres jovens e nuas encontradas em tumbas e em outros contextos que provavelmente eram usadas com o intuito facilitar a concepção. Maiores informações no capítulo III.



Capítulo II – Deir el-Medina

Muito do que sabemos sobre o antigo Egito nos chega através dos grandes monumentos e tumbas reais e também daqueles pertencentes aos funcionários graduados. Há, no entanto um povoado localizado na margem oeste do Nilo onde vivia um grupo de artesãos especializados que nos oferece um outro conjunto de informações, sobre como viviam as pessoas responsáveis pela construção das tumbas reais no Vale dos Reis durante todo o período de sua existência.

A primeira coisa para a qual chamamos a atenção é o fato de que contrariamente à crença comum, os trabalhadores que construíram as tumbas no Vale dos Reis não eram escravos, nem eram sacrificados ao final de cada construção para salvaguardar o segredo de sua localização. A própria existência deste povoado dá amplas provas disso. De fato, a comunidade de Deir el-Medina, era formada por artesãos altamente especializados que passavam suas experiências de pai para filho e que praticamente durante todo o tempo de existência da vila viveram única e exclusivamente em função da construção das tumbas de um novo rei, tão logo o antigo falecesse.⁷⁸

O interessante é que as escavações em Deir el-Medina trouxeram a luz uma gama variada de informações a respeito da vida cotidiana de uma parte da população egípcia. São registros oficiais, textos literários, cartas particulares e desenhos, mostrando-nos algumas situações que, sem a existência de Deir el-Medina, nunca teríamos a oportunidade de conhecer.

⁷⁸ **BIERBRIER**, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000. p. 9

Diante das congeladas imagens egípcias tão conhecidas, às vezes temos dúvidas acerca dos retratados. Seriam eles reais ou apenas uma ilusão magnificamente engendrada pela mente humana? Sabemos, é claro que tais imagens nos dizem a respeito do trabalho e de inúmeras atividades e eram provavelmente a visão que uma parte ínfima da sociedade egípcia tinha daqueles que executavam tais atividades. O interessante ao ler uma coisa do tipo “O capataz Paneb uma vez advertiu seu colega Hay: *‘Eu vou te pegar nas montanhas e vou te matar’*”⁷⁹ é que faz com que os egípcios pareçam adoravelmente humanos, coisa que nem sempre conseguimos visualizar. A ameaça, segundo Bierbrier, acabou não se concretizando.

Não há muita documentação a propósito dos primeiros tempos de Deir el-Medina, mas é possível que o primeiro faraó a formar o grupo de trabalhadores que acabou dando origem à aldeia tenha sido Amenhotep I (1525-1504 a.C.)⁸⁰, já que este e sua mãe são claramente adorados como patronos do povoado, o que se pode constatar pelas várias cenas em que são homenageados nas tumbas destes artesãos e também por várias estátuas e estelas encontradas na localidade. Tem-se a certeza, no entanto que a comunidade existia sob seu sucessor, Thutmosis I (1504-1492 a.C.).

É bastante provável que o povoado tenha surgido como parte do processo de tentar dar uma maior proteção às tumbas reais e afastar os ladrões. Afinal os roubos às tumbas dos reis foram praticados desde sempre, e os faraós da XVIII dinastia acharam por bem separar os templos funerários das tumbas propriamente ditas. Então, enquanto os templos continuavam visíveis, a idéia foi encontrar um lugar “mais protegido” para a última morada dos reis. O ato em si não teve nenhum efeito, já que as tumbas do Vale dos Reis, onde passaram a ser enterrados os faraós, sofreram tantos ou mais assaltos do que as outras tumbas. Mas para o que nos interessa aqui, tal ato, o de passar a construir as tumbas reais nessa localidade, é o que nos proporcionou a criação do povoado conhecido atualmente como Deir el-Medina.

⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 29.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 14.

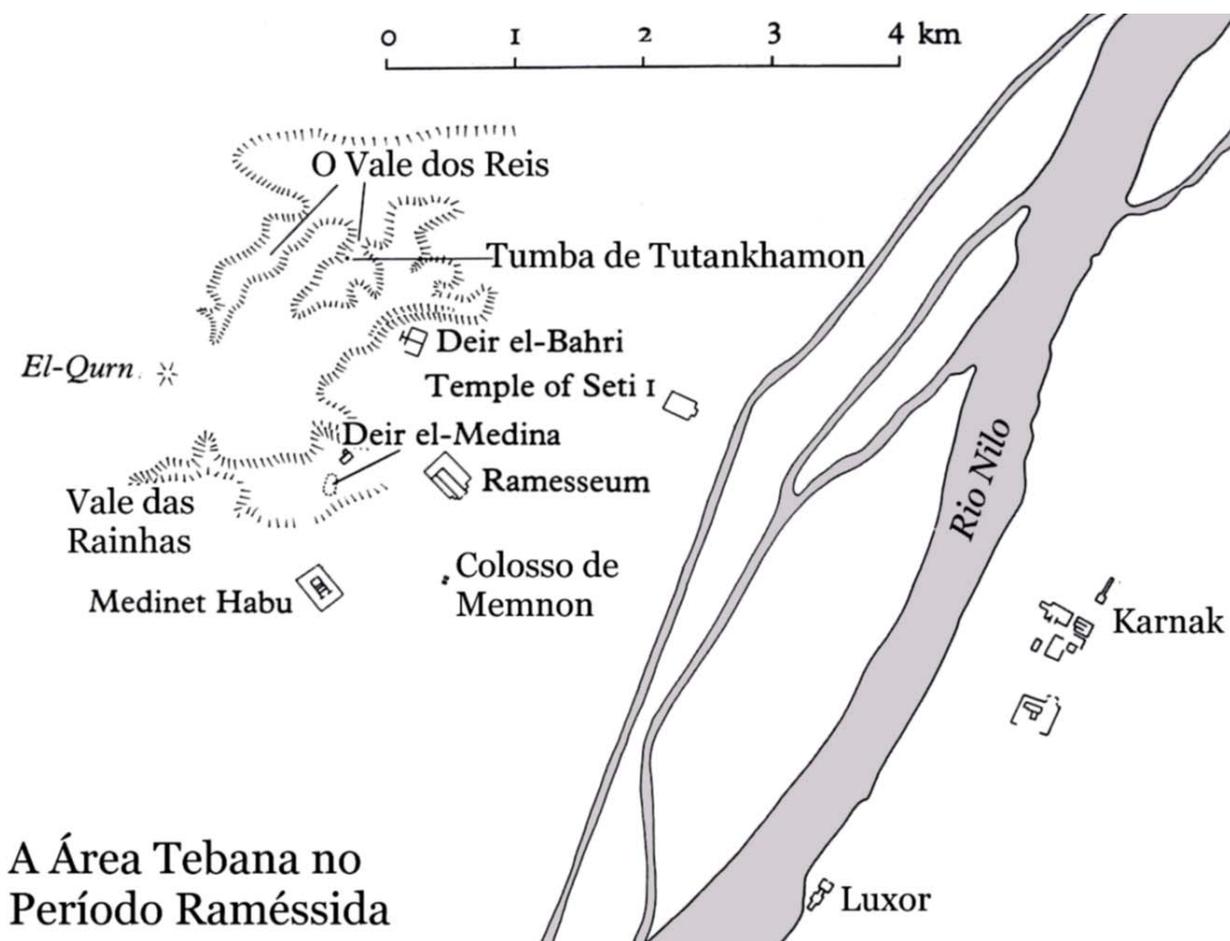


Figura 7: Mapa da Área Tebana no período raméssida. BIERBRIER, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000. pág. 16

O nome atualmente dado a localidade pelos estudiosos, "Deir el-Medina", quer dizer em árabe "monastério da cidade" e a comunidade tomou esse nome por conta da existência de um monastério ptolomaico nas proximidades. Situada na margem oeste do Nilo em oposição a Luxor, o local da antiga Tebas, a aldeia abriga-se num vale entre os penhascos do deserto e é protegida por uma muralha em torno das casas e é dividida por duas ruas paralelas preenchidas em sua extensão por filas de casas estreitas.

A busca da vida no além, longe de ser uma ação que preocupava apenas a realeza nesse período, já estava amplamente aberto a quem pudesse arcar com as despesas, não só da construção da tumba propriamente, mas também dos cultos que deveriam ser realizados.

O povoado de Deir el-Medina sobreviveu enquanto os faraós construíram suas tumbas no Vales dos Reis, e durante todo esse tempo, os mesmos artesãos e funcionários envolvidos nas construções das tumbas reais também construíram tumbas para si mesmos. E são algumas dessas tumbas que vão nos interessar aqui.

Não se sabe o que aconteceu com a aldeia durante o período de Akhenaton/ Amenófis IV. Não há registro no local do nome deste faraó, mas nada indica que o lugar tenha sido totalmente abandonado neste intervalo de tempo.

Durante a XIX dinastia, principalmente nos reinados de Seti I e Ramsés II, Deir el-Medina atingiu seu apogeu em número de moradores e prosperidade. No momento do falecimento de Ramsés II, Deir el-Medina compreendia sessenta e oito casas dentro de suas muralhas e cerca de quarenta em seus arredores. E a partir daí até o advento dos reis da XXI dinastia o povoado foi decaindo em importância até ser completamente abandonada por seus moradores que foram transferido para Medinet Habu, onde foi estabelecida uma outra aldeia de artesãos construtores.

Ao partirem da região a população deixou para trás uma série de pertences como móveis, e utensílios domésticos, e é exatamente tais objetos, somados aos resultados dos estudos das próprias construções da localidade, que nos permite saber um pouco mais sobre a vida cotidiana desses trabalhadores e suas famílias.⁸¹

O título mais comum usado para as mulheres em praticamente todos os períodos da história egípcia é o de "Senhora da Casa". Tal 'honraria' não estaria ligada ao domínio absoluto de uma residência, mas com certeza ela seria considerada responsável pelo bom funcionamento das funções básicas de uma moradia. Por conta disso, resolvemos detalhar o máximo que for possível esta parte de nossa vasta contextualização. Estes assuntos domésticos seriam com certeza onde melhor conseguiríamos reconstituir nossa imagem de mulher se tivesse sido possível encontrar fontes primárias suficientes que nos contassem a respeito das mulheres comuns e suas tarefas diárias.

1. A vida cotidiana em Deir el-Medina

Dada a escassez de escavações em localidades de moradias, não há realmente como discutir muito os assentamentos rurais no antigo Egito onde a maior parte da população, com forte caráter agrícola, vivia. Aos arqueólogos e demais estudiosos resta apenas aquilo que se pode reconstruir através dos vestígios deixados pelas comunidades com funções não agrícolas estabelecidas em terrenos desérticos, bem mais favoráveis à conservação do que aquelas estabelecidas muito mais próximas da água.

Do Reino Novo, o sítio mais bem conservado é sem dúvida Deir el-Medina, que nos oferece muitos exemplos de como ocorria a vida doméstica nesse tipo de

⁸¹ MONICA, Madeleine Della. *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1980. pp. 30-31.

comunidade. Muito do que se fala a respeito da vida cotidiana durante o período conhecido como Reino Novo é retirado de exemplos escritos e arqueológicos advindos deste povoado, o que não deixa de ser interessante, já que esta comunidade, por sua própria especificidade como a reunião de um grupo de artesãos especializados – escultores, pintores, desenhistas, escribas –, não poderia de verdade nos dizer muito a propósito da maioria das outras estritamente rurais ou urbanas. Deir el-Medina é bastante *sui generis* e artificial como forma de comunidade por conta de sua uniteralidade e dependência de Tebas.

Em primeiro lugar, teríamos a diferença fundamental do conhecimento da escrita, que, mesmo que não fosse comum a todos aqueles que viveram em Deir el-Medina, seria sem sombra de dúvida completamente desconhecida aos moradores de qualquer ajuntamento de cunho agrícola. Em segundo lugar seu próprio nível de especialização já seria uma marca de diferença fundamental.

Sob outro ponto de vista, o das relações sociais e da vida comum, as informações que se poderia retirar daí seriam mais propícias à generalizações para o resto das comunidades do período⁸².

O propósito de Deir el-Medina, como dito anteriormente, era abrigar escribas e trabalhadores especializados que desenharam e construíram as tumbas reais do Vale dos Reis e dos familiares do faraós no Vale das Rainhas. Foram resgatadas mais informações a respeito dessa comunidade do que de qualquer outra no antigo Egito. Sua população com um nível bastante alto de conhecimento da escrita, nos deixou um rico material escrito que o deserto cuidou de preservar junto com suas casas e tumbas construídas nas proximidades.

O assentamento de Deir el-Medina inclui pelo menos doze fases de construção⁸³. Em sua fase final, a vila com um muro ao redor tem um formato sub-retangular e ocupa uma área de 5.600m². O formato arquitetônico dá algumas importantes informações a respeito da vida diária de seus habitantes. Por exemplo o tamanho de suas ruas principais ou de seus menores becos e vielas é tão estreito que só podemos imaginar que o movimento por ali devia ser bastante difícil. Isto nos sugere que muitos devem ter usado as áreas mais livres de tetos contíguos para se movimentar através da vila, possibilitando talvez uma outra forma de acesso às casas através dos telhados.

⁸² MESKELL, Lynn. *Private Life in New Kingdom Egypt*. New Jersey: Princenton University Press, 2002. pp.39-44.

⁸³ VALBELLE, D. *Les Ouvriers de la Tombe. Deir el-Médineh à l'époque ramesside*. Cairo: Institut Français d'Archeologie Orientale, 1985. p.442.



Figura 8: Reconstituição de Deir el-Medina – MARUCCI, Liege Maria de Souza *et alii*, *Egitomania: O fascinante mundo do Antigo Egito*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2001. pp 850-851 – vol. IV.

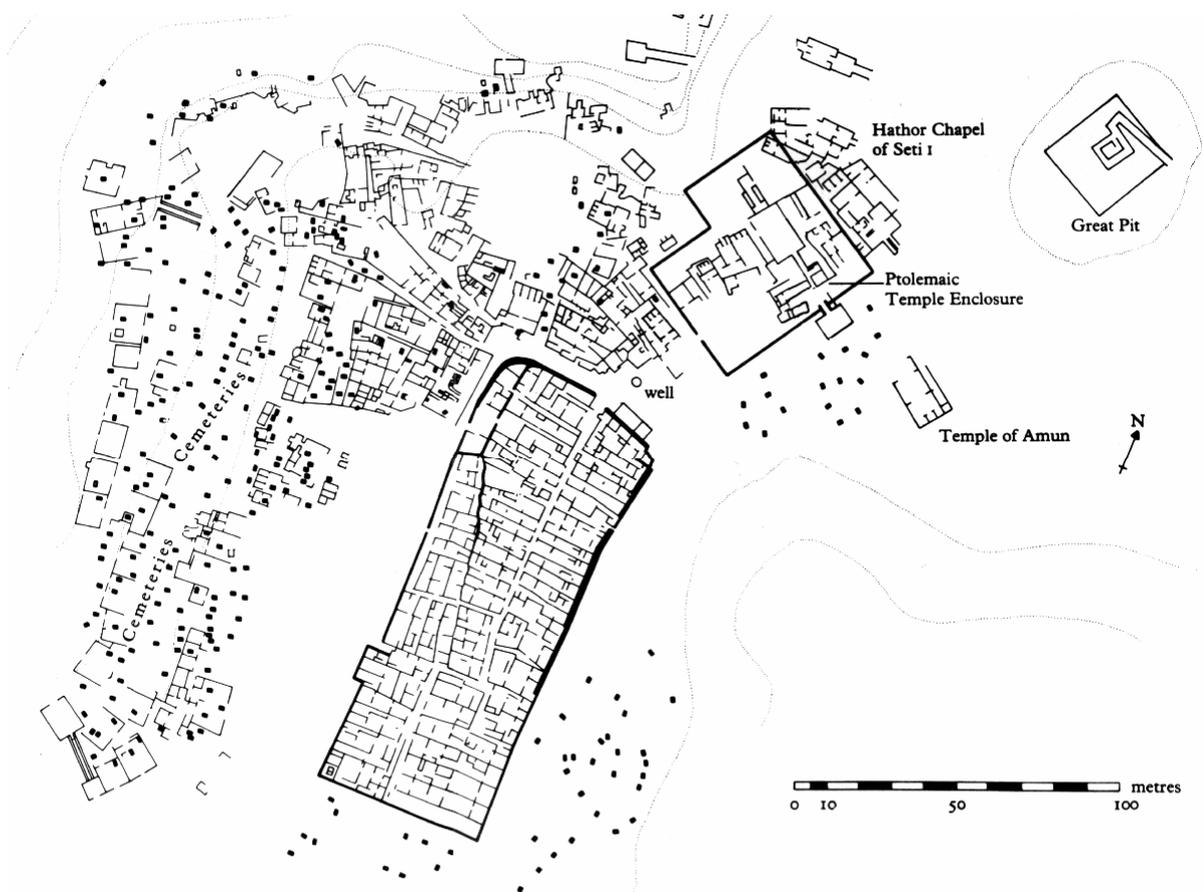


Figura 9: Esquema da aldeia e das tumbas em Deir el-Medina. BIERBRIER, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.



Figura 10: Vista recente do sítio de Deir el-Medina. Primeiro plano a vila, ao fundo o cemitério. © Institute of Egyptology, Waseda University, <http://www.waseda.ac.jp/projects/egypt/sites/DeM/004-E.html>

Os telhados contíguos também reduziriam a área exposta ao sol, o que provavelmente abrandaria a temperatura dentro das casas. A maior parte das residências tem uma escada que permitem o acesso ao telhado e a mobilidade entre os vários blocos de diferentes alturas. É bastante possível que uma boa parte das atividades domésticas, tais como criação de pássaros, pendurar roupas para secar, estocagem de algum tipo e mesmo dormir nas quentes noites do verão ocorresse no telhado, como no Egito dos dias atuais.⁸⁴

As condições das estruturas que restaram das casas em Deir el-Medina, também mostram que várias partes foram refeitas, adicionadas e modificadas e é bastante provável que tais trabalhos de construção fossem feitos pelos próprios moradores, que iam modificando as casas segundo suas necessidades a cada nova família a habitar no local; o conhecimento em construção dos artesãos residentes assim o permitiria.

1.1. As casas

O assentamento de Deir el-Medina continha sessenta e oito casas dentro de suas muralhas (algumas outras fora também) e todas eram construídas de tijolos de barro sobre uma fundação de pedra. As casas eram particionadas em um número de cômodos que variava de três a dez, sendo que o número mais comum

⁸⁴ MESKELL, Lynn. *Op. cit.* p.40.

variava entre quatro e seis. Essas casas alongadas tinham uma área que variava de 40 a 120m², sendo a média de 72m²⁸⁵.

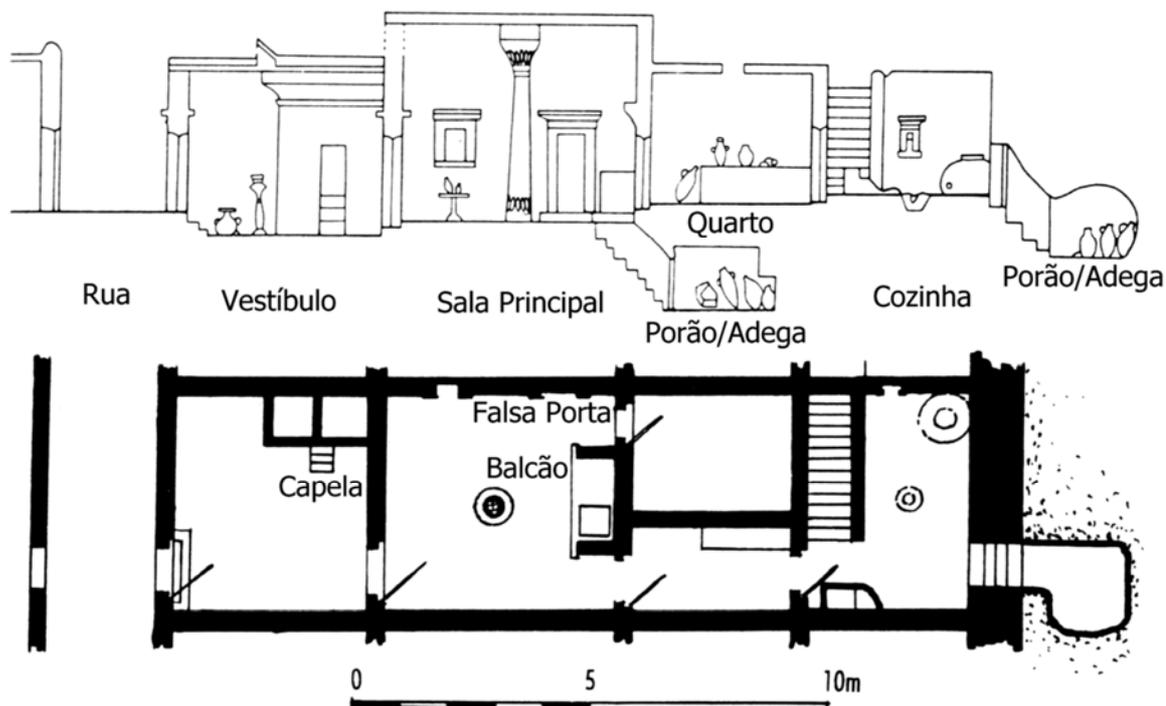


Figura 11: Plano e corte de uma casa de trabalhador típica em Deir el-Medina. **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pág.89.

O primeiro cômodo da casa, que poderíamos chamar de vestíbulo, variava em torno de uma área de 8 a 24m². O acesso era feito através de degraus que era necessário descer, já que a casa ficava num nível mais baixo do que o da rua. Tal sala continha pelo menos um nicho na parede que servia para as estatuetas de deuses do culto doméstico ou pequenas lamparinas a óleo para iluminação noturna. O cômodo tinha uma pequena abertura na parte superior para entrada de luz e ventilação. Num dos ângulos é freqüente encontrar uma construção retangular em tijolo cujo uso não foi possível determinar com certeza. A este bloco se tinha acesso por uma escada de três ou quatro degraus, e ele parece ser um tipo de leito fechado, já que a estrutura mostra uma espécie de dossel. Esta construção é decorada com cenas de gineceu onde o deus Bés protegia e organizava os nascimentos. Sugeriu-se que tal peça seria colocada logo na primeira das salas da residência para que os visitantes pudessem honrar as gerações que ainda estavam por nascer⁸⁶.

⁸⁵ **VALBELLE**, D. *op. cit.* p.117.

⁸⁶ **MONICA**, Madaleine Della, *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1980. pp. 33. **FRIEDMAN**, Florence D., "Aspects os domestic life and religion". IN: **LESKO**, Leonard H. (ed.) *Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994.

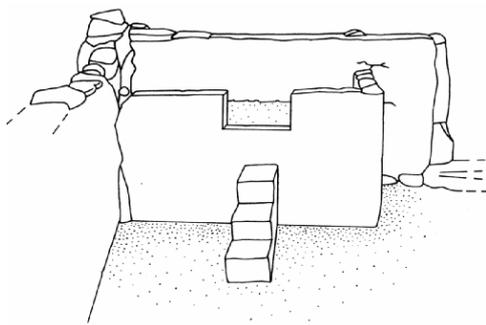


Figura 12: Estrutura que poderia ter sido um leito. LESKO, Leonard H. (ed.) *Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994.

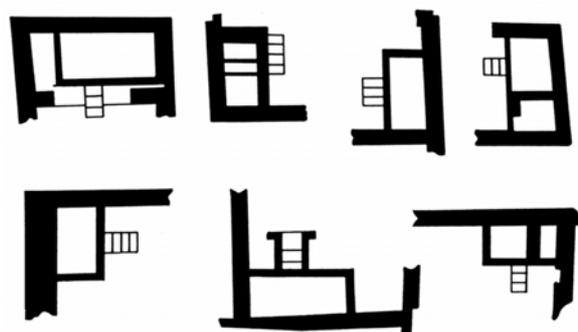


Figura 13: Planos dos vários formatos encontrados nas casas. LESKO, Leonard H. (ed.) *Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994.

O segundo aposento era mais central e maior do que o primeiro. Continha geralmente uma coluna central que decorava o ambiente, além de sustentar o teto do ponto mais elevado da casa. Havia também aberturas para iluminação e ventilação. Em ambos os cômodos parece que havia uma espécie de rodapé alto, pintado de branco que serviria para mostrar qualquer inseto que por ali passasse⁸⁷. As paredes desse cômodo exibiam pequenos nichos, provavelmente para a colocação de imagens de deuses e lamparinas. As paredes também apresentavam "falsas portas"⁸⁸, mais por razões rituais do que pelas decorativas. O ornamento principal dessa sala era uma plataforma que podia ser no centro ou em uma das paredes, construídas de tijolos numa altura que variava de 60 a 70 centímetros.



Figura 14: Reconstituição do interior de uma casa egípcia da vila de Deir el-Medina. Primeiro Exemplo. © Gabriele, Ricerca sull'Egitto
<http://members.xoom.virgilio.it/GabryLeo/>

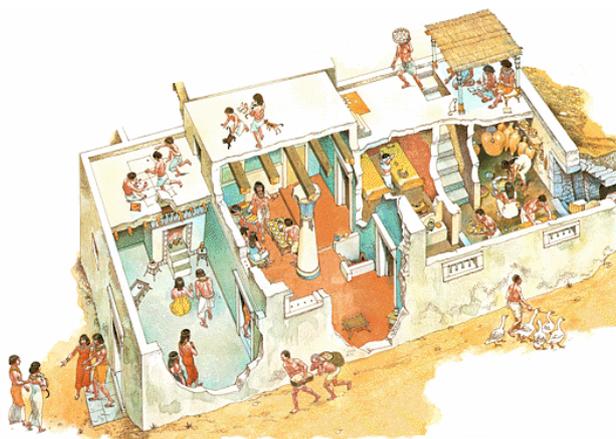


Figura 15: Reconstituição do interior de uma casa egípcia da vila de Deir el-Medina. Segundo Exemplo. Microsoft Ancient Lands, 1994.

Sob essa estrutura estava habitualmente uma passagem que levava a uma espécie de porão de 3 a 4 metros de profundidade, onde eram guardados alguns bens e provisões. Esta construção servia para que se sentassem durante o dia, ou mesmo fizessem suas refeições e possivelmente dormissem durante a noite, estendendo uma esteira. Tal aposento ocupava uma área de 14 a 26m².

⁸⁷ *Idem, ibidem*. p.33.

⁸⁸ As "Falsas Portas" representavam uma passagem que permitia que os deuses ou os mortos interagissem com o mundo dos vivos e estão comumente associadas com rituais de oferendas.

Uma série de cômodos menores seguiam até o final da extensão da casa e variava de 3 a 6m². Esses cômodos eram destinados às áreas de cozinha, quartos e pequenos compartimentos para armazenagem de alimentos e do que fosse necessário; e quase sempre existiam outros compartimentos sob o chão para estocagem de cerâmica e outros bens.

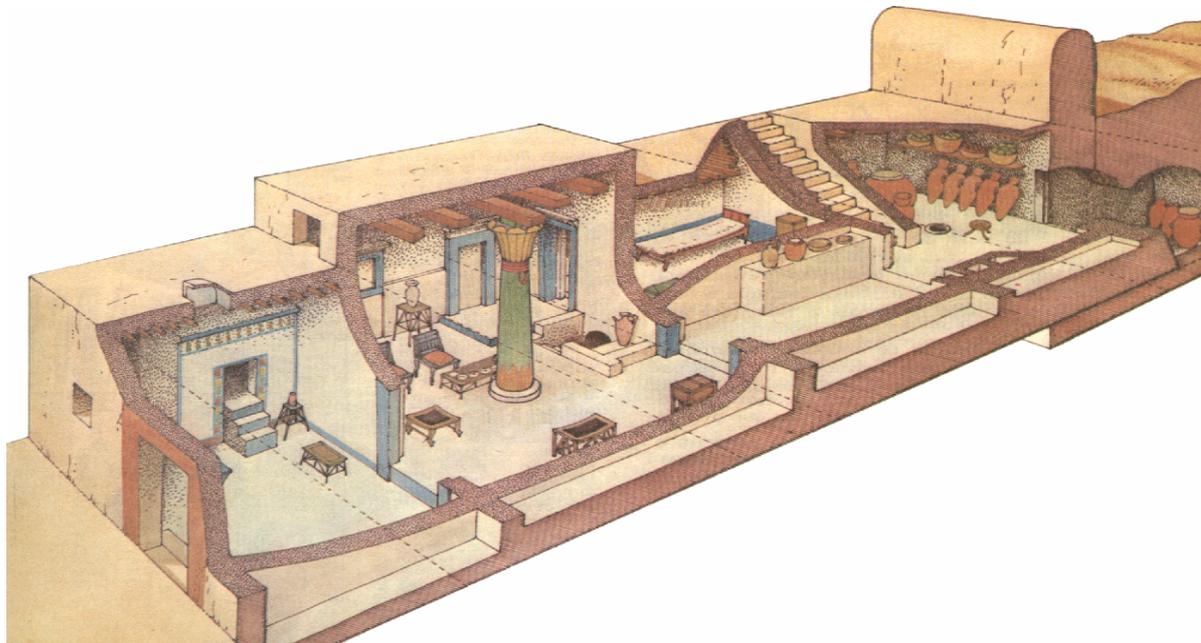


Figura 16: Reconstituição de uma casa da vila de Deir el-Medina, terceiro exemplo. CASELLI, Giovana. *As primeiras Civilizações*, São Paulo: Melhoramentos, 1986.

Era nessa parte dos fundos da casa que a escada para o telhado estava localizada. Alguns arqueólogos chegaram mesmo a pensar na possibilidades de um segundo andar, mas isso parece bastante improvável, principalmente se levarmos em consideração que as paredes eram finas demais (cerca de 35cm) para terem suportado um segundo andar, além de não haver no local das casas quantidade suficiente de destroços para que se pensasse de verdade nessa possibilidade.



Figura 17: O Uso de Telhados - Reconstituição de casas egípcias. UNSTEAD, R. J. (coord.), *Uma cidade Egípcia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp22-23

A presença de muros em torno da cidadela não deve ser vista como uma forma de defesa: ao que tudo indica, tal fato deveria antes ser visto como uma manifestação tipicamente egípcia, muito usada na arquitetura doméstica⁸⁹.

⁸⁹ MESKELL, Lynn. *Private Life in New Kingdom Egypt*. New Jersey: Princenton University Press, 2002. p.40.



Figura 18: Deir el-Medina – Reconstituição. ©VVAA(vários autores) *Atlas del Antigo Egipto*, Madrid 2001. A imagem foi obtida inicialmente através do site: Amigos de la Egiptología <http://www.egiptologia.com> (Barcelona, España). Agradecimentos especiais à Pilar Peres Gonzalez que prontamente enviou uma cópia com melhor definição.

1.1.1. A MOBÍLIA⁹⁰

Os móveis eram bastante simples e restringiam-se ao essencial. Podemos citar:

Camas – os únicos exemplos de camas foram encontrados nas tumbas de pessoas com melhor condição financeira e parecem ter sido bastante raras no mobiliário cotidiano normal. Talvez fossem usadas apenas por pessoas abastadas e aquelas de mais idade. Eram estruturas bastante simples, o estrado sendo feito de junco trançado e cruzado pelo centro da estrutura de madeira.

Esteiras – Eram usadas praticamente por todos os habitantes, feitas principalmente de palha de alfa⁹¹ ou de junco trançados. Variavam de 1,70 m a 2 m de extensão e 0,75 de largura. Foi também encontrado nas tumbas uma espécie de apoio para cabeça feitos de pedra ou madeira. Não se sabe entretanto se tais

⁹⁰ **MONICA**, Madaleine Della, *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D’Amérique et D’Orient, 1980. pp.34-36.

⁹¹ Espécie de gramínea

apoios teriam sido efetivamente usados no dia-a-dia dos habitantes de Deir el-Medina.

Cadeiras – As encontradas em Deir el-Medina são bastante simples e funcionais. Assentos de junco trançado, encostos de madeira levemente curvada para seguir a forma das costas.

Bancos e escabelos – também bastante rústicos, são totalmente de madeira, mais baixos do que as cadeira, e têm normalmente três pés. Madaline Della Monica nos chama a atenção para que, nas escavações, é comum encontrar cadeiras associadas aos enterros de homens, enquanto os escabelos associavam-se aos das mulheres. O que se poderia concluir daí?

"Que os homens tinham o direito de sentar-se nas cadeiras mais altas? Ou talvez essa diferença se explique pelo fato de que as mulheres, para os trabalhos domésticos (fiação, tecelagem, cuidados maternos), precisavam de um assento mais baixo? M. Bruyère, que examinou atentamente as pinturas nas paredes das tumbas, as cenas de vida privada, estima que as duas explicações são plausíveis. O homem também usava assentos mais baixos em suas atividades, mas ele usava a cadeira mais alta no momento em que representava seu papel de chefe da casa, da família, de superior hierárquico de uma administração ou de inspetor de domínio."⁹²

Mesas – Supõe-se que as mesas que vemos nas representações com oferendas eram também usadas em casa no dia-a-dia para refeições e outros usos, mas não há realmente comprovações a este respeito.

Baús e caixas – tinham uma importante função para guardar tecidos, roupas, alimentos e utensílios variados.

1.2. A alimentação

É possível conhecer alguma coisa sobre os hábitos alimentares dos egípcios antigos, principalmente através das representações de mesas de oferendas, pelas listagens dessas mesmas oferendas, e também pelos próprios alimentos muitas vezes deixados dentro das tumbas. A arqueologia também já trouxe à luz diversos utensílios que nos permitem ter uma idéia relativamente clara sobre como o trabalho poderia ter se desenvolvido nas cozinhas.

1.2.1. A COZINHA E SEUS UTENSÍLIOS⁹³

Era sempre a última peça da casa, normalmente sem cobertura, e o elemento principal seria o forno para assar os pães, em um dos cantos do aposento. Outros utensílios importantes encontrados são aqueles usados para a

⁹² *Idem, ibidem.* p.36.

⁹³ *Idem, ibidem.* pp.37-38.

fabricação do pão, um almofariz para moer os grãos com a ajuda de pesados pilões de madeira ou de pedra e uma base em forma de bacia para o preparo da massa. Algumas cozinhas possuíam um silo para o armazenamento de grãos. Havia também ânforas e grandes jarros, alguns afixados ao chão, provavelmente com reservas de água para beber, cozinhar e demais usos da família.

Vários dos preparados culinários, como os assados, por exemplo, eram feitos em fogueiras descobertas, usando uma espécie de espeto.

O fogo se obtinha com a rotação rápida de uma varinha sobre um pedaço de madeira. Usava-se uma pequena armação para dar mais velocidade à vareta e um pedaço de madeira na parte superior para dar sustentação.

Praticamente todos os utensílios de cozinha eram feitos de cerâmica. Esta tinha uma cor que variava de acordo com sua composição. Era feita de argila amassada e água, e a mistura, depois de dada a forma seca e ao sol, ou cozida a baixa temperatura, era freqüentemente coberta com uma substância líquida terrosa que lhe proporcionava uma camada impermeável e facilitava a decoração. A cerâmica encontrada em Deir el-Medina é em sua maioria utilitária, com uma decoração bastante rudimentar⁹⁴.

Dentre os objetos do dia-a-dia são encontradas também as grande ânforas de fundo pontudo que ficavam de pé num buraco feito no chão, ou numa armação feita de madeira. Tais ânforas parecem ter sido utilizadas para o armazenamento de água e de cerveja. Menos importantes são os jarros ápodes que eram sem dúvida usados pelas mulheres para pegar água nos reservatórios do local. Alguns outros jarros servem para guardar o óleo usado na cozinha, e alguns outros para o vinho. Existiam ainda outros tipos de cerâmica, de formatos variados, para os diversos usos de cozinha, incluindo pratos, tigelas e algumas peças em formato de taças, com e sem pé, usadas para a ingestão de líquidos.

1.2.2. AS COMIDAS E BEBIDAS⁹⁵

Durante o Reino Novo, faziam-se três refeições por dia: uma refeição matinal, uma ao meio-dia e a última a noite. Numa lista de oferenda em uma tumba em Deir el-Medina, pode-se ler:

"Primeiro registo (sem dúvida a refeição da manhã): água, pão, biscoito, três tipos de bolo, dois tipo de carnes, vinho, cerveja; segundo registo (sem dúvida o jantar): mel, 'água vermelha'(?), três tipos de carnes, pães triangulares, pão redondo, vinho, passa, leite, água."⁹⁶

⁹⁴ *Idem, ibidem.* p.37.

⁹⁵ *Idem, ibidem.* pp.39-44.

⁹⁶ *Idem, ibidem.* p.39.

A alimentação egípcia parece ter sido bastante rica e variada, o que não significa que todos tivessem acesso a esta variedade. Os trabalhadores de Deir el-Medina faziam parte de um grupo que possuía alguns privilégios, e, portanto, tinham acesso a um grupo relativamente variado de alimentos. Vejamos alguns desses alimentos.

Pão – Sabemos com certeza que o pão era a base da alimentação, e pelas várias representações pode-se deduzir que o mesmo era feitos em diversos formatos, ainda que a massa de base fosse a mesma. Pode-se imaginar que, além dos formatos variados, os egípcios tentassem dar sabores variados ao pão com o acréscimos de frutas e mel ou mesmo variando as formas de execução em seu processo de cozimento. A feitura do pão era uma das atividades atribuídas as mulheres.

Carne – Durante o Reino Antigo são diversas as representações de açougue nas paredes das tumbas, o que nos faz pensar que os egípcios, pelo menos aqueles mais abastados, seriam grandes apreciadores e mesmo consumidores de carne. Em Deir el-Medina foram encontrados nas tumbas diversos pedaços de carne seca que parecem ter sido defumados ou salgados. Isso parece indicar que a carne consumida provavelmente assada ou grelhada fazia parte da dieta de parte dos trabalhadores.

O que não se pode ter certeza é se ela era consumida regularmente ou se apenas durante os dias de festa. As carnes usadas, além da bovina, teriam sido a de carneiro, porco e cabra, já que nas pinturas são criações destes animais que são mostradas. Havia também as aves capturadas às margens do rio Nilo; pelo que se percebe das figurações das tumbas, parecem ter feito parte das refeições da época.

Peixe – Os peixes não constam habitualmente das listas de oferendas e isso se dava provavelmente por motivos religiosos. Numa das várias vertentes da crença popular, o morto devia renascer dentro da água primordial sob a forma de um peixe. Alguns textos chegam mesmo a proibir, em caráter regional, a ingestão de alguns peixes, mas apesar desses raros textos, e da não representação dos peixes nas mesas de oferendas pintadas nas paredes das tumbas, o peixe, como era de se esperar era um alimento central para os antigos egípcios. Era consumido fresco ou seco ao sol, ou ainda salgado. *“Peixe seco, pão e cebolas era a base da alimentação diária da população egípcia.”*⁹⁷

Legumes e verduras – São representados abundantemente nas mesas de oferendas, individualmente ou em maços. Cebola e alho-poró são conhecidos desde

⁹⁷ *Idem, ibidem.* p.41.

as primeiras dinastias e as propriedades diuréticas deste último são mencionadas no papiro médico Ebers. Heródoto menciona que a alimentação dos trabalhadores era sobretudo composta de rabanetes, cebolas e alhos. Ainda que ele tenha escrito sobre tais assuntos num momento bem posterior, mesmo quando se refere aos períodos anteriores, é bastante provável que tais dados sobre alimentação não tivessem variado tanto assim no tempo, e são encontrados com certa abundância exemplos desses alimentos e outros nas tumbas tebanas. Faziam ainda parte da alimentação o pepino e a alface. A esta última era atribuídas propriedades “*que tornavam os homens mais apaixonados e as mulheres fecundas*”⁹⁸.

Grãos – São encontrados em abundância em diversas ânforas e cestas nas residências e tumbas de Deir el-Medina. Alguns deles não se sabe exatamente como teriam sido utilizados. Dos grãos encontrados podemos citar: trigo, trigo duro, cevada vermelha e branca, coentro, gergelim e sementes de melancia.

Frutas – Parecem ter sido bastante apreciadas e existem inúmeros exemplos nas tumbas da região. Dentre aquelas mais consumidas estão os figos doces, que poderiam ser frescos ou secos. Eram usados também figos de sicômoro, frutos da jujuba, uva fresca ou seca, melancia, melão e também romãs e maçãs que foram trazidas ao Egito pelos hicsos.

Mel – Usado para adoçar os alimentos, a princípio era obtido de abelhas selvagens, mas desde o Antigo Reinado é possível ver em um baixo-relevo do tempo de Abusir um exemplo de criação de abelhas. As abelhas eram criadas dentro de colméias feitas de cerâmica ou em cestas cobertas de terra. O mel era considerado de origem divina. O deus Rá chorou e suas lágrimas caíram sobre o solo e transformaram-se em abelhas que produzem a partir das flores o mel e a cera. O mel era usado também para adoçar o vinho e para a confecção de produtos farmacêuticos. Ele era conservado em grandes jarros com tampa.

Óleos e Gorduras – os egípcios utilizavam principalmente a gordura animal para cozinhar: gordura de ganso, de vitela, de boi. Eles também usavam creme de leite e uma espécie de manteiga líquida. A azeitona foi trazida pelos hicsos e o óleo de oliva foi a partir de sua época no Egito muito usado na cozinha e na iluminação. Por causa da distância entre Deir el-Medina e os locais de criação acredita-se que os laticínios não eram muito comuns na alimentação de seus habitantes.

Sal – Era monopólio do Estado, fornecido nos entropostos reais. Foram encontrados nas escavações cinco grandes bolos cinzento de sal marinho puro num formato retangular que devem ter sido moldados numa forma de madeira.

⁹⁸ *Idem, ibidem.* p.42.

Cerveja – Poderíamos dizer que era considerada uma espécie de bebida “nacional” do Egito. Era uma bebida feita de cevada fermentada que pouco tem a ver com a bebida atual.

Vinho – Era considerado um luxo e não foram encontrados cântaros de vinho em todas as tumbas, o que nos indica que apenas poucos teriam condições de ingerir vinho com alguma regularidade. A maior parte da população só devia beber vinho durante as grandes festas.

1.3. As vestimentas e enfeites⁹⁹

O inverno era uma estação fria, mas o verão, quente demais, parece ser o motivo óbvio pelo qual em várias representações as pessoas sejam mostradas com muito pouca roupa ou até mesmo completamente nuas. As roupas eram feitas de linho, que poderia ser produzido em várias espessuras e ter qualidade variável.

Roupas femininas – Foram encontrados, envolvendo as múmias de mulher, grandes retângulos de tecido com franjas em todos os quatro lados. Pensou-se a princípio tratar-se de uma mortalha, mas M. Bruyère, deduziu, através dos exemplos das pinturas nas tumbas, que tratava-se na verdade de vestidos. Tais tecidos mediam dois metros de extensão por um metro de largura. Veja-se na imagem ao lado a reconstituição.

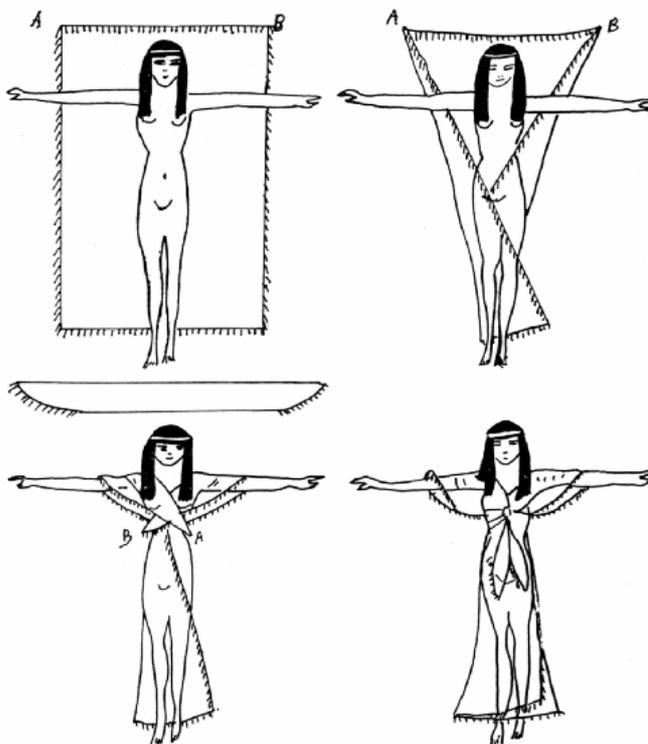


Figura 19: Reconstituição segundo Bruyère da vestimenta das mulheres durante o Reino Novo. MONICA, Madaleine Della, La classe ouvrière sous les pharaons... Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1980. pp. 45.

⁹⁹ *Idem, ibidem.* pp.45-51.

Roupas masculinas – A única roupa usada pelos homens em Deir el-Medina parece ter sido a tanga curta. Esta tanga se apresentava como uma peça de linho branco ou cru que se enrolava em torno da cintura. É possível que os homens também usassem uma camisa, pelo menos é o que se permite supor por conta da camisa de linho grosso, sem manga, que foi descoberta no cemitério do lugar.

Roupas das crianças – as crianças ficavam nuas até a puberdade, quando recebiam suas roupas: uma tanga para os meninos e um vestido para as meninas.

Calçados – Foi encontrada uma grande quantidade de sandálias nas tumbas, o que indica que as mesmas devem ter sido muito apreciadas e usadas. São, no entanto, modelos bastante simples. Ainda assim, as representações nos mostram um grande número de pessoas descalças. Isto poderia indicar que as sandálias seriam usadas apenas em algumas ocasiões, quando o caminho a ser percorrido pudesse machucar os pés.

Durante o reinado de Ramsés II se fez um grande uso de calçados. Numa Estela do ano sete de seu reinado ele afirma "*que ele fez distribuir todos os dias sandálias aos operários que trabalhavam para ele*"¹⁰⁰. O que sem dúvida permitiria que os trabalhadores pudesse chegar a seu destino sem queimar os pés na areia quente.

Penteados e perucas – Seja com o próprio cabelo, seja com perucas, os penteados parecem ter tido um papel bastante importante para os egípcios de qualquer época. As representações de atividades diárias, diversão ou cerimônias nos mostram sempre uma gama bastante variada de possibilidades de como mostrar os cabelos, os homens de cabelos curtos, os sacerdotes (equanto seu turno no templo) carecas e as mulheres com longos cabelos.

Parece que, principalmente nas datas festivas, tanto homens quanto mulheres usavam perucas feitas de cabelos naturais com um estofamento interior de fibras vegetais para torná-las mais volumosas. As masculinas eram geralmente curtas, na altura do pescoço, e arredondadas, seguindo o formato da cabeça. As femininas, longas até o meio das costas e formadas de inúmeras pequenas tranças. As crianças, até a idade de receberem suas roupas usavam uma trancinha lateral – diferente para meninos e meninas – que era a marca da infância.

As representações tebanas do Reino Novo, mostram, sobre os cabelos ou perucas, um pequeno cone branco arredondado. Tal cone, constituído de gordura

¹⁰⁰ Citado por: MONICA, Madaleine Della, *ibidem*. p. 47.

perfumada, derretia-se, mantendo cabelos e pele, além das roupas, hidratadas e perfumadas.

Jóias, maquiagens, perfumes e demais cuidados – Os enfeites eram muito apreciados, e, na falta de ouro e pedras semi-preciosas, as pessoas mais simples usavam bijuterias feitas de cerâmica e bronze. Colares, braceletes, tornozeleiras, brincos eram usados sempre que possível e muitos tinham mais do que a simples função de enfeitar. As principais jóias tomam por vezes funções de talismãs e são usados nos pontos mais vulneráveis do corpo humano, nos locais onde pulsam as artérias e onde, segundo as crenças antigas, era necessário reter o fluido vital¹⁰¹.

Todas as cenas de purificação nas várias cenas das tumbas mostram com certeza a preocupação dos egípcios com a limpeza em geral. Nos textos literários é costume verter água nas mãos do homem que volta do trabalho e nos pés dos visitantes, para livrá-los da poeira.

O acessório de toalete mais importante parece ter sido o espelho. Existe pelo menos um espelho em cada uma das tumbas de mulheres e em muitas das de homens. E, para os homens, uma navalha teria sido imprescindível, já que era o costume manterem-se imberbes.

Perfumes e maquiagem parecem ter sido também muito importantes no cotidiano para toda a população, independentemente da situação econômica. A quantidade de potes e jarros para maquiagem e perfumes encontrados nas tumbas é enorme.

Homens e mulheres e muitas vezes crianças de todas as condições faziam uso do kohl nos olhos, já que este não tinha apenas uma função estética, mas também ajudava a proteger os olhos contra poeira. Além de maquiagem os egípcios também usavam um número variado de unguentos, pomada, essências e perfumes. Mas a composição e muitas vezes o uso desses produtos não é muito bem conhecida. A análise revela a presença de cera de abelha, de resina e óleo vegetal aromatizado.

Não podemos afirmar que todos esse produtos fossem realmente usados por toda a população de Deir el-Medina, mas com certeza seriam conhecidos e mesmo almejados.

¹⁰¹ MONICA, Madaleine Della, *ibidem*. p.48.

1.4. *Animais Domésticos*¹⁰²

No Egito antigo, como tantos outros lugares, o cão parece ter sido um companheiro constante do homem. Os egípcios também apreciavam no entanto a companhia do macaco e do gato que são bastante representados nas tumbas de Deir el-Medina. Um outro animal que também era apreciado era o ganso, sem dúvida por conta de sua associação com o deus Amon.

Ao lado desses animais ditos domésticos, devemos mencionar o asno, que dava uma ajuda preciosa ao trabalho a ser executado e também a criatividade dos egípcios no que diz respeito à domesticação de animais. As aves mais comumente domesticadas eram: gansos, patos, pombos e durante o Reino Novo, a galinha foi introduzida, vinda da Mesopotâmia.

Não sabemos até que ponto os habitantes de Deir el-Medina chegaram realmente a criar animais. Não havia muito espaço para tal. Talvez eles se contentassem apenas em ter um cão ou um macaco, se possuíssem os meios para alimentá-los.

1.5. *Festividades e Divertimentos*¹⁰³

A música parece ter sido a melhor fonte de entretenimento para os trabalhadores. Foram encontrados vários instrumentos musicais em suas tumbas, o que nos mostra que apreciavam a música, mas também poderiam aprender um instrumentos para conseguir um serviço extra acompanhando o canto e a dança das numerosas festas e cerimônias que ocorriam durante o ano.

A dança e o canto, por sua vez, eram a forma mais popular de arte. Existem vários exemplos que nos mostram a coreografia dessas danças, mas não há realmente como saber sob qual tema musical elas se desenvolviam, já que não temos nenhuma exemplo de notação musical da época para nos dar qualquer idéia.

Além da música e da dança os egípcios conhecem outros tipos de diversão, diversos jogos que são mencionados em tumbas de diversos períodos: jogo do ar cheio, jogo do sentado, jogo do bastão, jogo de bola, etc., além, é claro, dos jogos de tabuleiro, como o senet e o jogo da serpente, por exemplo. As crianças também poderiam ter brinquedos feitos de madeira ou de barro, no feitio de animais.

¹⁰² *Idem, ibidem.* p.58.

¹⁰³ *Idem, ibidem.* pp.55-57.

1.5.1. AS FESTAS ANUAIS

Eram várias as festas que aconteciam durante o ano, vejamos algumas delas:

Nome da Festa	Data	Propósito/Observações	Duração
Festa do Nilo	15/Thot – inundaç�o	Abria as festividades anuais. O rei dançava diante da est�tua de Hathor em Dendera e liba�es eram feitas por toda a popula�o.	15 dias
Festa de Opet	M�s de Phaophi	O deus Amon: saia do templo em Karnak e ia para o templo de L�xor, onde encontraria sua esposa e permaneceria l� por v�rios dias	11 dias
Festas de Os�ris	No final da esta�o da inunda�o	Os�ris, o deus dos mortos e da ressurrei�o, assimilado � germina�o, ajudaria a ter uma boa safra.	18 dias
Festa do Vale	M�s de Payni	O deus Amon saia de Karnak e visitava os deuses e reis na necr�pole de Tebas.	12 dias

Tabela 3: Calendário de algumas das Festas egípcias de acordo com: **MONICA**, Madaline Della, La classe ouvri re sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp 157-161.

Das festas citadas, a Festa do Vale era a mais importante para os trabalhadores de Deir el-Medina. Durante as festividades, todos os moradores da margem esquerda do rio Nilo tinham o privilégio de preparar o caminho que o deus iria tomar e precediam o cortejo da estátua divina.

Neste trajeto os sacerdotes faziam purifica es e aspersões de água lustral que beneficiavam todos os defuntos visitados.

1.6. A contagem do tempo

O ano egípcio tinha 365 dias e era assim dividido: 12 meses de 30 dias, repartidos em três esta es de quatro meses, juntavam-se 5 dias adicionais. Corre es eram feitas eventualmente para acertar o ciclo mas acabavam por ficar confusas, por conta do quarto de dia que eles não contavam.

		
1ª Esta�o: AKHET – inunda�o	2ª Esta�o: PERET – sementeira	3ª Esta�o: SHEMOU – colheita
1º M�s: THOT – julho/agosto	1º M�s: TYBI – novembro/dezembro	1º M�s: PACHONS – mar�o/abril
2º M�s: PHAOPI – agosto/setembro	2º M�s: MECHIR – dezembro/janeiro	2º M�s: PAYNI – abril/maio
3º M�s: ATHYR – setembro/outubro	3º M�s: PHAMENOTH – janeiro/fevereiro	3º M�s: EPIPHI – maio/junho
4º M�s: CHOIAK – outubro/novembro	4º M�s: PHARMUTHI – fevereiro/mar�o	4º M�s: MESORE – junho/julho

Figura 20: Calendário Egípcio anual feito de acordo com: **MONICA**, Madaline Della, La classe ouvri re sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp 59-60.

Os cinco dias extras vinham no final do ano e eram considerados dias de festa, o nascimento de cinco dos deuses principais: Osíris, Horus, Set, Isis e Neftis.

Os meses eram divididos em três semanas de dez dias, nove de trabalho e um de descanso, e o dia, dividido em 24 horas. Não havia subdivisões nas horas.

As horas eram marcadas com o auxílio de relógios solares e de relógios d'água ou clepsidras, como os gregos as chamavam. As clepsidras eram formadas de recipientes que se enchiam d'água, sendo que seu interior havia sido dividido em doze níveis, cada um correspondia à quantidade de água que era escoada em uma hora através de uma pequena abertura na parte inferior do recipiente. Tais relógios eram encontrados em templos para que as horas dos ofícios religiosos fossem indicadas com precisão.

1.7. Os abrigos temporários¹⁰⁴

Deir el-Medina não fica exatamente “ao lado” do Vale dos Reis. Isto poderia significar várias horas de caminhada para chegar ao trabalho e na volta para casa. Por conta disto, existiam acomodações temporárias, bem perto das construções propriamente ditas, onde os trabalhadores passavam a semana de trabalho. Depois de cumprida a semana, os trabalhadores voltavam para a vila.

Não sabemos, no entanto, se durante a estada do trabalhador por lá, toda sua família o acompanhava, ou se ele passava esse tempo sozinho.



Figura 21: Acampamentos temporários no Vale dos Reis. Foto de R. J. Demarée. **BIERBRIER**, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000. imagem nº33.

¹⁰⁴ *Idem, ibidem.* **BIERBRIER**, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.

2. Os moradores de Deir el-Medina e suas complicadas teias familiares

Todos os trabalhadores, construtores e decoradores de tumbas, possuíam uma casa onde viviam com suas famílias. A família era indispensável para o trabalho bem executado. Esposas e filhos faziam, do que poderia ter sido apenas um grande acampamento, uma reunião de famílias, que passaram a casar entre si. Todas as fontes disponíveis parecem indicar que as famílias eram grandes e que muitas pessoas jovens moravam no povoado. O número aproximado da população em seu ápice era de duzentas pessoas.

Era também bastante comum que os filhos seguissem os passos dos pais em suas profissões. O aprendizado da maior parte das diferentes atividades profissionais existentes no antigo Egito se fazia através da prática dentro da família. Com raras exceções era o pai (ou alguém que o substituísse) que treinava seu filho em sua profissão. Não havia verdadeiramente uma 'escola' para mandar as crianças, como vários autores parecem querer sugerir.

Os escribas tinham um treinamento especial, em um local que poderia ser chamado de escola, mas tal treinamento era reservado a poucos, já que a maioria absoluta da população não sabia ler e escrever. Tal situação não está diretamente ligada à condição econômica, pois a maior parte dos nobres (os que não fossem escribas, é claro) também não sabia ler e escrever. No caso das pessoas de posse, poderia se ter sempre por perto um escriba, que faria toda a escrita e leitura para quem o contratou.

Excetuando então o treinamento do escriba, todos os outros "profissionais" aprendiam suas funções com seus pais ou responsáveis. No caso dos trabalhadores de Deir el-Medina reuniu-se um grupo curioso de pessoas, já que parte deles devia saber ler e escrever pelo menos alguma coisa pois para muitas pinturas executadas isso seria realmente importante.

Uma das observações que não pudemos deixar de fazer em relação ao grupo de Deir el-Medina, é quanto às relações familiares. Em primeiro lugar, os laços de união parecem ser bastante fortes, vários são os familiares representados uns nas tumbas dos outros, e em segundo lugar todos parecem ser parentes de todos, formando Deir el-Medina uma grande e extensa família.

Para realmente se compreender o que falamos sobre "as complicadas teias familiares" veja-se a árvore genealógica da próxima página.

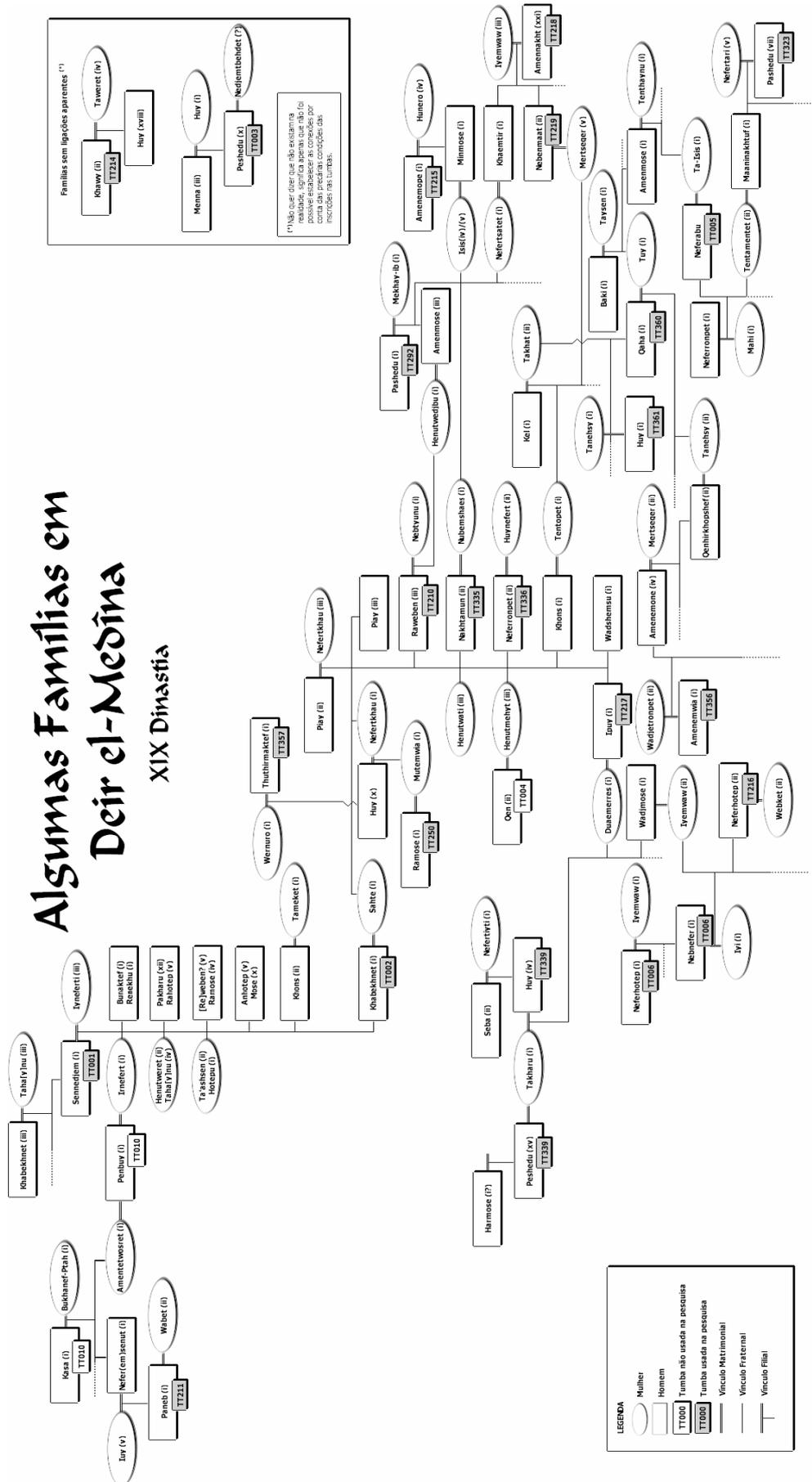


Figura 22: Algumas famílias em Deir el-Medina. A árvore em questão foi montada de acordo com as informações disponíveis em: DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medina: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.

Ela contém os nomes de todos os proprietários de tumbas que estão sendo utilizados nesta pesquisa. Um dos livros¹⁰⁵ usados para identificar as tumbas e seus respectivos proprietários trazia essas árvores familiares, uma para cada família. Há um total de 47 no livro todo. Ao tentar identificar os proprietários em suas próprias árvores, começamos a perceber que alguns apareciam nas árvores dos outros, e por curiosidade resolvemos partir de um ponto e tentar ir unindo pelas linhas de casamento, filiação, etc., todos os proprietários que estávamos usando. Imaginamos que ficaríamos com umas três ou quatro árvores distintas, o que não prevemos realmente é que conseguiríamos encontrar laços de parentesco entre praticamente todos.

Apenas duas famílias não foram “encaixadas” nesse esquema, o que não quer dizer realmente que não façam parte dele, apenas que os laços não são detectáveis por conta da condição das fontes que o autor usou para seguir e traçar as linhas de parentesco. Como essa questão não era central, não achamos produtivo ir atrás de outros materiais para verificar se tais trabalhadores e suas esposas realmente não tinham ligação com os outros membros da comunidade por serem forasteiros acabados de chegar, ou se apenas não tivemos acesso a outros materiais que nos permitissem encontrar tais vínculos.

Podemos imaginar que alguns se perguntariam porque exatamente fizemos isso. Afinal para que se dar a esse trabalho? Acho que o que nos chamou a atenção foi quando começamos a encontrar personagens nas descrições de tumbas que não conseguimos imaginar de imediato porque estavam lá.

Que personalidades como Amenhotep I e Ahmés-Nefertari apareçam em várias ocasiões, é esperado, eles eram honrados como deuses e considerados como patronos da aldeia. Mas havia outras pessoas homenageadas em algumas tumbas que, em princípio, não pareciam fazer sentido. Seriam os egípcios um grupo de bajuladores? Por que colocar personalidades de relativa importância em suas tumbas?

Eram os próprios artesãos do povoado que, na maioria dos casos, executavam os trabalhos nas suas próprias tumbas. É claro que muitas vezes o trabalho devia ser trocado com outros de outras especialidades ou mesmo comissionado, mas eles realmente levavam todo esse procedimento muito a sério, a vida após a morte era um assunto sério. Perguntamo-nos inclusive até que ponto não teriam sido tais tumbas um motivo de orgulho, o que talvez pudesse trazer alguns visitantes escolhidos antes do enterro propriamente dito. E isso nos conduz

¹⁰⁵ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp. 319-352 (as páginas não estão numeradas de verdade, são as finais do volume)

a nossa dúvida de por que colocar personagens em suas tumbas que não tivessem nenhuma ligação com eles próprios. E foi por conta disso que descobrimos a primeira das ligações. As personalidades que nós não identificaríamos de imediato eram irmãos da esposa do proprietário.

Buscamos, dessa forma, verificar os vínculos entre aqueles com quem nós estaríamos trabalhando e o resultado é o que pode ser verificado na figura que mostramos.

De qualquer forma o que era importante demonstrar, imaginamos, era que nesta comunidade não só estamos lidando com um grupo de trabalhadores especializados, mas também com uma extensa família de trabalhadores vivendo e trabalhando lado a lado. Também não nos interessa aqui que o próprio isolamento da comunidade propiciasse a criação de tal fato, ou se era real que os egípcios preferiam se casar entre seus iguais, mantendo sempre o *status quo* de sua família, sendo permitidas apenas pequenas variações.

O caso é que, ao tentarmos reconstituir o "mundo das mulheres", ainda que apenas pela visão masculina, não temos como ignorar que as mulheres tinham sem dúvida seu lugar estabelecido na família, e é na família onde podemos encontrar os melhores indícios da situação feminina na sociedade.

3. Os trabalhadores do "Lugar da Verdade": os homens da equipe e suas diversas funções

O título completo de um trabalhador da necrópole real na XVIII dinastia era "Servidor no Grande Lugar", ou, "Servidor no Belo lugar do poderoso rei". No período raméssida (XIX e XX dinastias) eles eram chamados de "servidores no Lugar da Verdade". Os trabalhadores eram conhecidos coletivamente como "homens da equipe", que derivava do termo usado para as equipes em um navio. Como numa tripulação egípcia de navio, a equipe era dividida em dois lados, direito e esquerdo, embora não saibamos se tais "lados" realmente trabalhassem nos lados direito e esquerdo da tumba ou se isso apenas definia turnos de trabalho.

Uma turma completa parece ter variado em número. Pelo que sabemos, em meados do reinado de Ramsés II existiam pelo menos 48 homens, mas no final do reinado a equipe era formada por somente 32 homens. Isto provavelmente indicava que a tumba real já estava pronta, e, desta forma, menos trabalhadores fossem necessários. Aqueles que permaneciam estavam provavelmente engajados na construção das tumbas dos outros membros da família real. Presumivelmente, com

o início de um Reino Novo, mais homens eram alistados para preencher as lacunas.¹⁰⁶

3.1. A organização do trabalho

A força de trabalho era controlada por dois capatazes, um para cada lado da equipe. O capataz era conhecido como "chefe da equipe **no Local da Verdade**" e ter dois capatazes prevenia a concentração de poder nas mãos de uma só pessoa na localidade. Eles eram teoricamente indicados pelo faraó, embora na prática a decisão parece ter sido deixada ao vizir, que mantinha um controle direto sobre a vila e suas atividades.¹⁰⁷

Capatazes	
'Lado Direito'	'Lado Esquerdo'
Neferhotep (i) [Horemheb – Ano 5 Ramsés II]	Baki (i) [Seti I]
Nebnefer (i) [depois do Ano 5 Ramsés II – c. Ano 30/40 Ramsés II]	Pashedu (x) [Início Ramsés II]
Neferhotep (ii) [Ano 40 Ramsés II – Ano 1 Seti II]	Qaha (i) [Início Ramsés II – Ano 38 Ramsés II]
Panab (i) [Ano 5 Seti II – Ano 2 Siptah]	Anhurkhawy (i) [Após Ano 40 R.II – Merenptah sem data]

Tabela 4: Cronologia dos Capatazes do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp. 279-280.

Cada capataz era assistido em suas tarefas por um assistente. Parece que os capatazes usualmente nomeavam seus filhos mais velhos, ou algum outro parente para essa posição, se houvesse a possibilidade. Este não era sempre o caso e sabemos de vários assistentes que não tinham qualquer relação com o capataz a quem assistiam. Entretanto, em muitos casos o assistente poderia considerar a si mesmo um futuro capataz, cujas tarefas de supervisão e distribuição de suprimentos poderia vir a executar. O assistente também servia no tribunal comunitário e testemunhava juramentos. A lista de rações revela que esta posição era honorífica, já que não havia qualquer diferença entre o salário do assistente e os demais trabalhadores.¹⁰⁸

¹⁰⁶ BIERBRIER, Morris L. *Op. cit.* p. 27.

¹⁰⁷ *Idem, ibidem.* pp. 27-29

¹⁰⁸ *Idem, ibidem.* p. 37

Assistentes	
'Lado Direito'	'Lado Esquerdo'
Bennakhtuf (i) ? [Início Ramsés II]	Baki [Início Seti I]
Amenemwia [meados Ramsés II]	Anuy (i) [Meados Ramsés II]
To(?) [Merenptah]	Amennakht (x) ? [Ano 5 Seti II – Siptah sem data]
Nebsmen (i) [Ano 5 Seti II? – Ano 6 Seti II]	Nakhy (ii) [Ano 6 Seti II]
Apehty (i) [Seti II, sem data – Siptah, sem data]	

Tabela 5: Cronologia dos Assistentes do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp.281-282.

O "escriva da tumba" era também nomeado diretamente pelo vizir. Na XIX dinastia parece ter havido apenas um escriba oficial embora outros escribas de menor importância também sejam conhecidos na vila, e estes se autodenominavam 'Escribas da tumba'; causando alguma confusão. Desenhistas e algumas vezes os outros trabalhadores chamam a si mesmos de escribas em algumas de suas inscrições e cartas. O trabalho do escriba chefe era manter um registro do trabalho feito e anotar qualquer trabalhador faltoso. Ele também registrava a retirada do material do depósito real e os pagamentos dos salários dos trabalhadores.¹⁰⁹

Escribas					
Escriba Señor (lado Directo)	Escriba Sênior (lado esquerdo)	Escriba Assistente	Escriba do smdt (lado Direito)	Escriba do smdt (lado Esquerdo)	Outros Escribas
Amenemope (i) (Início Ramsés II)		Huy (x) Início Ramsés II – Ano 39 Ramsés II	Ipuy (ix) Ano 9 Seti I – Ramsés II	Pashedu (xviii) ano 9 Seti I – Ramsés II	Akhpet (?) Início Ramsés II
Ramose (i) (ano 5 Ramsés II – Ano 38 Ramsés II)			Meryre (iii) Ano 35 Ramsés II- ano 37 Ramsés II	Amenemope (xvi) Ano 35 Ramsés II – Ano 37 Ramsés II	Mose/ Tjay/ Hat (?) Sem data – Ramsés II
Qenhirkhopshef (i) Ano 40 Ramsés II – Ano 1 Siptah		Pashedu (vi) Ano 6 Seti II	Khay (iii) ano 42 Ramsés II	Pentaweret (ii) Ano 42 Ramsés II	Mini[...] Ano 30 Ramsés II
Bay (ii) Início Siptah – Ano 5 Siptah			Anupemheb (i) Ano 66 Ramsés II – Ano 8 Merenptah	Neferhotep (vi) Ano 66 Ramsés II? – Sem data Merenptah	Wennefer sem data, Merenptah
			Pentaweret (iii) Ano 6 Seti II – Ano 2 Ramsés IV	Paser (iii) Ano 8 Merenptah ? – Ano 6 Seti II	Paser Ano 8 Merenptah
				Huy (xxii) sem data Siptah	
				Paser (iii) Ano 5 Siptah – Ano 17 Ramsés III?	

Tabela 6: Cronologia dos Escribas do período. DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. pp. 283-284.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem.* p. 32

Os capatazes e o escriba, ou escribas, constituíam os líderes da vila. Eles eram a ligação entre a comunidade e as autoridades, notadamente o vizir e o supervisor do tesouro. Supervisionavam a remoção de materiais dos armazéns reais para a construção das tumbas, recebiam e distribuíam os salários entre os trabalhadores, eram os magistrados-chefes da comunidade no tribunal local e agiam como testemunhas principais em qualquer tipo de juramento.

Suas tarefas também incluíam a recomendação ao vizir de candidatos para as vagas disponíveis na força de trabalho. Essa tarefa poderia ser bastante lucrativa, já que alguns estavam preparados a permitir que sua escolha fosse influenciada pela propina. Os líderes algumas vezes usavam sua autoridade para obrigar os trabalhadores a realizar tarefas particulares, tais como trabalhar em suas tumbas ou em serviços comissionados, possivelmente sem pagamento, e eles também poderiam usar suas posições para aceitar trabalhos comissionados para trabalhar fora da comunidade, e, naturalmente, ficar com a maior parte dos pagamentos. Estavam certamente entre os habitantes mais ricos da vila, mas suas famílias continuavam a viver na comunidade e casar-se com os demais trabalhadores.¹¹⁰

É principalmente através de sua obra que conseguimos reconstruir o artesão, seu trabalho e sua vida. Descubrem-se as obras antes de se começar a conhecer os homens que as idealizaram e executaram. Essas obras a que atribuímos um valor artístico, através de nossa visão adquirem uma tal qualidade que não temos como não atribuir a seus responsáveis um alto nível de especialização. Todos os estudiosos são unânimes em ver nessas realizações a prova de uma subdivisão já rigorosa das tarefas no interior das respectivas sociedades.

Sabemos que, na sociedade egípcia, todos os trabalhadores estavam submetidos à corvéia real, ou seja, todos deviam ao estado central uma cota de trabalho compulsório pelo qual recebiam como remuneração apenas o suficiente para seu sustento. Durante os períodos nos quais o trabalho agrícola de grande porte era possível, nos momentos de plantio e colheita, a maioria absoluta dos trabalhadores não especializados estavam obrigados a trabalharem nessa função. Nos momentos em que o trabalho agrícola exigia uma espera, tais trabalhadores poderiam ser utilizados em várias outras funções, inclusive o de construção das tumbas.

Se durante o Antigo Reinado, as tumbas, grandiosos monumentos demandavam um enorme número de mão-de-obra sem especialização, durante o

¹¹⁰ *Idem, ibidem.* pp. 36-37

Reino Novo podemos supor que, embora fosse eventualmente necessário, principalmente no momento de escavação das tumbas, uma quantidade maior de trabalhadores sem especialização, estes não seriam realmente essenciais todo o tempo. A vila de Deir el-Medina não foi, então, um aglomerado de trabalhadores braçais; pelo contrário, comportou, dentro de suas paredes, artesãos das várias especialidades necessárias para construir uma tumba real escavada na rocha.

O termo “operário” designa usualmente em Egiptologia, a maioria dos trabalhadores braçais, independentemente de sua qualificação ou não, mas tal termo é basicamente utilizado para aqueles sem qualificação alguma, usados para as tarefas corriqueiras como quebrar e carregar as pedras, e limpezas em geral.

Por artesão compreendemos todo aquele que exerce um trabalho que exige um aprendizado e muitas vezes um talento que não é possível ser aprendido. O artista, como nós entendemos na atualidade, não existe de verdade no Egito Antigo como categoria social à parte. Existem obras de arte memoráveis, no entanto, na maior parte das vezes, sua autoria real é totalmente incógnita. Algumas vezes, certos trabalhos de pintura e relevos nas tumbas poderiam ser identificados, assinados, mas isso não é muito comum. De qualquer forma, embora não conheçamos os artistas, temos uma boa amostragem de suas obras.

A reunião dos artesãos numa localidade mais próxima das áreas escolhidas para a construção das tumbas dos reis, no Vale dos Reis, e das rainhas e demais parentes no Vale das Rainhas, nos legou um rico conjunto de informações sobre a origem desses artesãos e também sobre o trabalho executado e sobre as funções desempenhadas pelos membros de suas famílias que, de uma forma ou de outra, também, trabalhavam dentro da comunidade.

3.2. Remuneração

Os trabalhos em Deir el-Medina não eram meros trabalhos aos quais acorriam os trabalhadores especializados. Eles eram convocados, junto com suas famílias, a prestarem os serviços necessários. Em troca de seu trabalho, eles recebiam moradia, e rações de trigo, cerveja, ou cevada, peixe, e demais itens para sua sobrevivência.

No caso de Deir el-Medina, tal convite parece ter se dado apenas de início, já que ainda que um ou outro artesão de fora fosse convidado de tempos em tempos para suprir alguma vaga ociosa, os próprios trabalhadores do local pareciam suprir as necessidades de mão de obra com sua prole devidamente treinada.

As rações eram distribuídas em intervalos regulares seguindo provavelmente o tempo máximo que os produtos em natura poderiam permanecer estocados pelos trabalhadores. A distribuição de peixes parece ter se dado quatro vezes ao mês, a de óleo a cada dez dias, grãos, cerveja, madeira, etc., pelo menos uma vez por mês.

De qualquer modo, tais distribuições precisavam ser feitas regularmente para que os trabalhadores pudessem realizar bem suas funções. Se houvesse qualquer demora mais prolongada, poderiam acontecer revoltas ou “greves”.

Dentre os trabalhadores das tumbas existiam homens com habilidades diversas – carpinteiros, estucadores, desenhistas, mas também homens cujo trabalho se limitava a quebrar a rocha para abrir os compartimentos necessários da tumba que, certamente, não precisavam ter tanta destreza como os outros tipos de mão-de-obra. Ao que tudo indica, as rações de todos os trabalhadores de Deir el-Medina eram iguais; ainda assim, existiam fortes diferenças econômico-sociais na vila. Alguns chegaram a ter, além de terras, escravos. O capataz Neferhotep, por exemplo, tinha pelo menos cinco escravos no momento de sua morte.

Poderíamos supor que aqueles mais especializados conseguissem além do trabalho na tumba do rei e da família real, trabalhos extras, não só nas tumbas da redondeza imediata, mas também em outras regiões, a que eles pudessem se dedicar nos momentos de menor movimento da construção da tumba real. Existiria também a possibilidade de trabalhos extras não ligados às funções funerárias. Carpinteiros, por exemplo, poderiam facilmente conseguir trabalho e parece que o trabalho era muitíssimo bem remunerado. Presentes ocasionais do rei oferecidos durante certas festividades também poderiam vir aumentar os ganhos dos artesãos.

Segundo Bárbara Lesko¹¹¹, as pessoas em Deir el-Medina obtinham seus ganhos reais, não do trabalho nas tumbas reais, e sim, dos trabalhos realizados em suas horas de descanso. Parece que eles precisavam fornecer oito horas por dia na construção das tumbas, mas seus “finais de semana”, de apenas um dia oficial na semana de dez dias, logo se tornaram dois ou três dias, provavelmente com a conivência dos administradores. Os escribas também se ocupavam em escrever cartas a pedido de particulares, além dos eventuais trabalhos de inscrições nos sarcófagos, e cópias do Livro dos Mortos. Podemos supor inclusive que tais trabalhos não se restringiam apenas à clientela do povoado, mas que eles também

¹¹¹ LESKO, Bárbara S., “Rank, Roles and Rights”. IN: LESKO, Leonard H. (ed.) *Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994. pp. 2.

recebiam encomendas de pessoas de outras localidades, em especial da grande cidade que era Tebas oriental, do outro lado do rio.

*3.3. Os instrumentos de trabalho*¹¹²

De início, a maior parte das ferramentas egípcias eram feitas de pedra, madeira e corda. No Reino Novo, no entanto, já estavam mais difundidos alguns dos instrumentos de bronze (mistura de cobre com estanho ou chumbo) para o trabalho artesanal.

Em Deir el-Medina os trabalhadores encarregados da abertura do espaço na rocha tinham acesso a picaretas mais resistentes, com as quais eles conseguiam quebrar a rocha de uma forma mais eficiente, e os escultores a cinzéis também de metal, o que permitia um trabalho bem mais rápido e preciso. Além destas, várias outras ferramentas de metal, madeira ou pedra existiam, específicas para cada uma das várias atividades: enxós, serras, furadores, polidores, cortadores, buris, goivas e outros. Era um material por vezes bastante tosco, mas permitia que se executasse com destreza o trabalho.

Os instrumentos de metal em sua maioria pertenciam ao estado, que os mantinha inventariados, pesados e numerados antes e depois do uso.

3.4. Os trabalhos nas tumbas

Os trabalhos executados nas tumbas reais, ou nas próprias tumbas dos artesãos, pouco diferiam nas etapas em que as tarefas deveriam transcorrer; as diferenças se davam no que diz respeito ao tamanho da obra, a tumba dos faraós era bem maior, claro, e também havia diferenças quanto à execução.

Na maior parte das tumbas dos artesãos os desenhos eram somente pintados, e raros eram aqueles que eram esculpido em baixo-relevos. As cores também variavam e muitas das figuras nos sepulcros dos artesãos eram pintadas só em tons de apenas uma cor, além do traçado preto. Excetuadas tais diferenças, o trabalho de esculpir a rocha para abrir os espaços necessários eram os mesmo, como também toda a preparação.

Pode-se inclusive imaginar que algumas vezes, ao trabalhar em suas próprias tumbas, os artesãos reuniam-se a seus outros companheiros numa espécie de mutirão para mais rapidamente acabar sua própria morada de eternidade.

¹¹² **MONICA**, Madaleine Della, *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp.52-53.

Nas tumbas reais podemos resumir assim as tarefas envolvidas: depois de escavada a rocha e criadas ainda que grosseiramente, as salas e ante-salas da tumba, sob o olhar atento do capataz-supervisor, o primeiro trabalho seria o preparo das paredes que precisassem de algum polimento. Com a ajuda de uma pedra para acertar as imperfeições e depois de uma boa camada de estuque, a parede estaria lisa o suficiente para o próximo passo.

O traçado do quadriculado – para estabelecer as proporções corretas do que iria ser primeiramente desenhado – era marcado aplicando na parede recém alisada, finas cordeis esticados, molhados de tinta vermelha ou ocre.

Logo depois disto o delineador entraria em ação, traçando o esboço básico dos desenhos que seriam em primeiro lugar esculpidos, para formar os baixos-relevos, e depois pintados.

*3.5. Outros tipos de trabalho: Suprimento das necessidades básicas*¹¹³

O fato da vila estar no meio do deserto faz com que algumas atividades se tornem imprescindíveis. Tarefas ligadas ao abastecimento dos produtos necessários para a alimentação – já que eles não eram produtores de alimentos –, tarefas para prover às necessidades de vestimentas, móveis e acessórios de trabalho, como também aquelas ligadas ao entretenimento, seriam fundamentais para a sobrevivência de toda a população.

Existem cartas de escribas solicitando que lhes fosse enviado o material para que pudessem trabalhar, a tinta, o papiro, os caniços que usavam para escrever. Tal correspondência vem comprovar o quanto todas estas pessoas se encontravam isoladas e necessitavam de todo um pessoal que lhes trouxesse o necessário para que vivessem e pudessem executar sua função principal: construir a morada de eternidade dos faraós.

O abastecimento da vila era cuidadosamente controlado e organizado. Existiam algumas pessoas contratadas para executar algumas funções específicas, como também muitas das atividades eram executadas pelos próprios moradores. Uma parte dos homens permanecia sempre na aldeia: durante este tempo, eles aproveitavam para realizar outras tarefas ligadas a sua subsistência e bem-estar, além, é claro, de dar conta dos trabalhos artesanais necessários para suprir às necessidades funerárias, já que o enterro não se limitava à construção da tumba. Vejamos, então, algumas das funções exercidas no cotidiano.

¹¹³ *Idem, ibidem.* pp.111-126.

Aguadeiros¹¹⁴ – o abastecimento de água era primordial na vida cotidiana. Deir el-Medina recebia a água de fora. A vila se situava a seis quilômetros do rio Nilo mas havia poços mais próximos, a cerca de um quilômetro, e era lá que a água era obtida.

Para saber como a água era transportada é necessário interrogar os baixo-relevos e as pinturas da época. Segundo estes, existiam dois meios: usando a canga com dois vasos, um em cada lado (cerca de quinze litros d'água), ou então usando odres. Pelo menos é isto que nos mostram as representações encontradas.

Havia cerca de doze aguadeiros trabalhando por dia. Eles faziam várias viagens ao poço e voltavam trazendo a água e despejando-a numa espécie de grande lago artificial de dois metros de diâmetro, situado diante da porta norte do povoado. É de se supor que também existisse tal reservatório nas proximidades da porta sul, mas não se encontraram vestígios com que se pudesse comprovar tal suposição.

Um guardião tomava conta da água que, sempre que era necessário, as mulheres vinham buscar.

A profissão de aguadeiro parece ter sido desempenhada pelas camadas mais pobres desse pequeno núcleo da sociedade. Não foi encontrada nenhuma estela de nenhum dessas pessoas, o que normalmente indica uma situação economicamente baixa. Era um cargo passado de pai para filho formando assim famílias de aguadeiros. É bastante provável que eles residissem fora das muralhas da vila.

Pescadores e peixeiros¹¹⁵ – a pesca e a caça eram meios essenciais para os homens antigos se alimentarem. O Egito, como já dissemos, era um grande consumidor de peixes, de preferência frescos, os excedentes sendo salgados ou secos ao sol para conservá-los por mais tempo.

A pesca no Egito era feita em larga escala, já que pão e peixe eram os itens fundamentais da alimentação diária. O método usado para tal empreendimento era o da pesca com redes. As redes egípcias podiam ser de vários tamanhos e formatos mas são bastante semelhantes às nossas. Disponha-se também de pelo menos dois tipos de harpões, o tridente e outro de apenas dois dentes, que eram usados no caso de peixes maiores. Para conservar os peixes frescos, eles eram mantidos em viveiros artificiais.

Foram encontrados em Deir el-Medina pesos com a efígie de alguns peixes que ainda existem nos dias de hoje. Estes pesos eram usados para medir a quantidade de ração de peixes destinada aos trabalhadores.

¹¹⁴ *Idem, ibidem.* pp.112-114.

¹¹⁵ *Idem, ibidem.* pp.114-117.

De acordo com os documentos encontrados, havia cerca de vinte pescadores autorizados a vir a Deir el-Medina cinco ou seis vezes por mês. Da mesma forma que os aguadeiros, o cargo se transmitia de pai para filho e é possível estabelecer as linhas sucessórias de algumas dessas famílias que forneciam peixes à vila. Eles também eram divididos em duas equipes, uma para o lado direito, outra para o lado esquerdo.

Os peixes eram transportados em cestas, com a ajuda de uma canga ou mesmo equilibradas sobre a cabeça se a quantidade era pequena, ou então com a ajuda de um asno ao se tratar de uma quantidade maior

Caçadores¹¹⁶ – se o peixe era a base da alimentação dos mais pobres, o produto da caça era reservado aos mais ricos e aos dias de festa. Referimo-nos aqui à caça aos vários pássaros encontrados nos pântanos às margens do Nilo. A caça de animais selvagens do deserto, ao que tudo indica, era bem menos corrente e praticada unicamente por pessoas deveras abastadas.

A caça aos pássaros era sem dúvida mais difundida. O vale do Nilo, na época bem pantanoso, era coberto de junco e de papiro, o que fazia um ótimo refúgio para os pássaros de todas as espécies. A caça aos pássaros era a garantia de uma boa remuneração aos profissionais e um divertimento muito procurado pelas pessoas mais ricas principalmente ao se aproximar o inverno quando enormes quantidades de aves migratórias visitavam a região.

As inúmeras representações das atividades de caça nos pântanos nos mostra as diferentes maneiras pelas quais tal ação seria praticada. Numa delas é lançado contra as aves um bastão curvo (bumerangue) coberto de uma substância viscosa. Noutra possibilidade, usa-se uma rede para pegar o máximo de pássaros possível. Aqueles que faziam da caça um meio de vida preferiam, é claro, esta última opção.

Coletores de mel – o mel era de suma importância na Antiguidade em geral, já que dele se fazia uso para adoçar o que quer que fosse, além de ser um ingrediente presente não só em doces, mas também muitas vezes em unguentos e demais medicamentos e mesmo na perfumaria, e a cera produzida pelas abelhas era usada durante o processo de mumificação. Tais fatos faziam do mel e da cera produzidos pelas abelhas produtos indispensáveis para os egípcios.

Podia-se ter acesso a estes produtos de duas formas. Ou se criava as abelhas ou se coletava tais produtos das abelhas selvagens. Embora a criação fosse praticada por alguns, a maior parte da população se utilizava do mel selvagem.

¹¹⁶ *Idem, ibidem.* pp.118-119.

A comunidade de Deir el-Medina, como já foi dito no início deste tópico, não era uma comunidade de produtores de alimentos; dessa forma; na maior parte das vezes, recebia tais produtos de fora ou coletava os produtos selvagens. Deir el-Medina com certeza possuía suas equipes de coletores de mel que, munidos de uma pequena lamparina, que era usada para esfumaçar as abelhas, se embrenhavam no deserto em sua busca constante de mel e cera.

Administradores¹¹⁷ – o serviço de abastecimento do lugarejo era confiado a diversos administradores. Primeiramente, o escriba diante da porta da vila recepcionava os mercadores e registrava as mercadorias que chegavam, não esquecendo de anotar o dia e a qual equipe tal carregamento era destinado. As mercadorias em seguida deviam ser confiadas à guarda de um intendente que iria proceder, o mais rápido possível, à distribuição dos gêneros perecíveis e estocar os produtos que deveriam ser guardados, como a madeira, o trigo, a cevada, a cerveja, etc., para distribuí-los em dias prefixados, examinando-se o registro do trabalho fornecido, já que estes últimos compunham a ração básica paga aos trabalhadores.

O controle destes bens não transcorria sem incidentes, no entanto. Existem diversas cartas escritas diretamente ao vizir com reclamações de não recebimento das rações e solicitando que tomasse providências quanto à distribuição, o que mostra que, mesmo que houvesse eventualmente alguma desordem, os trabalhadores poderiam dirigir-se diretamente ao vizir para que tomasse providências a respeito, o que de uma certa forma prevenia administradores negligentes e prevaricação.

Barbeiros¹¹⁸ – A quantidade de navalhas encontradas nas tumbas do trabalhadores faz supor que cada um fazia sua própria barba, usando os serviços dos barbeiros somente em algumas ocasiões. Poder-se-ia pensar, também, que quanto à barba cada homem fizesse a sua, como hoje em dia, por ser mais fácil, deixando para os barbeiros apenas os cuidados capilares e de barbas eventuais. Os homens egípcios de qualquer categoria social são imberbes e as eventuais barbas são postiças, que têm a vantagem de ser colocadas e retiradas sem muito trabalho. Foram encontradas representações de barbearias, ou pelo menos do trabalho dos barbeiros.

¹¹⁷ *Idem, ibidem.* p.120.

¹¹⁸ *Idem, ibidem.* pp.121-122.



Figura 23: Cópia da representação do trabalho dos barbeiros. Tumba de Userhat TT056, escriba real da XVIII dinastia. MONICA, Madaleine Della, *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D’Amerique et D’Orient, 1980. pp.

Deviam existir pelo menos dois barbeiros, um para cada lado da vila, como tudo o mais que é feito na localidade. Junto com os médicos, os barbeiros ocupariam um papel preponderante da vida cotidiana. Havia diversos níveis na profissão de barbeiro: os barbeiros reais, os barbeiros dos nobres, os dos ricos e os dos trabalhadores. Mesmo que fossem trabalhadores especializados, Deir el-Medina deveria possuir apenas os barbeiros do nível mais baixo, que provavelmente trabalhavam à sombra das árvores, seus clientes tendo que esperar sentados no chão, ao contrário dos mais afortunados, que teriam acesso a um pequeno estabelecimento que provavelmente ofereceria mais conforto a seus clientes.

Médicos¹¹⁹ – Como não poderia deixar de ser no que era antes de qualquer coisa um grupamento de pessoas que trabalhavam em construção, havia acidentes. Não temos como saber exatamente se a sua incidência, mas os acidentes são em si, relativamente fáceis de se supor. Os médicos tais como os barbeiros, eram muito considerados na sociedade.

Não havia uma “escola de medicina” onde os jovens interessados pudessem aprender; tal qual outras profissões que demandavam um aprendizado, os médicos também treinavam com seus pais, que por sua vez haviam aprendido com os deles. O estudo da medicina estaria, desta forma, restrito às famílias de médicos. Os médicos também eram hierarquizados em médicos-chefes, médicos e inspetores. Todos eram funcionários e recebiam seus salários do governo e, não, honorários de seus clientes.

O conhecimento dos médicos era variável. Conheciam bem as moléstias e muitas vezes sabiam como aplicar os tratamentos adequados. Problemas gástricos, dilatações do estômago, coriza, laringite, bronquite, angina de peito, diabete, constipação eram algumas das muitas doenças que reconheciam, mas por outro lado, seu conhecimento anatômico não era avançado, eles conheciam a pulsação

¹¹⁹ *Idem, ibidem*. pp.123-126.

mas não tinham idéia dos mecanismos do coração ou do sistema circulatório e confundiam artérias, veias e até glândulas.

Em Deir el-Medina, acredita-se, havia dois médicos pelo menos, um para cada lado. Poderiam haver outros que talvez cuidassem do pessoal que habitava fora dos muros. De qualquer forma, parece que os médicos da vila eram mais mágicos e curandeiros do que médicos de verdade. Tais médicos-curandeiros, eficientes no tratamento de fraturas, não deveriam estar dentre os mais competentes, sendo incapazes de estabelecer um diagnóstico correto, de fazer baixar uma febre persistente, de encontrar uma terapêutica conveniente para restabelecer o paciente; então o doente inquieto devia apelar ao conhecimento de um outro médico. Por intermédio de amigos, ele enviava uma carta ao médico com melhor reputação da cidade (provavelmente Tebas) para talvez conseguir uma receita¹²⁰.

Os trabalhadores de Deir el-Medina recebiam cuidados e em caso de doença poderiam faltar ao trabalho. Havia doenças na vila, mas parece que os acidentes de trabalhos eram realmente os mais comuns. O mestre de obra Ipu (tumba 217) chegou mesmo a fazer representar em sua tumba os vários acidentes que poderiam ocorrer.

*3.6. O trabalho das mulheres*¹²¹

As horas matutinas são com certeza as mais agradáveis num local quente. Pode-se supor que tanto as mulheres quanto os homens se levantavam cedo, com a primeira claridade.

Se a família possuísse alguns meios poderia até mesmo ter pessoas que fizessem os serviços domésticos; no caso de pessoas que vivessem apenas de suas rações, talvez tal luxo não fosse possível. A mulher então se encarregava dos cuidados da casa cotidianos.

3.6.1. OS TRABALHOS MATUTINOS

Durante o Reino Novo não existiam padarias coletivas. Cada família, ou cada um era responsável por fazer seu próprio pão. Podemos imaginar que o primeiro trabalho da manhã seria justamente este.

¹²⁰ Situação narrada num dos papiros do museu de Zagreb e citada por **MONICA**, Madaleine Della, *idem*. p.125.

¹²¹ **MONICA**, Madaleine Della, *ibidem*. pp.98-110.

A primeira ação seria moer os grãos com ajuda de um almofariz de pedra e um pilão de madeira. A farinha obtida, ainda grosseira, era afinada com a ajuda de uma pedra dura escavada, na qual se socava essa primeira mistura com o uso de outra pedra servindo de mão de pilão. Depois de moída ao máximo, era adicionada água, e a pasta que se obtinha era por sua vez amassada num amassadouro fixo no chão até se obter o ponto certo. Poderiam ser adicionadas a essa massa outros ingredientes tais como a levedura obtida no preparo da cerveja, sal, ou mesmo mel e frutas, e a massa era derramada nas formas e colocados para assar.

Não se sabe realmente se tal tarefa era repetida diariamente, ou se eram feitos pães suficientes para durar por dois ou três dias. Sendo a base da alimentação, o preparo do pão e da cerveja devia ser a parte mais importante dos afazeres domésticos diários.

Nos dias de festa, as atividades poderiam ser diferentes e mais tempo poderia ser dedicado à cozinha por conta das refeições mais abundantes e variadas que envolviam carnes, legumes, e frutas, como se pode deduzir das várias listas de oferendas funerárias encontradas.

Tão logo que terminassem as tarefas de cozinha, as mulheres poderiam então se dedicar à limpeza da casa. Os cuidados dos egípcios com suas casas podem ser percebidos por meio de objetos que foram encontrados nas escavações, como por exemplo uma vassoura de juncos, atualmente no Louvre, que servia para varrer a poeira negra que parecia invadir as casas de ricos e pobres, e também mediante algumas receitas encontradas no papiro Ebers para livrar as casas de insetos.

Todo o serviço doméstico do momento finalizado, as mulheres poderiam então cuidar de sua toaleta pessoal.

"Os ostracos com imagens encontradas em Deir el-Medina nos informam sobre as cenas de intimidade das mulheres no gineceu. Nós vemos jovens mulheres sentadas em cadeiras baixas segurando um espelho para verificar se os cabelos estavam em ordem e como estava a maquiagem. Os potes de unguentos estavam a seu alcance e uma menina ajudava nesta delicada tarefa."¹²²

É possível que houvesse pelo menos uma pessoa para ajudar as mulheres em suas tarefas. Talvez, algumas mulheres que lhes prestassem algum serviço, talvez uma aprendiz, ou mesmo uma filha real ou adotiva. A presença dessas meninas nas representações, mesmo nos ostracos que nos mostram exemplos mais populares dessa cena, nos leva a pensar que realmente existia tal ajudante.

Depois de vestida a contento, penteada e maqueada, a senhora da casa estaria pronta então para a refeição do meio do dia, que deveria ocorrer em torno

¹²² *Idem, ibidem.* p.100.

das doze horas. Se o marido não estivesse em seu turno de trabalho na tumba real, a família se reuniria na sala principal para fazer sua refeição.

Os egípcios comiam sentados em bancos baixos diante de pequenas mesas, as crianças no entanto sentavam-se no chão em almofadas ou em esteiras.

Depois de comer, as mulheres providenciavam a limpeza dos utensílios que tivessem sido usados durante a refeição.

É possível que após o repasto e a limpeza, levando em consideração o extremo calor dessa hora, que as mulheres e demais residentes, fizessem um repouso pelo tempo suficiente até o sol diminuir de intensidade.

3.6.2. OS TRABALHOS VESPERTINOS



Figura 24: Os trabalhos de fiação e tecelagem. Os exemplos pertencem a tumba de Khnemhotep da XII dinastia. CASELLI, Giovana. *As primeiras Civilizações*, São Paulo: Melhoramentos, 1986.

Os trabalhos têxteis parecem ter sido a principal ocupação das mulheres da vila. Fiação, tecelagem e costura ocupavam sem dúvida a maior parte do tempo. Não se sabe com certeza se os trabalhos de fiação de Deir el-Medina faziam parte da produção geral estatal, ou se apenas produziam o tecido e roupas para seu próprio uso. Caso tais mulheres fizessem parte dos trabalhos gerais de fiação e tecelagem, é bastante provável que recebessem seus pagamentos da mesma forma que os homens, em rações em natura.

Outras ocupações eram possíveis para as mulheres, mas estas dependeriam da condição social de cada uma delas e se eram casadas ou não. No caso de uma mãe de família com filhos pequenos, deveríamos acrescentar às suas tarefas cotidianas o cuidado das crianças pequenas. De qualquer forma, não existiam apenas mulheres casadas e mães de família em Deir el-Medina. Dentre as solteiras principalmente deviam estar as candidatas para outras funções como, por exemplo, dançarinas e cantoras.

Podemos imaginar que o trabalho doméstico da senhora da casa terminaria com o próprio dia. A última refeição servida, os utensílios mais uma vez limpos, as crianças, se as tivesse, cuidadas, e talvez uma conversa com os vizinhos até o céu estar escuro demais para permanecer acordados. Então a família se reuniria mais

uma vez dentro de casa, e, cada um munido de suas esteiras, iriam se acomodar para dormir.

4. *As indústrias de equipamentos funerários*¹²³

Em torno de Deir el-Medina, nas aldeias próximas, viviam outros artesãos ligados à fabricação dos objetos imprescindíveis para um funeral: carpinteiros fabricavam os sarcófagos, copistas preparavam os *Livros dos Mortos* – imprescindível para a vida no além –, e mais oleiros, outros artesãos cujo trabalho fosse necessários e também trabalhadores temporários que eram chamados caso o trabalho numa tumba real precisasse ser acabado rapidamente por conta da morte prematura de um faraó.

Esse pessoal fabricava e fornecia todos os serviços necessários para as atividades funerárias, incluindo trabalhos de mumificação e relativos ao culto funerário. Todos aqueles que moravam na margem esquerda do Rio Nilo pertenciam ao domínio do *Ka*, fazendo parte do pessoal da necrópole e, como tal, estando diretamente sob a autoridade real.

Tais indústrias funerárias eram muito importantes, e durante o Reino Novo estavam bem desenvolvidas, principalmente por causa da democratização do acesso aos ritos religiosos funerários. Não havia apenas a tumba dos reis a serem construídas, não eram apenas os enterros e os cultos funerários de reis e nobres a serem providenciados. Aberta a todos os que pudessem pagar, a vida no além difundiu rapidamente a construção de tumbas e organização de seus cultos funerários. Os próprios construtores de tumbas construíram para si mesmos belas tumbas.

4.1. *O Livro dos Mortos:*

O Livro dos Mortos, como já dissemos anteriormente, compreendia um conjunto de textos que o morto devia conhecer para ter acesso à sua vida após a morte.

Durante o Reino Antigo, temos os *Textos das Pirâmides*, que eram escritos principalmente dentro das pirâmides reais e lidavam principalmente com as ações reais, o que corresponde ao momento em que a vida após a morte só era

¹²³ *Idem, ibidem.* pp.127-139.

realmente permitida aos reis e a alguns pouco a quem o rei a concede como especial favor.

Durante o Reino Médio, temos os *Textos dos Sarcófagos*, que eram escritos principalmente dentro dos sarcófagos e correspondem ao momento em que a vida após a morte começava a ser democratizada e o mundo do além a estar aberto a todos os particulares que pudessem arcar com as despesas, não mais dependendo do favor real. São acrescidas a este conjunto de textos passagens específicas para mortos não reais.

Durante o Reino Novo, que nos interessa aqui, temos então o conjunto de textos conhecido como *Livro dos Mortos*, que nada mais é do que um novo conjunto desses textos sagrados, contendo também as passagens para mortos não reais, e ricamente ilustrado com vinhetas que muitas vezes substituía o próprio texto. O meio mais comum de difusão era o papiro.

A confecção desses papiros funerários era da competência de escribas e artesãos desenhistas que poderiam, mesmo sem saber ler muito, fazer as cópias necessárias.

Existe uma grande variedade de apresentação desses papiros, alguns com muito texto e raras imagens, outros com muitas imagens e pouco texto, outros ainda com nenhum texto e é claro existiam os perfeitamente equilibrados com o balanço adequado de texto e ilustrações.

4.2. *Shabtis*

A função das figurinhas funerárias, de rostos anônimos ou não, conhecidas como *shabtis* ou *ushabtis*, colocadas em grande número nas tumbas, consistia em responder em nome do proprietário, a todos os trabalhos compulsórios solicitados ao proprietário, bem como servir ao morto no além.

Essenciais para vida do falecido, eram feitas de vários materiais, pedra, argila, madeira; sua confecção proporcionava uma das indústrias mais rentáveis, já que, pelo seu caráter de trabalhadores braçais silenciosos e obedientes, eram colocados em grande número nos sepultamentos. Em algumas tumbas foram encontradas 365 figuras, uma para cada dia do ano.

4.3. *Estátuas Funerárias*

Diferentemente das *shabtis*, as estátuas agiam como o suporte do *Ka* caso houvesse algum problema com a múmia, que poderia se deteriorar ou desaparecer.

A estátua então assumia o papel do corpo embalsamado para permitir que o morto pudesse renascer em sua vida no além.

Durante o Reino Novo, a estátua, ou estátuas (pois era comum neste período haver duas), eram normalmente colocadas uma de cada lado na entrada da capela funerária. Os escultores as faziam de madeira ou pedra, e durante este período era bastante comum que as estátuas fossem muito mais perfeitas e elegantes do que seus donos.

4.3. Estelas Funerárias

A produção de estelas funerárias, foi uma das mais importantes de Deir el-Medina. Cada uma das tumbas possuía várias, já que existiam diversos tipos:

1. Existiam as estelas de fachada, fixadas em um nicho por fora da capela, nas quais era normalmente representado o defunto em adoração diante dos deuses do ocidente ou, então, a cerimônia da Abertura da Boca da múmia.
2. No interior, ao final do corredor de entrada, era mostrada uma estela com o rito de oferenda funerário apresentado a Osíris e a Ptah.
3. Nos piramidions, as estelas-lucarnas representam a adoração do sol.
4. Nos nichos ao fundo da capela, estavam aquelas dedicadas aos deuses do Ocidente.
5. Estelas falsa-porta, presente em todas as tumbas, funcionavam como uma passagem mágica através da qual, o morador do além recebia a nutrição indispensável dos alimentos e ritos oferecidos, e também poderia o morto sair ou entrar em sua tumba.
6. O proprietário e seus familiares também poderiam colocar diversas outras com a função de ex-voto ou dedicadas a divindades veneradas localmente, como é o caso da deusa serpente Mertseger e os soberanos divinizados Amenófis I e Ahmés-Nefertari.

As estelas, geralmente em calcário, durante o Reino Novo eram divididas em três registros, correspondendo aos três níveis do culto dos mortos. O registro superior representava os defuntos (marido e mulher) em adoração diante de Osíris que poderia estar acompanhado de Anúbis e de Ptah. O registro do meio estaria reservado para os pais do morto, que recebiam oferendas dos defuntos, e o registro inferior era consagrado ao banquete fúnebre.

4.5. Os Objetos Funerários

Existia uma série de pequenos objetos, amuletos em sua maioria, que eram colocados com os defuntos. Foram encontrados vários moldes de calcário usados

para moldar aqueles feitos de metal. Vários também eram esculpidos em madeira, em pedra, ou feitos de cerâmica.

4.6. Os cones Funerários

Dentre os vários esforços que os egípcios fizeram para ter uma chance de vida após a morte estavam aqueles relativos à proteção e preservação do nome. Ao que tudo indica, acreditavam que se o nome do morto se perdesse ou se fosse esquecido, sua alma perambularia pela eternidade, pois não conseguiria reconhecer seu próprio túmulo para descansar durante a noite. Era importante, então, a preservação do nome do proprietário em sua tumba. Isto fez com que os egípcios gravassem o nome do falecido em todos os objetos e em todos os lugares possíveis.

A partir da XVIII dinastia, começaram a utilizar um elemento arquitetônico que existia pelo menos desde a XI dinastia também para este fim. Os chamados "cones funerários", que a princípio não tinham nenhuma inscrição, eram feitos de barro cozido e moldados em formato cônico e mediam de dez a trinta e cinco centímetros de comprimento, com base de cinco a dez centímetros. A partir da XVIII dinastia, passaram a ser utilizados como um dos vários suportes para gravar o nome e os títulos do morto. Após terem sido gravadas as inscrições relativas ao morto na base circular de todos os cones, estes eram cozidos para depois serem cravados na fachada da tumba, formando um friso bastante decorativo. A base visível era usualmente pintada de vermelho. Eram característicos da necrópole tebana.

4.7. Os Vasos Canopos

Durante o processo de mumificação, alguns órgãos são retirados do abdômen e guardados em pequenos vasos, conhecidos como vasos canopos.

Tais vasos, feitos de alabastro, calcário, cerâmica ou faiança, tinham tampas pintadas e vinham às vezes acondicionados em estojos de madeira sendo depositados na tumba junto ao caixão.

As tampas dos vasos, inicialmente simples, durante o Reino Médio passaram a ter a forma de cabeças humanas, o que perdurou até o final da XVIII dinastia. Daí em diante cada vaso passou a ter uma tampa esculpida na forma da cabeça do seu gênio protetor correspondente os filhos de Hórus:

- **Imset**, com cabeça de homem, onde é guardado o fígado, está relacionado com a deusa Ísis e é usualmente posicionado a Este.
- **Hapi**, com cabeça de macaco, onde é guardado os pulmões, está relacionado com a deusa Neftis, e é usualmente posicionado a Norte.
- **Duamutef**, com cabeça de cachorro, onde é guardado o estômago, está relacionado com a deusa Neith, e é usualmente posicionado a Oeste.
- **Kebehsnof**, com cabeça de falcão, onde é guardado os intestinos, está relacionado com a deusa Selkit, e é usualmente posicionado a Sul.



Figura 25: Vasos Canopos da XXI-XXII dinastia - 1070-712 a.C. - Calcário, Altura 48.3 cm - Detroit Institute of Arts - <http://www.dia.org/collections/ancient/egypt/70.619-.622.html>

5. As Tumbas

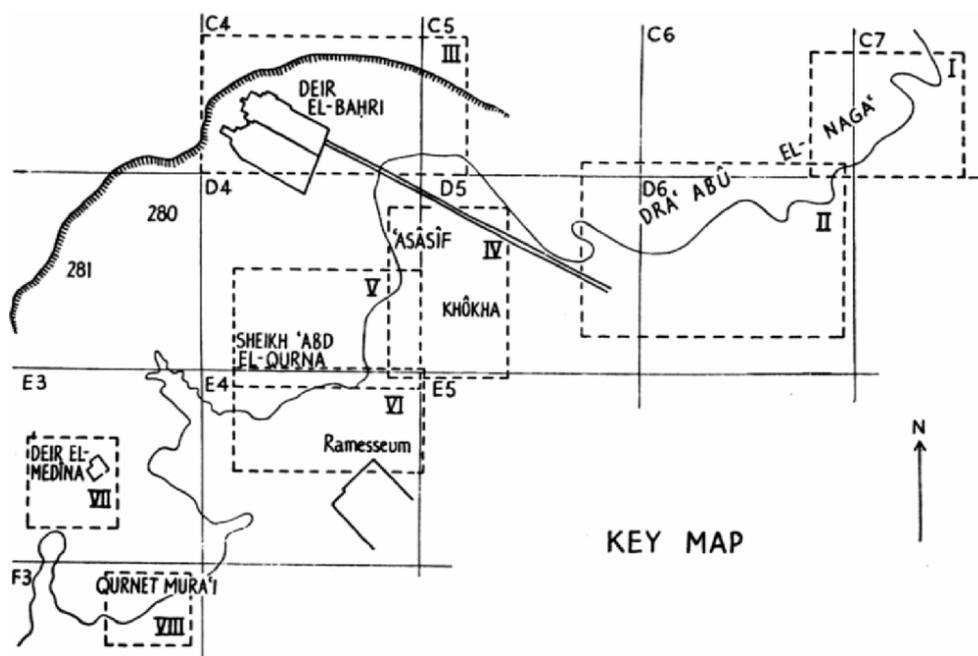


Figura 26: Mapa das localidades de cemitérios dos construtores de tumba de Deir el-Medina. PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Reissue by The Griffith Institute. 1970.

Além de seus trabalhos nas tumbas dos faraós e de seus familiares, e da produção de equipamentos para clientes privados, os trabalhadores estavam

o local da tumba, evocando talvez os sepulcros dos grandes reis do passado. A pirâmide, por si mesma um símbolo solar, teria estelas fixadas em suas laterais e, a seu cume, estaria acoplada um pequena pirâmide feita de pedra, o pyramidion, decorada em seus quatro lados. O pyramidion e as estelas seriam com certeza dedicados ao deus sol Ra-Harakhty.

No pátio da tumba uma grande estela poderia ter sido erigida *in memoriam* do falecido, narrando em detalhe as cerimônias do enterro. O poço que levaria à câmara funerária localizava-se na capela ou no pátio de entrada, o que parece ter sido o mais freqüente, e foi provavelmente o que protegeu algumas das tumbas dos ladrões de sepulcros um grave problema da época, já que no pátio a entrada da tumba ficava muito mais resguardada. A câmara subterrânea consistia num cômodo relativamente grande com teto abobadado, algumas vezes cercado de compartimentos menores de teto plano ou abobadado. Tanto a câmara funerária como a capela eram recobertos de pinturas. É claro que nem todos os membros da comunidade tinham o tempo e os recursos para construir tumbas elaboradas e muitas não passam de poços no chão. Nos esquemas a seguir vemos a percepção do egípcio de suas tumbas, em contrapartida com os esquemas reais:

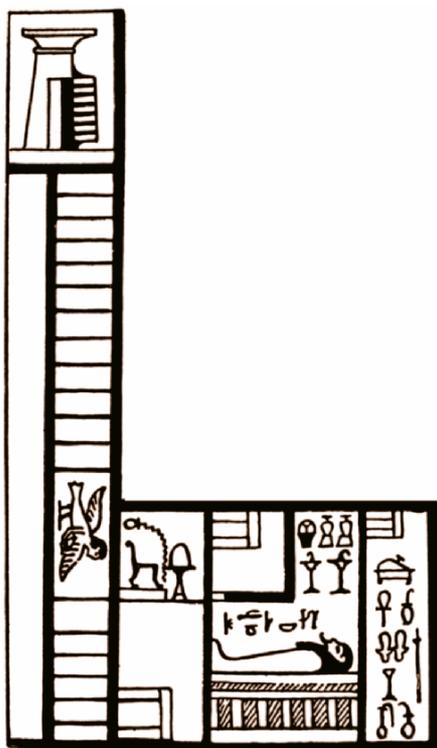


Figura 28: Esquema básico antigo de uma tumba egípcia do Reino Novo segundo uma vinheta do Papiro Neb Ked. **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 8ème, pt3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926.

No esquema egípcio vemos claramente a entrada da tumba na parte superior, o poço que dava passagem ao *ba* e os compartimentos da tumba onde acontecia uma libação, onde estava a múmia e uma espécie de depósito.

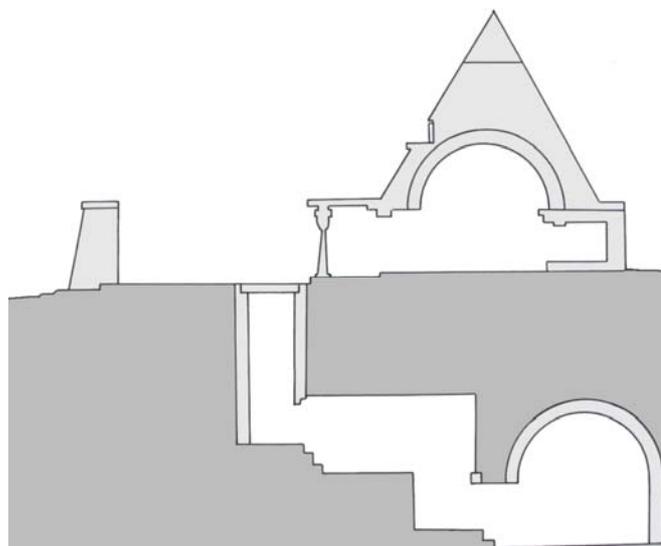


Figura 29: Esquema básico moderno de uma tumba egípcia do Reino Novo em Deir el-Medina. **BIERBRIER**, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.

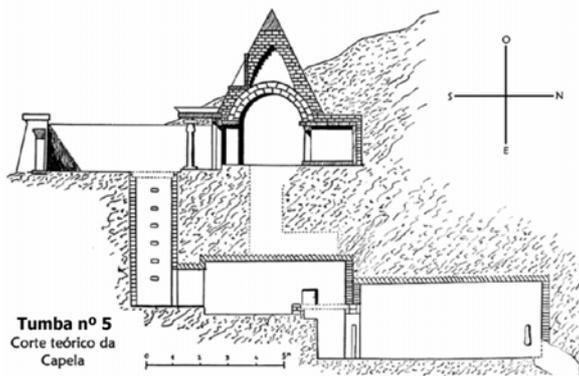


Figura 30: Tumba nº5. **VANDIER**, Jacques. Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935.

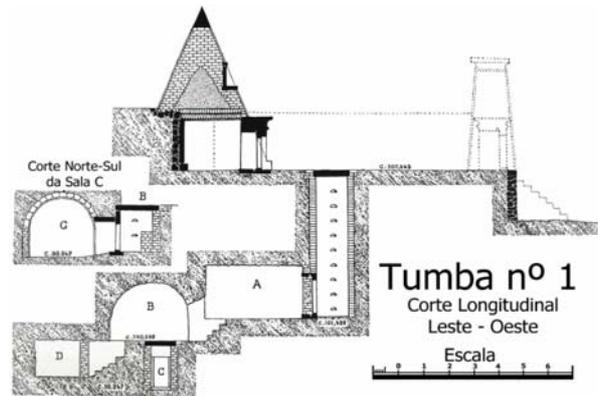


Figura 31: Tumba nº1. **BRUYÈRE**, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959.



Figura 32: Decoração completa da Câmara funerária da tumba nº1. **SHEDID**, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.



Figura 33: Fotografia atual da tumba nº1. **SHEDID**, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

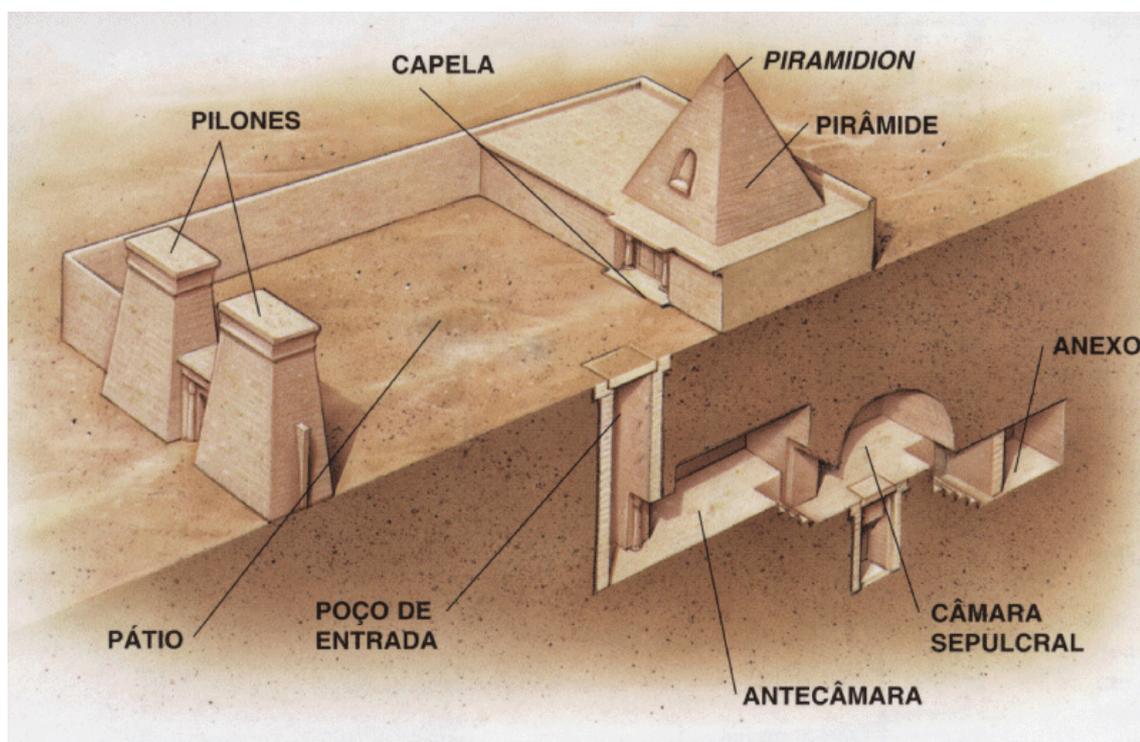


Figura 34: Um esquema básico em três dimensões. MARUCCI, Liege Maria de Souza *et alii*, *Egitomania: O fascinante mundo do Antigo Egito*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2001. pp 639 – vol. III

Vejamos algumas de suas partes essenciais:

- **A capela:** onde o culto era realizado
- **A pirâmide de tijolo com um topo esculpido de pedra:** uma lembrança talvez das grandes pirâmides dos períodos anteriores.
- **O poço:** que levava a parte de baixo
- **A câmara sepulcral:** onde a múmia, (ou múmias) seria colocada.

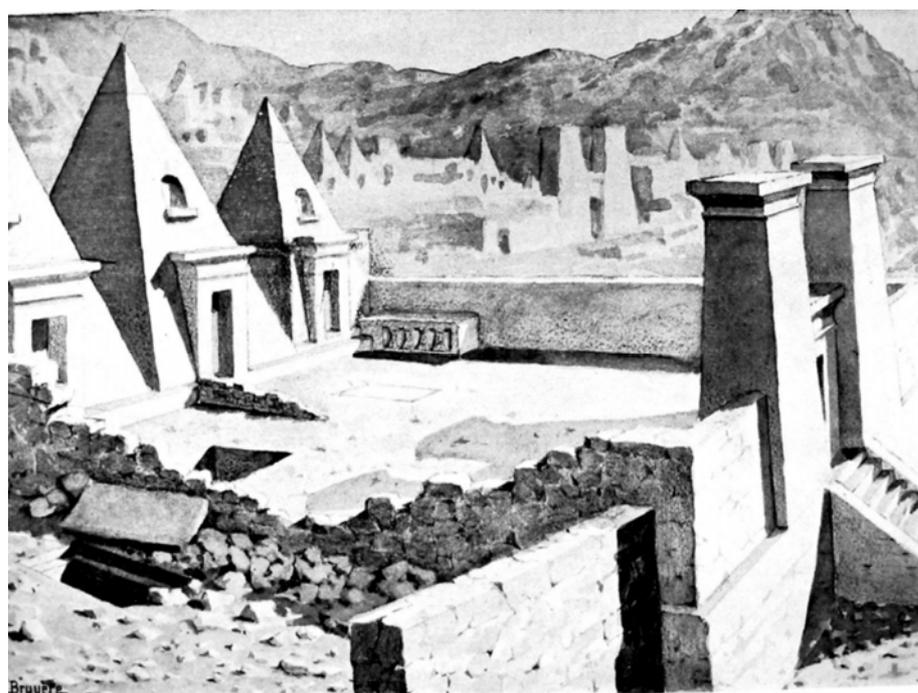


Figura 35: Reconstituição da tumba de Semnedjem TT001 no Cemitério de Deir el-Medina segundo Bruyère. BRUYÈRE, Bernard. *La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh*. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale. 1959. (Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88.) PL. IV.

As partes variavam em tamanho e em quantidade de cômodos e tal variação poderia ter a ver com o tipo de função ocupada pelo proprietário. Nas reconstituições podemos ver uma linha harmoniosa no conjunto de tumbas.



Figura 36: Reconstituição, segundo Bruyère do cemitério de Deir el-Medine. **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL. XXXII.

Tal harmonia, entretanto, nem sempre correspondia ao que acontecia por baixo da terra, onde, tal como também podia acontecer com as tumbas dos faraós do Vale dos Reis, algumas vezes ocorreriam acidentes ou encontros esperados ou inesperados.

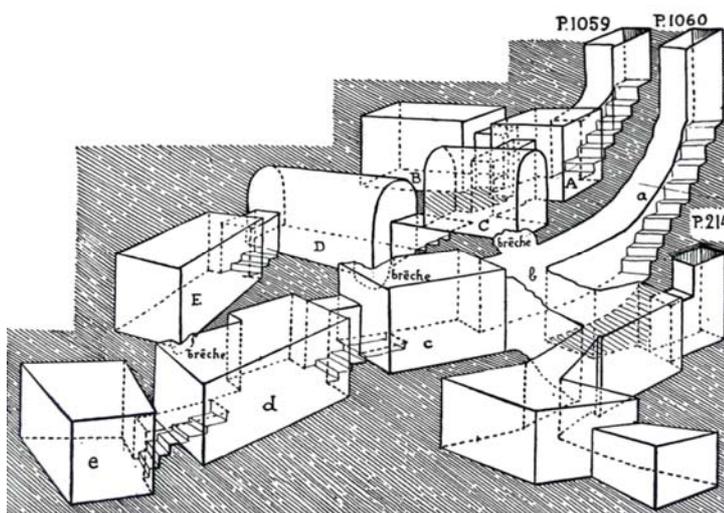


Figura 37: Corte transparente dos poços número 1095, 1060 e 214b segundo Bruyère. **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. Figura nº 25.

5.1. As temáticas¹²⁴

As tumbas da XIX dinastia são bastante diferentes das do passado em suas temáticas:

"Em cada época, convenções – variáveis no tempo – estabeleciam diferenças do que devia ou podia ser representado ou escrito na decoração das tumbas reais e nas de particulares (os especialistas chamam essas convenções de regras de 'decoro')."¹²⁵

As tumbas do período raméssida (que, além da XIX, inclui a XX dinastia) são muito diferentes daquelas feitas durante a XVIII dinastia e parecem mostrar uma espécie de ruptura com o que vinha sendo feito até então. Às vezes é difícil compreender ou mesmo aceitar que o breve período de Amarna poderia ser responsável por uma mudança tão radical. O que se pode afirmar, no entanto, é que, depois do episódio da tentativa do faraó Amenófis VI, ou Akhenaton, de transpor a crença oficial de todo o país do deus Amon para o deus Aton e transformar este último no deus único, o retorno à antiga normalidade parece ter trazido algumas mudanças fundamentais às decorações das tumbas. Talvez o abalo religioso tenha causado um receio bem maior do que possamos realmente perceber e que só realmente o façamos através desses indícios.

As tumbas do período raméssida têm uma ênfase muito clara na religião, e nas tumbas de particulares, o que antes era apenas possível para o rei, a representação das cenas de culto e rituais religiosos agora se tornava possível, talvez como uma das várias tentativas de resgatar o que era conhecido, o que não dava margens a dúvidas.

Os temas e seus simbolismos em voga até a XVIII dinastia foram deixados de lado para a formação de um novo conjunto de possibilidades. Vejamos então algumas dessas mudanças. Nas tumbas raméssidas não há quase nenhum dos simbolismos óbvios da dinastia anterior. As cenas de vida cotidiana, que incorporavam uma grande quantidade de conceitos de renascimento e ressurreição, foram quase que totalmente abandonadas e substituídas. As cenas de caçada no deserto para combater o mal, dão lugar a cenas de enterro, as de pesca e caça de aves aquáticas nas cerradas florestas de papiros são quase que totalmente substituídas; e as cenas de oferendas aos deuses passam a abundar. Não há realmente um paralelo direto que permita dizer qual cena substituiria tal outra, mas todas aquelas a que estávamos habituados até finais da XVIII dinastia cedem definitivamente o espaço para cenas que não eram de forma alguma representadas. As cenas de suntuosos banquetes regados a vinho e acompanhados

¹²⁴ MANNICHE, Lise. *City of the Dead. Thebes in Egypt*. London: Guild Publishing, 1987. pp.64-67.

¹²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, Múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.120.

de música se transformam em cenas bem mais simples de banquetes funerários com um músico ou outro ocasional, e muitas vezes é completamente abolida para dar espaço a longas filas de parentes, ascendentes e descendentes, que realmente parecem se movimentar e passar pelas paredes. As cenas agrícolas são dramaticamente reduzidas a um ou dois episódios e desta vez com certeza, tais cenas se passariam nos campos do mundo do além. As cenas de cultura do vinho parecem ter quase desaparecido

Os desejos fundamentais de vida eterna no mundo do além permanecem, ao que tudo indica, mas a linguagem através da qual tais esperanças e desejos são expressos mudou sem nenhuma dúvida.

Os assuntos mais recorrentes deste período são cenas retiradas dos Livros do Submundo, especialmente do Livro das Portas, e do Livro dos Mortos. Tais livros descrevem a aparência e organização do mundo do além e as criaturas que o falecido vai encontrar lá. Isto inclui a cena de pesagem do coração usando a pluma da verdade de Maat e o julgamento final antes que o morto tenha a permissão de entrar no reino de Osíris.

As deusas-árvores que proviam alimento no além e a imagem de Háthor na forma de uma vaca na montanha, que durante a XVIII dinastia apareciam esporadicamente, são nas tumbas raméssidas uma constante. Os patronos de Deir el-Medina, Amenófis I e sua mãe Ahmés Nefertari, parecem ter mais importância do que o faraó reinante, pois eles são homenageados em praticamente todas as tumbas e mais de uma vez em algumas.

Uma vez estabelecido o padrão, era muito difícil que alguém se afastasse dele. Afinal, ninguém estava realmente interessado em pôr em risco o motivo mais importante dessas obras, que era ajudá-lo a perpetuar sua vida no além.



Capítulo III – Enquanto as mulheres observam¹²⁶. Os problemas da desigualdade e da invisibilidade das mulheres na sociedade egípcia.

É uma idéia relativamente comum que as mulheres do Egito Antigo tinham uma posição favorável na sociedade e até mesmo desfrutavam de igualdade com os homens. Muito freqüentemente a ênfase é colocada nos direitos legais das mulheres que, no antigo Egito, podiam herdar, possuir, vender e testar propriedades, e também ir a juízo em pé de igualdade com os homens, como impetrantes ou testemunhas.¹²⁷ Seria isso suficiente para justificar a suposição de que existia igualdade de gêneros na sociedade do antigo Egito?

Acreditamos que não se possa ignorar esta condição de aparente igualdade entre homens e mulheres no antigo Egito antigo, ou pelo menos de uma situação extremamente benéfica para as mulheres na sociedade.

Existem, no entanto, diversos problemas a serem levados em consideração quanto a qualquer afirmação de igualdade. O que as fontes parecem afirmar não é exatamente isto, e sim que as mulheres, embora respeitadas como membros da família, não tinham realmente nenhum tipo de regalia que as igualasse a seus companheiros do sexo masculino, já que muito do que era permitido aos homens estava completamente vedado às mulheres.

¹²⁶ O título é a tradução do usado no artigo: **ROBINS**, Gay. "While the Woman Looks on. Gender inequality in New Kingdom Egypt". *KMT, A Modern Journal of Ancient Egypt*. San Francisco, California: Fall 1990, Vol-1, #3- p18-21, 64-5.

¹²⁷ *Idem, ibidem*. p. 18.

O que temos aqui é um interessante paradoxo. Ao se iniciarem os estudos sobre o Egito Antigo, os aspirantes a arqueólogos ou a historiadores, caçadores de tumbas e tesouros, eram em sua maioria quase absoluta homens. Tais homens viviam numa sociedade onde as mulheres não tinham realmente uma participação ativa. Por outro lado, como normalmente acontece, as primeiras temáticas que chamaram a atenção desses egiptólogos pioneiros foram justamente questões religiosas ou político-administrativas, que são aquelas em que, dependendo da época, as mulheres egípcias tinham pouca ou quase nenhuma visibilidade. E tal procedimento acabou por gerar, a princípio, uma história do antigo Egito, em que as mulheres eram praticamente invisíveis.

Quando o movimento feminista, com a intenção de resgatar a participação feminina em épocas distintas, se deu conta de que as mulheres no Egito eram pouco estudadas e apareciam pouco, houve um grande interesse pelo seu resgate. Acreditamos que ao se depararem com as leis egípcias que, pelo menos em teoria, mostram-se tão beneloventes para com as mulheres, ficaram todos certos que a situação das mulheres no Egito teria sido muito melhor do que parecia a princípio.

Realmente a situação das mulheres parece ser um pouco melhor se a compararmos com outras civilizações antigas e até mesmo algumas nem tão antigas assim. No entanto, no afã de descobrir coisas positivas sobre o passado das mulheres, alguns pesquisadores podem ter visto em demasia. E acabaram por emprestar à Antiguidade uma realidade que não estava lá. Muitas vezes as afirmações que fazem para comprovar a igualdade trazem em si mesmas o necessário para confirmar exatamente o contrário.

A idéia principal deste trabalho é tentar reconstituir, através de fontes iconográficas, a imagem das mulheres do ponto de vista masculino, único disponível neste tipo de fonte, pois, embora haja um número significativo de fontes primárias para o estudo do Egito antigo, não há sequer uma que possamos afirmar com certeza que tenha sido produzida por uma mulher. Não podemos também dizer o contrário, mas na falta dessa certeza não é possível tirar nenhum tipo de conclusão a respeito do assunto.

Antes de tentar entender o lugar das mulheres na sociedade, é necessário saber algo acerca da estrutura social do Egito antigo. Como foi dito anteriormente, a sociedade egípcia era altamente hierarquizada. No topo estava o mundo divino, ele mesmo rigidamente ordenado, mas claramente classificado acima da humanidade. O rei, no ápice da sociedade humana, partilhava alguns atributos com os deuses, mantendo-se como mediador entre as esferas divina e humana.

Membros de sua família que, por associação com o rei, partilhavam um pouco de seu distanciamento, formavam um grupo bastante coeso no topo da sociedade.

Logo em seguida vinha a elite de escribas, junto com sua família, que segundo alguns consistia em mais ou menos um por cento da população e formava a burocracia masculina dominante do Egito. Este grupo minúsculo foi responsável pela maioria das fontes que temos hoje acerca do antigo Egito.

Abaixo estavam os artistas e artesãos, e demais profissionais como médicos, cervejeiros, padeiros, etc., que eram provavelmente analfabetos. Pelas evidências em Deir el-Medina, é nítido que alguns artistas eram capazes de ler e escrever e que a linha divisória entre escribas e artistas não era sempre muito clara. A vasta maioria da população era presumivelmente formada pelos camponeses que trabalhavam a terra para produzir suprimentos e alimentar a si mesmos e aos demais elementos da sociedade.

É verossímil que esta vasta classe de camponeses, à qual a maioria da população pertencia, era ela própria estruturada hierarquicamente. No entanto, nós sabemos pouco sobre esse grupo, já que seus membros – sendo analfabetos – não nos deixaram nenhum registro. No último nível estavam os escravos, incluindo os cativos estrangeiros, que podiam ser comprados e vendidos. O pouco que podemos dizer a respeito das camadas inferiores precisa ser pinçado das fontes pertencentes à elite, que só tinha interesse em registrar seletivamente informações sobre elas.¹²⁸

Falar das mulheres como se fossem um grupo homogêneo não está correto justamente por conta dessa hierarquização. As mulheres formavam a metade da população e também eram organizadas hierarquicamente, o que significa que as mulheres da família real, as da elite dos escribas, e as camponesas teriam tido muito pouco em comum, já que as distinções hierárquicas teriam causado uma disparidade em suas experiências nas diferentes camadas.

As mulheres da camada camponesa eram as mais pobres economicamente e as que tinham menos poderes, e nenhuma entrada nos processos governamentais, devendo apenas obedecer às regulamentações impostas. Em contraste, uma mulher da elite dos escribas não apenas teria tido acesso a maiores recursos econômicos, mas era também mais próxima ao poder burocrático exercido pelos homens de sua família e poderia ter estado em posição de influenciar suas decisões. As mulheres reais tinham acesso à principal fonte de poder do Egito, o rei, e um governante fraco pode ter sido controlado por uma esposa ou mãe forte. Além disto, enquanto o rei era por origem humano, seu ofício de realeza era divino e deste modo o

¹²⁸ *Idem, Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pp 16-17

status das mulheres reais em relação ao rei também trazia elementos de divindade, separando-as das mulheres não reais.¹²⁹

Nesta pesquisa não consideraremos as mulheres da grande maioria silenciosa, as camponesas que não nos deixaram nenhum tipo de registro, mas também não falaremos das mulheres da realeza, a não ser em rápidas referências; iremos nos concentrar nas mulheres da comunidade de Deir el-Medina, onde encontramos uma mescla de mulheres da classe dos escribas, e da dos trabalhadores especializados, já que tal comunidade reunia todas as atividades necessárias para a construção das grandes tumbas dos Vales dos Reis e das Rainhas.

A posição social de uma mulher no Reino Novo era a mesma da de sua família de nascimento e normalmente ela se casava com um homem de mesma posição. O título de uma mulher casada era mais freqüentemente o de $\overline{\Delta} \square$ *nbt pr*, “senhora da casa”, “dona da casa”, mas podemos encontrar alguns outros entre as mulheres da elite baseados em suas ocupações no culto e em alguns rituais, enquanto *šm3jyt* (cantora de alguma divindade) e em sua posição na corte como *mnt nsw* (ama de leite real).

O mais interessante quanto aos títulos é que nos monumentos funerários, origem principal de muito do que sabemos sobre o Egito Antigo, as mulheres eram dificilmente identificadas como indivíduos, sendo preferencialmente tratadas por sua relação com os homens, os únicos proprietários de tais monumentos. O homem era identificado por sua função governamental, enquanto as mulheres eram *mwt.f* (sua mãe), *hmt.f* (sua esposa) ou *s3t.f* (sua filha). Isto já deveria nos dizer muito a respeito da real posição delas.

Ao atingir a idade adulta, a função mais importante das mulheres egípcia era sem dúvida gerar crianças para a continuação da família. Elas não podiam ocupar cargos na administração pública, embora seja possível encontrar eventualmente esposas de funcionários que tomavam parte em seus negócios, algumas vezes substituindo-os com sua autorização em caso de viagem ou em caso de morte. Elas podiam possuir propriedades e também realizar transações comerciais e, diante da lei, tinham direitos iguais aos dos homens, podendo instaurar processos, servir de testemunha etc., mas até que ponto essas leis eram ou não cumpridas, não temos muitas bases para afirmar.

Diferentemente de outras civilizações da mesma época, as mulheres, em especial a mãe, eram honradas pela sociedade e celebradas na arte, e podemos

¹²⁹ *Idem, ibidem.* pp. 19-20.

contar com um grande número de representações femininas, o que confirma essa importância.¹³⁰

Na maior parte dos estudos sobre as mulheres no Egito antigo, dadas a escassez e a má distribuição das fontes primárias, ficamos limitados a um conhecimento parcial de sua situação. Alguns estudiosos, no entanto, não vêem nenhum problema em usar as fontes de uma forma generalizada, tratando todos os quase três mil anos de história egípcia como se fossem um bloco único. Ora, ao se utilizar, por exemplo, os contratos de casamento, de que só temos conhecimento a partir do período tardio e do Ptolomaico, para falar sobre o casamento durante o período conhecido como faraônico, estaríamos na verdade falseando a história.

"...embora seja tentador para os estudiosos apresentarem uma descrição coerente da mulher no antigo Egito, é necessário reconhecer as falhas, e não, tentar arrumá-las, usando os poucos fatos conhecidos para fabricar uma história que ignore todas as deficiências nos dados ou, então, usar a imaginação para preencher tais falhas, o que pode produzir uma descrição interessante, mas que não tem nenhuma base firme na realidade."¹³¹

Acredito que, tendo certos cuidados e tentando deixar de lado todos os possíveis preconceitos, podemos reconstruir, mesmo que somente através da visão masculina, uma imagem da mulher. Incompleta, imperfeita, parcial, mas ainda assim uma imagem que poderá dar importantes contribuições onde não existem muitas.

Tanto as fontes iconográficas quanto boa parte das textuais eram produzidas ou encomendadas pelo rei ou pela elite masculina dos escribas, e em nosso caso específico também pelos artistas e artesãos da comunidade de Deir el-Medina. Existem algumas cartas redigidas ou por mulheres ou a mando de mulheres na comunidade de Deir el-Medina que podem nos oferecer uma idéia da vida cotidiana, mas as imagens representadas nas tumbas foram todas feitas por homens para uma clientela masculina e não temos nada que indique que nenhuma destas fontes nos mostre como as mulheres pensavam sobre si mesmas, já que o que vemos são imagens de mulheres construídas pela visão masculina.

1. Pequenos comentários acerca da bibliografia sobre as mulheres egípcias

Antes de iniciar propriamente os procedimentos de pesquisa, foram feitas várias leituras sobre as mulheres egípcias e as anotações provenientes deram início ao que se segue nesta parte.

¹³⁰ *Idem, ibidem.* p. 4.

¹³¹ *Idem, ibidem.* pp. 16

Não classificariamos tais anotações como uma “revisão bibliográfica” que verdadeiramente não fizemos. Pareceu-nos útil a inclusão desses comentários em primeiro lugar para proporcionar uma melhor compreensão das idéias e da forma de lidar com os assuntos tratados não só pelos principais autores efetivamente utilizados, mas também aqueles que foram deixados de lado, e em segundo lugar porque tais comentários podem servir de guia para outras pessoas que queiram fazer uso da presente pesquisa.

Seria interessante neste ponto uma pequena mas importante digressão. O antigo Egito, desde sua descoberta, mexeu muito profundamente com o imaginário das pessoas, sejam elas pesquisadores sérios, caçadores de tesouros, esotéricos em busca de respostas sobre a vida e a morte, pessoas comuns, etc. Acreditamos que por conta desse enorme interesse que transcende a barreira dos estudos eruditos, é sempre despejada na sociedade uma enorme carga de informações através de livros, de ficção ou não, filmes de aventura, documentários, discussões sérias e por vezes palestras de cunho místico/esotérico.

A quantidade de informações disparatadas e absurdos com que se tem que lidar é realmente grande, e chega ser triste ver a grande freqüência com que no Brasil chegam as traduções dos absurdos sobre o antigo Egito, mas dificilmente as dos autores sérios.

Não se tem aqui a intenção de faltar ao respeito com os trabalhos já realizados, mas alguns desses autores costumam fazer afirmações baseadas em fontes mínimas, distorcidas ou inexistentes e tirar conclusões completamente fantasiosas, e isto é um problema realmente grave.

Uma importante diferenciação dos estudos do Egito Antigo deve ser feita. Nem todos os “egiptólogos” foram ou são historiadores ou pesquisadores sérios o suficiente para criar ou seguir métodos cientificamente estabelecidos para realizar um trabalho efetivamente confiável.

Dentre os chamados egiptólogos encontram-se na realidade uma série de especialidades tais como, historiadores da arte, arqueólogos, antropólogos, historiadores e outras, mas também existe uma parte de interessados e aventureiros que algumas vezes podem ter tentado dar uma impressão de cientificidade em seus trabalhos, embora o que produzam esteja longe de ser algo que se possa levar em consideração.

Não é nossa intenção fazer aqui a apologia do trabalho do historiador, ou de qualquer outra especialidade. No entanto, aqueles que executam um trabalho realmente sério não costumam cair nas armadilhas mais freqüentes.

A primeira dessas armadilhas é achar que o que vem da Antiguidade estaria sempre nos dizendo a verdade. Ou seja, acredita-se piamente em fontes antigas sem se levar em consideração que antigüidade não significa veracidade, e tal como as pessoas dos tempos atuais, aquelas da Antiguidade também mentiam e muitas vezes alteravam os fatos com o intuito de embelezar a realidade. E muitas vezes o que foi afirmado no passado com toda a seriedade possível, também já sofreu modificações e atualizações, portanto é muito importante saber-se exatamente com o que se está lidando.

O segundo problema é a questão dos preconceitos e tabus. No caso do antigo Egito, diversas vezes somos confrontados com situações que, segundo alguns, para os dias atuais pareceriam escandalosas ou pior. Por exemplo, vários egiptólogos desde os séculos passados parecem ter tido sérios problemas ao tratar de assuntos tais como o casamento entre irmãos e algumas vezes entre pais e filhas e a possibilidade da poligamia. Alguns estudiosos são totalmente taxativos em dizer que tais coisas não existiam e ponto final, outros tentam “amenizar” o problema dando explicações que beiram a comicidade. Ao falar por exemplo dos casamentos consangüíneos, Christian Jacq em seu livro *As Egípcias – retratos de Mulheres do Egito Faraônico* não chega a negá-los, mas afirma com veemência que não eram consumados, e ao falar sobre a filiação de Ramsés II diz que “filho régio” e “filha régia” são apenas títulos e que dos cinquenta filhos que lhe são atribuídos, quarenta e quatro teriam sido adotados.

O terceiro problema diz respeito à utilização das fontes. A história do Egito Faraônico engloba cerca de três mil anos, desta forma não seria muito salutar na construção da história do lugar usar fontes do final do período como se valessem para todo o resto do tempo. O Egito para alguns parece não ter sofrido nenhuma alteração e por conta disso acha-se aceitável a generalização de qualquer das fontes encontradas.

É claro que a tentação de preencher as lacunas é grande, e acreditamos que com todos os avisos necessários é até mesmo possível fazer menção do que se tem certeza para um determinado período ao se falar de algum assunto para o qual não se tem mais nenhuma informação. Mas é fundamental deixar claro que tal fonte serve apenas como uma ilustração geral “do que poderia ter sido” na falta de informações precisas sobre o assunto naquele determinado espaço de tempo.

O caso é que não é isso que acontece na maior parte das vezes, e alguns estudiosos parecem considerar toda a história do Egito Antigo como um bloco totalmente imutável em seus três mil anos, o que os levaria a acreditar não haver

nenhum problema em fazer generalizações e usar fontes de um período preciso para iluminar todos os demais.

Na citação a seguir a autora, que se diz uma egiptóloga *freelancer* usa a afirmação de um dos pioneiros das escavações egípcias Flinders Petrie, como se apenas isso bastasse para legitimizar a generalização das fontes.

*"...Embora seja de se esperar que um bom número de documentos sejam concernentes aos negócios da classe dominante, que era em sua maioria composta de gregos e romanos, tais documentos podem entretanto iluminar as condições encontradas no Egito faraônico. Como o grande egiptólogo, Flinders Petrie (1821-1906) observou: 'Há uma tal similaridade entre os egípcios destes tempo (greco-romano) e o presente – apesar do cristianismo e do Islã – que para épocas mais antigas de condições mais uniformes, nós também podemos confiar nos relatos tardios dos clássicos'."*¹³²

Ou seja, a autora acredita que não só não apresenta qualquer problema a utilização de fontes de um período para iluminar outros com séculos e por vezes milênios de diferença, como também baseia-se na afirmação de um egiptólogo do passado que, embora tenha sido importante em seu próprio tempo, não pode de verdade servir como palavra de autoridade para um assunto, utilização e manuseio científicos das fontes primárias, que ele aparentemente desconhecia.

A egiptologia, ao estabelecer suas bases iniciais, não passava de um conjunto de curiosos tentando conseguir materiais para os museus de seus próprios países. Muito do que foi tirado do Egito destruiu na verdade um conjunto importante de informações que não temos mais como recuperar. E até a primeira metade do século XIX as escavações levadas a cabo no Egito tinham por principal objetivo a descoberta de objetos, muitos para fins pessoais.

É claro que começaram a aparecer estudiosos realmente bem intencionados, mas isso não importa, pois qualquer arqueólogo sabe que a escavação significa a destruição completa de um local, e sabendo disso é necessário não só documentar todo o processo detalhadamente, com desenhos ou fotos, e por escrito, mas também é preciso avaliar se realmente vai valer a pena destruir por completo informações que talvez possam ser melhor aproveitadas mais tarde. Isto teria sido muito interessante, mas dificilmente alguém pensaria desta forma se a intenção fosse apenas a coleta de objetos.

Desde a metade do século XIX começaram a aparecer uma série de estudiosos que procuraram, de acordo com os conhecimentos da época, fazer um estudo muito mais sério durante as escavações. Não é que a destruição ou absurdos já não acontecessem, mas estes escavadores demonstravam um cuidado muito maior. Foram criados o Museu Egípcio e o Serviço de Antigüidades, ambos no Cairo, que, ainda que até meados do século XX tenham sido dirigidos por

¹³² WATTERSON, Barbara. *Women in Ancient Egypt*, St. Martin's Press, New York, 1991. p. XI.

européus, mostravam a clara intenção de colocar um fim na desenfreada busca por objetos, procurando preservar e registrar todos os monumentos já descobertos, como também fiscalizar as escavações e administrar o museu.

Flinders Petrie surgiu na história da egiptologia justamente quando se tentava estabelecer objetivos científicos nas escavações que, é claro, nunca se interromperam.

Petrie foi pela primeira vez ao Egito em 1880 para fazer as medições da grande pirâmide para fins piramidológicos. Mais tarde, encantado com tudo que viu, efetuou escavações por todo o Egito publicando um livro quase todos os anos, com os resultados do inverno anterior (quando habitualmente aconteciam as escavações). Dentre suas escavações destacam-se algumas descobertas de valor, mas a importância de sua obra foi muito mais a de constituir um quadro de informação sobre as diferentes regiões e períodos, quase sempre resultado de novos trabalhos em locais que já haviam sido sumariamente escavados por outros.

O trabalho de Petrie é importante dentro da egiptologia, mas ainda assim ele não tem como afirmar que uma fonte de um período pode iluminar outros, e uma egiptóloga, *freelancer* ou não, escrevendo em 1991, precisa pensar nestes assuntos antes de fazer afirmações completamente despropositadas.

Infelizmente, existem outros problemas mas limitamo-nos a citar aqui apenas os mais comuns, já que os apontados acima foram aqueles que usamos como guias para verificar se os autores e textos poderiam ser usados neste estudo.

Pode parecer pretencioso classificar ou julgar especialistas que fizeram tão mais do que qualquer outra coisa que tenhamos feito. Mas acreditamos que ao deixar claros todos os passos, as correções aos nossos erros poderão ser feitas mais facilmente e esperamos desta forma estar fazendo exatamente o que julgamos que todos deveriam fazer.

Não iremos incluir aqui todos os autores que fizeram rápidas menções às mulheres na sociedade egípcia, concentrando-nos mais naqueles que produziram obras completas sobre o assunto ou pelo menos aqueles que têm obras que tratem com alguma profundidade os assuntos relativos às mulheres egípcias.

Do grupo estudado, temos então aqueles autores sérios que produzem um trabalho como deve ser e muitas vezes ainda o fazem de forma agradável, logo a seguir temos aqueles que estariam na categoria dos que tentam fazer um trabalho sério mas, ao partirem de premissas duvidosas, acabam por colocar em risco tudo o que fizeram, e finalmente temos a categoria daqueles que julgam fazer um trabalho sério, mas nada mais fazem do que produzir disparates. Destes últimos comentaremos apenas um que, apesar de lido, não foi de forma alguma usado.

Uma boa parte dos autores cita de uma forma ou de outra Heródoto. Ainda que este autor não escreva exclusivamente sobre as mulheres egípcias, seria interessante fazer alguns comentários, porque isto ilustra bem dois dos problemas citados anteriormente: uma parte dos autores atuais usam autores antigos como palavra de autoridade sobre os assuntos que abordamos e usam as afirmações feitas por eles como a realidade para qualquer dos períodos estudados.

Heródoto (484-425 a. C.) em alguns trechos do livro II, “Euterpe” de sua “História” mostra-se bastante perplexo com os estranhos e peculiares costumes egípcios referentes às mulheres e sua relação com os homens:

"Então o que eu disse até agora a respeito do Nilo é bastante. Mas vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em parte alguma há tantas maravilhas como lá, e em todas as terras restantes não há tantas obras de inexprimível grandeza para serem vistas; por isso falarei mais sobre ele. Da mesma forma que o Egito tem um clima peculiar e seu rio é diferente por sua natureza de todos os outros rios, todos os seus costumes e instituições são geralmente diferentes dos costumes e instituições dos outros homens. Entre os egípcios as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte se tece levando a trama de baixo para cima, mas os egípcios a levam de cima para baixo. Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres os carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens acocorados. Eles satisfazem as suas necessidades naturais dentro de casa, mas comem do lado de fora, nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas do corpo devem ser satisfeitas secretamente, enquanto as não vergonhosas devem ser satisfeitas abertamente. Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina; os homens são sacerdotes de todas as divindades. Os filhos não são compelidos contra sua vontade a sustentar seus pais, mas as filhas devem fazê-lo, mesmo sem querer.

Os sacerdotes dos deuses em todos os outros lugares usam os cabelos longos: no Egito eles raspam a cabeça. Em todos os outros lugares, quando se trata de chorar pelos mortos os parentes mais próximos raspam as cabeças; os egípcios as têm raspadas em outras ocasiões, mas depois de uma morte deixam crescer seus cabelos e sua barba. Entre todos os outros povos os homens vivem separados dos animais; no Egito eles mantêm seus animais consigo dentro de suas casas. Os outros povos se alimentam de trigo e cevada; para os egípcios, a maior hulmilhação é usar esses grãos; eles preparam seus alimentos com um grão rústico chamado espelta, que outra pessoas chamam de zeia. Eles preparam as massas de que se alimentam com os pés, mas amassam a argila com as mãos. Os egípcios e os outros povos que aprenderam o costume com eles são os únicos a praticar a circuncisão. Todos os homens usam duas peças de roupa, mas as mulheres usam apenas uma. As argolas e as cordas das velas são presas em todos os outros lugares na parte externa das embarcações, mas no Egito são presas na parte interna. Os helenos escrevem e calculam movendo a mão da esquerda para a direita; os egípcios a movem da direita para a esquerda, e embora façam assim dizem que o fazem movendo a mão para a direita, enquanto os helenos a movem para a esquerda. Eles usam dois tipo de escrita uma das quais chamam sagrada e a outra demótica.¹³³

É importante perceber no estilo do autor em primeiro lugar as oposições que ele faz todo o tempo contrapondo os egípcios com os “helenos” ou com os “outros povos” que parecem sempre fazerem as coisas corretamente, enquanto os egípcios são descritos com um claro exagero fazendo as tais coisas peculiares. Desta forma,

¹³³ Heródotos, História. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. pp. 99-100. §§ 35 e 36.

fica bem mais completo o entendimento possível de suas informações acerca das mulheres.

Deveríamos em primeiro lugar perguntar se todas essas observações foram feitas pelo próprio autor, ou se ele foi apenas um compilador de relatos. Em segundo lugar, precisaríamos tentar saber se tais observações foram feitas sistematicamente ou se está sendo usada uma pequena parcela da população para representar o todo, e em terceiro lugar precisaríamos averiguar se é realmente válido usar o texto desse autor que nos fala de um Egito já tão cheio de influências helenísticas. O texto de Heródoto diz mais sobre sua própria sociedade do que sobre qualquer outra que ele tente descrever. E precisaríamos com certeza conseguir outras fontes que nos permitissem confirmar as afirmações contidas em seu texto, o que não há como fazer.

Quanto ao autor pensar dessa forma não vemos realmente nenhum problema, ele é um homem de seu tempo e reflete os conhecimentos que estariam disponíveis a ele. E até é possível aceitar que tais passagens sejam usadas nos estudos sobre mulheres ou qualquer outro assunto, mas é preciso dar ao autor e ao texto o tratamento correto antes de sua utilização. O que muitas vezes fica difícil de aceitar são os pesquisadores usarem tais afirmações como verdades absolutas.

Vejamos então o que os autores a seguir têm a nos dizer:

ROBINS, GAY, *WOMEN IN ANCIENT EGYPT*. CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS, HARVARD UNIVERSITY PRESS, 1996.

É em nossa opinião a autora que produziu os textos mais importantes e sérios sobre a História das mulheres no antigo Egito. Não é o caso de ser um texto completo, ao qual não se precise mais fazer qualquer tipo de acerto e atualização; pelo contrário, a autora dá um panorama bastante realista da situação deixando bem claro que muito ainda está para ser feito. Ela diz estar fazendo um estudo para o público em geral, mas trata seriamente cada um dos assuntos abordados.

Num contraste absoluto em comparação com outros livros sobre o assunto, pode-se perceber um cuidado muito maior no que diz respeito às fontes e à forma com que aborda a matéria. A autora indica de maneira clara os passos seguidos e quando faz afirmações, o faz com muita precaução. Muito organizado, é com certeza um bom lugar para obter informações que podem ser usadas, já que a autora se preocupa com as citações e referências. A professora Gay Robins mostra-nos sem reserva os caminhos que ainda podem e devem ser seguidos.

Em sua introdução nos dá uma noção geral do assunto, abordando os problemas das fontes primárias disponíveis e o estado dos conhecimentos sobre o antigo Egito, segue falando sobre a questão da divindade do rei para logo, nos dois capítulos subsequentes discutir de forma muito clara a questão da complementaridade da realeza feminina personificada na rainha àquela exercida pelo rei; um não existiria sem o outro.

Nos demais capítulos, aborda assuntos tais como casamento, fertilidade, gravidez, parto, família, trabalhos executados pelas mulheres dentro e fora de casa, posição econômica e legal das mulheres, a participação feminina nos cultos e as formas de representação das mulheres na literatura e na arte.

ROBINS, GAY, REFLECTIONS OF WOMEN IN THE NEW KINGDOM: ANCIENT EGYPTIAN ART FROM THE BRITISH MUSEUM, VAN SICLEN BOOKS, TEXAS, 1995.

É o catálogo da Exposição "Reflections of Women in the New Kingdom: Ancient Egyptian Art from the British Museum", organizada pelo *Michael C. Carlos Museum* e *Emory University* durante 04/fevereiro a 14/Maio de 1995. Os textos que intercalam as imagens são resumos de suas idéias expostas em "*Women in Ancient Egypt*".

WHALE, SHEILA, THE FAMILY IN THE EIGHTEENTH DYNASTY OF EGYPT: A STUDY OF THE REPRESENTATION OF THE FAMILY IN PRIVATE TOMBS, THE AUSTRALIAN CENTRE FOR EGYPTOLOGY, 1989.

A primeira parte do livro (as primeiras 235 páginas) é dedicada a uma detalhada descrição de cada uma das tumbas com as quais a autora trabalhou. Ela avisa na introdução que, embora tenha pesquisado numerosas tumbas, só irá expor as 93 que estão em melhor estado com imagens completas ou incompletas, mas discerníveis. As descrições são bastante detalhadas e as ramificações familiares encontradas são explicitadas.

Na segunda parte que a autora chama de "Estudo", ela tenta organizar e resumir a confusa teia das relações familiares que são encontradas nas tumbas. Seguindo os temas: parentesco, terminologia familiar e relações familiares, dividida por sua vez em – "Marido e mulher", "Crianças (filhos)", "Pais (a-Pai, b-mãe)", "Pais da esposa", "Irmãos", "Irmãs", "Avós", "Netos". Ela conclui que no Egito não havia culto aos ancestrais. As tumbas sozinhas não podem dar conta da imbricada teia familiar e são necessários outros tipos de documentos (Estelas, Estátuas, Cones Funerários) para conseguir resultados significativos. As representações nas tumbas são superficiais e idealísticas não mostrando defeitos, insucessos em casamentos e não sendo possível determinar divórcio, poligamia, etc.

Foi com certeza um texto bastante útil, mesmo que trate apenas das famílias da XVIII dinastia.

JANSSEN, ROSALIND M. & JAC. J., *GROWING UP IN ANCIENT EGYPT*, THE RUBICON PRESS, LONDON, 1990.

O livro, como o título indica, trata das crianças e de tudo que se relacione a elas. Em algumas partes, no entanto são bastante interessantes os estudos relativos às mulheres. Como por exemplo, a parte sobre a educação das crianças. Há trechos específicos sobre a possível educação feminina. Os autores são cuidadosos com as fontes, não generalizam, mas parecem ter problemas com a questão do incesto.

CAPEL, ANNE K. & **MARKOE**, GLENN E. *MISTRESS OF THE HOUSE, MISTRESS OF HEAVEN. WOMEN IN ANCIENT EGYPT*. NEW YORK: HUDSON HILLS PRESS IN ASSOCIATION WITH CINCINNATI ART MUSEUM – OHIO, 1996.

É o catálogo da exposição *Mistress of the House, Mistress of the Heaven: Women in Ancient Egypt*, exibida no Cincinnati Art Museum, Ohio (20/10/1996 – 5/1/1997) e no Brooklyn Museum, New York (21/2/1997 – 18/5/1997). O catálogo, além de várias páginas com imagens de muito boa qualidade, traz também alguns ensaios tratando do trabalho feminino (Catharine H. Roehrig), *status* e funções desempenhadas por mulheres (Betsy M. Bryan) e sobre o *status* legal delas (Janet H. Johnson).

Como não foi possível trabalhar com todos os materiais que inicialmente imaginamos, as imagens não nos foram muito úteis, mas os textos são bastante interessantes, ainda que não tragam maiores novidades.

LESKO, BARBARA S. *THE REMARKABLE WOMEN OF ANCIENT EGYPT*, SCRIBE PUBLICATIONS, PROVIDENCE, 1987.

Analisando principalmente rainhas e sacerdotisas, a autora mantém a afirmação de igualdade essencial das mulheres em relação aos homens. O texto é agradável de ler, mas um pouco decepcionante. Embora seja útil por trazer diversas idéias que podem ser utilizadas, ela comete os mesmo erros de outros autores, aceitando o princípio da “descendência matrilinear” e fazendo a confusão das fontes nos períodos.

A autora trata fundamentalmente de assuntos tais como os palácios separados das rainhas, o trabalho feminino fora de casa, a participação das mulheres no comércio, nos trabalhos nos campos (agricultura, caça, coleta, pecuária), nas oficinas de fiação e de tecelagem, trabalhos como servas em casa de outros (cozinha, preparação de farinha, cerveja, assando o pão, servidora em

banquetes), trabalhos como dançarinas e acrobatas, musicistas, nas oficinas de perfumes e como coletora de flores, cita também os títulos de “Senhora da Oficina de Perucas” e “Senhora do Salão de Refeições”.

Fala-nos também dos trabalhos executados pelas mulheres dentro de casa, bem como sobre a função de *nbt pr*, “senhora da casa”, e dos passos envolvidos no aprendizado para se cuidar de uma casa:

“As mulheres jovens tinham que ser treinadas nas muitas e variadas artes domésticas requeridas de uma “dona de casa” de uma sociedade pré-industrial. Por exemplo, num tempo em que a dona de casa média tinha que tecer os tecidos antes que ela pudesse fazer as roupas para sua família, uma jovem mulher tinha que aprender as quase duas dúzias de passos envolvidos em transformar o linho (planta) em tecido”¹³⁴.

HAWASS, ZAHY A. *SILENT IMAGES, WOMEN OF PHARAONIC EGYPT.* HARRY N. ABRAMS, INC: NEW YORK, 2000.

O livro, em formato grande (30,5cm x 25cm), com capa dura e riquíssimamente ilustrado do Secretário Geral do Conselho Superior de Antigüidades e Diretor das Escavações do Vale das Pirâmides de Giza, nos dá uma visão geral sobre os assuntos principais sobre a vida das mulheres no Egito antigo.

É mais um livro de divulgação do que qualquer outra coisa, mas apresenta os assuntos de maneira razoavelmente clara. Não parece ter maiores intenções de fazer mais do que está fazendo e por isso é um livro que, com uma visão crítica, pode ser usado sem maiores problemas.

NOBLECOURT, CHRISTIANE DESROCHES, *A MULHER NO TEMPO DOS FARAÓS,* PAPIRUS, SÃO PAULO, 1994.

Embora aborde muitos aspectos acerca da condição das mulheres no Egito Antigo, a autora toma muitas liberdades no que diz respeito às informações que podem ser verdadeiramente obtidas através das fontes existentes. Não só estas “liberdades” como também o excesso de generalizações fazem com que trace uma possível realidade que nada a tem a ver com a verdadeira condição das mulheres.

O livro, traduzido do francês, também tem problemas com a tradução e revisão do texto, mas o pior é a desorganização de suas partes. A autora em muitas ocasiões esquece de mencionar a qual período se referem as fontes que cita ou os assuntos que comenta, o que, num total de três mil anos, pode dar muitas impressões erradas. No entanto acho que, se lido com olhos cuidadosos e críticos, o texto pode ser usado no sentido de uma visão geral do que poderia ser abordado sobre o assunto.

Sobre a igualdade, a autora diz:

¹³⁴ **LESKO, Barbara S.** *The Remarkable Women of Ancient Egypt,* Scribe Publications, Providence, 1987. p. 19.

"O Estatuto geral da mulher

"Igualdade entre o homem e a mulher

"De acordo com todas as aparências, assim se apresentava a mulher egípcia, feliz citada de um país em que a igualdade dos sexos parece ter sido considerada, desde a origem, como um fato natural e tão profundamente enraizado que o problema foi sequer levantado. (...) Assim na Antigüidade, o Egito é o único país que verdadeiramente dotou a mulher de um estatuto igual ao do homem. Isso é, sem dificuldade, constatado durante todo o período do Antigo Império e, naturalmente, com clareza, no Novo Império. Ocorreria o mesmo no Médio Império, grande época de reerguimento nacional entre dois períodos sombrios e turbulentos? Alguns indícios poderiam levar a constatar uma ligeira regressão em certos direitos comuns das mulheres, mas nada é absolutamente seguro e a falta de documentos de importância constitui o principal fator de hesitação ou de dúvida a esse respeito. Portanto, um estrito estudo cronológico dos fatos é, às vezes, difícil. Enfim, as provas encontradas, todas esporádicas, não permitiram estabelecer no momento atual uma única biografia completa de uma dama egípcia conhecida. Todavia, a qualidade dos textos é suficiente para que lhe seja assegurada uma visão global de suas prerrogativas. Desde o fim do século XIX, Revillout e Paturet, especialistas em direito egípcio, utilizando-se dos escritos demóticos dos últimos séculos antes da nossa era, já tinham traçado as grandes linhas do estatuto da mulher às margens do Nilo (depois, as pesquisas continuaram em relação às épocas precedentes, muito menos complexas, principal e recentemente com Theodorides, Allam e Pestman, mas tudo confirma que a egípcia, juridicamente igual ao homem, era tratada no mesmo plano. A mulher podia possuir bens, adquiri-los, estabelecer livremente contratos ou obrigações. Certamente, a mãe era o eixo da família, mas não era desse fato que ela extraía toda essa autonomia. Ela dispunha de todos os direitos, desde o nascimento, e nenhuma modificação era acrescentada ao seu estatuto legal em razão do casamento ou da maternidade. Sua capacidade era plena e inteira já com a maioridade (aqui entra uma nota sobre não ser possível estabelecer a maioridade da mulher egípcia) e naturalmente com o casamento; mas parece que uma criança sem dúvida podia contratar atos de forma judicial, desde que fosse capaz de lhe entender o sentido e avaliar o alcance."¹³⁵

A menos que a tradução brasileira deste texto de 1986 esteja completamente equivocada, não sabemos como a autora pode estabelecer a igualdade de gêneros no Egito Antigo com as afirmações feitas. Como alguém pode dizer que *"as provas encontradas, todas esporádicas, não permitiram estabelecer no momento atual uma única biografia completa de uma dama egípcia conhecida"* e achar que a igualdade foi plenamente estabelecida? E como poderíamos pensar dessa forma principalmente sabendo que existem várias biografias masculinas? E ainda que por uma série infindável de acasos desafortunados todas as fontes sobreviventes só nos trouxessem "provas esporádicas" para construir as biografias masculinas e não as femininas, será que a autora nunca se perguntou por que não temos realmente um número significativo de documentos que pudéssemos afirmar terem sido produzidos por uma mulher? Será que ela não percebe que na maioria absoluta das situações, com raras exceções, só temos acesso à visão masculina das mulheres?

Um pouco mais adiante a autora faz uma afirmação ainda mais interessante.

¹³⁵ NOBLECOURT, Christiane Desroches, A mulher no tempo dos faraós, Papirus, São Paulo, 1994. pp. 207-208. A edição francesa, imagino que a primeira deste texto é de 1986.

"A liberdade da mulher

*A mulher egípcia não conhecia a tutela à qual esteve constrangida a romana, e o 'poder dos pais' – principalmente o do pai – foi antes de tudo uma proteção.*¹³⁶

Consideramos essa afirmação bastante problemática. É verdade que os pais precisariam "proteger" seus filhos até que eles não precisassem mais dessa "proteção", mas o estranho é que a autora aponte apenas a "proteção" paterna como necessária no que diz respeito às filhas, sem se dar conta que a única marca de real "igualdade" teria sido poder dizer que: "os jovens egípcios (homens e mulheres) não conheciam a tutela..." já que a cada vez que o nosso discurso marca a desigualdade estamos fazendo exatamente isso, marcando a desigualdade existente. Ela ainda afirma que:

*"Em matéria de sucessão, as devoluções eram idênticas para o homem e para a mulher; parece também que a egípcia foi – segundo certas regras, dentre as quais, naturalmente, o consentimento paterno – relativamente livre para escolher seu futuro marido. Essa independência era tão grande no fim das dinastias indígenas, que a mulher abusou dela a ponto de Sófocles e Eurípedes, em várias de suas obras, apresentarem os egípcios como 'permanecendo sentados no canto da lareira, enquanto a mulher tratava de todos os afazeres domésticos'. A reação sobreveio, portanto, pelos cuidados de Ptolomeu Philopator, que editou seus famosos 'Prostagna' reformulando em parte o direito egípcio, com vistas a voltar à noção de igualdade entre os dois sexos, pondo assim termo a uma situação de que as mulheres haviam abusado até o exagero."*¹³⁷

O trecho mostra problemas de tradução, é verdade, o que poderia prejudicar as idéias reais, mas ainda assim é bastante claro que a autora falhou ao perceber que qualquer grego que visse as ditas "facilidades jurídicas" femininas iria, é claro, surpreender-se com "tamanho absurdo", já que em sua própria sociedade, as mulheres tinham claramente um papel secundário em relação aos homens.

NUR EL DIN, ABDEL HALIM, *THE ROLE OF WOMEN IN THE ANCIENT EGYPTIAN SOCIETY*. AMAL SAFWAT EL-ALFY S.C.A. PRESS, 1995.

O levantamento de títulos e epítetos usados pelas mulheres e seu posterior estudo são fundamentais para a compreensão de quais seriam as funções que realmente tiveram alguma participação feminina. É uma proposta que pode parecer a princípio limitada, mas com certeza necessária considerando o estado das fontes disponíveis e a necessidade de compreensão de alguns detalhes.

O livro de Nur el Din é o produto de uma pesquisa realizada entre 1964 e 1966 que foi publicada vários anos depois.¹³⁸

O autor faz um levantamento geral dos títulos e epítetos usados pelas rainhas e pelas damas da corte, e demais títulos usados para mulheres de todas as

¹³⁶ *Idem, ibidem*. p.208

¹³⁷ *Idem, ibidem*. pp.208-209.

¹³⁸ **CASTAÑEDA REYES**, José Carlos. *El papel de la mujer en la Historia Social del Egipto Antiguo*. Tese de Doutorado, Centro de Estudios de Asia y África – El Colegio de México, 2003. pp 10-11.

camadas sociais. E esta parte do livro é bastante útil, mas o autor em certos momentos nos pareceu bastante ingênuo fazendo afirmações que podem ser facilmente negadas, além das generalizações, tomando uns poucos casos como regra geral. Embora o autor não pareça ter problemas com os casamentos entre irmãos, ele volta a generalizar afirmando que acontece com muita frequência.

"Pesquisadores tiveram diferentes opiniões no que diz respeito aos casamentos entre irmãos. Ainda que casamentos entre irmãos nos pareça na verdade bastante estranhos, eram usuais no antigo Egito; os dois deuses Osíris e Set casaram-se com suas irmãs Isis e Neftis. Este tipo de casamento entre deuses tornou-se um modelo seguido mais tarde por muitos egípcios, especialmente na família real para manter a pureza do sangue divino."¹³⁹

Sobre a condição de igualdade das mulheres o autor afirma na página 39:

*"No Antigo Reinado, duas ou três rainhas foram capazes de "reger" o país sozinhas, o que **prova a capacidade da mulher para assumir as responsabilidades** de uma das posições mais importantes reservadas aos homens"¹⁴⁰*

Um autor que pretende através do estudo dos títulos e epítetos usados pelas mulheres fazer um "resgate do papel feminino" na sociedade egípcia, ao fazer afirmações como estas, não parece realmente estar pensando de forma isenta.

WATTERSON, BARBARA. *WOMEN IN ANCIENT EGYPT*, ST. MARTIN'S PRESS, NEW YORK, 1991.

O livro tem sérios problemas em relação ao tratamento das fontes. A primeira premissa deste livro é falha: "que fontes de uma determinada época podem ser usadas em qualquer outra"; portanto, todo o resto do livro torna-se duvidoso.

As constantes comparações com o Egito atual e com a Inglaterra do século XVI são um problema no mínimo desconcertante, já que tais comparações não parecem realmente fazer nenhum sentido para a compreensão do antigo Egito. Outro ponto onde a premissa é falsa ou duvidosa é a afirmação de que "a descendência era traçada pela linha materna". O livro é de 1991, e nesta época a falsidade da idéia de descendência matrilinear já havia sido demonstrada.

A autora falhou em compreender muitas coisas sobre as quais escreve, mas ainda assim há pelo menos um capítulo, o quinto, que trata sobre saúde e nascimento que nos pareceu útil e interessante pelas idéias que apresenta.

Sobre a "igualdade de gêneros" a autora conclui no final do capítulo sete, *Domestic Life*: "parece que todos os egípcios sentiam que não havia desgraça na embriaguez. A este respeito se não verdadeiramente em outros havia igualdade entre os sexos no antigo Egito". O que nos pareceu não muito elogioso para argumentar sobre uma possível igualdade entre homens e mulheres.

¹³⁹ **NUR EL DIN**, Abdel Halim, *The Role of Women in the Ancient Egyptian Society*, 1995. p. 41.

¹⁴⁰ *Idem, ibidem*. p. 39.

JACQ, CHRISTIAN. *AS EGÍPCIAS. RETRATOS DE MULHERES DO EGITO FARAÔNICO*. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2000. (EDIÇÃO FRANCESA: 1996)

Na primeira parte do livro o autor segue cronologicamente uma narrativa biográfica a respeito das deusas, rainhas-faraós, grandes esposas reais importantes e regentes, tentando sem dúvida ressaltar o papel imprescindível das mulheres. No entanto, em meio a essa narrativa, faz afirmações que são no mínimo estranhas.

Pouco fala do harém e quando o faz cita-o como uma “*instituição religiosa sem que tenha nada a ver com o sentido otomano*”. Quando fala dos casamentos consangüíneos, não os nega, mas afirma com veemência que não eram consumados. Nega as filiações de Ramsés II dizendo que “filho régio” e filha régia” são apenas títulos e os “filhos” teriam sido adotados, com exceção de seis.

Na segunda, terceira e quarta partes, segue pelo caminho das generalizações, negações ou afirmações sem demonstrar claramente como chegou a tais resultados.

A respeito do anão Seneb, diz: “*No lugar onde deviam ter sido esculpidas as pernas do pai se estivesse de pé como Senet-Ités, figuravam dois filhos, um rapaz e uma jovem, despidos, com o dedos sobre a boca para mostrar que são silenciosos e obedientes...*”¹⁴¹ Não sabemos se isto foi apenas um erro de tradução, mas acreditamos que a maior parte dos egiptólogos saiba que as crianças eram usualmente representadas sem roupas com suas tranças de infância, e o dedo na boca é mais uma marca da infância; e quanto ao “local das pernas”, além de ser bastante cruel o comentário, já que se tratava de um anão, mesmo de pé as pernas dificilmente ocupariam tal espaço.

Talvez por sua experiência lucrativa com a ficção, talvez por ter criado um Egito inteiramente particular, o autor, além de ser nada útil para os estudos sobre as questões femininas no antigo Egito, faz exatamente o que lamenta os outros fazerem: “*o Egito tinha outros valores, e projetar nele as nossas torpezas é um erro lamentável*”.

2. As peculiaridades do período

Embora não nos interesse aqui a situação detalhada das rainhas durante o Reino Novo, consideramos pertinente chamar a atenção para um fato deveras interessante: por conta da extrema hierarquização da sociedade egípcia, era

¹⁴¹ JACQ, Christian. *As Egípcias. Retratos de Mulheres do Egito Faraônico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.179.

possível notar que a situação vivenciada pelas rainhas era de alguma forma partilhada por suas súditas e propagada como em ondas.

Ou seja, existia um escalonamento hierárquico que era encabeçado pela rainha, pela esposa principal de um faraó, e terminava talvez nas mulheres das famílias de escravos. Entre o topo encabeçado pela rainha até seu final passavam todas as outras mulheres da família real, seguidas bem de perto pelas outras damas da corte, logo após seguindo a possível ordem: as esposas e parentes femininas dos escribas e burocratas; as dos artesãos especializados e demais artesãos; as dos camponeses; e finalmente as dos escravos. Se as rainhas num determinado período desfrutassem de melhores condições, de mais destaque, era de se esperar que tais benefícios se propagassem, ainda que fossem perdendo sua força gradualmente. Como também era de se esperar que, em períodos em que a situação da rainha fosse menos ressaltada, também tal característica fosse propagada.



Figura 38: Esquema do provável escalonamento hierárquico feminino.

O que temos entre a XVIII e a XIX dinastia é mais ou menos isso. Durante a XVIII dinastia as rainhas, pelo que se pode verificar teriam demonstrado uma forte personalidade, fazendo com que algumas delas tenham conseguido alcançar um poderio não muito comum para as mulheres em qualquer condição, o que fez com que a situação das mulheres durante esta dinastia tenha sido relativamente favorável.

Há, no entanto uma espécie de resposta durante a XIX dinastia, e embora possamos encontrar figuras femininas de algum destaque durante este período, nenhuma delas chega realmente perto da primazia alcançada pelas principais mulheres da XVIII dinastia.

De todas as rainhas que listamos aqui, cinco para a XVIII dinastia e quatro para a XIX, o percentual de reconhecimento é extremamente baixo no que diz respeito àquelas listadas na XIX dinastia; acredito que apenas uma delas, Nefetari, seja realmente conhecida em função de sua tumba e de seu templo em Abu Simbel, que embora seja de mesmo tamanho do que o de Ramsés II seu marido, tem muito menos representações na fachada. Das outras, uma com certeza, regente e faraó,

nenhuma delas chega nem de perto de alcançar a influência usufruída por aquelas da dinastia anterior.

Rainhas de destaque nas dinastias XVIII e XIX

Rainhas de Destaque na XVIII Dinastia	Rainhas de Destaque na XIX Dinastia
<p>Ahhotep II Mãe de Ahmose, fundador da XVIII dinastia, pode ter exercido o poder real enquanto regente. Os registros não são precisos.</p>	<p>Nefertari Esposa principal de Ramsés II. Ao que tudo indica parece ter sido uma esposa muito amada, sem maiores influências ou feitos. Sua tumba é ricamente decorada e muito bonita.</p>
<p>Ahmose Nefertari Esposa principal de Ahmose, era também sua irmã ou meia-irmã. Mãe de Amenhotep I, ainda estava viva no reinado de Thutmose I. Parece ter tido bastante influência e tanto ela como seu filho foram deificados e cultuados.</p>	<p>Isetnefret Depois da morte de Nefertari tornou-se a esposa principal de Ramsés II, mas não há muitos detalhes a seu respeito.</p>
<p>Hatshepsut Filha de Thutmose I e esposa de seu meio irmão Thutmose II, foi regente no reinado de Thutmose III, seu enteado, mas assumiu toda a titulação de um faraó, e prosseguiu reinando até bem depois da maioridade do rei, que estaria agindo enquanto regente. Não se sabe exatamente o que aconteceu com ela, mas no ano 22 Thutmose III estava reinando sozinho. Se ela morreu naturalmente ou se foi removida por meio de violência não há nenhuma fonte que possa dar certeza.</p>	<p>Bintanat Filha de Ramsés II e provavelmente uma de suas esposas também. Não há muitas informações ou certezas a seu respeito</p>
<p>Tiy Esposa principal de Amenhotep III e mãe de Akhenaton. Ela não pertencia à família real, mas, além de aparecer em vários monumentos ao lado do marido, era constantemente representada do mesmo tamanho dele, o que certamente nos mostra sua importância. Foi a primeira rainha do Egito a ter seu nome em atos oficiais, incluindo o anúncio do casamento do rei com uma princesa estrangeira. Tiy também era conhecida por reis estrangeiros tendo sido mencionada em várias cartas trocadas entre o faraó e tais reis.</p>	<p>Twosre Esposa de Seti II e regente de Siptah. Reinou por um curto período, mas não é muito conhecida.</p>
<p>Nefertiti Esposa de Amenófis IV, mais conhecido como Akhenaton. Para muitos o verdadeiro poder por trás do trono. Ela foi representada na iconografia oficial nas cenas destinadas aos reis como por exemplo dirigindo um carro de guerra e massacrando estrangeiros. Foi co-regente do trono enquanto Akhenaton vivia e ao que tudo indica reinou sozinha após a morte de seu marido por um breve período.</p>	

Tabela 7: Rainhas de destaque nas dinastias XVIII e XIX – Descrições das Rainhas feitas a partir de ROBINS, Gay. Women in Ancient Egypt

O que para nós fica bastante claro é que na XIX dinastia a situação das mulheres não era tão favorável como na dinastia anterior, e isso pode indicar que não é realmente possível que os resultados obtidos com esta pesquisa representem muito para os períodos subsequentes ou anteriores. Seria sempre necessário verificar em primeiro lugar como estaria a situação das rainhas para, depois, rever a de suas súditas.

3. A mulher invisível

“Uma mulher é questionada sobre seu marido, um homem sobre seu posto.”¹⁴²

A verdade é que as mulheres são quase completamente invisíveis se visitarmos o Egito antigo através de sua história política. O Estado era conduzido por um rei que governava as Duas Terras através de uma burocracia de escribas que era parte de uma pequena camada da população que sabia ler, formada exclusivamente por homens. É certo que existiram algumas mulheres que reinaram efetivamente, mas dos 200-300 faraós que reinaram desde a I dinastia até a XXXI, apenas quatro – Nitrócris, Sobeknefru, Hatshepsut e Twosre – eram mulheres. Há também a discussão se Nefertiti chegou a reinar sozinha, mas ainda que acrescentássemos seu nome à nossa lista, teríamos um número bastante reduzido de mulheres.

Destas, todas foram mulheres faraós que reinaram em finais de dinastias por breves momentos até que uma nova família tomasse o poder. A única exceção foi Hatshepsut, que assumiu não só o título de faraó e praticamente toda a titulação e iconografia masculina real, com exceção de *Touro Poderoso*, como manteve o poder por um tempo significativo, no que poderíamos chamar de meio da dinastia num período de estabilidade, e deixou um grande número de monumentos, através dos quais é possível saber que toda a iconografia foi adaptada para que ela fosse retratada como um rei de sexo feminino.

Ela é freqüentemente citada como o exemplo do auge da realização feminina no Egito Antigo, e uma das autoras que comentam tal fato afirmam que “*aquela que nunca deve ser esquecida Hatshepsut até mesmo usou as duas coroas do Egito e declarou-se Rei (não rainha) – faraó de todo o Egito*”¹⁴³

3.1. A questão da alfabetização das mulheres

A elite no antigo Egito era chamada de ‘escriba’, significando ‘letrado’ ou aquele que podia ler e escrever. Num país onde a maioria não sabia ler ou escrever é bastante óbvio que aqueles que mantinham o conhecimento de tal função acabavam por conseguir as posições que não só seriam mais bem remuneradas como também detinham mais poderes.

¹⁴² Instruções de Ani, texto egípcio. LICHTHEIM, Miriam. Ancient Egyptian Literature, volume II: The New Kingdom. Berkeley: University of California Press, 1976. p. 136.

¹⁴³ LUMPKIN, Beatrice. “Ancient Egypt for children – Facts, Fiction and Lies”. IN: SERTIMA, Ivan van (ed.). *Egypt Revisited: Journal of African Civilizations*. Vol. 10 (Summer 1989). p. 421.

Este grupo compreendia não somente os funcionários do estado, mas também os altos escalões do sacerdotais, que administravam as enormes propriedades dos templos, como também uma parte do corpo de oficiais dos exércitos.

Durante os Reinos Antigo e Médio a maioria dos líderes do exército eram servidores civis, mas quando, no início da XVIII dinastia, o Egito começou a conquistar seus vizinhos do Oriente Próximo e do Sul, fundando um império, o exército se tornou bastante poderoso, fazendo par com a burocracia e os sacerdotes. Entre seus membros os oficiais dos carros de guerra eram destinados a desempenhar um papel importante.

Não há certeza se estes últimos seriam letrados. Mas a equipe administrativa, que cuidava do transporte e suprimentos durante as campanhas, e do recrutamento e organização das tropas, claramente tinha que ser capaz de ler e escrever. Eles também precisavam de algum conhecimento matemático. Estes oficiais começavam suas carreiras como 'Escribas militares'; e alguns deles alcançavam altas posições no Estado.

Tão altamente valorizada era a posição dos letrados na sociedade que mesmo os funcionários mais importantes tinham estátuas de si mesmos como escribas. Por outro lado, nas imagens representadas nos relevos das tumbas, as escritas de verdade parecem ser sempre delegadas aos subordinados, escribas de posição inferior, enquanto que os servidores civis líderes eram representados como supervisores.

Existia ainda uma outra categoria de pessoas para quem a capacidade de ler e escrever era essencial, a saber: os artistas, os desenhistas e os escultores. Era deles a tarefa de converter os textos hieráticos, escritos nos papiros e ostracas, em hieróglifos nas paredes das tumbas e dos templos, como também os textos nas estátuas. Isto teria obviamente requerido o conhecimento de ambas as escritas. Embora menos importantes que os administradores, os artistas também alcançavam um *status* acima da massa da população, mais ou menos igual àquela dos ourives e dos médicos.

Para todas essas profissões um aprendizado formal era necessário. No entanto, apesar de sua importância, nós sabemos surpreendentemente pouco sobre a organização das escolas e seus métodos de ensino. Os egípcios em geral não registravam os meios que levavam a um fim. Assim, não nos dizem em detalhe como os meninos eram educados, e não há nenhuma representação de escolas.¹⁴⁴

¹⁴⁴ JANSSEN, Rosalind M. & Jac. J., *Growing Up in Ancient Egypt*, The Rubicon Press, London, 1990. p.68

Uma das questões importantes para que se possa falar sobre a igualdade de gêneros seria a possibilidade de que as mulheres também pudessem se dedicar à função de escriba, se assim quisessem.

Teriam as meninas também aprendido a ler e a escrever? Não havia lugar para elas na burocracia e nem no sacerdócio, talvez com algumas exceções para algumas ocupações especiais. Onde a forma feminina da palavra “escriba” ocorre, muito raramente, parece ter sido usada com o sentido de mulher que “pintava”, isto é, maquiava sua senhora.¹⁴⁵

Ainda assim, existem dados circunstanciais de que algumas mulheres eram letradas. Numa carta datada do final da XX dinastia, escrita por um homem que estava longe de casa por causa de uma viagem, ele diz a seu filho: “*Você deve ir ver aquela filha de Khonsumose e deixar que ela faça uma carta e enviá-la para mim*”. O nome da moça não é mencionado, o que sugere que ela ainda era jovem. Ainda que o uso do verbo “fazer” ao invés de “escrever” talvez signifique que ela deveria ditar a mensagem, isso parece de fato apontar para o oposto.¹⁴⁶

Foi declarado que a paleta da filha mais velha de Akhenaten, Meritaten, encontrada na tumba de Tutankhamon, mostra que ela podia escrever. O mesmo tem sido tomado como verdadeiro para um exemplo em miniatura, de proveniência desconhecida, pertencente a sua irmã mais nova Meketaten. Entretanto, estes itens apresentam blocos de pigmentos em várias cores, enquanto os escribas usavam apenas tintas preta ou vermelha. As paletas eram, portanto material de pintura e, desta forma, adequadas para a educação das princesas reais.¹⁴⁷

Uma comprovação mais confiável da alfabetização feminina vem de Deir el-Medina. Entre as milhares de ostracas lá encontradas existem diversas que apresentam cartas, a maioria tratando de trivialidades. Algumas delas são endereçadas ou enviadas por mulheres, umas inclusive enviadas de uma mulher para outra. Elas lidam com assuntos femininos, por exemplo, um pedido de confecção de roupas de baixo. Desta forma, parece improvável que ambas as mulheres, a remetente e a destinatária, precisassem de um “escriba” para escrever e ler as mensagens. Pelo menos algumas das mulheres das famílias dos artistas devem ter ido à escola. Em vista do excepcional nível cultural desse povoado, tal fato o que não causaria muita surpresa.¹⁴⁸

Certamente existiram mulheres educadas nas famílias de escribas. Em cenas encontradas em algumas tumbas vemos ocasionalmente, debaixo das cadeiras de

¹⁴⁵ *Idem, ibidem.* p. 84

¹⁴⁶ *Idem, ibidem.* p. 84

¹⁴⁷ *Idem, ibidem.* p. 85

¹⁴⁸ *Idem, ibidem.* p.85.

mulheres, ao invés dos usuais artigos de toailete tais como espelhos, ou animais como gatos ou macacos, artefatos de escribas: paletas, bolsas de couro nas quais os escribas guardavam seus apetrechos, e uma vez até mesmo um rolo de papiro. Não há nenhuma prova que tal senhora tenha usado de verdade tais objetos, mas por que outra razão eles foram pintados ali?

Para que propósito tais damas bem nascidas teriam recebido uma educação escolar? Certamente não para conseguir um posto na administração. Talvez para servir em um templo. Mais provavelmente, entretanto, era uma questão de cultura, como na Idade Média, quando as nobres eram algumas vezes alfabetizadas, enquanto seus maridos guerreiros não eram.

Alguns dos poemas de amor do Reino Novo, escritos numa linguagem artificial, tinham sua autoria atribuída a uma moça enamorada e podem muito bem ter sido compostos por jovem damas. Apesar das diferenças óbvias, eles lembram as “cantigas de amigo” medievais. Eles se encaixariam em nossa imagem de uma vida de um estilo cortês do período em que foram escritos e saboreados não só pelas mulheres da alta sociedade.¹⁴⁹

De qualquer forma, saber com certeza, através de algum indício real, que as mulheres sabiam ler e escrever seria uma maneira bem mais adequada de falar em igualdade. E se elas tivessem conseguido manter sua posição enquanto uma possível escriba, talvez soubéssemos bem mais sobre sua real posição na sociedade.

3.2. A mulher na vida pública

As funções públicas no governo do antigo Egito eram limitadas aos homens. Embora no decurso de toda a história do Egito faraônico existam casos isolados de mulheres que foram chamadas de escribas ou que efetivamente ostentaram um título oficial,, podendo também ter executado as funções decorrentes do título, sua ocorrência é muito pontual para que possamos falar em igualdade de gêneros. Os cargos eram herdados apenas pelos filhos, e as filhas, embora recebessem em herança bens materiais, não poderiam receber a função de seus pais.

Por conta de sua dominância, os homens podiam perpetuar seu controle na esfera política, enquanto as mulheres, embora capazes, não podiam oficialmente ter acesso à burocracia governante. Se as mulheres percebiam todas as distinções em sua sociedade e, mais ainda, se chegavam a se ressentir disso, é algo que

¹⁴⁹ *Idem, ibidem.* p 85.

nunca poderemos saber, já que não temos nenhum registro sobrevivente que expresse suas atitudes e opiniões.

Provavelmente a maioria das mulheres aceitava a vida como esta se apresentava e não questionava os costumes estabelecidos ao longo do tempo tempo, já que qualquer uma que se recusasse a obedecer teria sido simplesmente rejeitada. Elas eram honradas se seguissem os padrões da sociedade, mas havia sempre o perigo de quebrarem as regras, nesse caso elas eram desonradas e mesmo condenadas. Os homens também deviam se encaixar em padrões estabelecidos, mas para eles as regras eram diferentes. Desde que a sociedade era dominada pelos homens, as normas eram instituídas por eles para o benefício deles mesmos. No antigo Egito, a conformidade, não a individualidade era apreciada, e homens e mulheres tinham papéis predeterminados numa sociedade que procurava seus modelos no passado.¹⁵⁰

Embora de forma alguma a sociedade egípcia fosse imutável, as mudanças eram vagarosas e, em qualquer tempo que olhemos, o *status quo* não estava aberto a questionamentos. Podemos olhar para trás para o antigo Egito e ver alguma coisa da estrutura de sua sociedade durante três milênios: como foi construída na desigualdade dos gêneros com os homens dominando os negócios públicos. Não só a burocracia oficial era formada exclusivamente por homens, mas o rei, de quem em teoria todo o poder derivava, era homem, identificado com um deus masculino, Hórus. É verdade que quatro mulheres ocuparam o trono como reis em alguns momentos, mas sua posição era anômala.

4. A mulher visível

Existem diversas informações sobre a situação feminina no antigo Egito, mas alguns pontos precisam ser levados em consideração. Em primeiro lugar, não existem informações sistemáticas sobre os vários temas que vamos apresentar em seguida para todo o período do Egito faraônico. O usual é expor o que se sabe, frisando que nem sempre teremos fontes para confirmar se essa informação é válida ou não para o período que vai ser tratado. Uma boa parte dos estudos trata o Egito como um bloco único e uniforme, e para muitas das situações é o que as fontes nos permitem saber. O caso é que não temos realmente acesso a todas as informações necessárias para construir um quadro com um nível de completude que nos permitisse dizer que durante a XIX dinastia a situação das mulheres era

¹⁵⁰ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pp. 18-19

desta ou daquela maneira. A afirmação que podemos realmente fazer é frisar que isso é válido para o período das fontes existentes, e que tais informações são aceitas até que possamos ter acesso a outras fontes ainda desconhecidas, ou a novas técnicas que nos permitam extrair novas informações das antigas.

"Uma série de obstáculos dificulta muito nossos esforços. O principal problema é que, apesar da rica fonte de materiais, os egiptólogos ainda não têm uma compreensão global do funcionamento da sociedade egípcia, do funcionamento geral do governo, das leis e da economia. É difícil examinar o lugar e a importância das mulheres num sistema que não compreendemos inteiramente. Nós podemos, no entanto, esboçar algumas conclusões significativas e o retrato da vida das mulheres que emerge é vívido e fascinante, ainda que necessariamente incompleto."¹⁵¹

Passaremos a partir deste ponto a apresentar de forma sistematizada tudo o que foi possível reunir das informações já levantadas a respeito das mulheres egípcias. Nem todas as informações serão relativas a nosso período, mas nesses casos marcaremos o fato apenas como uma possibilidade. A idéia principal desta parte é esboçar o pano de fundo no qual construímos a imagem pretendida.

4.1. Deusas e Rainhas

Este trabalho não lida diretamente com rainhas ou mulheres de situação social alta. Tentamos reunir aqui as informações que são pertinentes para um possível retrato das mulheres de situação mediana. Sua família não seria riquíssima, mas teria certamente melhores condições do que a maioria absoluta do resto da população. No entanto, como vimos anteriormente, há uma ligação entre a situação das rainhas e suas súditas, e por conta disto reunimos aqui algumas informações que nos são úteis para nosso tema.

Aquilo sobre o que queremos chamar a atenção, quanto às deusas e rainhas, é o lugar que ocupam em relação aos homens da família.

De acordo com os mitos egípcios, quando seu país emergiu das águas primordiais do caos no momento da criação, os deuses dominavam a terra. Foram eles que estabeleceram a forma de governo, os rituais religiosos e a escrita, trazendo ordem e civilização.

Acima do mundo humano estaria o mundo divino habitado por divindades masculinas e femininas. Como uma construção da mente humana, o mundo divino reflete obviamente o funcionamento do mundo humano.

Na visão egípcia do universo, ambos, os mundos divino e humano, tomaram forma nos tempos da criação, quando havia somente uma matéria indiferenciada. O

¹⁵¹ *Idem, ibidem.* p.11

ato da criação ocorreu quando esta matéria foi separada em uma miríade de forma diferentes que compuseram o mundo.

Em um dos mitos de criação, associado a Heliópolis, o deus criador, que gerou a si próprio, começou o processo da criação, produzindo através da masturbação o primeiro par de deuses macho e fêmea, Shu (o ar, macho) e Tefnut (a umidade, fêmea). A interação deste casal produziu um outro par, Geb (terra, macho) e Nut (céu, fêmea), os quais por seu turno produziram Isis e Osíris, e Neftis e Set. Dessa forma a criação do universo foi iniciada pela interação dos princípios masculino e feminino personificados em pares de deuses.¹⁵²

O deus criador tem dentro de si os potenciais masculino e feminino os quais são separados no primeiro casal de deuses. Mais tarde o aspecto feminino do deus (criador) veio a ser identificado como uma deusa chamada "a mão do deus", vista como o instrumento da masturbação. Durante a XVIII dinastia ela foi identificada como Hathor, a deusa da sexualidade. Outros mitos eram usados também para expressar o milagre da criação, e é interessante que nestes também o deus criador, embora logicamente combinando macho e fêmea, era usualmente idealizado como macho. A interação dos princípios masculino e feminino não somente coloca o funcionamento do universo em movimento, mas foi também um meio de perpetuar a renovação cósmica.

Isso é incorporado no conceito de Kamutef 'o touro de sua mãe' (the bull of his mother), no qual o sol ao se pôr fecunda a deusa do céu e nasce dela outra vez pela manhã. Assim ela é a consorte do deus e sua mãe, enquanto o deus é pai e filho. Dessa maneira um ciclo auto-perpetuador de sucessivas gerações é estabelecido como um círculo contínuo, pelo qual a idade avançada pode ser transformada em juventude, e o universo constantemente renovado.¹⁵³

O princípio feminino era personificado nas deusas cultuadas pelos egípcios. O estudo dessas deusas é complexo porque mesmo as dotadas de identidades distintas freqüentemente se fundem umas com as outras, partilhando atributos, insígnias, epítetos e funções¹⁵⁴ e não é nossa intenção aqui fazer um estudo sobre as deusas egípcias.

Quanto às mulheres da realeza, fica bastante claro através das fontes que há um paralelo entre a posição do rei e aquela ocupada pela rainha. Ambas as posições apresentam um rico caráter mitológico chegando quase a ser um reflexo dos casais de deuses. Todos os casais divinos parecem apresentar uma espécie de equilíbrio, não uma igualdade, mas uma compensação das diferenças. Por tudo o que vemos na iconografia egípcia real, o que é representado parece tentar manter esse equilíbrio. Até quando as mulheres são representadas num tamanho menor, elas parecem estar harmonizadas à imagem dos homens. Sabemos que os egípcios tinham certas preferências ao representar as imagens de homens e mulheres juntos, por exemplo, os casais eram bastante comuns, mas também as tríades, que

¹⁵² *Idem, ibidem.* p.17.

¹⁵³ *Idem, ibidem.* p.18.

¹⁵⁴ *Idem, ibidem.* p.18.

em sua maioria eram formadas do homem da mulher e de um filho ou filha, ou então o homem acompanhado da mulher e da mãe, com certeza as mulheres mais importantes.

A noção de realeza da rainha era complementar àquela do rei e a conexão entre esses dois personagens significava fundamentalmente que um não poderia existir sem o outro. Ritualmente, então, a rainha era sem dúvida muito importante, mas exatamente quanto poder lhe teria sido concedido na realidade do dia-a-dia? Ela teria sido capaz de agir por conta de tal poder? Não é possível responder completamente tais questões, mas é possível ter um idéia. A questão segundo a professora Gay Robins necessita ser colocada em dois níveis: quanto poder era realmente atribuído à mãe do rei e a sua esposa principal, e quanto poder poderia ser obtido por uma mulher decidida que ocupasse uma posição destas?

"Sabemos que as rainhas recebiam propriedades e que elas tinham diversos funcionários homens tais como mordomos a seu serviço. Uma rainha poderia dessa forma ter gozado não apenas um certa independência econômica, mas também o serviço de homens leais a ela e a seus interesses. A combinação poderia ter tido pelo menos o potencial para prover a base de um poder para uma rainha ambiciosa. Entretanto monumentos egípcios apenas registram o ideal e omitem o que não se encaixa no modelo oficial, que não tinha nenhum interesse em personalidades individuais. Assim nós não podemos esperar nunca encontrar comprovações de carreiras individuais de rainhas e sua possível manipulação do poder. Nem os monumentos propiciam um padrão que sugira que o poder era de fato conferido às rainhas regularmente."¹⁵⁵

Ainda que possamos suspeitar que algumas dessas rainhas tais como Ahmes-Nefertari, Hatshepsut, Tiy e Nefertiti eram enérgicas e decididas e souberam manipular o poder à sua disposição aumentando-o ainda mais, as fontes egípcias não nos darão muitas informações sobre suas personalidades. Depois de examinar o que há disponível, nós conheceremos mais sobre suas posições do que o tipo de pessoas que elas eram.

"O que nós aprendemos é que o conceito de realeza masculina não era aberto às mulheres de maneira geral, e a função das mulheres reais era complementar ao aspecto divino da realeza masculina através do aspecto divino da realeza da rainha. Num nível ideológico, a rainha representava o princípio feminino do universo através do qual o rei poderia se renovar. Num nível prático, as mulheres reais proviam herdeiros potenciais ao trono. Tanto a mãe do rei quanto a esposa principal tiveram importantes funções rituais a desempenhar, e é possível que tais ocupações oferecessem um poder em potencial àquelas mulheres. As outras esposas reais não tinham uma função ritual, mas poderiam exercer influencia se elas atraíssem os favores do rei. (...) A realeza masculina era essencial à visão egípcia de seu mundo. A sociedade era organizada em torno do rei, que formava o ponto de contato entre as esferas divina e humana. Ele também provia a única forma de governo que possuía alguma validade no Egito. As mulheres da família do governante eram dessa forma essenciais ao funcionamento da realeza masculina e o conceito de realeza só pode ser

¹⁵⁵ *Idem, ibidem.* p.42.

*inteiramente compreendido se acompanhado da noção de realeza feminina, e assim podemos compreender o lugar das mulheres reais.*¹⁵⁶

Nossa intenção era mostrar as relações existentes entre os pares deuses e deusas e reis e rainhas, uma vez que não é exatamente igualdade de gêneros que vemos entre mulheres e homens no Egito faraônico, e sim uma questão de equilíbrio entre os princípios feminino e masculino.

4.2. A dona de casa: a família, os cuidados da casa¹⁵⁷

Não controle sua esposa em sua casa quando você sabe que ela é eficiente; não diga a ela: "Onde está? Vá pegar!" quando ela colocou tudo no local correto. Observe em silêncio, e então você reconhecerá a habilidade dela.¹⁵⁸

Um dos títulos mais comuns usados para as mulheres desde pelo menos a XII dinastia é o de "senhora da casa" ou "dona da casa" (*nebet per*). Tudo parece indicar que tal título era usado principalmente para mulheres casadas que tinham um marido, uma família, e estabelece a possibilidade de quem leva este título ter sido responsável pela organização e administração dos arranjos domésticos.

A arqueologia nos mostrou os planos de várias das casas egípcias e até mesmo nos deu algumas idéias de como o espaço poderia ter sido utilizado. O maior problema é como de verdade relacionar essas descobertas arqueológicas com o que realmente acontecia por lá e como se davam as relações dentro de casa. Como eram de verdade os arranjos para dormir? Havia cômodos reservados a homens e mulheres? Essas e muitas outras questões que nos mostrariam como era o funcionamento do local de residência egípcia nos diriam muito sobre o real papel das mulheres dentro de casa. Mas para tais perguntas não existem, pelo menos até agora, formas de respondê-las.

Durante o Reino Antigo e o Reino Médio, o costume de representar as atividades da vida cotidiana nos deu, com certeza, uma boa idéia de como tais atividades reais podem ter se desenvolvido no dia-a-dia. E não só as pinturas das tumbas nos dão por vezes detalhadamente as várias etapas dos trabalhos executados, como também há uma série de estatuetas representando as ações de moer os grãos, fazer a massa do pão, fazer cerveja, etc. No Reino Médio ainda temos as várias maquetes que nos mostram ainda mais claramente o desenrolar de várias atividades cotidianas. Pela quantidade e freqüência nas representações de

¹⁵⁶ *Idem, ibidem.* p. 55.

¹⁵⁷ **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pp.92-110.

¹⁵⁸ Instruções de Ani, texto egípcio. **LICHTHEIM**, Miriam. *Ancient Egyptian Literature*, volume II: The New Kingdom. Berkeley: University of California Press, 1976. p. 136

figuras femininas e masculinas, podemos ter uma idéia se tais atividades eram realizadas por homens ou por mulheres, pelo fato de poder se deduzir que os egípcios procuravam fazer suas pinturas e modelos como um reflexo da realidade conhecida.

No Reino Novo, até a XVIII dinastia, ainda temos representações abundantes de vida cotidiana nas tumbas dos nobres e daqueles que pudessem manter o custo do culto funerário, mas a partir da XIX isso não mais acontece. Talvez a tentativa mal sucedida de Akhenaton tenha proporcionado esta mudança, fazendo com que representações religiosas, antes permitidas apenas nas tumbas reais, fossem a partir de então incluídas em qualquer tumba. Então, como seria de esperar, houve um abandono quase que absoluto das cenas que representavam a vida cotidiana. Com isso perdemos a principal forma de verificar como tais atividades eram realizadas.

Por outro lado, a comunidade de Deir el-Medina, embora não nos dê muitas representações da vida cotidiana, oferece um rico material arqueológico e escrito que nos permite ter deste período um retrato tão bom, ou melhor, do que as pinturas nas paredes das tumbas.

Enquanto os homens são sempre descritos engajados em atividades fora de casa, a principal ocupação feminina é procriar, e a maioria absoluta deve ter passado sua vida, grávida, amamentando e cuidando de crianças, o que acabava por mantê-la em casa. Não há no entanto nenhuma razão para que tal coisa não fosse aceita pelas mulheres de boa vontade. Quanto mais crianças elas tivessem maior seria seu *status* diante dos olhos de seu marido e da sociedade. Através das “Instruções de Ani”, ficamos sabendo que era esse o ideal para os homens, terem muitos filhos, por isso as mulheres que conseguiam suprir esta necessidade básica eram muito bem vistas.

Algumas estelas representando uma (ou duas) longas filas de parentes e outros materiais arqueológicos de Deir el-Medina levaram J. Černý afirmar que “*as famílias dos trabalhadores das necrópoles eram bem numerosas*”. No entanto, ao nos lembrarmos das medidas reduzidas da maioria das casas, isso começa a parecer bastante difícil. A partir dos registros de habitantes que foram encontrados em trinta das casas mais bem conservadas ficamos sabendo que há somente um casal registrado com quatro filhos, cinco casais com três filhos, dois casos de pais com três filhos, mas de mães diferentes, seis casais com duas crianças, sete com um filho, quatro sem filhos e seis casas com homens solteiros¹⁵⁹. Contando com as

¹⁵⁹ VALBELLE, D. *Les Ouvriers de la Tombe. Deir el-Médineh à l'époque ramesside*. Cairo: Institut Français d'Archeologie Orientale, 1985. p. 57.

possibilidades de casais recém-formados, viúvos, aqueles que estavam próximos de um casamento, esperava-se que os demais apresentassem famílias bem mais numerosas, no entanto apenas uma em trinta apresenta quatro filhos. Uma das explicações possíveis é que os filhos adolescentes mudavam-se para estabelecerem suas próprias carreiras, já que apenas um dos filhos iria assumir a função do pai. Filhas poderiam sair de casa para casarem-se ou para empregarem-se em casas grandes fora da vila como servidoras. Dessa forma a família nunca teria partilhado conjuntamente do mesmo espaço.

É também possível que as famílias parecessem maiores do que eram na realidade, se seus membros denominados apenas *sa* ou *sat* traduzidos como filho e filha fossem na realidade netos, genros ou noras, já que tal terminologia também pode ser usada nesses casos. O mesmo acontece com *sen* ou *senet*, irmão ou irmã que também poderiam ser usado nos casos de primos, primas, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, e também sogros e sogras.¹⁶⁰

É bastante difícil imaginar qual teria sido o tamanho ideal de uma família em relação às casas, já que não temos noção do senso de privacidade da época. Uma boa parte da vida cotidiana poderia ser usufruída fora de casa, nas ruas, nos telhados, e somente na hora de dormir a família se reuniria dentro de casa, e talvez não houvesse nenhuma expectativa de privacidade.¹⁶¹

As listas de famílias nos mostram que cada uma dessas unidades consistia num homem, chefe de família, sua esposa, seus filhos (homens e mulheres), e algumas vezes parentes do sexo feminino, tais como mãe ou avó, irmãs ou tias. Outros familiares homens não são incluídos já que cada um deles deveria formar sua própria unidade familiar. *“É interessante que outros documentos indicam que as mulheres poderiam possuir casas, mas nas listas, casas e famílias virtualmente todas pertencem a homens.”*¹⁶²

As cenas de vida cotidiana, representadas nas paredes das tumbas das dinastias anteriores à XIX mostram várias vezes o proprietário supervisionando uma série de trabalhos, agricultura, açougue, trabalhos na cozinha como a feitura do pão e da cerveja e várias outras atividades realizadas principalmente em uma grande propriedade. É raro que as mulheres acompanhem os maridos nessas funções e não há uma versão feminina destas cenas que nos mostrasse qual teria sido exatamente o papel da “senhora da casa”.

Não houve, ao que saibamos, nenhum conjunto de representações que desse conta do trabalho relacionado ao um contexto de supervisão exclusivamente

¹⁶⁰ ROBINS, Gay, *Op. cit.* pp.98-99.

¹⁶¹ *Idem, ibidem.* pp.98-99.

¹⁶² *Idem, ibidem.* pp.98-99.

feminino. Mesmo quando se tem a certeza absoluta de uma tumba ser de uma mulher, as representações nos mostram, por causa das regras de decoro, apenas as várias cenas da vida cotidiana, inclusive aquelas de supervisão, com seus filhos ou maridos executando tal função, mesmo naquelas nas quais esperaríamos ser da alçada da “senhora da casa”.

“Isso poderia significar que todas as atividades de supervisão executadas nas tumbas pelos proprietários estavam fora da esfera de responsabilidade da “senhora da casa”? Isso é possível, mas nós temos que ser cuidadosos ao equacionar o idealizado mundo masculino representado nas capelas das tumbas e a realidade. Se a mulher tinha um papel no cotidiano real, poderia ter sido irrelevante nas imagens das tumbas. Por exemplo, nós sabemos que criadas estavam envolvidas na tarefa de assar o pão (nas grandes propriedades), e que nas propriedades menores a senhora da casa era a responsável pela produção de comida. Então quando as cenas das tumbas nos mostram os trabalhos de confecção de pão e de cerveja supervisionados pelo proprietário, não podemos estar certos se isso reflete a vida real. Outros fatores devem ser levados em consideração. Pão e cerveja eram os principais produtos da vida dos egípcios, e por causa disso também da vida após a morte. Era desta forma desejável ter cenas mostrando sua manufatura na capela da tumba. Entretanto, neste local o proprietário de sexo masculino tinha a primazia, ele pode ter sido mostrado supervisionando a confecção de pão e cerveja porque teria ido contra o decoro ceder a sua esposa a posição preponderante na decoração da capela.”¹⁶³

É no entanto quase certo que as mulheres tendiam a realizar mais trabalhos dentro de casa e os homens fora de casa. É possível que as funções delas fossem bem além do preparo de pão e cerveja e da comida em geral, incluindo tarefas tais como criação de animais, as tarefas ligadas a artesanatos variados, tecelagem, fiação, e outras atividades que teriam feito parte da condução normal da casa para cuidar da sobrevivência da família.

Nas casas dos moradores de Deir el-Medina é bastante provável que boa parte do trabalho fosse executada pela própria “senhora da casa”; ela podia, no entanto, ter ajuda de escravas que pertenciam ao Estado mas que eram cedidas aos trabalhadores do povoado por este ser formado por profissionais prestando serviços diretamente ao Estado. Cada família poderia contar com “tantos dias de trabalho” dessas escravas em princípio para triturar os grãos, mas é sabido que várias desses “dias de trabalho” eram muitas vezes negociados, tendo a própria “senhora da casa” que fazer tal serviço¹⁶⁴.

É possível também supor que as mulheres, sendo elas mesmas responsáveis pela confecção de roupas (incluindo os trabalhos de fiação e tecelagem), pudessem de tempos em tempos negociar os excedentes de seus serviços, e existem algumas possíveis comprovações de que as “senhoras da casa”, pudessem estar envolvidas na venda de parte dos produtos de seu trabalho. Embora as cenas de mercado não

¹⁶³ *Idem, ibidem.* pp.100-101.

¹⁶⁴ *Idem, ibidem.* p.102.

sejam muito comuns, Deir el-Medina nos fornece um exemplo na Tumba de Ipy (tt217).



Figura 39: Cena de um barco sendo descarregado nas margens do rio Nilo e mulheres negociando os grãos por pão, peixe e vegetais. Tumba nº 217 do cemitério de Deir el-Medina. DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927.

As mulheres, quatro no total, vendem a primeira, pão, a segunda peixe, a terceira pão e a quarta legumes. Elas podem estar fazendo tais negociações para suprir as necessidades da família, mas talvez estivessem trocando itens perecíveis feitos em excesso por coisas mais duráveis¹⁶⁵.



Figura 40: Detalhe da anterior. Canto superior esquerdo.

As famílias dificilmente seriam independentes e auto-suficientes, e uma das tarefas da “senhora da casa” era provavelmente manter a casa suprida de todas as suas necessidades, justamente fazendo a troca de alguns produtos por outros. Por este sistema de trocas elas muitas vezes poderiam além de suprir as necessidades conseguir também reunir alguma riqueza.

As tarefas da senhora da casa, ajudada ou não por auxiliares escravas ou contratadas, seriam então aquelas relativas aos cuidados da casa, produção de vestimentas e alimentos, bem como todos os cuidados com as crianças.

4.3. Os trabalhos das mulheres fora do contexto familiar

Havia alguns trabalhos externos, fora do contexto familiar, abertos às mulheres. Mas havia uma diferença entre aqueles abertos a mulheres de famílias abastadas, e mulheres de famílias menos afortunadas. E com certeza houve uma variação dessas possibilidades de trabalho de acordo com as épocas.

Enquanto os trabalhos de casa de uma família pertencente às camadas sociais mais baixas são praticamente restritos às mulheres, nas grandes propriedades as imagens de diversas tumbas nos mostram servos de ambos os sexos trabalhando nas cozinhas lado a lado e executando tarefas tais como:

¹⁶⁵ *Idem, ibidem.* p.104.

triturar grãos, fazer cerveja e assar pães, e também servir em banquetes. E ao que tudo indica tanto homens quanto mulheres poderiam ser chamados para prestar trabalhos compulsórios, embora muitas vezes de natureza diferente.

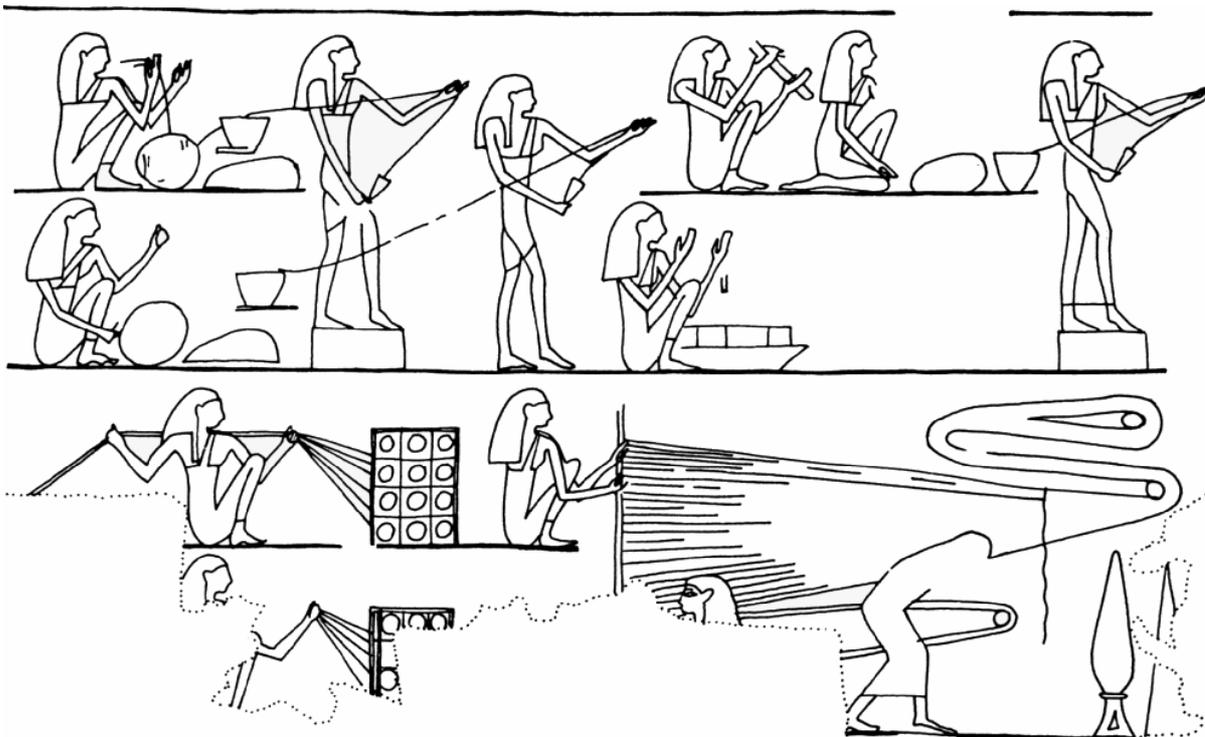


Figura 41: Oficina de fiação e tecelagem. Tumba nº2 em El Bersheh, Reino Médio. LESKO, Barbara S. *The Remarkable Women of Ancient Egypt*, Scribe Publications, Providence, 1987. pp 18.

Não é muito comum na iconografia, por exemplo, ver as mulheres de qualquer época maciçamente engajadas nos trabalhos de plantio e colheita, muito embora mulheres apareçam eventualmente executando a função de respigadora. No entanto, é bastante comum ver mulheres participando ativamente das tarefas de beneficiamento dos grãos, joeira, limpeza, etc. As pinturas e maquetes do Reino Médio nos mostram as mulheres em plena atividade nos trabalhos de fiação e tecelagem, e até o advento de Akhenaton na XVIII dinastia tais cenas são bastante comuns, no Reino Novo entretanto com a inserção do tear vertical há também uma maior participação masculina nos trabalhos de tecelagem, principalmente nas grandes oficinas de tecelagem.

Algumas ocupações parecem ter sido dominadas por mulheres. Através das pinturas nas tumbas e algumas ostracas, vemos que dançarinas e acrobatas são quase sempre mulheres enquanto que os musicistas, ainda que com alguma presença masculina, também parece estar sob domínio feminino em sua maioria.¹⁶⁶

Fontes escritas mencionam alguns títulos femininos em posições de supervisão no comércio e na indústria tais como “Senhora da Oficina de Perucas” ou “Senhora do Salão de Refeições”. Mais importante parecem ter sido as

¹⁶⁶ LESKO, Barbara S. *The Remarkable Women of Ancient Egypt*, Scribe Publications, Providence, 1987. p. 16.

manufaturas estatais de têxteis e perfumes, ambas com trabalhos e supervisão executadas quase que exclusivamente por mulheres. Tais indústrias eram as maiores do Estado ocupando uma importante posição na economia egípcia. A têxtil, por exemplo, era a maior atividade logo após a agricultura, produzindo tudo, desde os tecidos mais grosseiros usados em velas de navios, a uma enorme variedade de tecidos mais finos, até as mais finas cambraias de linho conhecidas por “linho real”, que foram usada nos templos e em presentes reais.¹⁶⁷



Figura 42: Os trabalhos de coleta e prensagem de lírios. Tumba de Pa-ir-kap, Heliópolis, XIII Dinastia. LESKO, Barbara S. The Remarkable Women of Ancient Egypt, Scribe Publications, Providence, 1987. pp. 17.

As oficinas de óleos e fragrâncias eram freqüentemente associadas com as propriedades das Grandes Esposas Reais. Equipes de mulheres colhiam e prensavam lírios para extrair sua essência. As fragrâncias extraídas eram misturadas com óleos usados para massagear a pele depois do banho. Óleos aromáticos e perfumes eram muito apreciados por homens e mulheres, e mesmo as estátuas nos templos recebiam sua cota diária de óleos e perfumes durante os rituais diários. Não há registros iconográficos conhecidos desse tipo de trabalho nas tumbas da XIX dinastia em Deir el-Medina. Supõe-se no entanto, embora não se possa precisar de que forma, que tais trabalhos continuavam existindo pelo fato de que os potes e as pequenas garrafinhas de cosméticos e perfumes continuavam a se fazerem presentes nas tumbas do local.

Durante os Reino Antigo e Médio, as mulheres egípcias da classe alta participaram ativamente, como sacerdotisas, da religião oficial, centrada no culto às divindades de caráter estatal e à pessoa divina do faraó. Em contrapartida, a partir do Reino Novo, o número de mulheres que se dedicavam ao sacerdócio, sobretudo nos escalões mais elevados, diminuiu muito. Desde então, as mulheres passaram a desempenhar funções meramente decorativas, participando dos cultos como cantoras ou como dançarinas.

As mulheres apareciam bastante relacionadas aos cultos populares e do lar, eram devotas de divindades femininas como Hathor, por exemplo, que podia

¹⁶⁷ *Idem, ibidem.* p. 16.

proporcionar soluções para vários problemas da vida cotidiana. O desejo de engravidar, os perigos da gravidez e do parto ou as doenças das crianças mais novas eram assuntos que preocupavam muito as egípcias. Por isso, rezavam diante das divindades femininas e apresentavam objetos votivos em seus templos, como estelas, ex-votos ou panos decorados, que elas mesmas faziam em casa, a fim de obter ajuda divina.

Através dos títulos usados para as mulheres de todas as camadas sociais é possível se ter uma idéia sobre quais atividades elas se dedicavam fora de casa. O título “doméstico” mais importante é sem dúvida o de “senhora da casa”, e embora ainda haja alguma dúvida sobre a abrangência de seu significado, sabe-se que tal título era usado em quase todas as tumbas para designar uma mulher casada e que provavelmente era responsável pelo andamento da casa e os cuidados com a família, uma outra possibilidade seria que:

“(...) o título habitual da mulher casada, nbt-pr, que se traduz como ‘senhora da casa’ ou simplesmente ‘dona de casa’, implicasse o seu papel central na transmissão da legitimidade e, em função disto, da possibilidade de herdar que tinham os filhos legítimos. Isto poderia explicar que, nas estelas funerárias do Reino Médio, o morto fosse quase sempre designado como ‘nascido da dona da casa Fulana’; ainda que, ao contrário do que às vezes se afirma, a filiação fosse basicamente patrilínea no antigo Egito.”¹⁶⁸

Durante os Reinos Antigo e Médio é possível encontrar entre as mulheres da elite alguns poucos títulos ligados a funções administrativas, e elas provavelmente estavam a serviço das mulheres reais ou de estabelecimentos familiares privados. Seu status dependeria de seu empregador. Abaixo desses títulos existem alguns outros que se pode supor tratarem-se de títulos de serviços e atendentes do sexo feminino, incluindo a função de cabelereira. No Reino Médio podem ter existido cerca de vinte desses títulos, embora não se saiba muito sobre as funções relativas a cada um. Pelo menos oito mulheres dos Reino Antigo e Primeiro Período Intermediário foram registradas com o título de “Seladoras”. Duas mais são conhecidas na XII dinastia. A função de selador era uma das mais freqüentes entre a burocracia masculina, pois era comum o uso de selos para proteger propriedades. Um selador tinha consigo um sinete e com ele marcava volumes e armazéns, protegendo-os dessa forma de aberturas não autorizadas.

Outros títulos ainda significam amas-de-leite, ou babás. As amas-de-leite eram muito estimadas pela sociedade em geral e eram freqüentemente representadas junto ao grupo familiar de seus patrões. O tipo de trabalho que as mulheres poderiam executar dependia do status de sua família, existiram amas-de-leite bastante famosas, mas supõe-se que existiram também aquelas que

¹⁶⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. “A família vista através da iconografia funerária privada egípcia da primeira parte da XVIII dinastia. (meados do século XVI a meados do século XIV a. C.)” Texto inédito gentilmente cedido pelo autor. Sem data. p. 6.

eventualmente prestavam o serviço para as mulheres que dele necessitassem no povoado de Deir el-Medina.

Houve uma grande diminuição desses títulos durante o Reino Novo principalmente depois do advento de Akhenaton. Os títulos religiosos, antes bastante significativos, reduziram-se, e os poucos títulos administrativos não ocorrem mais. Dentre os ligados ao culto, ainda podem ser encontrados os de “Cantoras de um deus ou uma deusa” (temos em nossas fontes dois casos de “cantoras” do deus Amon) “musicistas”, e cinco variações do título de “carpideira” (*Drt, Ist, Rmyt, Wšbt, Smntt*)¹⁶⁹.

Esta última função é muito representada nas cenas estando presentes em todas as tumbas. Tudo indica que o ofício de lamentar nos funerais era praticamente um monopólio feminino. Bárbara Lesko chega a sugerir, embora não deixe muito claro quando isso teria acontecido, que elas poderiam inclusive se especializar como organizadoras de funerais ou sacerdotisas (servidoras do *ka*) responsáveis pela manutenção de uma ou mais tumbas e das oferendas regulares ao morto, pelo menos enquanto o dote do morto durasse.

Deir el-Medina tem uma situação bastante interessante. Pelo menos metade ou quase toda a população¹⁷⁰ masculina precisava trabalhar fora do povoado que era habitado a maior parte do tempo por mulheres, crianças e alguns homens de idade avançada. Enquanto os homens estavam fora, parece lógico que muitas decisões fossem tomadas pelas esposas que teriam um papel bastante importante na comunidade e na administração da família.¹⁷¹

4.4. Casamento, Divórcio, Adulterio¹⁷²

3.4.1. O CASAMENTO

Como em muitas culturas tradicionais, o núcleo da sociedade dos antigos egípcios era a família. Mais do que um núcleo social tratava-se principalmente de um núcleo de ordem, e fugir a esta ordem poderia ser o retorno ao caos.

A terminologia empregada pelos antigos egípcios confirma a importância da unidade familiar. Apenas os membros da família nuclear tinham designações

¹⁶⁹ NUR EL DIN, Abdel Halim, *The Role of Women in the Ancient Egyptian Society*, 1995. pp. 76-84

¹⁷⁰ Como não se tem certeza absoluta da forma como as equipes do lado esquerdo e direito eram usadas, se apenas trabalhavam em lados diferentes da tumba ou em turnos diferentes, não há como afirmar se metade da população masculina permanecia no povoado, ou se quase todos eles permaneciam nos acampamentos temporários a maior parte do tempo.

¹⁷¹ LESKO, Barbara. “Rank, Roles, and Rights”. IN: LESKO, Leonard H. (ed.) *Pharaoh’s Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994. p 33.

¹⁷² ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. pp.56-74.

específicas: pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã. Outras relações familiares eram expressas através de composições desses termos, por exemplo, tio por parte de mãe = irmão da mãe, avó materna = mãe da mãe. A família egípcia estava constantemente se dividindo em novas unidades já que cada um dos filhos e filhas que fossem se casando estabeleciam suas próprias casas. Ao mesmo tempo, estas células nucleares parecem ter sido parte de uma família extensa, que mesmo que imperfeitamente compreendida já se podia perceber através de referências em diversos documentos como, por exemplo, a literatura sapiencial quando escreve: 'Não diga que o irmão de minha mãe tem uma casa' ou 'Por causa do pai de minha mãe, ele foi designado para o estábulo'.¹⁷³

A família então, como dito anteriormente, seria a reunião de um homem, sua esposa e seus filhos. Tal fato é confirmado pelas listas de moradores de Deir el-Medina datado do Reino Novo. Tal lista relaciona os ocupantes casa por casa. Apesar de seu estado de fragmentação ela é suficiente para nos mostrar que o proprietário de cada casa é nomeado junto com seus pais e se ele é casado, sua esposa e os pais dela, logo seguido pelos nomes dos filhos do casal. O primeiro problema que temos que lidar é a terminologia "esposa" que é a forma usual de tradução de *hemet*, e dessa forma estamos pressupondo a existência do casamento enquanto uma intuição como a conhecemos hoje. Para sermos mais explícitos, como "*ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil.*" Que é a primeira das definições que o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa nos dá. Não há na realidade registro de nenhum tipo de cerimônia religiosa ou civil para formalizar um casamento. A professora Gay Robins nos explica que a única ação significativa teria sido a coabitação, ou mais precisamente a entrada de uma mulher no grupo familiar de um homem.¹⁷⁴

"O casamento, no antigo Egito, não era sacramentado por qualquer sanção ritual ou administrativa. Tratava-se de um ato social, selado por festividades que envolviam as famílias dos nubentes e seus amigos: a comunidade estritamente local. O matrimônio tinha a natureza secular; e seu caráter intrínseco não era jurídico. Isto foi assim em todos os períodos: as tentativas de encontrar um casamento de base legal no Reino Novo fracassaram, não resistindo aos argumentos da crítica. Recentemente, Christopher Eyre demonstrou que as mesmas características se estendiam ao comportamento conjugal, assunto privado dos cônjuges em que o Estado só intervinha ao tratar de manter a ordem pública pela limitação da vingança privada em casos de adultério, por exemplo.

O casamento, se não era em si ato jurídico, comportava no entanto conseqüências econômicas e jurídicas essenciais, ligadas a questões como legitimidade, herança e sucessão:

¹⁷³ DEPLA, Annete. "Women in Ancient Egyptian Wisdom Literature" in: ARCHER, Léonie J. (ed) *Women in Ancient Societies, an Illusion of the night*, New York: Routledge. 1994. pp. 27.

¹⁷⁴ ROBINS, Gay, *Op. cit.* pp.56-62

*incluindo, em muitas épocas, a sucessão do pai pelo filho nos cargos e prebendas, dada a forte tendência à hereditariedade que com freqüência se impôs.*¹⁷⁵

O estudo sobre o casamento, ou como quer que se se chame a união egípcia, causa desconforto entre alguns dos estudiosos mais conservadores. Um dos problemas que logo chama a atenção é a insistência de que nunca houve nenhuma união consangüínea entre irmãos ou entre pais e filhas, nem nenhuma outra que possa ferir os padrões de comportamento sociais aceitos em nossos dias. Essa preocupação em tornar os egípcios “decentes”, segundo os modelos atuais de decência, nos faz muitas vezes perder de vista o que realmente interessa, ou seja, compreender como as coisas aconteciam nessa realidade passada e, não, aplicar alguma decência contemporânea à vida dos antigos.

Há também o problema da poligamia, que embora cause um pouco menos de embaraço, ainda traz um certo desconforto.

Quanto ao problema da consangüinidade, parece ter ficado restrito à realeza, pois era costume que os reis casassem com suas irmãs ou mesmo filhas para garantir que as mulheres da família real não pudessem ser usadas para gerar herdeiros indesejáveis. E a poligamia, ainda que pudesse existir fora da família real, estava restrita a quem pudesse sustentar mais de uma esposa. Nas várias tumbas onde aparece mais de um nome com o título de esposa, trata-se na maioria das vezes de um homem casando-se outra vez depois de ficar viúvo.

No grupo que estamos estudando, não foram até o momento constatados casos de casamentos entre irmãos ou poligamia, e da mesma forma do que em outras épocas ou regiões do país, não há nenhum indício de ter havido qualquer cerimônia religiosa ou jurídica.

A idéia de não haver algum tipo de cerimônia formal parece incomodar muito alguns autores, e há pelo menos um caso em que o autor tenta “resgatar” toda uma cerimônia de celebração do casamento:

"Ao estudar o modo pelo qual o casamento é realizado em vários dos sistemas legais modernos, verificamos haver dois elementos distintos, um jurídico e um religioso. No que concerne ao antigo Egito apenas uns poucos autores (o mais importante deles sendo Revillout) considera uma benção religiosa como provável. Nas últimas décadas do século passado (referindo-se ao XIX) Revillout construiu um sistema detalhado para a celebração de um casamento¹⁷⁶ que teria acontecido num templo diante de um sacerdote que "abençoaria a união"¹⁷⁷. Infelizmente essa teoria é baseada em poucos textos mal traduzidos. Alguns outros autores também parecem de alguma forma assumir que havia algum tipo de

¹⁷⁵ **CARDOSO**, Ciro Flamarion. A família vista através da iconografia funerária privada egípcia da primeira parte da XVIII dinastia. (meados do século XVI a meados do século XIV a. C.) Cópia de texto gentilmente cedido pelo autor. Sem data. pp 2-3.

¹⁷⁶ **REVILLOUT**, E., Précis p. 882 sqq; Journal Asiatique 7 (1906) p. 190. Não tive acesso ao texto de Revillout, tal referência encontra-se em **PESTMAN**, P. W. Marriage and matrimonial property in Ancient Egypt, a contribution to Establishing the Legal Position of the Woman. Leiden, Netherlands: Lugdunum Batavorum E. J. Brill, 1961. p.6.

¹⁷⁷ **REVILLOUT**, E., *ibidem* pp. 190. **PESTMAN**, P. W. *ibidem*. p.6.

*solenidade religiosa para consolidar o casamento, mas atualmente a maior parte dos autores se mantém silenciosa sobre o assunto. Isto pode ser explicado pelo fato de que não existe nenhuma fonte que descreva, ou mesmo vagamente mencione, qualquer solenidade religiosa.*¹⁷⁸

O que temos na realidade sobre o casamento são uma série de expressões que nos permitem pensar a respeito do assunto. Traduzimos como casar termos egípcios como: “estabelecer uma família” ou “entrar numa família” e mais tarde “viver junto”. O divórcio é expresso em termos de “expulsão” ou “partida”. Uma outra expressão que é compreendida como casamento é a que diz “tomar (alguém) como esposa”. A expressão equivalente “tomar (alguém) como esposo” foi encontrada apenas na segunda metade do século VI a.C. num tipo especial de documento concernente ao divórcio. Isso não quer dizer que a expressão não existisse mais cedo, apenas que os documentos formais eram escritos mais comumente do ponto de vista masculino e não houve a possibilidade de usar tal expressão até o advento do documentos de divórcio.¹⁷⁹

Um dos textos de amor encontradas em Deir el-Medina apresenta a mãe como aquela a quem se deveria “pedir a mão da moça em casamento”, mas uma das várias ostracas encontradas no lugar revela que o pai era aquele que daria a palavra final em qualquer escolha. Parece ter sido comum o contato sexual antes do casamento¹⁸⁰, e muitas das jovens permaneciam no povoado para casarem-se ali com os homens locais, mas deve ter havido casos de algumas que se casaram com homens de outras comunidades, ou mesmo que se casaram com homens na sua própria comunidade, partindo para buscar trabalho em outros lugares.

Era comum que o jovem casal fosse viver em sua casa para criar sua família. É possível que alguns casamentos fossem arranjados, mas dentro dessa comunidade isso poderia significar casar-se com uma prima, o que poderia dar às esposas uma garantia maior de que seus direitos em todos os casos seriam resguardados pela proximidade de toda a família.

Que houvesse algum tipo de “entendimento” que permitia que uma pessoa fosse “formar uma família” com outra, não há realmente dúvida, mas não existem muitas bases para afirmar muito além disso.

3.4.2. O DIVÓRCIO

Enquanto pouco se sabe sobre o conceito egípcio de casamento, há indícios suficientes para mostrar que eles conheciam algo parecido com o divórcio. Não há

¹⁷⁸ PESTMAN, P. W. *ibidem*. p. 6.

¹⁷⁹ ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. p.56

¹⁸⁰ LESKO, Barbara. “Rank, Roles, and Rights”. IN: LESKO, Leonard H. (ed.) *Pharaoh’s Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994. p 34.

ainda uma listagem de todas as possibilidades que pudesse levar a uma ação deste tipo, mas a infidelidade feminina e a infertilidade com certeza encabeçariam a lista.

Existem algumas informações relativas a outra épocas, que poderiam dar uma idéia geral do assunto. A partir de 500 a. C. há indícios de que mulheres poderiam iniciar o divórcio, e neste caso a infidelidade masculina poderia ser uma das causas. Não se sabe se a idéia da infertilidade masculina era compreendida, e parece que em caso de infertilidade as mulheres eram sempre consideradas como responsáveis.

Nos contratos de casamento do século VII a. C. são listados alguns motivos para um divórcio e um deles é o de “não gostar mais da esposa e querer casar com outra”.

Tal como o casamento, também não havia nenhuma sanção legal ou religiosa. E o casamento depois do divórcio era possível para ambas as partes.

3.4.3. O ADULTÉRIO

Enquanto homens casados poderiam ter relações sexuais com outras mulheres além da sua, mulheres casadas não deveriam ter casos com outros homens.

Então, embora o casamento não pareça ter tido qualquer tipo de base legal ou religiosa, os casais eram claramente reconhecidos socialmente, e era esperado que as mulheres fossem fiéis a seus maridos. Isso é compreensível, já que o propósito do casamento era ter filhos e o homem queria ter certeza de que os filhos fossem realmente seus, principalmente porque as crianças nascidas da união tinham direitos legais de herança na propriedade paterna. Eles também tinham direito nas propriedades da mãe, mas não poderia haver dúvidas quanto à maternidade. Por isso não chega a ser surpreendente que a infidelidade feminina fosse bastante lamentada em textos e que homens que tinham casos com mulheres casadas fossem duramente criticados.

Na sociedade egípcia essa desaprovação de homens manterem relações sexuais com mulheres casadas é bastante séria. Na “confissão negativa” no capítulo 125 do “Livro dos mortos”, o homem tinha que declarar “Eu não copulei com uma mulher casada” ou então, “Eu não copulei com a esposa de outro”.

4.5. Fertilidade, gravidez e parto

Tome uma esposa enquanto você é jovem,
Que ela faça um filho para você;
Ela deve dar à luz para você enquanto você é jovem.
A coisa certa é fazer pessoas.
Feliz é o homem cujas pessoas são muitas,
Ele é saudado por causa de sua prole.¹⁸¹

O propósito fundamental do casamento foi com certeza a necessidade de prole para perpetuar a família.

Embora se saiba menos sobre as moradias do que sobre templos e tumbas, informações conseguidas nos sítios de Deir el-Medina e Amarna mostram que as casas teriam tido uma capela doméstica. Ali teriam sido adorados deuses do culto doméstico tais como Bés e Taweret, e também a deusa Hathor, todos ligados à fertilidade e ao parto.



Figura 43: Deus Bés – <http://www.duke.edu/~jls26/egyMain.html>

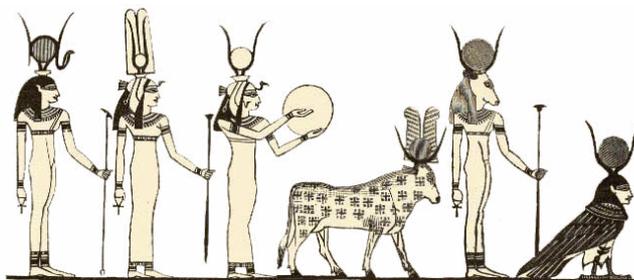


Figura 44: As várias formas de Hathor – <http://www.kenseamedia.com/november/hathor.htm>



Figura 45: Deusa Taweret – **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996.

Também relacionadas com tais capelas estariam as pequenas figurinhas que são mostradas nuas, com o triângulo púbico marcado. Conhecidas desde o Reino Médio foram encontradas em locais de moradia, tumbas e templos. A princípio pensou-se tratar de figurinhas de concubinas que seriam colocadas nas tumbas para estimular e gratificar os desejos sexuais dos proprietários das tumbas, mas essa explicação ignorava sua presença nos enterros de mulheres, em templos e em residências.

Pelo que se sabe agora tais imagens estão ligadas à idéia de fertilidade e de nascimento na vida após a morte. Sua presença nas tumbas é explicada pelo fato de que o morto, homem ou mulher, esperava renascer na vida no além, então essas figurinhas estão em todos os enterros, de adultos, de crianças, de homens ou de mulheres. Sua presença nas casas mostra-nos seu papel no culto doméstico cuja principal idéia era perpetuar a família no mundo, e em templos elas eram usadas enquanto oferendas votivas. Desde que a maior parte dessas imagens encontradas em templos vieram das capelas de Hathor, isso as liga à sexualidade e

¹⁸¹ **LICHTHEIM**, Miriam. *Ancient Egyptian Literature, volume II: The New Kingdom*. Berkeley: University of California Press, 1976. p. 136

à fertilidade, e podemos apenas imaginar como elas teriam sido usadas, já que não há nenhum tipo de texto que nos dê tal informação, o que parece é que elas eram usadas por pessoas que queriam ter filhos.¹⁸²

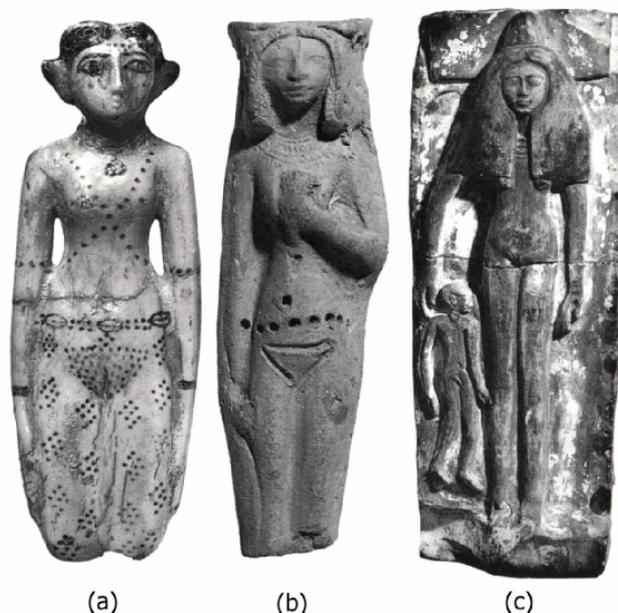


Figura 46: Figurinhas de fertilidade. (a) Reino Médio – Ägyptisches Museum, Berlin inv. n° 9583. (b) XVIII dinastia – Santuário de Hathor, Farás, Núbia. British Museum, 51236. (c) Reino Novo – Tebas, British Museum EA 2371.

Uma das possibilidades ao constatar-se infertilidade era a adoção. Não se sabe muito a respeito dos aspectos legais, se é que realmente algum era envolvido. Assim como no casamento, uma parte importante teria a ver com as disposições de herança e propriedade. E aqueles que foram adotados deveriam se responsabilizar pela manutenção do culto funerário de seus pais adotivos.

A menstruação não é muito mencionada nos documentos sobreviventes. Há possíveis referências a “toalhas sanitárias” nas listas de lavanderia do Reino Novo e de acordo com uma das interpretações de uma das passagens da *Sátira das Profissões*, o homem que lava a roupa “limpa as roupas de uma mulher menstruada”, mas é possível que isto não esteja correto porque a tradução do texto egípcio foi contestada.

A necessidade do ato sexual para se ficar grávida era bem conhecida e podemos encontrar referências disso em vários textos literários, por exemplo podemos ler *“Existiu uma vez um rei que não tinha filhos. Depois de algum tempo de reinado ele implorou que um filho fosse gerado, aos deuses de seu domínio, e eles decretaram que um deveria ser gerado para ele. Aquela noite ele dormiu com sua esposa e ela (ficou) grávida. Quando ela completou os meses de gravidez, um filho nasceu.”*¹⁸³

¹⁸² ROBINS, Gay, *Op. cit.* pp.75-76

¹⁸³ LICHTHEIM, Miriam. *Op. cit.* p. 200

Ainda que a interrupção do período menstrual fosse compreendida como um possível indicativo de gravidez, os antigos egípcios também desenvolveram alguns testes para informar se a mulher estava ou não grávida. Tais testes incluíam tomar o pulso, examinar os seios e a cor da pele, e observar o efeito da urina na germinação dos grãos de cevada ou trigo *emmer*. Este último, se positivo, também segundo os egípcios poderia indicar o sexo da criança. A mulher devia urinar nos grãos todos os dias, se brotasse ela estava grávida, se a cevada germinasse primeiro, seria um menino, mas se o *emmer* brotasse antes então seria menina. Se nenhum deles brotasse então ela não estava grávida.¹⁸⁴

Embora a gravidez fosse de suma importância na maior parte das vezes, devem ter existido situações em que tal estado não era desejável, já que em alguns dos textos médicos também são encontradas indicações para a contracepção; nem todas teriam muito efeito na prática, mas inserções intravaginais de diferentes substâncias podiam em alguns casos terem sido eficazes. Por exemplo, estrume de crocodilo ou mel poderia bloquear a passagem do esperma, acácia triturada contém goma arábica, que tem um efeito químico no esperma, retardando a concepção. E as crianças deveriam ser amamentadas por pelo menos três anos e isso poderia reduzir as chances de engravidar outra vez. Não há nenhuma indicação de métodos de contracepção que poderiam ser usados por homens.¹⁸⁵



Figura 47: Vaso em alabastro na forma de uma mulher grávida. Este vaso específico pertence a XVIII dinastia. British Museum AE 30459.

A gravidez não é quase mostrada na arte formal, uma exceção é encontrada nas cenas do nascimento divino do rei. Interessante é que na arte a imagem da mulher esguia é o que vemos sempre, embora entre a puberdade e a menopausa a maioria das mulheres egípcias passassem muito de seu tempo num estágio ou outro de gravidez¹⁸⁶, o que com certeza não ajudaria muito a manter a forma esguia e suave que todas as mulheres representadas nas imagens parecem ter.

No entanto na arte informal existe um tipo de vaso, geralmente feito de calcita (alabastro egípcio), que tomava a forma de uma mulher grávida. A figura de pé ou agachada está nua com as mãos sobre o abdômem como se o estivesse esfregando. Tais vasos guardavam óleos usados no abdômem durante a gravidez

¹⁸⁴ **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. p.79

¹⁸⁵ *Idem, ibidem*. p.80

¹⁸⁶ *Idem, ibidem*. p.80

para evitar a formação de estrias e também para diminuir a sensação de esticamento causado durante os últimos meses.

Tão logo fosse constatada a gravidez, a maior preocupação teria sido a ocorrência de um aborto, e algumas precauções para evitá-lo deveriam ser tomadas. É interessante notar que em quase todos esses vasos as figura de mulheres grávidas são mostradas sem seus órgãos genitais aparentes mesmo estando nuas. Talvez isso acontecesse como uma forma de oferecer uma proteção mágica contra a possibilidade de um aborto: se o corpo da mulher não tem uma abertura, não haveria como perder a criança. Mas outras medidas eram por vezes tomadas. Num desses vasos é possível ver um tampão inserido na vagina com o propósito talvez de prevenir um sangramento que poderia anunciar um aborto

Pouco se sabe sobre o parto propriamente dito. O hieróglifo usado como determinativo nas palavras ligadas ao nascimento mostra uma mulher sentada com os braços e a cabeça de uma criança aparecendo embaixo dela. O parto não é representado na arte com muita frequência; os exemplos conhecidos foram encontrados em alguns templos ptolomaicos, que mostram cenas do nascimento de uma criança divina nas quais uma deusa está de pé atrás da mãe segurando-a, e outra de joelhos diante dela recebe a criança.



Figura 48: Hieróglifo usado como determinativo nas palavras relativas ao nascimento.

Outras informações sobre nascimento podem ser encontradas num conto do Reino Médio sobre o nascimento miraculoso dos primeiros três reis da V dinastia, que são tratados aqui como trigêmeos, e em vários textos mágico-médicos que contêm seções relacionadas ao parto.

Ter filhos era um objetivo prioritário entre os egípcios, mas a taxa de mortalidade das mães e dos bebês, era muito alta; o parto era bastante temido e tal temor acabou por gerar uma série de procedimentos mágicos e simpáticos para se lidar com este momento. Existem vários encantamentos para tentar bular a possibilidade de morte nessas ocasiões.

O momento do parto dizia respeito apenas às mulheres. Os homens não intervinham e pelo que se sabe esse não era sequer um assunto para médicos, a menos que ocorressem complicações.

O Papiro Westcar¹⁸⁷ que nos narra situação acima mencionada, também nos diz que ao receber as deusas disfarçadas de dançarinas, o dono da casa estava com sua “tanga invertida”, o que poderia ter um significado apotropaico, dando desta forma, uma função ainda que puramente simpática à presença masculina.

A mulher preparava-se com massagens de óleo no ventre para manter a elasticidade da pele. Sabia-se quando seria o parto após “se cumprirem os meses de gravidez”. A mulher recolhia-se então em um recinto especial chamado “pavilhão do parto”. É possível que existisse nas casas de um local para este fim. Em Deir el-Medina encontraram-se restos de decoração de salas desse tipo, com figuras da deusa Taweret e do deus Bés entre outros. Era neste local que a mulher aguardaria o início do trabalho de parto, de cócoras sobre os chamados “tijolos de nascimentos”, ou sentada em uma banqueta com um orifício que permitia a passagem do recém nascido. Ela poderia ser acompanhada por mulheres da família com experiência, e “parteiras” itinerantes também podiam estar presentes¹⁸⁸.

É duvidoso que existissem parteiras treinadas. Já foi sugerido que a profissão fosse “impura” e dessa forma não muito respeitada ou mesmo estimada. Nos textos de Deir el-Medina são mencionadas “mulheres sábias”, mas não se sabe se esta era apenas uma espécie de adivinha.¹⁸⁹

As parteiras seguravam a parturiente e recebiam o recém-nascido. Não utilizavam instrumentos cirúrgicos, a não ser um punhal de obsidiana com o qual cortavam o cordão umbilical. Se houvesse dificuldades, podiam enfaixar o baixo ventre ou aplicar cataplasmas e também eram usados supositórios vaginais como mencionam os papiros médicos. Esses remédios eram acompanhados por uma complexa série de rituais, cujo objetivo teria sido facilitar o parto. A parturiente era identificada com as deusas Ísis ou Hathor e era costume invocar vários deuses que a ajudariam nesse momento a mãe e a criança.

Os perigos do parto eram inúmeros, sobretudo no caso de um parto prematuro em que a esperança de vida do bebê era praticamente nula. A mortalidade infantil era elevada. O medo de perder o recém-nascido acabou por criar o costume de submetê-lo a algumas provas para tentar adivinhar suas probabilidades de sobreviver. Uma delas era dar-lhe um pedaço de placenta materna embebido em leite para comer: se o vomitasse, era sinal de que morreria. Também se esperava com impaciência o primeiro choro da criança. Caso se parecesse com a palavra (em egípcio) “não”, era um presságio de que morreria

¹⁸⁷ Papiro Westcar. SIMPSON, William Kelly. (ed.) *The Literature of Antient Egypt. An anthology of stories, instructions, and poetry*. New Haven & London: Yale University Press, 1973. p. 27.

¹⁸⁸ O papiro Westcar fala sobre deusas que iam assistir aos partos disfarçadas de dançarinas.

¹⁸⁹ JANSSEN, Rosalind M. & Jac. J., *Growing Up in Ancient Egypt*, The Rubicon Press, London, 1990. p.6.

dentro em breve; caso parecesse com “sim”, tinha boas chances de sobreviver. Usava-se também encantamentos escritos em papiros que tinham o propósito de proteger a criança. Frases do tipo “Para proteger a criança no dia do seu nascimento” eram escritas em papiros e colocados em pequenos cilindros que eram colocados no pescoço da criança.¹⁹⁰

Há poucos exemplos de sepultamentos ou mumificação de recém-nascidos, talvez porque não fossem considerados ainda membros da sociedade. Foram encontrados alguns recém-nascidos enterrados debaixo das casas, e isso provavelmente devia-se à crença popular de que o espírito do bebê ajudaria nos próximos nascimentos.

O parto também era muito perigoso para a mãe. Os estudos de múmias revelaram incisões vaginais e mulheres que morreram durante o parto, algumas vezes devida a malformações pélvicas que impediram o nascimento.

4.6. *Direitos Legais e Econômicos*

A lei e a justiça no antigo Egito emanavam do faraó, mas não parecem ser muito rígidas e muitas vezes aparentam uma certa inconsistência, especialmente no que concerne aos direitos civis. O *status* dos cidadãos foi mudando com o tempo na direção de um aumento da liberdade e da oportunidade, mesmo para aqueles que fizessem parte de uma camada social média da sociedade. Nesta categoria encaixaríamos os artesãos, os mercadores, os soldados e os mestres de estábulos, os fazendeiros e os pastores. Durante o Reino Novo todas estas pessoas poderiam possuir terras e escravos e eram livres para legarem suas propriedades a seus herdeiros.¹⁹¹

Desde o Reino Antigo há documentos, ainda que esparsos, que comprovam a possibilidade das mulheres serem proprietárias de terras, podendo dispor de seus bens, fazer testamentos, receber heranças em pé de igualdade com seus irmãos (excluindo aqui qualquer cargo que seria passado para um filho homem, preferencialmente o mais velho), iniciar processos, e testemunhar, ou seja, são vistas juridicamente como iguais a seus pares do sexo masculino.

Não sabemos até que ponto estas leis seriam cumpridas cabalmente ou até que ponto as mulheres poderiam ser influenciadas por seus pais, irmãos ou maridos, mas os documentos são bastante claros quanto a essa igualdade.

¹⁹⁰ HAWASS, Zahi A. *Silent Images, Women of Pharaonic Egypt*. Harry N. Abrams, INC: New York, 2000. p. 207. ROBINS, Gay, *op. cit.* pp.81.

¹⁹¹ LESKO, Barbara S. *The Remarkable Women of Ancient Egypt*, Scribe Publications, Providence, 1987. p. 22.

Era comum que a administração dos bens tanto das mulheres quanto de seus maridos fosse feita conjuntamente por este último. "*Para épocas tardias, sabe-se que, na gestão dos bens da esposa, o marido devia levar em conta suas instruções.*"¹⁹²

As mulheres também poderiam contratar serviços, administrar a herança de seus filhos se fossem viúvas, e assumir a gestão dos bens familiares na ausência do marido. Estudos mostram que esta posição feminina tinha altos e baixos de acordo com os períodos de centralização ou de divisão do poder do país.

3.6.1. PROPRIEDADE DE TERRAS

"*Embora saibamos menos do que gostaríamos sobre a propriedade em geral, é bastante claro que mulheres podiam possuir e alugar terras em seu próprio direito*"¹⁹³. Dentre os proprietários citados pelo papiro Wilbour¹⁹⁴, de 10% a 11% são mulheres, e as propriedades em seus nomes medem cerca de 5 arouras (3¹/₃ acres), sendo que algumas possuem propriedades menores, cerca de 3 arouras, e algumas poucas tem 10 ou 20 arouras. A propriedade de 5 arouras é a mais comum listada, e não só as mulheres, mas a maioria dos pastores, donos de estábulos, sacerdotes possuem propriedades desse tamanho.

Parece não ter havido nenhuma restrição de quanta propriedade as mulheres poderiam possuir. Elas poderiam ter herdado de seus pais ou de seu marido, poderiam ter comprado. Com o que conseguia acumular na troca de produtos agrícolas extras, ou de produtos perecíveis ou não feitos por ela, poderia ampliar suas posses comprando outras propriedades.

Na comunidade de Deir el-Medina, há vários registros de mulheres comprando e vendendo casas ou armazéns. Ainda que a maioria das casas do povoado pertencessem ao Estado, os documentos mostram tais transações que poderia ocorrer talvez com casas fora das muralhas ou talvez algumas das casas interiores ou não pertenciam ao Estado, ou eram vendidas da mesma forma.

3.6.2. HERANÇA¹⁹⁵

Durante o Reino Novo, e em períodos mais antigos há vários indícios e comprovações de que a mulher poderia herdar propriedades, embora apenas um

¹⁹² **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "A família vista através da iconografia funerária privada egípcia da primeira parte da XVIII dinastia. (meados do século XVI a meados do século XIV a. C.)" Texto inédito gentilmente cedido pelo autor. Sem data p. 4.

¹⁹³ **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996. p. 135.

¹⁹⁴ O papiro Wilbour data do reinado de Ramssés V na XX dinastia. Mas embora não seja um documento pertencente ao período que nos interessa aqui, nos dá uma boa idéia da questão das propriedades.

¹⁹⁵ **ROBINS**, Gay, *op. cit.* pp.131-134.

filho pudesse almejar herdar a função do pai. Tudo indica que em circunstâncias normais todos os filhos, homens e mulheres, herdavam uma porção igual de bens de seus pais.

Vários documentos encontrados relativos a heranças lidam com disputas entre herdeiros, ou com situações especiais na divisão da propriedade. Se o ato de fazer testamentos tivesse sido uma coisa comum, teriam com certeza sido encontrados mais documentos deste tipo. Na maior parte dos casos a propriedade foi provavelmente dividida entre os filhos de um homem ou de uma mulher sem nenhuma disputa e a disposição dos bens só teria sobrevivido em documentos quando aconteceu algum tipo de complicação. Os filhos poderiam receber heranças de seus pais e também de suas mães, já que as mulheres podiam receber suas heranças em pé de igualdade, e também poderiam legar seus bens a seus filhos.

*"Os filhos e filhas herdavam em igualdade de condições, a não ser que em vida, o pai ou a mãe tivesse disposto a matéria segundo outras bases. Em certos períodos houve uma preferência por deixar os bens indivisos, administrados pelo irmão mais velho em proveito de todos, no sentido de não pulverizar o patrimônio e portanto seus rendimentos: mas caso ocorresse, isto dependeria sempre de disposições *ad hoc*. Enquanto vivos, os pais poderiam dispor de seus haveres – com exceção do haver matrimonial, separado dos outros bens – livremente, através de atos unilaterais de disposições revogáveis, que funcionavam, na prática, seja como doações *inter vivos*, seja como testamentos. Deste modo era possível deserdar filhos, estabelecer quotas diferentes de herança para cada um deles ou passar bens para o cônjuge. Em caso de divórcio a partilha era imediata."¹⁹⁶*

As mulheres herdavam propriedades de seus pais, e em Deir el-Medina tais propriedades poderiam barracões ou depósitos. Andrea McDowell sugere que isso aconteceria porque as casas do povoado eram propriedades do Estado, que acompanhava as funções, e por isso só poderiam pertencer aos homens que trabalhavam nas construções das tumbas¹⁹⁷. As mulheres da comunidade acabariam ficando desabrigadas no caso da morte do marido ou do pai. Como uma forma de compensação talvez, estes barracões ou depósitos que eram privados e não pertencentes ao governo, freqüentemente eram deixados para mulheres. Numa carta a sua filha um pai diz explicitamente:

"Se o trabalhador Baki colocar você para fora de casa eu irei fazer alguma coisa. Quanto a casa, ela pertence ao faraó, vida, prosperidade e saúde, mas você pode morar na ante-sala de meu depósito porque fui eu quem o construiu. Ninguém no mundo vai te tirar de lá."¹⁹⁸

Há uma estela interessante que tem relação com o segundo sacerdote Piay, sua irmã e sua mãe. Piay abre mão das propriedades herdadas de seu pai em favor de sua irmã, incluindo terras para cultivo e para criação de animais, escravos e

¹⁹⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. Op. cit. p. 5.

¹⁹⁷ McDOWELL, Andrea G. *Jurisdiction in the Workmen's Community of Deir el-Medina*. Leiden, 1990. pp. 124, citada por ROBINS, Gay, Op. cit. p. 135.

¹⁹⁸ WENTE, Edward F. (ed.) *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990. Carta nº199, p.147.

árvores, enquanto sua mãe renuncia a seus direitos na propriedade, desde que sua filha se responsabilize por ela na velhice¹⁹⁹. Presumivelmente Piay tinha um bom salário por conta de sua posição como segundo sacerdote, e pôde dar à irmã uma independência considerável.

3.6.3. AÇÕES LEGAIS

Há vários casos de mulheres iniciando disputas legais, a acusação podendo ser contra outra mulher ou um homem.

Um documento de Deir el-Medina nos mostra um caso entre duas mulheres. No início do reinado de Ramsés II, a esposa de um funcionário local, Irynefret decidiu comprar uma garota escrava no valor de 4 *deben*²⁰⁰ e 1 *kite*, e pagou por ela com uma variedade de produtos equivalentes a este preço. Ela mal teve tempo de usar sua nova aquisição quando a vizinha, Bakmut, reclamou que uma parte dos produtos usados por Irynefret para pagar a escrava lhe pertencia e dessa forma ela também poderia usar a escrava. Ela levou o problema à justiça, e ambas as mulheres apresentaram testemunhas para apoiar suas diferentes versões. Irynefret teve que fazer um juramento: "*Se for estabelecido que algumas das propriedades da senhora Bakmut foram incluídas na prata que eu paguei pela garota escrava, e eu estiver escondendo o fato, então eu poderei receber o castigo de 100 chicotadas e terei que desistir da garota.*"

Não se sabe realmente como esse caso acabou, pois o registro termina abruptamente no momento em que as testemunhas de Bakmut falam em seu favor. Se Irynefret perdeu o caso, seu castigo foi bastante severo e outros casos mostram que os castigos aplicados às mulheres eram tão duros quanto aqueles aplicados aos homens.²⁰¹

Existem também vários casos em Deir el-Medina de mulheres sendo acusadas de roubos ou instadas a pagar débitos. Apesar disso, os casos envolvendo mulheres são bem menos numerosos do que aqueles envolvendo homens. Isto provavelmente acontece porque as mulheres possuíam menos propriedades do que os homens e a maior parte das contendas era decorrente da posse dessas propriedades. De qualquer modo, as mulheres poderiam iniciar ações legais, responder a processos, fazer juramentos e serem testemunhas, mas elas também tinham que sofrer severas punições se assim fosse o caso.

¹⁹⁹ ROBINS, *Op. cit.* p. 134.

²⁰⁰ *Deben* era uma unidade de peso que equivale a mais ou menos 91 gramas.

²⁰¹ HAWASS, Zahi A. *Silent Images, Women of Pharaonic Egypt*. Harry N. Abrams, INC: New York, 2000. p 132.

3.6.4. POSIÇÃO ECONÔMICA²⁰²

Apesar de uma boa quantidade de materiais sobre este assunto encontrado para o Reino Novo, sabemos muito menos do que gostaríamos sobre o andamento da economia egípcia. Há no entanto uma diferença fundamental e bem documentada nos negócios de homens e mulheres da elite. Os homens eram escribas e ocupavam algum tipo de cargo ligado às funções governamentais, e por conta disso recebiam um salário (em grãos e outros produtos), enquanto as mulheres eram excluídas da burocracia, e dessa forma, se não fossem convocadas para prestar corvéia, não recebiam diretamente nenhum tipo de salário regular.

Os trabalhadores de Deir el-Medina recebiam 4 *khar* (cerca de 300 litros) de trigo emmer para fazer pão e 1½ *khar* (cerca de 112,5 litros) de cevada para produzir cerveja por mês²⁰³. Tais quantidades foram avaliadas e concluiu-se que eram suficientes para sustentar uma família de dez pessoas, se algumas delas fossem crianças pequenas. Então os pagamentos feitos aos trabalhadores de Deir el-Medina tinham o propósito de permitir que cada um desses homens mantivesse uma família. A conclusão que é possível tirar disto, é que era esperado que as mulheres fossem dependentes de seus maridos.

Ainda assim, existem exemplos de mulheres efetuando várias transações por sua própria conta. Vejamos alguns exemplos dados pela professora Gay Robins:

"Uma(mulher) foi paga com 29 deben de cobre, equivalente a quase 15 khar de grão por algumas roupas que foram provavelmente feitas por ela mesma... Num outro negócio, uma mulher comprou itens que valem 76 deben. Ela deu uma entrada de algumas roupas e vegetais valendo 5 deben, mas ficou devendo o resto. O credor devia acreditar que ela teria como pagar este débito dentro de um tempo razoável. Num outro caso uma mulher pode oferecer um lote de terra para pagar por um burro. Um texto lista propriedades valendo um total de 170 deben devidas a uma mulher chamada Webkhet. Também foi encontrada uma mulher que possuía os direitos sob um certo número de dias de trabalho de dez escravos^{204, 205}.

Existem outros casos de transações feitas por mulheres fora de Deir el-Medina que mostram que elas poderiam conseguir ou através de seu trabalho ou através de seus bens ou bens familiares, por sua própria iniciativa realizar uma série de transações envolvendo bens de alto valor em comparação com os salários mensais oferecidos aos trabalhadores. E há também vários casos de homens levando adiante negócios particulares. Os registros do povoado mostram que eram com certeza os homens que predominavam nos negócios. Num grupo de

²⁰² ROBINS, Gay, *Op. cit.* p. 129.

²⁰³ *Idem, ibidem.* p. 129, citando JANSSEN, J.J. *Commodity Prices from the Ramesside Period.* Leiden, 1975. p.460.

²⁰⁴ Esta era uma forma antiga de dividir os trabalhos de escravos. Tais escravos seriam de propriedade do Estado e postos a disposição de um grupo de pessoas que teria cada uma direito a tantos dias de trabalho no ano. Seus "donos" poderiam usar estes dias ou vender a alguém e receber por isto.

²⁰⁵ ROBINS, Gay, *Op. cit.* p. 131.

documentos que registra as transações financeiras do povoado, vêem-se que apenas 18,1% dos negócios que preservaram os nomes envolvem mulheres, e que somente 10,3% das pessoas nomeadas são mulheres. Ou as mulheres não são economicamente ativas como os homens nesse tipo de transações que os documentos ilustram, ou a maior parte das transações envolvendo mulheres era realizada pelos homens em benefício delas.²⁰⁶

4.7. A função ritual das mulheres na religião funerária: elas tinham alguma?

Desde o período Pré-Dinástico, os egípcios já davam mostras da crença na vida após a morte e sabe-se que, já durante o Reino Antigo, vários indivíduos – o rei e aqueles a quem o rei concedia o benefício – construíam suas tumbas, organizavam seus funerais e implantavam seus cultos funerários. Nos períodos subseqüentes vê-se uma crescente democratização nas práticas funerárias até que tais procedimentos fossem permitidos a todos aqueles que poderiam arcar com as despesas.

Os cultos precisavam ser mantidos depois da morte dos interessados e os ritos seriam preferencialmente executados pelo filho mais velho do indivíduo, trazendo comida e fazendo todo o necessário para assegurar ao falecido sua vida no outro mundo.

Sabemos que as mulheres comuns poderiam também usufruir de uma vida no além, o que gerava a necessidade de cultos e rituais funerários como os de seus pares. Embora não pudessem elas mesmas construir suas tumbas e instituírem seus cultos, eram enterradas nas tumbas de seus maridos, pais ou irmãos e partilhavam dos rituais realizados em nome deles.

No Reino Antigo mulheres poderiam ser sacerdotisas funerárias, é conhecido inclusive o título de “Supervisora de sacerdotes funerários” usado por uma mulher. No entanto qualquer outra comprovação de sacerdotisas funerárias desaparecem no Reino Antigo. Nos Reinos Médio e Novo as mulheres estão limitadas a dedicar a seus entes queridos, estátuas funerárias e estelas funerárias onde elas são mostradas executando rituais para os mortos (oferendas, libações, etc). Não se sabe com certeza se elas próprias encomendavam os trabalhos e pagavam por eles, mas, já que as mulheres podiam ter propriedades e participar ativamente nas atividades econômicas e controlar suas finanças, é bastante possível que alguns de seus ganhos independentes fossem gastos em tais monumentos para seus pais ou seu marido.

²⁰⁶ *Idem, ibidem.* p. 131.

Nas cenas encontradas nas tumbas, é comum ver esposas, mães, ou filhas fazendo oferendas ao proprietário da tumba e em muitos casos seguram um sistro e usam o colar-*menit*, através dos quais fazem uma referência a deusa Hathor que prometeu o renascimento aos mortos. Por causa da associação da deusa Hathor com a música, também costumam ser representadas cenas mostrando danças em sua honra, nas quais as mulheres tem um papel significativo.

No que diz respeito aos últimos ritos executados diante das tumbas, quando o importante ritual da "Abertura da Boca" era realizado, as cenas representadas nas tumbas do Reino Novo claramente nos mostram que o sacerdote oficiante é um homem. A esposa é freqüentemente mostrada se lamentando aos pés do sarcófago, e grupos de carpidores e carpideiras acompanham a procissão funerária até a tumba. Em alguns casos as mulheres carpideiras ultrapassam o número de homens nessa função, e é bastante possível que, além das mulheres da família, algumas carpideiras profissionais fossem contratadas. Uma das estela de Deir el-Medina foi dedicada por uma mulher e sua filha, e ambas usam o título de carpideira, o que sugere que esta seria sua ocupação. Outras mulheres nas representações de funerais representam as deusas Isis e Neftis, que são as pranteadoras por excelência, porque elas teriam sido as primeiras a realizar tal ato ao lamentar-se pelo deus Osíris quando foi assassinado por seu irmão Set.

Nas imagens usadas para esta pesquisa, as mulheres são mostradas com alguma freqüência acompanhando seus maridos nos rituais funerários. É no entanto muito difícil vê-las representadas desacompanhadas ou mesmo como executoras dos mencionados rituais. Sua participação nas cenas é, deste modo, claramente secundária.

3.8. Imagens de mulheres na Arte

A arte egípcia nos dá uma imagem bastante visível das mulheres, mesmo que num lugar secundário. Elas estão realmente lá e colocadas de uma forma que não podemos negar sua importância. Ao contrário, por exemplo, de sociedades tais como a grega clássica ou neo-assíria, não há realmente dúvidas sobre a forma como o egípcio via as mulheres na sociedade.

"Um estudante de arte grega clássica poderia suspeitar que os antigos gregos não gostassem das mulheres de forma nenhuma. A arte egípcia não nos deixa nenhuma dúvida. A beleza das formas das jovens mulheres nunca foi tão bem executada, e mesmo que os homens egípcios se sentissem superiores a elas ou temerosos, os textos e monumentos que eles deixaram também revelam que eles as amavam e as respeitavam. No entanto não devemos permitir que a enorme visibilidade da mulher na arte egípcia, obscureça o fato que existia uma distinção de gêneros como parte da estrutura formal da sociedade egípcia, e que

*em geral a mulher ocupava uma posição secundária em relação ao homem durante toda a antiga história egípcia.*²⁰⁷

Nos monumentos egípcios particulares, as tumbas principalmente podemos ver que as imagens tanto de homens e mulheres eram altamente idealizadas, mas existiam dois tipos de imagens para os homens, e apenas uma para a mulher. O homem era mostrado como jovem e atlético, mas também como uma figura mais corpulenta, o que significaria certamente o resultado de uma vida próspera, de uma carreira burocrática de sucesso. As mulheres, ao contrário, são sempre mostradas como jovens e esbeltas. Afinal elas não tinham uma carreira burocrática, sendo a segunda das imagens totalmente irrelevante para elas.

As distinções de idade também não eram mostradas, e só é possível saber se a mulher é a esposa ou mãe do proprietário pelo nome que identifica a figura. Algumas crianças pequenas, são identificáveis porque os egípcios sempre mostravam as crianças como pequenos adultos, não importando se eram homens ou mulheres.

Imagens de homens e mulheres apresentavam também outras diferenças, a cor da pele e tipo físico. A pele dos homens era usualmente pintada de marrom-avermelhado, enquanto a das mulheres eram representadas numa cor marrom-amarelo-pálido.

A cor mais clara das mulheres provavelmente poderia ser explicada pelo fato delas serem vistas como trabalhando quase que exclusivamente dentro de casa enquanto os homens saíam para ir cuidar de seus negócios no governo e para supervisionar as atividades em sua propriedade. Quanto ao tipo físico, as figuras femininas eram desenhadas com os ombros e cinturas mais finas do que a dos homens dando a elas um físico mais leve.²⁰⁸

Uma outra importante diferença nas imagens de homens e mulheres é que os homens na maior parte das vezes parecem ter imagens mais ativas do que as mulheres. Quando aparecem juntos numa estátua de casal, o homem usualmente está com o pé adiante, como se estivesse andando enquanto a mulher é mostrada com seus pés juntos numa posição de passividade. Muitas vezes também o homem aparece fazendo a oferenda, enquanto a mulher observa, reforçando o contraste passivo-ativo do casal. Além do mais o homem pode ser mostrado engajado em atividades esportivas, como a caça, por exemplo, o homem é mostrado em plena atividade enquanto a mulher é apenas uma observadora da ação.²⁰⁹

²⁰⁷ *Idem, ibidem.* p. 191

²⁰⁸ *Idem.* "While the Woman Looks on. Gender inequality in New Kingdom Egypt". *KMT, A Modern Journal of Ancient Egypt.* San Francisco, California: Fall 1990, Vol-1, #3. p. 21

²⁰⁹ *Idem, ibidem.* p. 21



Capítulo IV – Apresentação dos conteúdos imagéticos das tumbas estudadas

A partir deste ponto, neste capítulo e no próximo, iremos apresentar e descrever as possibilidades de interpretação contidas nas tumbas que reunimos. Para cada uma delas, além das descrições pertinentes acerca da presença e das ações femininas, daremos o máximo de informações que foi possível levantar.

As tumbas deste período, a XIX dinastia, apresentam-nos quase que exclusivamente cenas de caráter religioso, não sendo mais freqüente a representação de cenas do dia-a-dia, comuns até finais da XVIII dinastia nas tumbas de particulares. Ainda assim, encontramos em algumas tumbas cenas que fogem à temática do culto propriamente dita. Mesmo em se tratando de imagens de cenas da vida cotidiana, todas elas não deixam também de ser “cenas religiosas”, por conta do próprio sentido religioso da tumba.

É interessante perceber as opções bastante claras a respeito do repertório de cenas usuais para cada um dos períodos da história do antigo Egito. Se durante o Reino Antigo temos uma variedade de cenas agrícolas, artesanais, de construção de navios, de plantio de hortas, vinhedos e tantas outras, no Reino Novo ficamos restritos a cenas de procissões funerárias, banquetes, oferendas aos deuses, cenas de casais, cenas de vinhetas do Livro dos mortos e outras ainda, obedecendo à temática “religião”.

Dessa forma, restringimo-nos a verificar a participação da mulher unicamente nessas situações. Temos de ter em mente que todas essas imagens são

apenas a visão masculina da participação feminina, já que não é conhecida nenhuma tumba que tenha sido feita por mulheres.

Um ponto importante a ser destacado no que vai ser mostrado a seguir é uma certa imprecisão no que diz respeito às descrições que usamos para identificar as imagens dentro do universo de cada tumba.

Em alguns casos, não muitos, tivemos acesso a uma descrição mais detalhada em publicações específicas sobre a tumba. Isto nos ofereceu uma precisão bem maior na identificação das imagens dentro da tumba; na maior parte dos casos, porém, ficamos restritos às descrições apresentadas no volume I de Porter & Moss²¹⁰ que se sabe ter não só algumas imprecisões, como também alguns pequenos erros causados pela desatualização dos volumes. Afinal, as escavações continuam sendo feitas e pesquisas sobre tumbas específicas sempre trazem à baila informações importantes. O livro foi atualizado pela última vez em 1970. Devemos lembrar também que tais volumes servem mais como um guia geral das tumbas; as descrições encontradas nos estudos específicos de cada uma delas serão sempre infinitamente mais ricas.

Não tivemos muitas opções quanto a este ponto. O tempo disponível para a pesquisa foi apenas suficiente para uma busca básica; então, embora nem todas as tumbas trabalhadas contem com publicações recentes ou pelo menos recentemente revistas, só tivemos acesso àquelas que estavam realmente disponíveis de imediato. Não foi possível fazer nenhum levantamento mais minucioso. Tais fatos justificam algumas das imprecisões que poderão ser notadas nas identificações.

1. A escolha das cenas

Em primeiro lugar, gostaríamos de dar algumas breves explicações sobre como fizemos a seleção das cenas utilizadas. Tínhamos de lidar com uma restrição de tempo, o que nos fez diminuir o número de tumbas com as quais pretendíamos inicialmente trabalhar (para a lista completa, veja-se o anexo II), permanecendo apenas as tumbas do cemitério de Deir el-Medina. Depois de feito este primeiro corte, precisamos decidir com quais imagens iríamos trabalhar, já que nunca foi nossa intenção trabalhar com as tumbas por inteiro, pois percebemos que uma amostragem de cada uma das tumbas seria suficiente para verificar nossas idéias. Restringimos então as cenas que iríamos trabalhar, levando em consideração que

²¹⁰ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs*. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.

apenas nos interessava aprender sobre as ações das mulheres em cada uma delas. Estariam as mulheres agindo tal como seus parceiros, ou apenas observavam as ações masculinas? Desta forma, somente as imagens que continham personagens femininas foram retidas. O máximo que perdíamos era o número exato de figuras masculinas, mas já sabíamos de antemão que os homens seriam mais numerosos.

Precisamos também cortar uma das tumbas por conta de seu estado de destruição, uma vez que nela restou unicamente uma cena completa, sem presença feminina. Restaram, então, vinte e duas tumbas.

Iremos deixar para o próximo capítulo as informações de como foram definidas as cenas; aqui falaremos só de alguns dos itens que levantamos nas tumbas individualmente.

Em primeiro lugar, por que contar os personagens? Acreditamos que, embora altamente ritualísticas, as imagens conservadas nas tumbas nos passam um pouco da realidade. É verdade que muito do que acontecia não foi representado: por conta das regras de decoro, o que poderia ou não ser gravado nas paredes variou muito ou pouco, dependendo da época em que observarmos. O caso é que, independentemente das regras de composição e daquilo que era permitido ou não ser desenhado, o que vemos nas tumbas, deve ter uma referência na realidade conhecida; e é bem mais fácil imaginar que as representações fossem baseadas naquilo que os egípcios vivenciavam do que imaginar que os artistas devessem fazer um esforço para reproduzir ações que não ocorriam na realidade.

Acreditamos então que os números de mulheres representadas, por exemplo, em relação aos homens, numa mesma cena, tinham uma ligação direta com a vida cotidiana e, por isso, podemos confiar, não nos números levantados, mas em sua relação interna, como se tais cenas fossem uma realidade estatística nos oferecendo uma amostragem daquilo que se tentava representar.

No quadro e nos gráficos a seguir damos uma idéia geral das quantidades de cenas trabalhadas e o quanto isto representa no conjunto geral das tumbas.

Os dois primeiros mostram o total de cenas trabalhadas em cada uma das tumbas, com a identificação, no quadro, da numeração das cenas, estabelecida aleatoriamente.

Cenas nas Tumbas que contêm mulheres																					
Tumbas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
TT001	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14							14
TT002	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24											10
TT003	25	26	27	28																	4
TT005	29	30	31	32	33																5
TT006	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50				17
TT210	51	52	53	54																	4
TT211	55	56	57	58	59																5
TT214	60	61	62	63	64																5
TT215	65	66	67	68	69	70	71	72	73												9
TT216	74	75																			2
TT217	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89							14
TT218	90	91	92	93	94	95															6
TT219	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110						15
TT250	111	112	113	114	115	116	117	118													8
TT292	119	120	121	122																	4
TT323	123																				1
TT335	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	20
TT336	144	145	146																		3
TT339	147	148	149	150																	4
TT356	151	152	153	154	155																5
TT357	156	157	158																		3
TT360	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170									12
178-fotos 145-únicas 33-ilustrações 170 cenas contendo mulheres																					

Tabela 8: Resumo Geral e Quadro de referência para o total de imagens de mulheres nas tumbas estudadas

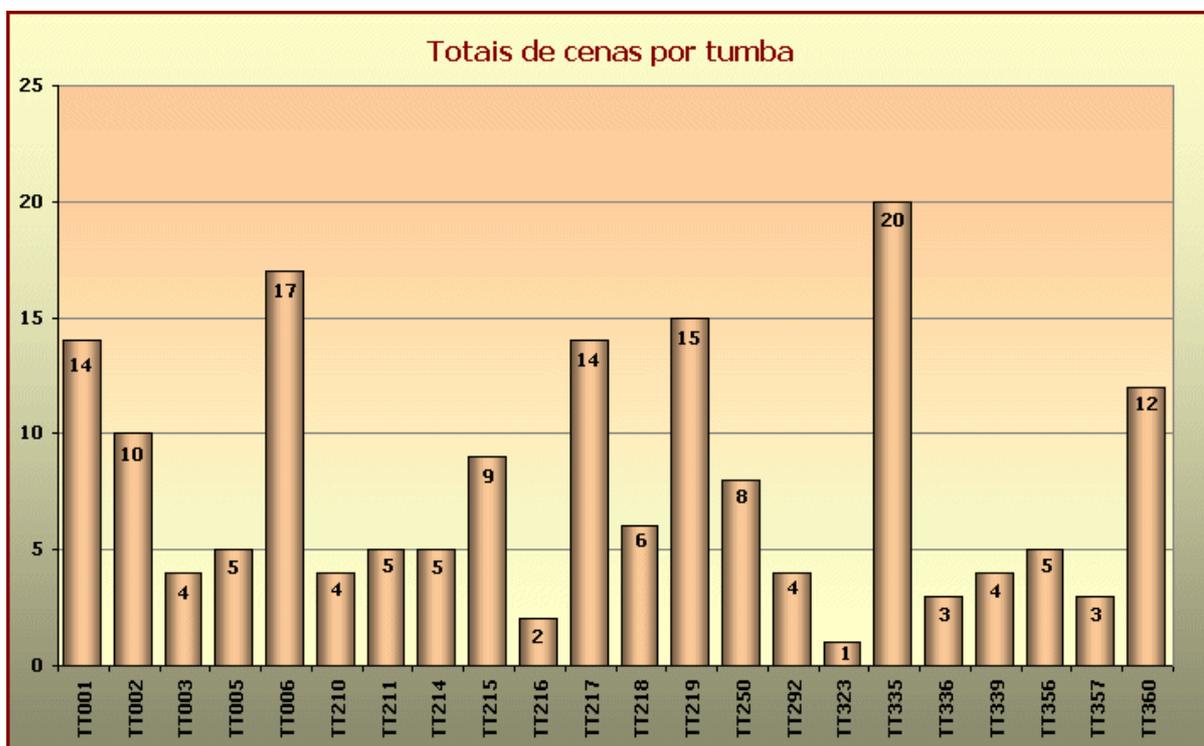


Gráfico 1: Total de cenas por Tumbas.

O gráfico a seguir dá uma noção das figuras trabalhadas dentro do universo total de imagens de cada uma das tumbas. Para tais contagens usamos o total de cenas descritas no já citado livro de Porter & Moss, já que para cada uma das tumbas mostradas, o livro traz uma listagem geral de cenas existentes.

Tumbas \ Cenas	TT001	TT002	TT003	TT005	TT006	TT210	TT211	TT214	TT215	TT216	TT217	TT218	TT219	TT250	TT292	TT323	TT335	TT336	TT339	TT356	TT357	TT360
Total de cenas por tumba	40	77	20	24	22	5	11	16	13	38	26	32	28	9	32	8	44	26	7	17	6	28
Cenas Significativas	15	33	5	7	19	5	5	7	12	12	24	16	16	9	16	2	25	6	6	6	3	12
Cenas trabalhadas	14	10	4	5	17	4	5	5	9	2	14	6	15	8	4	1	20	3	4	5	3	12

Tabela 9: Totais de cenas trabalhadas, significativas no universo geral das tumbas

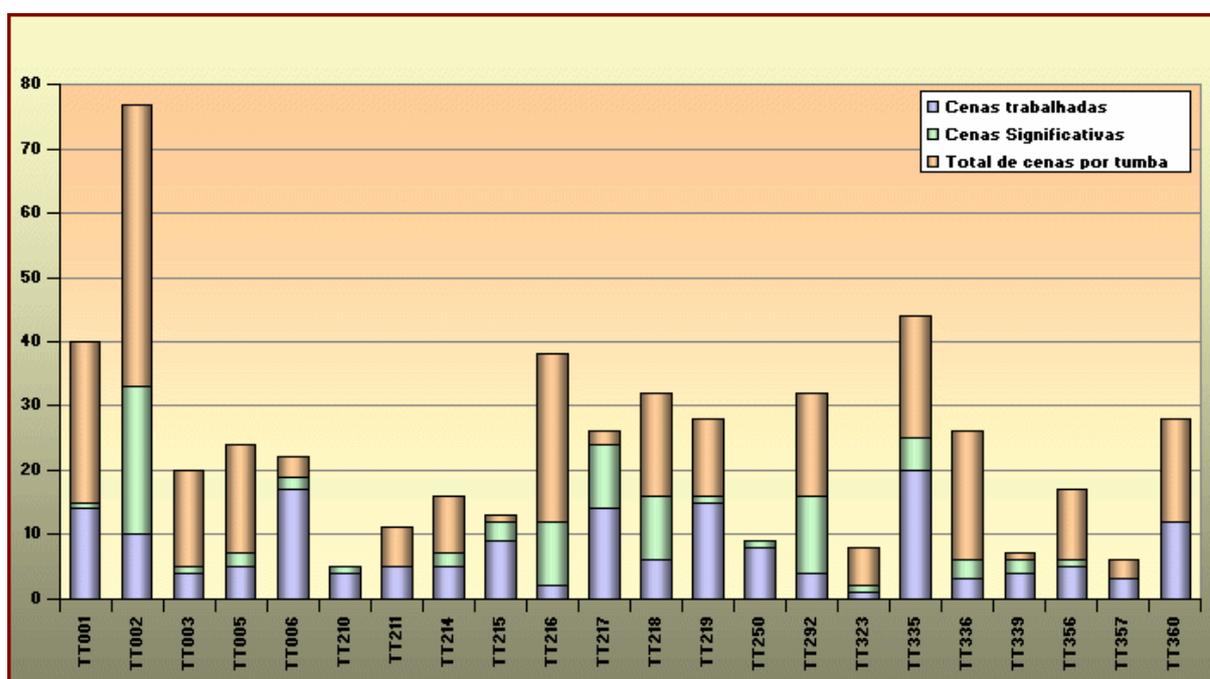


Gráfico 2: Total de cenas trabalhadas no universo geral das tumbas

As cenas significativas são aquelas nas quais aparecem com certeza, seja a família, sejam exemplos de mulheres sós ou acompanhadas. As cenas estritamente religiosas que envolvessem somente deuses ou os proprietários de sexo masculino, com raras exceções, não foram consideradas. Então, no gráfico acima, vemos as cenas significativas sobrepostas àquelas existentes em cada uma das tumbas, e as cenas trabalhadas vistas acima deste conjunto. Quando apenas duas cores são vistas é porque os números se sobrepõem de todo.

Encontramos um total de 476 homens e 405 mulheres em todas as cenas utilizadas; na próxima imagem veremos, graficamente, como tais imagens se dividem nas várias tumbas. Os números totais de homens e mulheres por tumbas são indicados em cada uma das descrições a seguir.

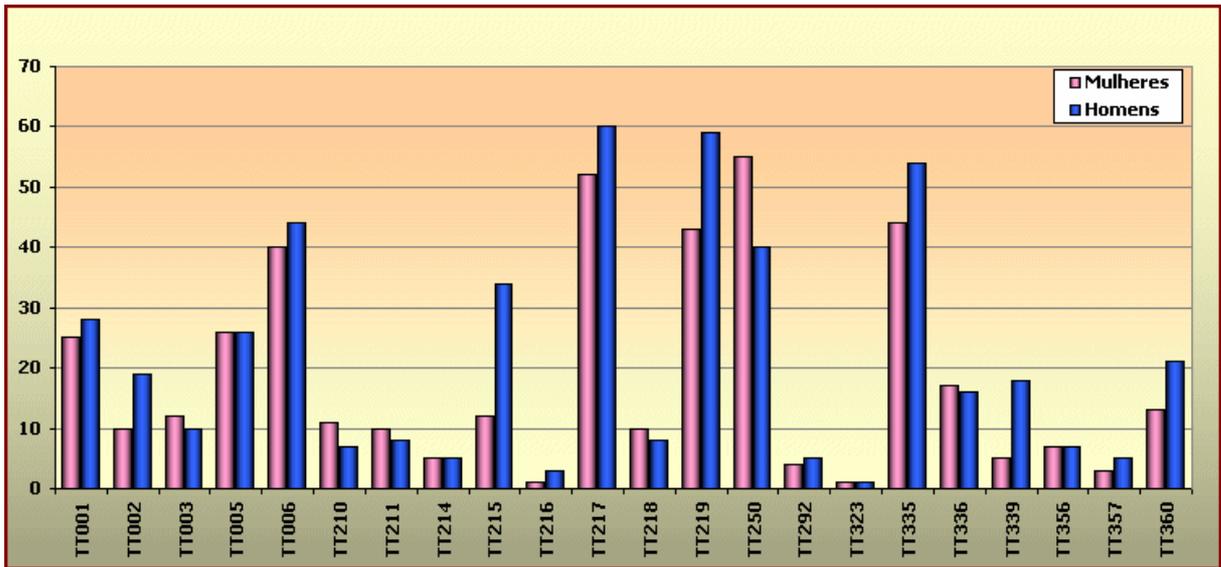


Gráfico 3: Total de homens e mulheres nas tumbas trabalhadas

2. Apresentação dos resultados por tumba

TT 001: Sennedjem, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Esta é uma das tumbas mais bem conservadas do cemitério de Deir el-Medina. Talvez por ter sido uma das primeiras a ser descoberta e trabalhada, foram dedicados a ela várias campanhas de reconstituição e manutenção. Para o que nos interessa aqui, a capela, onde estão as imagens do proprietário da tumba e sua família, está, além de completa, em boas condições. Temos então a maior parte desta tumba, com uma pequena exceção. Há, nela, uma presença bastante equilibrada de mulheres. Em todas as cenas utilizadas há uma simetria visível, o casal aparecendo junto na maioria das vezes. A esposa também participa da maior parte das ações representadas, chegando mesmo a aparecer em adoração sozinha (cena nº7), embora haja uma cena de igual valor na parte de cima representando seu marido na mesma ação, o que poderia significar apenas que eles estariam lado a lado. A esposa, no entanto, ocupa claramente uma posição secundária.

Totais de Personagens: Mulheres: 25/ Homens 28

Tumba Completa? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quase <input checked="" type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 40	Quantas cenas significativas* existem? 15	Quantas cenas significativas tenho? 14		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 14		Estão Só <input checked="" type="checkbox"/> e Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/> 14		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
O que fazem? <i>Adora deuses, age como respigadora, arranca linho, espalha sementes</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Casal	*	Casal	1	Cena nº 6
2. Filho e esposa	*		1	
3. Homem diante de [uma barca]			2	
4. Restos de procissão funerária			2	
5. Restos de procissão funerária [com homem ajoelhado segurando múmia]			4	
6. Guardião no Livro dos Portões			3	
7. Falecido adora a barca de Atum			5	
8. Títulos do morto e invocações de Osíris e Re'Harakhti			5	
9. Akru à esquerda, e árvore-isd com gato matando serpente à direita			5	
10. Morto adora o disco-horizonte sustentado pelos braços de Nut			5	
11. Falecido, esposa e parentes diante de Osíris e Maat.	*	Adorando deuses ou símbolos	5	Cena nº 2
12. Parentes diante de Ptah-Sokari, Osíris e Ísis			5	
13. Falecido e esposa jogando um jogo de tabuleiro	*	Jogos&diversão	5	Cena nº 3
14. Onze colunas de texto			5	
15. Múmia deitada numa cama entre Ísis e Nephthys como falcões			6	
16. Filhos (um deles fazendo uma oferenda) diante de parentes, Filho Bunakhef fazendo uma libação ao morto e família	*	Oferenda - família	6	Cena nº 9
17. Anúbis-chacal			7	
18. Morto e esposa adoram deuses do submundo	*	Adorando deuses ou símbolos	7	Cena nº 10

19. Morto e esposa adoram guardiões dos Portões (os dez sbht)	*	Adorando deuses ou símbolos	8	Cena nº 7
20. Procissão de Parentes	*	Procissão de Parentes	8	Cena nº 8
21. Babuíns adoram barca de Rá			9	
22. Casal Adorando deuses	*	Adorando deuses ou símbolos	9	Cena nº 11
23. Homem numa barca			9	
24. Homem diante de uma múmia			9	
25. Os campos de Iaru – colheita	*	Cenas Agrícolas	9	Cena nº 12
26. Os campos de Iaru – arrancamento	*	Cenas Agrícolas	9	Cena nº 13
27. Os campos de Iaru – plantio	*	Cenas Agrícolas	9	Cena nº 14
28. Os campos de Iaru – Árvores e plantas			9	
29. Anúbis cuidando da múmia deitada numa cama com textos do Livros dos Mortos			10	
30. Morto agachando-se diante de Osiris			10	
31. Morto guiado por Anúbis			10	
32. Re'- Harakhti, Atum nas costas de um bezerro e duas árvores			Teto	
33. Morto adora três demônios			Teto	
34. Morto adora deuses do submundo e serpente no horizonte			Teto	
35. Morto adora Thoth e dois demônios			Teto	
36. Cena da deusa-árvore	*	Deusa Árvore	Teto	Cena nº 4
37. Morto e esposa adoram deuses do céu	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 1
38. Passáreo-Benu e Re'-Harakhti com enéada numa barca			Teto	
39. Morto abre os portões do Oeste			Teto	
40. Casal de Joelhos	*	Casal	Ponta	Cena nº 5

Cenas Trabalhadas

Foto: 4783 Cena nº 1 Adorando Deuses

Teto, Metade Externa cena 6

SHEDID, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994. Pág.: Capa

Descrição: Casal diante de deuses do céu

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Grupo de Deuses	Deus(a)	Nenhuma					
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

Foto: 4857 Cena nº 2 Adorando Deuses

Parede 5 face externa cena I

SHEDID, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

Descrição: Falecido esposa e uma mulher diante de Osiris e Maat

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Maat	Deus(a)						
Deus Osiris	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Menor	Ao Lado	De Pé		

Foto: 4866 Cena nº 3 Jogando Jogos de Tabuleiro

Parede 5 Face Interior registro I

SHEDID, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

Descrição: Falecido e esposa jogando Senet

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Joga Senet	Menor	Ao Lado	Sentada		
Proprietário	Masculino	Joga Senet	Maior	Ao Lado	Sentada		

Foto: 4899 Cena nº 4 Deusa Árvore

Teto, cena 5

SHEDID, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

Descrição: Casal com deusa árvore. A deusa árvore faz oferendas e libação ao casal

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Menor	Ao Lado	Ajoelhada		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior	Ao Lado	Agachada		
Deusa Árvore	Deus(a)						

Foto: 3509 Cena nº 5 Casal de joelhos

Ponta da Pirâmide Externa

BRUYÈRE, Bernard. *La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh*. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. PL. XI

Descrição: Casal de joelhos

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	Agachada	Louvor	

Foto: 3516 Cena nº 6 Casal sentado

Parede 1, porta da capela

BRUYÈRE, Bernard. *La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh*. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. PL. XIV, Fig. 1

Descrição: Casal de joelhos

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Abraça o marido	Igual	Ao Lado	Sentada		

Proprietário Masculino Nenhuma Igual Ao Lado Sentada

Foto: 5535 Cena nº 7 Adorando Deuses			Parede 8 registros I e II				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVI, fig. A							
Descrição: I. Morto e esposa adoram os guardiões do Portões (os dez sbht)							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 5535 Cena nº 8 Procissão de parentes			Parede 8 registros I e II				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVI, fig. A							
Descrição: II. Os descendentes de Sen-Nedjem							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Menina não identificada	Feminino	Nenhuma	Menor		De Pé		Lótus
Mulher não identificada	Feminino	Abraça o marido	Maior		Sentada		Lótus
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		Lótus
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		Lótus
Menina não identificada	Feminino	Nenhuma	Menor		De Pé		Lótus
Rapazes não identificados	Masculino	Nenhuma	Igual		De Pé		Lótus e pássaro
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		De Pé		Lótus, garrafinha
Rapazes não identificados	Masculino	Nenhuma	Igual		De Pé		Lótus, pássaro, ramallete
Menina não identificada	Feminino	Nenhuma	Menor		De Pé		Lótus
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		Lótus

Foto: 5538 Cena nº 9 Banquete			Parede 6, registros I e II				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVI, fig. B							
Descrição: II. Filhos diante de parentes e filho Bunakhef fazendo libação ao morto e família.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Filha do Proprietário	Feminino	Recebe Libação	Menor		De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Recebe Libação	Menor		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe Libação	Maior		Sentada		
Proprietário	Masculino	Recebe Libação	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Menor		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Menor		Agachada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Tem seu penteado ajeitado	Maior		Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Ajeita penteado de alguém	Igual	Na Frente	De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Libação	Igual	Na Frente	De Pé		

Foto: 5550 Cena nº 10 Adorando Deuses			Parede 7, cena inferior				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVI, fig. B							
Descrição: Morto e esposa adoram deuses do submundo.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Maior		De Pé	Louvor	
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Maior		De Pé	Louvor	

Foto: 5556 Cena nº 11 Adorando Deuses			Parede 9				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVIII, fig. B							
Descrição: Os campos de Iaru.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		Ajoelhada	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		Agachada	Louvor	
Deuses	Deus(a)						

Foto: 5556 Cena nº 12 Colheita			Parede 9				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVIII, fig. B							
Descrição: Os campos de Iaru.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Corta os feixes	Igual		De Pé		foice
Esposa do Proprietário	Feminino	Recolhe espigas	Igual		De Pé		Bolsa

Foto: 5556 Cena nº 13 Arrancando Linho			Parede 9				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVIII, fig. B							
Descrição: Os campos de Iaru.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Arrancando linho	Igual		De Pé		
Proprietário	Masculino	Arrancando linho	Igual		De Pé		

Foto: 5556 Cena nº 14 Plantio			Parede 9				
WAHAB, Fahmy Abd El-, <i>La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position</i> . Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89) PL XXXVIII, fig. B							
Descrição: Os campos de Iaru.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Espalha sementes	Igual		De Pé		bolsa de sementes
Proprietário	Masculino	Arrando os campos Elísios	Igual		De Pé		Arado com bois

TT 002: Kha'bekhnet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Esta tumba, de todas as trabalhadas, aparenta ser a mais complexa e a mais rica em imagens. No entanto, conseguimos dela uma parte bem pequena. Das setenta e sete cenas levantadas, apenas trinta e três foram consideradas "significativas"; destas últimas contamos com cerca de um terço. A tumba é uma das poucas que nos apresenta a imagem de uma mulher sozinha diante de um deus em posição de adoração (ver cena nº 17); no mais, as cenas restantes são bastante parecidas com as de outras tumbas, como seria de se esperar.

Das cenas trabalhadas, o casal é mostrado de forma equilibrada. Os números no entanto mostram um desequilíbrio das figuras masculinas e femininas. Tal fato é devido a um grupo de servos carregando um palanquim com a imagem de Amenófis I (ver cena nº 15). Embora as mulheres tenham claramente uma posição secundária são mostradas como participantes da ação, no caso, aqui, principalmente adoração aos deuses.

Totais de Personagens: Mulheres: 10/ Homens 19

Tumba Completa?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>	
Quantas cenas na tumba?	77	Quantas cenas significativas* existem?	33	
Quantas cenas significativas tenho?	10	Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?	10	
Estão Só <input checked="" type="checkbox"/> e Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		São identificáveis estas mulheres?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
Quem são?	Mãe, esposa, filha, irmã			
Só assiste a ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
O que fazem?	Oferendas, Adorando Deuses			
Nome da esposa é mencionado?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Morto e seu pai entoando hinos à Rá			2	
2. Barca de Rá adorado por babuíns			3	
3. Morto diante das quatro divindades			3	
4. Pai e família diante de Hórus e Satis	*		3	
5. Morto e família diante de Amon e da Rainha 'Ahmosi Nefertari	*		3	
6. Morto adorando e entoando hinos à Rá			3	
7. Pai de joelhos adora Min e [deusa]			4	
8. Irmão Khons e esposa fazem oferendas aos pais (macaco debaixo da cadeira da mãe), e hinos à Rá	*		4	
9. Morto de joelhos oferece velas a Min			4	
10. Morto e esposa fazem oferendas aos pais (do morto)	*		4	
11. Cerimônias no templo de Mut em Karnak com as barcas divinas e avenidas de "crio-sphinxes"			5	
12. Duas cenas de oferendas			5	
13. Peregrinação a Abidos diante de Osiris			5	

14. Irmão Khons e esposa diante de um deus	*		5	
15. Cena de pesagem			5	
16. Khons guiado por Harsiesi e esposa por Anúbis	*		5	
17. Procissão funerária com sarcófago e lamentadores do sexo masculino			5	
18. Pai e parentes adoram a deusa Hathor e sua forma de vaca em uma capela			6	
19. Banquete			6	
20. Procissão funerária			6	
21. Morto (?) e família diante de Osiris, Isis e Hathor	*		7	
22. Cenas de oferendas			7	
23. Pais adoram Ptah e Anúbis			8	
24. Homem faz oferendas a Ra'mose (TT007)			8	
25. Esposa e homem fazem oferendas aos pais do morto	*		8	
26. Kaha (TT360) com esposa e oferendas	*		8	
27. Morto com esposa faz oferendas em braseiro à estátua de Amenophis I num palanquim carregado por sacerdotes, e estátua de Amon	*	Oferendas	9	Cena nº 15
28. Filho Mosi queima incenso diante do morto e esposa	*		9	
29. Família	*		9	
30. Morto faz oferendas a duas filas de reis, rainhas e princesas			10	
31. Morto e filha adoram Ptah e deusa, e homem faz oferendas a morto e esposa	*		10	
32. Família diante dos pais do morto	*		10	
33. [Morto] diante da estátua de Amenophis I em um palanquim carregado por sacerdotes, e estátua de Amon, ambos protegidos por Maat			11	
34. Dois casais	*		11	
35. Morto guiado por Anubis, e esposa por Horus, até Osiris e Isis	*		11	
36. Cenas de oferendas			11	
37. [morto] diante da triade tebana, e diante de Amenophis I, 'Ahmosi Nefertere, e princesa Merytamun			12	
38. Re'-Harakhti e Osiris sentados			12	
39. Cenas de oferendas à família com Anubis sentado	*		12	
40. Estátua dos pais sentados, com parentes em relevo no acento, e homem adorando do outro lado	*		13	
41. Estátua do morto e sua esposa sentados com parentes em relevo no acento, e texto de oferendas à Mertseger do outro lado	*		14	
42. Barca de Rá			15	
43. Morto e esposa fazem oferendas a Tríade Tebana	*		15	
44. Khons e esposa e textos	*		15	
45. Morto e esposa	*		15	
46. Pai e Khons adoram a barca de Rá			15	
47. Pais [do morto] adorando			15	
48. Khons, esposa e filha, adorando e entoando hinos à Rá	*		15	
49. Estátuas de Osiris e Isis e com Hathor em forma de vaca proteje (o rei)			16	
50. Barca de Rá'Harakhti			16	
51. Morto adora a estátua real e Hathor em forma de vaca na montanha			16	
52. Morto e esposa ajoelhados entoando hinos a Hathor	*		16	
53. Estátuas de Rá (?) e Osiris, com Hathor em forma de vaca protegendo o rei sentado no centro			17	
54. Hapi e oferendas			18	
55. Morto e esposa ajoelhados oferecendo "uzat" a Thot como um babuíno	*	Oferendas	19	Cena nº 18
56. Ísis alada			20	
57. Khepri e Osiris com o símbolo do nomo-peixe			20	
58. Anúbis cuidando da múmia em forma de peixe num leito, entre pequenas imagens de Ísis e Nephthys e filhos de Hórus			20	
59. Pai e mãe oferecem incenso e libações a Ptah-Nebmaat e Mertseger agachados	*	Adoração	21	Cena nº 21
60. Neith fazendo "nini"			22	
61. Selkis com água diante de Hórus como o falcão do oeste			22	
62. Morto e esposa diante de Ptah e Maat	*	Adoração	22	Cena nº 22
63. Morto e esposa fazem oferendas num braseiro a Anúbis e Hathor do Oeste	*	Adoração	22	Cena nº 23
64. Nephthys alada			23	

65. Anúbis cuidando da múmia num leito entre Nephthys e Ísis, com três deusas em cada extremidade segurando uma Estela de Osíris à esquerda e Hekzer à direita			23	
66. Khons e esposa diante de Rá, Osíris e Amenófis I	*	Adoração	24	Cena nº 19
67. Morto e esposa diante de Amenófis I (representado duas vezes) e 'Ahmosi Nefertere	*	Adoração	24	Cena nº 24
68. Morto e esposa diante de Ptah-Sokari e Tefnut	*	Oferendas	24	Cena nº 20
69. Cartuchos de Amenófis I, 'Ahmosi Nefertere, [Meryt]jamun e Men[tuhotp]-[Nebhepet]re, e Buto de Depet como uma serpente			25	
70. Mehitwert em forma de vaca numa piscina e sombra do morto			Teto	
71. Esposa adora Anúbis	*	Adoração	Teto	Cena nº 17
72. Morto guiado por Anúbis até a pirâmide-tumba com o bá acima da porta			Teto	
73. Ptah-Sokari numa barca com o morto e esposa adorando na escadaria abaixo	*	Adoração	Teto	Cena nº 16
74. Osíris numa barca			Teto	
75. Disco-do-horizonte levado no braços de Nut com um pilar-zad personificado e Tefnut com um leão com uma cobra abaixo			Teto	
76. Morto adora Hu e Ka nas costas de um bezerro			Teto	
77. Morto adora Thoth			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 5775 Cena nº 15 Oferendas à deuses

9, cena I

BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. *Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte*. Paris: Jacques Livet Ed., s/d. http://www.osirisnet.net/tombes/artisans/khabe/photo/khab_34.jpg

Descrição: I. Morto com esposa faz oferendas em braseiro à estátua de Amenophis I num palanquim carregado por sacerdotes, e estátua de Amon.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Grupo de servos	Masculino	Carregam estátuas	Menor		De Pé		Palanquim e estátuas
Estátua de Amenófis I	Deus(a)	Nenhuma					
Estátua de Amon	Deus(a)	Nenhuma					
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Maior	Na Frente	De Pé		braseiros
Esposa do Proprietário	Feminino	Acompanha o marido	Maior	Ao Lado	De Pé		Não identificado

Foto: 1745 Cena nº 16 Adorando Deuses

Teto, Metade externa IV

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL II, fig. A

Descrição: Ptah-Sokari numa barca com o morto e esposa adorando na escadaria abaixo.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Maior		Agachada	Louvor	
Deus Ptah-Sokari	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Menor		Ajoelhada	Louvor	

Foto: 1746 Cena nº 17 Adorando Deuses

Teto, Metade externa II

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL II, fig. B

Descrição: II. Esposa adora Anúbis.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Anúbis	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses			De Pé	Louvor	

Foto: 1751 Cena nº 18 Oferendas à deuses

19

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL IV

Descrição: Morto e esposa ajoelhados oferecendo "uzat" à Thot como um babuíno.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		Ajoelhada	Oferenda	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		Ajoelhada	Louvor	
Deus Thot (babuíno)	Deus(a)						

Foto: 1759 Cena nº 19 Adorando Deuses

24, cena I

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL VIII

Descrição: I. Khons(irmão) e esposa diante de Rá, Osíris e Amenófis I.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Irmão do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Irmão do Proprietário Deuses	Masculino Deus(a)	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

Foto: 1762 Cena nº 20 Oferendas à deuses

24, cena III

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL IX

Descrição: III. Morto e esposa diante de Ptah-Sokari e Tefnut.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	De Pé	Oferenda	Oferendas, lótus
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Deuses	Deus(a)						

Foto: 1763 Cena nº 21 Adorando Deuses 21

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL X

Descrição: Pai e mãe oferecem incenso e libações à Ptah-Nebmaat e Mertseger agachados.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Mãe do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Oferenda	
Pai do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Oferenda	

Foto: 1764 Cena nº 22 Adorando Deuses 22, cena II

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL V

Descrição: II. Morto e esposa diante de Ptah e Maat.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		garrafa
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Deuses	Deus(a)						

Foto: 1766 Cena nº 23 Adorando Deuses 22, cena III

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL VI

Descrição: III. Morto e esposa fazem oferendas num braseiro à Anúbis e Hathor do Oeste.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	De Pé	Oferenda	braseiro
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	garrafa

Foto: 1768 Cena nº 24 Adorando Deuses 24, cena II

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL VIII

Descrição: II. Morto e esposa diante de Amenófis I (representado duas vezes) e 'Ahmosi Nefertere.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Oferenda	
Deuses	Deus(a)						

TT 003: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Uma das grandes diferenças nas representações desta tumba é a tentativa de marcar a idade mais avançada através da cor dos cabelos (ver cena nº28). Nos três registros representando uma fila de parentes, existem cinco exemplos bem visíveis de homens e mulheres com cabelos grisalhos, dois homens e três mulheres, mas a aparência geral das figuras humanas é a mesma das outras pessoas representadas. A presença feminina nas cenas trabalhadas está equilibrada em relação à presença masculina, e as mulheres parecem, pelo menos nestas cenas, realizar as mesmas funções de adoração. No entanto, também neste caso é possível notar a posição secundária das mulheres em relação aos homens.

Totais de Personagens: Mulheres: 12/ Homens 10

Tumba Completa?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>
Quantas cenas na tumba?	20	Quantas cenas significativas* existem?	5
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?		Estão	Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input type="checkbox"/>
São identificáveis estas mulheres?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são?	Esposa do proprietário, filha
Só assiste a ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>

O que fazem? <i>Adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Homem diante de um deus			1	
2. Anubis-chacal e texto			2	
3. Anubis-chacal e texto			3	
4. Ptah-Sokari como um falcão alado numa barca e filhos Menna e Kaha de joelhos em adoração			4 e 5	
5. Morto debaixo de uma palmeira bebendo de um lago			4	
6. Três filas de pais e outros parentes	*	Procissão de parentes	5	Cena nº 28
7. Cena da deusa-árvore			5	
8. Anubis-chacal			6	
9. Morto e família adoram Hórus como um falcão	*	Adoração	6	Cena nº 27
10. Anúbis cuidando da múmia num leito			6	
11. Divina barca			6	
12. Morto e filha pequena adoram Ra-Harakhti, Atum, Khepri e Ptah e um zad-pillar vestido	*	Adoração	7	Cena nº 25
13. Peregrinação a Abidos, morto e esposa com criança num barco	*	Casal numa barca	8 e 9	Cena nº 26
14. Osiris sentado em frente à montanha e Hórus como um falcão, uzat com archotes e morto de joelhos abaixo à esquerda e demônio com archotes à direita			10	
15. Fragmentos de sarcófago com textos do Livro dos Mortos			11	
16. Morto em adoração	*		11	
17. Confissão negativa			11	
18. Anúbis e assessores cuidando de múmia num leito			11	
19. Osiris, Isis, Nut, Nu, Nephthys, Geb, Anubis, Wepwaut e litania de Rá			Teto	
20. Osiris, Thoth, Hathor, Re-Harakhti, Neith, Selkis, Anubis, Wepwaut			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 2939 Cena nº 25 Adorando Deuses 7

ZIVIE, Alan-Pierre. *La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. PL. 15

Descrição: Morto e filha pequena adoram Ra-Harakhti, Atum, Khepri e Ptah e um zad-pillar vestido.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Filha do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Mínima		De Pé	Louvor	

Foto: 2943 Cena nº 26 Casal numa barca 9

ZIVIE, Alan-Pierre. *La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. PL. 17

Descrição: Morto e esposa com criança num barco.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário?	Feminino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		
Proprietário	Masculino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		
Criança não identificada	?	Seguindo no barco	Mínima		Ajoelhada		

Foto: 2949 Cena nº 27 Adorando Deuses 6

ZIVIE, Alan-Pierre. *La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. PL. 21

Descrição: Morto e família adoram Hórus como um falcão.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses					
Filha ou Filho do Proprietário	?	Adorando deuses					
Proprietário	Masculino	Adorando deuses					
Filha ou Filho do Proprietário	?	Adorando deuses					
Proprietário							
Deus Hórus	Deus(a)						

Foto: 2954 Cena nº 28 Procissão de parentes 5

ZIVIE, Alan-Pierre. *La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. PL. 23

Descrição: Três filas de pais e outros parentes (pertencendo à (6)).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Louvando um Deus	Igual		De Pé	Louvor	

TT 005: Nefer'abet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: A maioria das cenas estudadas desta tumba referem-se à adoração e às oferendas aos deuses. Longas filas de parentes, homens sempre na frente, mulheres a seguir, estão diante de algumas imagens de deuses. Apenas dois casais aparecem nas cenas tratadas aqui. Na cena nº29, o filho faz oferenda ao casal (proprietário e sua esposa); e na cena nº32, outro filho aparece junto com a esposa. Embora numericamente equilibradas, e aparentemente efetuando as mesmas ações dos homens, as mulheres também parecem ter uma posição secundária

Totais de Personagens: Mulheres: 26/ Homens 26

Tumba Completa? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 24	Quantas cenas significativas* existem? 7	Quantas cenas significativas tenho? 5		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 5	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Anubis-chacal			1	
2. Filho Nedjemger oferece vaso ao morto e sua esposa	*	Oferendas	1	Cena nº 29
3. Filho Neferrompet com parentes adoram Ra-Harakhti com falcão	*	Adoração	2 e 3	Cena nº 31
4. Morto e parentes adoram Hathor como vaca na montanha e Anubis	*	Adoração	4	Cena nº 30
5. Neheh com archotes			5	
6. Osiris e Mertseger como serpente e restos de Isis alada abaixo			6	
7. Plataforma com quatro demônios em cada extremidade			7	
8. Anubis, Thoth e filhos de Horus			Teto A	
9. Isis e Nephthys de joelhos			8 e 9	
10. Fila de parentes	*		8	
11. Filho Neferronpet e esposa	*	Adoração	9	Cena nº 32
12. Filhos de Horus			10 e 11	
13. Morto com parentes adoram Anubis	*	Adoração	12 e 13	Cena nº 33

14. Nephthys alada sendo adorada pelo morto e seu filho Neferronpet	*		14	
15. Nephthys e Isis como falcões, e Neheh e Zet com archotes de cada lado das duas múmias deitadas			14	
16. Disco alado acima de Osiris			Teto B	
17. Amenophis I diante Mertseger(?) e de uma deusa			Teto B	
18. Ra-Harakhti sentado			Teto B	
19. Falcão alado com ganso-smn diante da montanha			Teto B	
20. Nut fazendo nini a Osiris			Teto B	
21. Cena da Deusa-árvore e morto de joelhos diante de Rá-Harakhti como falcão em um relicário com Akru abaixo			Teto B	
22. Morto de joelhos sendo purificado por Harsiesi e Thoth			Teto B	
23. Morto abre os portões do Oeste			Teto B	
24. Barco de Atum e [do morto] diante de Mertseger como uma serpente abaixo			Pirâmide	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1851 Cena nº 29 Oferendas 1

VANDIER, Jacques. *Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXIX. PL V, fig. 2.

Descrição: Filho Nedjemger oferece vaso ao morto e sua esposa.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior	Ao Lado	Sentada		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Menor	Na Frente	De Pé		vaso

Foto: 5322 Cena nº 30 Adorando Deuses 4

VANDIER, Jacques. *Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXIX. PL. VII.

Descrição: Morto e parentes adoram Hathor como vaca na montanha e Anubis.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Deus Anúbis	Deus(a)						
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Deusa Hathor (vaca)	Deus(a)						
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Foto: 5333 Cena nº 31 Adorando Deuses 2

VANDIER, Jacques. *Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXIX. PL. XI.

Descrição: Filho Neferronpet com parentes adoram Ra-Harakhti como falcão.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Deus Rá-Harakhti	Deus(a)						
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Foto: 5338 Cena nº 32 Adorando Deuses 9

VANDIER, Jacques. <i>Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX. PL. X, fig.1.							
Descrição: Filho Neferonpet e esposa adoram os filhos de Hórus em 10.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	lótus
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

Foto: 5342		Cena nº 33		Adorando Deuses		12	
VANDIER, Jacques. <i>Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX. PL. X, fig.2.							
Descrição: Morto com parentes (alguns em (8)) adoram Anubis.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		lótus
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvo	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Criança não identificada	Feminino	Adorando deuses	Mínima		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvo	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

TT 006: Neferhotep & Nebnefer, Capatazes no Lugar da Verdade, Horemhreb - Ramsés II²¹¹

Comentário geral acerca da tumba: Esta tumba com certeza pertence a Nebnefer: quanto à propriedade de seu pai, Neferhotep, é ainda incerta. No entanto, não foi encontrada nenhuma tumba individual para este importante personagem e sugeriu-se que teria compartilhado a tumba com seu filho e sucessor. A tumba mostra representações de ambos, o que parece permitir tal possibilidade. Embora pareça ter sido feita com um grande cuidado e habilidade, pois os desenhos a que temos acesso são bem elaborados, não aparenta estar em muito bom estado e as reproduções obtidas não nos permitem detectar muitos detalhes, já que várias cenas estão destruídas. É no entanto uma das poucas tumbas que apresentam cenas agrícolas e cenas de jogos. Os casais aparecem com uma certa frequência e as mulheres aparentemente executam as mesmas tarefas dos homens; mas quanto a esta tumba, pelo estado das imagens, preferimos não fazer muitas afirmações.

Totais de Personagens: Mulheres: 40/ Homens 44

Tumba Completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>
Quantas cenas na tumba?	22	Quantas cenas significativas* existem?	19
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?		15	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>
São identificáveis estas mulheres?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, esposa do filho, filha, mãe</i>	

²¹¹ As cenas números 37 e 38 não tiveram seus locais identificados, embora com certeza pertençam a esta tumba TT006.

Só assiste a ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
O que fazem? <i>Oferendas, adoração, sacodem o sistro, fazem homenagens</i>				
Nome da esposa é mencionado?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Morto adora Ka			5 e 6	
2. Neferhotep faz oferendas à Sito-serpente "uraeus com pernas"	*		5 e 6	
3. Neferhotep e esposa diante de oferendas	*	Casal Sentado	5 e 6	Cena nº 35
4. Homem e mulher diante de casais incluindo morto e esposa	*	Casal sendo homenageado	5 e 6	Cena nº 36
5. Morto e esposa segurando menat e filha pequena adoram [Osiris] com deusa alada	*	Adoração	7 e 8	Cena nº 34
6. Akru e [...] diante de Osiris			9	
7. Pessoas diante de deusa	*	Adoração e Oferendas	9	Cena nº 43
8. Homem e mulher adorando e quatro homens com bolsas	*	Banquete	9	Cena nº 42
9. Nebnefer e esposa jogando jogo de tabuleiro	*	Jogando Jogos de tabuleiro	10	Cena nº 40
10. Nebnefer e esposa ajoelhados diante de [divindade]	*	Entoando cantos	10	Cena nº 41
11. Cenas de oferenda diante de Nebnefer com esposa e sua mãe	*		10	
12. Morto e esposa segurando sistro adoram Ra-Harakht	*	Adoração	11 e 12	Cena nº 39
13. Pessoas diante de Anukis e Ra-Harakhti como um falcão	*	Oferenda	13 e 14	Cena nº 44
14. Pessoas adorando	*	Adoração	13 e 14	Cena nº 45
15. [Morto e família] diante de Khnum, Anukis, Satis, uraeus, e Horus como falcão	*	Oferenda	15	Cena nº 46
16. Três casais diante de [divindades]	*		15	
17. Deusa Árvore e textos			Teto A	
18. Morto e esposa adoram capela com divindades de joelhos	*		16 e 17	
19. Morto e esposa e texto do livro dos mortos	*		18	
20. Campos de Iaru (5 registros)	*	Adoração, Cenas agrícolas	19	Cenas nºs 47, 48, 49 e 50
21. Morto diante de cinco guardiões com facas	*		20	
22. Esposa diante de cinco guardiões com facas	*		20	

Cenas Trabalhadas

Foto: 0326 Cena nº 34 Adorando Deuses

7 e 8

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 4

Descrição: Neferhotep (I) e sua esposa Iymau adoram Osiris (a mulher está na parede sul) - detalhe, somente o casal.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Balança Sistro	Igual	Ao Lado	De Pé		Sistro...
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		braseiro

Foto: 0331 Cena nº 35 Casal sentado

5 e 6 registro superior

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 5

Descrição: Direita: casal sentado (cena destruída).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir			Sentada		

Foto: 0332 Cena nº 36 Casal sendo homenageado

5 e 6 registro inferior

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 6

Descrição: Neferhotep (I) e sua esposa recebem homenagens de três filhos e duas filhas.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Faz homenagens			De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe homenagens			Sentada		
Filha do Proprietário	Feminino	Faz homenagens					
Filha do Proprietário	Feminino	Faz homenagens					
Filho do Proprietário	Masculino	Faz homenagens			De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Faz homenagens			De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe homenagens			Sentada		

Foto: 0335 Cena nº 37 Casal sendo homenageado

não identificada

WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 7							
Descrição: Pared Leste parte superior. Casal sentado recebe homenagem de quatro homens e quatro mulheres (somente as mulheres foram consevadas) detalhe.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Faz homenagens			De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Recebe homenagens			Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe homenagens			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Faz homenagens			De Pé		

Foto: 0337	Cena nº 38	Casal sendo homenageado						não identificada
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 8								
Descrição: Pared Leste parte inferior. Três casais sentados recebem homenagens de dois (ou três) homens e três mulheres.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			De Pé			
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			De Pé			
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada			
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada			
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada			
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada			
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada			
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada			

Foto: 0341	Cena nº 39	Adorando Deuses						11 e 12
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 10								
Descrição: Nebnefer e sua esposa Iy adoram Rá-Harakhti (a mulher está na parede norte (11) - Nefehotep (II), seu filho é mencionado como "o que faz seu nome viver").								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	braseiro	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	Sistro	

Foto: 0344	Cena nº 40	Jogando Jogos de Tabuleiro						10
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 11								
Descrição: Pared Norte, registro Superior. Cena I: Nebnefer e sua esposa jogam senet.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Proprietário	Masculino	Joga Senet			Sentada			
Esposa do Proprietário	Feminino	Joga Senet			Sentada			

Foto: 0344	Cena nº 41	Entoando Cantos						10
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 11								
Descrição: Pared Norte, registro Superior. Cena II: o mesmo casal de joelhos entoam um canto ao sol nascente.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Proprietário	Masculino	Entoando Cantos			Ajoelhada			
Esposa do Proprietário	Feminino	Entoando Cantos						

Foto: 0349	Cena nº 42	Banquete						9 registro III
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 15								
Descrição: Pared leste, registro inferior - Continuação da parede 10 (parede norte pl. 12) Três casais dirigindo-se à esquerda (observar a variedade de trajés masculinos).								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Mãe da Esposa do Proprietário	Feminino	Participa do Banquete	Igual	Ao Lado	Sentada			
Esposa do Proprietário	Feminino	Participa do Banquete	Igual	Na Frente	Sentada			
Proprietário	Masculino	Participa do Banquete	Igual	Ao Lado	Sentada			
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Mulher não identificada	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Mulher não identificada	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Mulher não identificada	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			

Foto: 0347	Cena nº 43	Adoração de deuses e oferendas						9 registro II
WILD, Henri. <i>La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II</i> . Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 14								
Descrição: Pared leste, registro do meio. Nebnefer e Iy adoram uma (ou duas) divindade(s) feminina(s). Quatro homens, um deles militar, vêm aumentar as oferendas, as quais são parte de um banquete.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses			De Pé			
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé			
Proprietário	Masculino	Adorando deuses			De Pé	Louvor		

Foto: 0351	Cena nº 44	Oferendas à deuses						13 e 14
-------------------	-------------------	---------------------------	--	--	--	--	--	----------------

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 20

Descrição: Oferenda à Anoukis e Harsiésis feita por Neferhotep (I) e sua esposa Iymau e seus filhos.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 0351 Cena nº 45 Adorando Alguém 13 e 14

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 20

Descrição: Oferenda à Anoukis e Harsiésis feita por Neferhotep (I) e sua esposa Iymau e seus filhos.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Adorando Alguém	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando Alguém	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 0357 Cena nº 46 Oferendas à deuses 15

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 22

Descrição: Parede norte - Oferenda à Khnum, Satis, Anoukis e Haoéris feita por Nebnefer e sua esposa Iy que é acompanhada de uma outra mulher, seguidos de sua família.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino				De Pé		
Mulher não identificada	Feminino				De Pé		
Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino				De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino				De Pé		
Mulher não identificada	Feminino				De Pé		
Homem não identificado	Masculino				De Pé		
Homem não identificado	Masculino				De Pé		
Homem não identificado	Masculino				De Pé		
Mulher não identificada	Feminino				De Pé		

Foto: 0363 Cena nº 47 Adorando Deuses 19

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 24

Descrição: Campos Elísios. (esboço).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	Agachada	Louvor	
Deuses	Deus(a)						

Foto: 0367 Cena nº 48 Plantio 19, registro 2 e 3

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 25

Descrição: Campos Elísios (esboço).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Espalha sementes	Igual		De Pé		bolsa

Foto: 0367 Cena nº 49 Colheita 19, registro 2 e 3

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 25

Descrição: Campos Elísios (esboço).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Corta os feixes	Igual		De Pé		foice

Foto: 0367 Cena nº 50 Arrancamento 19, registro 2 e 3

WILD, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) PL 25

Descrição: Campos Elísios (esboço).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Arrancando linho	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Arrancando linho	Igual		De Pé		

TT 210: Ra'weben, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia

Comentário geral acerca da tumba: Ainda que esta tumba esteja incompleta, consta entre seus destroços uma parte de uma estela votiva com uma senhora sendo cuidada por duas servas. Embora a imagem não tenha pertencido às paredes da tumba, onde não haveria espaço para tal representação por conta das regras de decoro, consideramos importante incluí-la em nosso estudo, como fizemos com as demais estelas presentes nos materiais a que tivemos acesso. Esta é a única cena onde estariam presentes somente mulheres. De resto a tumba, incompleta, mostra exclusivamente cenas de adoração aos deuses, nas quais as mulheres, mais uma vez, conquanto pareçam estar realizando tarefas nas representações, aparentam estar sempre em segundo plano.

Totais de Personagens: Mulheres: 11/ Homens 7

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 5	Quantas cenas significativas* existem? 5	Quantas cenas significativas tenho? 4		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 4	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Quem são?			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses, servas cuidam de uma senhora</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Pai com Ipuy (TT217, irmão? Do morto) e família fazem oferendas num braseiro à Ra-Harakhti, Ptah, Hathor, Amenophis I e Ahmés Nefertari	*	Adorando deuses	1	Cena nº 51
2. Morto com a família faz oferendas à Osíris, Harsiesi, Isis, Hathor e Ptah	*	Adorando deuses	1	Cena nº 52
3. Barca de Rá com Ipuy e outros adorando abaixo	*	Adorando deuses	1	Cena nº 53
4. Morto adorando Rá com hinos seguida pelo pai e dois filhos	*		1	
5. Ex-voto. Esposa do falecido sendo assistida por duas meninas em sua toailete.	*	Cuidados com uma senhora	-	Cena 54

Cenas Trabalhadas**Foto: 0418 Cena nº 51 Adorando Deuses****1**BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 17, fig. 12.**Descrição:** Lintel. Esculpido na rocha é dividido em duas cenas simétricas. À esquerda o escultor Piay (pai do proprietário da tumba) seu filho Apui, duas mulheres e duas crianças adoram um grupo de divindades sentadas. À direita o proprietário, seguido de quatro mulheres.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Pai do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Criança não identificada	?	Adorando deuses	Menor		De Pé		
Criança não identificada	?	Adorando deuses	Menor		De Pé		
Deuses	Deus(a)				Sentada		
Irmão do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Foto: 0418 Cena nº 52 Adorando Deuses**1**BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 17, fig. 12.**Descrição:** Lintel. Esculpido na rocha é dividido em duas cenas simétricas. À esquerda o escultor Piay (pai do proprietário da tumba) seu filho Apui, duas mulheres e duas crianças adoram um grupo de divindades sentadas. À direita o proprietário, seguido de quatro mulheres.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)				Sentada		
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Criança não identificada	?	Adorando deuses	Menor	De Pé
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	De Pé
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	De Pé
Criança não identificada	?	Adorando deuses	Menor	De Pé
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	De Pé
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	De Pé

Foto: 0419 Cena nº 53 Adorando Deuses			Lateral esquerda da porta				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 18, fig. 13.							
Descrição: Lateral esquerda da porta. Registro I. Barca de Rá com Ipu e outros adorando.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses					
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses					
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses					
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses					
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses					
Barca de Rá	Deus(a)						
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses					

Foto: 0421 Cena nº 54 Cena Não Identificada							
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 23, fig. 16.							
Descrição: Ex-voto em calcário.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Ajeita penteado de alguém	Menor	Atrás	De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Oferece alguma coisa	Menor	Na Frente	De Pé		

TT 211: Paneb, Servidor no Lugar da Verdade, Seti II – Siptah

Comentário geral acerca da tumba: Nenhum comentário marcante acerca desta tumba, a não ser estar bastante mal conservada, o que muitas vezes não nos permitiu detectar o que as personagens estariam fazendo. Nas cenas estudadas parece haver uma maioria de imagens femininas, mas, com as cenas incompletas, é bastante difícil concluir algo. A cena onde são listadas apenas mulheres (Cena nº 55) está com toda sua parte inicial destruída, a descrição fala em um homem, o proprietário falecido, seguido de suas seis filhas; no entanto, as descrições foram usadas aqui unicamente como guias e também como uma forma de se ter um número total aproximado das cenas em cada uma das tumbas, para, a partir daí, analisar pelo menos numa ordem geral de grandeza a presença das mulheres nas tumbas. Portanto, não seria adequado usar aqui as descrições como parte de nossas contagens, principalmente se levarmos em conta que há muitos erros nas descrições, que só foram usadas por serem as únicas a que tivemos acesso. De qualquer forma, esta parece ser uma das tumbas em que as cenas recortadas do todo nos mostram uma maioria feminina. As mulheres também parecem estar participando da ação; mas, como sempre, em posição secundária, como veremos no próximo tópico.

Totais de Personagens: Mulheres: 10/ Homens 8

Tumba Completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>
Quantas cenas na tumba?	11	Quantas cenas significativas* existem?	5
		Quantas cenas significativas tenho?	5

Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 5	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, mãe, filha</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Barca de Sokari numa base com emblema de Nefertem			1	
2. Morto com o filho e as filhas adoram [Anubis e Hathor do Oeste]	*	Adorando deuses	1	Cena nº 59
3. [Morto] com seis filhas	*	Oferendas funerárias	2	Cena nº 55
4. Emblema de Osiris no centro entre Anubis-chacal com morto e esposa de joelhos à esquerda e avo Kasa (TT010) e sua esposa de joelhos à direita	*	Adorando deuses	3	Cena nº 57
5. [mumia no leito] entre Neftis e Isis e demônios com archotes			3	
6. Morto oferecendo incenso com pais e esposa diante de Osiris	*	Oferencendo Incenso	4	Cena nº 58
7. Deusa-árvore			Teto	
8. Morto adora o [disco do horizonte num pilar-zad suportado por Akru]			Teto	
9. Emblema do Oeste e morto de joelhos entoando hinos e adorando a barca de Rá num pilar-zad personificado e dois babuínos			Teto	
10. Morto, esposa, e filho de joelhos diante de três divindades	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 56
11. Imset, Duamutf e Thoth diante de um "pylon" e de Thoth			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1777 Cena nº 55 Oferendas funerárias

2

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL XVI

Descrição: [Morto] com seis filhas (detalhe).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filha do Proprietário	Feminino	Oferece alguma coisa	Igual		De Pé		
Filha do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		De Pé		

Foto: 1783 Cena nº 56 Adorando Deuses

Teto Metade Interna, cena 7

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL XIX

Descrição: Morto, esposa, e filho de joelhos diante de três divindades (detalhe).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		Agachada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		Ajoelhada		
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		Agachada		

Foto: 1786 Cena nº 57 Adorando Deuses

3

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL XXII

Descrição: Tímpano, emblema de Osiris no centro entre Anubis-chacal com morto e esposa de joelhos à esquerda e avô Kasa (TT010) e sua esposa de joelhos à direita.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Emblema de Osiris	Deus(a)						
Deus Anúbis-chacal	Deus(a)						
Esposa do Avô do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		Ajoelhada	Louvor	
Deus Anúbis-chacal Proprietário	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		Ag achada	Louvor	
Avô do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		Agachada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		Ajoelhada	Louvor	

Foto: 1789 Cena nº 58 Oferencendo Incenso

4

BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL XXIII

Descrição: Morto oferecendo incenso com pais e esposa diante de Osiris.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Mãe do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	Sistro
Pai do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Oferece incenso	Igual		De Pé	Oferenda	Incenso

Foto: 1794 Cena nº 59 Adorando Deuses			1				
BRUYÈRE, Bernard. <i>Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome</i> . Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. PL XXV							
Descrição: Morto com o filho e as filhas adoram [Anubis e Hathor do Oeste].							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filha do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		De Pé		
Filha do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Impossível definir	Igual		De Pé		
Deuses	Deus(a)						
Filha do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		De Pé		

TT 214: Khawi, Supervisor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Nas cenas trabalhadas nesta tumba são sempre casais que se apresentam. Todas as cenas nos mostram as atividades de adoração aos deuses e, embora os pares de homens e mulheres estejam igualados, as mulheres continuam, embora aparentemente ativas, ocupando uma posição secundária em relação aos homens.

Totais de Personagens: Mulheres: 5/ Homens 5

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 16	Quantas cenas significativas* existem? 7	Quantas cenas significativas tenho? 5		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 5	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>			
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Morto de joelhos diante de Amun e diante de Rá-Harakhti			1	
2. Morto e esposa diante de Osiris	*		1	
3. Morto e esposa diante de Osiris e Mertseger com cabeça de serpente	*	Adorando deuses	2	Cena nº 60
4. Morto e esposa diante de Minsiesi e Isis	*	Adorando deuses	2	Cena nº 61
5. Morto adora barca de Rá			2	
6. Morto (com esposa, na lateral da entrada esquerda) adorando com hinos	*	Adorando diante de hinos	2	Cena nº 62
7. Falcão e homem sentado			3	
8. Barca de Rá e morto com esposa de joelhos abaixo entoando hinos à Rá	*		Pirâmide Estela	
9. Um guardião de cada lado da entrada e o emblema do Oeste personificado com archotes entre dois Anubis-chacais acima			4 e 5	
10. Morto ajoelha-se diante deusa-cobra			6	
11. Morto e esposa adoram Harsiesi com falcão com uma cobra	*	Adorando deuses	6	Cena nº 64
12. Morto adora Maat e Thoth como babuínos segurando paleta			7	
13. Morto e esposa adoram Hathor-vaca num pilone	*	Adorando deuses	7	Cena nº 63
14. Filho Huy, lamenta múmia cuidada por Anúbis num leito			8	
15. Quatro demônios agachados			Teto	
16. Thoth, Hekzet, Geb, todos agachados, e Portão do Oeste			Teto	

Cenas Trabalhadas							
Foto: 0425		Cena nº 60		Adorando Deuses		2 lintel externo	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 43, fig. 30							
Descrição: Lintel externo, cena dupla, morto e esposa diante de Osiris e Mertseger com cabeça de serpente, e diante de Minsiesi e Isis.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Deusa Mertseger	Deus(a)						
Deus Osiris	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Foto: 0425		Cena nº 61		Adorando Deuses		2 lintel externo	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 43, fig. 30							
Descrição: Lintel externo, cena dupla, morto e esposa diante de Osiris e Mertseger com cabeça de serpente, e diante de Minsiesi e Isis.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Isis	Deus(a)						
Deus Minsiesi	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Foto: 0426		Cena nº 62		Adorando diante de hinos		2, lateral da porta II registro	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 44, fig. 31							
Descrição: Morto com esposa adorando diante de hinos.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino		Igual		De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino		Igual		De Pé	Louvor	
Foto: 1242		Cena nº 63		Adorando Deuses		7, cena II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. PL II							
Descrição: II. Morto e esposa adoram Hathor-vaca num pilone.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		
Deusa Hathor (vaca)	Deus(a)						
Foto: 1243		Cena nº 64		Adorando Deuses		6, cena II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927</i> , tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. PL II							
Descrição: II. Morto e esposa adoram Harsiesi como falcão e uma cobra.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

TT 215: Amenemopet, Escriba real no Lugar da Verdade, Ramsés II - Seti II

Comentário geral acerca da tumba: A cena nº69 seria um ótimo exemplo de uma mulher no ato de tocar e cantar músicas; infelizmente, ela só nos oferece um vago vislumbre, pois está quase que completamente destruída. A esposa de Amenemopet é uma dentre duas das esposas que aparecem com uma função neste grupo de tumbas. Isto não quer dizer que não houvesse outras neste grupo, mas somente em dois casos podemos especificá-las com certeza. Há nesta tumba um grande desequilíbrio entre homens e mulheres; isto é devido a duas cenas de procissão funerária, nas quais a maior parte das personagens são homens, ou executando ritos e lendo textos, ou a maioria carregando alguma coisa. Nestes exemplos, carregam a estátua de Anúbis. As mulheres nestas cenas de procissão

não parecem fazer nada além de acompanhar o cortejo, mas aquelas que aparecem nas demais cenas executam algumas atividades, embora continuem claramente numa posição secundária. Esta tumba também apresenta cenas agrícolas.

Totais de Personagens: Mulheres: 12/ Homens 34

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 13	Quantas cenas significativas* existem? 12	Quantas cenas significativas tenho? 10		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 10	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, filha</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Canta, balança sistro, adora deuses, recolhe espigas</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> cantora			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. [Filho] com lista de oferendas diante [do morto e esposa (?)].	*		1	
2. Procissão funerária com estatueta de Anubis-chacal levada do templo entre dois sicômoros	*	Procissão funerária	2	Cena nº 67
3. Procissão funerária em homenagem à [Anubis-chacal] num santuário	*	Procissão funerária	2	Cena nº 68
4. Morto sentado com [esposa] e cachorro debaixo da cadeira numa cena com a deusa-árvore e restos de esposa tocando música e cantando diante do morto debaixo de uma palmeira	*	Entoando cantos, Casals	2	Cena nº 69, 70
5. Campos de Iaru, com Harsheri, Escriba real do Senhor das duas terras no Lugar da Verdade, e esposa colhendo	*	Colheita	Teto	Cena nº 66
6. Fragmentos de cena com tamareira			Teto	
7. Morto adora [guardião]	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 65
8. Esposa adora guardião com faca	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 65
9. Restos de peixes e tartarugas em uma piscina			Teto	
10. Morto e esposa adoram Amon-Rá	*	Adorando deuses	3	Cena nº 71
11. Morto e esposa adoram Rá-Harakhti com sacerdote-Inmutf	*	Adorando deuses	3	Cena nº 72
12. Texto com morto sentado	*	Casal e filhos	3	Cena nº 73
13. [morto], esposa e crianças	*	Casal e filhos	3	Cena nº 73

Cenas Trabalhadas

Foto: 0391	Cena nº 65	Adorando Deuses	Teto, metade direita				
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XX.							
Descrição: Metade direita, dois registros, Livro das Portas, I. morto adora [guardião], II. Esposa adora guardião com faca, e restos de peixes e tartarugas em uma piscina do outro lado.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 395	Cena nº 66	Colheita	Teto, metade esquerda, II registro				
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXII.							
Descrição: Proprietário e esposa colhendo em II.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recolhe espigas	Igual	Atrás	De Pé		bolsa
Proprietário	Masculino	Corta os feixes	Igual	Na Frente	De Pé		foice

Foto: 0401	Cena nº 67	Procissão Funerária	2, registros I e II				
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXIV.							
Descrição: I. Procissão funerária com estatueta de Anubis-chacal levada do templo entre dois sicômoros. II. Procissão funerária em homenagem à [Anubis-chacal] num santuário (shrine).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Libação	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Lê um papiro	Igual		De Pé		

Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Igual	De Pé
Homem não identificada	Masculino	Segura Andor	Igual	De Pé
Homem não identificado	Masculino	Lê um papiro	Maior	De Pé
Homem não identificado	Masculino	Entoando Cantos	Maior	De Pé
Homem não identificado	Masculino	Segura estátua de Anúbis	Igual	De Pé
Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Menor	De Pé
Homem não identificado	Masculino	Segura Andor	Igual	De Pé
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Igual	De Pé

Foto: 0401 Cena nº 68 Procissão Funerária				2, registros I e II			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXIV.							
Descrição: I. Procissão funerária com estatueta de Anubis-chagal levada do templo entre dois sicômeros. II. Procissão funerária em homenagem à [Anubis-chagal] num santuário (shrine).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Anúbis-chagal	Deus(a)						
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Maior		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Segura Andor	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Igual		De Pé		

Foto: 0402 Cena nº 69 Entoando Cantos				2, registro III, detalhe			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXIV.							
Descrição: Restos de cena da esposa tocando musica e cantando diante do morto debaixo de uma palmeira.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Entoando Cantos					

Foto: 0403 Cena nº 70 Casal				2, registro III, detalhe			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXIV.							
Descrição: I. Morto sentado com [esposa] e cachorro debaixo da cadeira numa cena com a deusa-árvore.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir			Sentada		

Foto: 0406 Cena nº 71 Adorando Deuses				3, lintel exterior			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXVII.							
Descrição: Lintel exterior, cena dupla, morto e esposa adoram Amon-Rá, e adoram (também) Rá-Harakhti com sacerdote-Inmutf mais além na extremidade esquerda.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Balança Sistro	Igual	Ao Lado	De Pé		Sistro
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Deus Amon-Rá	Deus(a)						

Foto: 0406 Cena nº 72 Adorando Deuses				3, lintel exterior			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXVII.							
Descrição: Lintel exterior, cena dupla, morto e esposa adoram Amon-Rá, e adoram (também) Rá-Harakhti com sacerdote-Inmutf mais além na extremidade esquerda.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Rá-Harakhti	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Balança Sistro	Igual	Ao Lado	De Pé		Sistro

Foto: 0408 Cena nº 73 Casal e filhos				3, Lateral esquerda externa			
JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73), PL XXVIII.							
Descrição: Texto com morto sentado na parte inferior e parede oeste, [morto], esposa e crianças.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Impossível definir	Menor		De Pé		Pássaro e Lótus ?
Proprietário	Masculino	Impossível definir	Igual		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		De Pé	Louvor	
Filha do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Menor		De Pé	Louvor	Pássaro

TT 216: Neferhotep, Capataz, Ramsés II - Seti II

Comentário geral acerca da tumba: Esta tumba só nos oferece duas pequenas cenas de adoração cuja localização não é possível identificar. Não há

dúvida, no entanto, de que as cenas pertençam a esta tumba. O proprietário aparece duas vezes, uma com seu irmão e a outra com sua esposa, que está presente apenas esta vez. Os gestos são os mesmos, o que nos mostra estarem todos executando a mesma ação. Mas a mulher está claramente numa posição secundária, tanto quanto o irmão do proprietário.

Totais de Personagens: Mulheres: 1/ Homens 3

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 38	Quantas cenas significativas* existem? 12	Quantas cenas significativas tenho? 2		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 1	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adora deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Falcão do oeste adorado por Ísis e Neftis e babuínos			2	
2. Morto			5	
3. Templo na alameda de Anukis com gazela na Ilha de Elefantine			7 e 8	
4. Piscina com lírios, e Ramsés II com portadores de abanos			7 e 8	
5. Morto diante da barca de Amon-Rá			7 e 8	
6. Pessoas de joelhos, tríade tebana e três homens diante de Osiris e Hathor			7 e 8	
7. Procissão de Hathor, incluindo portadores de abanos, estátuas reais com cativos na base, morto com oferendas e barca de Hathor sendo puxada			7 e 8	
8. Morto e esposa com meninas fazendo oferendas a eles e banquete	*		9	
9. Morto e família caçando pássaros	*		9	
10. Dois sacerdotes carregando a cabeça de Anukis, e Satis com Khnum			10	
11. Banquete	*		10	
12. Morto diante de [Rá-Harakhti e deusa]			11	
13. Mulher de joelhos	*		12	
14. Oferendas e quiosque			12	
15. [Homem] diante de Ramsés II em quiosque			13	
16. [morto e esposa] adorando Rá-Harakhti com deusa alada	*		13	
17. Duas estátuas do irmão Pashedu segurando standartes (com esposa em (15))	*		14 e 15	
18. Restos de textos, com morto e esposa sentados na parte inferior	*		16	
19. Peregrinação a Abidos (?) com barcos sendo puxados			16	
20. Barco num lago e pássaros			16	
21. [morto bebendo debaixo de uma palmeira], e restos de vaca			16	
22. Morto, esposa e oferendas	*		16	
23. Morto seguido pelo pai, avô Kenhirkhopshef, Escriba real no Lugar da Verdade, e outro homem carregando barco, e homens com estandartes, etc, diante de Osiris e Anubis			17	
24. [Cena de oferenda] ao morto e esposa	*		17	
25. Morto faz oferendas num braseiro à Hathor-vaca na montanha protegendo Amenofis I, e Osiris e Hathor num quiosque com Sokari no topo, com cinco deusas mais adiante e buquê abaixo deles			18	
26. Homem fazendo oferendas à Osiris, etc, e lista de oferendas			18	

27. Procissão funerária à pirâmide-tumba com sacerdotes, lamentadores e homens e bois puxando sarcófago com estátua do morto	*		18	
28. Homens carregando vestimenta funerária numa canga			18	
29. Estátua dupla, morto sentado (com garoto Hesynebef dando uvas a um macaco no relevo da lateral da cadeira, e esposa de pé)			19	
30. Estátua dupla, morto e esposa de pé	*		20	
31. Nicho. Lateral da entrada, um deus agachado, parede esquerda, Harsiesi e Hathor sentados, parede direita, Anubis e Hathor sentados, parece de trás, Isis e Neftis fazendo nini ao escaravelho no pilar-zad, teto, Nut alada. Esquerda do nicho, Osiris. Direita do nicho, Min com seus emblemas			21	
32. Neftis de joelhos entre dois Anubis-chacais			Teto	
33. Morto e esposa adoram disco numa barca	*		Teto	
34. Babuíños adoram barca com gansos-smn e falcão do oeste acima deles			Teto	
35. Quatro demônios agachados e gato sob árvore-isd matando serpente			Teto	
36. Portas e guardiões com facas			Teto	
37. Deusas do Oeste e do Leste fazendo nini diante de pilar-zad personificado com escaravelho e disco do horizonte			Teto	
38. Nut alada como deusa-árvore num pilar-zad faz libações bebidas por duas figuras do morto			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 0001 Cena nº 74 Adorando Deuses parede não identificada

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924*, tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925. Pág. 49, fig. 2.

Descrição: Lintel em calcário: Direita - Neferhotep e seu irmão Pasched adoram a Mertseger; Esquerda - Neferhotep e sua esposa adoram Rannout.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Rannout	Deus(a)			Na Frente			
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Na Frente	Ajoelhada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando um deus	Igual	Atrás	Ajoelhada	Louvor	

Foto: 0001 Cena nº 75 Adorando Deuses parede não identificada

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924*, tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925. Pág. 49, fig. 2.

Descrição: Lintel em calcário: Direita - Neferhotep e seu irmão Pasched adoram a Mertseger; Esquerda - Neferhotep e sua esposa adoram Rannout.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Irmão do Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Atrás	Ajoelhada	Louvor	
Deusa Mertseger	Deus(a)			Na Fr ente			
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Na Frente	Ajoelhada	Louvor	

TT 217: Ipy (Amenemope), Escultor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: O conjunto trabalhado de cenas desta tumba é um dos mais completos em termos da variedade de atividades. Além das usuais cenas de adoração, oferenda e rituais funerários, esta é, por exemplo, a única das tumbas que nos traz cenas de mercado, com as mulheres claramente efetuando trocas de produtos. Também é das poucas tumbas a apresentar cenas agrícolas, sendo que algumas conseguimos em reproduções coloridas, o que nos dá mais claramente uma idéia dos detalhes de cada uma delas. Embora haja maioria masculina nas cenas analisadas, as mulheres parecem executar algumas ações, da mesma forma que os homens. A postura é diferente, elas parecem mais estáticas,

mas ainda assim os gestos são os mesmos. De qualquer forma, as mulheres nesta tumba, como em todas as outras, se apresentam em posição secundária.

Totais de Personagens: Mulheres: 52/ Homens 60

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>		
Quantas cenas na tumba? 26	Quantas cenas significativas* existem? 24	Quantas cenas significativas tenho? 14		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 14		Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>	
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Quem são? <i>Esposa do proprietário, filha</i>		
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
O que fazem? <i>Oferendas, adoram deuses, lamentam, arranca linho, espalha sementes, vende no mercado, etc</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Morto e esposa adoram Rá (?)	*		1	
2. Esboço do [morto]			1	
3. Morto com oficiais recompensado e aclamado diante de Ramsés II numa janela do palácio com cativos nas laterais			2	
4. Duas fileiras, procissão funerária (com múmia num quiosque, equipamento funerário sustentado e carregado, e um grupo de lamentadoras) à tumba-pirâmide com pórtico na montanha.	*	Procissão funerária	2	Cena nº 80
5. Casa e jardim, incluindo quatro homens (dois com cachorros) fazendo a rega com shadufs e tendas com servos pesando carne	*		2	
6. Barca divina sendo adorada por homens e mulheres	*	Adorando a barca divina	2	Cena nº 81
7. Duas fileiras de cenas de lavanderia	*		2	
8. Homem diante parentes sentados	*	Grupo de parentes	3	Cena nº 79
9. Filho e filha oferecem buquet de Amon ao morto com um filhote de gato no colo e esposa com gato (de frente) debaixo de sua cadeira	*	Oferendas	3	Cena nº 78
10. Morto com esposa e filha pequena segurando pássaro (ambos na parede contigua em (3)), fazem oferendas num braseiro à Osiris e Hathor	*	Oferendas à deuses	4	Cena nº 77
11. Homem diante de parentes sentados	*		5	
12. Arrancando linho, colheita e plantio	*	Cenas agrícolas	5	Cena nº 82, 83 e 84
13. Arando e peneirando na eira, com restos de oferendas a Termuthis	*		5	
14. Cabras/bodes comendo folhas nas árvores com pastores (um com uma flauta) e cachorro	*		5	
15. Barcos carregados com cenas de mercado, armazéns com oferendas a Termuthis, garotos assustando pássaros	*	Cenas de Mercado, barco sendo carregado	5	Cena nº 86, 87 e 88
16. Prensa de vinho	*		5	
17. Consertando rede de pesca	*		5	
18. Preparando aves e peixes	*		5	
19. Pisoteando e colhendo uvas	*		5	
20. Morto e família caçando aves	*	Caça de patos no pântano	5	Cena nº 85
21. Pescando com rede em canoas e pegando pássaros com a rede	*		5	
22. [Homem] diante de parentes sentados, com pássaro e gato sob a cadeira	*	Grupo de parentes	6	Cena nº 89
23. Fazendo o equipamento funerário, incluindo homem cortando árvore e (sacerdote)-leitor com instrumentos de Abertura da boca	*		6	
24. Carpinteiros fazendo a nave real e catafalco (carro fúnebre)	*		6	
25. Morto com esposa (na parede contigua em (6)) faz libações diante de [Anubis e Ptah-Sokari]	*	Libação	7	Cena nº 76
26. Estátuas do [morto e esposa]	*		8 e 9	

Cenas Trabalhadas**Foto: 0627** **Cena nº 76** **Libação** **7 (e 6)**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXIII.**Descrição:** Morto com esposa (na parede contigua em (6)) faz libações diante de [Anubis e Ptah-Sokari].

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Anúbis	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Libação	Igual	Ao Lado	De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		
Deus Ptah-Sokari	Deus(a)						

Foto: 0629 **Cena nº 77** **Oferendas à deuses** **4 (e 3)**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXIV.**Descrição:** Morto com esposa e filha pequena segurando pássaro (ambos na parede contigua em (3)), fazem oferendas num braseiro à Osiris e Hathor.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		Braseiro
Deusa Hathor	Deus(a)						
Deus Osiris	Deus(a)						
Filha do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Mínima		De Pé		pássaro
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Foto: 0632 **Cena nº 78** **Oferendas** **3 registro II**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXV.**Descrição:** Filho e filha oferecem buquet de Amon ao morto com um filhote de gato no colo e esposa com gato (de frente) debaixo de sua cadeira.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		buquet
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		buquet
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		

Foto: 0634 **Cena nº 79** **Grupo de parentes** **3, registro I**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXVI, fig. C.**Descrição:** Homem diante parentes sentados.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir			Sentada		

Foto: 0639 **Cena nº 80** **Procissão Funerária** **2, registro II**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXVIII.**Descrição:** Duas fileiras, procissão funerária (com múmia num quiosque, equipamento funerário, e um grupo de lamentadoras) à tumba-pirâmide com pórtico na montanha.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta			De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Levando a barca funerária	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Igual		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Carregando material funerário	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Carregando material funerário	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Cuida da múmia	Igual				

Foto: 0640 **Cena nº 81** **Adorando a Barca Divina** **2, registro IV**DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXVIII.**Descrição:** Barca divina sendo adorada por homens e mulheres.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Adorando a Barca Divina	Igual		De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando a Barca Divina	Igual		De Pé	Oferenda	lótus
Mulher não identificada	Feminino	Adorando a Barca Divina	Igual		De Pé	Oferenda	lótus
Homem não identificado	Masculino	Adorando a Barca Divina	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 0647 **Cena nº 82** **Arrancando Linho** **5, registro II**

DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas Agrícolas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Arrancando linho	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Arrancando linho	Igual		De Pé		

Foto: 0647 Cena nº 83 Plantio				5, registro II			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas Agrícolas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Passa o arado	Maior		De Pé		Arado, chicote.
Mulher não identificada	Feminino	Espalha sementes	Maior		De Pé		Bolsa
Homem não identificado	Masculino	Prepara o terreno	Menor		De Pé		enxada

Foto: 0647 Cena nº 84 Colheita				5, registro II			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas Agrícolas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Supervisiona os Trabalhos	Maior		De Pé		Bastão
Homem não identificado	Masculino	Corta os feixes	Menor		De Pé		

Foto: 0650 Cena nº 85 Caça de patos nos pântanos				5, registro IV			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Morto e Família caçando aves.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário?	Feminino	Ajuda na caça	Menor		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Ajuda na caça	Menor		De Pé		
Proprietário?	Masculino	Caça patos	Maior		De Pé		

Foto: 0654 Cena nº 86 Cenas de Mercado				5, registro III			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas de Mercado (parte I).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Vende?	Maior		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Traz Mercadorias?	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Vende?	Maior		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Traz Mercadorias?	Menor		De Pé		

Foto: 0654 Cena nº 87 Barco sendo Carregado				5, registro III			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas de Mercado (parte I).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Ajuda a carregar feixes	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Trazem coisas em Burricos	Igual		De Pé		Burrico e Bolsas
Mulher não identificada	Feminino	Ajuda a carregar feixes	Igual		De Pé		

Foto: 0655 Cena nº 88 Cenas de Mercado				5, registro III			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXX.							
Descrição: Cenas de Mercado (parte II).							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Vende	Maior		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Traz Mercadorias	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Compra	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Vende	Maior		Sentada		

Foto: 0671 Cena nº 89 Grupo de parentes				6, registro I			
DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes</i> , New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V), PL XXXVI.							
Descrição: [Homem] diante de parentes sentados, com pássaro e gato sob a cadeira.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Maior		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Maior		Sentada		

TT 218: Amennakht, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: As paredes desta tumba não estão em boas condições e as fotografias reproduzidas também não eram muito nítidas; acreditamos, portanto, ter perdido alguns dos detalhes. De qualquer forma, as ações são discerníveis, o que nos permitiu identificar as atividades de todas as personagens listadas. A maioria absoluta das cenas representam adoração, oferendas e ritos funerários (procissão funerária). A única cena diferente, um homem bebendo de um lago, não apresenta mulheres, já que a imagem feminina parece fazer parte de outra cena. Embora as mulheres sejam, neste grupo de cenas, a maioria, elas são claramente personagens secundárias.

Totais de Personagens: Mulheres: 10/ Homens 8

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 32	Quantas cenas significativas* existem? 16	Quantas cenas significativas tenho? 6		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 6	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>			
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, filha</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses, lamentam</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Homem faz oferendas ao morto e sua esposa sentados	*	Oferendas	1	Cena nº 93
2. Morto e esposa adoram Ptah e duas deusas	*	Adorando deuses	1	Cena nº 92
3. Procissão funerária e sacerdotes diante de múmias na tumba-pirâmide, incluindo uma vaca e um bezerro mutilado, familiares femininas como sacerdotisas, lamentadoras, e grupo de Servos no Lugar da Verdade.	*	Procissão Funerária	1	Cena nº 94
4. oferendas diante de morto e esposa com uma mulher atrás deles	*		2	
5. Cena da deusa-árvore com dois bas voando e dois bas no canal			2	
6. Cena de pesagem	*		2	
7. Morto guiado por Anubis à Osiris e [divindades]			2	
8. Ptah mumiforme			3	
9. Mulher com flauta dupla à esquerda	*		3	
10. Sennedjem (TT001) e mulher com flauta dupla à direita	*		3	
11. Restos da barca de Rá adorada pelo morto de joelhos um de cada lado, umbral, textos de oferendas, lintel interior, dois Anubis-chacais			4	
12. Barca de Rá com Hathor e babuínos adorando			5	
13. Parentes puxando sarcófago, seguidos por sacerdote	*		5	
14. Morto com hino para Rá			6	
15. Mehitwert-vaca na piscina e falcão			7	
16. Morto curvado debaixo de uma palmeira-dôm bebe de uma piscina, e esposa adorando (pertencendo à (9))	*	Adorando diante de hinos	7	Cena nº 90
17. Esposa curvada debaixo de uma tamareira bebe de uma piscina, e filha adorando (pertencendo à (8))	*		7	
18. Ptah, Thoth, Selkis, Neith, Nut, Neftis e Isis			8	
19. Morto e esposa de joelhos com duas crianças e hinos à Rá	*	Adorando diante de hinos	8	Cena nº 95
20. Thoth, Nehebkau, Geb, Horus, Nu, Shu e Khepri			9	
21. Morto de joelhos com família e hinos à Rá	*	Bebendo de um lago	9	Cena nº 91
22. Osiris sentado com uzat personificado atrás dele segurando archotes em frente da montanha com falcão do Oeste e braços de Nut segurando disco, e Tika com archotes à direita			10	
23. Morto e filho Kh'aemteri (TT220) de joelhos seguidos pelo filho Nebenmaat (TT219), todos adorando com hinos à Rá	*		10	

24. Morto e esposa numa canoa e barca de Rá	*		Teto A	
25. Barca com falcão, e barca com ba entre dois pássaros-Benu			Teto A	
26. Morto, esposa e filha adorando	*		11	
27. Falcão do Oeste num pilone			12	
28. Anubis cuidando de múmia num leito entre Isis e Neftis com falcões			13	
29. Campos de Iaru	*		14	
30. Deuses de Zazat (conclave) com quatro textos.			15	
31. Metade interior, morto de joelhos com hino à lua			Teto	
32. Cinco deuses-estrela acima, e longo texto atrás dele			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 5136 Cena nº 90 Adorando diante de hinos 7 abaixo e 9 registro II

VANDIER, Jacques. *Egypt. Paintings from tombs and Temples*. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. PL. V.

Descrição: 7) Morto curvado debaixo de uma palmeira bebe de uma piscina, e esposa adorando pertencendo à 9) II Morto de joelhos com família e hinos à Rá.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Bebe de piscina	Maior		Agachada		
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando Alguém	Menor		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual		De Pé		
Filha ou Filho do Proprietário	?	Adorando Alguém	Mínima		De Pé		
Proprietário							

Foto: 5136 Cena nº 91 Bebendo de um lago 7 abaixo e 9 registro II

VANDIER, Jacques. *Egypt. Paintings from tombs and Temples*. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. PL. V.

Descrição: 7) Morto curvado debaixo de uma palmeira bebe de uma piscina, e esposa adorando pertencendo à 9) II Morto de joelhos com família e hinos à Rá.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual		De Pé		

Foto: 0431 Cena nº 92 Adorando Deuses 1, registro I parte b

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pag. 62, fig. 45.

Descrição: morto e esposa adoram Ptah e duas deusas.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé		
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		

Foto: 0432 Cena nº 93 Oferendas 1, registro I parte A

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pag. 65, fig. 46.

Descrição: Homem faz oferendas ao morto e sua esposa sentados.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas			De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas			Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas			Sentada		

Foto: 0433 Cena nº 94 Procissão Funerária 1, registro III

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pag. 67, fig. 47.

Descrição: Parte de Procissão Funerária: familiares femininas como sacerdotisas, lamentadoras, e grupo de Servos no Lugar da Verdade.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Grupo de servos	?	Segue Procissão	Menor		De Pé		
Lamentadoras	Feminino	Lamenta					
Sacerdote	Masculino	Executando Ritos	Maior		De Pé		
Sacerdote Leitor	Masculino	Executando Ritos	Maior		De Pé		

Foto: 1210 Cena nº 95 Adorando diante de hinos 8, registro II

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pag. 81, fig. 55.

Descrição: Morto e esposa de joelhos com duas crianças e hino à Rá.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual		Agachada	Louvor	
Filha/ Filho do Proprietário	?	Adorando Alguém	Mínima		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual		Agachada	Louvor	

TT 219: Nebenma'et, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Com exceção da cena do casal entretido numa partida provavelmente de senet (jogo), as demais concentram-se nos temas habituais (para este período) de cunho ritualístico, adoração dos deuses, prestação de homenagens ou adoração do morto, oferendas aos deuses e aos mortos, e na maioria das vezes alguma cena representando os rituais propriamente funerários, no caso aqui presentes através de uma representação de procissão funerária. Temos aqui outro exemplo de uma mulher adorando um deus sozinha (cena nº110), mas tal ação é seguida por uma contrapartida masculina, não listada aqui. Na cena de procissão, há um grupo bastante grande de lamentadoras, mas nem por isso as mulheres são mais numerosas nesta tumba. Em algumas das cenas as mulheres parecem estar em plena ação, mas ainda assim elas são figuras secundárias.

Totais de Personagens: Mulheres: 43/ Homens 59

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 28	Quantas cenas significativas* existem? 16	Quantas cenas significativas tenho? 14		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 14		Estão Só <input checked="" type="checkbox"/>	e Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>	
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
O que fazem? <i>Faz oferendas, lamenta, toca flauta, joga Senet, adora deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>		
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Anubis-chacal curvando-se diante do emblema de Sekhem			1	
2. Morto adorando			1	
3. Seis servidores no Lugar da Verdade com bastões (pertencendo à procissão em (3))			2	
4. Restos de parentes	*		3	
5. Procissão funerária à tumba-pirâmide	*	Procissão funerária	3	Cena nº 102
6. Restos de cena de deusa-árvore			4	
7. Nekhtamun (TT335) com seu filho (em (5)) faz oferendas à Nebre' (irmão do morto) e esposa	*	Oferendas	4	Cena nº 97
8. Pesagem com Thoth como um babuíno num pilone, e morto guiado por Anubis até [Amenófis I] num palanquim			5	
9. Atendentes diante de casais (incluindo Bukentef e Iy), e morto com esposa faz oferendas à divindades	*	Banquete	5	Cena nº 96
10. Morto e família	*	Oferendas	5	Cena nº 99
11. Oferendas à pessoas sentadas	*	Oferendas	6	Cena nº 98
12. Oferendas à pessoas não identificadas	*	Casal diante de oferendas	6	Cena nº 101
13. Anubis-chacal e vaso com archotes			7	
14. Filho como sacerdote oferecem incenso e faz libações ao morto e esposa	*	Oferendo incenso e libações	7	Cena nº 100
15. Isis alada			8	
16. Morto e esposa tocando flauta oferecem buque num incensário à Osiris, Amenófis I, Hathor (?) e 'Ahmés Nefertari em frente da montanha	*	Oferendas à deuses	8	Cena nº 106
17. Morto (seguido por filha) e esposa jogando jogos de tabuleiro e cena com deusa-árvore com bas e babuínos adorando	*	Jogando jogos de tabuleiro	8	Cena nº 107
18. Morto e esposa com filho Wepwautmosi e esposa fazendo oferendas a eles	*	Oferendas	9	Cena nº 105

19. Dois registros de banquetes	*	Banquete	9	Cena nº 104
20. Neftis alada			10	
21. Anubis com instrumento de Abertura da Boca cuidando de múmia num leito			10	
22. Morto oferece buque à Satis e Neith	*		11	
23. Filho Wepwautmosi e esposa oferecem buque à Rá e Sekhmet	*	Oferendas à deuses	11	Cena nº 109
24. Sacerdote faz oferendas num braseiro à Ptah e Maat			11	
25. Morto guiado por Anubis até Osiris e deusa do Oeste			11	
26. Procissão funerária (incluindo cadeira com buque e oferendas) a múmia na pirâmide-tumba na montanha com braços de Nut segurando disco	*	Procissão funerária	11	Cena nº 108
27. Morto adorando Thoth, esposa adorando Hepy, e Anubis diante de Kebhsenuf	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 110
28. Morto adorando Rá, sombra do morto em frente da tumba, e Rá-Harakhti com falcão diante de Ptah e Thoth como um babuíno			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 4337 Cena nº 96 Banquete

5(b) registro II

MAYSTRE, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

Descrição: Atendentes diante de casais (incluindo Bukentef e Iy), e morto com esposa faz oferendas à divindades.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Nenhuma	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Atendente	Masculino	Servindo?	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Nenhuma	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Servindo?	Menor		De P é		
Homem não identificado	Masculino	Servindo?	Menor		De Pé		

Foto: 4339 Cena nº 97 Oferendas

4 registro II

MAYSTRE, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

Descrição: Nekhtamun (TT335) com seu filho (em 5)) faz oferendas à Nebre' (irmão do morto) e esposa.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Nekhtamun (TT335)	Masculino	Fazendo oferendas	Menor	Na Frente	De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Menor	Na Frente	De Pé		
Irmão do Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Esposa do Irmão do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		

Foto: 4341 Cena nº 98 Oferendas

6 direita do nicho

MAYSTRE, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

Descrição: Três registros, cenas de oferendas à pessoas sentadas.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas	Igual		Sentada		

Foto: 4343 Cena nº 99 Oferendas

5(a) II registro

MAYSTRE, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

Descrição: Morto com esposa faz oferendas à divindades.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deuses	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 5787 Cena nº 100 Oferecendo incenso e libações

7

BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. *Tombe et Mastabas de l'Ancienne Égypte*. Paris: Jacques Livet Ed., s/d. <http://www.osirisnet.net/tombes/artisans/neben/photo/neben6.jpg>

Descrição: Filho como sacerdote oferece incenso e faz libações ao morto e esposa.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe Libação	Maior		Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Incenso e libação	Menor		De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe Libação	Maior		Sentada		

Foto: 4347	Cena nº 101	Casal diante de oferendas	6 (nicho) lado esquerdo				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							
Descrição: Três registros, cenas de oferendas à pessoas sentadas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Maior		De Pé		
Proprietário	Masculino	Impossível definir	Maior		De Pé		
Pessoa não identificada	?	Impossível definir	Menor		De Pé		

Foto: 4348	Cena nº 102	Procissão Funerária	3 registros II e III				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							
Descrição: Procissão funerária à tumba-pirâmide.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Maior		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Puxam a Barca	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Carregando material funerário	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos					

Foto: 4354	Cena nº 104	Banquete	9 (b) registros I e II				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							
Descrição: Banquete.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Sendo Servido	Menor		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Sendo Servido	Menor		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Sendo Servido	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		

Foto: 4359	Cena nº 105	Oferendas	9 (a)				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							
Descrição: Morto e esposa recebendo oferendas de seu filho Wepwautmosi e esposa.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		

Foto: 4363	Cena nº 106	Oferendas à deuses	8				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							
Descrição: Morto e esposa tocando flauta oferecem buque num incensário à Osíris, Amenófis I, Hathor (?) e 'Ahmés Nefertari em frente da montanha, e abaixo morto com filha e esposa jogando senet e cena com deusa-árvore com bas e babuíno adorando.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Oferece buque	Maior		De Pé		Incensário, buque
Deuses	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Toca flauta	Maior		De Pé		Flauta

Foto: 4363	Cena nº 107	Jogando Jogos de Tabuleiro	8				
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.							

Descrição: Morto e esposa tocando flauta oferecem buque num incensário à Osíris, Amenófis I, Hathor (?) e 'Ahmés Nefertari em frente da montanha, e abaixo morto com filha e esposa jogando senet e cena com deusa-árvore com bas e babuíno adorando.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filha do Proprietário	Feminino	Assiste jogo	Menor		De Pé		
Proprietário	Masculino	Joga Senet	Igual		Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Joga Senet	Igual		Sentada		

Foto: 4365			Cena nº 108			Procissão Funerária		11, registro II	
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXXI.									
Descrição: (montagem das fotos 4365-66-68-70)Procissão funerária (incluindo cadeira com buque e oferendas) a múmia na pirâmide-tumba na montanha com braços de Nut segurando disco.									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Homem não identificado	Masculino	Puxam a Barca	Igual		De Pé				
Mulher não identificada	Feminino	Guia as lamentadoras	Menor		De Pé				
Múmia deitada									
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Menor		De Pé				
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Igual		De Pé				
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Menor		Ajoelhada				
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Menor		De Pé				
Homem não identificado	Masculino	Puxam a Barca	Igual		De Pé				
Homem não identificado	Masculino	Carregando material funerário	Menor		De Pé				
Criança não identificada	?	Impossível definir	Mínima		De Pé				
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Menor		De Pé				
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Maior		De Pé				
Criança não identificada	?	Lamenta	Mínima		De Pé				
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Menor		Ajoelhada				

Foto: 4366			Cena nº 109			Oferendas à deuses		11(b) registro I, cena 2		
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXXI.										
Descrição: Filho Wepwautmosi e esposa oferecem buque à Rá e Sekhmet.										
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto			
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé					
Deuses										
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé					

Foto: 4373			Cena nº 110			Adorando Deuses		Teto, metade externa		
MAYSTRE, Charles. <i>Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)</i> . Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouguet. Tome LXXI.										
Descrição: Esposa adorando Hepy.										
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto			
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses			De Pé	Louvor				
Deus Hepy	Deus(a)									

TT 250: Ra'mose, Escriba no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Esta é uma das poucas tumbas onde o número de mulheres ultrapassa o número de homens. Isto, é claro, não levando em consideração o resto das imagens da tumba, se a tivéssemos completa. A descrição geral da tumba cita apenas mais uma parede, à qual não tivemos acesso, mas imaginamos que existiriam mais figuras masculinas nas partes destruídas. De qualquer forma, achamos aqui a maior diferença numérica entre homens e mulheres. A cena nº111 mostra uma procissão em direção a quatro múmias de mulheres e a cena nº 114, uma procissão em direção a cinco múmias de mulheres. Não encontramos nenhuma informação suplementar a respeito desta tumba que pudesse nos dizer alguma coisa sobre a aparente abundância de imagens femininas. Poderíamos até mesmo sugerir que a tumba tivesse sido pensada para uma proprietária, ao invés de um proprietário, mas sabemos que as concessões

para construção de tumba vinham na maioria das vezes ligadas ao cargo desempenhado pelo chefe de família, e que as mulheres dificilmente poderiam arcar com as despesas. Mesmo assim, esta tumba nos pareceu diferente das demais. Infelizmente, não podemos dizer nada além disto. As mulheres executam algumas ações, existindo inclusive uma cena de adoração individual feminina.

Totais de Personagens: Mulheres: 55/ Homens 40

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 9	Quantas cenas significativas* existem? 9	Quantas cenas significativas tenho? 8		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 8	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Lamentam, adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Mulher e criança	*		1	
2. Duas procissões funerárias de homens e mulheres (procissão direita em direção a quatro múmias de mulheres)	*	Procissão funerária	2 e 3	Cena nº 111
3. Restos de pessoas diante de Neferhotep e esposa	*	Procissão de parentes	4 e 5	Cena nº 115
4. Pessoas diante de Hathor-vaca na montanha	*	Procissão de parentes	4 e 5	Cena nº 116
5. Homem com jarro de grãos diante de pessoas sentadas	*	Procissão de parentes	4 e 5	Cena nº 118
6. Pessoas diante de seis mulheres sentadas	*	Procissão de parentes	4 e 5	Cena nº 117
7. Morto adora Osiris e esposa adora Amenófis	*	Adorando deuses	6	Cena nº 112
8. Pessoas adoram Anubis e adoram Rainha 'Ahmés Nefertari	*	Adorando deuses	6	Cena nº 113
9. Sacerdote das libações com instrumentos para Abertura da Boca, seguido por sacerdote-leitor e cinco mulheres diante de cinco múmias de mulheres lamentadas por filhas na tumba-pirâmide	*	Ritos funerários	6	Cena nº 114

Cenas Trabalhadas

Foto: 0131 Cena nº 111 Procissão Funerária 2 e 3

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926*, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL V

Descrição: Duas procissões funerárias de homens e mulheres (procissão direita em direção a quatro múmias de mulheres).

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Criança não identificada		Segue Procissão	Menor		De Pé		
Múmias de mulheres							
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Menor		Agachada	Lamentação	
Homem não identificado	Masculino	Lamenta	Menor		De Pé	Lamentação	

Foto: 0136 Cena nº 112 Adorando Deuses 6

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926*, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VI

Descrição: Estela, três registros. I. Cena dupla, morto adora Osiris e esposa adora Amenófis I. II. Cena dupla, pessoas adoram Anubis e adoram Rainha 'Ahmés Nefertari. III. Sacerdote das libações com instrumentos para Abertura da Boca, seguido por sacerdote-leitor.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Menor	Na Frente	De Pé	Louvor	
Amenófis I	Deu s(a)						
Deus Osiris	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	

Foto: 0136 Cena nº 113 Adorando Deuses 6

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926*, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VI

Descrição: Estela, três registros. I. Cena dupla, morto adora Osiris e esposa adora Amenófis I. II. Cena dupla, pessoas adoram Anubis e adoram Rainha 'Ahmés Nefertari. III. Sacerdote das libações com instrumentos para Abertura da Boca, seguido por sacerdote-leitor.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Deusa	Deus(a)						
Mulher não identificada	Feminino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Homem não identificado	Masculino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Deusa	Deus(a)						

Foto: 0136	Cena nº 114	Ritos Funerários						6
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VI								
Descrição: Estela, três registros. I. Cena dupla, morto adora Osiris e esposa adora Amenófis I. II. Cena dupla, pessoas adoram Anubis e adoram Rainha 'Ahmés Nefertari. III. Sacerdote das libações com instrumentos para Abertura da Boca, seguido por sacerdote-leitor.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Lamentadoras	Feminino	Lamenta	Menor	Na Frente	Agachada	Lamentação		
Múmias de mulheres								
Mulher não identificada	Feminino	Acompanha Ritos	Igual	Atrás	De Pé			
Sacerdote das Libações	Masculino	Libação	Igual	Na Frente	De Pé			
Sacerdote Leitor	Masculino	Executando Ritos	Igual	Na Frente	De Pé			

Foto: 0137	Cena nº 115	Procissão de parentes						4 e 5
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VII								
Descrição: Três registros. I. Restos de pessoas diante do Proprietário e esposa. II. Pessoas diante de Hathor-vaca na montanha. III. Duas cenas, 1. Homem com jarro de grãos diante de pessoas sentadas. 2. Pessoas diante de seis mulheres sentadas.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Homem não identificado	Masculino	Segue na procissão						
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas						
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas						
Mulher não identificada	Feminino	Segue na procissão						

Foto: 0137	Cena nº 116	Procissão de parentes						4 e 5
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VII								
Descrição: Três registros. I. Restos de pessoas diante do Proprietário e esposa. II. Pessoas diante de Hathor-vaca na montanha. III. Duas cenas, 1. Homem com jarro de grãos diante de pessoas sentadas. 2. Pessoas diante de seis mulheres sentadas.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando um deus						
Mulher não identificada	Feminino							
Proprietário?	Masculino	Adorando um deus						
Deusa Hathor (vaca)	Deus(a)							
Homem não identificado	Masculino	Segue na procissão						

Foto: 0137	Cena nº 117	Procissão de parentes						4 e 5
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VII								
Descrição: Três registros. I. Restos de pessoas diante do Proprietário e esposa. II. Pessoas diante de Hathor-vaca na montanha. III. Duas cenas, 1. Homem com jarro de grãos diante de pessoas sentadas. 2. Pessoas diante de seis mulheres sentadas.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Homem não identificado	Masculino				De Pé			
Mulher não identificada	Feminino				De Pé			
Mulher não identificada	Feminino				Sentada			

Foto: 0137	Cena nº 118	Procissão de parentes						4 e 5
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. PL VII								
Descrição: Três registros. I. Restos de pessoas diante do Proprietário e esposa. II. Pessoas diante de Hathor-vaca na montanha. III. Duas cenas, 1. Homem com jarro de grãos diante de pessoas sentadas. 2. Pessoas diante de seis mulheres sentadas.								
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto	
Homem não identificado	Masculino				Sentada			
Mulher não identificada	Feminino				Sentada			
Homem não identificado	Masculino				De Pé		Jarro de Grãos	

TT 292: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Seti I - Ramsés II²¹²

Comentário geral acerca da tumba: De uma tumba relativamente grande, temos apenas quatro exemplos, todos eles relativos à adoração de deuses. Os

²¹² Cena número 122 não teve sua parede localizada na tumba (TT292), mas com certeza pertence a ela.

casais estão equilibrados e as mulheres aparentemente executam as mesmas ações; mas mantêm sua posição secundária.

Totais de Personagens: Mulheres: 4/ Homens 5

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 32	Quantas cenas significativas* existem? 16	Quantas cenas significativas tenho? 4		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 4	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>			
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Adoração de Ptah e deusa	*	Adorando deuses	1	Cena nº 120
2. Adoração de Rá-Harakhti e deusa	*	Adorando deuses	1	Cena nº 120
3. Casal adora Hathor-vaca na montanha	*	Adorando deuses	1	Cena nº 121
4. Barco a vela e altares diante de divindade			2	
5. Portadores de oferendas	*		2	
6. Barca de Hathor			3	
7. Parentes	*		3	
8. Morto com esposa fazem oferendas num braseiro à Amon-Rá, Hathor, Khnum, Satis e Anukis	*		4	
9. Parentes fazem oferendas à divindades	*		4	
10. Morto e esposa fazem oferendas num braseiro à Anúbis e Hathor	*		5	
11. Procissão funerária (continua em (6))	*		5	
12. Emblema do Oeste personificado no horizonte, entre Anubis-chacal			6	
13. Peregrinação a Abidos	*		6	
14. Esposa e Morto adora Osiris e Hathor	*		7	
15. Casal diante de três divindades	*	Adorando deuses	8	Cena nº 119
16. Divindades sentadas e adoração de Thoth			9	
17. Adoração das tríades de Elefantine			10	
18. Adoração das tríades de Memphis			10	
19. Isis e Neftis adoram cabeça de Hathor-vaca			11	
20. Bezerro carregando Rá-Harakhti entre dois sicômoros			Teto A	
21. Gato matando serpente			Teto A	
22. Cena da deusa-árvore com bas voando			Teto A	
23. Mehitwert-vaca numa piscina			Teto A	
24. Morto abrindo o portão do oeste. Câmara mortuária			Teto A	
25. Morto e esposa adoram Harsiesi (?) e Isis	*		12 e 13	
26. Anubis cuidando de múmia, com deusas de joelhos			12 e 13	
27. [homem] diante morto e esposa sentados	*		14 e 15	
28. Cena de deusa-árvore com o bas bebendo			14 e 15	
29. Morto e esposa guiados por Anubis	*		16	
30. Morto e esposa de joelhos diante d Osiris	*		16	
31. Anubis-chacal e dois demônios			Teto B	
32. Morto diante de Osiris, diante de um demônio, diante de Anúbis e diante de Hepy			Teto B	

Cenas Trabalhadas

Foto: 0004 Cena nº 119 Adorando Deuses

8

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924*, tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925. pág. 77, fig. 11.

Descrição: Casal diante de três divindades.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Atrás	De Pé	Louvor	

Proprietário? Masculino Adorando Alguém Igual Na Frente De Pé Louvor

Foto: 0113 Cena nº 120 Adorando Deuses						1 - Estela	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. pág. 17, fig. 8.							
Descrição: Estela, dois registros: I. cena dupla, adoração de Ptah e deusa, e de Rá-Harakhti e deusa. II. Casal adora Hathor-vaca na montanha.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Ptah	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Deusa	Deus(a)						
Deusa	Deus(a)						
Deus Rá-Harakhti	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		

Foto: 0113 Cena nº 121 Adorando Deuses						1 - Estela	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. pág. 17, fig. 8.							
Descrição: Estela, dois registros: I. cena dupla, adoração de Ptah e deusa, e de Rá-Harakhti e deusa. II. Casal adora Hathor-vaca na montanha.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Hathor	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Maior	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Maior	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	

Foto: 0015 Cena nº 122 Adorando Alguém						não identificada	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924</i> , tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925. PL XXI, fig. 4.							
Descrição: Casal e personagem não identificada adorando alguém.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Não Identificada		Adorando Alguém	Menor	Atrás	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Atrás	De Pé	Louvor	Lótus na cabeça, Algo na mão
Proprietário?	Masculino	Adorando Alguém	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	

TT 323: Pashedu, Delineador de esboços de Amon, Seti I

Comentário geral acerca da tumba: Temos apenas uma cena (cena nº 123) para esta tumba, cuja localização quanto às paredes não foi possível estabelecer. Ela com certeza pertence à tumba, mas nenhuma das descrições disponíveis combina com a cena de um casal de pé adorando Osíris diante de uma mesa de oferendas. A mulher guarda seu lugar secundário e esta é a segunda tumba onde temos com certeza uma função para a esposa do falecido.

Totais de Personagens: Mulheres: 1/ Homens 1

Tumba Completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>	
Quantas cenas na tumba?	8	Quantas cenas significativas* existem?	2	
Quantas cenas significativas tenho?	1	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas?	<input checked="" type="checkbox"/>	
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?	1	Quem são?	Esposa do proprietário	
São identificáveis estas mulheres?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Só assiste a ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	
Elas participam da ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	O que fazem?	Adoram deuses	
Nome da esposa é mencionado?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Cantora	
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Falcão do Oeste			1	
2. Pássaro-Benu com emblema do Oeste			2	
3. Pais e parentes diante de Ptah-Sokari	*		3	
4. Nut de joelhos entre dois deuses mumificados e pilares Zads			3	
5. Parentes agachados diante de Osíris e deusa do Oeste	*		4	

6. Isis de joelhos entre dois deuses mumificados			4	
7. Dois bas adorando o disco do horizonte mantido nos braços de Nut			5	
8. Anubis cuidando da uma múmia num leito entre Nephthys e Isis			5	

Cenas Trabalhadas

Foto: 0005	Cena nº 123	Adorando Deuses	não identificada				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924</i> , tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925.pág. 91, fig. 16.							
Descrição: Casal adorando Osíris diante de uma mesa de oferendas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Osíris	Deus(a)		Igual	Na Frente	Sentada		
Proprietário?	Masculino	Adorando um deus	Igual	Na Frente	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário?	Feminino	Adorando um deus	Igual	Atrás	De Pé	Louvor	

TT 335: Nekhtamun, Sacerdote-wa'b de Amenófis I, XIX Dinastia

Comentário geral acerca da tumba: Esta é a tumba que nos ofereceu um maior número de cenas. As reproduções não estão cem por cento nítidas, mas estão claras o suficiente para nos permitirem definir as personagens e suas ações. A esposa aparece sozinha prestado homenagem a Maat na cena nº 129 e a contrapartida não é com seu esposo e, sim, com seu filho (ou enteado), na cena nº128. Os casais, sejam eles de proprietário e esposa ou demais parentes, estão bastante equilibrados, mas ainda assim temos uma clara preponderância masculina. As mulheres também parecem executar ações semelhantes aos homens, mas seu papel é, mais uma vez, secundário.

Totais de Personagens: Mulheres: 44/ Homens 54

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 44	Quantas cenas significativas* existem? 25	Quantas cenas significativas tenho? 20		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 20		Estão Só <input checked="" type="checkbox"/> e Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho, filha, irmã da esposa, irmã</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Lamentam, fazem oferendas, Adoram deuses, servem em banquete, etc</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Rei (inacabado)			1	
2. Estátua dupla (inacabada) do morto e sua esposa	*		2	
3. Nut (de frente) na montanha segurando disco, ajoelhado diante de Osíris			3	
4. Morto e esposa de joelhos adoram Portal do Oeste e disco da Eneada	*	Adorando portal	3	Cena nº 131
5. Barca de Rá			3	
6. Morto com hinos à Rá			3	
7. Filhas e filho fazem oferendas ao morto e família	*	Oferendas	4	Cena nº 130
8. Três sacerdotes realizam a cerimonia de Abertura da Boca e purificam [o morto] e esposa	*		5	
9. Duas múmias diante da tumba-pirâmide na montanha			6	

10. [Dois filhos (?)] fazem oferendas à Ken (TT004) e esposa Henutmehyt	*	Oferendas	7	Cena nº 132
11. Dois filhos fazem oferendas à Kha'beknet (TT002) e esposa Sahte	*	Oferendas	7	Cena nº 133
12. Irmão Ipuy (TT217) com esposa sentada e vela do Ano Novo (continuação de (13))	*	Diante da vela do ano novo	8	Cena nº 134
13. Filho Amenemopet oferece bouquet a Minmosi e esposa Esi	*	Oferendas	9	Cena nº 135
14. Esposa diante seus pais, Pashedu (TT292) e esposa Makhay	*	Prestando homenagens	10	Cena nº 136
15. Deuses numa [cena de purificação (?)]			11 e 12	
16. Projeção (para uma estátua de chacal), com Anubis-chacal na frente			11 e 12	
17. Lado esquerdo, Zet com archotes, lado direito, Isis de joelhos			11 e 12	
18. Neferronpet (TT336) e esposa adorando	*		13	
19. Anubis agachado com faca			13	
20. Morto com esposa e Sefkhet-'abu oferecem imagem de Maat à Thoth	*	Oferendas à deuses	14	Cena nº 139
21. Convidados num banquete, incluindo pais e Kha'emteri (TT220) e esposa, e Hehnekhu	*	Banquete	14	Cena nº 140
22. Deusa-árvore com morto e esposa bebendo de uma piscina abaixo	*	Deusa Árvore	15	Cena nº 138
23. Peregrinação a Abidos	*		15	
24. Morto e família diante de irmão Neferhotep como espírito de Rá	*	Procissão de parentes	16	Cena nº 126
25. Procissão Funerária	*	Procissão funerária, Ritos Funerários(lamentadoras)	16	Cena nº 127, 125
26. Morto com sacerdote-wa'b de Amenófis I purifica casal sentado	*	Purificação	17	Cena nº 137
27. Oferendas à casais sentados	*		17	
28. Sacerdote faz oferendas à estátua do morto de pé numa cadeira			17	
29. Rá-Harakhti com cabeça de carneiro entre Isis com uraeus num pilar-Zad e Neftis com o falcão do Oeste			18	
30. Morto e esposa adoram o disco do horizonte suportado por dois burros	*	Adorando o disco do horizonte	19	Cena nº 124
31. Morto e esposa (de costas um para o outro) abrem portões do mundo dos mortos e da eternidade respectivamente	*	Abrindo Portões	20	Cena nº 141
32. Nut com emblema de Osiris e tumba-pirâmide na montanha			Teto B	
33. Filho Piay com Anubis com cabeça de carneiro	*	Adorando deuses	22	Cena nº 128
34. Sua esposa com sistrum diante de Maat	*	Adorando deuses	22	Cena nº 129
35. Piay faz oferendas num braseiro à Ptah	*		22	
36. Anubis cuidando de múmia num leite purificado por Isis e Neftis			23	
37. Nebmaat com faca e galho de palmeira			24	
38. Cena de paisagem abaixo, com morto, esposa e Maat diante de Thoth como um babuíno num pilone	*	Adorando Deuses	25	Cena nº 142
39. Morto faz libações à Osiris em um santuário			26	
40. Amenófis I com Buto e Neith			26	
41. Anukis e Tueris como Tahenutsehen			26	
42. Morto e esposa adoram Rá-Harakhti	*	Adorando deuses	26	Cena nº 143
43. Rá, Hepy e Hebhsenut diante de gato matando Apophis com uma serpente			Teto C	
44. Anubis-chacal, Imset e Duamutf diante de Rá-Harakhti com um falcão			Teto C	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1735 Cena nº 124 Adorando o Disco do Horizonte 19

BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI.

Descrição: Morto e esposa adoram o disco do horizonte suportado por dois burros.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
------------	------	----------------	---------	---------	---------	--------	--------

Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando um deus	Igual	De Pé	Louvor
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	De Pé	Louvor

Foto: 0118	Cena nº 125	Ritos Funerários (lamentação)				16, registro III	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926</i> , tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. pág. 66 fig.51							
Descrição: Três sacerdotisas agachadas executando ritos funerários.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário?	Feminino	lamentam			Agachada		
Mulher não identificada	Feminino	lamentam			Agachada		
Mulher não identificada	Feminino	lamentam			Agachada		

Foto: 3273	Cena nº 126	Procissão de parentes				16, registros I e II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 130, fig. 89.							
Descrição: I. Morto e família diante de irmão Neferhotep como grande espírito de Rá. II. Procissão funerária.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Irmão do Proprietário	Masculino	Recebe homenagens	Menor		Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Faz Oferendas e Homenagens	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Faz Oferendas e Homenagens	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Faz Oferendas e Homenagens	Igual		De Pé		
Proprietário	Masculino	Faz Oferendas e Homenagens	Igual		De Pé		

Foto: 3273	Cena nº 127	Procissão Funerária				16, registros I e II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 130, fig. 89.							
Descrição: I. Morto e família diante de irmão Neferhotep como grande espírito de Rá. II. Procissão funerária.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Criança não identificada	Feminino	Lamenta	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Executando Ritos	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Carregando material funerário	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Segue Procissão	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Lamenta	Igual		De Pé		

Foto: 3297	Cena nº 128	Adorando Deuses				22, cenas 1 e 2	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 164, fig. 110.							
Descrição: 1.Filho com Anúbis com cabeça de carneiro 2. Esposa do filho com sistro diante de Maat							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando deuses					
Deus Anúbis	Deus(a)						

Foto: 3297	Cena nº 129	Adorando Deuses				22, cenas 1 e 2	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 164, fig. 110.							
Descrição: 1.Filho com Anúbis com cabeça de carneiro 2. Esposa do filho com sistro diante de Maat							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Adorando deuses				Louvor	Sistro
Deusa Maat	Deus(a)						

Foto: 3258	Cena nº 130	Oferendas				4	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 120, fig. 82.							
Descrição: Filhas e filho fazem oferendas ao morto e família.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Filha do Proprietário	Feminino	Recebe ofere ndas	Mínima		De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Mínima		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Menor		De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		

Foto: 3254	Cena nº 131	Adorando Portal				3, registro II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 117, fig. 79.							
Descrição: Morto e esposa de joelhos adoram Portal do Oeste e disco da Eneada.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Adorando Portal	Igual		Agachada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando Portal	Igual		Ajoelhada	Louvor	

Foto: 3260	Cena nº 132	Oferendas				7, registros I e II - 5
-------------------	--------------------	------------------	--	--	--	--------------------------------

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 121, fig. 83 e pág. 119, fig. 81.							
Descrição: I. [Dois filhos (?)] fazem oferendas à Ken (TT004) e esposa Henutmehyt. II. Dois filhos fazem oferendas à Kha'beknet (TT002) e esposa Sahte. Três sacerdotes realizam a cerimônia de Abertura da Boca e purificam [o morto] e esposa.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Sacerdote	Masculino	Executando Ritos	Menor		De Pé		
Proprietário	Masculino	Nenhuma	Igual		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Nenhuma	Igual		De Pé		
Irmã do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Marido da Irmã do Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Sacerdote	Masculino	Executando Ritos	Menor		De Pé		
Sacerdote	Masculino	Executando Ritos	Menor		De Pé		

Foto: 3260				Cena nº 133		Oferendas		7, registros I e II	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 121, fig. 83.									
Descrição: I. [Dois filhos (?)] fazem oferendas à Ken (TT004) e esposa Henutmehyt. II. Dois filhos fazem oferendas à Kha'beknet (TT002) e esposa Sahte.									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé				
Irmã do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior		Sentada				
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé				
Marido da Irmã do Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior		Sentada				

Foto: 3262				Cena nº 134		Diante da vela do Ano Novo		8 e 13	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág.122, fig. 84.									
Descrição: (13) Irmão Neferronpet e esposa (TT336), (8) Irmão Ipy e esposa (TT217) diante de vela do Ano Novo									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Irmão do Proprietário	Masculino	Diante da vela do Ano Novo			Sentada				
Esposa do Irmão do Proprietário	Feminino	Diante da vela do Ano Novo			Sentada				
Esposa do Irmão do Proprietário	Feminino	Diante da vela do Ano Novo			De Pé				
Irmão do Proprietário	Masculino	Diante da vela do Ano Novo			De Pé				

Foto: 3264				Cena nº 135		Oferendas		9	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 123, fig. 85.									
Descrição: Filho Amenemopet oferece bouquet a Minmosi e esposa Esi.									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Irmã da Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Igual		Sentada				
Filho do Proprietário	Masculino	Oferece buque	Menor		De Pé				
Marido da Irmã da Esposa do Proprietário	Masculino	Recebe homenagens	Igual		Sentada				

Foto: 3266				Cena nº 136		Prestando Homenagens		10	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág.125, fig. 86.									
Descrição: Esposa diante seus pais, Pashedu e Makhay (TT292).									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Paí da Esposa do Proprietário	Masculino	Recebe homenagens			Sentada				
Esposa do Proprietário	Feminino	Faz homenagens			De Pé				
Mãe da Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe homenagens			Sentada				

Foto: 3275				Cena nº 137		Purificação		17, registro I	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 133, fig. 90.									
Descrição: I. Morto como sacerdote-wa'b de Amenófis I purifica casal sentado.									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Proprietário	Masculino	Executando Ritos			De Pé				
Homem não identificado	Masculino	Sendo purificado			Sentada				
Mulher não identificada	Feminino	Sendo purificado			Sentada				

Foto: 3277				Cena nº 138		Deusa Árvore		15	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 136, fig. 92.									
Descrição: Dois registros: I. Cena da Deusa-árvore com morto e esposa bebendo de uma piscina abaixo. II. Peregrinação a Abidos.									
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto		
Proprietário?	Masculino	Impossível definir							
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Igual		Sentada				

Esposa do Proprietário	Feminino	Bebe de piscina	Menor	Agachada
Deusa Árvore	Deus(a)			
Proprietário	Masculino	Impossível definir	Igual	Sentada

Foto: 3279 Cena nº 139 Oferendas			14, registros I e II				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 139, fig. 93.							
Descrição: Dois registros: I. morto com esposa e Sefkhet-'abu oferecem imagem de Maat à Thoth. II. Convidados num banquete, incluindo pais e Kha'emteri (TT220) e esposa, e Hehnekhu.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual		De Pé		Imagem de Maat
Deus Thot	Deus(a)						

Foto: 3279 Cena nº 140 Banquete			14, registros I e II				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 139, fig. 94.							
Descrição: Dois registros: I. morto com esposa e Sefkhet-'abu oferecem imagem de Maat à Thoth. II. Convidados num banquete, incluindo pais e Kha'emteri (TT220) e esposa, e Hehnekhu.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		

Foto: 3281 Cena nº 141 Abrindo Portões			20				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 143, fig. 94.							
Descrição: Morto e esposa (de costas um para o outro) abrem portões do mundo dos mortos e da eternidade respectivamente.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Abrindo Portões	Igual		De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Abrindo Portões	Igual		De Pé	Louvor	

Foto: 3287 Cena nº 142 Adorando deuses			25				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 155, fig. 103.							
Descrição: Morto, esposa e Maat diante de Thoth como um babuíno num pilone.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Maat	Deus(a)						
Deus Thot	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

Foto: 3290 Cena nº 143 Adorando Deuses			26, cena 4				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: <i>IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925</i> , tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 156, fig. 104.							
Descrição: Morto e esposa adoram Rá-Harakhti.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Rá-Harakhti	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual		De Pé		

TT 336: Nefronpet, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia

Comentário geral acerca da tumba: Neste grupo de imagens trabalhados temos uma pequena vantagem numérica da figura feminina, mas isto pode não

significar muito no todo da tumba, por conta de nossa escolha de trabalhar somente com as imagens nas quais as mulheres estivessem presentes. A maior parte das imagens da tumba trata de cenas religiosas envolvendo apenas deuses, o que não nos interessa aqui. As mulheres aparentam estar executando as mesmas ações executadas pelos homens, mas ocupam claramente uma posição secundária no todo das cenas.

Totais de Personagens: Mulheres: 17/ Homens 16

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 26	Quantas cenas significativas* existem? 6	Quantas cenas significativas tenho? 3		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 3	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>			
São identificáveis estas mulheres? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário</i>			
Só assiste a ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adora deuses, serve em banquete</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Banquete e convidados	*	Banquete	6	Cena nº 144
2. Braços de Nut segurando [disco] na montanha			7	
3. Homem fazendo oferendas a casal com a filha	*		7	
4. Banquete com morto e parentes	*	Banquete	7	Cena nº 146
5. Morto e esposa diante de Osiris e deusa	*		8	
6. Cena de pesagem com Maat, Thoth como um babuíno num pilone e monstro			9	
7. Anubis (num banco com degraus) cuidando de múmia entre Isis e Neftis			10	
8. Morto e esposa de joelhos adoram os braços de Nut segurando disco na montanha	*	Adorando os braços de Nut	10	Cena nº 145
9. Ptah diante de Mertseger amamentando uma criança			11	
10. Homem descendo da montanha recebido por um deus em frente da tumba			12	
11. Homem em adoração			12	
12. Rá com cabeça de carneiro entre Isis e Neftis e quatro estandartes			13	
13. Mulher faz oferendas à casal, homem com oferendas			14	
14. Rito da perna esquerda			14	
15. Sacerdote, carregando baú com Anúbis-chacal ao lado de múmia num leito entre Neftis e Isis como abutres, todos em um naos			15	
16. Isis de joelhos em frente à uma palmeira			16	
17. Dois demônios num pilone e [um homem adorando]			16	
18. Esposa recebe libação de Anubis	*		17	
19. Morto guiado por Nut a Geb com cabeça de crocodilo (purificando-o), Osiris e deusa do oeste			17	
20. Disco do horizonte com escaravelho			Teto	
21. Nut segurando uzat na montanha			Teto	
22. Morto abre porta da tumba-pirâmide			Teto	
23. Cabeça de Hathor-vaca na montanha com Rá-Harakhti-falcão acima			Teto	
24. Mert do Norte num num trenó funerário			Teto	
25. Barca de Rá na colina primordial			Teto	
26. Rá-Harakhti como falcão			Teto	

Cenas Trabalhadas

Foto: 0060 Cena nº 144 Banquete 6

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925*, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 92, fig. 60.

Descrição: Restos de banquete.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Oferece alguma coisa	Igual		De Pé		
Pessoa não identificada	?	Serve em banquete	Igual				
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Igual		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Oferece alguma coisa	Igual		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Maior		Sentada		

Foto: 1736 Cena nº 145 Adorando Braços de Nut 10, registro II

BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI

Descrição: (na frente da plataforma) Morto e esposa de joelhos adoram os braços de Nut segurando disco na montanha.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Braços de Nut	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adora os braços de Nut	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Adora os braços de Nut	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	

Foto: 3243 Cena nº 146 Banquete 7, registros II e III

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925*, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. pág. 89, fig. 59.

Descrição: Banquete com morto e parentes.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Grupo de Homens	Masculino	Impossível definir	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Serve em banquete	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Homem não identificad	Masculino	Participa do Banquete	Igual		Sentada		
Grupo de Mulheres	Feminino	Impossível definir	Menor		De Pé		

TT 339: Huy & Pashedu, Servidores no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: A tumba está bastante incompleta e as imagens disponíveis não nos dão acesso a todos os gestos indicadores das ações. Os casais estão equilibrados nestas cenas e, naquelas que estão discerníveis, as mulheres, como sempre, ocupam uma posição de acompanhante e secundária. Os homens excedem numericamente as mulheres, principalmente por conta das cenas de barco da peregrinação a Abidos. Esta tumba, no entanto, apresenta uma diferença interessante a respeito de seus proprietários. A única ligação encontrada entre os dois proprietários é que eles foram casados com a mesma mulher. Ou seja, a esposa aqui é o único elo entre estes dois homens. Isto poderia querer dizer, por exemplo, que era a esposa a verdadeira dona da tumba, mas afirmações desse porte exigiriam uma pesquisa um pouco mais detalhada

desta tumba do que a que pudemos realmente fazer. É interessante que, pelo que vimos desta tumba, não há nenhuma diferença em termos de frequência da presença feminina; e, além disto, uma outra tumba nos apresenta em termos de decoração muito mais possibilidades de ser uma tumba feminina.

Totais de Personagens: Mulheres: 5/ Homens 18

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 7	Quantas cenas significativas* existem? 6	Quantas cenas significativas tenho? 4		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?	Estão Só <input type="checkbox"/>	Acompanhadas? <input type="checkbox"/>		
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Quem são?			
Só assiste a ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
O que fazem?				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Cerimônias funerárias com ritos da perna-esquerda	*	Rito da perna esquerda	1	Cena nº 147
2. Peregrinação a Abidos	*	Peregrinação a Abidos	1	Cena nº 148
3. Peregrinação a Abidos e [cena de pesagem]	*	Peregrinação a Abidos e Pesagem	2	Cenas nºs 149 e 150
4. Morto diante de [Ptah-Sokari?]			3	
5. Três registros de convidados	*		4	
6. Dois Anúbis em forma de chacais e restos de três registros abaixo, pessoas com buquês diante de [estela]	*		5	
7. Morto e esposa diante de oferendas	*		6	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1229 Cena nº 147 Rito da perna esquerda 1

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 121, fig. 82.

Descrição: Ritos da perna-esquerda e Peregrinação a Abidos.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Assistindo a execução de ritos	Igual		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Assistindo a execução de ritos	Igual		Sentada		
Sacerdote	Masculino	Executando Ritos	Menor		Agachada		

Foto: 1229 Cena nº 148 Peregrinação a Abidos 1

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 121, fig. 82.

Descrição: Ritos da perna-esquerda e Peregrinação a Abidos.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Assistindo peregrinação a Abidos	Igual		Sentada		
Remadores	Masculino	Rema o barco	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Guia o Barco?	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Seguindo no barco	Menor		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Seguindo no barco	Maior		Sentada		
Mulher não identificada	Feminino	Assistindo peregrinação a Abidos	Igual		Sentada		

Foto: 1230 Cena nº 149 Peregrinação a Abidos 2

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 121, fig. 82.

Descrição: Peregrinação a Abidos e Cena de pesagem.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Guia o Barco?	Menor		De Pé		
Homem não identificado	Masculino	Guia o Barco?	Menor		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		
Remadores	Masculino	Recebe homenagens	Menor		De Pé		

Foto: 1230 Cena nº 150 Pesagem 2

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: *IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927*, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. pág. 121, fig. 82.

Descrição: Ritos da perna-esquerda e Peregrinação a Abidos.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Impossível definir	Maior		De Pé		
Pessoa não identificada	?	Impossível definir	Maior		De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Impossível definir	Maior		De Pé		

TT 356: Amenemwia, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia

Comentário geral acerca da tumba: As cenas estudadas nesta tumba são basicamente imagens de casais: casais adorando deuses, casais adorando casais, casais diante de oferendas e adorando deuses, etc.; por conta disto este grupo de cenas está bastante equilibrado. As mulheres, embora pareçam agir de forma semelhante aos homens, mantêm seu papel secundário.

Totais de Personagens: Mulheres: 7/ Homens 7

Tumba Completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>			
Quantas cenas na tumba? 17	Quantas cenas significativas* existem? 6	Quantas cenas significativas tenho? 5		
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres? 5	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>			
São identificáveis estas mulheres? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são? <i>Esposa do proprietário, Esposa do filho, mãe, filha</i>			
Só assiste a ação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Elas participam da ação? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
O que fazem? <i>Adoram deuses, fazem oferendas</i>				
Nome da esposa é mencionado? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			
Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Textos de oferendas do morto e esposa	*		Teto A	
2. Deusa-árvore com ba bebendo, filho Amenemonet e filha diante de morto e esposa, com morto à esquerda	*	Casal sendo homenageado	3 e 4	Cena nº 153
3. Emblema do oeste personificado segurando archotes entre Anubis-chacais			4	
4. Morto e esposa de joelhos e irmão Ken e esposa de pé, adoram Nefertem e Nut	*	Adorando deuses	5	Cena nº 154
5. Anubis cuidando de múmia num leito			6	
6. Osiris entre seus dois emblemas	*	Adorando deuses	7	Cena nº 155
7. Morto guiado por Anubis	*	Adorando deuses	7	Cena nº 155
8. Pesagem com Maat e monstro diante de Thoth como um babuíno num pilone	*	Adorando deuses	7	Cena nº 155
9. Amenemonet e esposa diante de Ptah e Isis	*	Adorando deuses	7	Cena nº 155
10. [morto] adora Portal			Teto C	
11. Mehitwert-vaca			Teto C	
12. Atum-Rá-Harakhti como falcão			Teto C	
13. Amenemonet e esposa em adoração	*	Adorando alguém	Teto C	Cena nº 151
14. Portal do Oeste			Teto C	
15. Disco e quatro deuses-estrela			Teto C	
16. Pai e mãe do proprietário adorando	*	Adorando alguém	Teto C	Cena nº 152
17. Barca de Khepri			Teto C	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1406 Cena nº 151 Adorando Alguém

Teto 4 Câmara C

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928*, tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929. pag. 81, fig. 42.

Descrição: Amenemonet e esposa em adoração.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

Foto: 1412 Cena nº 152 Adorando Alguém						Teto [7] Câmara C	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928</i> , tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929. pag. 85, fig. 45.							
Descrição: Pai e mãe do proprietário adorando.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mãe do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Pai do Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	

Foto: 1415 Cena nº 153 Casal sendo homenageado						4	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928</i> , tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929. pag. 86, fig. 46.							
Descrição: Filho Amenemonet e filha diante de morto e esposa.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Maior	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	De Pé	Oferenda	
Filha do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Maior	Ao Lado	Sentada		

Foto: 1421 Cena nº 154 Adorando Deuses						5	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928</i> , tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929. pag. 88, fig. 48.							
Descrição: Morto e esposa de joelhos e irmão Ken e esposa de pé, adoram Nefertem e Nut.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Nut	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Maior	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Deus Nefertem	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Maior	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Esposa do Irmão do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Menor	Atrás	De Pé		
Irmão do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Menor	Atrás	De Pé		

Foto: 1426 Cena nº 155 Adorando Deuses						7 [c]	
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928</i> , tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929. pag. 90, fig. 50.							
Descrição: Livro dos mortos ... e Amenemonet e esposa diante de Ptah e Isis.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deusa Ísis	Deus(a)						
Filho do Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé	Oferenda	
Esposa do Filho do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Igual	Ao Lado	De Pé		
Deus Ptah	Deus(a)						

TT 357: Dhutihirnakuf, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia

Comentário geral acerca da tumba: São poucos e incompletos os exemplos desta tumba, mas sempre que foi possível distinguir as ações, ainda que toscamente, as imagens foram usadas. Duas das três cenas utilizadas estão bem destruídas e as descrições foram fundamentais para a identificação das ações. Na única cena onde é possível ver o casal por inteiro, a mulher ocupa sua usual posição secundária.

Totais de Personagens: Mulheres: 3/ Homens 5

Tumba Completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>
Quantas cenas na tumba?	6	Quantas cenas significativas* existem?	3
Quantas cenas significativas tenho?	3	Estão	Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input checked="" type="checkbox"/>
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?	3	São identificáveis estas mulheres?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Quem são?	Esposa do proprietário		
Só assiste a ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Elas participam da ação?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
O que fazem?	Faz oferendas		
Nome da esposa é mencionado?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>

Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Filho como um sacerdote faz oferendas ao [morto e esposa] com gato debaixo da cadeira e macaco comendo figos na metade direita	*	Oferendas	2	Cena nº 156 e 157
2. Ptah and Thoth sentados e deusas			3	
3. Hathor como uma vaca na montanha, Amenófis I e 'Ahmosi Nefertere			3	
4. Harsiesi e duas deusas			3	
5. Morto e esposa de joelhos diante de oferendas	*	Oferendas	3	Cena nº 158
6. [um deus], e morto de joelhos na parte de baixo			3	

Cenas Trabalhadas

Foto: 1433 Cena nº 156 Oferendas			2				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929</i> , tome 7ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930. pág. 72, fig. 31.							
Descrição: Parede direita cena dupla, filho como um sacerdote faz oferendas ao [morto e esposa] com gato debaixo da cadeira na metade esquerda, e macaco comendo figos na metade direita.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual	Na Frente	De Pé		

Foto: 1433 Cena nº 157 Oferendas			2				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929</i> , tome 7ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930. pág. 72, fig. 31.							
Descrição: Parede direita cena dupla, filho como um sacerdote faz oferendas ao [morto e esposa] com gato debaixo da cadeira na metade esquerda, e macaco comendo figos na metade direita.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual	Na Frente	De Pé		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		

Foto: 1436 Cena nº 158 Oferendas			3				
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929</i> , tome 7ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930. pág. 73, fig. 32.							
Descrição: Morto e esposa de joelhos diante de oferendas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Esposa do Proprietário	Feminino	Fazendo oferendas	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	

TT 360: Kaha (Qaha) , Capataz no Lugar da Verdade, Ramsés II

Comentário geral acerca da tumba: Este grupo de cenas nos mostra, em sua maioria absoluta, cenas de adoração e oferendas de cunho religioso e funerário. O número de figuras femininas está bem desequilibrado em relação às figuras masculinas. As mulheres mantêm sua posição secundária, embora em algumas das cenas pareçam estar executando algumas ações.

Totais de Personagens: Mulheres: 13/ Homens 21

Tumba Completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Tenho a tumba completa?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Quase <input type="checkbox"/>
Quantas cenas na tumba?	28	Quantas cenas significativas* existem?	14
		Quantas cenas significativas tenho?	12
Nessas cenas "significativas" em quantas aparecem mulheres?		12	Estão Só <input type="checkbox"/> Acompanhadas? <input type="checkbox"/>
São identificáveis estas mulheres?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Quem são?	Esposa do proprietário, Esposa do filho
Só assiste a ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Elas participam da ação?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
O que fazem?			
Nome da esposa é mencionado?	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	A esposa tem uma função especificada?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>

Descrição Detalhada	*	Descrição Resumida	Parede	Imagens/Cenas
1. Barca de Rá adorada por babuíno e morto			(A)	
2. Barca com escaravelho e demônios adorados por morto			(A)	
3. Kaha adorando divindades			(A)	
4. Cerimônias funerárias (incluindo vaca e bezerro mutilado) diante de múmias na tumba pirâmide	*	Cerimônias funerárias	(A)	Cena nº 168
5. [cenas de oferendas]	*	Oferendas	(A)	Cena nº 169 e 170
6. Disco do horizonte entre dois uraeus, adorado por quatro pessoas de joelhos, com quatro barcas de Rá abaixo			(A)	
7. Cenas e textos com morto e esposa adorando o disco do horizonte	*		(A)	
8. Kaha e esposa de joelhos com hino	*	Casal diante de hinos	B	Cena nº 167
9. Estela do morto dedicada à Osiris e Anúbis			2	
10. Morto faz oferenda num braseiro à Ptah do Vale das Rainhas e Mertseger			3	
11. Morto e filho adoram com hinos Ptah e Mertseger			3	
12. Homem cozinhando			4	
13. Homem arrancando linho perto de uma piscina com hipopótamos			4	
14. Construção de barco diante do morto			4	
15. Peregrinação a Abidos com morto, esposa e filho num barco chegando na montanha	*	Peregrinação a Abidos	4	Cena nº 159
16. Procissão de portadores de oferendas	*		5	
17. [morto diante de Osiris]			6	
18. Peregrinação a Abidos	*	Peregrinação a Abidos	7 e 8	Cenas nºs 160 e 162
19. Rito da perna esquerda na tumba pirâmide	*	Rito da Perna Esquerda	7 e 8	Cena nº 161
20. Divindade com facas do Livro das Portas			9	
21. Pássaro benu e filho Huynufer como um sacerdote 'sem' com oferendas (cortadas pela entrada) diante do morto e esposa	*	Oferendas	10	Cena nº 163
22. Morto e esposa com oferendas (cortada pela entrada) adoram Osiris e Hathor do Oeste	*	Oferendas a deuses	11 e 12	Cena nº 164
23. Paisagem com Thoth como um babuíno num pilone, monstro e Maat			11 e 12	
24. Emblema do Oeste entre dois Anubis-chacais			13	
25. Morto guiado por Anubis até Osiris entre seus dois emblemas			13	
26. Anubis cuidando da múmia num leito (cortado pela entrada), restos de uma figura de joelhos			14 e 15	
27. Dois bas num pilone e morto de joelhos adora Akru num pilone			14 e 15	
28. Morto e esposa em cada metade adoram Thoth, Anubis e filhos de Horus	*	Adorando deuses	Teto	Cena nº 165, 166

Cenas Trabalhadas

Foto: 1671 Cena nº 159 Peregrinação a Abidos 4, registro II

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930*, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXVI

Descrição: Peregrinação a Abidos com morto, esposa e filho num barco chegando na montanha.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Filho do Proprietário	Masculino	Seguindo no barco	Menor		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		
Proprietário	Masculino	Seguindo no barco	Igual		Sentada		

Foto: 1673 Cena nº 160 Peregrinação a Abidos 7

BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930*, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXVII, fig. 2.

Descrição: Peregrinação a Abidos e Rito da Perna na tumba-pirâmide.

Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Impossível definir	Maior		De Pé		
Esposa do Proprietário	Feminino	Impossível definir	Maior		De Pé		

Foto: 1673 Cena nº 161 Peregrinação a Abidos 7

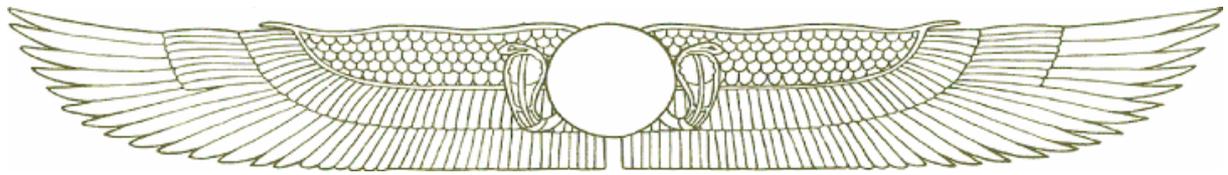
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXVII, fig. 2.							
Descrição: Peregrinação a Abidos e Rito da Perna na tumba-pirâmide.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário	Masculino	Seguindo no barco	Igual	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Guia o Barco?	Menor	Na Frente	De Pé		
Proprietário	Masculino	Seguindo no barco	Igual	Ao Lado	Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Seguindo no barco	Igual	Ao Lado	Sentada		
Esposa do Proprietário	Feminino	Seguindo no barco	Igual	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Guia o Barco?	Menor	Na Frente	De Pé		
Foto: 1673 Cena nº 162 Rito da perna esquerda				7			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXVII, fig. 2.							
Descrição: Peregrinação a Abidos e Rito da Perna na tumba-pirâmide.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Proprietário?	Masculino	Executando Ritos	Menor		Ajoelhada		Perna de bezerro
Foto: 1677 Cena nº 163 Oferendas				10, câmara C			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXVIII, fig. 1.							
Descrição: Pássaro benu e filho Huynufer como um sacerdote 'sem' com oferendas (cortadas pela entrada) diante do morto e esposa.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		
Proprietário	Masculino	Recebe oferendas	Igual	Ao Lado	Sentada		
Filho do Proprietário	Masculino	Fazendo oferendas	Menor	Na Frente	De Pé	Oferenda	
Foto: 1682 Cena nº 164 Oferendas à deuses				11 e 12			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXIX.							
Descrição: Morto e esposa com oferendas (cortada pela entrada) adoram Osiris e Hathor do Oeste.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Deus Osiris	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Deusa Hathor	Deus(a)						
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando um deus	Igual	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Foto: 1686 Cena nº 165 Adorando Deuses				Teto Abobadado			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXX.							
Descrição: Morto e esposa em cada metade adoram Thoth, Anubis e filhos de Horus, com textos entre e abaixo das cenas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Menor	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Menor	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Grupo de Deuses	Deus(a)						
Foto: 1686 Cena nº 166 Adorando Deuses				Teto Abobadado			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXX.							
Descrição: Morto e esposa em cada metade adoram Thoth, Anubis e filhos de Horus, com textos entre e abaixo das cenas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando deuses	Menor	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Grupo de Deuses	Deus(a)						
Proprietário	Masculino	Adorando deuses	Menor	Ao Lado	De Pé	Louvor	
Foto: 1692 Cena nº 167 Casal diante de hinos				B, estela			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXXIV.							
Descrição: Restos da parte inferior da estela, Kaha e esposa de joelhos com hino.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Esposa do Proprietário	Feminino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Proprietário	Masculino	Adorando Alguém	Igual	Ao Lado	Ajoelhada	Louvor	
Foto: 1703 Cena nº 168 Cerimônias Funerárias				A, registro II			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXXVII.							
Descrição: Cerimônias funerárias (incluindo vaca e bezerro mutilado) diante de múmias na tumba pirâmide.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Múmias de pé							
Esposa do Proprietário?	Feminino	Chora e abraça a múmia	Menor	Na Frente	De Pé	Lamentação	
Proprietário?	Masculino	Libação	Igual	Na Frente	Agachada	Oferenda	
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas	Menor		Agachada		
Homem não identificado	Masculino	Cuida de bovinos	Menor		De Pé		bastão
Proprietário	Masculino	Lê um papiro	Igual	Ao Lado	De Pé		Papiro
Esposa do Proprietário	Feminino	Acompanha o marido	Igual	Ao Lado	De Pé		

Foto: 1705 Cena nº 169 Oferendas				A, registro III			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXXIX.							
Descrição: Reconstituição: Cenas de Oferendas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Mulher não identificada	Feminino	Recebe oferendas			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Recebe oferendas			Sentada		
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas			De Pé		

Foto: 1705 Cena nº 170 Oferendas				A, registro III			
BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, <i>Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930</i> , tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. PL XXXIX.							
Descrição: Reconstituição: Cenas de Oferendas.							
Personagem	Sexo	Ação Presumida	Tamanho	Posição	Postura	GestoW	Objeto
Homem não identificado	Masculino	Fazendo oferendas			De Pé		
Mulher não identificada	Feminino	Fazendo oferendas			De Pé		

3. Conclusão

O que concluímos através dos dados até aqui divulgados é que, mesmo ao se fazer uma seleção das cenas onde as mulheres apareciam, deixando de lado todas as outras, o número absoluto das mulheres permanece em clara desvantagem em relação aos homens. Elas são retratadas nas cenas, em algumas mais, em outras menos, mas seu número é, com raras exceções, inferior aos dos homens. Nas poucas tumbas em que o número de figuras femininas parece ultrapassar o das figuras masculinas, tal dado não chega realmente a nos trazer muitas informações diferentes das que já de antemão esperávamos, por conta do corte que fizemos, trabalhando apenas com as imagens onde as mulheres aparecessem. Em nossa opinião, em relação às figuras femininas mostradas nas tumbas, as mulheres são fundamentais para o equilíbrio geral da família representada, o que seria importante na manutenção de uma vida no outro mundo; mas seu papel nos parece, claramente, o de personagem coadjuvante. Seus gestos parecem ser um reflexo daqueles executados por seus companheiros masculinos e mesmo quando as mulheres estão ao lado de seus maridos, sua postura parece complementar à deles.



Capítulo V – Apresentação dos conteúdos imagéticos por eixos temáticos

No capítulo anterior preocupamo-nos em apresentar os resultados parciais de cada uma das tumbas estudadas. No presente capítulo, nossa preocupação reside em mostrar os eixos temáticos que destacamos a partir das cenas levantadas, detalhando-os o máximo que nossas fontes permitiram.

São quatro os eixos temáticos com que trabalhamos neste grupo de imagens; eis aqui cada um deles e suas subdivisões.

1. Os donos da tumba
2. Religião (*Stricto Sensu*)
 - a. Adoração
 - b. Rituais Funerários
 - c. Oferendas aos deuses
3. Descrições de Imentet (o “Oeste” dos mortos)
 - a. Água
 - b. Trabalho
 - c. Oferendas funerárias
4. Vida cotidiana
 - a. Banquete
 - b. Vida cotidiana

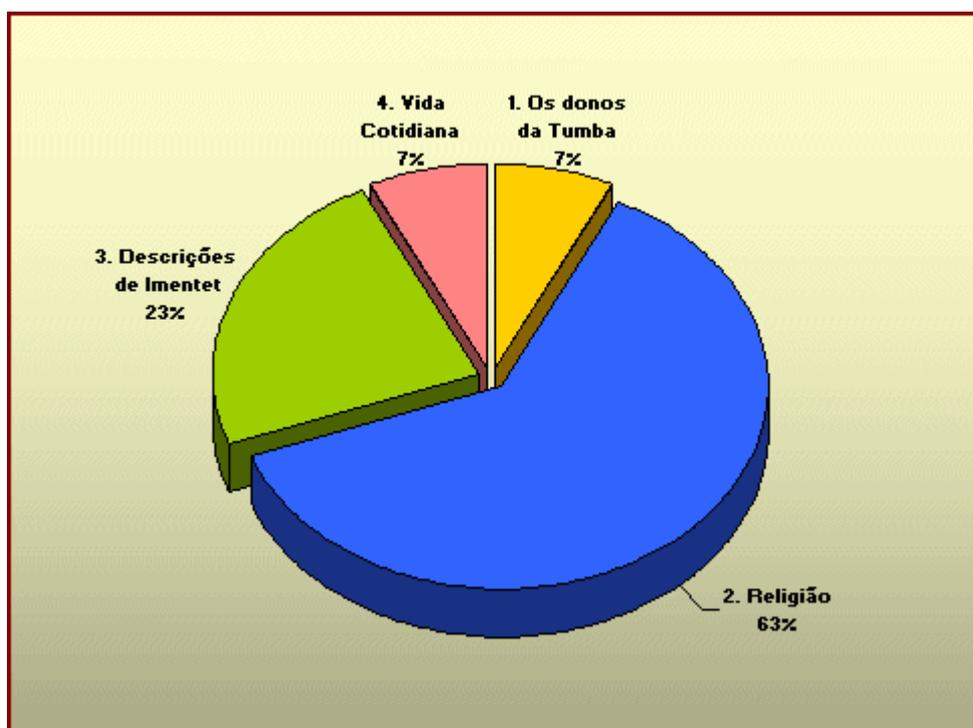


Gráfico 4: Distribuição das cenas nos eixos temáticos

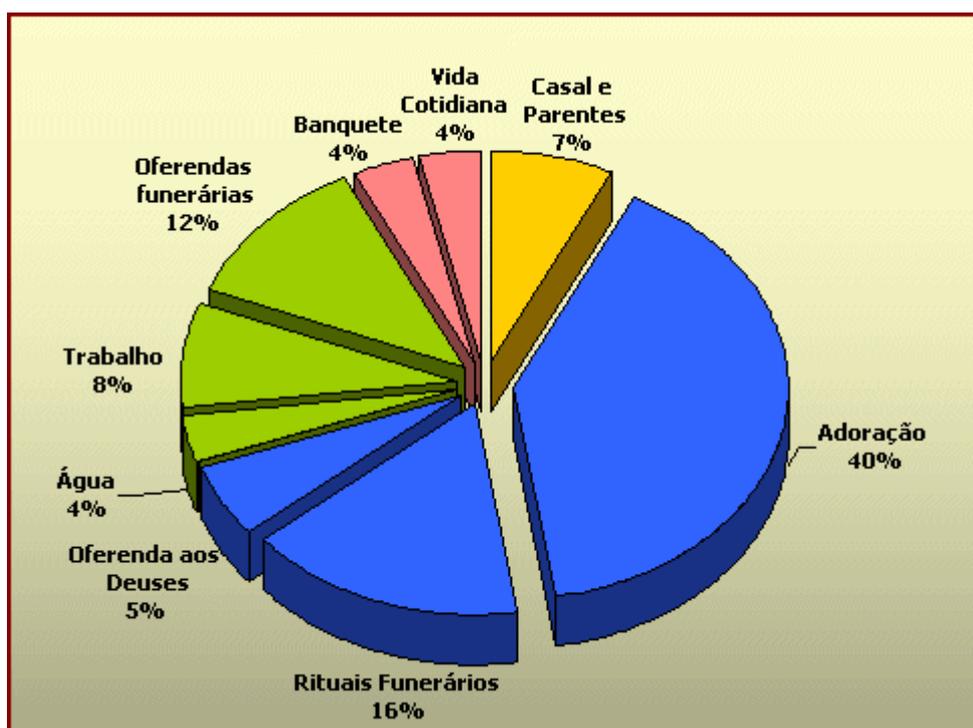


Gráfico 5: Distribuição das cenas nos temas

Maiores explicações serão dadas sobre cada um dos gráficos apresentados acima ao detalharmos os eixos temáticos e os temas.

1. Como foram feitas as classificações das cenas por temas e eixos temáticos

As imagens egípcias com frequência nos trazem diversas informações em uma mesma cena. Por conta disto, na maioria das vezes, é bastante difícil definir uma cena como pertencente a uma única temática. Algumas vezes é possível quebrar um registro em mais de uma cena seguindo as linhas lógicas das ações, mas outras vezes isto não é possível. Uma cena de adoração, por exemplo, pode conter uma de oferenda e vice-versa, e para tanto é preciso optar em qual temática colocar tal cena.

Ao precisarmos optar por esta ou aquela temática, nem sempre encontramos o melhor lugar. Muitas vezes a cena poderia conter uma outra, e os personagens presentes fazerem parte das duas. O caso é que, por conta do tempo disponível, não foi possível trabalhar com mais de um tema por cena, e isto algumas vezes pode deixar algumas dúvidas sobre o qual teria sido o melhor lugar para cada uma delas. Precisamos fazer uma opção para cada uma delas, e foi exatamente o que fizemos. Mais do que uma justificativa para nossas opções, tais informações têm a intenção de esclarecer como foram feitas as classificações.

Em todos os pontos que consideramos imprescindíveis, foram dadas as informações pertinentes quanto a nossas opções quanto às classificações operadas.

2. Apresentação dos resultados por eixos temáticos e temas

Começamos com duas observações importantes a respeito do que vamos ver a seguir. As imagens apresentadas são apenas exemplos escolhidos, levando-se em consideração que não teríamos como apresentar impressas todas as imagens com que trabalhamos. No entanto, todas as cenas trabalhadas estão disponíveis no CD Rom que acompanha este texto.

As que decidimos colocar aqui são aquelas que nos pareceram em melhor estado e que fossem significativas o suficiente para dar uma idéia precisa sobre as ações de que estamos falando.

A outra observação, apenas para lembrar o que foi visto no capítulo I, tem a ver com as regras de composição egípcia. Quando vemos um grupo de pessoas, ou um casal que parece estar enfileirado, estão na realidade lado a lado. Embora em vários momentos consideremos que o homem diante da mulher signifique uma primazia masculina, fazemos isso por conta da opção de, ao serem representados, os homens sempre estarem à frente, nunca o contrário.

1º Eixo Temático: Os donos da tumba

Tema: Casal e Parentes



Figura 49: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 73) [PL XXVIII].



Figura 50: TT001 Sennedjem - BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. [PL. XIV, Fig. 1]



Figura 51: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXXIV].

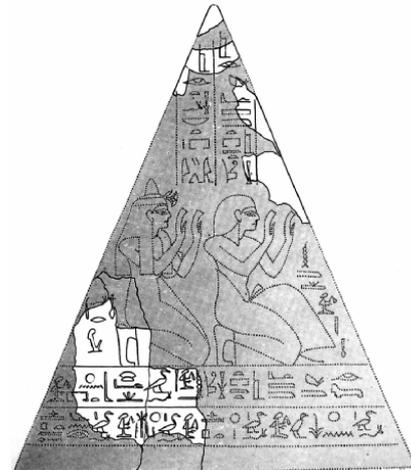


Figura 52: TT001 Sennedjem - BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. [PL XI].

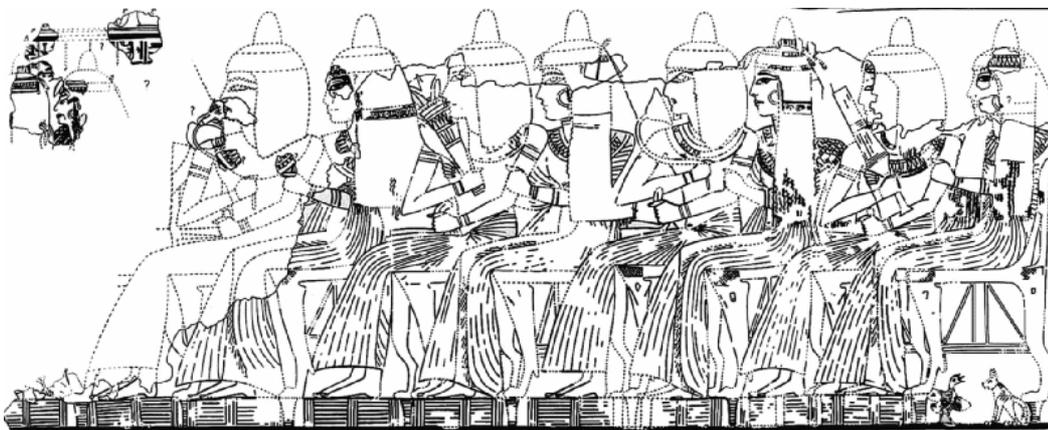
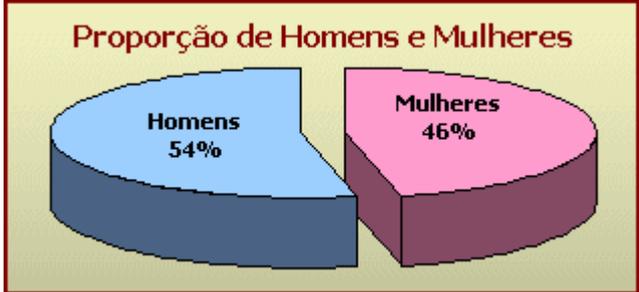


Figura 53: TT217 Ipyu - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXXVI].

Eixo Temático: Os donos da Tumba	
<p>Este eixo reúne a marca da propriedade. São o proprietário, sua esposa, filhos e demais familiares, e muitas vezes grupos de parentes. Aqui estarão reunidos todos aqueles que não foram colocados nas demais categorias. Muitos estão também nas cenas de oferendas funerárias</p>	
Tema:	
<p>O eixo temático e o tema neste caso se confundem. Os casais e grupos de parentes são as únicas temáticas que compõem este eixo.</p>	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Casais recebendo homenagens <i>(sem oferendas)</i> Casais sentados Casais de pé Casais de joelhos Casais com filhos Casais diante de hinos Grupos de parentes	 <p>Gráfico 6: Divisão sexual das cenas do tema "Casal e Parentes".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do proprietário8 Filha do Proprietário4 Mulheres não identificadas.....21	Abraça o marido 1 Adorando alguém..... 2 Fazendo homenagens 6 Fazendo oferendas..... 1 Impossível Definir..... 15 Nenhuma..... 4 Recebe homenagens..... 2 Recebe oferendas 2
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
Louvor	Pássaro
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>Os gestos e as posturas dos casais são bastante característicos. Quando de pé, os homens são sempre representados na frente da mulher (embora estejam lado a lado) com um pé diante do outro como se estivessem dando um passo. As mulheres, por sua vez, mantêm seus pés unidos, ou quase, e são representadas sempre atrás dos homens, o que indica um caráter secundário. Quando sentados, os casais mantêm a mesma organização citada acima, uma grande diferença é que muitas vezes as mulheres passam seus braços por trás das costas de seus companheiros, mas o contrário não foi constatado nenhuma vez neste grupo de imagens. Quando de joelhos, as mulheres na maior parte das vezes parecem estar com os dois joelhos apoiados no chão, os homens, por sua vez, com raras exceções, apóiam apenas um (vejam os dois exemplos apresentados na página</p>	

anterior).

No caso de grupo de parentes, em sua maioria, as cenas mostram um conjunto de vários casais, de pé ou sentados, sendo que neste último caso poderia tratar-se de um banquete.

Quanto às ações, não há muito o que dizer sobre isto em relação a este tema, os casais colocados nesta categoria foram aqueles que aparentemente não estavam executando nenhuma ação discernível.

Observações Gerais e Conclusões:

Em nossa opinião, ainda que haja uma irrefutável presença feminina nestas cenas, em sua maioria compostas de casais, é bastante clara a posição secundária da mulher em relação ao homem. Embora, como já dissemos, devamos considerar os casais como representados lado a lado, a figura masculina está sempre representada diante da figura feminina, a esposa pode eventualmente abraçar o esposo, mas o contrário não foi detectado neste conjunto de imagens.

As mulheres estão presentes, e parecem com raras exceções executar os mesmos gestos e se colocarem numa postura bastante semelhante, exceto aquela que indica a atividade dos homens quando de pé (as pernas afastadas) e a passividade feminina (as pernas juntas).

Consideramos que, embora as figuras mantenham um certo equilíbrio nesta porção das imagens, as figuras masculinas têm uma clara preponderância sobre a feminina.

2º Eixo Temático: Religião (*Stricto Sensu*)

Tema: Adoração



Figura 54: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

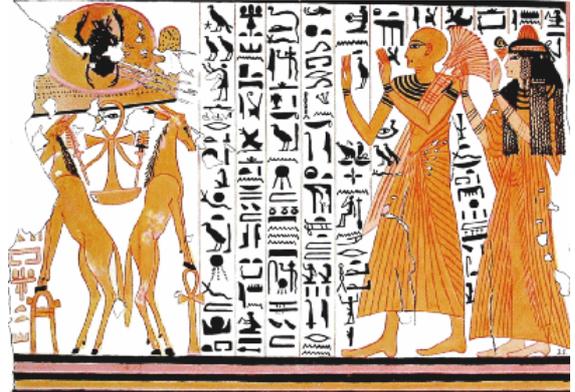


Figura 55: TT335 Nekhtamun - BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI.



Figura 56: TT002 Khabekhnet - BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI. [PL II, fig. B]. [CENA nº 17]



Figura 57: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XX].

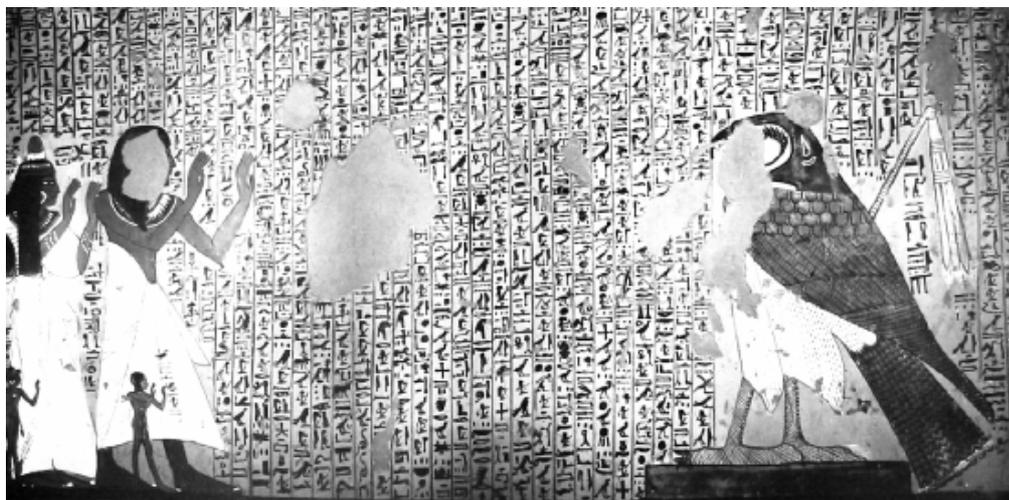


Figura 58: TT003 Pashedu - ZIVIE, Alan-Pierre. La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. [PL. 21]

Eixo Temático: Religião (*Stricto Sensu*)

É sem dúvida alguma o eixo com maior número de exemplos. Religião (*Stricto Sensu*) foi como denominamos o eixo que reúne as temáticas e cenas que claramente mostram atividades religiosas. Numa visão mais globalizante, todas as cenas representadas numa tumba seriam consideradas religiosas, já que o sentido dessas representações é exatamente isto, religioso; mas existem momentos em que podemos ver representadas cenas com temáticas variadas, como trabalho agrícola, banquetes, ou mesmo jogos, etc. São as ações de cunho estritamente religioso que estão reunidas aqui.

Tema: Adoração

O tema adoração é o mais freqüente de todos os listados aqui. Ao que tudo indica, a liberação do uso das cenas de cunho religioso nas tumbas de particulares fez com que houvesse um uso intenso desta temática em todas as tumbas. As cenas que fazem parte desta temática são compostas basicamente de uma ou mais pessoas numa postura clara de adoração diante de um ou mais deuses ou deusas, adoração diante de parte de deuses, ou de objetos divinos.

Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Adoração e oferendas aos deuses Adoração a barca divina Adorando os braços de Nut Adorando deus indefinido Adorando e entoando hinos Adorando deuses Adorando o disco do horizonte Adorando deusa árvore Adorando portal	<div data-bbox="805 1025 1444 1326" style="text-align: center;"> <p>Proporção de Homens e Mulheres</p> <p>Homens 50%</p> <p>Mulheres 50%</p> </div> <p data-bbox="853 1326 1396 1348">Gráfico 7: Divisão sexual das cenas do tema "Adoração".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do avô do proprietário1 Esposa do filho do proprietário4 Esposa do irmão do proprietário ..2 Esposa do proprietário47 Filha do proprietário4 Mãe do proprietário2 Menina não identificada.....1 Mulheres não identificadas.....42	Adora braços de Nut..... 1 Adora a barca divina 2 Adora algum deus..... 12 Adora deuses 77 Adora portal 1 Balança sistro 3 Bebe de piscina 1 Faz oferendas 1 Impossível definir 4 Recebe oferendas 1
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
Louvor, Oferenda	Sistro, Lótus, Garrafa

Postura, gestos habituais e ações:

A postura básica da adoração é de pé, com ambos os braços estendidos e as palmas das mãos levemente curvadas em direção ao objeto da adoração. Os homens, em todos os nossos exemplos, apareceram adiante das figuras femininas, e

com as pernas mostrando movimento, enquanto as mulheres são mostradas de uma forma passiva, com as duas pernas juntas.

Os homens podem estar sós ou acompanhados e podem eventualmente adorar os deuses com uma das mãos e com a outra fazer uma oferenda, sendo que preferimos deixar esta possibilidade para as cenas e temas relativos às oferendas aos deuses propriamente ditas, ou usar ambas as mãos. As mulheres igualmente usam uma ou duas mãos na mesma postura básica descrita acima. São representadas sempre atrás da ou das figuras masculinas, sendo que em sua maioria os artistas preferem mostrar casais. As mulheres algumas vezes adoram com uma das mãos, e na outra seguram uma flor de lótus, um objeto que parece ser uma garrafa, ou um sistro, um objeto que era sacudido como um chocalho, o que poderia indicar que ou a cena de adoração se dava acompanhada de cânticos ou era executada de forma ritmada o que faria da ação da mulher uma ação importante na cena. No entanto não nos aprofundamos nesta via de interpretação. Os homens por outro lado não foram apresentados segurando tal objeto nenhuma vez.

Observações Gerais e Conclusões:

Este é um dos mais numerosos temas com o qual trabalhamos, o mais nos daria informações sobre aquilo que viemos procurar. Queríamos saber até que ponto as mulheres participavam ou não nestas representações, e neste tema. Acreditamos que, através das informações recolhidas, conseguimos constatar que as mulheres, numa porção significativa dessas imagens, parecem realmente participar da ação, mas ao mesmo tempo seu papel secundário também nos ficou bastante óbvio.

2º Eixo Temático: Religião (*Stricto Sensu*)

Tema: Rituais Funerários



Figura 59: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XXIV].

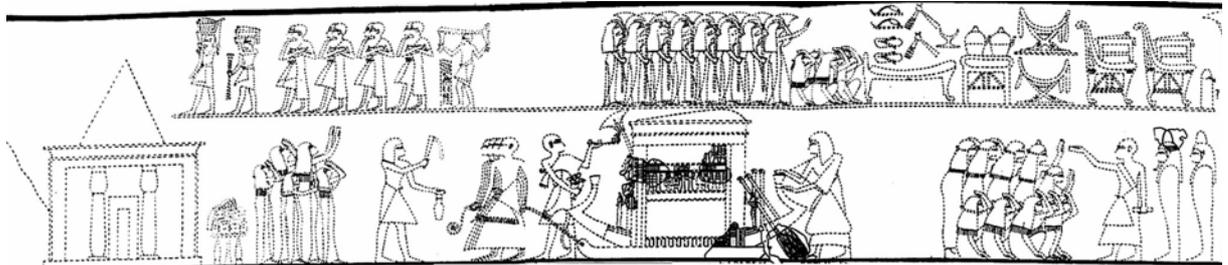
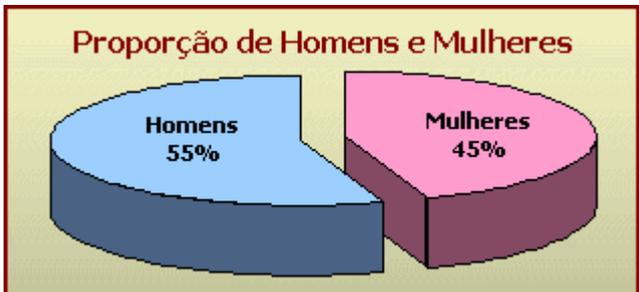


Figura 60: TT217 Ipy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].



Figura 61: TT250 Ra'mose - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927. [PL VI].

Eixo Temático: Religião (<i>Stricto Sensu</i>)	
(Apresentado no tópico anterior.)	
Tema: Rituais Funerários	
<p>O tema "Rituais funerários" reúne o conjunto de cenas representando o conjunto de ações que era ou deveria ser executado no momento do funeral. A procissão funerária muitas vezes nos apresenta uma variedade de cenas, e algumas vezes tentamos parti-las em seus módulos óbvios, mas nem sempre isto foi possível. A procissão de parentes aqui está dentro da procissão funerária, bem como ritos executados por sacerdotes, como a abertura da boca, que embora não esteja listado nas cenas individualmente, faz parte dos ritos e cerimônias funerárias.</p>	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Procissão Funerária Ritos Funerários Prestando homenagens Procissão de parentes Purificação Rito da Perna Esquerda	 <p>Gráfico 8: Divisão sexual das cenas do tema "Rituais Funerários".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do proprietário10 Lamentadoras59 Mãe da esposa do proprietário.....1 Menina não identificada.....4 Mulheres não identificadas.....65	Abraça o marido 1 Abre portões 1 Acompanha marido 1 Acompanha ritos 7 Adora deuses 10 Entoando cantos 2 Faz Homenagens 1 Faz Homenagens e oferendas 4 Guia as lamentadoras 1 Impossível definir 21 Lamenta 59 Nenhuma 7 Recebe homenagens 1 Recebe oferendas 2 Segue procissão 22
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
Louvor, lamentação	Lótus, garrafinha
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>Das cenas mais usuais neste grupo com que trabalhamos, a procissão funerária, as posturas e os gestos são variados, já que tal denominação reúne várias ações diferentes. Temos por exemplo o sacerdote que executa os ritos funerários diante das múmias normalmente apresentadas dentro de seus</p>	

sarcófagos. Este sacerdote é sempre do sexo masculino.

Existe também muitas vezes o carregamento da mobília funerária, e todos os carregadores são homens. No entanto dentre os participantes deste ritos estão as lamentadoras, que tanto podem ser mulheres da família, como ao que parece por causa de sua quantidade, também poderiam ser contratadas. Temos alguns poucos exemplos de homens nessa função, mas a maioria é sem dúvida de mulheres.

As lamentadoras estão de joelhos e alguma vezes de pé diante dos sarcófagos, mas também encontramos grupos de mulheres seguindo a procissão. Elas muitas vezes se abraçam aos sarcófagos e levam uma das mãos à cabeça. Os grupos às vezes são formados de personagens em várias posições, algumas de pé outras de joelhos, talvez para mostrar um grande número de lamentadoras, o que poderia significar que seu número é um tipo de indicativo. Talvez muitas lamentadoras significassem o quanto o falecido era apreciado, ou respeitado.

Muitas vezes a procissão funerária é acompanhada por um grupo de parentes (procissão de parentes) que apenas segue o cortejo. Existem também as ações de libação, rito da perna esquerda e da abertura da boca, mas todas estas são executadas por homens. A participação das mulheres nesta temática é realmente restrita, ou bem elas apenas parecem acompanhar o cortejo, ou bem elas agem como lamentadoras. Não vimos nenhum outro caso.

Observações Gerais e Conclusões:

Embora saibamos que em todos os casos apresentados aqui a maioria masculina seja irrefutável, este é um dos poucos temas onde as mulheres nestas cenas escolhidas são realmente minoria. Acreditamos que isso signifique que nestas representações as mulheres não tinham muito significado, e se não fosse pelas lamentadoras talvez tivéssemos contado muito menos mulheres ainda. De qualquer forma, as mulheres desta temática tinham uma função, ainda que seu papel secundário se mantenha.

2º Eixo Temático: Religião (*Stricto Sensu*)

Tema: Oferendas aos deuses



Figura 62: TT002 Khabekhnet - BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. *Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte*. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.



Figura 63: TT002 Khabekhnet - BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. *Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte*. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.



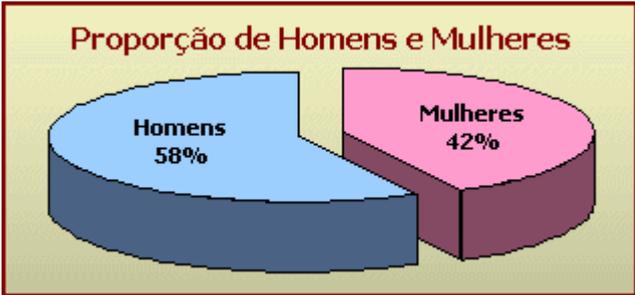
Figura 64: TT219 Nebemhat - MAYSTRE, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoires publiés par les membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.



Figura 65: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXIV].



Figura 66: TT211 Paneb - BRUYÈRE, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI [PL XXIII].

Eixo Temático: Religião (<i>Stricto Sensu</i>)	
(Apresentado no tópico inicial deste eixo.)	
Tema: Oferendas aos deuses	
O tema oferenda aos deuses é composto das cenas onde o proprietário – muitas vezes acompanhado por sua esposa, filhos, irmãos e pais – faz oferendas a um ou mais deuses ou deusas. As oferendas podem ser de incenso, libações, vasos, plantas, símbolos, etc.	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Libação aos deuses Oferenda de incenso Oferendas variadas aos deuses	 <p>Gráfico 9: Divisão sexual das cenas do tema "Oferendas aos deuses".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do filho do proprietário1 Esposa do proprietário12 Filha do proprietário3 Mãe do proprietário1 Mulher não identificada5	Acompanha marido 1 Adorando deuses 7 Fazendo oferendas 8 Impossível definir 5 Tocando flauta 1
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
Louvor e oferenda	Pássaro, lótus, sistro, flauta
Postura, gestos habituais e ações:	
As posturas habituais destas cenas são bastante semelhantes àquelas das cenas de adoração, com a diferença fundamental que uma ou ambas as mãos agora trazem as oferendas. O mais habitual, tanto para homens quanto para mulheres, é que uma das mãos esteja em posição de adoração e a outra traga a oferenda, mas também são comuns os casos onde as duas mãos estão ocupadas com o que vai ser oferecido. Homens e mulheres podem estar fazendo as oferendas, mas aqui como no tema anterior a presença masculina é maior nas imagens estudadas.	
Observações Gerais e Conclusões:	
Os temas religiosos são sem dúvida temas majoritariamente masculinos. As mulheres estão presentes, em sua posição secundária, vindo sempre atrás de seus maridos, irmãos, filhos ou pais. Este é o seu lugar.	

3º Eixo Temático: Descrições de Imentet

Tema: Água



Figura 67: TT003 Pashedu - KIHN, Danielle & Jack; BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.



Figura 69: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXX].



Figura 68: TT218 Amennakht - VANDIER, Jacques. Egypt. Paintings from tombs and Temples. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. [PL. V].

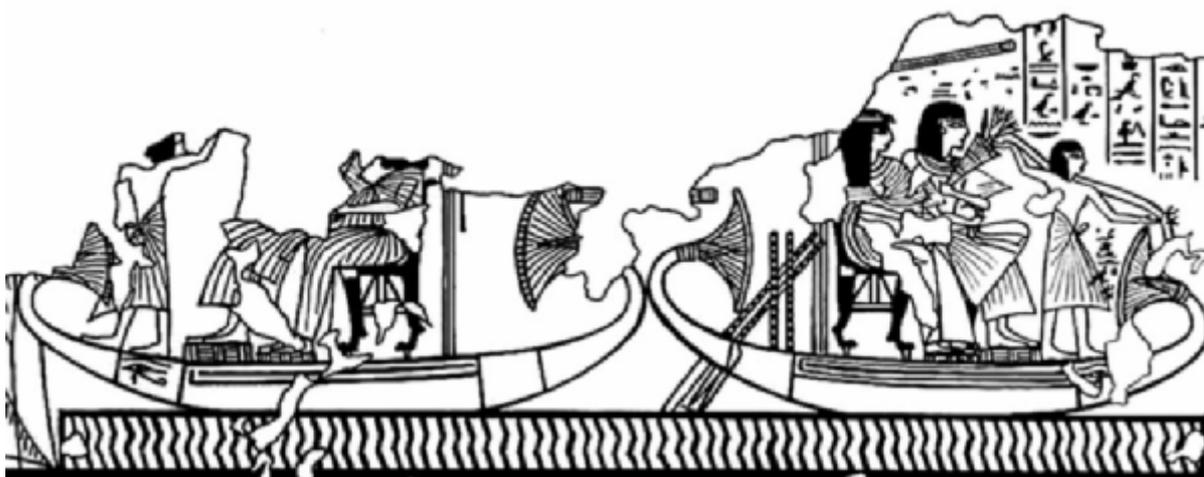


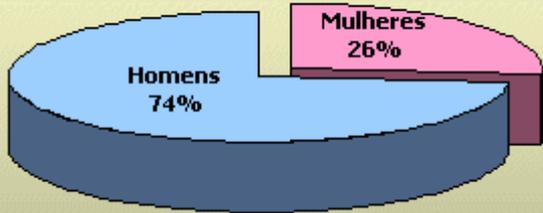
Figura 70: TT360 Kaha - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933. [PL XXX].

Eixo Temático: Descrições de Imentet

A palavra Imentet, para os egípcios, tinha diversas aplicações: era, por exemplo, o nome da deusa amiga dos mortos que os recepcionava no submundo, era também o nome aplicado à margem oeste do Nilo - onde ficavam as tumbas e os cemitérios; e era o nome do próprio mundo dos mortos, o local para onde Rá viajava durante a noite. Neste eixo, estarão reunidos os temas que se preocupam principalmente com a questão da sobrevivência no mundo dos mortos. Os mortos precisavam receber alguns artigos básicos como água, ar, alimento e, para isto, além das oferendas propriamente ditas que deveriam ser feitas, as cenas agrícolas produziam alimento, enquanto as cenas de oferendas propriamente serviriam para suprir as oferendas reais, caso elas deixassem de ser feitas. As cenas relativas à água (barco, beber, etc) ou ar (velas de barco, por exemplo) supriam as necessidades de ar e de água por sua vez. Este eixo então reunia aquelas cenas que iriam assegurar ao morto sua vida após a morte.

Tema: Água

Como dito acima este tema reúne as cenas que têm a ver com água, barcos e ar. Não separamos nenhuma cena de ar aqui, já que aquelas onde detectamos tais motivos foram classificadas em outros temas. De qualquer forma tal tema nos parece suficientemente representado.

Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Bebendo de um lago Casal numa barca Peregrinação a Abidos	<div data-bbox="805 1209 1436 1512" style="border: 1px solid red; padding: 5px;"> <p style="text-align: center; color: red;">Proporção de Homens e Mulheres</p>  <p style="text-align: center;">Homens 74% Mulheres 26%</p> </div> <p style="text-align: center;">Gráfico 10: Divisão sexual das cenas do tema "Água".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do proprietário5 Mulheres não identificadas.....1	Impossível definir 1 Seguindo no barco 5
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
-	-
Postura, gestos habituais e ações:	
Bebendo de um lago, aparece apenas uma vez neste grupo, embora apareça uma vez numa cena dentro de outra maior que foi classificada no tema adoração. E apesar do único personagem lógico ser um homem, ele é na verdade acompanhado de uma mulher, embora esta faça parte de outra cena contígua. Neste único	

exemplo, o homem está completamente curvado, com sua cabeça bem próxima à água; há pelo menos um exemplo nesta outra cena de uma personagem feminina que acompanha seu marido, e ambos bebem de um lago enquanto adoram a deusa árvore.

Nas cenas nos barcos, o casal usualmente está sentado e por vezes estão presentes outras pessoas: filhos que acompanham o casal, ou homens que guiam o barco. Os casais sentados apresentam-se como todos os outros em cenas de casais sentados, sendo que por vezes não têm nada nas mãos e outras vezes carregam algum objeto: uma planta, um buquê, etc. Muitas vezes um casal num barco significa a peregrinação a Abidos, cidade onde todos deveriam ir ao menos uma vez em vida. A representação da viagem aqui poderia ser a lembrança, ou a realização da própria viagem através da representação, se por acaso o falecido nunca tivesse ido.

Observações Gerais e Conclusões:

Este é um tema quase que absolutamente masculino. Praticamente três quartos das personagens são homens, e as mulheres presentes mantêm seu papel secundário, sendo apenas meras acompanhantes.

3º Eixo Temático: Descrições de Imentet

Tema: Trabalho



Figura 71: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.



Figura 72: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.



Figura 73: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.



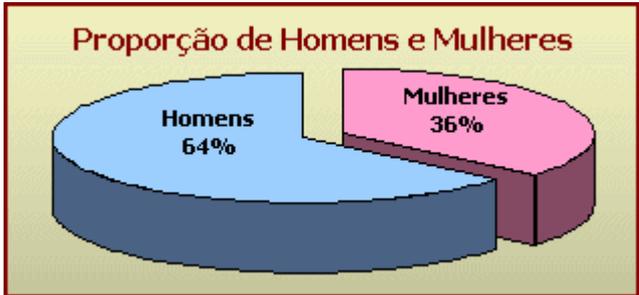
Figura 74: TT215 Amenemopet - JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) [PL XXII].



Figura 75: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].



Figura 76: TT217 Ipuy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].

Eixo Temático: Descrições de Imentet	
(Apresentado no tópico anterior.)	
Tema: Trabalho	
<p>Este tema não deixa de ser uma reminiscência das temáticas das tumbas mais antigas. Antes tão abundante, agora faz parte de um grupo bastante reduzido nas representações usuais. São, como o próprio nome do tema sugere, as cenas que nos mostram trabalho e em sua maioria trabalhos agrícolas. Temos aqui também exemplos de cenas ligadas ao comércio, um exemplo do barco sendo carregado, e da troca propriamente dita.</p>	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Plantio Arrancando Linho Colheita Cenas de Mercado Barco sendo carregado	 <p>Gráfico 11: Divisão sexual das cenas do tema "Trabalho".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do proprietário4 Mulheres não identificadas.....9	Ajuda a carregar feixes..... 1 Arrancando linho 3 Espalha sementes 3 Recolhe espigas..... 2 Vende 4
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
–	Bolsa, bolsa de sementes
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>Os gestos e ações nas cenas agrícolas são bastante significativos e não deixam muitas dúvidas. Como tais cenas são puramente ritualísticas as mulheres aparecem fazendo os mesmos trabalhos que os homens, e é claro que são os proprietários que realizam os trabalhos. As vestimentas compridas e bem feitas, separam definitivamente tais cenas de outras mais antigas, quando os trabalhadores sem identificação eram os representados. Por conta disso as mulheres, embora em menor número, executam as tarefas masculinas. Somente nas cenas de comércio as mulheres ocupam um lugar real, já que pelo que se sabe eram, pelo menos em Deir el-Medina, as mulheres que levavam os produtos aos mercado para trocar por outros tipos de mercadoria. Nas cenas de mercado as mulheres estão agachadas diante de uma cesta e apresentam suas mercadorias aos interessados.</p>	

Observações Gerais e Conclusões:

Aqui também temos uma presença significativamente maior de homens do que de mulheres, mas por outro lado, elas nas cenas agrícolas executa funções não comuns a seu gênero. Há no entanto uma clara divisão de importâncias nas cenas estudadas. Dentre as cenas agrícolas, a única ação a que se atribuiria igual peso a homens e mulheres estaria na cena em que ambos arrancam as hastes de linho. O casal executa a mesma ação, mesmo estando o homem diante da mulher. Nas outras cenas agrícolas existem diferenças fundamentais. Nas cenas de plantio, o homem passa o arado, a mulher joga as sementes e, nas cenas de colheita, o homem serra os caules dos cereais com sua foice, enquanto as mulheres recolhem o que é colhido.

São dúvida cenas rituais, mas acreditamos que existem interessantes possibilidades interpretativas. O caso das mulheres estarem executando funções a princípio masculinas poderia, por exemplo, nos mostrar que no outro mundo as mulheres tinham seu quinhão, mas teriam que fazer sua parte seja ela qual fosse, e no caso das diferenças de funções, poderia apenas reafirmar o papel secundário feminino.

3º Eixo Temático: Descrições de Imentet

Tema: Oferendas Funerárias



Figura 77: TT005 Nefer'abet - VANDIER, Jacques. Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX. [PL V Fig. 2].

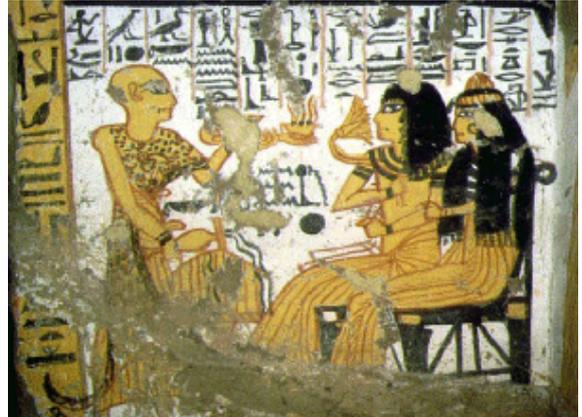


Figura 78: TT219 Nebenma'et - BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d



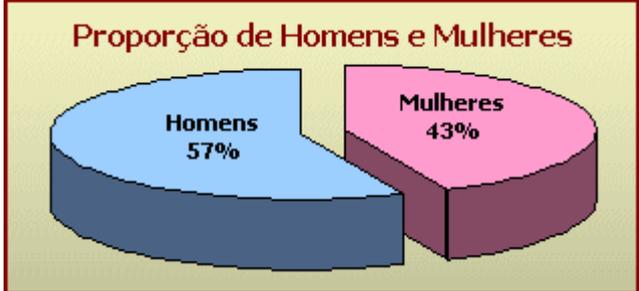
Figura 79: TT217 Ipy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].



Figura 80: TT335 Nekhtamun - BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.



Figura 81: TT219 Nebenma'et - MAYSTRÉ, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

Eixo Temático: Descrições de Imentet	
(Apresentado no tópico inicial deste eixo.)	
Tema: Oferendas Funerárias	
<p>O tema oferendas funerárias é semelhante ao tema denominado oferendas aos deuses; a diferença fundamental é que as oferendas funerárias são feitas ao falecido e a sua esposa. A idéia aqui seria suprir qualquer tipo de falha que pudesse ocorrer nas oferendas que deveriam ser feitas de verdade nas tumbas, as cenas de oferendas funerárias seriam então como um seguro caso as de verdade não ocorressem como previstas.</p>	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Casal diante de oferendas Oferecendo incenso e libação Oferendas	 <p>Gráfico 12: Divisão sexual das cenas do tema "Oferendas Funerárias".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do filho do proprietário1 Esposa do irmão do proprietário ..1 Esposa do proprietário11 Filha do proprietário6 Irmã da esposa do proprietário...1 Irmã do proprietário2 Mulheres não identificadas.....7	Faz oferendas 7 Impossível definir 2 Recebe oferendas 20
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
Oferenda, louvor	Oferendas variadas
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>As cenas de oferenda funerária típicas pode ser assim descritas: um casal, comumente o proprietário da tumba e sua esposa (algumas vezes acompanhados dos filhos), sentados lado a lado, recebiam oferendas variadas de seus filhos, seus familiares ou de sacerdotes. Muitas vezes são representadas mais de uma vez numa mesma tumba. Tanto no casal que recebe as oferendas como naqueles que as fazem podemos mais uma vez perceber claramente a primazia masculina.</p>	
Observações Gerais e Conclusões:	
<p>Ainda que tenhamos que perceber os pares masculino e feminino como lado a lado, sempre vamos encontrar a mesma composição: os homens diante das mulheres. Não vimos muita variação de tamanho nesses casais de proprietários, mas a mulher é em nossa opinião uma personagem coadjuvante. Não se pode prescindir de sua presença, mas seu papel é bastante claro. Ela apenas deve manter o equilíbrio do casal e nada mais.</p>	

4º Eixo Temático: Vida Cotidiana

Tema: Banquete

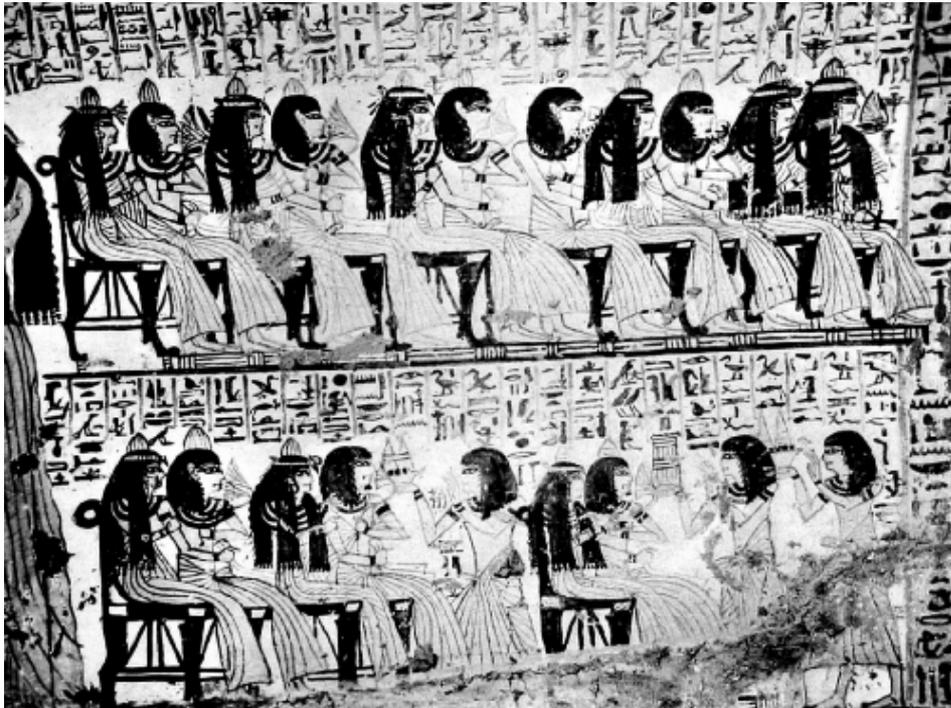


Figura 82: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI.

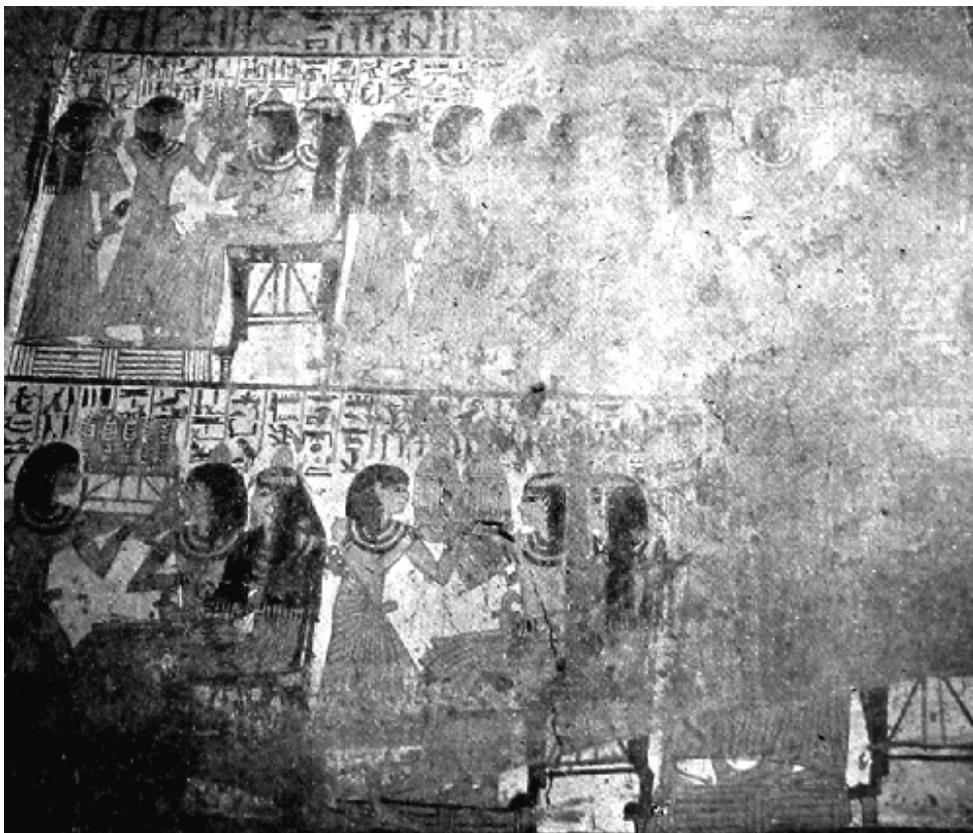
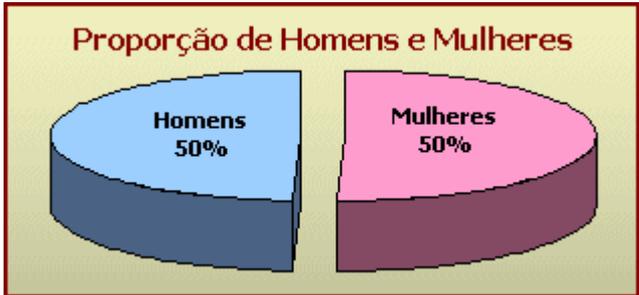


Figura 83: TT336 Neferronpet - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. [Pág. 89 Fig. 59].

Eixo Temático: Vida Cotidiana	
<p>O eixo Vida Cotidiana reflete basicamente aquilo que se quer guardar do cotidiano conhecido neste mundo, o mundo dos vivos, como também o desejo que se tem de prolongá-lo.</p>	
Tema: Banquete	
<p>O tema Banquete, como seu nome já nos dá uma indicação, reúne as cenas de banquetes. Tais banquetes poderia ser a representação daquele que aconteceria logo após as cerimônias fúnebres, como também poderia representar a necessidade de divertimento e festas que se teria no mundo dos mortos.</p>	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Banquete	 <p>Gráfico 13: Divisão sexual das cenas do tema "Banquete".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do proprietário2 Filha do proprietário1 Mãe do proprietário1 Mulheres não identificadas.....47	Faz oferendas 5 Impossível definir 3 Nenhuma..... 5 Participa do banquete..... 28 Recebe libação/ Oferendas 3 Serve em banquete 7
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
–	–
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>As cenas de banquete são compostas basicamente de grupos de casais mais um ou uma atendente. O casal está habitualmente sentado, e o atendente oferece alguma coisa. Os casais estão em sua postura habitual, o homem um pouco mais a frente da mulher e, por vezes, as mulheres abraçam seus maridos.</p>	
Observações Gerais e Conclusões:	
<p>As cenas de banquete a que tivemos acesso nem sempre apresentaram claramente todos os seus detalhes, mas ainda assim acreditamos que as mulheres mantêm seu papel secundário nestas cenas, como em todas as outras vistas até agora.</p>	

4º Eixo Temático: Vida Cotidiana

Vida Cotidiana



Figura 84: TT210 Ra'weben - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. [Pág. 23 Fig. 16].



Figura 85: TT217 Ipy - DAVIES, Norman de Garis. Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V) [PL XXVIII].



Figura 86: TT219 Nebenma'et - MAYSTRE, Charles. Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219). Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI. & BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.



Figura 87: TT335 Nekhtamun - BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926. [Pág. 122 Fig. 84].

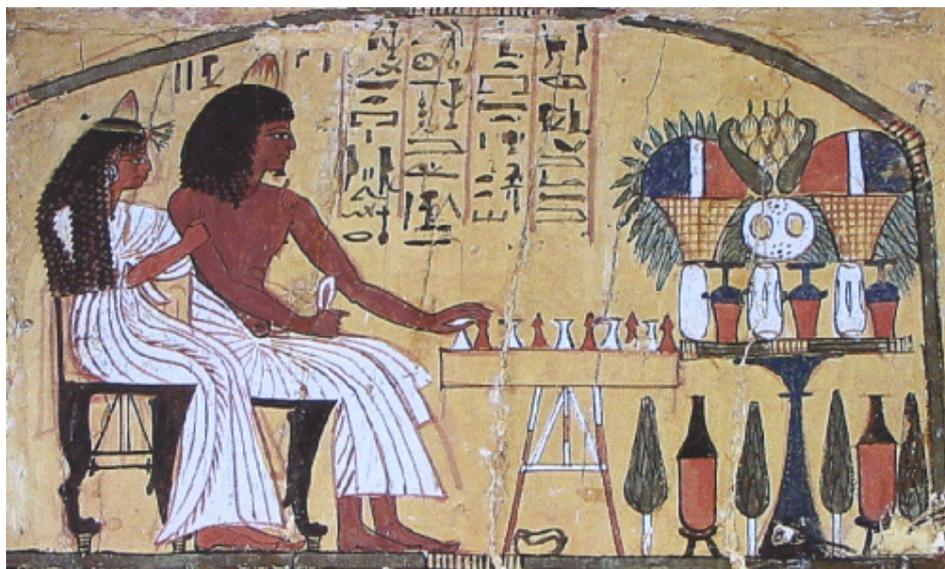
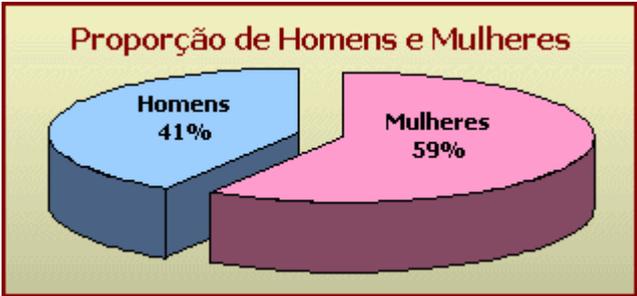


Figura 88: TT001 Sennedjem - SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.

Eixo Temático: Vida Cotidiana	
(Apresentado no tópico anterior.)	
Tema: Vida Cotidiana	
O tema Vida Cotidiana reúne basicamente as cenas ligadas à diversão, e outras mais que tenham a ver com o dia-a-dia.	
Cenas que compõem o tema:	Divisão Sexual das Cenas
Caça de patos Cuidados com uma senhora Diante da vela de ano novo Jogando jogos de tabuleiros	 <p>Gráfico 14: Divisão sexual das cenas do tema "Vida Cotidiana".</p>
Mulheres Presentes:	Ações femininas
Esposa do irmão do proprietário ..2 Esposa do proprietário4 Filha do proprietário1 Mulheres não identificadas.....3	Ajeita penteado 1 Ajuda na caça 1 Assiste jogo 1 Faz oferendas 1 Joga um jogo 3 Nenhuma..... 3
Gestos usuais:	Objetos eventuais:
-	Jogo
Postura, gestos habituais e ações:	
<p>Nas cenas relativas aos jogos de tabuleiro, o jogo nas cenas estudadas, parece ocorrer entre um casal, que por vezes está sentado lado a lado, sendo que num dos exemplos o casal está de fato lado a lado. Quando um diante do outro, pode acontecer de uma segunda mulher estar atrás do homem, como se pode observar numa das cenas dadas como exemplo. O casal diante da vela do ano novo está na postura habitual de casais sentados, lado a lado na realidade, e na representação o homem a frente da mulher e o casal tem atrás de si mais um casal. Na única cena de cuidado com uma senhora, uma mulher sentada é atendida por duas servas de pé representadas em menor tamanho. No último tipo de cena deste tema, o proprietário é a figura mais chamativa da composição: está de pé, com as pernas bem afastadas braços abertos, numa das mãos segura uma ave, e na outra um bumerangue. Sua esposa sentada a seus pés parece segurar um dos pássaros. O proprietário é assistido por um homem não identificado que poderia ser um filho ou um servo.</p>	
Observações Gerais e Conclusões:	
Embora este tema pareça apresentar uma maioria de mulheres nas cenas,	

sabemos que esta maioria é relativa, já que não analisamos todas as cenas disponíveis das tumbas, e sim aquelas em que as mulheres apareciam. Com exceção da cena de cuidado de uma senhora, onde ela aparece claramente em destaque, em nenhuma das outras tal idéia é repetida. Talvez se tivéssemos usado também as ostracas com rascunhos ou outras estelas votivas encontradas fora das tumbas, pudéssemos encontrar algum outro tipo de resultado, mas a nosso ver a posição feminina é clara. As mulheres estão presentes, são representadas várias vezes fazendo atividades importantes, mas seu papel coadjuvante é bastante claro.

Resumo geral das cenas, temas, e eixos temáticos trabalhados com a contagem de homens e mulheres presentes

Eixos Tem.	Cenas Total Eixos	Mulh. Total	Hom. Total	Temas	Cen. Total Temas	Mulh. Total	Hom. Total	Sub-Temas	Cenas Total Sub Temas	Mulh. Total	Hom. Total	Id cenas
1. Os donos da Tumba	12	33	38	Casal e Parentes	12	33	38	Casal	1	1	1	70
								Casal diante de hinos	1	1	1	167
								Casal de joelhos	1	1	1	5
								Casal e Filhos	1	2	2	73
								Casal sendo homenageado	4	16	17	36, 37, 38, 153
								Casal sentado	2	2	2	6, 35
								Grupo de parentes	2	10	14	79, 89
2. Religião (Stricto Sensu)	102	263	305	Adoração	66	102	104	Adoração de deuses e oferendas	1	1	5	43
								Adorando a Barca Divina	1	2	2	81
								Adorando Alguém	4	7	7	45, 122, 151, 152
								Adorando Braços de Nut	1	1	1	145
								Adorando e entoando hinos	3	3	3	62, 90, 95
								Adorando Deuses	52	83	81	1, 2, 7, 10, 11, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 47, 51, 52, 53, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 71, 72, 74, 75, 92, 110, 112, 113, 119, 120, 121, 123, 128, 129, 142, 143, 154, 155, 165, 166
								Adorando o Disco do Horizonte	1	1	1	124
								Adorando Portal	1	1	1	131
								Deusa Árvore	2	3	3	4, 138
								Rituais Funerários	27	139	171	Abrindo Portões
				Cerimônias Funerárias	1	2	4	168				
				Entoando Cantos	2	2	1	41, 69				
				Pesagem	1	1	1	150				
				Prestando Homenagens	1	2	1	136				
				Procissão de parentes	7	47	45	8, 28, 115, 116, 117, 118, 126				
				Procissão Funerária	8	66	99	67, 68, 80, 94, 102, 108, 111, 127				
				Purificação	1	1	2	137				
				Rito da perna esquerda	2	3	11	147, 162				
				Ritos Funerários	3	14	6	114, 125, 132				
				Oferenda aos Deuses	9	22	30	Libação aos deuses	1	1	1	76
				Oferecendo Incenso aos deuses				1	2	2	58	
				Oferendas à deuses				7	19	27	15, 18, 20, 44, 46, 77, 99, 106, 109, 139, 164	
				3. Descrições de Inmetet	38	48	76	Água	6	6	14	Bebendo de um lago
Casal numa barca	1	1	1									26
Peregrinação à Abidos	4	5	13									148, 149, 159, 160, 161
Trabalho	13	13	23					Arrancando Linho	3	3	3	13, 50, 82
								Barco sendo Carregado	1	1	6	87
								Cenas de Mercado	2	4	4	86, 88
								Colheita	4	2	7	12, 49, 66, 84
Oferendas Funerárias	19	29	38					Plantio	3	3	3	14, 48, 83
								Casal diante de oferendas	1	1	1	101
								Oferecendo Incenso e libações	1	1	1	100
Oferendas Funerárias	17	27	36	29, 55, 73, 78, 93, 97, 98, 101, 105, 130, 132, 133, 135, 156, 157, 158, 163, 169, 170								
4. Vida Cotidiana	12	61	57	Banquete	6	51	50	Banquete	6	51	50	9, 42, 96, 104, 140, 144, 146
								Caça de patos nos pântanos	1	1	2	85
				Vida Cotidiana	6	10	7	Cuidados com uma senhora	1	3	0	54
								Diante da vela do Ano Novo	1	2	2	134
								Jogando Jogos de Tabuleiro	3	4	3	3, 40, 107

Tabela 10: Resumo geral das cenas, temas, e eixos temáticos trabalhados com a contagem de homens e mulheres presentes.

3. Conclusões acerca da iconografia

O resultado é bastante claro. A presença e a atividade das mulheres são irrefutáveis, suas ações muitas vezes são indiscerníveis qualitativamente das ações masculinas, mas não importa o que elas façam em algumas das imagens, sua posição em relação aos homens é bem definida: as mulheres aparecem como personagens coadjuvantes e, com certeza, sem a sua presença as imagens seriam de uma artificialidade impossível; mas, ainda que importantes, elas com certeza, através do que estivemos mostrando, são personagens secundárias.

Do total de homens e mulheres, com uma única exceção, e mesmo assim muito pequena, temos a maioria masculina, como podemos verificar abaixo:

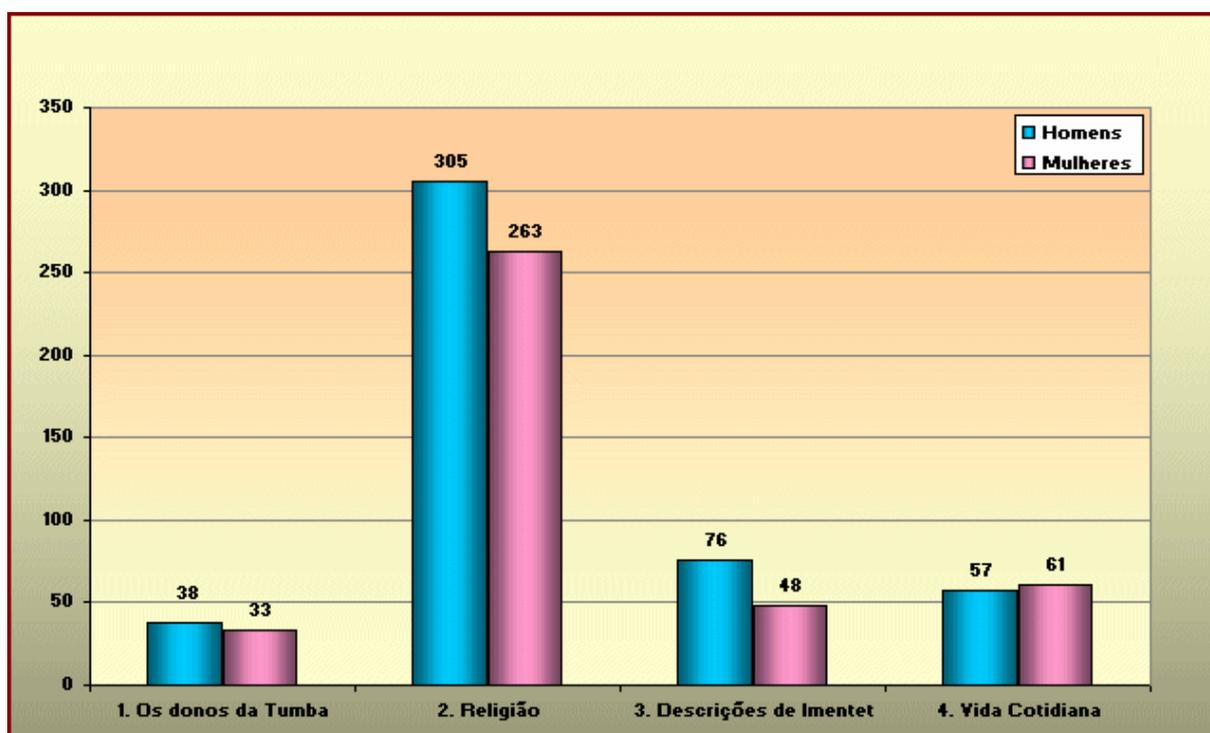


Gráfico 15: Distribuição geral de homens e mulheres nos eixos temáticos

Se lembrarmos que nosso recorte das cenas priorizou apenas aquelas em que as mulheres estavam presentes, acreditamos ficar bastante claro que a maioria absoluta é de figuras masculinas.

Um outro ponto interessante são as diferentes formas como as mulheres são identificadas na família. Sabemos que os níveis de parentesco, excetuando os bem próximos, eram identificados de forma relativa: "o pai da esposa", "o filho de meu irmão", etc. No caso das mulheres, embora a maioria com que lidamos fossem mulheres não identificadas (200 em 305), as outras se dividiram como demonstra o quadro a seguir.

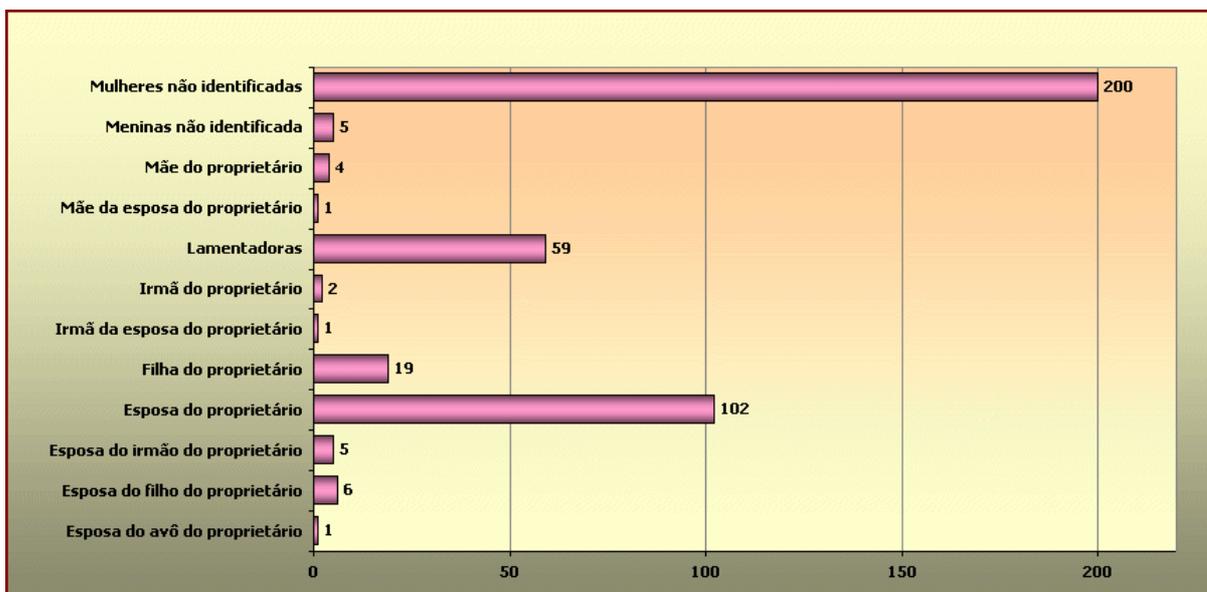


Gráfico 16: Funções femininas mais usuais

As mulheres estão presentes, elas estão muitas vezes ativas, outras apenas observam a ação, ou são o ponto receptor da ação.

Das ações femininas levantadas, podemos verificar que há um grupo de ações cuja atividade parte das mulheres, como também existem aquelas que são recebidas pelas mulheres, o que seria melhor categorizado como um ato de observação.

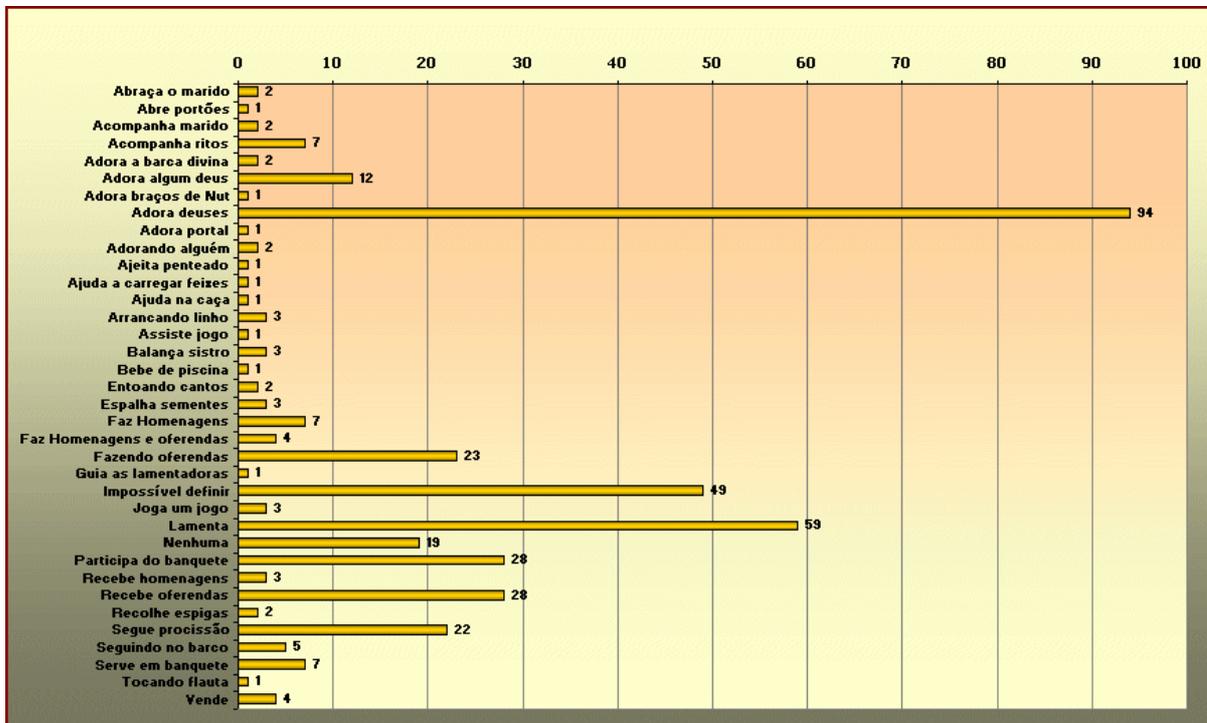


Gráfico 17: Ações femininas mais usuais

Das ações listadas acima então podemos visualizar dois grupos relativamente claros: aquele que chamaremos o grupo das atividades reais, e o das observações.

Tipos de ações realizadas pelas mulheres

Atividades reais	Apenas observação
Abraça o marido	Acompanha marido
Abre portões	Acompanha ritos
Adora a barca divina	Assiste jogo
Adora algum deus	Nenhuma
Adora braços de Nut	Participa do banquete
Adora deuses	Recebe homenagens
Adora portal	Recebe oferendas
Adorando alguém	Seguindo no barco
Ajeita penteado	
Ajuda a carregar feixes	
Ajuda na caça	
Arrancando linho	
Balança sistro	
Bebe de piscina	
Entoando cantos	
Espalha sementes	
Faz Homenagens	
Faz Homenagens e oferendas	
Fazendo oferendas	
Guia as lamentadoras	
Joga um jogo	
Lamenta	
Recolhe espigas	
Segue procissão	
Serve em banquete	
Tocando flauta	
Vende	

Tabela 11: Tipos de ações realizadas pelas mulheres

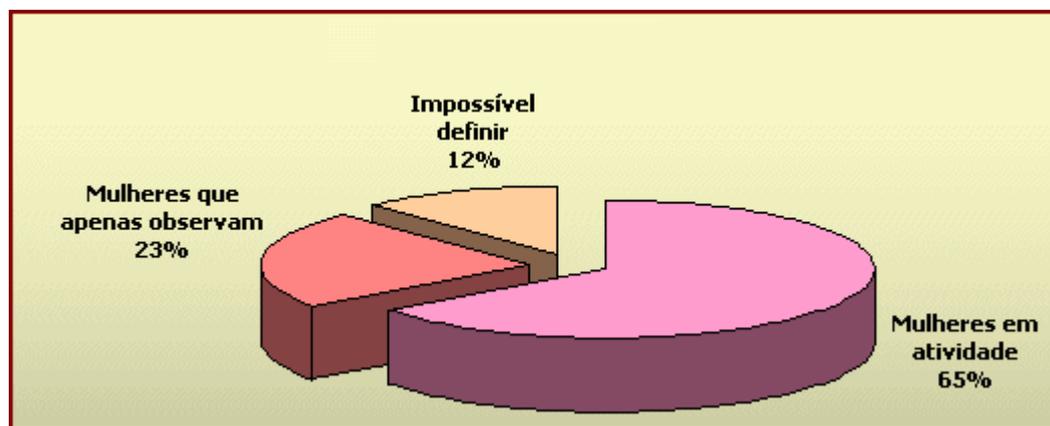


Gráfico 18: Tipos de ações realizadas pelas mulheres

Com um índice de de 65% de participação nas atividades contra os 23% de aparente inatividade e dos 12% que não fomos capazes de identificar, consideramos que não há realmente dúvida quanto a este ponto. A participação é um fato confirmado.

4. *As mulheres vistas através dos textos sapienciais, dos poemas de amor e de algumas cartas de cunho pessoal*

Um outro aspecto que precisa ser levado em consideração, ainda que não o tratemos com a devida profundidade, é a imagem da mulher na literatura.

Apesar dos problemas de preconceito – porque a maior parte dos textos foram escritos por homens da classe dos escribas, e a maioria dos monumentos encomendados e executados por homens – e o caráter incompleto de nossas fontes primárias, temos quase sempre o perigo de uma imagem distorcida se aceitarmos as informações decorrentes dessas fontes ao pé da letra. Por outro lado, nem as composições literárias, nem os monumentos deste grupo de homens, a elite masculina do antigo Egito, foram criados aleatoriamente, mas ao contrário eles refletem o ideal masculino desta parcela da sociedade. Desta forma, ao estudar tal material podemos ter uma idéia dos ideais masculinos sobre a mulher e seu espaço na sociedade, e os tipos de comportamentos que podem ter sido deixados de fora dos limites prescritos.

Restrigiremos nossos exemplos aos textos produzidos durante o período conhecido como Reino Novo ou próximo a ele.

Haveria uma verdadeira literatura no Antigo Egito? O professor Ciro Cardoso, em seu artigo "Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no 2º milênio a. C." nos fala sobre isto.

"Acreditou-se outrora que o discurso literário fosse uma categoria especial na tipologia geral dos discursos, marcada por uma mítica literariedade, inefável e de fato impossível de definir no sentido em que se tomava o termo: a qualidade específica daquilo que é literário. Em reação a tal pseudoconceito, quis-se ligar o fato literário a uma conotação sociocultural. Haveria, assim, textos socioliterários, nas sociedades que definem com clareza o status dos autores, do que seriam textos literários e seus gêneros (governados por regras relativamente explícitas ou pelo menos identificáveis pela análise), e ainda, um público consumidor. Nos outros casos históricos – em particular, no aqui interessa, no antigo Oriente Próximo –, dever-se-ia falar meramente de textos etnoliterários, ou seja, que em suas culturas de origem desempenhavam funções não-literárias (rituais, por exemplo), mas que nós escolhemos tratar como se literários fossem."²¹³

O Egito aparece, quanto a isto, como caso sui generis no antigo Oriente Próximo. Desde aproximadamente 2000 a.C. temos textos provenientes de um ambiente – sem dúvida restrito – de escribas cortesãos (ou próximos à corte faraônica), seus produtores e consumidores principais, não se podendo excluir a possibilidade da leitura em voz alta – que, no entanto, ignoramos se foi habitual –; não cabe dúvida, porém, de que a origem dessa produção de textos foi, como aliás teria de ser em se tratando da primeira literatura stricto sensu do mundo, a oralidade popular dos poetas e contadores de histórias. O importante para o que estamos discutindo é que tais textos tinham por função principal a de uma literatura que associava o ensinamento ao lazer. Os diversos gêneros surgidos seguiam princípios do que foi chamado de decoro aplicável aos textos; princípios, por certo, variáveis

²¹³ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989, pp. 262-4.

*ao longo do tempo, relativos àquilo que podia ou não ser escrito ou pictoricamente representado em cada categoria de monumento monárquico, templário ou privado, bem como nos textos literários redigidos habitualmente em papiros. Transparece nos escritos uma ideologia de corte e de exaltação à escrita e ao escriba. O autor pode ou não ser especificado, segundo certas regras: por exemplo, não o é quando põe por escrito ou combina relatos orais tradicionais, pois para um egípcio neste caso não existia "autoria" efetiva.*²¹⁴

Acreditamos desta forma que com todos os descontos que pudéssemos dar a uma língua e uma literatura em formação no caso do Egito antigo, estaremos tratando com uma verdadeira literatura, e ainda que sua difusão não fosse ampla, ficando restrita a alguns ambientes, para nosso propósito, o mais importante é com certeza a idéia da figura feminina na composição dos referidos textos, muito mais do que no alcance de sua difusão.

Numa tentativa de organizar os textos egípcios, Emanuel Araújo isolando os conjuntos por seus conteúdos, chega a seis formas principais de expressão literária no Egito antigo. 1) Literatura fantástica; 2) Literatura Aventuresca; 3) Literatura dramática; 4) Literatura Crítica; 5) Literatura gnômica (ou sapiencial); e por último a 6) Literatura lírica.²¹⁵

Dos textos que destacamos por conta de sua data (provável) de produção e por tratarem do assunto que nos interessa aqui, teremos exemplos da literatura fantástica, com o "Conto dos dois irmãos", da literatura dramática com o conto "Verdade e Mentira", com literatura sapiencial e com a literatura lírica, exemplificada aqui pelos poemas de amor.

O último grupo de fontes escritas, são cartas pessoais escritas pelo pessoal de Deir el-Medina.

4.1. As mulheres na literatura sapiencial

Procuraremos dar uma rápida idéia das possíveis informações provenientes do conjunto de textos conhecido entre os pesquisadores atuais como Literatura Sapiencial ou Didática e, entre os egípcios, como Instruções.

Diferentemente dos homens, não existem para as mulheres tais Instruções, ou diretivas de qualquer espécie, para que possamos formar um quadro de como as mulheres achavam que deveriam se comportar ou qual seria o lugar aceito na sociedade para elas. Não há nenhum exemplo de literatura Didática para mulheres,

²¹⁴ **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no 2º milênio a. C." In: **FUNARI**, Pedro Paulo A. *et alii. Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: Editora UNICAMPO, 2003, pp. 49-94. (usando aqui um texto cedido pelo autor). pp. 2-3.

²¹⁵ **ARAÚJO**, Emanuel. *Escritos para a eternidade. A literatura no Egito faraônico*. UnB: Brasília, 2000. pp.53-56.

ou feitas por mulheres. As referências sobre as mulheres nos textos sapienciais existentes são casuais, rápidas e por vezes enigmáticas.

Embora os documentos administrativos nos mostrem as mulheres como tendo um grau considerável de independência econômica e podendo tomar decisões unilaterais para administrar, distribuir ou mesmo ampliar suas propriedades pessoais, a literatura Didática, escritas por homens, para uso exclusivo de homens por outro lado, indica dependência da parte feminina.

As Instruções são textos que normalmente tomam a forma de um homem mais velho dirigindo-se a um mais novo. Durante os Reinos Antigo e Médio, o autor se diz um pai aconselhando seu filho, no Reino Novo esta fórmula é mudada e começam a aparecer exemplos de textos onde um escriba de mais idade instrui seus aprendizes. Existem quatro exceções a este formato.

*"(a) a Instrução a Kagemni, (b) a Instrução Legalista, (c) a Instrução do Alto Sacerdote Amenemhet e (d) o Onomástico de Amenemope. Na conclusão da Instrução de Kagemni, parece que o pai se dirige a todos os seus filhos. Entretanto, os pronomes e as formas verbais no corpo do texto indicam que este estava sendo dirigido a apenas um homem, e é possível que Kagemni, enquanto um filho mais velho, era o responsável pela disseminação e implementação dessas Instruções entre seus irmãos. As Instruções Legalistas e a Instrução do Alto Sacerdote Amenemhet são certamente dirigidas a todos os filhos dos respectivos autores, enquanto que o Onomástico de Amenemope é tida como uma instrução para 'ensinar o ignorante'."*²¹⁶

Não há nenhum exemplo existente de uma Instrução escrita por um pai para sua filha, ou por uma mãe para seu filho, ou por uma mãe para sua filha.

Dos vários textos de Instrução do Reino Novo, apenas alguns nos dão informações sobre as mulheres. São eles, as Instruções de Ani e as Instruções de Amenemope, e dois grupos de textos designados respectivamente como Instruções Educacionais e Antigos Escritos.

As mulheres, na literatura sapiencial do Reino Novo, podem ser divididas em duas categorias: aquelas da família imediata (esposa, mãe e viúvas) e aquelas fora da família (mulheres que dão prazer e potencialmente adúlteras).

Temas identificados pela primeira vez durante o Reino Antigo, tais como estabelecer uma família, reverência pela mãe e imposições contra o contato sexual ilícito são ampliados nos textos do Reino Novo, onde aprendemos mais ainda sobre o que os homens esperam que outros homens fizessem por suas famílias, e sobre suas responsabilidades sociais, mas muito pouco sobre as tarefas das mulheres referentes à sua família ou à comunidade em geral.

²¹⁶ DEPLA, Annete. "Women in Ancient Egyptian Wisdom Literature" in: ARCHER, Léonie J. (ed) *Women in Ancient Societies, an Illusion of the night*, New York: Routledge. 1994. p. 29.

Na interação entre homens e mulheres, do que é recomendado ou proibido, o homem também é o agente central; no entanto, dois novos aspectos relativos às mulheres são introduzidos nos textos sapienciais. O primeiro é o aparecimento da mulher que se vê livre para tomar a iniciativa no sexo; o segundo é a “mulher que dá prazer”. Muito pouco é conhecido sobre esta última. Um eufemismo para as relações sexuais era “passar juntos uma hora agradável”, e a “mulher que dá prazer” poderia ser identificada como cortesã. Não há nenhuma comprovação da existência da prostituição no sentido atual. Não há nenhuma crítica moral ao comportamento dessas mulheres nos textos; as relações sexuais antes do casamento não atraíam uma censura moral, mas estas mulheres deveriam ser evitadas simplesmente porque elas causavam uma distração que poderia ser fatal no rígido treinamento dos jovens escribas, impedindo-os de conseguir uma carreira de sucesso.

4.1.1. INSTRUÇÕES DE ANI²¹⁷

O texto foi composto durante o Reino Novo, quase certamente durante a XVIII dinastia. Combina temas tradicionais com uma certa quantidade de novidades. Dois aspectos, em particular o diferenciam das Instruções mais antigas.

A primeira é o fato de que nas Instruções de Ani o autor se apresenta como um funcionário subalterno e os conselhos que oferece seguem a fórmula do pai instruindo seu filho, mas, ao se colocar como alguém de uma posição social intermediária, acaba por atingir qualquer um que possua uma educação média.

A segunda novidade aparece em seu epílogo. Nos escritos mais antigos, o epílogo consistia ou na grata aceitação daqueles que ouviam, ou então na conclusão daquele que falava insistindo em que suas palavras fossem ouvidas e seguidas. O epílogo das Instruções de Ani apresenta um debate entre pai e filho no qual o filho faz objeções, dizendo que os ensinamentos do pai são muito difíceis de serem compreendidos e obedecidos.²¹⁸

As mulheres são mencionadas nos textos enquanto esposas, mães e mulheres que são ‘desconhecidas’. Vejamos alguns trechos²¹⁹.

²¹⁷ *Idem, ibidem.* pp. 43-47.

²¹⁸ LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*. Berkeley: University of California Press, 1975. Vol. II. p.135.

²¹⁹ *Idem, ibidem.* pp.136-145.

Instruções de Ani: Trechos que se referem as mulheres		
Nº	A quem se destina	Trecho
1	Esposa	<p>"Tome uma esposa enquanto você é jovem Para que ela faça um filho para você: Ela deve ter um filho seu enquanto você é jovem. É certo fazer pessoas. Feliz é o homem cujas pessoas são muitas Ele é saudado por conta de sua prole."</p>
2	Mulher Desconhecida	<p>"Cuidado com a mulher que é uma estranha, Ninguém a conhece em sua cidade; Não a encare enquanto ela passa, Não a conheça de forma carnal. Águas profundas cujo curso é desconhecido, Tal é a mulher longe de seu marido. 'Eu sou bela,' ela te diz todos os dias, Quando ela não tem nenhuma testemunha; Ela está pronta para te seduzir, Um grande crime mortal quando é ouvido."</p>
3	Mãe (e pai)	<p>"Faça libações para seu pai e sua mãe, Que estão descansando no vale;"</p>
4	Esposa	<p>"Mantenha-se de acordo com sua posição. 'Quem está aí?' Então alguém sempre diz, Posição cria regras; Uma mulher é questionada sobre seu marido. Um homem sobre sua posição."</p>
5	Mãe	<p>"Duplique a comida que sua mãe deu a você, Sustente-a assim como ela te sustentou; Ela tinha uma carga pesada com você, Mas ela não te abandonou. Quando você nasceu depois dos seus meses, Ela ainda estava oprimida por você, Os seios dela em sua boca por três anos. Enquanto você crescia e seu excremento era repugnante, Ela não ficava com nojo dizendo: 'O que vou fazer!' Quando ela te enviou à escola, E você foi ensinado a escrever, Ela continuou cuidando de você todos os dias, Com pão e cerveja na casa dela. Quando você como um jovem tomar uma esposa, E você estiver estabelecido em sua casa, Preste atenção em seu filho, Crie-o como fez sua mãe. Não dê a ela causa para te culpar, A fim de que ela não eleve as mãos dela a deus, E ele ouça os clamores dela."</p>

6	Esposa	<p><i>"Não controle sua esposa na casa dela, quando você sabe que ela é eficiente; Não diga a ela, 'Onde está? Vá pegar' quanto ela colocou tudo no lugar certo. Deixe seu olho observar em silêncio Então você vai reconhecer suas habilidades; É uma alegria quando sua mão está com ela, Existem muitos que não conhecem isto."</i></p>
7	Escolha de uma Esposa(?)	<p><i>"Cada homem que inicia uma família Deve segurar seu coração precipitado. Não vá atrás de uma mulher, Não deixe que ela roube seu coração."</i></p>

Tabela 12: Instruções de Ani: Trechos que se referem as mulheres.

Com exceção ao último trecho (nº 7), que parece trazer em si uma contradição e não fica muito claro a quem se refere – pode se referir a um possível adultério, como também de uma casamento errado, ou ainda, para não deixar que seu coração faça as escolhas –, os demais são bastante claros em sua mensagem. Trate sua mãe com respeito e generosidade, retribuindo tudo o que ela fez por você; respeite sua esposa dentro de casa e aprecie seu trabalho bem feito, e mantenha-se afastado de mulheres desconhecidas que te tentariam com favores sexuais. A mulher desconhecida é sempre traiçoeira e, ao que tudo indica está sempre pronta para “dar o bote”. A mulher que está em seu lugar próprio deve ser respeitada, reconhecida e bem tratada.

4.1.2. INSTRUÇÕES DE AMENEMOPE²²⁰

As instruções de Amenemope estão preservadas num papiro datando do período das dinastias XXII-XXV. A composição do texto é atribuída ao Período Raméssida²²¹.

Neste longo texto, as mulheres são listadas apenas duas vezes e unicamente enquanto viúvas.

"(...)Não ambiciones um lote de terra nem invadas os limites (da terra) de uma viúva. (...)"²²²

A pessoa que realizasse este tipo de fraude era considerada um “inimigo da humanidade e iria atrair sobre si o castigo divino”. No contexto de uma sociedade agrícola, isso poderia significar privar a quem de direito sua possibilidade de sobrevivência.

²²⁰ DEPLA, Annete. Op. cit. p. 47.

²²¹ LICHTHEIM, Miriam, op. cit. p.147.

²²² Instruções de Amenemope (capítulo 6). ARAÚJO, Emanuel. *Escritos para a eternidade. A literatura no Egito faraônico*. UnB: Brasília, 2000. p. 266”.

"(...)Não te lances contra uma viúva ao surpreendê-la nos campos, não deixes de ser condescendente com sua resposta.(...)"²²³

Esta frase tem sido interpretada como uma espécie de prescrição para não processar uma viúva que estivesse respigando num campo que não fosse o seu próprio, antes de dar a ela a chance de se explicar.

4.1.3. INSCRIÇÕES EDUCACIONAIS²²⁴

A sátira das profissões foi o precursor de um gênero de escritos que se centrava na carreira de um escriba e que floresceu durante o Reino Novo. O conjunto de carreiras satirizadas foi aumentado e passou a incluir o soldado, o condutor de carros de guerra, e o supervisor dos estábulos, o que foi bastante consistente com o crescimento do aspecto militar do Reino Novo.

Não oferece conselhos explícitos quanto às relações com as mulheres, ou quanto ao tratamento oferecido a elas, mas mostra dentro de um quadro geral quais seriam as responsabilidades de um homem diante de sua família.

Alguns outros temas foram trazidos dos exemplares mais antigos, por exemplo, no mais completo papiro desta coleção, a constância do amor materno é exaltado e usado como um símbolo da satisfação suprema nascida do compromisso com a responsabilidade.

4.1.4. ESCRITOS ANTIGOS

Uma coleção de papiros e ostracas foram identificadas como componentes do que os pesquisadores passaram a chamar de "Antigos Escritos". As duas partes que nos interessam são:

"Não zombe da enfermidade de um homem ou de uma mulher velhos para que eles não lancem maldições contra você em sua velhice.

"Não se sacie sozinho se sua mãe é uma pessoa sem recursos; seria certamente ouvido por..."²²⁵

E outro:

"Não case com uma mulher mais rica do que você."²²⁶

O primeiro trecho se refere ao tratamento que se deve dar à mãe numa idade avançada, e o segundo à tentativa de se evitar que o homem se casasse com alguém fora de sua posição social.

²²³ Instruções de Amenemope (capítulo 28). *Idem, ibidem*. p. 279".

²²⁴ DEPLA, Annete. Op. cit. p. 47.

²²⁵ *Idem, ibidem*. p. 48.

²²⁶ *Idem, ibidem*. p. 48.

4.1.5. CONCLUSÃO

Todos os textos apresentados parecem nos indicar uma idéia básica, isto é, que as mulheres são divididas em honradas e desonradas:

1) As Honradas: as esposa e mães, mulheres dentro do círculo familiar, deveriam ser honradas se cumprissem suas tarefas sociais. As mães devem ser respeitadas e bem tratadas; a principal função da esposa é gerar filhos, e ela deve não só ser respeitada, mas também ser deixada em paz no que diz respeito às decisões sobre as tarefas domésticas e aos cuidados da casa em geral, ainda que a autoridade final permanecesse nas mãos do marido.

2) As mulheres fora da família, que são potencialmente perigosas, devem ser evitadas. Mulheres longe de seus maridos são adúlteras em potencial, e por isso é muito perigoso dar ouvidos a elas.

4.2. Literatura de ficção

Tanto na literatura sapiencial quanto naquela que classificaríamos como literatura de ficção parece sempre existir uma dualidade na visão masculina das mulheres: aquelas que merecem ser honradas, a mãe e a esposa, se opondo às mulheres fatais, que eram indignas de confiança.

No entanto, nem sempre as esposas são confiáveis, e dos contos conhecidos do Reino Novo temos, por exemplo, “O conto dos dois irmãos”, no qual num primeiro momento da narrativa a esposa do irmão mais velho tenta seduzir o mais novo, e mais adiante a esposa do mais novo o abandona para se tornar a esposa do rei do Egito, e a partir daí tenta por todas as maneiras atrair o primeiro marido para uma armadilha mortal. Num outro conto, “Verdade e Mentira”, uma mulher satisfaz seu desejo sexual com o belo “Verdade” que está passando por maus momentos tendo sido acusado injustamente num tribunal por “Mentira”. “Verdade” é cegado por “Mentira” e banido da comunidade. E a mulher embora dê um filho a “Verdade”, coloca-o para trabalhar como porteiro em sua casa.

Tais narrativas parecem confirmar que os homens tinham uma dupla percepção das mulheres. Elas eram honradas se fossem esposas e mães dentro da unidade familiar, procriando e assegurando a continuidade da família; ou eram esposas sem honra alguma que traíam seus maridos com outros homens, ou mulheres estranhas à comunidade que ameaçavam capturar os homens com artimanhas sensuais para destruir suas famílias. Ou seja, quando conformadas às normas estabelecidas pela sociedade, as mulheres tinham uma imagem positiva,

caso contrário elas não eram de forma alguma confiáveis e só trariam desgraças a quem se envolvesse com elas.

Estas duas faces da imagem feminina perfeitamente discerníveis na literatura sapiencial e na ficcional podem ser melhor compreendidas através da

"(...) noção de justiça-verdade-equilíbrio-medida, corporificada na deusa Maat, filha do deus solar Ra, à noção oposta, em egípcio betá, uma palavra muitas vezes erroneamente traduzida como "pecado" mas que de fato tem seu campo semântico ligado a noções como desobediência, desafio, insolência, rebeldia, pelo qual sua tradução deveria ser algo como "infração da norma" ou "ato errôneo". Betá é tudo aquilo que favorece a volta ao caos: empurrado para as beiradas do mundo organizado quando da criação, ele não foi eliminado e ameaça constantemente invadir o cosmo, fazendo-o retornar à desorganização ou indiferenciação anterior à intervenção do demiurgo criador."²²⁷

A oposição *Maat-Betá* pode ser identificada com os paradigmas de Ísis e Háthor. *"Ísis, a deusa cujos atributos e cuja participação no mito de Osíris configuravam essencialmente como esposa e mãe."*²²⁸ E Háthor

"(...) uma deusa de "personalidade dual: representando o amor carnal, a beleza feminina, a amabilidade da mulher, Háthor configurava-se como personagem altamente desejável e à qual muitos papéis considerados positivos estavam reservados (incluindo o de acolher os mortos à necrópole); no entanto, além do desejo carnal ser considerado potencialmente negativo fora dos laços conjugais, portanto fator de possível desordem, Háthor era também uma das encarnações do olho de Ra e, como tal, tinha um aspecto terrível, ameaçador, predador: num contexto adequado, esse seu lado podia tornar-se instrumento de justiça e restabelecimento da ordem (cósmica ou social), mas em outras situações assinalava ou simbolizava o excesso, a desordem, o caos."²²⁹

No caso da ficção a dualidade do paradigma de Háthor proporcionava muito mais possibilidades, e a oposição das imagens femininas muitas vezes acontece dentro deste único paradigma. No caso da literatura sapiencial, a diferença, acreditamos é bem mais marcada, apresentando-se claramente os paradigmas de Ísis, a mulher honrada, a mãe e esposa, em oposição ao de Háthor, a mulher que proporciona prazer, mas pode trazer a perdição e o caos.

4.3 Alguns poemas de amor

Em nosso último exemplo literário peculiar ao Reino Novo, temos os poemas de amor. Tais poemas dão uma imagem bastante diferente das mulheres. Os poemas preocupam-se, não com o casamento, mas sim com a relação entre jovens amantes. Eles têm a intenção de serem eróticos e contêm trocadilhos e referências ao sexo.

²²⁷ **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no 2º milênio a. C." In: **FUNARI**, Pedro Paulo A. *et alii*. *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: Editora UNICAMPO, 2003, pp. 49-94. (usando aqui um texto cedido pelo autor). p. 18.

²²⁸ *Idem, ibidem*. p. 18

²²⁹ *Idem, ibidem*. p. 18

Vários desses poemas são mostrados como uma alternância de falas masculinas e femininas, e alguns estudiosos consideram a possibilidade de que eles possam ter sido escritos por uma mulher. Por outro lado, um poeta do sexo masculino pode ter personificado a parte feminina do poema, o que não seria impossível. Esta possibilidade portanto permanece em aberto. De qualquer forma, a menos que algum tipo novo de fonte seja encontrada, tal idéia é bem difícil de ser comprovada.

Vejamos alguns exemplos de poemas que podem ter “saído da boca feminina”:

Primeiro trecho

*"Meu irmão agita meu coração com sua voz,
o tormento apodera-se de mim.
Ele é vizinho da casa de minha mãe
e não posso chegar até ele.
Minha mãe tem razão ao dizer-me:
'Para de olhá-lo!'
Mas meu coração sofre quando penso nele,
Sou tomada pelo amor que sinto por ele.
(...)
Ele não sabe o desejo que tenho de tomá-lo nos braços,
senão já teria escrito a minha mãe.
Ó meu irmão, quisera eu ser dada a ti..."²³⁰*

Segundo trecho

*"Ele me viu quando eu passava
e senti (extrema) alegria.
Como meu coração rebenta de felicidade
à tua vista, ó meu irmão!
(...)
e então correrei para meu irmão
Eu o beijarei na frente de todos que o cercam (...)"²³¹*

Terceiro trecho

*"Se eu [não] estiver contigo, onde porás teu coração?
Se [não me] abraçares, [que será de ti]?
Mesmo que tenhas sorte, [ainda não encontrarás] a felicidade,
mas se acariciares minhas coxas e meus seios
[encontrarás tua satisfação]. (...)"²³²*

Quarto trecho

*"(...)Aperto-me a ti para te contemplar (de perto)
ó mais amado dos homens, que governa o meu coração!
Como é bela esta hora,
que ela dure para sempre!*

²³⁰ Poemas de Amor do Papiro Chester Beatty I – Primeiro conjunto de sete poemas – Segundo Poema. **ARAÚJO**, Emanuel. *Op. cit.* pp. 304-305. O exemplar é da XX dinastia.

²³¹ Poemas de Amor do Papiro Chester Beatty I – Primeiro conjunto de sete poemas – Sexto Poema. *Idem, ibidem.* pp. 307. O exemplar é da XX dinastia.

²³² Poemas de Amor do Papiro Harris 500 – Primeiro conjunto de oito poemas, 1. *Idem, ibidem.* p. 312.

*Desde que me deitei contigo
ergueste meu coração.
Na tristeza ou na alegria
não me deixes!*²³³

A primeira questão a ser colocada seria se tais poemas representariam um mundo fantasioso ou se, ao contrário, refletiriam uma realidade. Os jovens não são casados e, ainda assim, parecem ter relações sexuais. Seria o sexo antes do casamento realmente aceitável? E o tema dos poemas é o amor físico, mas até que ponto o amor seria importante em oposição aos aspectos econômicos e sociais no momento de escolher um marido ou uma esposa para seus filhos e filhas? Os poemas são sem sombra de dúvida um bom passatempo, mas não se pode estar certo se eles poderia ser um verdadeiro guia dos costumes sociais.

4.4. Cartas de cunho pessoal

Deir el-Medina, como outras localidades com características semelhantes, diferia muito de outros povoados do antigo Egito. A diferença com certeza, mais gritante seria o fato de que uma parcela maior de moradores sabia ler e escrever. Segundo Edward Wente²³⁴, citando Baines e Eyre, alguns autores chegam a mencionar uma escola na localidade e uma taxa de alfabetização que teria sido de quase 5% contra os habituais 1% de toda a população do antigo Egito. Isto gerou como já dissemos, uma larga escala de fontes escritas e, dentre elas, cartas de cunho pessoal.

Da localidade de Deir el-Medina, as cento e trinta cartas raméssidas a que tivemos acesso estão distribuídas em dezenove categorias: trabalho nas tumbas reais, salários e suprimentos para as equipes, assuntos administrativos, trabalhador vagaroso, problemas com asnos, inventário e cuidados com uma casa, assunto sobre o culto, adivinhação, doença, uma morte, rações apertadas, lavanderia, propriedade, família, adultério, relações pessoais, disputas, necessidade de consumo e transações comerciais, materiais para escrita e documentos, correspondência de um carpinteiro. Das setenta que pertencem à XIX dinastia, quinze envolvem mulheres, sendo: nove escritas por homens e endereçadas a mulheres, duas escritas por mulheres endereçadas a homens, e quadro escritas por mulheres e endereçadas a mulheres. Selecionamos três do primeiro grupo e todas as seis restantes.

²³³ Poemas de Amor do Papiro Harris 500 – Terceiro conjunto de oito poemas, 2. *Idem, ibidem*. p. 320.

²³⁴ WENTE, Edward F. (ed.) *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.

1. Cartas enviadas por homens							
Ord.	Nº	Pág.	Referência	Data	Tema	Dirigido a	Parentes?
1.	184	141	Ostraco Letellier	XIX – Segunda Metade	Adivinhação	Homem para mulher	
2.	190	143	Ostraco Cairo 25644	XIX – Seti II	Rações pequenas	Homem para mulher	
3.	197	146	Ostraco Černý 3 e Ostraco Cambridge 1	XIX – Ramsés II	Família	Homem para mulher	Filho para mãe
4.	199	147	Ostraco Petrie 61	XIX – meados	Família	Homem para mulher	Pai para filha
5.	219	154	Ostraco DM 587	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Homem para mulher	
6.	220	154	Ostraco DM 446	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Homem para mulher	Filho para mãe
7.	222	155	Ostraco DM 119	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Homem para mulher	
8.	230	156	Ostraco DM 324	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Homem para mulher	Pai para filha
9.	252	161	Ostraco Gardiner 110	XIX	Necessidades de consumo e transações comerciais	Homem (?) para mulher	

Tabela 13: Cartas escritas por homens e enviadas a mulheres FONTE: WENTE, Edward F. (ed.) *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.

Carta Nº184	Referência: Ostraco Letellier	Data: XIX – segunda metade
Tema: Adivinhação	De: Kenhikhopeshef	Para: a mulher Inerwau
Texto:		
<p>Kenhikhopeshef endereça à mulher Inerwau:</p> <p>Qual o significado de você não ter ido a mulher adivinha por conta daquelas duas crianças que morreram enquanto você estava encarregada? Questione a mulher adivinha sobre a morte das duas crianças, se era a sina deles ou seu destino. E você deve questioná-la sobre elas para mim e conseguir a opinião a respeito de minha própria vida e a vida da mãe delas. Quanto a qualquer deus que seja [mencionado] a você depois(?), você deve me escrever sobre sua identidade. Você [irá prestar ser]viços para aquela que sabe sua ocupação(?).</p>		
Comentários:		
<p>O significado da carta é bastante claro, é interessante no entanto notar neste texto um tom bem mais ameno, apesar de incisivo, do que em nossos próximos exemplos.</p>		

Carta Nº197	Referência: Ostraco Černý 3 e Ostraco Cambridge 1	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Família	Do: Escriba Turo	Para: sua mãe
Texto:		
<p>O escriba Turo saúda sua mãe, a cantora de Amon [nome perdido]: Em vida, prosperidade e saúde e no favor de Amon-Rá, rei dos deuses! E mais:</p> <p>Como vai você? Estou [invocando] Amon, Mut, Khonsu, e todos os deuses do sul de Heliópolis (Thebas) e também os de Pre quando ele eleva-se [todo(?)] dia para manter você saudável, para te manter nas graças do Promontório do Oeste</p>		

(deificado), da senhora, e para permitir que [eu a veja] saudável cada e todos os dias. E mais:

Eu estou sendo enviado até o [lado] leste [ao] vizir para recolher o que é devido de (?) seus agentes que estão nos campos. E [...] como o balanço devido no último ano. Não há tanga para eu me cobrir, pois minha tanga me foi tirada. [...] distribuída ao celeiro do faraó, v.p.s.²³⁵ Por favor dê sua atenção pessoal e (...) Não me faça caminhar indefeso, ou você irá se tornar indefesa, por causa [...]

Tão logo eu retorne da tarefa, eu irei entregar os bens dele em grão [...]. Não ouça aquilo que Wadjmose disse, ou você pode ter que servir como um membro [da equipe]! (seguem contas).

Comentários:

A carta segue as fórmulas habituais de estima e desejos de boa saúde e demais bons auspícios, mas chamamos aqui a atenção para o interessante tom de quase ameaça no momento em que o filho diz realmente o que quer. Ele precisa de roupas para seguir na viagem para a qual foi incumbido. Embora ele esteja falando de vários assuntos sobre os quais não temos certeza absoluta, nos pareceu ser a questão da roupa aquela que motivou a mensagem. É interessante notar a dependência de um filho provavelmente sem esposa, no tocante à confecção de roupas, que envolviam as tarefas de fiar, tecer e costurar, tarefas em sua maioria realizadas por mulheres no que diz respeito às atividades de cunho doméstico.

Carta Nº220	Referência: Ostraco DM 446	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Necessidades de consumo e transações comerciais	De: Ameke	Para: sua mãe Hemenetjer
Texto:		
<p>Ameke a sua mãe Hemenetjer: em vida, prosperidade e saúde! E mais:</p> <p>Que comportamento terrível é este que está sendo mostrado? Quando eu trouxe as sandálias de couro para este soldado, levando-as comigo para adquirir alguns pepinos, ele simplesmente me deu de volta aquelas sandálias dele dizendo, "Segure-as para mim." Agora por Ptah, ele está navegando para o norte esta noite. Faça as sandálias serem trazidas imediatamente! Não se [oponha] a mim de nenhuma maneira! [...] minhas duas mãos depois [...] trazido. Envie-me um recipiente (?) e uma cesta de <i>tekhbes</i>. Um cidade (inteira) pode ser grata se você começa(?) já que ele está navegando para o norte para o jubileu real.</p>		

²³⁵ "v.p.s." significa "vida, prosperidade e saúde!" Fórmula usada todas as vezes que é mencionado o faraó e usada também como uma saudação inicial nas cartas.

Comentários:

Parece ter havido algum problema com uma transação comercial do remetente que provavelmente responde a uma mensagem prévia falando sobre o acontecido. O assunto também parece bastante claro dispensando maiores explicações. É interessante notar o tom autoritário de “Não se [oponha] a mim de nenhuma maneira.” Embora pareça ser comum o uso incisivo e direto nas cartas de cunho pessoal, o que muitas vezes poderia soar como autoritarismo e ameaça, achamos interessante que nas duas das cartas escolhidas, destinadas a mães, tal tom incisivo não seja realmente amenizado.

2. Cartas enviadas por mulheres							
	Nº	Pág	Referência	Data	Tema	Dirigido a	Parentes?
10.	198	147	Ostraco DM 560	XIX – Ramsés II	Família	Mulher para Homem	
11.	200	147	Ostraco Prague 1826	XIX	Família	Mulher para Mulher	Irmã para irmã
12.	227	156	Ostraco DM 116	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Mulher para homem	
13.	228	156	Ostraco DM 117	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Mulher para mulher	
14.	229	156	Ostraco DM 125	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Mulher para mulher	
15.	232	157	Ostraco DM 132	XIX – Ramsés II	Necessidades de consumo e transações comerciais	Mulher para mulher	Irmã para irmã

Tabela 14: Cartas enviadas por mulheres. FONTE: WENTE, Edward F. (ed.) *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.

Carta Nº198	Referência: Ostraco DM 560	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Família	Da: "Mulher Wel"	Para: Escriba Huynefer
Texto:		
<p>Endereçada pela mulher Wel ao escriba Huynefer: Em vida, prosperidade e saúde e o favor de Amon-Rá, rei dos deuses.</p> <p>Veja, todos os dias eu venho apelando para todos os deuses e todas as deusas que estão no distrito do Oeste para mantê-lo saudável, para mantê-lo vivo, e para mantê-lo nas boas graças do faraó, v.p.s., nosso bom senhor. E mais:</p> <p>Por favor seja respeitoso com seu irmão. Não o abandone!</p> <p>Outra mensagem para Neferkhay: Igual saudação. Seja respeitoso com Khay seu irmão, não o abandone!</p>		
Comentários:		
<p>Embora não identificada como tal, esta carta parece a nosso ver ter sido escrita por uma mãe, pelo menos é o que indica a preocupação com o tratamento entre irmãos, ainda que não fique muito claro quem seria irmão de quem.</p>		

Carta Nº200	Referência: Ostraco Prague 1826	Data: XIX
Tema: Família	De: Takhentyshepse	Para: sua irmã Iye
Texto:		
<p>Endereçada por Takhentyshepse a sua irmã Iye: Em vida, prosperidade e saúde! E mais:</p> <p>Eu vou te mandar a cevada, e você vai moê-la para mim e adicionar <i>emmer</i>. E você vai fazer pão para mim com a mistura, pois eu tenho brigado com Merymaat (meu marido). "– Eu vou me divorciar de você," ele fica me falando quando briga comigo por conta da minha mãe perguntando a quantidade de cevada necessária para o pão. "Agora sua mãe não faz nada por você," ele fica me falando e diz, "Embora você tenha irmãos e irmãs, eles não cuidam de você," ele fica me falando e discutindo comigo diariamente, "Agora veja, isto é o que você fez por mim desde que eu vivo aqui, enquanto todas as pessoas fornecem pão, cerveja e peixe</p>		

diariamente [para] os membro de suas (famílias). Em resumo, se você disser alguma coisa, você vai ter que voltar atrás para a Terra Negra²³⁶.” É bom se você entender.

Comentários:

Esta nos parece uma das cartas mais ricas, nos trazendo informações a respeito de uma grave briga de casais que, ao que tudo indica, beira a separação. Embora o sentido da carta como um todo seja claro, o detalhe está a nosso ver um tanto confuso, que o marido está insatisfeito com a esposa por conta da forma como esta vem cuidando dele é bastante claro, e talvez a idéia de pedir a irmã para fazer o pão seja até mesmo uma forma de mostrar ao marido que ela o vem fazendo corretamente.

De todo modo este tipo de carta nos indica que a própria mulher saberia escrever, ou tivesse alguma intimidade com o escriba que pudesse ter escrito a mensagem pois seria difícil conseguir um escriba que escrevesse este tipo de missiva, de cunho tão pessoal.

Carta Nº227	Referência: Ostraco DM 116	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Necessidades de consumo e transações comerciais	De: Nebeton	Para: Pennebu

Texto:

Endereçada pela mulher Nebeton a Pennebu: Em vida prosperidade e saúde!
E mais:

Uma mulher tomou a lâ(?) de mim, [e ela] me falou, “Me dê uma [...] de uma mulher livre além disso, e eu te darei estes cinco *deben*-peças de cobre,” então ela disse para mim. Veja se você vai encontrar um meio de suprir ou não. Você vai mencionar isto também a Mehy e também a Paherypedje ou não? E você vai me escrever sobre as instruções você vai me dar ou não, assim eu posso [enviar] seu irmão mais novo aí para cima com uma tijela?

Comentários:

O assunto da carta nos parece pertinente a um casal, cuja esposa comprou alguma coisa e agora diz “ter sido coagida a tal transação”, talvez tendo gasto mais do que devia e solicitando ao destinatário permissão para prosseguir o negócio ou mesmo uma solução para o que ela estaria colocando como um tipo de impasse. No entanto a carta não está identificada como trocada entre marido e mulher, e é um tanto confusa em seu conteúdo na parte final.

²³⁶ Terra Negra refere-se às terras cultiváveis do vale do Nilo. Deir el-Medina se situava no deserto.

Carta Nº228	Referência: Ostraco DM 117	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Necessidades de consumo e transações comerciais	De: Nebhimaat	Para: sua irmã Nebeton
Texto:		
<p>Endereçada pela mulher Nebhimaat [a sua] irmã Nebeton: [Em vida, prosperidade e saúde]! E mais:</p> <p>Por favor seja atenciosa e forneça-me a túnica. Vá e pegue os vegetais, pois eles são agora devidos a você.</p>		
Comentários:		
<p>Uma troca entre irmãs ao que tudo indica sem maiores complicações, uma túnica por vegetais.</p>		

Carta Nº229	Referência: Ostraco DM 125	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Necessidades de consumo e transações comerciais	De: uma mulher	Para: Henutudjbu
Texto:		
<p>Uma outra mensagem a mulher Henutudjbu:</p> <p>Por favor dê sua atenção pessoal e consiga uma túnica para mim (uma mulher) em troca do bracelete e tenha-a disponível para mim [em] dez dias.</p>		
Comentários:		
<p>Outra troca ou proposta de troca entre mulheres.</p>		

Carta Nº232	Referência: Ostraco DM 132	Data: XIX – Ramsés II
Tema: Necessidades de consumo e transações comerciais	De: Isis	Para: sua irmã Nubemnu
Texto:		
<p>Endereçada por Isis a sua irmã Nubemnu: Em vida, prosperidade e saúde! E mais:</p> <p>Por favor dê sua atenção pessoal e teça para mim aquele xale rapidamente antes de Amenófis, v.p.s., venha (em procissão) porque eu estou realmente nua. Faça um [para] minhas costas(?) porque eu estou nua. [final interrompido]</p>		
Comentários:		
<p>Afora a idéia do exagero da mulher estar nua sem o solicitado xale, a mensagem apenas indica o pedido de uma irmã para outra, não sabemos se o final indicaria algum tipo de compensação pelo trabalho de tecer ou se a irmã solicitante apenas conta com os laços de amizade para conseguir o pretendido xale.</p>		

CONCLUSÃO

Acreditamos que o primeiro ponto a ser considerado no caso das cartas é a questão de quem realmente as escrevia. Não há como verificarmos tal situação, já que não era comum que escribas assinassem seus escritos. Em cerca de quatrocentos moradores, aproximadamente vinte (cinco por cento) seriam capazes de ler e escrever; se retirarmos daí os escribas chefes, provavelmente ocupados demais com os trabalhos ligados à construção das tumbas reais, imaginamos que alguns outros, além de serviços menores na construção também obtivessem algum rendimento extra vendendo seus serviços para ler e escrever as cartas a que temos agora acesso. É também possível imaginar que algumas tenham sido escritas por mulheres e que, no caso de haver uma ou mais mulheres alfabetizadas, as outras deviam preferir buscá-las, principalmente no caso de cartas mais difíceis, como é o caso da carta sobre a briga.

Não sabemos qual teria sido a expectativa de privacidade que os egípcios teriam em relação a estes assuntos de casamento, briga, divórcio, mas bem podemos sugerir que uma mulher com um problema em casa talvez preferisse os serviços de uma outra mulher, se isto fosse possível. Não temos intenção, no entanto, de nos aprofundarmos neste assunto.

Algumas observações gerais quanto às cartas são: aquelas enviadas por mulheres parecem levemente menos ameaçadoras do que aquelas enviadas por homens. É possível constatar as transações feitas entre mulheres, entre mulheres e homens e que elas parecem desfrutar de uma certa liberdade para tais transações, ainda que no caso da carta nº227, o que pareça ficar evidente que era possível haver situações onde a transação era feita antes de se obter qualquer tipo de concordância por parte do esposo.

As cartas, acreditamos, dão não só um tom de humanidade aos relativamente escassos dados sobre as mulheres egípcias, como também ajudam com certeza a atribuir-lhes uma perspectiva mais real.

5. As imagens possíveis das mulheres

Apresentamos até aqui todos os pontos que nos pareceram importantes nas várias fontes a que tivemos acesso. Uma conclusão possível neste momento é que não temos apenas uma imagem feminina disponível, mas várias.

Cada grupo de fontes nos parece mostrar uma parte e talvez apenas reunindo todas as peças teremos realmente acesso ao que viemos procurar.

No essencial, o contexto funerário é mais rígido e limitador e resulta de uma harmonização que certamente elimina os conflitos. As figuras têm de, sem deixar de representar coisas do mundo (ou do imaginário, no caso de deuses ou do outro mundo), produzir imagens funcionais segundo as crenças funerárias, favoráveis ao renascimento do morto: a própria figura feminina em si, em certas configurações, já é por exemplo uma imagem destas, já que a mulher dá à luz, dela nasce a criança como o morto deve também (re)nascer para a eternidade.

A mulher mostrada neste contexto não sofre variações; monocórdia, ela é sempre jovem, sempre esbelta, sempre perfeita. Não importa a idade, não importa o grau de parentesco. Não há falhas detectáveis nas mulheres deste grupo de imagens. E apenas as mulheres honradas, aquelas que seguem as regras, é que são representadas já que nada poderia colocar em risco a vida no além.

As fontes iconográficas nos mostram o comportamento feminino nas atividades representadas. Vemos que as mulheres ora observam, ora interagem com seus companheiros do sexo oposto, em funções aparentemente subalternas. Mostram-nos também que o equilíbrio parece ser muito mais importante do que a igualdade. Mas através deste tipo de fonte não podemos ir, como já percebíamos, muito mais longe do que fomos na construção da imagem feminina pretendida.

No caso dos textos, a funcionalidade e os contextos variam mais. Uma coisa são poesias amorosas: em sociedades pré-modernas de casamento combinado como assunto de família, o amor sensual não deixa de existir, mas é tratado à parte, como assunto separado do casamento. Pode gerar gêneros de textos: a poesia amorosa surge quando emerge mais o indivíduo e a subjetividade, no Egito como, por exemplo, na poesia trovadoresca cortesã da Baixa Idade Média.

A voz a que temos acesso neste tipo de fonte nos mostra uma jovem que anseia por estar com seu amado. Não sabemos até que ponto esta é uma voz feminina real, ou somente a imaginação masculina que teria construído uma voz feminina, mas através destes textos podemos pelo menos verificar não apenas os anseios imaginados ou reais de uma mulher no que diz respeito a realização de seu desejo, mas também as condições em que tais situações ocorreriam. Através dessa poesias, temos também acesso a uma mulher cheia de desejo que não parece ter receio de dizer exatamente o que quer, o que nos faz pensar que as mulheres, neste caso, poderiam ter uma noção de individualidade bem mais discernível do que seríamos levados a supor através das comportadas mulheres representadas na iconografia das tumbas.

Nos textos sapienciais ou ensinamentos, regras do bem viver, do viver ético segundo o que achava a elite (masculina, claro), temos uma oposição do que deve

ser almejado e do que deve ser evitado. Acreditamos que aqui também esteja bastante óbvia a oposição dos paradigmas de Ísis e Háthor, de que tratamos antes, embora aqui diferentemente da ficção, acreditamos que esta oposição é muito mais polarizada em termos de positivo e negativo, o que nos contos parece estar mais diluído e dando muito mais espaço para oposições dentro do próprio paradigma de Háthor.

Na ficção propriamente dita, nos contos, é que se constroem estereótipos tanto positivos quanto negativos do feminino. Acreditamos que a imagem de Háthor acaba por ser muito mais explorada justamente por suas possibilidades dramáticas. Temos aqui então, nos exemplos escolhidos, as mulheres nas quais não podemos confiar, pois mesmo aquelas esposas que aparentemente fariam parte do paradigma de Ísis, ou têm seu status mudado para o de Háthor, ou eram Háthor todo o tempo, mas sabiam como fazer de conta que eram uma perfeita *nbt pr*.

As cartas nos trazem um cotidiano dificilmente alcançável de outras formas. Embora limitadas naquilo que podem realmente nos dizer, deixam-nos perceber, ainda que por um breve instante, um vislumbre da mulher real: a mulher que troca serviços, a mulher que executa tarefas, a mulher que reclama, a mulher que justifica seus atos.

Os textos nos trazem com certeza uma imagem bastante diferente daquelas que pudemos perceber nas imagens das tumbas. Em contraste com um contexto funerário de repertório, finalidades e regras bastante afunilados, limitadores e fortemente estruturadores, os textos aparecem como mais diversos e abrindo possibilidades muito mais numerosas quanto às representações acerca do feminino.

Através deles temos acesso àquelas mulheres de que a iconografia das tumbas nunca nos daria nenhum vestígio, por conta das rígidas regras de representação.



Conclusão

A sociedade egípcia, segundo o que se sabe, era cerceada por regras que estabeleciam papéis bastante precisos para seus habitantes. É claro que, em três mil anos de história, tais regras sofreram diversas alterações; mas, ainda assim, elas existiram. Embora a situação da mulher parecesse bem melhor do que em outras partes, elas, assim como os homens, deviam se submeter aos padrões determinados pela sociedade. Tais padrões estabeleciam funções bem delimitadas e não obedecer significava se colocar à parte da sociedade.

Tudo na sociedade egípcia apontava para esses padrões. Toda a mitologia religiosa, as artes com suas rigorosas regras de decoro, a literatura em cada uma de suas manifestações, foram criadas de acordo com tais padrões. Podemos então afirmar que todos os egípcios, fossem eles homens ou mulheres, faraós ou camponeses, estavam submetidos a essas regras. Devemos, no entanto, lembrar que a sociedade egípcia era, indiscutivelmente, dominada pelos homens e as regras ou padrões de comportamento a que nos referimos, ou seja, relativas ao comportamento ideal masculino ou feminino, foram feitas pelos homens.

É bastante comum, nos textos sobre Egito Antigo, que se mencione a "igualdade" de gêneros. Alguns autores costumam afirmar que havia com certeza esta igualdade, outros preferem ter um pouco mais de cuidado e apenas expõem o fato de que, em termos legais, as egípcias pareciam, pelos menos em tese, ter os mesmos direitos usufruídos pelos homens. O que, no entanto, fica claro é que, embora haja realmente esta igualdade legal, em praticamente todo o resto as mulheres, mesmo respeitadas enquanto seguissem as regras estabelecidas

socialmente e cumprissem seu papel de esposas e mães, viriam sempre em segundo lugar.

O que nos parece bastante interessante é que muitas das afirmações feitas por alguns autores mostram não só seu próprio preconceito, mas também trazem em si sua própria negação. Usar a aparente igualdade jurídica para daí expandi-la por todos os outros ramos da convivência social nos soa como um exagero. E tudo indica que não havia a possibilidade de uma mulher, por exemplo, decidir que não iria se casar e seguiria a carreira de escriba para ingressar na burocracia do Estado. Não sabemos sequer se tal possibilidade passava realmente pela idéia de alguma mulher daquela época, porque tais idéias são, por mais que as tentemos adaptar, relativamente recentes.

Talvez não tenha havido a igualdade apenas porque não se desenvolveu entre as mulheres uma consciência que permitisse não só que elas pudessem usufruir plenamente as “igualdades” presentes, como também lutar para que tais direitos se expandissem para todas as áreas da vida cotidiana. A sociedade egípcia era por demais presa a suas próprias regras para que tal consciência se desenvolvesse entre as mulheres, ou entre os homens. A população de todas as camadas sociais parece na maior parte do tempo conformada com suas situações e não há fontes que possam comprovar o contrário.

Fazendo aqui um levantamento geral dos pontos mais comumente utilizados para afirmar sobre esta “igualdade ou desigualdade” de gêneros no antigo Egito, chegamos à conclusão de que o retorno de informações a cada um deles nos mostra que, segundo o que nós pensamos acerca da “igualdade entre gêneros”, isto estava longe de existir no antigo Egito.

Era permitido que as mulheres partilhassem da vida após a morte, mas toda a iconografia das tumbas sempre girava em torno das atividades gerenciadas pelo proprietário de sexo masculino. Ao se referir às mulheres nas tumbas, elas são sempre identificadas (em relação ao morto) como sua mãe, sua esposa, sua filha ou sua irmã. A quantidade de títulos usados pelas mulheres é bem inferior àqueles usados pelos homens; nas pinturas egípcias altamente idealizadas, os homens representados poderiam se mostrar como jovens e esbeltos ou com uma aparência mais corpulenta, denotando “sucesso em sua carreira”; já as mulheres eram representadas sempre da mesma forma, jovens e esbeltas. Não importava que elas fossem velhas ou novas, o que as distinguiu nas representações não era a imagem, e sim o título abaixo dela; fossem mães ou esposas, as mulheres pareciam ter sempre a mesma idade.

As imagens masculinas eram mais ativas, as mulheres sempre pareciam seguir seus homens passivamente.

Poderíamos listar uma série de fatos que comprovam a desigualdade, e não, como muitos gostariam, a igualdade. Mesmo na situação mais próxima de uma igualdade, os direitos legais, não se tem realmente fontes para se comprovar se as heranças recebidas pelas mulheres eram realmente sempre utilizadas de acordo com seu próprio desejo ou se elas precisariam se submeter aos “conselhos” de seus maridos ou irmãos. As fontes mostram as mulheres ocupando uma posição claramente subalterna em relação ao homem. As mulheres parecem ter sido realmente respeitadas, mas ao que tudo indica isso tinha mais a ver com a questão do equilíbrio familiar do que com qualquer pensamento de igualdade.

O que podemos concluir do que se viu até aqui era que existia uma marcada assimetria de gêneros na sociedade do Reino Novo. As ocupações em geral eram dominada por homens e as mulheres eram na maior parte das vezes excluídas das decisões. Podemos deduzir que a esfera de atividade feminina seria dentro de sua casa, mas tais trabalhos não foram registrados da mesma forma que foram os trabalhos masculinos cujas carreiras eram registradas e comemoradas em textos expostos em suas tumbas e mesmo nas várias cenas lá representadas.

Na visão dominante masculina, as mulheres tinham claramente uma posição subalterna, e elas eram potencialmente não confiáveis e irão trair na primeira oportunidade – embora quando elas assumiam seu lugar próprio dentro do quadro familiar, devessem ser consideradas honradas e benevolentes. De fato foram estas onipresentes imagens de esposas e mães devotadas que fizeram com que os estudiosos negligenciassem todos os aspectos da desigualdade de gêneros.²³⁷

²³⁷ **ROBINS**, Gay. “While the Woman Looks on. Gender inequality in New Kingdom Egypt”. *KMT, A Modern Journal of Ancient Egypt*. San Francisco, California: KMT Communications, Fall 1990, Vol-1, #3. p 65.



Fontes Primárias

1. Iconográficas

- 1) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924, tome 2ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.2 pt.1-3 ⇨Tumbas: TT216, TT217, TT292, TT323
- 2) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.3 pt1-3 ⇨Tumbas: TT001, TT005, TT216, TT335, TT336
- 3) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926, tome 4ème, pt3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.4 ⇨Tumbas: TT005, TT219, TT250, TT292, TT335, TT336
- 4) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.5 pt 1-2 ⇨Tumbas: TT210, TT214, TT218, TT219, TT339
- 5) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928, tome 6ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.6 pt.1-4 ⇨Tumba: TT356
- 6) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929, tome 7ème, pt2*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.7 pt 1-2 ⇨Tumbas: TT215, TT357

- 7) **BRUYÈRE**, Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933.
Wilbour Library – W N384 IFAOf t.8 pt 3 ⇨Tumbas: TT360
- 8) **BRUYÈRE**, Bernard. *La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh*. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. (Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88.)
Wilbour Library – W N330 IFAOm t.88-89 ⇨Tumba: TT001
- 9) **BRUYÈRE**, Bernard. *Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome*. Le Caire. 1952. (Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI)
Columbia University Library – Butler – 961 C123 v.86 ⇨Tumbas: TT002, TT211, TT214, TT335, TT336
- 10) **CAMPBELL**, Colin. *The Miraculous Birth of King Amon-hotep III and Other Egyptian Studies*. Edinburgh, Oliver and Boyd, 1912.
Wilbour Library – W N384 T34C15m ⇨Tumbas: TT003
- 11) **DAVIES**, Nina M. *Ancient Egyptian Paintings. Selected, copied, and described by Nina M. Davies with the editorial assistance of Alan H. Gardiner*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1936. (3vols)
Wilbour Library – W N386 P16 D28 ⇨Tumbas: TT217, TT218
- 12) **DAVIES**, Norman de Garis. *Two Ramesside Tombs at Thebes*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927. (Tytus Memorial Series, V)
Columbia University Library – Avery – AA216 T3 N48FF ⇨Tumbas: TT217
- 13) **JOURDAIN**, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in **VANDIER d'ABBADIE**, Mme Jeanne. *Deux tombes de Deir el-Médineh*. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73)
Wilbour Library – W N330 IFAOm t.73 ⇨Tumba: TT215
- 14) **MAYSTRE**, Charles. *Tombe de Deir el-Médineh. La Tombe de Nebnmât (219)*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1936. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire, Sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXXI
Wilbour Library – W N330 IFAOm t.71 ⇨Tumba: TT219
- 15) **SHEDID**, Abdel Ghaffar. *Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994.
Columbia University Library – Avery – AA216 D33 Sh34 ⇨Tumba: TT001
- 16) **TODA**, Eduard. *Son Notém en Tebas*. España: Editorial AUSA, 1991.
Wilbour Library – W N384 T34 T56 1991 ⇨Tumba: TT001
- 17) **VANDIER**, Jacques. *Egypt. Paintings from tombs and Temples*. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization.
Wilbour Library – W N386 P16EG oversize ⇨Tumbas: TT001,TT003, TT218
- 18) **VANDIER**, Jacques. *Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX.
Wilbour Library – W N330 IFAOm t.69 ⇨Tumba: TT005
- 19) **WAHAB**, Fahmy Abd El-, *La Tombe de Sen-Nedjen à Deir el-Médineh, croquis de position*. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1959. (Mémoires 89)
Wilbour Library – W N330 IFAOm t.88-89 ⇨Tumba: TT001
- 20) **WILD**, Henri. *La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médina (n. 6) et autres document les concernant II*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2)
Wilbour Library – W N330 IFAOm v.103/2 ⇨Tumba: TT006

- 21) **ZIVIE**, Alan-Pierre. *La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3*. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX.
Wilbour Library – W N330 IFAOm v.99 ⇨Tumba: TT003

2. Escritas

- 22) **ARAÚJO**, Emanuel. *Escritos para a eternidade. A literatura no Egito faraônico*. UnB: Brasília, 2000.
- 23) **ERMAN**, Adolf, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*. New York, Dover Publications, 1995 (First Edition 1927).
- 24) **LICHTHEIM**, Miriam, *Ancient Egyptian Literature (3 vols)*, Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 1975.
- 25) **SIMPSON**, William Kelly (ed), *The Literature of Ancient Egypt. An Anthology of Stories, Instructions, and Poetry*. New Haven and London, Yale University Press, 1973.
- 26) **WENTE**, Edward F. (ed.) *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990.



Bibliografia

1. As mulheres e família no Egito antigo

- 27) **BARDIS**, Panos Demetrios. "Contraception in Ancient Egypt" in: *Indian Journal of History of Medicine* vol. XII no. 2 - December 1967.
Wilbour Library - W PAM
- 28) **BLACKMAN**, Aylward Manley. "On the position of women in the Egyptian Hierarchy." in: *The Journal of Egyptian Archaeology, vol.VII*. London: The Egyptian Exploration Society, 1921.
Wilbour Library - W N330 JEA v.7
- 29) **CAPEL**, Anne K. & **MARKOE**, Glenn E. *Mistress of the House, Mistress of Heaven. Women in Ancient Egypt*. New York: Hudson Hills Press in association with Cincinnati Art Museum – Ohio, 1996.
- 30) **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no 2º milênio a. C." In: **FUNARI**, Pedro Paulo A. *et alii. Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: Editora UNICAMPO, 2003, pp. 49-94.
- 31) **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "A família vista através da iconografia funerária privada egípcia da primeira parte da XVIII dinastia. (meados do século XVI a meados do século XIV a. C.)" Texto inédito gentilmente cedido pelo autor. Sem data
- 32) **DEPLA**, Annete. "Women in Ancient Egyptian Wisdom Literature" in: **ARCHER**, Léonie J. (ed) *Women in Ancient Societies, an Illusion of the night*, New York: Routledge. 1994.
Wilbour Library - W PAM 1994
- 33) **HARRIS**, John Richard. "The cult of feminine beauty in Ancient Egypt" in: (*Apollo* July 1962).
Wilbour Library - W N362 H24 1962
- 34) **HAWASS**, Zahi A. *Silent Images, Women of Pharaonic Egypt*. Harry N. Abrams, INC: New York, 2000.
- 35) **JANSSEN**, Rosalind M. & Jac. J., *Growing Up in Ancient Egypt*, The Rubicon Press, London,

1990.

- 36) **LEOSPO**, Enrichetta & **TOSI**, Mario. *La donna nell'Antico Egitto*. Firenze: Giunti Gruppo Editoriale, 1997.
Wilbour Library - W N370.6 L55
- 37) **LESKO**, Barbara S. (ed.). *Women's Earliest Records. From Ancient Egypt and Western Asia*. Proceedings of the Conference on Women in the Ancient Near East Brown University, Providence Rhode Island November 5-7, 1987. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1987.
- 38) **LESKO**, Barbara S. *The Remarkable Women of Ancient Egypt*, Scribe Publications, Providence, 1987.
- 39) **McDONALD**, John K., *House of Eternity: The Tomb of Nefertari*, The Getty Conservation Institute and the J. Paul Getty Museum, Los Angeles, 1996.
- 40) **MENU**, Bernadette. "La condition de la femme dans l'Égypte pharaonique" in: *Revue historique de droit français et étranger* 67. Janv-mars 1989. Paris:Librarie Sirey, 1989.
Wilbour Library - W PAM
- 41) **MURRAY**, Margaret Alice. "Priesthoods of women in Egypt" (abstract) in: *Transactions of the Third International Congress for History of Religions, Vol. I*. Oxford: Clarendon Press, MCMVIII.
Wilbour Library - W PAM
- 42) **NOBLECOURT**, Christiane Desroches, *A mulher no tempo dos faraós*, Papirus, São Paulo, 1994.
- 43) **NUR EL DIN**, Abdel Halim, *The Role of Women in the Ancient Egyptian Society*. Amal Safwat el-Alfy S.C.A. Press, 1995.
- 44) **PESTMAN**, P. W. *Marriage and matrimonial property in Ancient Egypt, a contribution to Establishing the Legal Position of the Woman*. Leiden, Netherlands: Lugdunum Batavorum E. J. Brill, 1961.
Wilbour Library - W N371.6 P43
- 45) **CASTAÑEDA REYES**, José Carlos. *El papel de la mujer en la Historia Social del Egipto Antiguo*. Tese de Doutorado, Centro de Estudios de Asia y África – El Colegio de México, 2003.
- 46) **ROBERTS**, Alison, *Hathor Rising: The Power of the Goddess in Ancient Egypt*, Inner Traditions International, Vermont, 1997.
- 47) **ROBINS**, Gay, *Reflections of Women in the New Kingdom: Ancient Egyptian Art from The British Museum*, Van Siclen Books, Texas, 1995.
- 48) **ROBINS**, Gay, *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1996.
- 49) **ROBINS**, Gay. "While the Woman Looks on. Gender inequality in New Kingdom Egypt". *KMT, A Modern Journal of Ancient Egypt*. San Francisco, California: KMT Communications, Fall 1990, Vol-1, #3– p18-21, 64-5.
- 50) **STEVENS**, John M. "Gynaecology from ancient Egypt: The Papyrus Kahun. A translation of the oldest Treatise on Gynaecology that has survived from Ancient World." IN: *The Medical Journal of Australia*. December 20/27, 1975. (p. 949-952)
Wilbour Library - W PAM
- 51) **TEETER**, Emily. "Female musicians in Pharaonic Egypt" IN: **MARSHALL**, Kimberly (ed). *Rediscovering the muses. Women's Musical Traditions*. Boston: NortheasternUniversity Press, 1993.
Wilbour Library - W PAM 1993
- 52) **TYLDESLEY**, Joyce. *Daughters of Isis, Women of Ancient Egypt*, Penguin Books, London/NY, 1995.

- 53) **TYLDESLEY**, Joyce. *Hatchepsut: The female Pharaoh*, Penguin Books, London/NY, 1998.
- 54) **VERCOUTTER**, Jean. "La femme en Égypte ancienne" IN: **GRIMAL**, Pierre. *Histoire Mondiale de la femme*. I. Préhistoire et antiquité. Paris, Nouvelle Librairie de France, 1965. (p. 61-152)
Wilbour Library - W N370.6 V58
- 55) **VERCOUTTER**, Jean. "Les femmes et l'amour au temps des Pharaons". IN: *Mirois de l'Histoire* n.186. Paris, Juin - 1965.
Wilbour Library - W PAM
- 56) **WATTERSON**, Barbara. *Women in Ancient Egypt*, St. Martin's Press, New York, 1991.
- 57) **WHALE**, Sheila, *The Family in the Eighteenth Dynasty of Egypt: A study of the Representation of the Family in Private Tombs*, The Australian Centre for Egyptology, 1989.
- 58) **WILFONG**, Terry. *Women and gender in ancient Egypt. From Prehistory to Late Antiquity*. An Exhibition at the Kelsey Museum of Archaeology 14 March-15 June 1997. Ann Arbor, Kelsey Museum of Archaeology, 1997.
Wilbour Library - W N363 An71 W64

2. Arte Egípcia e Iconografia

- 59) **BAUD**, Marcelle, *Le Caractère du dessin en Egypte Ancienne*, Paris, Librairies D'Amérique et D'Orient Adrien-Maisonneuve, 1978.
- 60) **BAUD**, Marcelle. *Les dessins ébauchés de la nécropole thébaine (au temps du nouvel empire)* Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1935. (Memoires 63)
Wilbour Library - W N330 IFAOm t.63
- 61) **BONHÊME**, Marie-Ange, *L'art Égyptien*, Paris, P.U.F., 1992.
- 62) **CARDOSO**, Ciro F. S., "Iconografia e História", s/d. Cópia xerox.
- 63) **CARDOSO**, Ciro F. S., *Narrativa, sentido e História*, São Paulo, Papirus, 1997.
- 64) **CARDOSO**, Ciro Flamarion. "A arte egípcia: um estudo de suas características fundamentais". 2004. Texto inédito gentilmente cedido pelo autor.
- 65) **DAVIS**, Whitney, *The Canonical Tradition in Ancient Egyptian Art*, New York, Cambridge University Press, 1989.
- 66) **GROENEWEGEN-FRANKFORT**, H.A., *Arrest and Movement, Space and time in the Art of the Ancient Near East*, Cambridge, Massachusetts, and London, Harvard University Press, 1987.
- 67) **LALOUETTE**, Claire. *L'art et la vie dans l'Égypte pharaonique*, Paris, Fayard, 1998.
- 68) **LALOUETTE**, Claire. *L'art égyptien*, Paris, P.U.F., 1981
- 69) **LISE**, Giorgio, *Como Reconhecer a arte egípcia*, São Paulo, Martins Fontes, 1985
- 70) **MALEK**, Jaromir. *Egyptian Art*. Phaidon Press Limited: London, 1999.
- 71) **NEIVA**, Eduardo. "Imagem, História e Semiótica" & "Sob o Signo da História: respostas a meus comentadores". Comentários I,II,III,IV e V de vários autores IN: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, SP, USP, Nova Série, Nº 1, 1993, pp.11-95.
- 72) **ROBINS**, Gay. *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*, Austin, University of Texas

Press, 1994.

- 73) **ROBINS**, Gay. *The Art of Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000.
- 74) **RUSSMANN**, Edna R. *et alii. Eternal Egypt. Masterworks of Ancient Art from the British Museum*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press in Association with the American Federation of Arts, 2001.
- 75) **SCHÄFER**, Heinrich, *Principles of Egyptian Art*, Oxford, Griffith Institute, 1986.
- 76) **WILKINSON**, Richard H., *Reading Egyptian Art, A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, New York, Thames & Hudson, 1994.
- 77) **WILKINSON**, Richard H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, London, Thames&Hudson, 1994.

3. Crença, Ritos e Religião Funerária no Egito Antigo

- 78) **CARDOSO**, Ciro F. S., "A Literatura Funerária como Fonte para a História agrária do Egito Antigo", Separata da *Revista de História* nº 117, São Paulo, 1984.
- 79) **CARDOSO**, Ciro F. S. *Deuses, Múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- 80) **DAVIES**, Mrs Nina M. "Some representations of tombs from the Theban Necropolis" in: *Journal of Egyptian Archaeology*. 1938. V.24 (p.25-40) . [Wilbour Library - W N330 JEA v.24]
- 81) **DODSON**, Aidan, *Egyptian Rock-cut Tombs*, Buckingham, Shire Publications LTD, 1991.
- 82) **GARDINER**, Alan Henderson. "The contents of the burial chamber" in: *The Theban Tombs series*. London: Egypt Exploration Fund (etc), 1915. 1st an introductory memoir. (p.110-118)
Wilbour Library - W N384 T34TTS 1st
- 83) **MACKAY**, Ernest John Henry. "The cutting and the preparation of the tomb-chapels in the Theban necropolis". IN: *Journal of Egyptian archaeology*, 1921, v.7 p.154-168.
Wilbour Library - W N330 JEA v.7
- 84) **MUHAMMED**, M. Abdul-Qader. *The development of the funerary beliefs and practices displayed in the private tombs of the New Kingdom at Thebes*. Cairo: General Organisation for Government Printing Offices, 1966.
Wilbour Library - W N384 T34 M89
- 85) **TAYLOR**, John H. *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 2001.
- 86) **ROMANO**, James F., *Death, Burial and Afterlife in Ancient Egypt*, Pittsburgh, The Carnegie Museum of Natural History, 1990.

4. Deir el-Medina

- 87) **BIERBRIER**, Morris L. *The Tomb-Builders of the Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.
- 88) **DAVIES**, Benedict G. *Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal*

Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.

- 89) **DEMARÉE**, R. J. & **EGBERTS**, A. *Village Voices. Proceeding of the Symposium* "Texts from Deir el-Medina and their Interpretation". Leiden: Centre of Non-Western Studies, Leiden University, 1991.
- 90) **LESKO**, Leonard H. (ed.) *Pharaoh's Workers. The village of Deir el-Medina*. Ithaca & London: Cornell University, 1994.
- 91) **MANNICHE**, Lise. *City of the Dead. Thebes in Egypt*. London: Guild Publishing, 1987.
- 92) **MONICA**, Madeleine Della. *La classe ouvrière sous les pharaons. Etude du Village de Deir el Medineh*. Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1980.
- 93) **ROMER**, John. *Ancient Lives. Daily Life in Egypt of the Pharaohs*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1984. (Originalmente publicado na Grã-Bretanha sob o título: "Ancient Lives: The Story of the Pharaoh's Tombmakers.")
- 94) **VALBELLE**, D. *Les Ouvriers de la Tombe. Deir el-Médineh à l'époque ramesside*. Cairo: Institut Français d'Archeologie Orientale, 1985.

5. Contexto: a XIX dinastia

- 95) **ALLAM**, Schafik, *Everyday Life in Ancient Egypt*, Prism, Egypt, 1985.
- 96) **CARDOSO**, Ciro F. S. *O Egito antigo*, "Tudo é História" nº 36, São Paulo, Brasiliense, 1986, 5ª ed.
- 97) **HAYES**, William C., *The Scepter of Egypt, A Background for the Study of the Egyptian Antiquities in The Metropolitan Museum of Arts, Part II: The Hyksos period and the New Kingdom (1675-1080 B. C.)*, New York, The Metropolitan Museum of Arts, 1990.
- 98) **HODEL-HOENES**, Sigrid. *Life and Death in Ancient Egypt. Scenes from Private Tombs in New Kingdom Thebes*. Ithaca, NY & London: Cornell University, 2000. (Translated from the German by David Warburton)
- 99) **LÉVÊQUE**, Pierre, *As Primeiras Civilizações I. os impérios do bronze*, Lisboa, Edições 70, 1990.
- 100) **MESKELL**, Lynn. *Private Life in New Kingdom*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2002.
- 101) **MONTET**, Pierre. *O Egito no tempo de Ramsés*, "A Vida Cotidiana" São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.
- 102) **SILIOTTI**, Alberto. *Luxor, Karnak, and the Theban Temples*. Cairo & New York: The American University in Cairo, 2002.
- 103) **YOYOTTE**, Jean, "Egito Faraônico: Sociedade, economia e cultura", **MOKHTAR**, G. (ed.), *A África Antiga*, São Paulo/Paris: Ática/ UNESCO, 1983 (História Geral da África, vol 2).

6. Sobre Egito em Geral

- 104) **ALDRED**, C., *Os egípcios*, "História Mundi", Lisboa, Editorial Verbo, 1972.
- 105) **ALLAM**, Schafik, *Everyday Life in Ancient Egypt*, Prism, Egypt, 1985.

- 106) *Bibliography. Ancient Egypt: a bibliography for the study of women and society in Ancient Egypt.*
Wilbour Library - W PAM
- 107) **BREASTED**, James Henry, *Ancient records of Egypt, Historical documents from the earliest times to the Persian conquest*, Chicago, The University of Chicago Press, 1906/1907, 5 vols.
- 108) **CARDOSO**, Ciro F. S. *Antigüidade oriental: política e religião*, São Paulo, Contexto, 1990.
- 109) **CARDOSO**, Ciro F. S. *Sete olhares sobre a Antigüidade*, Brasília, Editora UnB, 1994.
- 110) **CARDOSO**, Ciro F. S. *Sociedade do Antigo Oriente Próximo*, "Princípios" nº 47, São Paulo, Ática, 1986.
- 111) **CARDOSO**, Ciro F. S., *Uma Interpretação das Estruturas Econômicas do Egito Faraônico*, Rio de Janeiro, cópia xerox de original datilografado, 1987.
- 112) **CASSIN**, Elena et alii. *Los Imperios del antiguo Oriente, del Paleolítico a la mitad del segundo milenio*, "Historia Universal Siglo XXI", vol. 2, Madrid, Siglo XXI, 1970.
- 113) **CASSON**, Lionel, *Daily life in ancient Egypt*, New York, American Heritage, 1975.
- 114) **CASSON**, Lionel, *O Antigo Egito*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1969.
- 115) **COTTRELL**, Leonard, *Life under the Pharaohs*, New York, Hinehart and Winston, 1960.
- 116) **DAUMAS**, François, *La civilización del Egipto Faraónico*, Barcelona, Juventud, 1972.
- 117) **DAVID**, Rosalie. *Handbook to Life in Ancient Egypt*. Oxford University Press: New York, 1998.
- 118) **DRIOTON**, Etienne, *L'Egypte Pharaonique*, "U2" Paris, Armand Colin, 1969.
- 119) **DRIOTON**, Etienne; **VANDIER**, Jacques, *Les peuples de l'Orient méditerranéen, II, L'Egypte*, "Clio", Paris, PUF, 1952, 3ª ed.
- 120) **DUNFORD**, Jane [et al.] (main contributors) *Eyewitness Travel Guides: Egypt*. London, NY, Munich, Melbourne, Delhi: Dorling Kindersley Publishing, INC., 2001.
- 121) **DYKMANS**, G., *Histoire économique et sociale de l'ancienne Egypte*, Paris, Auguste Picard, 1936-1937, 3 vols.
- 122) **ERMAN**, Adolf, *Life in Ancient Egypt*, New York, Dover Publications, INC., 1971.
- 123) **FAZZINI**, Richard A. [et al.] *Art for Eternity. Masterworks from Ancient Egypt*. New York: Brooklyn Museum of Art in association with Scala Publishers (London), 1999.
- 124) **GARDINER**, Alan, *Egypt of the Pharaohs*, London, Oxford University Press, 1974.
- 125) **GRIMAL**, Nicolas, *Histoire de l'Egypte Ancienne*, Paris, Fayard, 1988.
- 126) **HAYES**, Willian C., *The Scepter of Egypt, A Background for the Study of the Egyptian Antiquities in The Metropolitan Museum of Arts, Part I: From the Earliest Times to the End of the Middle Kingdom*, New York, The Metropolitan Museum of Arts, 1978.
- 127) **JAMES**, T. G. H., *An introduction to Ancient Egypt*, London, British Museum Publications, 1979.
- 128) **JAMES**, T. G. H., *Le peuple de Pharaon, culture, société et vie quotidienne*, Monaco, Le Rocher, 1988.
- 129) **JÉQUIER**, Gustave, *Histoire de la Civilisation égyptienne*, Paris, Payot, 1930.
- 130) **KAMIL**, Jill, *Sakkara and Memphis, A Guide to the Necropolis and The Ancient Capital*,

London and new York, Longman, 1985.

- 131) **KAMIL**, Jill, *Upper Egypt, Historical Outline and Descriptive guide to ancient sites*, London and New York, Longman, 1983.
- 132) **KI-ZERBO**, J., *História Geral da África, I. Metodologia e pré-história da África*, São Paulo/Paris, Ática/UNESCO, 1982.
- 133) **LAFFONT**, Élisabeth, *Les livres des Sagesse des Pharaons*, Paris, Gallimard, 1979.
- 134) **LECLANT**, Jean, "Documents nouveaux et points de vues récents sur les sagesse de l'égypte Ancienne", *Les Sagesse du Proche-Orient Ancien*, Colloque de Strasbourg, 1962, Paris, PUF, 1963.
- 135) **MALEK**, Jaromir & **FORMAN**, Werner (phot.), *In the shadow of the Pyramids, Egypt during the Old Kingdom*, London, Orbis, 1986.
- 136) **MENU**, Bernadette et **HARARI**, Ibram, "La notion de propriété privée dans l'Ancien Empire égyptien", *Cahier de Recherche de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille*, n° 2, Lille, Editions Universitaires, 1974.
- 137) **MENU**, Bernadette, "Une approche de la notion de travail dans l'ancien Empire égyptien", *Actes du Colloque "Stato economia e lavoro nel vicino Oriente antico"*, Istituto Gramsci Toscano, Firenze, 1984.
- 138) **MENU**, Bernadette, *Recherches sur l'histoire juridique, économique et sociale de l'ancienne Egypte*, Versailles, Edição da autora, 1982.
- 139) **MIQUEL**, Pierre et **PROBST**, Pierre, *Au temps des anciens égyptiens*, "La vie Privée des hommes", Paris, Hachette, 1979.
- 140) **MONTET**, Pierre, *Les scenes de la vie privée dans les tombeaux égyptienne de l'Ancien-Empire*, Estrasburgo, Librairie Istra, 1925.
- 141) **NÉRET**, Gilles (ed.). *Description of Egypt*. Köln/ NY: Taschen, 2001 (original 1809).
- 142) **PARKINSON**, R. B., *Voices from Ancient Egypt. An Anthology of Middle Kingdom Writings*. Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1991.
- 143) **PIRENNE**, Jacques, *Histoire de la civilisation de l'Égypte ancienne*, Neuchâtel/Paris, A la Baconniere/Albin Michel, 1961. (3 vols)
- 144) **QUIRKE**, Stephen & **SPENCER**, Jeffrey (ed), *The British Museum Book of Ancient Egypt*, London, Thames&Hudson, 1996.
- 145) **RICE**, Michael, *Egypt's Making: The Origins of Ancient Egypt 5000-2000 B.C.*, London and New York, Routledge, 1990.
- 146) **RICE**, Michael. *Who's Who in Ancient Egypt*. London & New York: Routledge, 2002.
- 147) **ROMAMT**, Bernard, *Life in Egypt in ancient times*, Genebra, Minerva, 1978.
- 148) **ROMER**, John, *O Vale dos Reis, o mistério das tumbas reais do Antigo Egito*, São Paulo, Melhoramentos, 1994.
- 149) **ROMER**, John, *Romer's Egypt. A new light on the civilization of ancient Egypt*, London, Michael Joseph/Rainbird, 1982.
- 150) **RUFFLE**, John, *Heritage of the Pharaohs*, Oxford, Phaidon, 1977.
- 151) **SCHMANDT-BESSERAT**, Denise (ed.), *Immortal Egypt Invited Lectures on the Middle East at the University of Texas at Austin*, Malibu, Udena Publications, 1978.
- 152) **SHAW**, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. London/ New York: Oxford University Press, 2002.

- 153) **STEWART**, H. M. "Egyptian Funerary Statuettes and the solar cult" in: *Bulletin of the Institute of Archaeology*. Number Four: 1964. University of London. Pág. 165-171, 268.
Wilbour Library - W PAM
- 154) **STEWART**, Harry M., *Egyptian Shabtis*. Buckingham, Shire Publications LTD, 1995.
- 155) **TOOLEY**, Angela, M. J., *Egyptian Models and Scenes*, Buckingham, Shire Publications LTD, 1995.
- 156) **TRIGGER**, B.G. et alii, *Ancient Egypt: a social history*, Cambridge University Press, 1983.
- 157) **VANDIER**, J., *Manuel d'archéologie égyptienne*, Paris, A. et J. Picard, 1925-1978 (6 tomos).
- 158) **WHITE**, Jon Manchip, *Everyday life in ancient Egypt*, London/New York, Batsford/Putnam's Sons, 1963.

7. Instrumentais (Dicionários, gramáticas, listagens etc)

- 159) **BAINES**, John and **MÁLEK**, Jaromir, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford: Phaidon, 1980.
- 160) **BAUMGARTEN**, Monika et alii, *Baedeker's Guide: "Egypt"*, New Jersey, Prentice Hall Press, s/d.
- 161) **BICKERMAN**, E.J., *Chronology of the ancient world*, London, Thames & Hudson, 1980.
- 162) **COLLIER**, Mark. & **MANLEY**, Bill. *How to Read Egyptian Hieroglyphs. A Step-By-Step Guide to Teach Yourself*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London, 1998.
- 163) **DAVID**, Rosalie & **DAVID**, Antony E. *A Biographical Dictionary of Ancient Egypt*, Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1996.
- 164) **ENGLUND**, Gertie. *Middle Egyptian an Introduction*. Uppsala, 1995.
- 165) **FAULKNER**, Raymond O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford, Griffith Institute, 1976
- 166) **FAULKNER**, Raymond O., *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford, Clarendon Press, 1969.
- 167) **GARDINER**, Alan Henderson, *A Topographical catalogue of the private tombs of Thebes*. London: B. Quaritch, 1913.
Wilbour Library - W N384 T34 G16 oversize
- 168) **GARDINER**, Alan, *The Egyptian Grammar*, Oxford, Griffith Institute, 1950, 2ª edition.
- 169) **KAMPP**, Friederike. *Die thebanische Nekropole: zum Wandel des Grabgedankens von der XVIII. Bis zur XX. Dynastie*. Mainz am Rhein: Verlag Phillipp von Zabern, 1996.
Wilbour Library - W N384 T34 T34 v.13
- 170) **MANLEY**, Bill, *The Penguin Historical Atlas of Ancient Egypt*, London, Penguin Books, 1996.
- 171) **MENU**, Bernadette. *Petite Grammaire de L'Égyptien Hieroglyphique a L'Usage des Débutants*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A.: Paris, 1989.
- 172) **MENU**, Bernadette. *Petite Lexique de L'Égyptien Hieroglyphique a L'Usage des Débutants*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A.: Paris, 1989.
- 173) **MURNANE**, William J., *The Penguin Guide to Ancient Egypt*. London, Penguin Books, 1996 (2ed).

- 174) **PORTER**, Bertha & **MOSS**, Rosalind L. B. *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs*. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institute. 1970.
Wilbour Library - W Z P83 2nd ed
- 175) **POSENER**, Georges et alii, *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: F. Hazan, 1970. (2ª ed)
- 176) **STRUDWICK**, Nigel & Helen. *Thebes in Egypt. A Guide to the Tombs and Temples of Ancient Luxor*. Cornell University Press: Ithaca, New York, 1999.

8. História das Mulheres e História de Gênero

- 177) **CHARTIER**, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica". *Cadernos Pagu*. Campinas: Publicação do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1995. (4) 1995 pp. 37-47.
- 178) **DIAS**, Maria Odila Leite da Silva. "Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: CIEC/ UFRJ, 1994. (ano 2 2º semestre de 1994)
- 179) **DIAS**, Maria Odila Leite da Silva. "Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano". COSTA, Albertina de Oliveira. & BRUSCHINI, Cristina. (org.) Uma questão de gênero. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992.
- 180) **MESKELL**, Lynn. *Archaeologies of Social Life. Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt*. Blackwell Publishers Ltd: Oxford, 1999.
- 181) **NASH**, Mary. "Invisibilidad y presencia de la mujer en la historia". *Historias 10*, Revista de la Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia. México, D.F.:INAR, Julio-Septiembre 1985.
- 182) **SCOTT**, Joan Wallach. "Prefácio a Gender and Politics of History". **BASSANEZI**, Carla (ed.) *Cadernos Pagu*. Campinas: Publicação do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1994. (3) 1994 pp. 11-27.
- 183) **SCOTT**, Joan Wallach. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988.
- 184) **TILLY**, Louise A. "Gênero, história das mulheres e história social". **BASSANEZI**, Carla (ed.) *Cadernos Pagu*. Campinas: Publicação do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1994. (3) 1994 pp. 29-62.
- 185) **VARIKAS**, Eleni. "Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott". **BASSANEZI**, Carla (ed.) *Cadernos Pagu*. Campinas: Publicação do Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, 1994. (3) 1994 pp. 63-84.



Anexos

I. Tumbas da XIX dinastia em Deir el-Medina

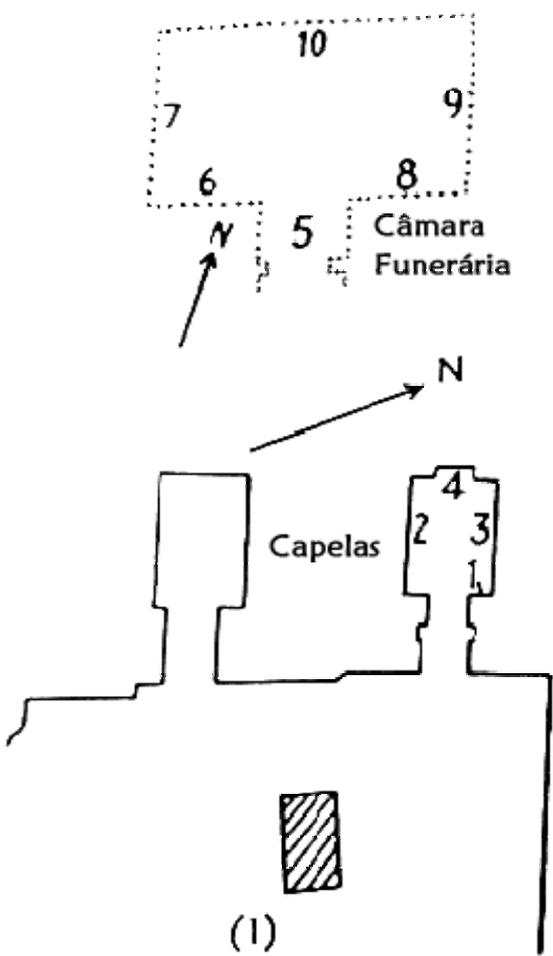
Abaixo seguem as referências bibliográficas dos livros que foram usados para a datação das tumbas. É importante reafirmar que muitas das datas apresentadas aqui ainda não são totalmente confiáveis embora eu tenha procurado me certificar de cada uma delas da melhor forma possível. Para tanto dei preferência às datas revistas por Benedict G. Davies, por ser este livro o mais recente e o que parece fazer um estudo realmente aprofundado das famílias residentes em Deir el-Medina. Quando, por qualquer motivo isso não foi possível procurei apenas usar o bom senso. Deixei, no entanto todas as datas que encontrei disponíveis para quem quiser certificar-se de minhas opções.

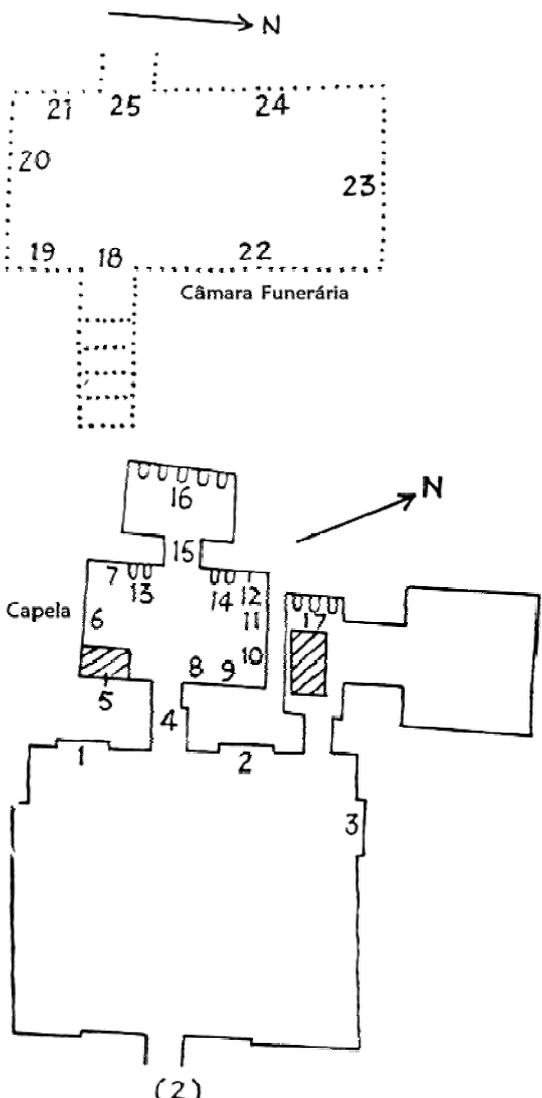
1. **DAVIES**, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
2. **GARDINER**, Alan Henderson, A Topographical catalogue of the private tombs of Thebes. London: B. Quaritch, 1913.
3. **KAMPP**, Friederike. Die thebanische Nekropole: zum Wandel des Grabgedankens von der XVIII. Bis zur XX. Dynastie. Mainz am Rhein: Verlag Phillip von Zabern, 1996.
4. **MANNICHE**, Lise. City of the Dead. Thebes in Egypt. London: British Museum Publications, 1987.
5. **PORTER**, Bertha & **MOSS**, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.

6. **VANDIER**, Jacques. Tombes de Deir el-Medineh, La tombe de Nefer-Abou. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1935. Mémoires Publiés par les Membres de L'IFAO du Caire, sous la direction de M. Pierre Jouquet. Tome LXIX.
7. **ZIVIE**, Alan-Pierre. La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX.

Proprietários de Tumba em Deir el-Medina Usados nesta pesquisa

<u>TT 001: Sennedjem, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II – XIX</u>	<u>298</u>
<u>TT 002: Kha'bekhnet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>300</u>
<u>TT 003: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>302</u>
<u>TT 005: Nefer'abet, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II – XIX</u>	<u>304</u>
<u>TT 006: Neferhotep & Nebnefer, Capatazes no Lugar da Verdade, Horemhreb - Ramsés II</u>	<u>306</u>
<u>TT 210: Ra'weben, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia</u>	<u>308</u>
<u>TT 211: Paneb, Servidor no Lugar da Verdade, Seti II – Siptah</u>	<u>309</u>
<u>TT 214: Khawi, Supervisor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>310</u>
<u>TT 215: Amenemopet, Escriba real no Lugar da Verdade, Ramsés II - Seti II</u>	<u>311</u>
<u>TT 216: Neferhotep, Capataz, Ramsés II - Seti II</u>	<u>312</u>
<u>TT 217: Ipuv (Amenemope), Escultor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>314</u>
<u>TT 218: Amennakht, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>316</u>
<u>TT 219: Nebenma'et, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>318</u>
<u>TT 250: Ra'mose, Escriba no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>320</u>
<u>TT 292: Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Seti I - Ramsés II</u>	<u>321</u>
<u>TT 323: Pashedu, Delineador de esboços de Amon, Seti I</u>	<u>323</u>
<u>TT 335: Nekhtamun, Sacerdote-wa'b de Amenófis I, XIX Dinastia</u>	<u>324</u>
<u>TT 336: Neferronpet, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia</u>	<u>326</u>
<u>TT 339: Huy & Pashedu, Servidor no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>328</u>
<u>TT 356: Amenemwia, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia</u>	<u>329</u>
<u>TT 357: Dhutihirnaktuf, Servidor no Lugar da Verdade, XIX Dinastia</u>	<u>331</u>
<u>TT 360: Kaha (Qaha) , Capataz no Lugar da Verdade, Ramsés II</u>	<u>332</u>

Tumbas da XIX Dinastia		Sennedjem		TT001
 <p>Sennedjem (i)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade - Capataz</p>		<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>
<p>OBS: Pai de Khabekhnet (i) da tumba TT002</p>		<p>Data: <i>Ramsés II</i></p>		<p>XIX - XX GARDINER (1913) XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia MANNICHE (1987) Seti I - Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Ineferti (iii)</p>		<p>Pai:</p>  <p>Khabekhnet (iii)</p>		<p>Mãe:</p> <p>Taha(y)nu (iii)</p>
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Capela Norte. (Khons - filho)</p> <p>1) Dois registros: I. Casal. II. Filho (de Sennedjem) Kha'bekhnet (TT2) e esposa.</p> <p>2) Homem diante de [uma barca], e restos de procissão funerária.</p> <p>3) Guardiã no Livro dos Portões.</p> <p>4) Restos de procissão funerária, incluindo um homem ajoelhado segurando uma múmia.</p> <p>Câmara Funerária de Sennedjem</p> <p>5) Lintel exterior, cena dupla, falecido adora a barca de Atum. Umbral com laterais externa e sofito, títulos do morto e invocações de Osíris and Re'Harakhti. Lateral interior, Akru à esquerda, e árvore-isd com gato matando serpente à direita. Sofito interior, morto adora o disco-horizonte sustentado pelos braços de Nut. Face exterior, dois registros: I. falecido, esposa e parentes diante de Osíris e Maat. II. Parentes diante de Ptah-Sokari, Osíris e Ísis. Face Interior: dois registros: I. falecido e esposa jogando um jogo de tabuleiro. II. Onze colunas de texto.</p> <p>6) Dois registros. I. múmia deitada numa cama entre Ísis e Nephthys como falcões. II. Filhos (um deles fazendo uma oferenda) diante de parentes, e filho Bunakhef fazendo uma libação ao morto e família.</p> <p>7) Tímpano, Anúbis-chacal. Cena abaixo, morto e esposa adoram deuses do submundo.</p> <p>8) Dois registros. I. Morto e esposa adoram guardiões dos Portões (os dez sbht). II. Parentes.</p> <p>9) Tímpano, babuínos adoram barca de Rá. Quatro registros abaixo I-IV, os campos de Iaru.</p> <p>10) Três cenas. I. Anúbis cuidando da múmia deitada numa cama com textos do Livros dos Mortos. II. Morto agachando-se diante de Osíris. III. Morto guiado por Anúbis.</p>		
<p>Teto abobadado, oito cenas: Metade externa: 1. Re'- Harakhti, Atum nas costas de um bezerro e duas árvores. 2. Morto adora três demônios. 3. Morto adora deuses do submundo e serpente no horizonte. 4. Morto adora Thoth e dois demônios. Metade interna: 5. Cena da deusa-árvore. 6. Morto e esposa adoram deuses do céu. 7. Passáro-Benu e Re'-Harakhti com enéada numa barca. 8. Morto abre os portões do Oeste.</p>				
Publicação:				
<p>★ BRUYÈRE, Bernard. La tombe no. 1 de Sen-nedjem à Deir el-Médineh. Le Caire, Imprimerie de l'Institut Français d'Archeologie Orientale. 1959. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 88. Wilbour Library W N330 IFAOm t.88-89 Publicação Completa</p> <p>★ SHEDID, Abdel Ghaffar. Das Grab des Sennedjem: ein Künstlergrab de 19. Dynastie in Deir el Medineh. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1994. Columbia University: Avery Library AA216 D33 Sh34 Publicação Completa</p>				

Tumbas da XIX Dinastia		Kha'bekhnet		TT002
 <p>Kha'bekhnet (i)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>	
<p>OBS:</p>		<p>Data: <i>Ramsés II</i></p> <p>XIX - XX GARDINER (1913) Ramsés II PORTER & MOSS [1970 2ed] Ramsés II MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>		
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Sahte (i)</p>		<p>Pai:</p>  <p>Sennedjem - TT001 - Servidor no Lugar da Verdade</p>		
		<p>Mãe:</p>  <p>Iyeferti (iii)</p>		
Plano da Tumba:		Descrição:		
 <p>(2)</p>		<p>Pátio.</p> <p>1) Restos de Estela</p> <p>2) Estela com dupla cena na parte inferior, morto à esquerda, pai à direita, ambos ajoelhados e entoando hinos a Rá.</p> <p>3) Estela, barca de Rá adorado por babuínos na parte superior, e três registros de cenas duplas abaixo. I. Morto diante das quatro divindades; II. Pai e família diante de Hórus e Satis, e morto e família diante de Amon e da Rainha 'Ahmosi Nefertari; III. Morto adorando e entoando hinos à Rá.</p> <p>Capela</p> <p>Pátio</p> <p>4) Lateral esquerda, dois registros, I. pai de joelhos adora Min e [deusa], II. Irmão Khons e esposa fazem oferendas aos pais (macaco debaixo da cadeira da mãe), e hinos à Rá. Lateral direita, dois registros, I. morto de joelhos oferece velas a Min e a Isis, II. Morto e esposa fazem oferendas aos pais (do morto). Sofito, títulos.</p> <p>5) Quatro registros. I. Cerimônias no templo de Mut em Karnak com as barcas divinas e avenidas de "crio-sphinxes". II. Duas cenas de oferendas. III. Peregrinação a Abidos diante de Osiris, e irmão Khons e esposa diante de um deus. IV. Cena de pesagem, Khons guiado por Harsiesi e esposa por Anubis, e procissão funerária com sarcófago e lamentadores do sexo masculino.</p> <p>6) Quatro registros. I. Pai e parentes adoram a deusa Hathor e sua forma de vaca em uma capela. II. e III. Banquete. IV. Procissão funerária.</p> <p>7) Três registros. I. (parcialmente atrás de uma estátua [13]), Morto (?) e família diante de Osiris, Isis e Hathor. II e III. Cenas de oferendas.</p> <p>8) Três registros. I. pais adoram Ptah e Anubis. II. Homem faz oferendas a Ra'mose (TT007) e esposa, e homem faz oferendas aos pais do morto. III. Kaha (TT360) com esposa e oferendas.</p> <p>9) Três registros. I. Morto com esposa faz oferendas em braseiro à estátua de Amenophis I num palanquim carregado por sacerdotes, e estátua de Amon. II. Filho Mosi queima incenso diante do morto e esposa. III. Família.</p>		

10) Quatro registros. I. Morto faz oferendas a duas filhas de reis, rainhas e princesas. II. Morto e filha adoram Ptah e deusa, e homem faz oferendas a morto e esposa. III. Família diante dos pais do morto.

11) Quatro registros. I. [Morto] diante da estátua de Amenophis I em um palanquim carregado por sacerdotes, e estátua de Amon, ambos protegidos por Maat. II. Dois casais (pertencendo a [12]). III. Morto guiado por Anubis, e esposa por Horus, até Osiris e Isis. IV. Cenas de oferendas.

12) Quatro registros. I. (parcialmente atrás da estátua [14]) Cena dupla, [morto] diante da tríade tebana, e diante de Amenophis I, 'Ahmosi Nefertere, e princesa Merytamun. II. (continuação de [11]), Re'-Harakhti e Osiris sentados. III e IV. Cenas de oferendas à família com Anubis sentado em IV.

13) Estátua dos pais sentados, com parentes em relevo no acento, e homem adorando do outro lado.

14) Estátua do morto e sua esposa sentados com parentes em relevo no acento, e texto de oferendas à Mertseger do outro lado.

Câmara Interior

15) Acima a barca de Rá. Lintel, cena dupla, morto e esposa fazem oferendas a Tríade Tebana. Umbral, textos com Khons e esposa abaixo à esquerda, e morto e esposa abaixo à direita. Lateral esquerda, três registros. I. Pai e Khons adoram a barca de Rá. II. Pais [do morto] adorando. III. Khons, esposa e filha, adorando e entoando hinos à Rá em II e em III.

16) Duas estátuas duplas, Osiris e Isis e com Hathor, e Hathor em forma de vaca protege (o rei) no centro.

Pirâmide

Estela lucarna, no British Museum 555. Três registros. I. barca de Rá'Harakhti, II. Morto adora a estátua real e Hathor em forma de vaca na montanha, III. Morto e esposa ajoelhados entoando hinos a Hathor.

Câmara Mortuária

17) Acima das escadas. Estátuas de Rá (?) e Osiris, com Hathor em forma de vaca protegendo o rei sentado no centro.

18) Acima da entrada interna. Há'pi e oferendas

19) Morto e esposa ajoelhados oferecendo "uzat" a Thot como um babuíno.

20) Tímpano, Ísis alada. Duas cenas abaixo. I. Khepri e Osiris com o símbolo do nomo-peixe. II. Anúbis cuidando da múmia em forma de peixe num leito, entre pequenas imagens de Ísis e Nephthys e filhos de Hórus.

21) Pai e mãe oferecem incenso e libações a Ptah-Nebmaat e Mertseger agachados.

22) Três cenas. I. Neith fazendo "nini" e Selkis com água diante de Hórus como o falcão do oeste. II. Morto e esposa diante de Ptah e Maat. III. Morto e esposa fazem oferendas num braseiro a Anúbis e Hathor do Oeste.

23) Tímpano. Nephthys alada. Cena abaixo, Anúbis cuidando da múmia num leito entre Nephthys e Ísis, com três deusas em cada extremidade segurando uma Estela de Osiris à esquerda e Hekzer à direita.

24) Três cenas. I. Khons e esposa diante de Rá, Osiris e Amenófis I; II. Morto e esposa diante de Amenófis I (representado duas vezes) e 'Ahmosi Nefertere. III. Morto e esposa diante de Ptah-Sokari e Tefnut.

25) Entrada para Câmara Interior. Lintel, cartuchos de Amenófis I, 'Ahmosi Nefertere, [Meryt]amun e Men[tuhotp]-[Nebhepet]re, e Buto de Depet como uma serpente.

Teto Abobadado. Oito cenas.

Metade externa. I. Mehitwert em forma de vaca numa piscina e sombra do morto. II. Esposa adora Anúbis. III. Morto guiado por Anúbis até a pirâmide-tumba com o bá acima da porta. IV. Ptah-Sokari numa barca com o morto e esposa adorando na escadaria abaixo.

Metade interna. V. Osiris numa barca. VI. Disco-do-horizonte levado no braços de Nut com um pilar-zad personificado e Tefnut com um leão com uma cobra abaixo. VII. Morto adora Hu e Ka nas costas de um bezerro. VIII. Morto adora Thoth.

Publicação:

★ BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI
Columbia University: Butler Library 961 C123 v.86 Apenas Partes

★ BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.
<http://www.osirisnet.net>

Publicação: Descrição, famílias, planos

★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.

Página: 6-9

Plano: nº 2

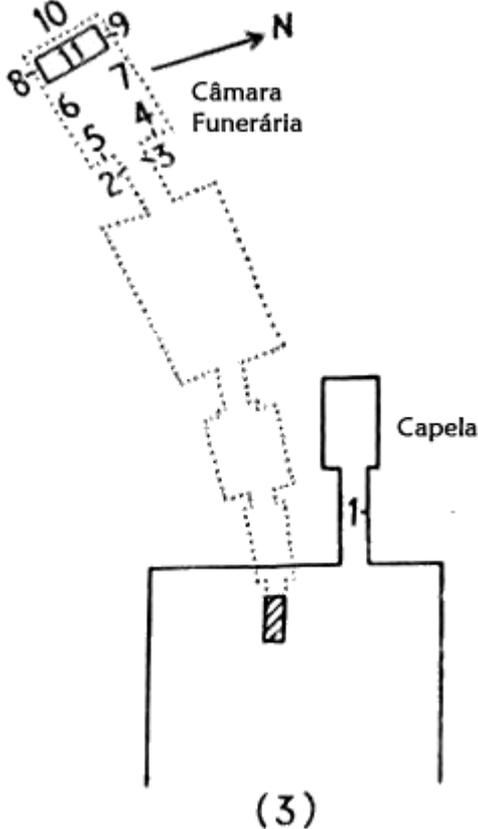
Mapa: VII, E-3, c8

★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.

Página: 43-58

Parágrafo: nº6

Gráfico: nº 7

Tumbas da XIX Dinastia		Pashedu		TT003
 <p>Pashedu (x)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade no lado oeste de Tebas</p> <p>OBS: Dono também da tumba 326</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX – XX GARDINER (1913) Raméssida PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia ZIVIE Raméssida MANNICHE (1987) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Nedjemtbehdet</p>		<p>Pai:</p>  <p>Menna</p>		<p>Mãe:</p>  <p>Huy</p>
Plano da Tumba:			Descrição:	
			<p>Pátio com Capela 1) Esboço, homem diante de um deus</p> <p>Câmaras Mortuárias A mais secreta das Câmaras. Paredes com cenas e textos do Livro dos Mortos</p> <p>2) e 3) Laterais, Anubis-chacal em cada, Sofito, texto.</p> <p>4) e 5) Tímpano, Ptah-Sokari como um falcão alado numa barca e filhos Menna e Kaha de joelhos em adoração. Cenas abaixo, à esquerda da entrada, morto debaixo de uma palmeira bebendo de um lago, à direita da entrada, três filas de pais e outros parentes (pertencendo à (6)) com uma pequena cena da deusa-árvore na fila de cima.</p> <p>6) Anubis-chacal, morto e família adoram Hórus como um falcão, com Anúbis cuidando da múmia num leito do outro lado com a divina barca acima.</p> <p>7) Morto e filha pequena adoram Ra-Harakhti, Atum, Khepri e Ptah e um zad-pillar vestido.</p> <p>8) e 9) Peregrinação a Abidos, morto e esposa com criança num barco.</p> <p>10) Tímpano, Osiris sentado em frente à montanha e Hórus como um falcão, uzat com archotes e morto de joelhos abaixo à esquerda e demônio com archotes à direita.</p> <p>11) Fragmentos de sarcófago com textos do Livro dos Mortos, morto em adoração, Confissão negativa, assessores, e Anúbis cuidando de múmia num leito.</p> <p>Teto abobadado Metade Sul: Osiris, Isis, Nut, Nu, Nephthys, Geb, Anubis, Wepwaut e litania de Rá. Metade Norte: Osiris, Thoth, Hathor, Re-Harakhti, Neith, Selkis, Anubis, Wepwaut.</p>	
Publicação:				
<p>★ CAMPBELL, Colin. The Miraculous Birth of King Amon-hotep III and Other Egyptian Studies. Edinburg, Oliver and Boyd, 1912. Wilbour Library W N384 T34C15m Apenas Partes</p> <p>★ VANDIER, Jacques. Egypt. Paintings from tombs and Temples. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. Wilbour Library W N386 P16EG oversize Apenas Partes</p> <p>★ ZIVIE, Alan-Pierre. La Tombe de Pached à Deir el-Médineh no.3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français d'Archeologie Orientale, 1979. Mémoire Publiés par les membres de L'IFAO du Caire. Tome XCIX. Wilbour Library W N330 IFAOm v.99 Publicação Completa</p>				

★ BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.
<http://www.osirisnet.net>

Publicação: Descrição, famílias, planos

★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.

Página: 9-11

Plano: nº 2

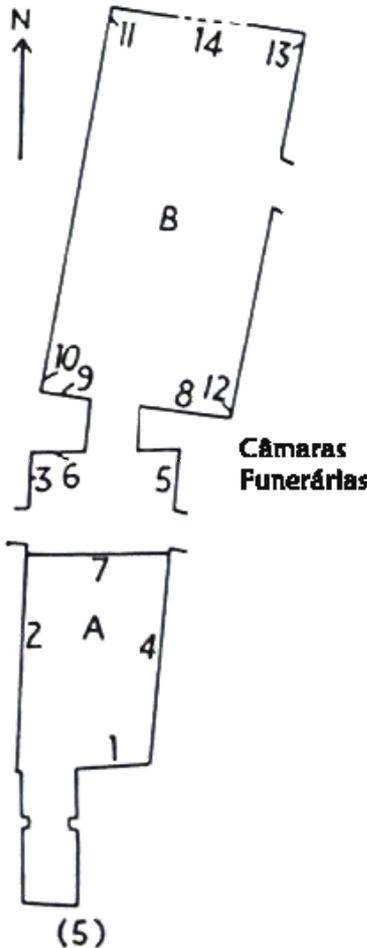
Mapa: VII, E-3, c7

★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.

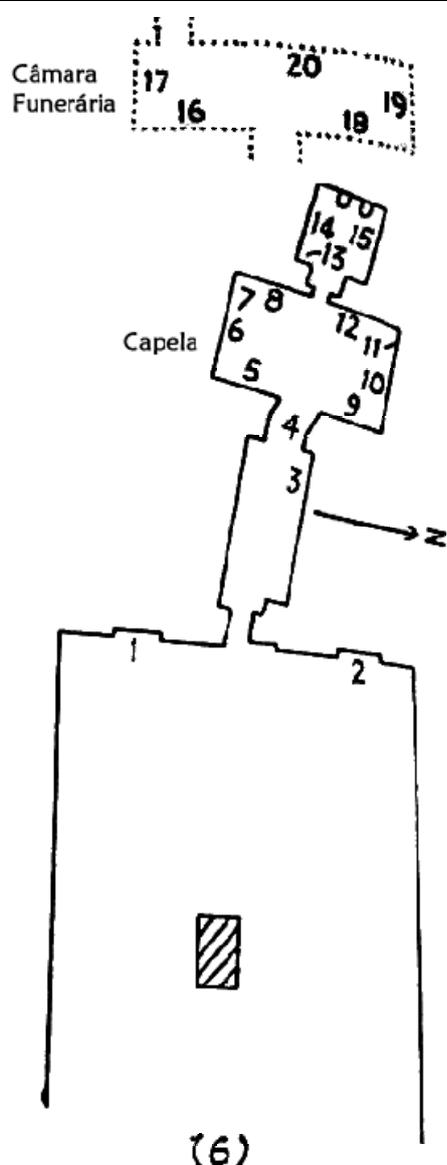
Página: 166-167

Parágrafo: nº 33

Gráfico: nº

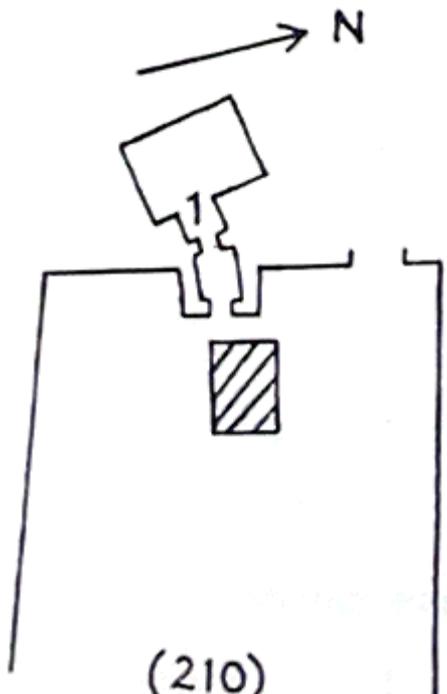
Tumbas da XIX Dinastia		Nefer'abet		TT005
 <p>Nefer'abet (i)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade no lado oeste de Tebas</p>		<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II – XIX</i></p>
		<p>OBS: Quanto à datação B. Davies o coloca como "colega" dos seguintes proprietários: Nakhtamun (TT335 - XIX), Ken (TT004 - Ramsés II), Amennakht (TT218 - Ramsés II)²³⁸.</p>		<p>XIX – XX GARDINER (1913)</p> <p>XIX – XX VANDIER (1935)</p> <p>Raméssida PORTER & MOSS [1970 2ed]</p> <p>Raméssida MANNICHE (1987)</p> <p>Ramsés II–XIX DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Taesi (i)</p>		<p>Pai:</p>  <p>Neferronpet</p>		<p>Mãe:</p>  <p>Mahi</p>
Plano da Tumba:			Descrição:	
 <p>Câmaras Funerárias</p>			<p>Câmaras Mortuárias</p> <p>Câmara A</p> <p>1) Metade esquerda. Tímpano. Anubis-chacal. Cena abaixo, filho Nedjemger oferece vaso ao morto e sua esposa.</p> <p>2) e 3) Filho Neferronpet com parentes adoram Ra-Harakhti com falcão, e duplo uzat do outro lado da entrada.</p> <p>4) Morto e parentes adoram Hathor como vaca na montanha e Anubis.</p> <p>5) Neheh com archotes.</p> <p>6) Osiris e Mertseger como serpente e restos de Isis alada abaixo.</p> <p>7) Plataforma com quatro demônios em cada extremidade.</p> <p>Teto. Anubis, Thoth e filhos de Horus</p> <p>Câmara B</p> <p>8) e 9) Tímpano, Isis e Nephthys de joelhos, uma em cada extremidade. Cenas abaixo (pertencem às cenas das paredes laterais), à esquerda da entrada, parentes, à direita da entrada, filho Neferronpet e esposa.</p> <p>10) e 11) Filhos de Horus (continuação de (9)).</p> <p>12) e 13) Morto com parentes (alguns em (8)) adoram Anubis.</p> <p>14) Tímpano, Nephthys alada sendo adorada pelo morto e seu filho Neferronpet. Cena abaixo, Nephthys e Isis como falcões, e Neheh e Zet com archotes de cada lado das duas múmias deitadas.</p> <p>Teto abobadado</p> <p>Oito cenas</p> <p>Metade Leste, I. disco alado acima de Osiris, II. Amenophis I diante Mertseger(?) e de uma deusa. III. Ra-Harakhti sentado. IV. Falcão alado com ganso-smn diante da montanha.</p>	
<p>Metade Oeste, V. Nut fazendo nini a Osiris, VI. Cena da Deusa-árvore e morto de joelhos diante de Rá-Harakhti como falcão em um relicário com Akru abaixo. VII. Morto de joelhos sendo purificado por Harsiesi e Thoth. VIII. Morto abre os portões do Oeste.</p>				
<p>Pirâmide</p> <p>Estela lucarna do nicho na face sul, com barco de Atum e [do morto] diante de Mertseger como uma serpente abaixo {Louvre E. 13993}</p>				

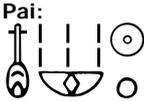
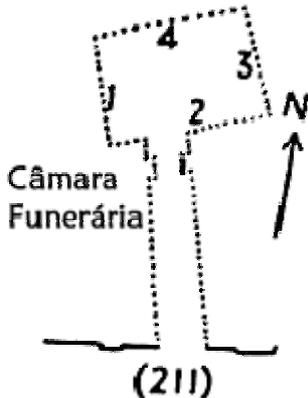
²³⁸ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999, p. 150

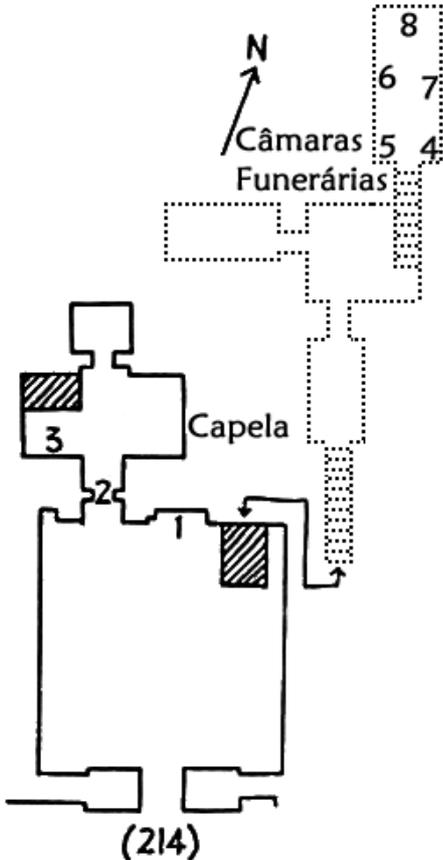
Tumbas da XIX Dinastia		Neferhotep & Nebnefer		TT006
 <p>Neferhotep (i)</p>	<p>Função: Capatazes no Lugar da Verdade</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>		
 <p>Nebnefer (i)</p>	<p>OBS: Pai e filho. "Desde que nenhuma tumba pode ser atribuída a Neferhotep I, Černý propôs que ele talvez tenha partilhado da tumba de seu filho e sucessor Nebnefer I". O período de Neferhotep atravessa o reinado de Seti I indo até o ano 5 de Ramsés II.²³⁹</p>	<p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX – XX XIX Dinastia XIX Dinastia Seti I – Ramsés II Ramsés II</p>	<p>GARDINER (1913) PORTER & MOSS [1970 2ed] MANNICHE (1987) KAMPP (1996) DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa de Neferhotep (mãe de Nebnefer):</p>  <p>Iymau (i)</p>		<p>Esposa de Nebnefer:</p>  <p>Iy (i)</p>		
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Pátio: 1) e 2) [Duas Estelas]</p> <p>Capela: Passagem 3) Vasos e nave, com fragmentos de texto no teto acima.</p> <p>Hall 4) Restos de texto acima da entrada, e sofite com pássaros. 5) e 6) Dois registros. I. Morto adora Ka, Neferhotep faz oferendas à Sito-serpente " uraeus com pernas", e Neferhotep e esposa diante de oferendas. II. Homem e mulher diante de casais incluindo morto e esposa. 7) e 8) Morto e esposa segurando menat e filha pequena adoram [Osiris] com deusa alada. 9) Três registros. I. Akru e [...] diante de Osiris. II. Pessoas diante de deusa. III. Homem e mulher adorando e quatro homens com bolsas. 10) Dois registros. I. Duas cenas, Nebnefer e esposa 1. Jogando jogo de tabuleiro, 2. Ajoelhados diante de [divindade]. II. Cenas de oferenda diante de Nebnefer segurando  com esposa e sua mãe. 11) e 12) Morto e esposa segurando sistro adoram Ra-Harakhti.</p> <p>Santuário 13) e 14) Dois registros. Pessoas diante de Anukis e Ra-Harakhti como um falcão. II. Pessoas adorando. 15) Dois registros. [Morto e família] diante de Khnum, Anukis, Satis, uraeus, e Horus como falcão. II. Três casais diante de [divindades].</p> <p>Teto abobadado Duas cenas de deusas-árvores com babuínos, e deusas de joelho respectivamente e títulos de Nebnefer e pais.</p> <p>Câmara Mortuária 16) e 17) Morto e esposa adoram shrine com divindades de joelhos. 18) Morto e esposa e texto do livro dos mortos com assimilação de partes dos corpos de divindades de joelho na parte inferior.</p>		
19) Cinco registros, Campos de Iaru				
20) Dois registros, Livro das Portas. I. morto, II. Esposa, cada um diante de cinco guardiões com facas.				

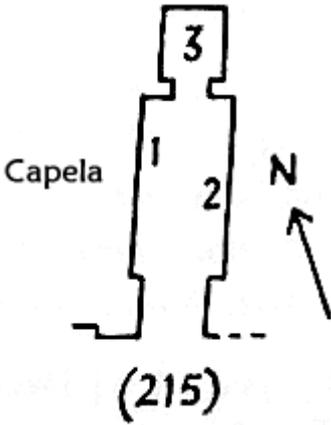
²³⁹ *Idem, ibidem*, p.31

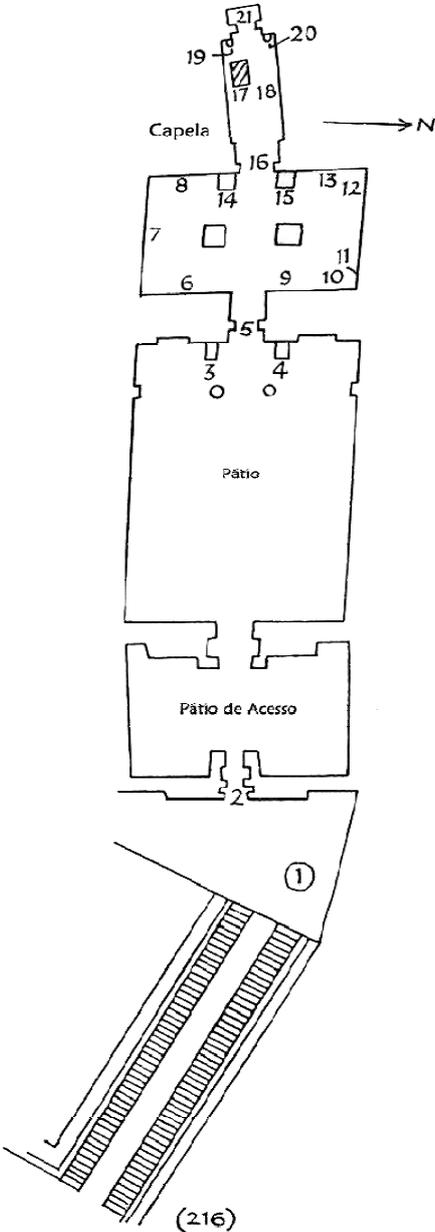
Publicação:		
★ WILD, Henri. La tombe de Nefer hotep (I) et Neb Nefer à Deir el-Médîna (n. 6) et autres document les concernant II. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1979 (Mémoires 103/2) Wilbour Library	W N330 IFAOm t.103/2	Publicação Completa
Publicação: Descrição, famílias, planos		
★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 14-15	Plano: nº 2	Mapa: VII, E-3, e6
★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 31-34	Parágrafo: nº 3	Gráfico: nº 6

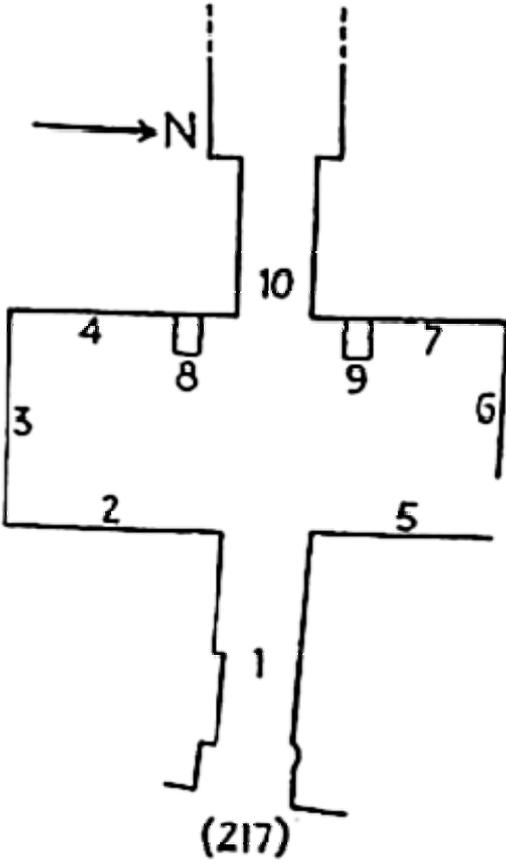
<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Ra'weben</i>		TT210
 <p>Ra'weben (iii)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>	
		<p>OBS: Provavelmente irmão de Ipuy (TT217), Nekhtamun (TT335) e Neferronpet (TT336)</p>	<p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX Dinastia GARDINER (1913) XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Neptyunu (i)</p>		<p>Pai:</p>  <p>(?)Piay - Escultor no Lugar da Verdade</p>		<p>Mãe:</p>  <p>(?) Nefertkha'</p>
Plano da Tumba:		Descrição:		
 <p>(210)</p>		<p>Capela</p> <p>1) Lintel externo, cena dupla, pai com Ipuy (TT217, irmão? Do morto) e família fazem oferendas num braseiro à Ra-Harakhti, Ptah, Hathor, Amenophis I e Ahmés Nefertari e morto com a família faz oferendas à Osiris, Harsiesi, Isis, Hathor e Ptah. Umbral externas, invocação de Amenophis I por Ipuy, e de Ptah-Sokari pelo morto. Lateral esquerda da entrada, dois registros, I. barca de Rá com Ipuy e outros adorando abaixo, II. Morto adorando Rá com hinos seguida pelo pai e dois filhos.</p>		
Publicação:				
<p>★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. Wilbour Library W N384 IFAOf t.5 pt 1-2 Apenas Partes</p>				
Publicação: Descrição, famílias, planos				
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 307 Plano: nº 292 Mapa: VII, E-3, c8</p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 178-184 Parágrafo: nº 38 Gráfico: nº 14</p>				

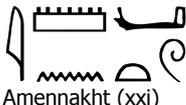
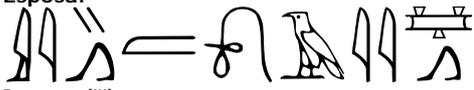
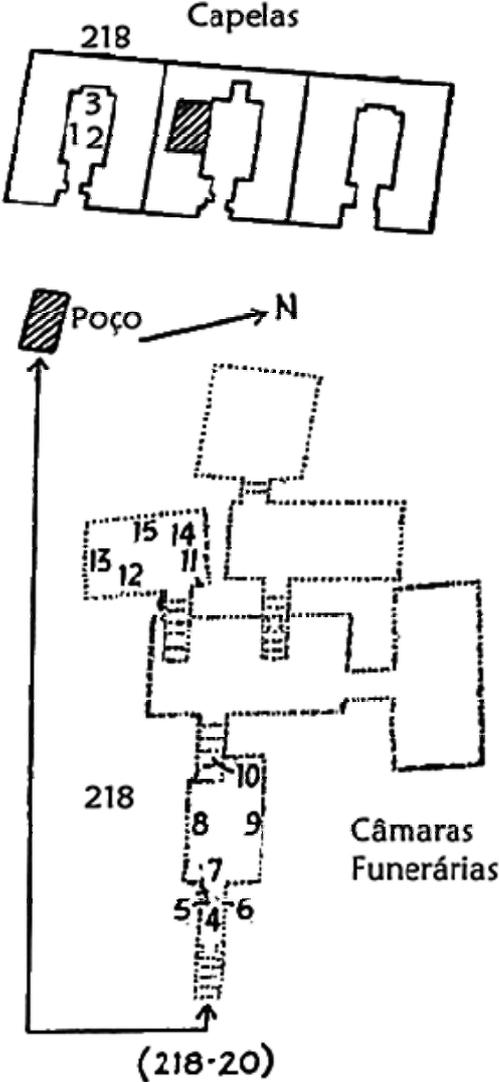
Tumbas da XIX Dinastia		Paneb	TT211
 <p>Paneb (i)</p>	<p>Função: Servidor do Senhor das Duas Terras no Lugar da Verdade</p> <p>OBS:</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Seti II – Siptah</i></p>	<p>XIX – XX GARDINER (1913) XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia MANNICHE (1987) Seti II – Siptah KAMPP (1996) Seti II – Siptah DAVIES, B. (1999)</p>
Família:			
<p>Esposa:</p>  <p>Wa'be(t) (ii)</p>	<p>Pai:</p>  <p>Nefersenut – Servidor do Senhor das Duas Terras no Lugar da Verdade</p>	<p>Mãe:</p>  <p>Iuy</p>	
Plano da Tumba:	Descrição:		
 <p>Câmara Funerária</p> <p>(211)</p>	<p>Câmara Funerária</p> <p>1) Tímpano, barca de Sokari numa base com emblema de Nefertem. Cena abaixo, morto com o filho e as filhas adoram [Anubis e Hathor do Oeste]</p> <p>2) [Morto] com seis filhas</p> <p>3) Tímpano, emblema de Osiris no centro entre Anubis-chacal com morto e esposa de joelhos à esquerda e avo Kasa (TT010) e sua esposa de joelhos à direita. Cena abaixo [mumia no leito] entre Neftis e Isis e demônios com archotes.</p> <p>Câmara</p> <p>4) Morto oferecendo incenso com pais e esposa diante de Osíris.</p> <p>Teto abobadado</p> <p>Metade externa: dois registros, I. quatro cenas, 1. Deusa-árvore, 2. [destruído], 3 e 4. Morto adora o [disco do horizonte num pilar-zad suportado por Akru]. II. Thoth com Anubis-chacal diante de Hepy, Kebhsenuf e Thoth.</p> <p>Metade interna: dois registros, I. quatro cenas, 5-6. Emblema do Oeste e morto de joelhos entoando hinos e adorando a barca de Rá num pilar-zad personificado e dois babuínos, 7-8. Morto, esposa, e filho de joelhos diante de três divindades. II. Imset, Duamutef e Thoth diante de um "pylon" e de Thoth .</p>		
Publicação:			
<p>★ BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI Columbia University: Butler Library 961 C123 v.86 Apenas Partes</p>			
Publicação: Descrição, famílias, planos			
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 307-309 Plano: nº 308 Mapa: VII, E-3, c5</p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 34-39 Parágrafo: nº 4 Gráfico: nº 28</p>			

Tumbas da XIX Dinastia		Khawi	TT214
 <p>Khawi (ii)</p>	<p>Função: Supervisor no Lugar da Verdade, Servidor de Amon em Luxor</p> <p>OBS:</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX - XX GARDINER (1913) Raméssida PORTER & MOSS [1970 2ed] Raméssida MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:			
<p>Esposa:</p>  <p>Tawert (iv)</p>			
Plano da Tumba:	Descrição:		
 <p>(214)</p>	<p>Pátio 1) Estela com cena dupla no topo: morto de joelhos diante de Amun e diante de Rá-Harakhti, e cena abaixo, morto e esposa diante de Osiris à esquerda.</p> <p>Capela (Grafiti demótico nas paredes) 2) Lintel externo, cena dupla, morto e esposa diante de Osiris e Mertseger com cabeça de serpente, e diante de Minsiesi e Isis. Lateral da entrada, dois registros: I. morto adora barca de Rá (muito destruída à direita), II. Morto (com esposa, na lateral da entrada esquerda) adorando com hinos.</p> <p>3) Esboços, falcão e homem sentado.</p> <p>Pirâmide Estela lucarna com barca de Rá e morto com esposa de joelhos abaixo entoando hinos à Rá.</p> <p>Câmara Funerária 4) e 5) Um guardião de cada lado da entrada e o emblema do Oeste personificado com archotes entre dois Anubis-chacais acima.</p> <p>6) Duas cenas: 1. Morto ajoelha-se diante deusa-cobra, 2. Morto e esposa adoram Harsiesi com falcão com uma cobra.</p> <p>7) Duas cenas: 1. Morto adora Maat e Thoth como babuínos segurando paleta, 2. Morto e esposa adoram Hathor-vaca num pilone.</p> <p>8) Filho Huy, lamenta múmia cuidada por Anúbis num leito.</p> <p>Teto abobadado Metade esquerda, quatro demônios agachados. Metade direita, Thoth, Hekzet, Geb, todos agachados, e Portão do Oeste.</p>		
Publicação:			
<p>★ BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI Columbia University: Butler Library 961 C123 v.86 Apenas Partes</p> <p>★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. Wilbour Library W N384 IFAOf t.5 pt 1-2 Apenas Partes</p>			
Publicação: Descrição, famílias, planos			
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 310 Plano: n° 308 Mapa: VII, E-3, c9</p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 192-195 Parágrafo: n° 44 Gráfico: n° -</p>			

Tumbas da XIX Dinastia		Amenemopet		TT215
 <p>Amenemopet (i)</p>		<p>Função: Escriba real no Lugar da Verdade</p> <p>OBS: A câmara funerária dessa tumba "é" a Tumba 265.</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Seti I - Ramsés II</i></p>	<p>XIX Dinastia GARDINER (1913)</p> <p>XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed]</p> <p>XIX Dinastia MANNICHE (1987)</p> <p>Seti I - Ramsés II KAMPP (1996)</p> <p>Seti I - Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Hathor, chamada Hunero (iv) – Cantora de Amon</p>		<p>Pai:</p> <p>Nakht (i)</p>	<p>Mãe:</p>  <p>Nofretiyti (iii)</p>	
Plano da Tumba:		Descrição:		
 <p>Capela</p> <p>(215)</p>		<p>Capela</p> <p>1) [Filho] com lista de oferendas diante [do morto e esposa (?)].</p> <p>2) Três registros. I. Procissão funerária com estatueta de Anubis-chacal levada do templo entre dois sicômoros. II. Procissão funerária em homenagem à [Anubis-chacal] num santuário. III. Morto sentado com [esposa] e cachorro debaixo da cadeira numa cena com a deusa-árvore e restos de esposa tocando música e cantando diante do morto debaixo de uma palmeira.</p> <p>Teto Abobadado</p> <p>Metade esquerda, restos de três registros, Campos de Iaru, com Harsheri, Escriba real do Senhor das duas terras no Lugar da Verdade, e esposa colhendo em II, e fragmentos de cena com tamareira em III.</p> <p>Metade direita, dois registros, Livro das Portas, I. morto adora [guardião], II. Esposa adora guardião com faca, e restos de peixes e tartarugas em uma piscina do outro lado.</p> <p>Santuário</p> <p>3) Lintel exterior, cena dupla, morto e esposa adoram Amon-Rá, e adoram (também) Rá-Harakhti com sacerdote-Inmutf mais além na extremidade esquerda. Ombreira esquerda externa, texto com morto sentado na parte inferior e parede oeste, [morto], esposa e crianças.</p>		
Publicação:				
<p>★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929, tome 7ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930. <small>Wilbour Library W N384 IFAOf t.7 pt 1-2 Apenas Partes</small></p> <p>★ JOURDAIN, G. "La tombe du scribe royal Amenemopet", in VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. Deux tombes de Deir el-Médineh. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. (Memoires 73) <small>Wilbour Library W N330 IFAOm t.73 Publicação Completa</small></p>				
Publicação: Descrição, famílias, planos				
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. <small>Página: 311 Plano: n° 308 Mapa: VII, E-3, c6</small></p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. <small>Página: 76-78 Parágrafo: n°11 Gráfico: n° 24</small></p>				

Tumbas da XIX Dinastia		Neferhotep		TT216
 Neferhotep (ii)		Função: Capataz	Local: <i>Deir el-Medina</i>	Data: <i>Ramsés II</i>
OBS: Neto de Neferhotep (i) TT006		Ramsés II GARDINER (1913) Ramsés II - Seti II PORTER & MOSS [1970 2ed] Ramsés II - Seti II MANNICHE (1987) Ramsés II DAVIES, B. (1999)		
Família:				
Esposa:  Nebekht (ii)		Pai:  Nebnefer (i) - TT006 - Capataz no Lugar da Verdade		Mãe:  Iy (i)
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>No topo da rampa</p> <p>1) Ânfora grande de Tuthmosis II, reutilizada como tanque de água.</p> <p>Pátio de Acesso</p> <p>2) Entrada. Fragmentos de um lintel reutilizado como solado da porta, com falcão do oeste adorado por Ísis e Neftis e babuínos.</p> <p>Pátio</p> <p>3) e 4) Base de uma estátua de pé de Kaha (TT360), e parte inferior de uma estátua sentada de sua esposa Tuy, com a filha em relevo na lateral do assento.</p> <p>Capela</p> <p>Hall</p> <p>5) Lateral externa da entrada, morto.</p> <p>6), 7) e 8) Restos de três registros. I. Templo na alameda de Anukis com gazela na Ilha de Elefantine, piscina com lírios, e Ramsés II com portadores de abanos, morto diante da barca de Amon-Rá. II. Pessoas de joelhos, tríade tebana e três homens diante de Osiris e Hathor. III. Procissão de Hathor, incluindo portadores de abanos, estátuas reais com cativos na base, morto com oferendas e barca de Hathor sendo puxada.</p> <p>9) Três registros. I-II, morto e esposa com meninas fazendo oferendas a eles e banquete. III. Morto e família caçando pássaros.</p> <p>10) Dois registros. I. dois sacerdotes carregando a cabeça de Anukis, e Satis com Khnum. II. Banquete (continuado em (9)).</p> <p>11) Morto diante de [Rá-Harakhti e deusa].</p> <p>12) Dois registros. I. Mulher de joelhos, II. Oferendas e quiosque.</p> <p>13) [Homem] diante de Ramsés II em quiosque e [morto e esposa] adorando Rá-Harakhti com deusa alada.</p> <p>14) e 15) Duas estátuas do irmão Pashedu segurando standartes (com esposa em (15)).</p> <p>Câmara Interior</p> <p>16) Umbral externo, restos de textos, com morto e esposa sentados na parte inferior. Lateral esquerda da entrada, dois registros. I. Peregrinação a Abidos (?) com barcos sendo puxados, II. Barco num lago e pássaros. Lateral direita da entrada, dois registros, I. [morto bebendo debaixo de uma palmeira], e restos de vaca, II. Morto, esposa e oferendas.</p> <p>17) Dois registros. I. Morto seguido pelo pai, avô Kenhirkhopshef, Escriba real no Lugar da Verdade, e outro homem carregando barco, e homens com estandartes, etc, diante de Osiris e Anubis. II. [Cena de oferenda] ao morto e esposa.</p>		

Tumbas da XIX Dinastia		<i>Ipuy (Amenemope)</i>		TT217
 <p>Ipuy (i)</p>		<p>Função: Escultor no Lugar da Verdade</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>	
		<p>OBS: Irmão de Nekhtamun (TT335), Neferronpet (TT336) e provavelmente de Ra'weben tumba 210.</p>	<p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>Ramsés II GARDINER (1913) Ramsés II PORTER & MOSS [1970 2ed] Ramsés II MANNICHE (1987) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Duammeres (i)</p>		<p>Pai:</p>  <p>Play – Escultor no Lugar da Verdade</p>	<p>Mãe:</p>  <p>Nefertkha'</p>	
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Hall</p> <p>1) Parte de lintel (provavelmente da tumba), morto e esposa adoram Rá (?). Lateral direita da entrada, parte interior, esboço do [morto].</p> <p>2) Restos de quatro registros. I. Morto com oficiais recompensado e aclamado diante de Ramsés II numa janela do palácio com cativos nas laterais. II. Duas fileiras, procissão funerária (com múmia num quiosque, equipamento funerário sustentado e carregado, e um grupo de lamentadoras) à tumba-pirâmide com pórtico na montanha. III. Casa e jardim, incluindo quatro homens (dois com cachorros) fazendo a rega com shadufs e tendas com servos pesando carne. IV. Barca divina sendo adorada por homens e mulheres, e duas fileiras de cenas de lavanderia.</p> <p>3) Dois registros: I. Homem diante parentes sentados, II. Filho e filha oferecem buquet de Amon ao morto com um filhote de gato no colo e esposa com gato (de frente) debaixo de sua cadeira.</p> <p>4) Morto com esposa e filha pequena segurando pássaro (ambos na parede contigua em (3)), fazem oferendas num braseiro à Osiris e Hathor.</p> <p>5) Cinco registros. I. Homem diante de parentes sentados. II. Arrancando linho, arando e peneirando na eira, com restos de oferendas a Termuthis. III. Cabras/bodes comendo folhas nas árvores com pastores (um com uma flauta) e cachorro, barcos carregados com cenas de mercado, armazéns com oferendas a Termuthis a garotos assustando pássaros. IV. Prensa de vinho, consertando rede de pesca, preparando aves e peixes, pisoteando e colhendo uvas, morto e família caçando aves. V. Pescando com rede em canoas e pegando pássaros com a rede.</p> <p>6) Quatro registros. I. [Homem] diante de parentes sentados, com pássaro e gato sob a cadeira. II. Fazendo o equipamento funerário, incluindo homem cortando árvore e (sacerdote)-leitor com instrumentos de Abertura da boca. III. Carpinteiros fazendo a nave real e catafalco (carro fúnebre).</p> <p>7) Morto com esposa (na parede contigua em (6)) faz libações diante de [Anubis e Ptah-Sokari]</p> <p>8) e 9) Estátuas do [morto e esposa]</p> <p>10) Entrada da passagem. Ombreira direita e lateral da entrada, textos.</p>		
Publicação:				
<p>★ DAVIES, Nina M. <i>Ancient Egyptian Paintings. Selected, copied, and described by Nina M. Davies with the editorial assistance of Alan H. Gardiner.</i> Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1936. (3vols) Wilbour Library W N386 P16 D28 Apenas Partes</p> <p>★ DAVIES, Norman de Garis. <i>Two Ramesside Tombs at Thebes, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1927.</i> (Tytus Memorial Series, V) Columbia University: Avery Library AA216 T3 N48FF Publicação Completa</p>				

Tumbas da XIX Dinastia		Amennakht		TT218
 <p>Amennakht (xxi)</p>	<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade no lado oeste de Tebas</p> <p>OBS:</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX - XX GARDINER (1913) Raméssida PORTER & MOSS [1970 2ed] Raméssida MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>	
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Iymway (iii)</p>	<p>Pai:</p>  <p>Nebenma'et - 's-mnw de Amon</p>	<p>Mãe:</p> <p>Hetepti</p>		
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Capela</p> <p>1) Quatro registros: I. Homem faz oferendas ao morto e sua esposa sentados, e morto e esposa adoram Ptah e duas deusas. II-IV. (parcialmente na parede de entrada), Procissão funerária e sacerdotes diante de múmias na tumba-pirâmide, incluindo uma vaca e um bezerro mutilado em II, e familiares femininas como sacerdotisas, lamentadoras, e grupo de Servos no Lugar da Verdade em III.</p> <p>2) Dois registros: I. Pequena cena na extremidade direita, oferendas diante de morto e esposa com uma mulher atrás deles. II. Três cenas: 1. Cena da deusa-árvore com dois bas voando e dois bas no canal (parcialmente na parede da entrada), 2. Cena de pesagem, 3. Morto guiado por Anubis à Osiris e [divindades].</p> <p>3) [Estela] nas laterais dois registros. I. Ptah mumiforme à esquerda (o à direita destruído). II. Mulher com flauta dupla à esquerda e Sennedjem (TT001) e mulher com flauta dupla à direita.</p> <p>Pirâmide</p> <p>Base de estela encontrado no poço 1350.</p> <p>Câmaras funerárias</p> <p>Passagem</p> <p>4) Lintel exterior, restos da barca de Rá adorada pelo morto de joelhos um de cada lado, umbral, textos de oferendas, lintel interior, dois Anubis-chacais.</p> <p>5) Dois registros: I. Barca de Rá com Hathor e babuínos adorando, II. Parentes puxando sarcófago, seguidos por sacerdote.</p> <p>6) Morto com hino para Rá.</p> <p>Câmara externa</p> <p>7) Tímpano, Mehitwert-vaca na piscina e falcão. Cenas abaixo, à esquerda da entrada, morto curvado debaixo de uma palmeira-dôm bebe de uma piscina, e esposa adorando (pertencendo à (9)), e à direita da entrada, esposa curvada debaixo de uma tamareira bebe de uma piscina, e filha adorando (pertencendo à (8)).</p> <p>8) Dois registros. I. Ptah, Thoth, Selkis, Neith, Nut, Neftis e Isiis. II. Morto e esposa de joelhos com duas crianças e hino à Rá.</p> <p>9) Dois registros. I. Thoth, Nehebkau, Geb, Horus, Nu, Shu e Khepri. II. Morto de joelhos com família e hinos à Rá.</p> <p>10) Tímpano, Osiris sentado com uzat personificado atrás dele segurando archotes em frente da montanha com falcão do Oeste e braços de Nut segurando disco, e Tika com archotes à direita. Cena abaixo, à direita da entrada, morto e filho Kh'aemteri (TT220) de joelhos seguidos pelo filho Nebenmaat (TT219), todos adorando com hinos à Rá.</p>		

Teto abobadado com faixa de texto no centro. Metade (sul) esquerda, morto e esposa numa canoa e barca de Rá. Metade (norte) direita, barca com falcão, e barca com ba entre dois pássaros-Benu.

Câmara Interior

- 11) Morto, esposa e filha adorando.
 12) Falcão do Oeste num pilone, com texto parcialmente no teto.
 13) Anubis cuidando de múmia num leito entre Isis e Neftis com falcões.
 14) Campos de Iaru
 15) Deuses de Zazat (conclave) com quatro textos.

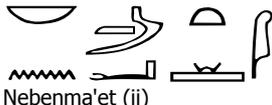
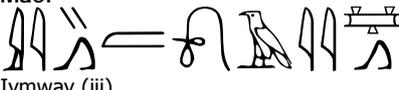
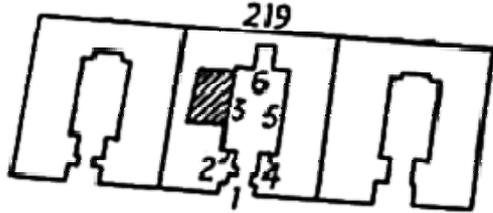
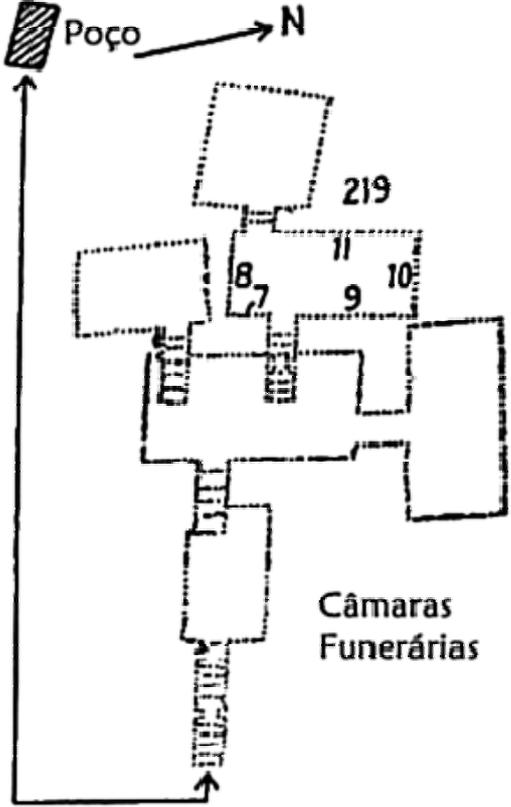
Teto abobadado com faixa de texto no centro. Metade exterior, texto (parcialmente em (12)). Metade interior, morto de joelhos com hino à lua, cinco deuses-estrela acima, e longo texto atrás dele.

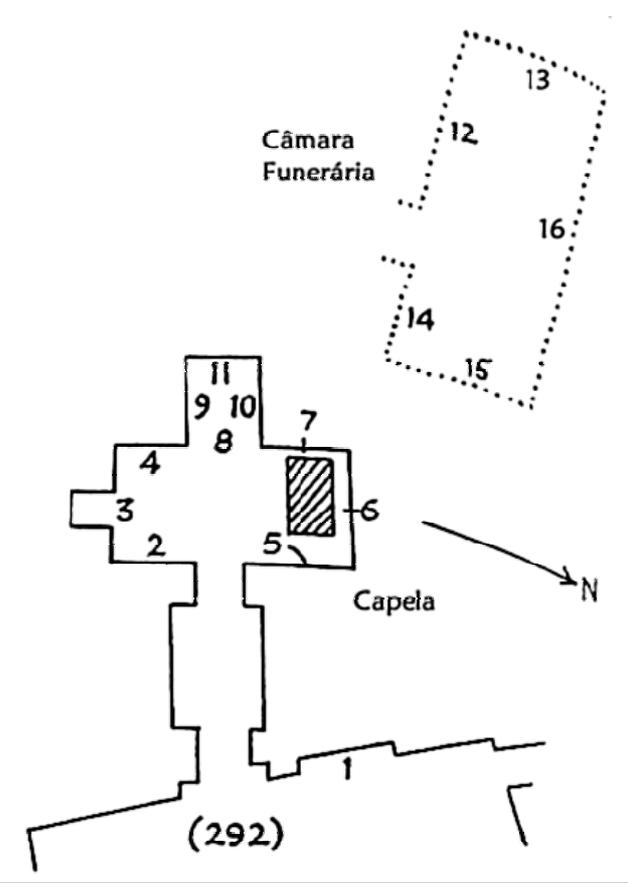
Publicação:

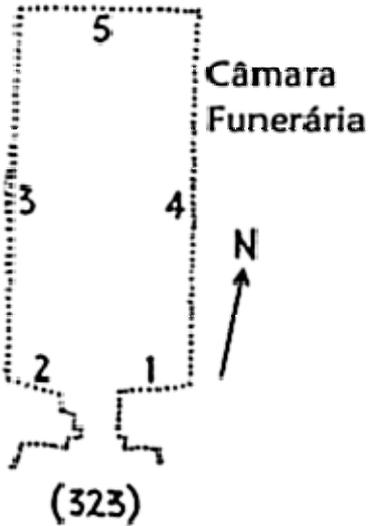
- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928.
 Wilbour Library W N384 IFAOf t.5 pt 1-2 Apenas Partes
- ★ DAVIES, Nina M. Ancient Egyptian Paintings. Selected, copied, and described by Nina M. Davies with the editorial assistance of Alan H. Gardiner. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1936. (3vols)
 Wilbour Library W N386 P16 D28 Apenas Partes
- ★ VANDIER, Jacques. Egypt. Paintings from tombs and Temples. Published by the New York Graphic Society by arrangement with UNESCO. Copyright 1954, Paris, France by United Nations Educational Scientific and Cultural Organization.
 Wilbour Library W N386 P16EG oversize Apenas Partes

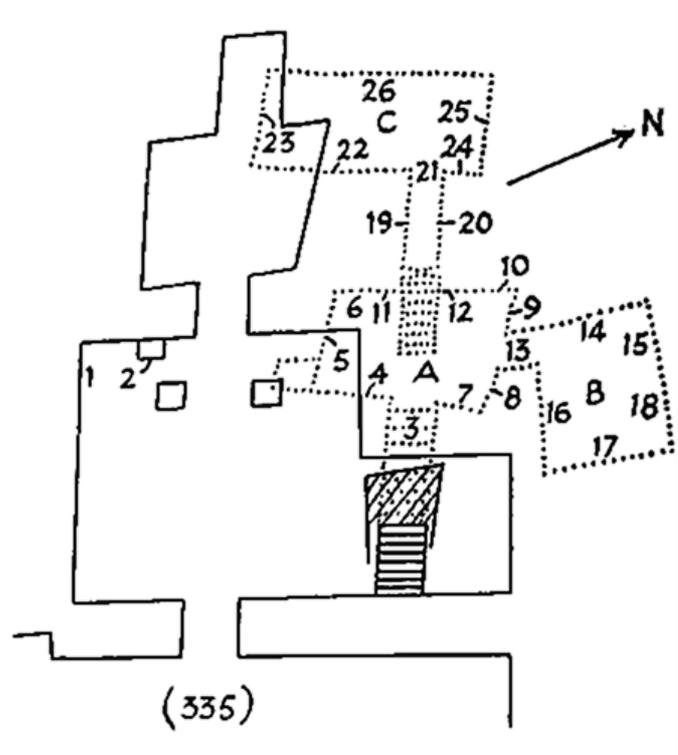
Publicação: Descrição, famílias, planos

- ★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institute. 1970.
 Página: 317-320 Plano: n° 318 Mapa: VII, E-3, d8
- ★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
 Página: 236-239 Parágrafo: n°75 Gráfico: n° 21

Tumbas da XIX Dinastia		Nebnma'et		TT219
 <p>Nebnma'et (ii)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade no lado oeste de Tebas</p> <p>OBS:</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX - XX Raméssida Raméssida Ramsés II - Merneptah Ramsés II</p> <p>GARDINER (1913) PORTER & MOSS [1970 2ed] MANNICHE (1987) KAMPP (1996) DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Mertesger (v)</p>		<p>Pai:</p>  <p>Amennakht (xxi) – TT218 - Servidor no Lugar da Verdade no lado oeste de Tebas</p>		<p>Mãe:</p>  <p>Iymway (iii)</p>
Plano da Tumba:		Descrição:		
<p style="text-align: center;">Capelas</p>  <p style="text-align: center;">Poço → N</p>  <p style="text-align: center;">Câmaras Funerárias</p> <p style="text-align: center;">(218-20)</p>		<p>Capela</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Lintel exterior, Anubis-chacal curvando-se diante do emblema de Sekhem, encontrado no poço 1348, e fragmentos de umbral. Fragmento de lintel interior (?) com morto adorando. 2) Seis servidores no Lugar da Verdade com bastões (pertencendo à procissão em (3)). 3) Três registros: I. restos de parentes (?). II-III. Procissão funerária à tumba-pirâmide. 4) Dois registros. I. Restos de cena de deusa-árvore. II. Nekhtamun (TT335) com seu filho (em (5)) faz oferendas à Nebre' (irmão do morto) e esposa. 5) Dois registros. Paisagem com Thoth como um babuíno num pilone, e morto guiado por Anubis até [Amenófis I] num palanquim. II. Atendentes diante de casais (incluindo Bukentef e Iy), e morto com esposa faz oferendas à divindades. 6) [Nicho] Esquerda do nicho, morto e família. Direita do nicho, três registros, cenas de oferendas à pessoas sentadas. <p>Câmara funerária exterior</p> <ol style="list-style-type: none"> 7) Dois registros. I. Anubis-chacal e vaso com archotes. II. Filho com sacerdote oferece incenso e faz libações ao morto e esposa. 8) Tímpano, Isis alada. Cenas abaixo, morto e esposa tocando flauta oferecem buque num incensário à Osiris, Amenófis I, Hathor (?) e 'Ahmés Nefertari em frente da montanha, e (abaixo Rei, Rainha e divindades) morto (seguido por filha) e esposa jogando draghts e cena com deusa-árvore com bas e babuínos adorando. 9) Morto e esposa com filho Wepwautmosi e esposa fazendo oferendas a eles, e dois registros de banquetes. 10) Tímpano, Neftis alada. Cena abaixo, Anubis com instrumento de Abertura da Boca cuidando de múmia num leito. 11) Dois registros. I. Quatro cenas: 1. Morto oferece buque à Satis e Neith, 2. Filho Wepwautmosi e esposa oferecem buque à Rá e Sekhmet, 3. Sacerdote faz oferendas num braseiro à Ptah e Maat, 4. Morto guiado por Anubis até Osiris e deusa do Oeste. II. Procissão funerária (incluindo cadeira com buque e oferendas) a múmia na pirâmide-tumba na montanha com braços de Nut segurando disco. <p>Teto abobadado</p> <p>Metade externa, morto adorando Thoth, esposa adorando Hepy, e Anubis diante de Kebhsenuf.</p> <p>Metade interna, morto adorando Rá, sombra do morto em frente da tumba, e Rá-Harakhti com falcão diante de Ptah e Thoth como um babuíno.</p>		
Publicação:				

Tumbas da XIX Dinastia		Pashedu		TT292
 <p>Pashedu (i)</p>		Função: Servidor no Lugar da Verdade	Local: <i>Deir el-Medina</i>	Data: <i>Seti I</i>
OBS:		Seti I – Ramsés II Seti I – Ramsés II Seti I	PORTER & MOSS [1970 2ed] MANNICHE (1987) DAVIES, B. (1999)	
Família:				
Esposa:  <p>Makhay (i)</p>		Pai:  <p>Hehnekhu</p>		
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Pátio 1) Estela, dois registros: I. cena dupla, adoração de Ptah e deusa, e de Rá-Harakhti e deusa. II. Casal adora Hathor-vaca na montanha.</p> <p>Capela 2) Três registros: I. Barco a vela e altares diante de divindade (?). II-III. Portadores de oferendas. 3) À esquerda do nicho, barca de Hathor, à direita do nicho, parentes. 4) Três registros: I. Morto com esposa fazem oferendas num braseiro à Amon-Rá, Hathor, Khnum, Satis e Anukis. II e III. Parentes fazem oferendas à divindades. 5) Dois registros: I. Morto e esposa fazem oferendas num braseiro à Anúbis e Hathor. II. Procissão funerária (continua em (6)). 6) No topo, Emblema do Oeste personificado no horizonte, entre Anubis-chacal. Dois registros abaixo, I. esposa (pertencendo à (7)), e Peregrinação a Abidos, II. Procissão funerária (continuação de (5)). 7) Morto adora Osiris e Hathor</p> <p>Santuário 8) Fragmentos do lintel, cena dupla, casal diante de três divindades. 9) Dois registros. I e II. Divindades sentadas e adoração de Thoth. 10) Dois registros: adoração das tríades, de Elephantine em I, e de Memphis em II. 11) Estela, Isis e Neftis adoram cabeça de Hathot-vaca.</p>		
<p><i>Teto abobadado, oito cenas.</i> Metade externa 1. Bezerro carregando Rá-Harakhti entre dois sicômoros, 2. e 3. Destruídos, 4. Gato matando serpente.</p> <p>Metade interna 5. Cena da deusa-árvore com bas voando, 6. Mehitwert-vaca numa piscina, 7. Destruído, 8. Morto abrindo o portão do oeste.</p> <p>Câmara mortuária 12) e 13) Duas cenas: 1. Morto e esposa adoram Harsiesi (?) e Isis, 2. Anubis cuidando de múmia, com deusas de joelhos (na parede contígua). 14) e 15) Duas cenas: 1. [homem] diante morto e esposa sentados, 2. Cena de deusa-árvore com o bas bebendo. 16) Duas cenas, morto e esposa guiados por Anubis em 1 e de joelhos diante d Osiris em 2.</p> <p>Teto abobadado Metade externa: Anubis-chacal e dois demônios Metade interna: morto diante de Osiris, diante de um demônio, diante de Anúbis e diante de Hepy.</p>				
Publicação:				

<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Pashedu</i>		TT323
 <p>Pashedu (vii)</p>		<p>Função: Delineador de esboço de Amon no Lugar da Verdade e no Templo de Sokari</p>		<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Seti II</i></p>
<p>OBS:</p>		<p>Seti I PORTER & MOSS [1970 2ed] Seti I MANNICHE (1987) Seti I KAMPP (1996) Seti I DAVIES, B. (1999)</p>		
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Nefertere (v) – Cantora de Amon</p>		<p>Pai:</p> <p>Amenemhet – Delineador de esboço no Templo de Sokari</p>		<p>Mãe:</p>  <p>Mutnefert</p>
Plano da Tumba:		Descrição:		
 <p>Câmara Funerária</p> <p>(323)</p>		<p>Câmara Funerária.</p> <p>1) e</p> <p>2) Falcão do Oeste em (1) e Pássaro-Benu com emblema do Oeste em (2).</p> <p>3) Duas cenas. I. Pais e parentes diante de Ptah-Sokari, II. Nut de joelhos entre dois deuses mumificados e pilares Zads.</p> <p>4) Duas cenas. I. Parentes agachados diante de Osíris e deusa do Oeste, II. Isis de joelhos entre dois deuses mumificados emblemas sa.</p> <p>5) Tímpano, Dois bas adorando o disco do horizonte mantido nos braços de Nut. Cena abaixo, Anubis cuidando da uma múmia num leito entre Nephthys e Isis.</p>		
Publicação:				
<p>★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1923-1924)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1923-1924, tome 2ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1925. Wilbour Library W N384 IFAOf t.2 pt.1-3 Apenas Partes</p>				
Publicação: Descrição, famílias, planos				
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 394-395 Plano: n° 382 Mapa: VII, E-3, d,5</p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 155-166 Parágrafo: n° 32 Gráfico: n° 11</p>				

<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Nekhtamun</i>	TT335
 <p>Nekhtamun (ii)</p>	<p>Função: Sacerdote-wa'b de Amenófis I Senhor das Duas Terras, Cinzelador de Amon, Servidor no Lugar da Verdade</p> <p>OBS: Irmão de Ipyu (TT217) e Neferronpet (TT336) e provavelmente irmão de Ra'weben tumba 210</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II - Merneptah</i></p>	<p>XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia MANNICHE (1987) Ramsés II - Merneptah KAMPP (1996) Ramsés II - Merneptah DAVIES, B. (1999)</p>
Família:			
<p>Esposa:</p>  <p>Nubemsheset (i)</p>	<p>Pai:</p>  <p>Piay – Escultor no Lugar da Verdade</p>	<p>Mãe:</p>  <p>Nefertkha'</p>	
Plano da Tumba:		Descrição:	
 <p>(335)</p>		<p>Pátio</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Rei (inacabado) 2) Estátua dupla (inacabada) do morto e sua esposa. <p>Câmaras funerárias</p> <p>Câmara A</p> <ol style="list-style-type: none"> 3) Entrada. Teto da escada, dois registros: I. Nut (de frente) na montanha segurando disco, ajoelhado diante de Osiris, II. Morto e esposa de joelhos adoram Portal do Oeste e disco na Eneada. Thickness esquerda interior, dois registros: I. Barca de Rá, II. Morto com hinos à Rá. 4) Filhas e filho fazem oferendas ao morto e família. 5) Três sacerdotes realizam a cerimonia de Abertura da Boca e purificam [o morto] e esposa. 6) Duas múmias diante da tumba-pirâmide na montanha. 7) Dois registros: I. [Dois filhos (?)] fazem oferendas à Ken (TT004) e esposa Henutmehyt. II. Dois filhos fazem oferendas à Kha'beknet (TT002) e esposa Sahte. 8) Irmão Ipyu (TT217) com esposa sentada e vela do Ano Novo (continuação de (13)). 9) Filho Amenemopet oferece bouquet a Minmosi e esposa Esi. 10) Esposa diate seus pais, Pashedu (TT292) e esposa Makhay. <p>11) - 12) (Parcialmente acima da escada da Câmara C) Dois registros: I. Deuses numa [cena de purificação (?)]. II. À esquerda, projeção (para uma estátua de chacal), com Anubis-chacal na frente, lado esquerdo, Zet com archotes, lado direito, Isis de joelhos.</p> <p>Câmara B</p> <ol style="list-style-type: none"> 13) Thickness esquerda, títulos do morto. Thickness direita, Neferronpet (TT336) e esposa adorando (continua em (8)). Lintel interno, cena dupla, Anubis agachado com faca. 14) Dois registros: I. morto com esposa e Sefkhet-'abu oferecem imagem de Maat à Thoth. II. Convidados num banquete, incluindo pais e Kha'emteri (TT220) e esposa, e Hehnekhu. 15) Dois registros: I. Cena da Deusa-árvore com morto e esposa bebendo de uma piscina abaixo. II. Peregrinação a Abidos. 16) Três registros: I. Morto e família diante de irmão Neferhotep como Excellent spirit of Rá. 17) Dois registros: I. Morto com sacerdote-wa'b de Amenófis I purifica casal sentado. II. (na frente da plataforma), Três cenas de oferendas à casais sentados, e sacerdote faz oferendas à estátua do morto de pé numa cadeira. 18) Rá-Harakhti com cabeça de carneiro entre Isis com uraeus num pilar-Zad e Neftis com o falcão do Oeste. <p>Passagem</p> <ol style="list-style-type: none"> 19) Morto e esposa adoram o disco do horizonte suportado por dois burros. 20) Morto e esposa (de costas um para o outro) abrem portões do mundo dos mortos e da eternidade respectivamente. 	

Teto: Nut com emblema de Osiris e tumba-pirâmide na montanha.

Câmara C

21) Umbral interiores, textos de oferendas

22) Três cenas, 1. Filho Piay com Anubis com cabeça de carneiro, 2. Sua esposa com sistrum diante de Maat. 3. Piay faz oferendas num braseiro à Ptah.

23) Tímpano, Isis alada. Cena abaixo, Anubis cuidando de múmia num leito purificado por Isis e Neftis.

24) Nebmaat com faca e galho de palmeira.

25) Tímpano, Neftis alada. Cena de pesagem abaixo, com morto, esposa e Maat diante de Thoth como um babuíno num pilone.

26) Quatro cenas: 1. Morto faz libações à Osiris em um santuário. 2. Amenófis I com Buto e Neith. 3. Anukis e Tueris como Tahenutsehen. 4. Morto e esposa adoram Rá-Harakhti.

Teto abobadado com linha do texto abaixo

Centro, textos de oferendas, metade externa, Rá, Hepy e Hebhsenut diante de gato matando Apophis com uma serpente. Metade interna, Anubis-chacal, Imset e Duamutf diante de Rá-Harakhti com um falcão.

Publicação:

- ★ BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à décoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI.
Columbia University: Butler Library 961 C123 v.86 Apenas Partes
- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926.
Wilbour Library W N384 IFAOf t.3 pt1-3 Apenas Partes
- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927.
Wilbour Library W N384 IFAOf t.4 Apenas Partes
- ★ BENDERITTER, Thierry (org.). <http://www.osiris.net> & LIVET, Jacques. Tombes et Mastabas de l'Ancienne Égypte. Paris: Jacques Livet Ed., s/d.
<http://www.osiris.net>

Publicação: Descrição, famílias, planos

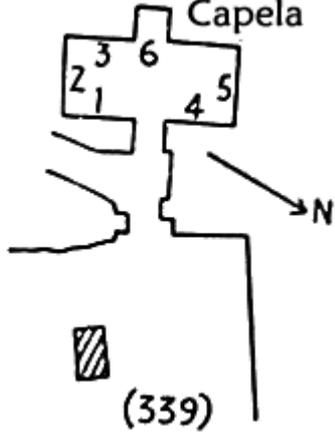
- ★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.
Página: 401-404 Plano: n° 400 Mapa: VII, E-3, c,7
- ★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
Página: 178-184 Parágrafo: n° 38 Gráfico: n° 14

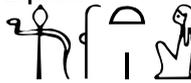
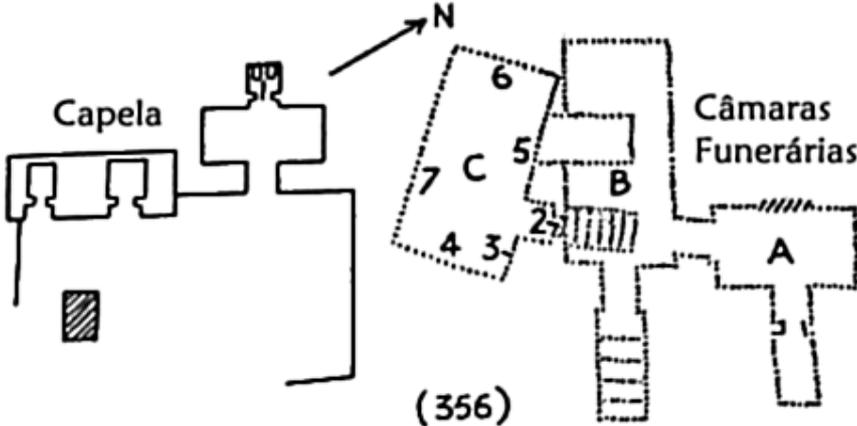
Publicação:

- ★ BRUYÈRE, Bernard. Tombes thébaines de Deir el-Medina à decoration monochrome. Le Caire. 1952. Mémoires de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, LXXXVI.
Columbia University: Butler Library 961 C123 v.86 Apenas Partes
- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1924-1925)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925, tome 3ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1926.
Wilbour Library W N384 IFAOf t.3 pt1-3 Apenas Partes
- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1926)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1926, tome 4ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1927.
Wilbour Library W N384 IFAOf t.4 Apenas Partes

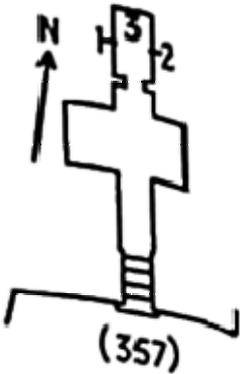
Publicação: Descrição, famílias, planos

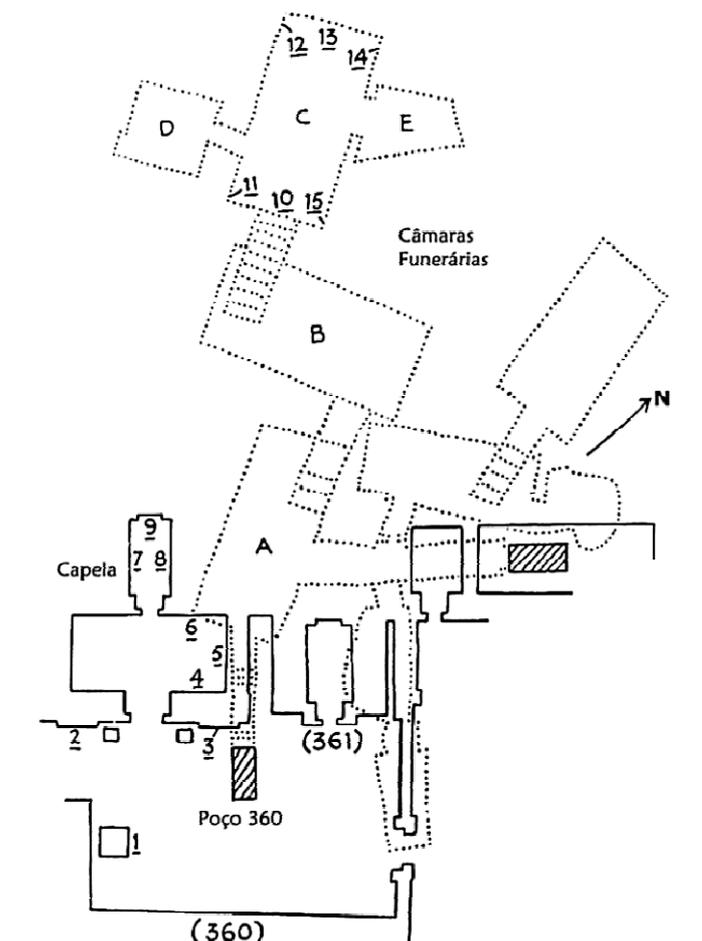
- ★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.
Página: 404-405 Plano: n° 400 Mapa: VII, E-3, c,7
- ★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
Página: 178-184 Parágrafo: n° 38 Gráfico: n° 14

<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Huy & Pashedu</i>		TT339
 Huy (iv)	Função: Servidor no Lugar da Verdade, Servidor no Lugar da Verdade e Pedreiro da Necrópolis de Amon em Karnak OBS: A mesma esposa	Local: <i>Deir el-Medina</i> Data: <i>Ramsés II</i>	Ramsés II PORTER & MOSS [1970 2ed] Ramsés II MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)	
 Pashedu (xv)	Família:			
Esposa de Ambos:  Takharu (i)	Pai de Huy:  Seba	Mãe de Huy:  Nefer[t]iyti		
	Pai de Pashedu:  Harmosi			
Plano da Tumba:		Descrição:		
 (339)		Capela. Reconstruída 1) e 2) Cerimônias funerárias com ritos da perna-esquerda, Peregrinação a Abidos e [cena de pesagem]. 3) Morto diante de [Ptah-Sokari?] 4) Três registros de convidados (guests) 5) Tímpano, dois Anúbis em forma de chacais e restos de três registros abaixo, pessoas com buquês diante de [estela]. 6) Nicho com [estela]. Parede esquerda, morto e esposa diante de oferendas. Câmara Funerária. Lintel externo e umbral, textos de Huy.		
Publicação:				
★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1927)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1927, tome 5ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1928. Wilbour Library W N384 IFAOf t.5 pt 1-2 Apenas Partes				
Publicação: Descrição, famílias, planos				
★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 406-407 Plano: nº 400 Mapa: VII, E-3, c,6				
★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 10, 227				

<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Amenemwia</i>		TT356
 <p>Amenemwia (i)</p>	<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade</p> <p>OBS:</p>	<p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p> <p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX Dinastia XIX Dinastia Seti I - Ramsés II Ramsés II</p>	<p>PORTER & MOSS [1970 2ed] MANNICHE (1987) KAMPP (1996) DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Wazronpet (i)</p>	<p>Pai: (pode ser o sogro)</p>  <p>'Amak – Servidor no Lugar da Verdade</p>			
Plano da Tumba:				
				
Descrição:				
<p>Capelas Capela Norte 1) Nicho com estátuas de barro de Osiris e Horus</p> <p>Câmaras Mortuárias Câmara A Teto abobadado, textos de oferendas do morto e esposa.</p> <p>Câmara B Vista mostrando linha de texto abaixo do teto abobadado</p> <p>Câmara C 2) Lintel exterior e umbral, textos 3) Cena da deusa-árvore com ba bebendo (continua em (4)). 4) Tímpano, emblema do oeste personificado segurando archotes entre Anubis-chacais. Cena abaixo, filho Amenemonet e filha diante de morto e esposa, com morto à esquerda (pertencendo a (3)). 5) Morto e esposa de joelhos e irmão Ken e esposa de pé, adoram Nefertem e Nut. 6) Tímpano, como em (4), cena abaixo, Anubis cuidando de múmia num leito 7) Livro dos mortos. Osiris entre seus dois emblemas, morto guiado por Anubis, paisagem com Maat e monstro diante de Thoth como um babuíno num pylon, e Amenemonet e esposa diante de Ptah e Isis.</p> <p>Teto Abobadado Oito cenas Metade (norte) externa: 1. [morto] adora Portal, 2. Mehitwert-vaca, 3. Atum-Rá-Harakhti como falcão, 4. Amenemonet e esposa em adoração. Metade (sul) interna: 5. Portal do Oeste, 6. Disco e quatro deuses-estrela, 7. Pai e esposa adorando, 8. Barca de Khepri. Abaixo da abóboda, texto de oferendas do morto.</p>				

Publicação:		
★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1928)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1928, tome 6ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1929.	Wilbour Library	W N384 IFAOf t.6 pt.1-4
Apenas Partes		
Publicação: Descrição, famílias, planos		
★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.	Página: 419-420	Plano: n° 416
Mapa: VII, E-3, d,7		
★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.	Página: 206-208	Parágrafo: n° 53
Gráfico: n° 19		

<i>Tumbas da XIX Dinastia</i>		<i>Dhutihirnaktuf</i>		TT357
 <p>Dhutihirnaktuf (i)</p>		<p>Função: Servidor no Lugar da Verdade</p> <p>Local: <i>Deir el-Medina</i></p>	<p>Data: <i>Ramsés II</i></p>	<p>XIX Dinastia PORTER & MOSS [1970 2ed] XIX Dinastia MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)</p>
Família:				
<p>Esposa:</p>  <p>Wernuro (i)</p>				
Plano da Tumba:		Descrição:		
		<p>Capela. 1) e</p> <p>2) Parede esquerda cena de oferenda, parede direita cena dupla, filho como um sacerdote faz oferendas ao [morto e esposa] com gato debaixo da cadeira na metade esquerda, e macaco comendo figos na metade direita.</p> <p>3) Estela, três registros, I. Cena dupla, metade esquerda, Ptah and Thoth sentados e deusas, II. Cena dupla, metade esquerda, Hathor como uma vaca na montanha, Amenófis I e 'Ahmosi Nefertere, metade direita, Harsiesi e duas deusas, III. Morto e esposa de joelhos diante de oferendas. Nas laterais, [um deus], e morto de joelhos na parte de baixo.</p> <p>Câmara Funerária. Grafito do morto, acima da entrada da câmara interior.</p>		
Publicação:				
<p>★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1929)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1929, tome 7ème, pt2. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1930. Wilbour Library W N384 IFAOf t.7 pt 1-2 Apenas Partes</p>				
Publicação: Descrição, famílias, planos				
<p>★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970. Página: 420-421 Plano: n° 416 Mapa: VII, E-3, e,5</p> <p>★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999. Página: 86-90 Parágrafo: n° 15 Gráfico: n° 22</p>				

Tumbas da XIX Dinastia		Kaha		TT360
 Kaha (i)		Função: Capataz no Lugar da Verdade		Local: <i>Deir el-Medina</i>
		OBS:		Data: <i>Ramsés II</i> Ramsés II PORTER & MOSS [1970 Ramsés II 2ed] Ramsés II MANNICHE (1987) Ramsés II KAMPP (1996) Ramsés II DAVIES, B. (1999)
Família:				
Esposa:  Tuy (i)		Pai:  Huy (ii) – TT361 - Carpinteiro-Mor no Lugar da Verdade		Mãe:  Tanehesi
Plano da Tumba:			Descrição:	
			<p>Pátio em frente da tumba 359 (A) Estela com altar de Kaha restaurada de fragmentos. Cornice da estela, cena dupla: barca de Rá adorada por babuíno e morto, topo da estela, barca com escaravelho e demônios adorados por morto e três registros abaixo: I. cena dupla, Kaha adorando divindades, II. Cerimônias funerárias (incluindo vaca e bezerro mutilado) diante de múmias na tumba pirâmide, III. [cenas de oferendas]. Cornice do altar, disco do horizonte entre dois uraeus, adorado por quatro pessoas de joelhos, com quatro barcas de Rá abaixo. Base com pliares, cenas e textos com morto e esposa adorando o disco do horizonte, etc.</p> <p>B) Restos da parte inferior da estela, Kaha e esposa de joelhos com hino.</p> <p>Pátio da tumba 360 1) Base de estátua do morto 2) Estela do morto dedicada à Osiris e Anúbis, provavelmente da própria tumba. 3) Estela dois registros: I. morto faz oferenda num braseiro à Ptah do Vale das Rainhas e Mertseger, II. Morto e filho adoram com hinos Ptah e Mertseger, Provavelmente da própria tumba.</p> <p>Capela 4) Dois registros: I. Homem cozinhando e homem arrancando linhoperto de uma piscina com hipopótamos. II. Construção de barco diante do morto e Peregrinação a Abidos com morto, esposa e filho num barco chegando na montanha. 5) Parte inferior de uma procissão de portadores de oferendas. 6) [morto diante de Osiris]</p>	
<p>Santuário 7) e 8) Parede esquerda, Peregrinação a Abidos e foreleg-rite na tumba pirâmide. Parede direita, texto de confissão negativa diante de Maat. 9) restos de estela. Fragmentos de paredes, incluindo cenas de divindade com facas do Livro das Portas.</p> <p>Câmara Funerária C 10) Tímpano, Anubis-chacais. Cena abaixo, pássaro benu e filho Huyufer como um sacerdote 'sem' com oferendas (cortadas pela entrada) diante do morto e esposa.</p>				

11) - 12) Morto e esposa com oferendas (cortada pela entrada) adoram Osiris e Hathor do Oeste, e cena de pesagem com Thoth como um babuíno num pilone, monstro e Maat.

13) Tímpano, Emblema do Oeste entre dois Anubis-chacais. Cena abaixo, morto guiado por Anubis até Osiris entre seus dois emblemas.

14) - 15) Anubis cuidando da múmia num leito (cortado pela entrada), restos de uma figura de joelhos, dois bas num pilone e morto de joelhos adora Akru num pilone.

Teto Abobadado

Morto e esposa em cada metade adoram Thoth, Anubis e filhos de Horus, com textos entre e abaixo das cenas.

Publicação:

- ★ BRUYÈRE, M. Bernard. "Rapport sur les fouilles de Deir el Médineh (1930)" IN: IFAO, Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1930, tome 8ème, pt3. Le Caire: Imprimerie de L'Institut Français Orientale, 1933.
Wilbour Library W N384 IFAOf t.8 pt 3 Apenas Partes

Publicação: Descrição, famílias, planos

- ★ PORTER, Bertha & MOSS, Rosalind L. B. Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis - part 1. Private Tombs. Second Edition Revised and Augmented, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960 - Re-issue by The Griffith Institut. 1970.
Página: 424-425 Plano: nº 416 Mapa: VII, E-3, c,9
- ★ DAVIES, Benedict G. Who's who at Deir el-Medine: A Prosopographic Study of the Royal Workmen's. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
Página: 12-30 Parágrafo: nº 2 Gráfico: nº 3

II. Lista inicial de tumbas levantadas por localidade

LOCAIS NÃO IDENTIFICADOS

000	Não Identificadas	XIX Dinastia
415	Amenhotep	XIX Dinastia
A.28	Nakht ?	XIX Dinastia

'ASĀSĪF

025	Amenemhab	Ramsés II - XIX
026	Khnememhab	Ramsés II
028	Hori	Raméssida
189	Nekht-Dhout	Ramsés II
190	Sem Nome (Esbanebbed)	Raméssida
193	Ptahemhab	XIX Dinastia
194	Dhutmehab	XIX Dinastia
195	Bekenamun	XIX Dinastia
244	Pakharu	Raméssida
364	Amenemhab	XIX Dinastia
387	Meryptah	Ramsés II
406	Piay	Raméssida
408	Bekenamun	Raméssida
409	Simut, conhecido por Kyky	Ramsés II

BAHRIA OASIS

B01	Amenhotep, conhecido por Huy	XIX Dinastia
-----	------------------------------	--------------

DEIR EL-MEDINA

001	<i>Sennedjem</i>	<i>Ramsés II - XIX</i>
002	<i>Kha'bekhnet</i>	<i>Ramsés II</i>
003	<i>Pashedu</i>	<i>Ramsés II</i>
004	Ken	Ramsés II
005	<i>Nefer'abet</i>	<i>Ramsés II - XIX</i>
006	<i>Neferhotep & Nebnefer</i>	<i>Horemhreb - Ramsés II</i>
007	Ra'mose	Ramsés II
009	Amenmosi	Raméssida
010	Penbuy & Kasa	Ramsés II
210	<i>Ra'weben</i>	<i>Ramsés II</i>
211	<i>Paneb</i>	<i>Seti II - Siptah</i>
212	Ra'mose	Ramsés II
213	Penamun	Ramsés II
214	<i>Khawi</i>	<i>Ramsés II</i>
215	<i>Amenemopet</i>	<i>Seti I - Ramsés II</i>
216	<i>Neferhotep</i>	<i>Ramsés II</i>
217	<i>Ipuy, conhecido por Amenemope</i>	<i>Ramsés II</i>
218	<i>Amennakht</i>	<i>Ramsés II</i>
219	<i>Nebenma'et</i>	<i>Ramsés II</i>
220	Kha'emteri	Ramsés II
250	<i>Ra'mose</i>	<i>Ramsés II</i>
265	Amenemopet	Seti I - Ramsés II
266	Amennakht	XIX Dinastia
268	Nebnakht	XIX Dinastia
290	Irinufer	Raméssida
291	Nou & Nakhtmim	Seti I - Ramsés II
292	<i>Pashedu</i>	<i>Seti I - Ramsés II</i>
298	Baki & Unnufer	Seti I
321	Kha'emopet	Raméssida
322	Penshen'abu	Ramsés II
323	Pashedu	Seti I
326	Pashedu	Ramsés II

327	Turobay	Raméssida
329	Mosi & Ipy	Ramsés II
330	Karo (Kel ou Kenro)	XIX Dinastia
335	<i>Nekhtamun</i>	<i>Ramsés II - Merneptah</i>
336	<i>Neferronpet</i>	<i>Ramsés II - Merneptah</i>
337	Ken (Qen)	Ramsés II
339	<i>Huy & Pashedu</i>	<i>Ramsés II</i>
356	<i>Amenemwia</i>	<i>Ramsés II</i>
357	<i>Dhutihiraktuf</i>	<i>Ramsés II</i>
360	<i>Kaha (Qaha)</i>	<i>Ramsés II</i>
361	Huy	Seti I

DRA' ABÜ EL-NAGA'

013	Shuroy	XIX Dinastia
014	Huy	XIX Dinastia
016	Panehesi	Ramsés II
019	Amenmosi	Ramsés I - Seti I
035	Bekenkhons	Ramsés II
141	Bekenkhons*	Raméssida
149	Amenmosi	Raméssida
152	Sem Nome	Raméssida
153	Nome Perdido	Seti I
156	Pennesuttaui	XIX Dinastia
157	Nebwenenef	Ramsés II
158	Thonufer	Ramsés III
159	Ra'ya	XIX Dinastia
163	Amenemhet	XIX Dinastia
166	Ramose	Seti II
168	Any	XIX Dinastia
232	Tharwas	Raméssida
233	Saroy	Raméssida
234	Roy	XVIII ou XIX Dinastia
236	Harnakht	Raméssida
237	Unnufer	Raméssida
255	Roy	Seti I
282	Nakht	Raméssida
283	Roma, conhecido por Roy	Ramsés II - Seti II
284	Pahemneter	Raméssida
285	Iny	Raméssida
286	Niay	Raméssida
287	Pendua	Raméssida
288	Bekenkhons	Raméssida
289	Setau	Ramsés II
300	'Anhotp	Raméssida
301	Hori	Raméssida
302	Para'emhab	Raméssida
303	Paser	XIX - XXI Dinastias
304	Piay	Raméssida
305	Paser	XIX - XXI Dinastias
306	Irzanen	XIX - XXI Dinastias
332	Penernutet	Raméssida
344	Piay	Raméssida
375	Nome Desconhecido	Raméssida
377	Nome Perdido	Raméssida
378	Nome Desconhecido	XIX Dinastia
379	Nome Perdido	Raméssida
394	Nenhum Texto	Raméssida
395	Nome Perdido	Raméssida
A.08	Amenemhab	XVIII ou XIX Dinastia
A.12	Nebwenenef	Raméssida
A.14	Sem Nome	Ramsés II
A.15	Amenemib	Raméssida
A.16	Dhutihotp	Raméssida
A.18	Amenemopet	Raméssida
A.23	Pen'ashefi	Raméssida
A.26	Nome Desconhecido	Raméssida

KHÖKHA

032	Dhutmosi	Ramsés II
173	Kha'y	XIX Dinastia

174	'Ashakhet	XIX Dinastia
177	Amenemopet	Ramsés II
178	Neferrontep, conhecido por Kenro	Ramsés II
180	Sem Nome	XIX Dinastia
181	Nebamon & Ipouky	Seti I
183	Nebsumenu	Ramsés II
184	Nefermenu	Ramsés II
187	Pakhihet	XIX Dinastia
198	Riya	Raméssida
202	Nekhtamun	XIX Dinastia
203	Unnufer	XIX Dinastia
206	Inpuemhab	Raméssida
207	Haremhab	Raméssida
208	Roma	Raméssida
257	Mahu	Ramsés II
264	Ipiy	XIX Dinastia
294	Roma	Raméssida
296	Nefersekheru	Raméssida
362	Pa'anemweset	XIX Dinastia
363	Para'emhab	XIX Dinastia
369	Kaemweset	XIX Dinastia
370	Sem Nome	Raméssida
371	Nome Desconhecido	Raméssida
373	Amenmessu	Raméssida
374	Amenemopet	XIX Dinastia

NAG' EL MASHAYKH

N01	Anhurrose	Merneptah
-----	-----------	-----------

QURNET MURA'I

221	Horimin	Raméssida
270	Amenemwia	XIX Dinastia
272	Kha'emopet	Raméssida
273	Sayemiof	Raméssida
274	Amenwahsu	Raméssida
275	Sebkmosi	Raméssida
277	Amenemonet	Raméssida
278	Amenemhab	Raméssida
381	Sem Inscrição (talvez Amenemonet)	Raméssida
382	Usermontu	Raméssida

SAQQARA

M01	Iuruf	Ramsés II
M02	Khay	Ramsés II
M03	Pabes	Ramsés II
M04	Paser II	Ramsés II
M05	Ra'ia	Ramsés II
M06	Roy	XVIII ou XIX Dinastia

SHEIKH 'ABD EL-QURNA

023	Thay, conhecido por To	Merneptah
030	Khensmosi	Raméssida
031	Khons, conhecido por To	Ramsés II
041	Amenemopet, conhecido por Ipy	Ramsés I - Seti I
044	Amenemhab	Raméssida
045	Dhutmehab	Ramsés II
051	Userhet, conhecido por Neferhabef	Seti I
054	Kenro	XIX Dinastia
058	Amenhotp & Amenemonet	XIX Dinastia
105	Kha'emopet	XIX Dinastia
106	Paser	Seti I - Ramsés II
111	Amenwahsu	Ramsés II
112	'Ashefytemweset	Raméssida
115	Sem Nome	XIX Dinastia
127	Sem Nome	Raméssida

133	Neferronpet	Ramsés II
134	Thauenany, conhecido por Any	XIX Dinastia
135	Bekenamun	XIX Dinastia
136	Sem Nome	XIX Dinastia
137	Mosi	Ramsés II
138	Nezemger	Ramsés II
170	Nebmehy(t)	Ramsés II
259	Hori	Raméssida
263	Piay	Ramsés II
269	Nome Perdido	Raméssida
309	Nome Desconhecido	XIX - XXI Dinastias
324	Hatiay	Raméssida
331	Penne, conhecido por Sunero	Merneptah
341	Nekhtamun	Ramsés II
347	Hori	Raméssida
351	'Abau	Raméssida
352	Sem Nome	Raméssida
384	Nebmehyt	XIX Dinastia
385	Hunufer	Raméssida
399	Sem Nome	Raméssida
399A	Penrennu (?)	Raméssida
C.07	Harmosi	Ramsés II
C.08	Nakht	XIX Dinastia

III. Algumas imagens citadas no texto

No capítulo V foram citadas várias cenas. Embora todas as imagens estejam disponíveis no cd-rom, achamos melhor disponibilizar aquelas que ainda não foram mostradas em outras partes da tese.

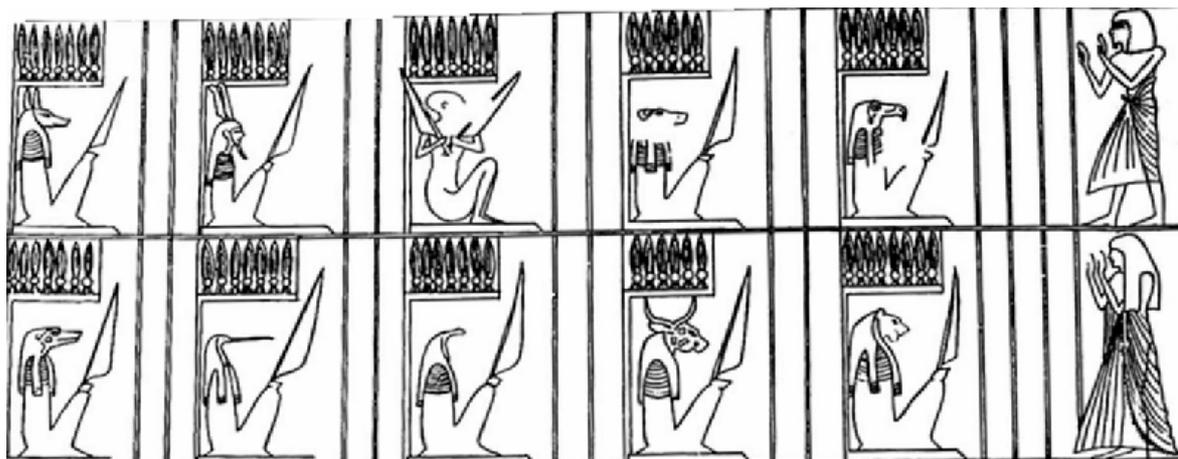


Figura 89: Cena nº 7



Figura 90: Cena nº 15

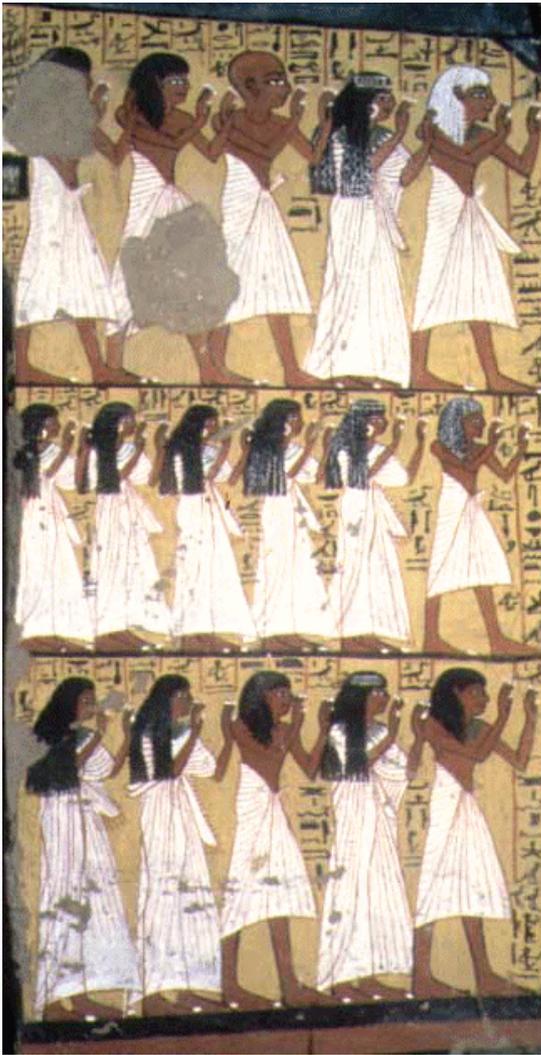


Figura 91: Cena nº 28



Figura 92: Cena nº28 detalhe



Figura 93: Cena nº 29



Figura 94: Cena nº 32



Figura 95: Cena nº 55



Figura 96: Cena nº 69



Figura 97: Cena nº 110



Figura 98: Cena nº 111



Figura 99: Cena nº 114



Figura 100: Cena nº 128



Figura 101: Cena nº 129

IV. Apresentação de materiais contidos no CD.

Por conta principalmente de empecilhos financeiros, não foi possível incluir todas as imagens trabalhadas no corpo da tese. Como já estava prevista a entrega da Tese em arquivo, via CD resolvi preencher o espaço disponível com vários materiais pertinentes, inclusive todas as imagens utilizadas na tese, seja enquanto fonte primária, seja enquanto ilustração no corpo no texto.

Como já conheço as dificuldades das pessoas na área humana em lidar com este tipo de situação, acredito que o passo-a-passo a seguir vá ser um guia eficaz para aqueles que tiverem interesse mas não sabem como fazer.

Este cd foi testado apenas em PCs, não tenho idéia se funcionariam em Macintosh, os textos foram disponibilizados em PDF, um formato universal, e as imagens estão em formato jpg, gif e algumas em png.

A utilização deste CD é bastante fácil, sendo necessário somente inserir o cd no cd player e deixar que o mesmo se auto executasse. Seria no entanto necessário que estivessem instalados os seguintes programas gratuitos: Acrobat Reader, 5 ou 6, que está disponível no cd, como também a versão mais recente do Internet Explorer 6 se você for instalar o Acrobat 6.

1. Conteúdo do CD

- O texto completo da Tese
- Todas as imagens usadas como fontes primárias
- Todas as imagens usadas no interior do texto enquanto ilustração no formato *.bmp.
- O texto do memorial feito por ocasião do exame de qualificação.
- Links para sites de atualização das informações contidas no CD, links para a instalação dos programas necessários a leitura e visualização dos materiais contidos no cd – online, para uma atualização mais recente. Offline para atualizações daqueles que não têm acesso à Internet.
- Demais links de interesse

2. Como usar o CD

O cd foi preparado para funcionar automaticamente tão logo colocado no cd player, no entanto deve-se levar em consideração que dependendo da memória e do espaço disponível tal operação pode não ser tão imediata. Aguarde até que a tela a seguir se abra em sua tela.

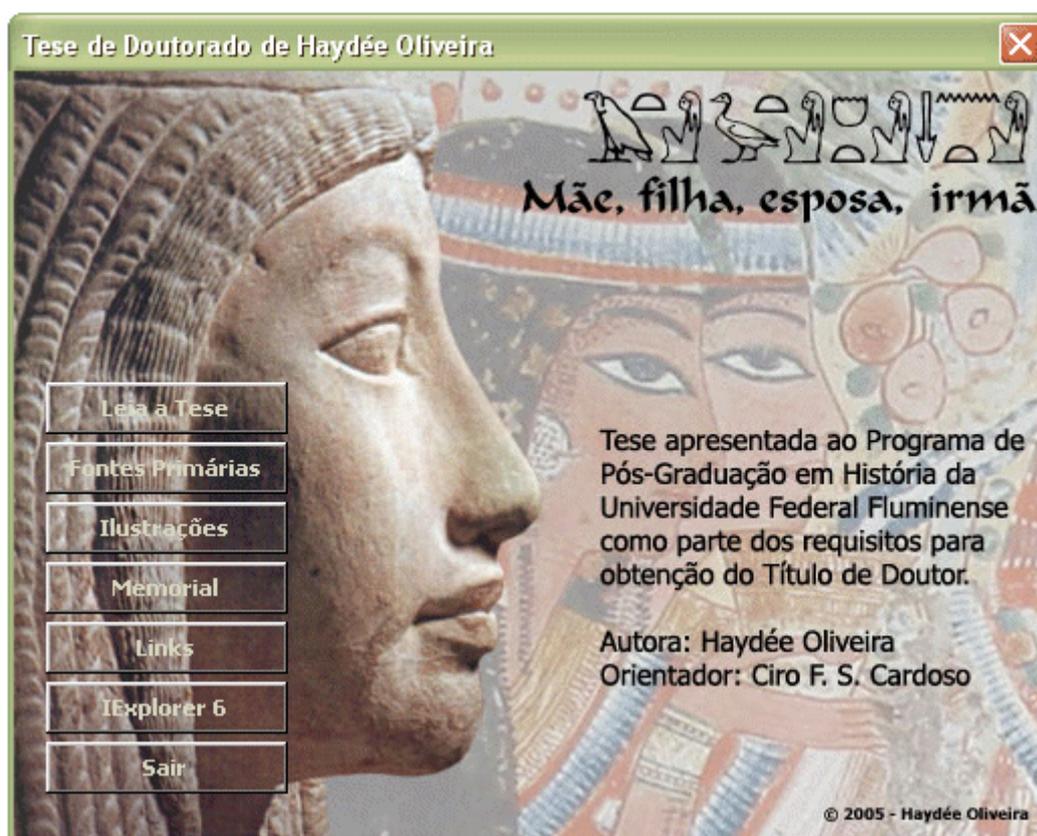


Figura 102: Tela inicial do CD em anexo neste volume.

Ao se abrir a tela acima, a navegação é bastante óbvia, a não ser que você não tenha o Acrobat Reader instalado. Se for este o caso veja as instruções a respeito da instalação.

3. Passo-a-passo de instalação de programas suplementares

1. Insira o CD na bandeja do cd-rom player e aguarde até que a tela de abertura esteja disponível.
2. Se ao clicar no Botão "Leia a tese" aparecer a mensagem perguntando se você deseja instalar o Acrobat Reader, isto significa que você não o tem instalado. Diga que quer instalar e deixe que o programa faça o resto.
3. Pode acontecer no entanto que o programa lhe informe que não pode ser instalado por conta da ausência do programa Internet Explorer versão 6 (IE 6) Se for este o caso, encerre a instalação do Adobe Acrobat Reader e clique no botão "IE Explorer 6" na tela de apresentação. É aconselhável que todos os outros programas sejam encerrados.

V. O CD